DMITRY GLUKHOVSKY

METRO 2033



1001 MUNDOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

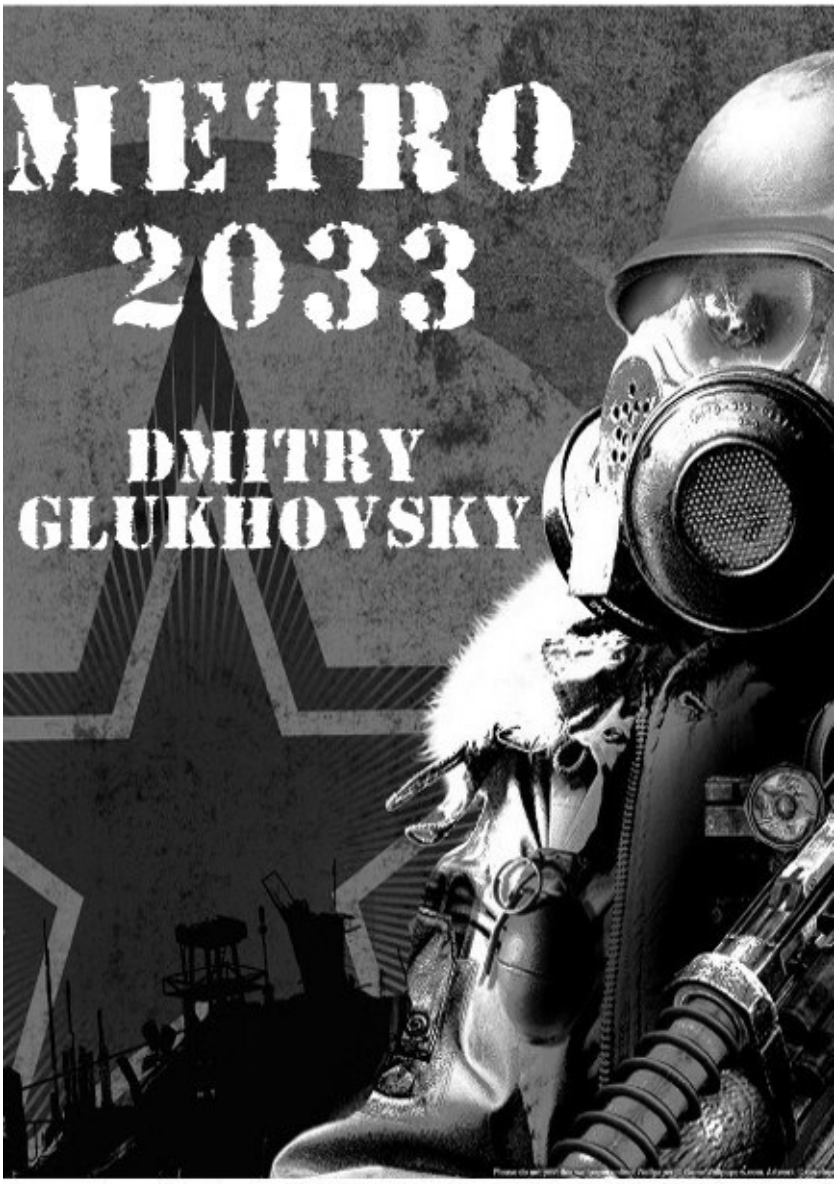
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.





EXILADO DE MARÍLIA

2011

Ficha Técnica

Título original: Metro 2033
Título: Metro 2033
Autor: Dmitry Glukhovsky
Colecção Mil e um Mundos
Texto © Dmitry Glukhovsky
Design da capa © Mackintóxico
Tradução: Pedro Garcia Rosado
Revisão: Andreia Baleiras
ISBN: 9789895579877
Edição em Epub: Exilado de Marília

Caros moscovitas e visitantes da nossa capital!
O Metro de Moscovo é um meio de transporte
que acarreta um elevado nível de perigo.

– AVISO NO METRO

Quem for suficientemente temerário e paciente
para olhar de frente para a escuridão,
ao longo da sua vida,
será o primeiro a ver nela um raio de esperança.

– KHAN

O FIM DO MUNDO

– Quem está aí? Artyom, vai ver!

Artyom levantou-se, contrariado, do seu lugar junto à fogueira e, passando a metralhadora das costas para o peito, encaminhou-se para a escuridão. Ficou parado na orla da zona iluminada e, com o tom de voz mais elevado e mais ameaçador que conseguiu arranjar, pôs uma bala na câmara e gritou, asperamente:

– Alto! Senha!

Ouviu passos rápidos e entrecortados no escuro onde, momentos antes, ouvira um restolhar estranho e murmúrios cavos. Alguém estava a recuar para as profundezas do túnel, assustado pela voz agressiva de Artyom e pelo ruído metálico da arma. Artyom apressou-se a voltar para junto do fogo e respondeu, secamente, a Piotr Andreevich:

– Ná, quem era não se mostrou. Não respondeu, limitou-se a fugir.

– Idiota! Tinhas ordens claras. Se não respondem, disparas de imediato! Como é que consegues saber o que era? Talvez os pretos estejam a aproximar-se mais!

– Não... Não me pareceu que fosse gente. Os sons eram de facto estranhos... E os passos também não eram humanos. E pensas o quê? Que eu não conheço o som de passos humanos? E, de qualquer modo, desde quando é que os pretos se põem assim a fugir? Tu sabes como é, Piotr Andreevich. Ultimamente, têm atacado sem hesitar. Já se atiraram desarmados a uma patrulha, avançando directamente contra o fogo das metralhadoras. Mas isto... esta coisa fugiu logo. Como um animal assustado.

– Está bem, Artyom. És demasiado esperto, para teu próprio bem. Mas deram-te instruções... e, por isso, segue-as e não te ponhas a pensar. Podia ser um batedor. E agora ficou a saber quantas pessoas aqui se encontram e a quantidade de balas de que necessitariam... E podem vir dar cabo de nós só

para se divertirem. Porem-nos uma faca na garganta e eliminar toda a estação, como fizeram em Polezhaevskaya... e só porque tu não te livraste desse animal... Toma atenção! Para a próxima, ponho-te a correr atrás deles pelo túnel fora!

Imaginar o túnel, com os seus setecentos metros, foi o suficiente para fazer estremecer Artyom. Era horrível pensar nisso. Ninguém encontrara coragem para percorrer os setecentos metros em direcção a Norte. As patrulhas haviam conseguido chegar aos quinhentos metros e, depois de iluminarem a zona de fronteira com o holofote montado na vagoneta e de se convencerem de que nenhuma das criaturas atravessaria esse limite, voltaram apressadamente para trás. E mesmo os batedores – antigos fuzileiros, bem corpulentos – paravam quando chegavam aos seiscentos e oitenta metros. Escondiam as pontas acesas dos cigarros nas palmas das mãos em concha e ficavam totalmente imóveis, agarrados aos instrumentos de visão nocturna. E depois regressavam, vagarosamente e em silêncio, sem tirarem os olhos do túnel e sem nunca lhe voltarem as costas.

Encontravam-se agora em patrulha, aos quatrocentos e cinquenta metros, a apenas cinquenta metros do posto de fronteira. A zona era inspeccionada uma vez por dia e esta inspecção terminara já há várias horas. Este posto era o mais avançado de todos e, desde a última verificação, as criaturas que a patrulha tivesse assustado já deviam ter começado a aproximar-se outra vez. As chamas atraíam-nas. E as pessoas também.

Artyom regressou ao seu lugar e perguntou:

– O que é que aconteceu ao certo na estação de Polezhaevskaya?

Embora já conhecesse a história, que era de arrepiar (e que lhe tinha sido contada pelos mercadores da estação), Artyom sentiu a necessidade de a ouvir outra vez, como uma criança que sente uma vontade irresistível de ouvir histórias assustadoras sobre os mutantes sem cabeça e sobre os canibais que raptavam crianças.

– Em Polezhaevskaya? Não me digas que nunca ouviste nada sobre isso. É uma história estranha. Estranha e de meter medo. Primeiro, os batedores da estação começaram a desaparecer. Entravam nos túneis e não regressavam. É certo que os batedores deles são completamente inexperientes e não são como os nossos, mas a estação deles também é mais pequena, não é nada

como a nossa e vive lá menos gente... bem, vivia. De qualquer modo, os batedores começaram a desaparecer. Um destacamento parte... e já não volta. De início, ainda pensaram que alguma coisa pudesse estar a demorá-los. O túnel dá várias voltas, lá como aqui... – Artyom sentiu-se desconfortável ao ouvir estas palavras. – E nem as patrulhas nem os que estavam na estação conseguiram ver o que se passava. Não apareceu ninguém... Passou meia hora, passou uma hora, passaram duas. Ficaram a pensar para onde teriam ido os batedores, apesar de não avançarem mais longe do que um quilómetro. Não tinham autorização para ir mais longe e também não eram completamente idiotas. Para abreviar, decidiram que não iriam esperar mais. E enviaram reforços, que procuraram e procuraram... e gritaram e gritaram... mas tudo em vão. A patrulha desapareceu mesmo. E os batedores continuaram desaparecidos. E o problema não era tanto o facto de não saberem o que teria acontecido. O pior era o facto de não se ter ouvido nada... nem o mais pequeno som. Não havia vestígios nenhuns.

Artyom já estava a arrepender-se de ter pedido a Piotr Andreevich para lhe contar outra vez a história de Polezhaevskaya. Piotr Andreevich estava melhor informado ou, então, decidira acrescentar outras coisas ao que já se sabia. O certo é que os pormenores a que aludia nunca poderiam ser fruto da imaginação dos mercadores, apesar de estes serem mestres e entusiastas da arte de contar histórias. E estes pormenores provocavam calafrios a Artyom, apesar do conforto do fogo. Todos os ruídos que lhe chegavam do túnel, mesmo os mais inocentes, lhe alvoroçavam agora a imaginação.

– Pronto, é isto. Como não ouviram tiros, partiram do princípio de que os batedores tinham simplesmente partido. Talvez estivessem insatisfeitos com qualquer coisa e tivessem decidido ir-se embora. Portanto, o Diabo que os carregasse. Se era uma vida fácil a que procuravam, se queriam andar por aí com a ralé, que fizessem o que queriam. Era mais simples olhar para o assunto desta maneira. E mais fácil. Mas, passada uma semana, desapareceu mais um grupo de batedores. Que nem deviam afastar-se mais de meio quilómetro da estação. Era, outra vez, a mesma história. Não se ouvia um som nem deixavam um vestígio. Era como se se tivessem transformado em fumo. E, na estação, começaram a preocupar-se. Estavam mesmo com um problema – só numa semana desapareceram dois esquadrões. Precisavam de

tomar uma decisão. E medidas. Portanto, decidiram formar um cordão aos trezentos metros. Arrastaram sacos de areia, montaram ninhos de metralhadoras e um holofote, seguindo todas as regras de fortificação. Enviaram um mensageiro a Begovaya – tinham estabelecido uma confederação com Begovaya e Ulitsa 1905. De início, a confederação também incluía a estação OKTYABRSKOE Pole mas aconteceu qualquer coisa, ninguém soube o quê, talvez qualquer tipo de acidente... A situação tornara-se insuportável e toda a gente fugira de lá.

– De qualquer modo, enviaram um mensageiro a Begovaya para os avisar de que havia problemas iminentes e também para pedir ajuda, no caso de acontecer alguma coisa. O primeiro mensageiro tinha acabado de chegar a Begovaya – e as pessoas de lá ainda estavam a debater a resposta – quando apareceu um segundo mensageiro, coberto de suor, a dizer que o cordão reforçado fora destruído, até ao último homem, sem que fosse disparado um único tiro. Todos eles estavam mortos, como se tivessem sido atacados enquanto dormiam. E era isso que metia medo! Eles nunca teriam adormecido assim, sobretudo depois do susto que haviam apanhado, já para não falar das ordens e das instruções que lhes tinham sido dadas. Nesta altura, as pessoas de Begovaya compreenderam que, se não fizessem nada, poderiam começar a ter o mesmo tipo de problema. Organizaram uma força de ataque composta por veteranos, cerca de cem homens com metralhadoras e lança-granadas. Claro que demoraram algum tempo, talvez dia e meio, mas o certo é que enviaram o grupo em socorro de Polezhaevskaya. Mas quando lá chegaram.. não restava ninguém com vida. Nem corpos havia... só sangue, por todo o lado. Aí está. E quem sabe como é que isto aconteceu? Eu, por exemplo, não acredito que haja seres humanos capazes de fazerem uma coisa destas.

– E o que aconteceu em Begovaya? – A voz de Artyom estava diferente, com uma entoação invulgar.

– Nada. Viram o que se passava e fizeram explodir o túnel de ligação a Polezhaevskaya. Consta que abateram quarenta metros de túnel e que não se pode atravessar o entulho sem máquinas especiais... e mesmo com máquinas, nunca se conseguiria ir muito longe... E de qualquer modo, onde é que se vai encontrar esse tipo de maquinaria? As nossas máquinas já há

mais de quinze anos que estão a apodrecer...

Piotr Andreevich calou-se, a olhar para as chamas. Artyom tossiu prolongadamente, e disse:

– Pois... Devia ter disparado contra a coisa... Fui idiota.

Do Sul, da zona da estação, fez-se ouvir um grito:

– Eh, aí! Aos quatrocentos metros! Está tudo bem aí?

Piotr Andreevich pôs as mãos em concha à frente da boca, formando um megafone, e respondeu:

– Aproximem-se! Temos aqui um problema!

Vindos do lado da estação, aproximaram-se três pessoas, de lanternas em punho. Deviam ser elementos da patrulha dos trezentos metros. Ao entrarem na zona iluminada pelas chamas, pousaram as lanternas e sentaram-se.

– Olá, Piotr! És tu, portanto. E eu a perguntar-me: quem é que eles enviariam hoje para a beira do mundo? – disse o mais velho dos três, a sorrir, enquanto tirava um cigarro do maço.

– Ouve, Andriukha! Um dos meus homens viu alguém aqui. Mas não disparou... E o que ele viu escondeu-se no túnel. Ele diz que não lhe parecia um ser humano.

– Não lhe parecia um ser humano? Que é que parecia, então? – Andrei voltou-se para Artyom.

– Eu... nem o vi. Pedi-lhe a senha e o quer que fosse fugiu, para Norte. Mas os passos não eram de pessoa... eram leves e muito rápidos, como se tivesse quatro pernas em vez de duas...

– Ou três! – contrapôs Andrei, fazendo uma careta de medo.

Artyom engasgou-se, ao lembrar-se das histórias sobre as pessoas de três pernas da linha de Filyovskaya[1], onde algumas estações ficavam à superfície e os túneis não eram muito fundos, fornecendo uma protecção reduzida contra a radiação. Havia coisas com três pernas e com duas cabeças e toda a espécie de anomalias maradas em toda essa zona do Metro.

Andrei chupou o cigarro e disse para os homens que o acompanhavam:

– Muito bem, pessoal, já que aqui estamos, que tal se nos sentássemos por um bocadinho? Se alguma coisa com três pernas voltar a assustar estes tipos, damos-lhes uma ajuda. Eh, Artyom, arranja-se uma chaleira?

Piotr Andreevich levantou-se e despejou água de uma lata para uma chaleira amolgada e coberta de fuligem, pendurando-a sobre a fogueira. Passados alguns minutos, a água levantou fervura e a chaleira começou a assobiar. O som, tão doméstico e tão reconfortante, fez Artyom sentir-se mais quente e mais calmo. Olhou em redor, para os homens sentados à volta da fogueira: todos eles homens robustos em quem se podia confiar, endurecidos pela vida difícil que viviam no subsolo. Era possível confiar em homens assim, podia-se contar de facto com eles. A estação de onde vinham mantivera a reputação de ser a mais bem sucedida em toda a linha e isso graças aos homens aqui reunidos e aos outros como eles. Estavam ligados por laços calorosos e quase fraternais.

Artyom pouco mais tinha que vinte anos e nascera quando o mundo ainda existia lá em cima, à superfície. Não era tão magro e tão pálido como os outros que haviam nascido no Metro e que não se arriscavam a subir à superfície por medo da radiação e dos raios abrasadores do sol, tão prejudiciais aos habitantes do subsolo. E, tanto quanto se lembrava, só estivera à superfície uma única vez e apenas por um momento – a radiação existente era tão arrasadora que qualquer pessoa mais curiosa ficaria completamente queimada em poucas horas, antes de conseguir dar alguns passos e ver o mundo bizarro que existia no exterior.

Artyom não tinha nenhuma recordação do pai. A mãe estivera com ele até fazer cinco anos. Viviam na estação de Timiryazevskaya. As coisas corriam bem e a vida era suave e pacífica até a estação ter sucumbido a uma praga de ratos.

Houve um dia em que ratos cinzentos, enormes e de pêlo molhado, começaram a sair aos magotes dos túneis do lado escuro da estação.

O túnel fazia uma inclinação e desaparecia de vista, era um ramal da principal linha do Norte, a que já não se prestava atenção, que se perdia na complexa rede de centenas de corredores que formavam um labirinto de horror, gélido e nauseabundo. A passagem descia até ao reino dos ratos e nem o mais audaz dos aventureiros ousava seguir esse caminho. E mesmo qualquer viajante que pudesse andar perdido pelos túneis, sem conseguir descobrir onde se encontrava pelos mapas e pelas indicações existentes no Metro, acabaria por parar antes dessa zona limítrofe, apercebendo-se,

instintivamente, do perigo negro e sinistro que podia emergir do túnel, para depois fugir pela enorme fenda que era a entrada, como se ela fosse a porta de uma cidade infestada pela peste.

Ninguém incomodava os ratos. Ninguém penetrava nos seus domínios. Ninguém ousava violar as suas fronteiras.

*

Eles violaram as nossas.

E muitas foram as pessoas que pereceram nesse dia, quando uma correnteza viva de ratos gigantescos – maiores do que todos os que já tinham sido vistos nas estações e nos túneis – rompeu os cordões de segurança e submergiu a estação, os seus defensores e toda a população, abafando os gritos dos que morriam com o peso dos seus corpos. Devorando tudo o que encontravam pelo caminho – os vivos, os mortos e os seus próprios companheiros que tombavam –, os ratos continuaram sempre a avançar, inexoravelmente, às cegas, movidos por uma força que estava para lá da compreensão humana.

Só alguns homens se salvaram. Não sobreviveram mulheres, idosos ou crianças – nenhuma das pessoas que, em circunstâncias normais, teriam sido salvas em primeiro lugar. E esses homens, cinco e todos eles saudáveis, sobreviveram apenas pelo acaso de se encontrarem perto de uma vagoneta, de vigia junto ao túnel sul, no extremo oposto da mortífera invasão. Ao ouvir os gritos provenientes da estação, um deles foi a correr ver o que se passava. Timiryazevskaya já cedia à invasão quando ele, à entrada, viu o que estava a acontecer. Ao avistar a massa de ratos que invadia o cais, começou a recuar, sabendo que nunca conseguiria prestar auxílio aos defensores da estação, mas de repente sentiu a mão presa. E, ao olhar, deparou com uma mulher de rosto contorcido pelo terror a puxar-lhe insistentemente pela manga, gritando para tentar sobrepor-se ao coro de gritos de desespero que enchia o ar: “Salva-o, soldado! Tem piedade!”

Viu, nessa altura, que ela lhe estendia uma mão de criança, uma mão pequena e gorducha, e agarrou-a sem sequer perceber que talvez pudesse estar a salvar uma vida. Começando por arrastar a criança para depois pegar nela, segurando-o com firmeza debaixo do braço, o soldado começou

a correr à frente dos ratos, numa competição mortal, pelo túnel onde o esperavam os seus camaradas da patrulha e a vagoneta. De longe, aos cinquenta metros, gritou-lhes que pusessem de imediato a vagoneta a trabalhar. A vagoneta era motorizada e a única deste tipo no conjunto das dez estações circundantes e foi só por isso que conseguiram levar a melhor sobre os ratos. A patrulha fugiu, atravessando a grande velocidade a estação deserta de Dmitrovskaya, onde se abrigavam alguns eremitas, conseguindo apenas gritar: "Fujam! Ratos!" (Sem perceberem que não havia nenhuma possibilidade de os eremitas se salvarem.) Ao chegarem aos cordões de Savyolovskaya (estação com a qual, graças a Deus, havia um acordo de paz), abrandaram para não serem atacados a tiro. À velocidade a que iam, teriam sido tomados por salteadores. E gritaram a plenos pulmões: "Ratos! Vêm aí os ratos!" Estavam preparados para atravessarem Savyolovskaya e para continuarem ao longo de toda a linha de Serpukhovsko-Timiryazevskaya[2], desde que houvesse sempre caminho à sua frente e a lava cinzenta não tivesse invadido toda a extensão do Metro.

Mas havia, felizmente, uma coisa em Savyolovskaya que os salvaria e, talvez mesmo, a toda a linha. Chegaram à estação ensopados em suor, a gritarem aos guardas de Savyolovskaya como a custo tinham conseguido escapar à morte. E os guardas do posto apressaram-se a retirar a cobertura que ocultava uma máquina de aspecto impressionante.

Era um lança-chamas construído pelos artesãos locais com peças sobresselentes, improvisado mas incrivelmente potente. Quando apareceram as primeiras massas de ratos, cada vez mais espessas, ouvindo-se já o restolhar e os sons ásperos das unhas dos milhares de ratos saídos da escuridão, os guardas ligaram o lança-chamas. E só o desligaram quando o combustível se esgotou. Uma chama cor-de-laranja varreu, com um uivo, uma extensão de dezenas de metros do túnel e queimou os ratos, queimou-os todos, sem interrupção, durante, dez, quinze, vinte minutos. O túnel encheu-se com o cheiro repugnante da carne queimada e com os guinchos enlouquecidos dos ratos. E depois de passarem o cordão dos guardas de Savyolovskaya, transformados em heróis e destinados a serem famosos, no futuro, em toda a linha do Metro, a vagoneta parou. Nela encontravam-se os cinco homens que haviam fugido da estação de Timiryazevskaya e mais

um passageiro – a criança salva. Era um rapaz: Artyom.

Quanto aos ratos, recuaram. A sua vontade cega fora quebrada por uma das últimas invenções do génio militar dos seres humanos. Que continuavam sempre a ser melhores a matar do que qualquer outro ser vivo.

Os ratos fugiram por onde tinham avançado e retiraram-se para o seu enorme reino, cujas verdadeiras dimensões ninguém conhecia. Eram misteriosos todos esses labirintos, abertos a uma profundidade incrível, que, aparentemente, nem serviam para fazer funcionar o Metro. Era difícil acreditar, apesar do que garantiam algumas pessoas com autoridade na matéria, que esses túneis tivessem sido construídos por operários normais.

Uma dessas pessoas trabalhara, na época que já passara, como assistente do condutor num comboio movido a electricidade. Já existiam poucos destes especialistas, eram muito apreciados porque foram, de início, as únicas pessoas que conseguiam saber por onde andavam. E também porque não cediam ao medo no momento em que se encontravam no exterior das carruagens confortáveis e seguras nos túneis negros do Metro de Moscovo e nos intestinos de pedra da grande metrópole. O assistente do condutor era tratado com todo o respeito por todos os habitantes da estação, que ensinavam os filhos a fazer o mesmo. E talvez tivesse sido por isso que Artyom guardou tantas recordações dele durante toda a sua vida: um homem magro e cansado, de aspecto macilento devido aos longos anos de trabalho sob a superfície, sempre vestido com uma farda deslavada e esfarrapada de empregado do Metro, que perdera a distinção há muito tempo mas que era envergada com o mesmo orgulho que um almirante reformado poderia sentir ao vestir o seu uniforme número um. E até Artyom, que não passava de uma criança nessa altura, reconhecera a dignidade e o poder que transpareciam da figura adoentada do assistente do condutor.

E era natural que assim fosse. Para todos os que haviam conseguido sobreviver, os empregados do Metro eram como guias indígenas de missões de exploração em selvas desconhecidas. Acreditavam e confiavam neles como se fossem homens religiosos e era do seu conhecimento e das suas capacidades que dependia a sobrevivência de todos. Muitos vieram a ser os dirigentes máximos das estações quando o sistema unificado de governo se

desintegrou e o Metro deixou de ser um território complexo preparado para a defesa da população e um imenso abrigo nuclear para se transformar numa multidão de estações autónomas, mergulhadas no caos e na anarquia.

Com o tempo, as estações tornaram-se independentes e auto-suficientes, renascendo como Estados anões bem distintos uns dos outros, com regimes e ideologias específicas e com líderes e exércitos próprios. Guerrearam-se e uniram-se para formar federações e confederações. Passaram a ser centros metropolitanos de impérios em ascensão para, no dia seguinte, caírem sob o jugo e o domínio colonial dos outros impérios que eram os amigos ou os escravos da véspera. Estabeleceram uniões de curto prazo para enfrentar ameaças comuns para logo se atacarem com energia renovada assim que essas ameaças desapareciam.

Lutaram por tudo com o mesmo despojamento: espaço para viver, comida, plantações de levedura albuminosa, cogumelos que não precisavam de luz solar, criação de galinhas e porcos que davam origem a porcos subterrâneos de pele pálida e galinhas macilentas, alimentadas por cogumelos subterrâneos incolores. Lutaram pela água, claro – melhor, pelos filtros para a água. Os bárbaros que não sabiam reparar os sistemas de filtragem que já não funcionavam, e que estavam a morrer devido à água que a radiação envenenara, atiraram-se movidos por uma raiva animal contra os bastiões da vida civilizada, existentes nas estações onde as máquinas dínamo-eléctricas e os postos hidroeléctricos improvisados trabalhavam correctamente, onde os filtros eram reparados e limpos com regularidade e onde nos solos húmidos, tratados com carinho pelas mãos femininas, já se viam os cogumelos brancos e onde os porcos bem alimentados grunhiam nas suas pocilgas.

As tentativas de tudo destruir, intermináveis e desesperadas, foram impulsionadas pelo instinto de preservação da espécie e pelo eterno princípio revolucionário de conquistar e dividir. Os defensores das estações mais bem sucedidas, organizados em divisões preparadas para o combate por antigos militares profissionais, resistiam aos assaltos dos vândalos até à última gota de sangue. Lançaram-se em contra-ataques e retomavam, pela força, cada centímetro dos túneis de ligação entre as estações. Estas reforçaram o seu poder militar para poderem responder com expedições

punitivas às incursões do inimigo e usavam-no também para afastar os seus vizinhos civilizados dos territórios considerados necessários para se manterem se, por acaso, não conseguiam formalizar acordos por meios pacíficos. E resistiram, graças ao poder que tinham, aos monstros que emergiam de cada abertura e de cada túnel. Eram criaturas estranhas, deformadas e perigosas, que teriam desesperado Darwin com a sua óbvia falta de conformidade com as leis do desenvolvimento evolucionário.

Por muito que estas feras pudessem ser diferentes dos animais a que os seres humanos se haviam habituado, talvez por terem nascido sob a influência dos raios invisíveis e devastadores do sol, que transformaram em seres infernais alguns inofensivos exemplos da fauna urbana ou por terem habitado desde sempre as profundezas, sentindo-se agora incomodadas pelos homens, o certo é que continuavam a ser um elemento bem visível da vida na terra. Desfiguradas, pervertidas mas, de qualquer modo, seres vivos. Sujeitos ao mesmo impulso de qualquer outra forma de vida orgânica existente no planeta.

Sobreviver. Era necessário sobreviver a todo o custo.

*

Artyom pegou numa caneca branca e amolgada, onde se agitava um pouco do chá que era cultivado na sua estação.

Não era realmente chá, claro, mas uma infusão feita de cogumelos secos com outros aditivos. O chá verdadeiro era uma raridade. Por isso, racionavam-no e bebiam-no apenas nos principais dias festivos e o seu preço chegava a ser dezenas de vezes superior ao da infusão de cogumelos. No entanto, gostavam da variedade que era cultivada na sua estação e sentiam-se tão orgulhosos dela que chegavam a chamar-lhe "chá".

É verdade que os forasteiros o cuspiam quando o provavam pela primeira vez, por não estarem habituados ao gosto, mas rapidamente se habituavam. E a fama deste chá já havia ultrapassado as fronteiras da estação de origem – até os mercadores o vinham comprar, uns atrás dos outros, arriscando a própria vida, e rapidamente o chá ficou conhecido em toda a linha do Metro –, de tal modo que a Liga Hanseática começou a interessar-se por ele, levando a que grandes caravanas carregadas com a infusão mágica

passassem a sair de VDNKh[3]. Com isto, o dinheiro começou a fazer o percurso inverso. E onde havia dinheiro havia armas, lenha e vitaminas. E vida. Desde que tinham começado a fazer esse chá em VDNKh, a estação tornou-se mais forte, as pessoas das estações mais próximas mudaram-se para lá e a prosperidade instalou-se. Os habitantes de VDNKh também se sentiam orgulhosos dos seus porcos e, segundo a lenda, era precisamente graças a esta estação que os porcos tinham aparecido no Metro: no início, alguns aventureiros mais ousados haviam conseguido entrar no "pavilhão dos criadores de porcos" da Exposição, levando os animais para a estação.

– Então, Artyom, como vão as coisas com Sukhoi? – perguntou Andrei, bebendo o chá com goles curtos e cautelosos e soprando o líquido, para o arrefecer.

– O Tio Sasha? Está tudo bem. Regressou há pouco tempo de uma expedição na linha, com alguns dos nossos. Deves sabê-lo.

Andrei era cerca de quinze anos mais velho do que Artyom. A sua actividade era, em geral, a de batedor e raramente se deixava ficar por um posto de vigia anterior aos quatrocentos e cinquenta metros e só como comandante da linha de defesa. Agora, estava colocado a trezentos metros, com uma boa cobertura, mas, de qualquer modo, sentia a mesma vontade de ir mais longe, fazendo uso de qualquer pretexto ou de qualquer falso alarme para se aproximar mais da escuridão e dos segredos do Metro. Andrei sentia um enorme fascínio pelo túnel e conhecia muito bem os seus ramais e, na estação, sentia-se desconfortável no meio dos agricultores, dos operários, dos empresários e dos membros do governo. Talvez não sentisse que precisassem dele. Não se ajeitava a cultivar os cogumelos, nem tão pouco metido no esterco até aos joelhos a alimentar com cogumelos os porcos gordos das quintas da estação. E também não conseguia tornar-se mercador – desde que nascera que não os suportava. Andrei tinha sido sempre soldado e um guerreiro nato. E acreditava, no mais íntimo de si, que nada fizera durante toda a sua vida senão defender os agricultores nojentos, os mercadores barulhentos, os administradores que só se ocupavam de negócios e as mulheres e crianças. A sua força arrogante, a confiança absoluta que depositava em si próprio e a atitude calma que mantinha, relativamente a si e aos que o rodeavam, atraíam as mulheres porque se

mostrava sempre capaz de as defender. Elas prometiam-lhe amor e conforto mas Andrei só se sentia confortável a partir dos cinquenta metros, passado o ponto de viragem a partir do qual deixavam de se ver as luzes da estação. E, aí, as mulheres já não o seguiam. E porque seria?

Agora, sentindo-se agradavelmente quente devido ao chá, pôde tirar a velha boina preta, limpando com a manga o bigode húmido do vapor. Depois, começou a fazer perguntas a Artyom, ansioso por notícias e rumores que pudessem ter sido trazidos do Sul pelos enviados da estação e pelo padrasto de Artyom, o homem que, dezanove anos antes, se sentira incapaz de abandonar uma criança e que o arrancara aos ratos de Timiryazevskaya, tomando conta dele a partir dessa altura.

– Eu próprio já soube de uma ou duas coisas mas sou todo ouvidos e escutarei com prazer, mesmo por uma segunda vez. Pode ser? – insistiu Andrei.

Mas Andrei não precisava de passar muito tempo a tentar convencer Artyom, que gostava de contar, e não apenas uma vez, as histórias do padrasto. E toda a gente gostava de as ouvir, de boca aberta.

– Bem, deves saber onde foram... – começou Artyom.

– Sei que foram para Sul. São tão confidenciais, esses vossos 'exploradores'! – E Andrei soltou uma gargalhada. – Como sabes, fazem parte de missões especiais que o Governo envia! – Voltou-se para um dos seus homens, piscando-lhe o olho.

– Vá lá, não havia nada de secreto nisso – contrapôs Artyom, rejeitando a ideia com um gesto. – Era uma expedição de reconhecimento do terreno, para reunir informações... Informações dignas de confiança. Porque não podemos acreditar nos forasteiros e nos mercadores que ficam a dar à língua na estação. Podem ser mercadores mas também podem ser agentes provocadores que andem a divulgar informações erradas.

– Nunca se deve confiar nos mercadores – rosnou Andrei. – Só se interessam pelo seu próprio bem. Como é que podemos saber quando devemos confiar neles? Num dia, vendem-te o chá à Hansa e, no dia seguinte, vendem as tuas entranhas a outros quaisquer. E até podem andar por aqui a reunir informações, entre nós. Para ser sincero, também não confio muito nos nossos próprios mercadores.

– Bem, é errado atacar os nossos, Andrei Arkadych. Os nossos mercadores são boa gente. Conheço-os quase todos. São pessoas como as outras. E adoram dinheiro, também. Querem viver melhor do que os outros e têm sempre qualquer objectivo em vista – disse Artyom, tentando defender os mercadores da sua estação.

– Aí está. É isso mesmo que eu estou a dizer. Adoram dinheiro. Querem viver melhor do que todas as outras pessoas. E quem sabe o que eles fazem quando se metem pelo túnel? Consegues garantir-me que, na estação seguinte, não são recrutados por agentes? Consegues ou não?

– Mas que agentes? Quais são os agentes que mandam nos nossos mercadores?

– Ouve o que te digo, Artyom: ainda és jovem e há muitas coisas que tu não sabes. Devias dar ouvidos aos mais velhos. Toma atenção e continuarás a andar por aqui durante mais tempo...

– Alguém teria de fazer o trabalho que eles fazem! Se não fossem os mercadores, nós estaríamos aqui sem balas, só com espingardas **I qĢm** [4] e a atirar sal aos pretos enquanto bebemos chá – contrapôs Artyom, sem ceder.

– Está bem, está bem... Temos um economista entre nós. Acalma-te, agora. Era melhor, então, que nos dissesses o que Sukhoi viu lá fora. O que se passa com os nossos vizinhos? Em Alekseevskaya? E em Rizhskaya?

– Em Alekseevskaya? Nada de novo. Andam a cultivar cogumelos. E o que é Alekseevskaya, de qualquer modo? Uma quinta... É o que dizem. – Artyom baixou a voz. O que disse a seguir já era uma informação secreta. – Eles querem juntar-se a nós. E Rizhskaya não é contra. A pressão do Sul está a aumentar. Há um ambiente sombrio: murmura-se que há uma ameaça, anda toda a gente com medo mas não se sabe de quê. Ou há um império qualquer novo no fim da linha ou estão com medo da Hansa, pensando que eles possam querer expandir-se, ou é qualquer outra coisa. E esses currais estão todos a tentar agarrar-se a nós. Tanto os de Alekseevskaya como os de Rizhskaya.

– Mas que querem eles, em termos concretos? O que oferecem? – perguntou Andrei.

– Querem fazer uma federação connosco, com um sistema comum de defesa para reforçar as fronteiras nas duas extremidades, estabelecer uma

rede de iluminação permanente nos túneis que ligam as estações, organizar uma força de polícia, bloquear os túneis e os corredores laterais, lançar vagonetas de transporte e ligações telefónicas por cabo e ocupar todos os espaços disponíveis com criação de cogumelos. Querem uma economia comum, que funcione e que sirva para nos ajudarmos uns aos outros, se isso for necessário.

– E onde é que estavam quando precisámos deles? Onde estavam quando os ratos nos atacaram vindos de Botanicheskysad e de Medvedkovo? Quando os pretos nos atacaram, onde é que eles estavam? – rosnou Andrei.

– Não te faças agoirento, Andrei! Tem cuidado! – interveio Piotr Andreevich. – Por agora, já não há pretos por aqui e está tudo bem. Não fomos nós que os derrotámos. Houve qualquer coisa que aconteceu e foram eles que o provocaram. Foi qualquer coisa entre eles e agora estão sossegados. Até podem estar a poupar as forças, por agora. Uma união não nos fará mal nenhum. E tanto melhor se for com os nossos vizinhos. Será para benefício deles mas também para nosso próprio bem.

– E teremos liberdade, igualdade e fraternidade! – retorquiu Andrei, contando pelos dedos até três, numa expressão de ironia.

– Bem, não queres ouvir o que tenho para dizer? – perguntou Artyom, ofendido.

– Não, Artyom, vá, continua – respondeu Andrei. – Ocupamo-nos de Piotr depois. Esta é uma discussão que temos há muito tempo.

– Bom, está bem. Parece que o chefe da nossa estação está de acordo. Que não tem objecções de fundo. Só é necessário atender aos pormenores. Haverá uma assembleia em breve. E, depois, um referendo.

– Que queres dizer com isso do referendo? Se o povo disser que sim, é sim. Se disser que não... quer dizer que não pensou bem. E que tem de pensar melhor – replicou Andrei, sarcástico.

– E o que se passa para lá de Rizhskaya, Artyom? – perguntou Piotr Andreevich, sem prestar atenção a Andrei.

– Que há a seguir? A estação de Prospekt Mira[5]. Bem, e faz sentido que seja Prospekt Mira. É a fronteira da Liga Hanseática. O meu padrasto diz que está tudo na mesma entre a Hansa e os vermelhos: mantiveram a paz entre eles. Lá, já ninguém pensa na guerra – disse Artyom.

"Hansa" era o nome com se popularizara a Comunidade das Estações da Linha do Círculo. Estas estações estavam localizadas nos cruzamentos de todas as outras linhas e, por isso, no meio de todas as rotas comerciais. As linhas mantinham-se ligadas entre si por túneis, tornando-se locais de encontro e de reunião para os homens de negócios de toda a rede do Metropolitano. Os seus empresários tinham ficado ricos a uma velocidade espantosa e, sabendo que as suas riquezas despertavam a inveja de muitos outros, decidiram unir as suas forças. O nome oficial da união era difícil de pronunciar, no entanto, e, entre o povo, a Concórdia foi apelidada de "Hansa" (alguém os comparara, com rigor, à união das cidades comerciais da Alemanha medieval, a Liga Hanseática). Esta palavra curta já era mais fácil e foi o que prevaleceu. No início, a Hansa era composta por apenas algumas estações e a Concórdia formou-se gradualmente. Primeiro, foi a parte da Linha do Círculo de Kievskaya a Prospekt Mira, a rede designada por Arco do Norte que incluía Kurskaya, Taganskaya e Oktyabrskaya. Depois, juntaram-se-lhes Paveletskaya e Dobryninskaya, que formaram outro arco, o Arco do Sul. Mas o maior problema e o maior obstáculo à união dos Arcos do Norte e do Sul foi a linha de Sokol.[6]

A questão, segundo contou a Artyom o seu padrasto, foi o facto de a linha de Sokol sempre se ter achado especial. Quando alguém olhava para o mapa, a atenção era irresistivelmente atraída para ela. Em primeiro lugar, é uma linha recta, direita como uma seta. Em segundo lugar, estava assinalada a vermelho nos mapas do Metro. E os nomes das estações também ajudavam. Era o caso, por exemplo, de Krasnoselskaya, ou seja, a "Aldeia Vermelha", que se libertara do fascismo em 1944. Depois, Krasnye Vorota, o "Portão Vermelho", a Komsomolskaya, a Biblioteka Imeni Lenina, junto à Biblioteca Lenine, e Leninskie Gory, ou "Montanha de Lenine".

E, fosse pelos nomes ou por qualquer outro motivo, a linha atraiu as pessoas nostálgicas do glorioso passado soviético. Depois, a ideia da ressurreição do Estado soviético ganhou raízes facilmente. De início, só uma estação é que retomou os ideais comunistas e uma forma de governo socialista, seguindo-se-lhe os seus vizinhos, depois as pessoas do outro lado do túnel ouviram falar desta revolução cheia de optimismo e derrubaram o

governo que então tinham, numa série de acontecimentos que se foram repetindo. Os veteranos ainda vivos, os antigos homens saídos do Komsomol, a Juventude Comunista, os dirigentes e militantes do Partido Comunista e os membros permanentes do proletariado reuniram-se todos nas estações revolucionárias.

Foi fundado um comité, responsável pela divulgação desta nova revolução e do seu ideal comunista em toda a rede do Metro, com a designação quase leninista de "Interestacional". A nova organização preparou divisões de revolucionários profissionais e de propagandistas e enviou-os para as estações inimigas. Em geral, foi pouco o sangue que se derramou, porque os esfomeados habitantes da linha de Sokol queriam era ver a justiça social restaurada e, tanto quanto conseguiam ver, não encontravam uma alternativa viável, com excepção de um igualitarismo que seria injustificado. E depois de, a princípio, ter sido iluminada só numa das extremidades, toda a zona acabou por ser varrida pelas chamas vermelhas da Revolução. As estações repescaram os seus velhos nomes da era soviética: Chistye Prudy voltou a ser Kirovskaya; Lubyanka transformou-se em Dzerzhinskaya; Okhotny foi de novo Prospekt Marxa. As estações com nomes neutros foram rebaptizadas com nomes ideologicamente mais claros: Sportivnaya passou a ser Kommunisticheskaya; Sokolniki passou a Stalinskaya; Preobrazhenskaya Ploshchad, onde tudo começou, ficou Znamya Revolutsya. E a própria linha, designada por Sokol, passou a ser chamada de "Linha Vermelha" pela maioria. Aliás, já era vulgar, antigamente, os moscovitas designarem as linhas do Metro pelas cores com que figuravam nos mapas. De qualquer modo, a designação oficial passou a ser Linha Vermelha.

As coisas, no entanto, ficaram por aí.

Quando a Linha Vermelha se formou, alimentando algumas ideias sobre a expansão para todo o Metro, a paciência começou a esgotar-se nas outras estações. Havia demasiadas pessoas que se recordavam da era soviética. E havia também muitas outras que encaravam os agitadores enviados pela Interestacional para os túneis como um tumor gerador de metástases que ameaçavam destruir todo o organismo. E por muito que os agitadores e os propagandistas prometessem electricidade para o Metro todo, garantindo

que com isso poderiam viver no verdadeiro comunismo (era pouco provável que isto pudesse ter saído de alguma palavra de ordem de Lenine, visto tratar-se de uma propaganda tão primária)[7], os habitantes das zonas limítrofes não se sentiram nada tentados. E os agitadores da Interestacional foram capturados e devolvidos ao território soviético. Nessa altura, os dirigentes vermelhos decidiram que já era altura de agirem mais resolutamente – se os restantes habitantes do Metro não aceitassem a feliz chama da Revolução, havia então que acender o lume por baixo deles. As estações vizinhas, preocupadas com o reforço crescente da propaganda comunista, chegaram à mesma conclusão. A experiência histórica demonstra bem que não há melhor maneira de injectar os bacilos do comunismo do que com a baioneta.

E fizeram-se ouvir os trovões.

A coligação das estações anti-comunistas, dirigida pela Hansa, derrotou a Linha Vermelha e, querendo fechar a Linha do Círculo, encabeçou a ofensiva. Os vermelhos, naturalmente, não esperavam a oposição de uma resistência organizada e sobrestimaram as suas próprias forças. A fácil vitória que contavam ter já não estava, afinal, tão perto.

A guerra foi prolongada e sangrenta, arrastando-se no tempo. E a população do Metro nem sequer era muito grande. A guerra durou quase ano e meio, composta, na maioria dos casos, por batalhas destinadas a ocupar posições, ataques de guerrilha e manobras de diversão, bloqueio de túneis, execução de prisioneiros e atrocidades diversas cometidas pelos dois lados. Aconteceu um pouco de tudo: operações militares, cercos, quebra de cercos, feitos diversos; e houve comandantes que se destacaram, tal como houve heróis e traidores. Mas a principal característica da guerra foi o facto de nenhuma das partes beligerantes ter alterado de modo significativo a sua linha da frente.

Pareceu, por vezes, que cada lado obtinha uma pequena vantagem, apoderando-se de uma estação adjacente, mas depois o adversário opunha resistência, mobilizava forças adicionais... e a balança voltava a pender para o outro lado.

Mas a guerra esgotou os recursos disponíveis. E eliminou os melhores. Foi devastadora para todos. E os que sobreviveram cansaram-se dela. O

governo revolucionário já tinha subtilmente substituído os seus propósitos iniciais por outros, mais modestos. No início, lutavam pela expansão do poder socialista e dos ideais comunistas em todo o subsolo mas, agora, os vermelhos já só queriam ter o controlo daquilo que viam como o seu santuário: a estação Ploshchad Revolutsii, a Praça da Revolução. Em primeiro lugar, por causa do nome e, depois, porque, entre todas as estações, era a que ficava mais perto da Praça Vermelha e do Kremlin, em cujas torres figuravam ainda as estrelas de cor rubi, se se acreditasse nos homens corajosos que eram ideologicamente tão fortes que iam à superfície só para poderem olhar para elas. Mas, claro, à superfície, junto ao Kremlin e mesmo no centro da Praça Vermelha, encontrava-se o mausoléu de Lenine[8]. Se o corpo de Lenine ainda aí se encontrava, ninguém o sabia, mas também já pouca importância tinha. Durante os muitos anos da era soviética, o mausoléu de Lenine deixara de ser um túmulo para se transformar no seu próprio relicário, num símbolo de continuidade do poder.

Os grandes dirigentes do passado iniciavam aí os seus desfiles. E os dirigentes actuais também ambicionavam o mesmo. Dizia-se, aliás, que havia passagens secretas que iam dos gabinetes do governo da estação da Praça da Revolução para os laboratórios secretos do mausoléu, com acesso directo ao próprio túmulo.

Os vermelhos ainda controlavam a Prospekt Marx, a antiga Okhotny Ryad, que foi fortificada para se transformar na base de onde eram lançados os ataques à Praça da Revolução. Várias foram as cruzadas abençoadas pela liderança revolucionária e enviadas para libertar esta estação e o seu túmulo. Mas os seus defensores também percebiam o significado que ela tinha para os vermelhos e resistiram até ao fim. A Praça da Revolução revelou-se uma fortaleza inexpugnável. Os combates mais severos e mais sangrentos tiveram lugar nas zonas de acesso à estação. Foi aí que se registou o maior número de mortes. Houve muitos actos heróicos: os dos homens que deram o peito às balas, os dos corajosos combatentes que atavam granadas ao seu próprio corpo para se fazerem explodir nos ninhos de artilharia do inimigo, como o antigo herói Alexander Matrosov[9], e até os que usavam, sem autorização, lança-chamas contra as pessoas... Tudo em

vão, porém. Os vermelhos conseguiram conquistar a estação por um dia, sem terem tempo de assegurar a sua fortificação, e foram logo derrotados, retirando-se no dia seguinte quando a coligação contra-atacou.

O mesmo aconteceu na Biblioteca Lenine[10]. Era aí a praça-forte dos vermelhos e as forças da coligação tentaram, repetidamente, capturar a estação. A sua importância estratégica era enorme porque, nas mãos dos atacantes, partiria em duas a Linha Vermelha e, com isso, ficava aberta a passagem para as outras três linhas, com as quais a Linha Vermelha não mantinha ligações em nenhum outro ponto. Era um local único. Era como uma glande linfática infectada com a peste vermelha, que poderia, a partir daí, disseminar-se por todo o organismo. Para o evitar, era necessário tomar a Biblioteca Lenine, custasse o que custasse.

As tentativas dos vermelhos para se apoderarem da Praça da Revolução foram tão mal sucedidas como os esforços da coligação para os expulsar da Biblioteca Lenine. E, entretanto, as pessoas começaram a ficar fartas dos combates. As deserções já eram vulgares e havia momentos de confraternização entre os soldados quando estes, de um lado e do outro, pousavam as armas depois dos confrontos. Contudo, ao contrário da Primeira Guerra Mundial, os vermelhos não ficaram em vantagem. O rastilho revolucionário apagou-se gradualmente. E a coligação não conseguiu fazer melhor: insatisfeitas com o facto de terem de temer constantemente pelas suas vidas, as pessoas começaram a debandar, reunindo-se em grupos familiares que trocavam as estações centrais pelas estações periféricas. A Hansa esvaziou-se e enfraqueceu. A guerra afectara gravemente o comércio e os mercadores procuravam outras maneiras de contornar o sistema, deixando desertas e silenciosas as mais importantes rotas comerciais.

Os políticos, apoiados por um número cada vez mais pequeno de soldados, precisavam, urgentemente, de encontrar uma forma de pôr fim à guerra antes que as armas se voltassem contra eles. Por isso, nas mais secretas circunstâncias e numa estação necessariamente neutra, reuniram-se os dirigentes das partes em confronto: o camarada Moskvin, do lado soviético, e o presidente da Hansa, Loginov, este apoiado pelo chefe da estação da Confederação de Arbat, Kolpakov, como negociador.[11]

As partes assinaram rapidamente um acordo de paz e trocaram estações. A Linha Vermelha recebeu a quase destruída Praça da Revolução, mas cedeu a Biblioteca Lenine à Confederação de Arbat. Este passo não foi fácil de dar para nenhuma das partes. A confederação perdeu uma das duas partes, juntamente com a influência que detinha sobre o Noroeste. A Linha Vermelha ficou interrompida porque passava a ter agora uma estação no meio, que não lhe pertencia e que a cortava em duas. Apesar do facto de ambos os lados garantiram reciprocamente o direito ao livre trânsito através dos seus antigos territórios, este tipo de situação só podia perturbar os vermelhos. Mas o que a coligação estava a propor era uma tentação demasiado grande. E a Linha Vermelha não resistiu. A Hansa ganhou uma nova vantagem com o acordo, naturalmente, porque já podia fechar o Círculo, afastando assim os últimos obstáculos que se levantavam à sua prosperidade.

Foi acordada a manutenção do [illegible] e a proibição de fazer propaganda e de desenvolver actividades no território do antigo adversário. Toda a gente ficou satisfeita. E depois de silenciados os canhões e os políticos, foi chegada a vez de os propagandistas explicarem às massas que o seu próprio lado é que tinha conseguido um destacável feito diplomático, ganhando, na essência, a guerra.

Passaram anos sobre o dia memorável em que foi assinado o acordo de paz. Os dois lados respeitaram-no. A Hansa encontrou na Linha Vermelha um parceiro económico favorável e esta abandonou as suas intenções agressivas: o camarada Moskvin, secretário-geral do Partido Comunista do Metropolitano V. I. Lenine de Moscovo, demonstrou dialecticamente a possibilidade de construir o comunismo numa só linha do Metro[12]. E o velho inimigo ficou esquecido.

Artyom nunca se esqueceu desta lição de História sobre os acontecimentos mais recentes, esforçando-se sempre por se lembrar de tudo o que o seu padrasto lhe dizia.

– Ainda bem que os morticínios chegaram ao fim – disse Piotr Andreevich. – Foi impossível aproximar-nos do Círculo durante ano e meio. Havia cordões por todo o lado e os nossos documentos eram verificados cem vezes. Tinha negócios lá, nessa altura, e não havia maneira de ir além da Hansa. E

eles mandaram-me parar mesmo em Prospekt Mira. Quase me fizeram encostar à parede.

– E depois? Nunca nos contaste nada disto, Piotr. Como é que isso se resolveu? – perguntou Andrey, interessado.

Artyom descontraiu-se ligeiramente, vendo que a lanterna do contador de histórias acabara de sair-lhe das mãos. De qualquer modo, o que se seguia prometia ser interessante e, por isso, decidiu não interromper.

– Bem... foi muito simples. Tomaram-me por um espião vermelho. Então, estava eu a sair do túnel de Prospekt Mira, na nossa linha. E Prospekt Mira também pertence à Hansa. É um território anexado, por assim dizer. Bem, as coisas lá ainda não são assim muito severas. Até têm um mercado e uma zona de comércio. Como sabem, é sempre a mesma coisa, no que se refere à Hansa: as estações do próprio Círculo formam uma espécie de território nacional. E as passagens de ligação das estações do Círculo são como radiais, com alfândegas e controlos de passaportes aí montados...

– Vá lá, todos nós sabemos isso, estás a fazer-nos uma palestra – interrompeu Andrei. – Conta mas é o que te aconteceu!

– Os controlos de passaportes – repetiu Piotr Andreevich, arqueando as sobrancelhas com um ar severo, decidido a afirmar a sua posição. – Nas estações radiais, têm mercados, bazares... Os estrangeiros são autorizados a ir lá. Mas não se pode atravessar a fronteira, nem nada que se pareça. Saí em Prospekt Mira com meio quilo de chá... Precisava de munições para a minha espingarda e pensei em negociar. Mas eles estavam sob lei marcial e eu não sabia. E não largavam mão de quaisquer abastecimentos militares. Perguntei a um tipo e depois a outro e todos se escusaram e se afastaram. Só um é que me sussurrou: "Quais munições, meu idiota... Põe-te daqui para fora e rapidamente... Talvez já te tenham denunciado." Agradeci-lhe e dirigi-me sossegadamente ao túnel. E mesmo à saída há uma patrulha que me manda parar e eu ouço assobios vindos da estação e há mais outro destacamento a correr na nossa direcção. Pedem-me os documentos. Dou-lhes o passaporte, com o selo da nossa estação. Eles examinam-no cuidadosamente e perguntam-me: "E onde é que está o teu livre-trânsito?" E eu respondi, com surpresa: "Que livre-trânsito?" Fiquei a saber que, para chegar à estação, é necessário possuir um livre-trânsito. Junto à saída do

túnel há uma pequena mesa e têm aí um serviço. Verificam a identificação do visitante e emitem um livre-trânsito quando é necessário. Estão mergulhados em burocracia e cercados pelos ratos.

– Não sei como passei essa barreira, não sei... Por que motivo é que esses idiotas não me fizeram parar? Sem livre-trânsito era eu que tinha de explicar-me à patrulha. E este cabeça rapada abrutalhado fica ali parado, enfiado na sua camuflagem, a dizer: "Ele passou sem autorização! Ele entrou como clandestino! Ele entrou às escondidas!"... Ele folheia o meu passaporte e vê lá o selo de Sokolniki. Era onde eu tinha vivido antes... Olha para o selo e os olhos quase se lhe enchem de sangue. Como um toiro quando vê o vermelho. E, tirando a metralhadora do ombro, rosna: "Mãos ao ar, patife." O nível de formação dele ficou imediatamente à vista. Ele agarra-me pela nuca e atravessa toda a estação, para se deter no posto em que é emitido o livre-trânsito, à frente do superior dele. E diz-me, ameaçadoramente: "Esperas aqui um bocadinho, que tudo aquilo de que preciso é ter a devida autorização do comando... e tu vais ficar encostado à parede, espião!" Estive quase a vomitar. E tento justificar-me, dizendo: "Mas que tipo de espião sou eu? Sou um homem de negócios! Trago chá de VDNKh." E o tipo replica que me vai encher a boca com o chá, obrigando-me a engoli-lo com o cano da espingarda. Eu percebo que não estou a conseguir convencê-lo e que, se o superior estiver de acordo com ele, ele vai levar-me aos duzentos metros, encostar o meu rosto aos canos e fazer-me uma série de buracos a tiro, de acordo com as leis da guerra. As coisas não estavam a correr muito bem, pensei... Chegámos ao posto onde eram emitidos os documentos e este tipo abrutalhado foi discutir o melhor local para me matar. Olhei para o chefe dele e foi se como me saísse dos ombros um fardo enorme: era Pashka Fedotov, um antigo colega de escola. Mantivemos-nos amigos desde o momento em que começámos a dar-nos, na escola, e depois de terminadas as aulas, até perdermos os contactos...

– Bem, porra! Pregaste-me um susto do caraças! E eu até já pensava que eles te tivessem feito a folha, que te tivessem morto – interpôs Andrei, venenosamente, fazendo todos os homens reunidos à volta da fogueira no posto dos quatrocentos e cinquenta metros explodir em gargalhadas amigáveis.

E o próprio Piotr Andreevich, que até olhou com ar irritado para Andrei, não se conteve e sorriu. O som das gargalhadas alastrou pelo túnel, dando origem, algures nas profundezas, a um eco distorcido, a um guincho sinistro nada parecido com alguma coisa que pudesse ter sido ouvida antes... E, ao ouvi-lo, todos se calaram, gradualmente.

E depois, das profundezas do túnel, vindos do Norte, começaram a ouvir-se com maior nitidez os sons suspeitos: um restolhar e passos leves com um ritmo estranho.

Andrei, claro, foi o primeiro a ouvi-los. Ficou silencioso e levantou a mão, indicando aos outros que deviam calar-se, pegando na metralhadora que pousara no solo e saltando do local onde se sentara.

Destravando a arma e colocando uma bala na câmara, de costas encostadas à parede, Andrei avançou sem ruído para o túnel, distanciando-se da fogueira. Artyom também se levantou, curioso por ver o que não conseguira avistar antes, mas Andrei voltou-se e olhou para ele com uma expressão irada. Parou no limite da zona iluminada, levou a arma ao ombro e deitou-se no chão, pedindo aos outros:

– Dêem-me mais luz!

Um dos seus companheiros ligou uma poderosa lanterna alimentada por um acumulador, feita com peças de faróis de carros velhos, e o raio de luz rasgou as trevas. Arrancada à escuridão, uma silhueta indistinta foi vista no solo por uns segundos. Era pequena e não muito assustadora e desapareceu apressadamente na direcção do Norte.

Artyom não se conteve e gritou:

– Dispara! Está a fugir!

Mas, por qualquer motivo, Andrei não disparou. Piotr Andreevich também se pôs de pé, com a metralhadora pronta a disparar, e gritou:

– Andryukha! Ainda estás vivo?

Os homens que se mantinham sentados junto ao fogo trocaram murmúrios agitados, ao ouvirem o ruído metálico da câmara da metralhadora de Andrei. E, por fim, Andrei reapareceu, iluminado pela luz da lanterna, a sacudir a poeira do casaco.

– Sim, estou vivo, estou vivo! – disse, a rir-se.

– Estás a rir-te porquê?! – inquiriu Piotr Andreevich, com uma expressão

desconfiada.

– A coisa tinha quase um metro de comprimento! E duas cabeças. São os mutantes. Os escuros já cá estão! Vão cortar-nos os pescoços! Disparem ou eles fogem! Deviam ser muitos! Muitos! – E Andrei continuou a rir-se às gargalhadas.

– E tu não disparaste porquê?! Muito bem, aqui este jovem não o fez mas ele ainda é novo, não percebeu. E tu não o fizeste porquê? Já não és novo nisto. Sabes o que aconteceu em Polezhaevskaya, não sabes? – perguntou Piotr Andreevich, irritado, quando Andrei regressou para junto da fogueira.

– Sim, ouvi falar no que se passou em Polezhaevskaya uma dúzia de vezes! – Andrei contrariou-o com um gesto da mão. – O que ali estava era um cão! Um cachorrinho, nem sequer um cão adulto... Já é a segunda vez que tenta aproximar-se do fogo, à procura de calor e de luz. E vocês quase o abateram e agora estão a perguntar-me por que motivo é que estou a ser tão cuidadoso?! Que parvoíce!

– Como é que eu podia saber que se tratava de um cão?! – Artyom sentiu-se ofendido. – Fazia uns sons tão estranhos... E há uma semana, dizia-se que tinha sido avistado um rato do tamanho de um porco.

– Tu acreditas em contos de fadas! Espera um pouco e já te trago o teu rato! – disse Andrei, pondo a metralhadora a tiracolo e regressando à escuridão do túnel.

Um minuto mais tarde ouviram um assobio vindo das trevas. E uma voz que, num tom de afecto e de encorajamento, dizia:

–Aqui, vem aqui, pequenino. Não tenhas medo!

Andrei passou cerca de dez minutos a tentar convencer o estranho ser a aproximar-se, chamando e assobiando, até voltar a aparecer no campo de luz da fogueira.

Regressou para junto dos restantes homens e, com um sorriso triunfante, abriu o casaco. De onde caiu um cachorrinho, a tremer, com ar triste, molhado e intoleravelmente sujo, coberto de pêlo emaranhado cuja cor nem se percebia, de orelhas caídas e olhos negros aterrorizados.

Quando se achou no chão, tentou de imediato fugir mas Andrei agarrou-o, com firmeza, mantendo-o onde se encontrava. Fazendo-lhe festas na cabeça, despiu o casaco e cobriu o cachorrinho com ele.

– Precisa de se aquecer – explicou.

– Ora, Andrei, é um saco de pulgas! – exclamou Piotr Andreevich, tentando convencer Andrei a encarar lucidamente o problema. – E até deve ter parasitas. E tu podes apanhar uma infecção e espalhá-la por toda a estação...

– Basta, Piotr, não sejas tão lamuriento. Olha para ele! – Andrei levantou um pouco o casaco, mostrando o focinho do cão, que continuava a tremer, de medo ou de frio. – Vê-me estes olhos! Não mentem!

Piotr Andreevich olhou para o cachorrinho com uma expressão de dúvida. Os olhos revelavam medo mas eram, claramente, sinceros. Piotr Andreevich acalmou-se um pouco.

– Está bem... És um amante da Natureza... Espera, que vou arranjar alguma coisa para ele comer – murmurou, começando a pesquisar no interior da mochila.

– Repara bem, repara bem – murmurou Andrei, aproximando o casaco, com o cão lá dentro, do lume. – Nunca se sabe. Talvez ele dê origem a alguma coisa que nos seja útil: um pastor-alemão, por exemplo.

– Mas, aqui, de onde é que pode vir um cão? Não há pessoas, para esse lado. Só os pretos. E os pretos têm cães? – perguntou um dos homens de Andrei, magro e de cabelo desgrenhado que até então se deixara ficar calado, olhando com ar de desconfiança para o cachorrinho, que adormecera junto ao fogo.

– Tens razão, claro, Kirill – respondeu Andrei, com ar sério. – Tanto quanto sei, os pretos não têm animais com eles.

– Então, como é que vivem? O que é que comem? – perguntou outro homem, coçando o rosto de barba por fazer com um som que fazia lembrar o crepitar da electricidade.

Era alto e com aparência de já ter participado em muitos combates, de ombros largos e aspecto robusto, com a cabeça completamente rapada. Envergava um sobretudo de pele, bem cosido, que, nesta altura, era uma verdadeira raridade.

– O que comem os pretos?! Toda a espécie de porcaria. Comem carne morta. Comem ratos. Comem seres humanos. Não são esquisitos, sabes? – replicou Andrei, com uma careta de desagrado.

– São canibais? – tornou o homem da cabeça rapada, sem mostrar surpresa, como se já tivesse encontrado canibais antes disto.

– Canibais?!... Mas eles nem são humanos. São mortos-vivos. São... sabe-se lá o quê! E é bom que não tenham armas, para nós os conseguirmos repelir. Pelo menos, por enquanto. Piotr! Lembras-te de quando aprisionámos um deles vivo, vai para seis meses?

– Lembro-me – respondeu Piotr Andreevich. – Ficou na nossa prisão durante duas semanas, sem comer nem beber água, não quis tocar na nossa comida e depois morreu.

– Não o interrogaram? – perguntou o homem da cabeça rapada.

– Ele não compreendia uma palavra do que nós dizíamos. Falámos-lhe em russo e ele ficou silencioso. O tempo todo. Como se tivesse a boca cheia de água. Espancaram-no, também, e nada disse. Só rosnava, uma vez por outra. E deu uns uivos tão fortes antes de morrer que acordou toda a estação...

– E o cão? – perguntou Kirill, lembrando-lhe do que estavam a discutir. – Como terá chegado aqui?

– Quem raio é que o sabe?... Talvez tenha fugido deles. Talvez o tivessem querido comer. São cerca de dois quilómetros até aqui. Um cão não o conseguiria fazer? Talvez pertença a alguém. Talvez alguém tenha vindo do Norte e tenha dado com os pretos. E o cãozinho escapou-se. Mas não interessa como, de qualquer modo. Olhem bem para ele. Parece um monstro? Um mutante? Não, é um cachorrinho, não é nada de extraordinário. E sentiu-se atraído por nós, o que significa que está habituado às pessoas. De outro modo, por que teria tentado, por três vezes, aproximar-se da fogueira?

Kirill ficou calado, a pensar no que ouvira. Piotr Andreevich encheu a chaleira com água da lata e perguntou:

– Alguém quer mais chá? Vamos beber um último gole que já não falta muito para sermos substituídos.

– Chá... Isso é que é falar! Serve-nos de mais – disse Andrei. Os outros homens também se mostraram animados com a ideia.

A água da chaleira começou a ferver. Piotr Andreevich encheu os copos dos que queriam mais e fez-lhes um pedido:

– Olhem... Não vale a pena estar a falar dos pretos. Na última vez em que estivemos assim sentados e a falar disso, eles atacaram. Já outros tipos me disseram que lhes aconteceu a mesma coisa. Talvez seja uma coincidência. Eu não sou supersticioso mas... se não for o caso? E se eles podem sentir que nós estamos a pensar neles? O nosso turno está quase no fim. Para que precisamos nós destas confusões no último minuto?

– Pois, de facto... Provavelmente não se justifica – concordou Artyom.

– Muito bem, já chega, meu, não te assustes tanto! Acabaremos por chegar a esse ponto, também! – disse Andrei, tentando alegrar Artyom sem, no entanto, o conseguir convencer.

Bastou-lhes pensarem nos seres que designavam por "pretos" para os percorrer um arrepio de frio, que também atingiu Andrei, embora este o tentasse ocultar. Andrei não receava os seres humanos, fossem eles quais fossem: bandidos, anarquistas cortadores de gargantas ou soldados do Exército Vermelho. Mas os mortos-vivos enojavam-no. Não os receava mas não conseguia manter-se calmo quando pensava neles ou em qualquer outra ameaça.

Todos ficaram calados. Um silêncio prolongado e opressivo abateu-se sobre os homens agrupados em redor da fogueira. Os bocados de madeira, cheios de nós, crepitavam nas chamas e, para Norte, conseguia ouvir-se de vez em quando um som gutural e rouco, quase sufocado, como se o Metro de Moscovo fosse o intestino gigantesco de um monstro desconhecido. E este som, cuja origem a escuridão dissimulava, já era suficientemente assustador.

1 **V Cú Tu t mpq Nıç ÁáÉz mçm**
A linha 4 do Metro de Moscovo, entre as estações Krylatskoye e Aleksandrovsky Sad.

2 N.T. – Linha de Serpukhovsko-Timiryazevskaya
A linha 9 do Metro de Moscovo, entre as estações Altufievo e Bulvar Dmitriya Donskogo.

3 N.T. – VDNKh
A estação assim designada é uma das mais profundas do Metro de Moscovo, situada a 53 metros abaixo do solo, as iniciais correspondem ao vizinho Centro de Exposições de Toda a Rússia, que foi projectado, em 1935, como Exposição Agrícola de Toda a União. Em 1959, a sua designação passou a ser a de Exposição de Êxitos da Economia Popular da URSS, mantendo-se ainda hoje como centro de exposições para iniciativas de âmbito nacional e internacional de média dimensão.

4 N.T. – Espingarda Berdan
"**g u ÓázmI qÇpm mi**", em russo, a espingarda **I qÇpm** foi criada pelo inventor americano Hiram Berdan

em 1868, sendo uma das armas mais utilizadas pelo exército russo entre 1869 e 1891. Esteve em produção até meados de 1930. Foi substituída pela espingarda U ÁÉu BVnsm Ó C

5 N.T. – "Prospekt"
A palavra russa "prospekt" é utilizada para definir avenidas muito largas, com múltiplas faixas de circulação em áreas urbanas.

6 N.T. – Designações das estações do Metro
Depois do fim da União Soviética, muitas estações do Metro de Moscovo alusivas ao regime mudaram de nome. Por exemplo, a estação de Dzerzhinskaya (assim designada em honra de Felix Edmundovich Dzerzhinsky, revolucionário histórico e chefe da polícia secreta) passou em 1990 a Lubyanka (a praça de Moscovo onde funcionou o KGB), a estação de Kirovskaya (baptizada com o nome de Serguei Mironovich Kirov, um dos dirigentes comunistas da era de Estaline) passou a Chistiye Prudy e a estação de Prospekt Marxa (Avenida Marx) passou a Okhotny Ryad.

7 N.T. – Electrificação
É atribuída a Lenine a frase: "O comunismo é o poder dos sovietes mais a electrificação do país", como síntese do que seria o progresso do comunismo na confluência da mudança da estrutura política (os sovietes, ou conselhos) com a aceleração do desenvolvimento industrial.

8 N.T. – Mausoléu de Lenine
O corpo de Vladimir Ilich Ulianov, o fundador do Estado soviético que ficou conhecido pela alcunha de Lenine (por ter nascido na região do rio Lena), foi embalsamado depois da sua morte, em 1924, e mantido em exposição de acesso público neste mausoléu na Praça Vermelha.

9 N.T. Alexander Matrosov
Herói soviético da Grande Guerra Patriótica (Segunda Guerra Mundial), Alexander Matrosov, de 19 anos, bloqueou com o seu próprio corpo os disparos de uma metralhadora de um bastião alemão nos arredores de Pskov em 1943, permitindo aos seus camaradas a conquista dessa posição.

10 N.T. – Biblioteca Lenine
A Biblioteca Estatal da Rússia, em Moscovo, foi até 1992 designada por "Biblioteca Estatal Lenine da URSS", sendo considerada, com o seu espólio de 42 milhões de títulos, a maior biblioteca da Europa e, a seguir à Biblioteca do Congresso dos EUA, a segunda maior do mundo. À entrada encontra-se uma escultura do escritor Fiodor Dostoievski. É servida pela estação Biblioteka Imeni Lenina.

11 N.T. – Arbat
Uma das mais antigas ruas do centro de Moscovo, com edifícios históricos famosos, cafés e lojas. "Capital" das elites culturais de Moscovo, a rua Arbat transformou-se numa das principais atracções turísticas da capital russa. É servida pela estação de Arbatskaya.

12 N.T. – "Construção do comunismo numa só linha do Metro"
Alusão irónica à orientação táctica de Estaline de decretar como prioritária a "construção do socialismo num só país", depois da morte de Lenine e do fim das ilusões da revolução socialista à escala mundial, como defendia o seu rival Trotsky.

O CAÇADOR

A cabeça de Artyom voltou a ser invadida por toda a espécie de coisas sem sentido. Os pretos... Só uma vez é que havia encontrado os malditos não-humanos durante um dos seus períodos de vigilância e ficara mesmo aterrorizado... Mas como é que poderia não ter ficado?

... Estás de sentinela, portanto. Estás a aquecer-te junto à fogueira. E, de repente, é o que ouves: qualquer coisa a ressoar, com pancadas secas, primeiro à distância numa cadência calma, proveniente do túnel, das profundezas... Depois, a aproximar-se, a aumentar de intensidade, a fazer mais barulho... E, de repente, os teus ouvidos são invadidos por um urro medonho, que parece saído de um cemitério, já muito perto... E é a confusão! Toda a gente se põe em pé, a erguer os sacos de areia e os caixotes onde estavam sentados para criar uma barreira... O mais rapidamente possível para terem qualquer coisa entre eles e o que se aproxima. E o mais velho de todos, a plenos pulmões e com toda a força que ainda tem, grita:

– Alerta!

Os que estão de reserva saem da estação a correr, para vos apoiar; aos trezentos metros, onde será necessário absorver o primeiro impacto, retiram a cobertura da metralhadora e atiram-se para o chão, por trás dos sacos de areia, apontando as armas à boca do túnel e fazendo pontaria... Finalmente, depois de terem esperado até os pretos ficarem mais perto, acendem o holofote e já se tornam visíveis as silhuetas deles, que têm formas estranhas, como se fossem o produto de uma imaginação delirante. Nus, cobertos de uma pele preta e brilhante, com olhos muito grandes e bocas que parecem crateras... Avançam com passos ritmados, em direcção à fortificação, em direcção à morte com um abandono indiferente, sem vacilar, cada vez mais perto, cada vez mais perto... São três... cinco... Já são oito os monstros... E o que está à frente deles levanta a cabeça, de repente, e produz um uivo que parece um ÇqÃÚuqº C

Sentes um arrepio por todo corpo; resistes à tentação de te pores em pé e fugires, de atirares a arma para o lado, de abandonares os teus camaradas, de mandares tudo para o Inferno e de correres... O holofote incide directamente nos focinhos dessas criaturas de pesadelo para lhes atingir as pupilas com a sua luz muito brilhante, mas é óbvio que não os faz sequer piscar os olhos nem erguer as mãos... Eles continuam voltados para a luz com os olhos bem abertos e movem-se sem parar, sempre em frente... sempre em frente... Será que terão pupilas?

E, finalmente, os homens avançam a partir dos trezentos metros com mais metralhadoras; deitam-se, alinhados, a ouvir as ordens... Está tudo pronto... A ordem, há muito esperada, de "Fogo!" ressoa pelo túnel. E, de repente, as armas começam a matraquear e ouve-se o trovão da grande metralhadora. Mas os pretos não se detêm, nem se baixam; continuam sempre a andar, muito direitos, sem abrandar o passo, com toda a firmeza e com toda a calma que já haviam mostrado. À luz do holofote, podem ver como as balas lhes atravessam os corpos brilhantes, como os empurram para trás, como eles caem... e como logo novamente se levantam, outra vez muito direitos, outra vez a avançarem. E, mais uma vez, embora com um tom áspero causado pelo rompimento da garganta por uma bala, ergue-se um uivo sinistro. Vão passar mais alguns minutos até a tempestade de aço conseguir, finalmente, romper a teimosia inumana e irracional das criaturas. E depois de todos estes monstros terem tombado, já sem respirarem e sem qualquer movimento, ainda irão dar-lhes o golpe de misericórdia com tiros disparados contra as cabeças deles, à distância de cinco metros, para se sentirem seguros. E mesmo quando tudo está terminado, quando os corpos tiverem sido atirados para a fenda, a terrível visão deles continuará a pairar diante dos olhos por muito tempo – as balas a enfiarem-se nos corpos negros, o holofote a escaldar-lhes os olhos muito abertos... e eles sempre a avançar, firmemente, na vossa direcção...

Artyom estremeceu, à lembrança do que passara. Sim, claro, seria melhor nem falar neles, pensou. À cautela...

– Eh, Andreich! Prepara-te! Estamos a caminho! – ouviu-se gritar da escuridão, a sul. – Acabou o teu turno!

Os homens que estavam junto à fogueira começaram a mexer-se,

despertando do seu estupor, pondo-se em pé, espreguiçando-se, pondo as mochilas às costas e pegando nas armas enquanto Andrei erguia o cachorrinho nas suas mãos. Piotr Andreevich e Artyom iriam regressar à estação enquanto Andrei e os seus homens voltariam para os trezentos metros, por o turno deles não ter chegado ainda ao fim.

Os substitutos chegaram e trocaram-se apertos de mãos, falando-se do que de estranho teria, ou não, acontecido, cada homem a desejar aos outros o bom descanso que mereciam, sentando-se perto do fogo para continuarem as conversas iniciadas antes.

Quando já todos se encontram no túnel, a caminho do sul, Piotr Andreevich começou a conversar acaloradamente com Andrei sobre um assunto qualquer, regressando ambos, pelo que se percebeu, a uma das suas eternas discussões. Enquanto isso, o homem robusto de cabeça rapada, que fizera as perguntas sobre os hábitos alimentares dos pretos, afastou-se deles e aproximou-se de Artyom, com quem começou a caminhar a par.

– Portanto, conheces Sukhoi? – perguntou a Artyom, em voz baixa e abafada, sem olhar directamente para ele.

– O Tio Sasha! Bem, claro! É o meu padrasto. Vivo com ele – respondeu Artyom, com sinceridade.

– Não me digas. O teu padrasto?! Nunca ouvi falar de tal coisa – murmurou o homem.

– E qual é o seu nome? – decidiu-se Artyom a perguntar, entendendo que se uma pessoa faz perguntas sobre o parente de alguém, então essa pessoa ganha o direito de também fazer perguntas.

– O meu nome? – replicou o homem, surpreendido. – Por que motivo o queres saber?

– Bem, para dizer ao Tio Sasha, a Sukhoi, que perguntou por ele.

– Diz-lhe que foi o Caçador que perguntou. Caçador. Diz-lhe que o cumprimento.

– Caçador? É um nome estranho. É o quê, o seu apelido? A sua alcunha? – perguntou Artyom.

– Apelido? Hmmm... – O Caçador fez um sorriso malicioso. – Que importa? É totalmente... Mas não, filho, não é apelido. É, como direi?, uma profissão, alguém que caça. E como te chamas?

– Artyom.

– Óptimo, então. Prazer em conhecer-te. Estou certo de que nos veremos novamente. E, com certeza, muito em breve. Saudações!

Piscando o olho a Artyom antes de se afastar, o homem da cabeça rapada ficou para trás aos trezentos metros, juntamente com Andrei.

O caminho já era curto. À distância a que se encontravam, o ruído animado proveniente da estação já se fazia ouvir. Piotr Andreevich, a caminhar ao lado de Artyom, perguntou-lhe, com ar preocupado:

– Ouve, Artyom, quem era aquele? Que estava a dizer-te?

– Era um tipo estranho... Fez-me uma pergunta sobre o Tio Sasha. Deve ser um conhecido dele, suponho. Conhece-lo?

– Não me parece... Ele veio para a nossa estação há alguns dias, para tratar de qualquer assunto, parece-me. Fiquei a pensar que Andrei já o conhecia. Foi ele que insistiu em ficar no mesmo turno de vigilância com ele. Só o Diabo sabe por que raio é que achou isso tão necessário! Quanto ao rosto, acho que me é familiar, de certo modo...

– Pois, é provavelmente difícil esquecer uma aparência daquelas – disse Artyom.

– Exactamente. E onde foi que o vi? E qual é o nome dele? Sabes? – perguntou Piotr Andreevich.

– Caçador. Foi o que ele disse: Caçador. Tenta imaginar o que isso deverá ser.

– Caçador. Bem, para nome, não parece muito normal... – Piotr Andreevich franziu o sobrolho.

À distância, já se via uma luz avermelhada brilhante. A estação de VDNKh, como a maioria, não dispunha de iluminação normal e, ao cabo de vinte anos, as pessoas já se haviam habituado a viver sob o clarão avermelhado das luzes de emergência. Só ocasionalmente é que havia lâmpadas eléctricas normais nos “apartamentos”, que eram as tendas e as divisões da estação. E só algumas das estações mais ricas é que eram iluminadas por lâmpadas de mercúrio genuínas. Estas lâmpadas tinham dado origem a lendas e os habitantes vindos das províncias, de subestações distantes e já esquecidas, é que ainda alimentavam o sonho, anos a fio, de conseguirem viajar só para irem ver esse milagre.

À saída do túnel, os guardas entregaram as armas a outros companheiros e assinaram os nomes no livro de registos. Piotr Andreevich apertou a mão de Artyom, antes de se separarem, e disse-lhe:

– Já é tempo de ir dormir! Mal me aguento acordado e tu também estás com cara de quem vai adormecer em pé. Dá a Sukhoi as minhas saudações mais calorosas. Ele devia vir visitar-me.

Artyom disse-lhe adeus e, já a sentir o peso da fadiga, dirigiu-se para o seu "apartamento".

Em VDNKh viviam duzentas pessoas. Algumas residiam nas instalações dos militares mas a maioria habitava em tendas dispostas no cais. As tendas eram de fabrico militar, agora já velhas e rasgadas, mas ainda capazes de cumprirem a sua missão. No subsolo já não tinham de enfrentar o vento ou a chuva e eram mantidas com tanto cuidado que se tornava fácil habitá-las. Não perdiam calor nem luminosidade e eram quase insonorizadas. Que mais se podia desejar para viver?...

As tendas estavam apoiadas à parede em cada um dos lados, ao longo das linhas e na zona central. A plataforma fora transformada em algo que parecia uma rua, com uma passagem bastante larga entre as tendas. Alguns destes "apartamentos" eram grandes, albergando as famílias mais numerosas e ocupando o espaço debaixo das arcadas. Mas havia várias arcadas que permaneciam livres, para se poder passar, em cada uma das extremidades do átrio e no centro. Também havia outras acomodações por baixo das plataformas mas o tecto já não era tão alto, o que as tornava menos adequadas para habitação. Em VDNKh eram utilizadas para armazenar mantimentos.

Os dois túneis do Norte estavam ligados a um túnel lateral, que se prolongava por mais algumas dezenas de metros para lá da estação e que, em tempos, servira para os comboios darem a volta e dirigirem-se para outros destinos. Agora, um dos túneis estava bloqueado. E o outro seguia para Norte, a caminho de Botanichesky, osad, o Jardim Botânico, e quase até Mytischi[13]. Era uma via de retirada, caso houvesse uma situação extrema e era aí que Artyom tinha estado de vigia. O segmento restante do segundo túnel, e o desvio unificado entre os dois túneis, fora guardado para o cultivo de cogumelos. Os carris haviam sido desmantelados e o solo fora

arado e fertilizado, com resíduos sólidos provenientes da fossa séptica. Ao longo do túnel alinhavam-se agora filas arrumadas de cogumelos com os seus capuzes brancos. Um dos dois túneis do Sul fora também deitado abaixo e, aos trezentos metros, dera origem a uma zona de capoeiras e de pocilgas.

O alojamento de Sukhoi, onde Artyom vivia desde que ele o adoptara como filho, ficava na "rua principal". O padrasto era um homem importante, que trabalhava para o Governo. Assegurava os contactos com as outras estações e os poderes vigentes haviam reservado a tenda só para ele, o que demonstrava bem a sua importância. O padrasto ausentava-se com frequência, durante duas a três semanas, e nunca levava Artyom consigo, desculpando-se com o facto de estar ocupado com assuntos demasiado perigosos e de não querer submeter Artyom a riscos desnecessários. Costumava regressar das suas viagens mais magro, com o cabelo desgrenhado e, às vezes, até ferido. Mas na primeira noite em que regressava a casa ficava sempre na companhia de Artyom, contando-lhe coisas que eram difíceis de acreditar, mesmo por quem vivia neste pequeno e grotesco mundo, já habituado aos relatos mais inacreditáveis.

Artyom também sentia vontade de viajar mas era demasiado perigoso vaguear pelo Metro sem uma boa razão. Os guardas das patrulhas das várias estações eram muito desconfiados e não deixavam passar quem tivesse uma arma consigo... e ir para os túneis desarmado era morte certa. E assim, desde que viera de Savyolovskaya com o padrasto, Artyom não beneficiara ainda da oportunidade de participar numa única expedição decente. Era, às vezes, enviado a Alekseevskaya por motivos comerciais mas nunca ia sozinho, claro. Viajava num grupo e o mais longe que ia, às vezes, era até Rizhskaya. Mas, fora isso, houvera uma expedição, da qual não podia falar a ninguém apesar de querer desesperadamente fazê-lo...

Tinha acontecido há muito tempo, quando ainda nem sequer suspeitava de que os pretos pudessem estar no Jardim Botânico, quando esta era apenas uma estação abandonada e sombria e as patrulhas de VDNKh estavam posicionadas muito mais a Norte. Nessa altura, aliás, Artyom ainda era só um rapazinho. Com os seus colegas, decidiu correr o risco: durante uma mudança de turno, esgueiraram-se pelo cordão, levando consigo lanternas e

uma caçadeira de dois canos roubada aos pais de alguém, andaram durante muito tempo, a medo, até chegarem à estação do Jardim Botânico. Foi assustador mas interessante. À luz das lanternas, puderam ver por todo o lado vestígios das habitações humanas: cinzas, livros chamuscados, brinquedos partidos, roupas rasgadas... Às vezes, apareciam ratos, fugazmente, e faziam-se ouvir sons estranhos e atroadores vindos do túnel do Norte. Um dos amigos de Artyom – ele já nem se lembrava de quem fora mas talvez tivesse sido Zhenya, o mais enérgico e o mais curioso dos três – perguntou: "E se tentássemos deitar abaixo a barreira e subir à superfície, pelas escadas rolantes, só para vermos como é? E o que há lá em cima!?"

Artyom disse, de imediato, que era contra. Os relatos mais recentes que o padrasto lhe fizera, sobre as pessoas que haviam passado mais tempo à superfície, ainda estavam frescos na sua memória e incluíam o modo como essas pessoas haviam adoecido e o tipo de horrores que por vezes se avistavam lá em cima. Mas os seus dois amigos defenderam, logo, que era uma oportunidade única. Quando é que o conseguiriam fazer, sem adultos, numa estação abandonada como aquela em que nesse momento se encontravam? Agora, também dispunham da possibilidade de subirem à superfície e de verem – de verem com os seus próprios olhos – o que é ter só o céu por cima da cabeça. E, abandonando toda a esperança de o poderem convencer, declararam que ele era tão cobarde que ficaria sentado à espera deles. A ideia de ficar sozinho numa estação abandonada e, acima de tudo, de manchar a sua reputação aos olhos dos seus dois melhores amigos, foi completamente insuportável para Artyom. Reunindo toda a sua coragem, disse que sim, que estava de acordo.

Para surpresa de todos, o mecanismo que accionava a barreira entre o cais e a escada rolante ainda trabalhava. E foi o próprio Artyom que conseguiu pô-lo a funcionar, depois de meia hora de tentativas desesperadas. A cortina de ferro ferrugento deslizou para o lado, com uma chiadeira desagradável, revelando aos olhos dos três rapazes a curta escada rolante, que os levaria ao exterior. Alguns dos degraus tinham-se ido abaixo e, por entre as aberturas enormes e com a ajuda das lanternas, puderam ver as peças gigantescas imóveis desde há vários anos, corroídas pela ferrugem e cobertas de qualquer coisa acastanhada que até parecia mover-se quase

imperceptivelmente. Não lhes foi fácil arranjarem maneira de subir. Foram várias as vezes em que os degraus onde se apoiavam cederam sob os seus passos, afundando-se no abismo com ruídos estridentes, enquanto os rapazes conseguiam escapar ao vazio, agarrando-se ao que restava das velhas armações dos candeeiros do Metro. O caminho até à superfície não era longo mas a determinação com que haviam partido começou a evaporar-se com o primeiro desmoronamento e, para elevarem os ânimos, imaginaram-se saqueadores.

Saqueadores...

A palavra, que chegara a soar como uma palavra estranha no mundo das estações subterrâneas, afirmara-se e ganhara raízes. De início, a designação aplicara-se às pessoas cuja pobreza as empurrava para as carreiras de tiro militares já abandonadas, onde desmantelavam mísseis e bombas por explodir, vendendo as partes de ligas metálicas aos mercadores de metais não ferrosos. E também se aplicava às pessoas estranhas que, em tempos de paz, emergiam dos esgotos.

O seu significado tivera sempre um elemento em comum: uma actividade muito arriscada que implicava invariavelmente um confronto com o que era desconhecido, misterioso e sinistro... Quem sabia o que poderia acontecer nessas terras abandonadas, onde o solo radioactivo, desfigurado por milhares de explosões e atravessado por trincheiras e minado de catacumbas, fazia aparecer coisas monstruosas? E só se podia adivinhar o que viveria nos esgotos de uma metrópole cheia de gente depois de os seus construtores terem selado para serem os corredores sombrios, estreitos e malcheirosos do seu subsolo.

No Metro, os exploradores mais ousados que arranjavam coragem para se aventurar na superfície também se tornaram conhecidos por saqueadores. Subiam à superfície com fatos protectores, máscaras anti-gás com vidros foscos e muito bem armados, em busca do que fazia falta a toda a gente: equipamento e provisões militares, peças sobresselentes, combustível... Havia centenas de homens que ousavam correr esse risco. E contavam-se pelos dedos das mãos os que regressavam vivos e que, por isso, valiam o seu peso em ouro. Eram ainda mais apreciados do que os antigos empregados do Metro. Porque, lá em cima, esperavam-nos toda a espécie de perigos: das

radiações às mais monstruosas criaturas que elas haviam gerado. A vida que continuava a existir à superfície já não estava de acordo com a concepção habitual que os seres humanos dela faziam.

Cada saqueador tornava-se uma lenda viva, um semi-deus, encarado por todos, novos e velhos, com um espanto extasiado. Num mundo onde já não havia horizontes alcançáveis pelo voo ou pela navegação marítima e onde as palavras "piloto" e "marinheiro" se tornavam obsoletas e sem sentido, as crianças desejavam ser saqueadoras. Para poderem destacar-se, com armaduras brilhantes e acompanhadas por olhares generalizados de adoração e de gratidão, subindo à superfície, a caminho do reino dos deuses, prontas a enfrentar os monstros e a trazer consigo para o subsolo combustível, provisões militares, luz e fogo. Ou seja: a vida.

Artyom, o seu amigo Zhenya e Vitalik, o Resmungão, queriam ser saqueadores. E, forçando-se a subir pela escada rolante, horrível, barulhenta e com os degraus a desfazer-se, imaginaram-se a envergar fatos protectores, transportando consigo monitores de radiação e enormes metralhadoras prontas a disparar, à imagem dos saqueadores. Mas, na realidade, não tinham monitores de radiação nem qualquer elemento protector. O único objecto que transportavam era a antiga espingarda de dois canos que talvez já nem disparasse...

A subida não demorou muito tempo e acabaram por achar-se a um passo da superfície. Era noite, felizmente. Não fosse esse o caso e teriam ficado cegos. Os olhos dos três rapazes, já habituados à escuridão e à luz avermelhada das fogueiras e das lâmpadas de emergência durante os muitos anos de vida no subsolo, não teriam suportado o brilho do dia. Cegos e indefesos, dificilmente voltariam a encontrar o caminho de regresso.

A entrada da estação do Jardim Botânico estava quase destruída. Metade do telhado já se desmoronara e, pelo buraco que ficara aberto, podia ver-se a poeira radioactiva do céu azul-escuro de Verão, já limpo de nuvens e cheio de estrelas. Mas o que era um céu estrelado para uma criança que nem conseguia imaginar que não precisava de estar sempre debaixo de um tecto? E que, ao erguer o olhar, não teria sempre de ver coberturas de cimento e redes apodrecidas de fios e de canos, podendo deixar os olhos perder-se numa imensidão azul-escura que se abriria diante de si? Que impressão isso

não faria! E as estrelas? Poderia alguém, que nunca tivesse visto as estrelas, imaginar o que é o infinito quando, muito possivelmente, este conceito há-de ter aparecido entre os humanos por ter sido inspirado pela vastidão nocturna do céu? Milhões de estrelas brilhantes, de pregos de prata cravados numa abóbada de veludo azul-escuro...

Os rapazes ficaram imóveis, durante três, cinco, dez minutos, incapazes de dizer uma palavra que fosse. Não se teriam mexido e de manhã seriam cozidos vivos pela luz, se não tivessem ouvido, muito perto deles, um uivo capaz de fazer gelar o sangue. Recuperando o uso dos sentidos, apressaram-se a regressar à escada rolante e desceram o mais depressa que as suas pernas lhes permitiam, já desinteressados dos cuidados que deviam ter e arriscando-se, a cada passo, a mergulhar nos mecanismos cheios de dentes afiados. Amparando-se e ajudando-se mutuamente, conseguiram fazer a viagem de regresso em poucos segundos.

Deslizando pelos últimos dez degraus, tendo perdido a espingarda de dois canos pelo caminho, atiraram-se, de imediato, ao painel de controlo da barreira. Mas, raios!, a velha cortina, já ferrugenta, ficara colada e não conseguia voltar à sua posição anterior. Meio mortos de medo perante a possibilidade de os monstros da superfície os perseguirem, os rapazes correram para o cordão do Norte, na sua tentativa de regressarem a casa.

Lembrando-se, no entanto, de que pareciam ter feito uma coisa muito má e de que haviam deixado abertas aos mutantes as portas herméticas, tal como o caminho que os conduziria ao Metro e às pessoas, ainda arranjaram tempo para se porem de acordo em manterem os lábios bem fechados e para não dizerem a nenhum adulto onde tinham estado. No cordão, disseram apenas que haviam saído por um túnel lateral para caçar ratos e que, tendo perdido a arma que levavam, se assustaram e optaram por voltar.

Artyom, é claro, teve de enfrentar a fúria do padrasto. O traseiro ficou a doer-lhe por muito tempo, depois do castigo que lhe foi aplicado pelo cinto militar do seu pai adoptivo, mas Artyom aguentou-se com a coragem de um resistente feito refém e não traiu o segredo militar dos seus companheiros. E os seus companheiros também se mantiveram silenciosos.

E toda a gente acreditou neles.

Mas agora, ao pensar na escapadela, Artyom sentia-se cada vez mais

mergulhado num reflexão profunda. A viagem que haviam feito e, mais importante do que isso, a barreira que ficara aberta teriam alguma coisa a ver com os assaltos dos monstros aos cordões de defesa que se repetiam há tantos anos?

Cumprimentando as pessoas com quem se cruzava, parando aqui e ali para saber notícias, apertar a mão a um amigo, beijar a face de uma rapariga conhecida e contar às gerações mais velhas os assuntos de que se ocupava o padrasto, Artyom chegou a casa mais tarde do que esperava. Não estava mais ninguém e Artyom decidiu não esperar pelo padrasto e deitar-se. Um turno de guarda de oito horas era suficiente para deitar abaixo qualquer um. Descalçou as botas, tirou o blusão e assentou o rosto na almofada. O sono não o fez esperar.

A aba da tenda ergueu-se e uma figura enorme deslizou, sem ruído, para o interior, mantendo o rosto invisível. A única coisa visível era o brilho agoirento de um crânio de pele suave, que reflectia as luzes vermelhas de emergência. E uma voz abafada fez-se ouvir: "Voltamos a encontrar-nos. Pelo que vejo, o teu padrasto não se encontra aqui. Não tem importância. Encontrá-lo-emos. Mais tarde ou mais cedo. Ele não se escapará. Por agora, tens tu de vir comigo. Há uma coisa de que devemos falar. Da barreira do Jardim Botânico, por exemplo."

Paralisado, Artyom reconheceu o homem que encontrara no cordão, nesse dia, o que se apresentara como Caçador.

O homem aproximou-se, devagar e sem ruído, mas, mesmo assim, o rosto não ficou visível. Por qualquer motivo que não percebia, a luz estava a iluminar a cena de uma maneira estranha. Artyom quis pedir socorro mas uma mão poderosa, tão fria como a mão da morte, fechou-se-lhe sobre a boca. Por fim, conseguiu deitar a mão a uma lanterna, ligá-la e iluminar a face do homem. E o que viu tornou-o impotente, por instantes, e encheu-o de terror: o que estava à sua frente não era um rosto humano mas um horrendo focinho preto com dois olhos enormes, vazios e completamente escuros, e uma bocarra escancarada.

Artyom deu um salto e precipitou-se para fora da tenda. As luzes apagaram-se de repente e a estação mergulhou no escuro. Só se viam os reflexos débeis de uma pequena fogueira ao longe. Sem parar para pensar,

Artyom começou a correr nessa direcção, procurando a luz. O monstro saltou atrás dele, rugindo: "Pára! Não tens para onde fugir!" E soltava gargalhadas de estarrecer, roucas como rugidos, que rapidamente se transformaram em uivos mais próprios de cemitérios.

Artyom continuou a correr, sem se voltar para trás, a ouvir os passos dados pelas botas pesadas atrás dele, num ritmo nada apressado, como se o seu perseguidor soubesse que ele não tinha para onde fugir e que viria a ser apanhado mais cedo ou mais tarde.

Ao aproximar-se da fogueira, Artyom viu uma figura aí sentada, de costas voltadas para ele. Ia tocar no ombro dessa pessoa, e pedir-lhe ajuda, mas a figura caiu para trás e tornou-se óbvio que essa pessoa já estava morta há bastante tempo, tendo o rosto coberto com geada. O rosto, reconheceu Artyom, era do Tia Sasha, o seu padrasto.

– Eh, Artyom! Isso é que foi dormir! – ressoou a voz de Sukhoi. – Vá, levanta-te! Estás a dormir profundamente há sete horas, dorminhoco! E nós temos uma visita, que está a chegar!

Artyom sentou-se na cama e olhou para ele, atónito.

– Oh, Tio Sasha... Está tudo bem contigo? – perguntou, finalmente, depois de estar a piscar os olhos durante um minuto. E teve dificuldade em vencer a tentação de lhe perguntar se ele estava vivo e não apenas pelo facto de o ter à sua frente.

– Sim, como podes ver! Vamos, vamos, levanta-te, não vale a pena estares aí a fazer ronha. Quero apresenta-te ao meu amigo – disse Sukhoi. Artyom ouviu uma voz abafada, que conhecia, e sentiu-se coberto de suores frios, lembrando-se do seu recente pesadelo.

– Então, já se conhecem?! – disse Sukhoi, surpreendido. – Bem, Artyom, és perspicaz!

O visitante entrou na tenda, finalmente. Artyom estremeceu e ficou encostado à parede – era o Caçador. Recordou-se do pesadelo: o troar das botas pesadas atrás de si, o cadáver hirto sentado junto à fogueira...

– Sim, já nos conhecemos – conseguiu responder o jovem, estendendo uma mão relutante ao recém-chegado. A mão do Caçador estava quente e seca e Artyom começou, lentamente, a convencer-se de que tudo fora um sonho e de que nada havia de sinistro neste homem, cabendo a culpa à sua própria

imaginação que, excitada pelo medo depois de oito horas passadas no cordão, começara a brincar com os seus sonhos.

– Olha, Artyom, faz-nos um favor! Põe água a ferver para o chá. Já bebeste do nosso chá? – perguntou Sukhoi ao visitante, piscando-lhe um olho. – É uma poção venenosa!

– Já o conheço – respondeu o Caçador, acenando afirmativamente com a cabeça. – É um bom chá. Também o fazem em Pechatniki. Mas aí é lavadura para porcos. Aqui é outra coisa.

Artyom foi buscar água e dirigiu-se, depois, ao fogo comunitário para a pôr a ferver. Era estritamente proibido fazer lume dentro das tendas. Já tinham ardido algumas estações por causa disso, antes da proibição.

Durante o caminho pensou em Pechatniki. A estação ficava no lado oposto da rede do Metro e quem sabe o tempo que demoraria ir até aí, quantos transbordos e quantas travessias seria necessário fazer e por quantas estações seria necessário passar, sendo às vezes obrigatório mentir, lutar, procurar ligações pessoais que facilitassem a passagem... E este tipo a dizer, desinteressadamente, "Também o fazem em Pechatniki..." Sem dúvida que era uma personagem interessante, apesar de parecer um pouco assustador. O aperto de mão era muito forte e Artyom também não era débil... e estava sempre desejoso de comparar forças por meio de um aperto de mão.

Depois de ter a água a ferver, Artyom regressou à tenda. O Caçador já tinha tirado a gabardina, vestia uma camisola preta de gola alta, revelando um pescoço grosso e um corpo robusto, e calças militares, bem apertadas com um cinto de oficial. Por cima da camisola, usava um colete com diversos bolsos e um coldre por baixo do braço, com uma gigantesca pistola de metal bem polido. Mais de perto, Artyom identificou-a como uma **dÓqotzu** [14], com um silenciador comprido e um outro dispositivo que parecia uma mira telescópica a laser. Um monstro destes custava uma fortuna. E certamente não era, como notou Artyom de imediato, uma arma de defesa. Aliás, lembrou-se, o Caçador apresentara-se como "alguém que caça".

– Artyom, serve chá ao nosso visitante. E tu senta-te, Caçador! Diz-nos como vais! – Sukhoi estava obviamente excitado. – Só o Diabo sabe quanto tempo já passou desde que te vi pela última vez!

– Já te falarei de mim, daqui a pouco. Não há muito a dizer. Mas passam-se algumas coisas estranhas com vocês, segundo me dizem. Andam por aí duendes. Vindos do Norte. Já ouvi hoje contos de fadas, enquanto estive com a patrulha. Que se passa? – O Caçador falava por meio de frases curtas, entrecortadas.

– É a morte, Caçador – respondeu Sukhoi, com um semblante repentinamente sombrio. – É a nossa morte que nos vem visitar, vinda do futuro. Está a tentar aproximar-se, de mansinho. É o que é.

– Porquê a morte? Ouvi dizer que os tinham conseguido esmagar com êxito. Que eles estavam desarmados. Então? De onde vêm e o que são? Nunca ouvi nada de parecido com isto em nenhuma das outras estações. Nunca. E isso significa que não está a acontecer em mais sítio nenhum. Quero saber o que se passa. Sinto que nos ameaça um perigo bem grande. E quero conhecer o nível desse perigo, quero conhecer a sua natureza. É por isso que aqui estou.

– O perigo deve ser eliminado, certo, Caçador? Ainda és um **oÁâ nÁç**, Caçador. E poderá, na realidade, ser eliminado o perigo? – Sukhoi fez um sorriso triste. – A questão fundamental é essa. Tudo aqui é muito mais complexo do que te parece. Bastante mais complexo. Isto não são só **éÁº nuqÉ** e cadáveres a andar num ecrã de cinema. Aí, é tudo demasiado simples: basta carregar um revólver com duas balas de prata – Sukhoi juntou as duas mãos à frente do corpo, como se estivesse a apontar uma pistola – e bang, bang! E as forças do mal foram destruídas. Mas, aqui, as coisas são diferentes. E assustadoras... E, como tu bem sabes, é difícil eu assustar-me.

– E estás realmente assustado? – perguntou o Caçador, surpreendido.

– A arma principal deles é o terror. As pessoas já têm dificuldade em manter as suas posições. E já dormem com metralhadoras, com **f éuÉ**.. e eles atacam desarmados. E toda a gente sabe que há uma enorme quantidade deles que vai atacar-nos e que agora são diferentes e as pessoas já quase fogem deles, horrorizadas... Aqui entre nós, até já houve algumas que enlouqueceram. E isto já não é só medo, Caçador! – Sukhoi baixou a voz. – Isto... Nem sei como hei-de explicar-te, em termos simples... Cada vez é mais forte. E estão a entrar nas nossas cabeças, de alguma maneira... E parece-me

que o estão a fazer de propósito. Podemos senti-los de longe e a sensação torna-se cada vez mais forte e a agitação a que dão origem é tamanha que os joelhos começam a tremer. E ainda não se pode ouvir nada, nem ver, mas já sabemos que estão a aproximar-se, cada vez mais, cada vez mais... Ouve-se depois um uivo e só queremos fugir... Mas já estão mais perto... e nós começamos a estremecer. E, depois, podemos vê-los a andar de olhos bem abertos em direcção aos holofotes...

Artyom sentiu um calafrio e estremeceu. Parecia, afinal, que não era ele o único atormentado pelos pesadelos. Habitualmente, tentava não falar a ninguém no assunto. Receava que o tomassem por cobarde ou por louco.

– Estão a tolher-nos as mentes, esses répteis! – prosseguiu Sukhoi. – E, sabes?, é como se estivessem a ajustar-se ao nosso comprimento de onda e, quando voltarem a atacar-nos, vamos senti-los com intensidade ainda maior e estaremos ainda mais assustados. E isto já não é só medo, garanto-te.

Sukhoi calou-se. O Caçador continuou sentado, imóvel, a observá-lo e, aparentemente, a pensar no que acabara de ouvir. Depois, bebeu uma grande quantidade de chá quente e disse, numa voz pausada e sossegada:

– Isto é uma ameaça generalizada, Sukhoi. Para a porcaria do Metro, no seu conjunto, e não apenas para a tua estação.

Sukhoi manteve-se calado, como se não quisesse dar-lhe resposta, mas, de repente, explodiu:

– A todo o Metro, dizes tu?! Não, não é só ao Metro. Isto é uma ameaça ao progresso da própria humanidade, que já arranjou um problema bem grande graças ao seu próprio progresso. É tempo de pagarmos! É uma batalha entre espécies, Caçador, uma batalha entre espécies! E os pretos não são espíritos malignos nem são demónios saídos dos túmulos. Isto é o Homo Novus, a fase seguinte da evolução, uma espécie melhor adaptada ao ambiente do que nós. O futuro é deles, Caçador! Talvez o Homo Sapiens demore mais algumas décadas a apodrecer por completo, talvez cinquenta anos, nestes buracos infernais que escavámos para nós próprios quando havia bastante sustento mas nem todos conseguiam viver acima do solo. E foi por isso que os mais pobres foram empurrados para o subsolo durante o dia. Vamos ficar tão pálidos e tão doentes como os Morlocks de Wells. Lembras-te deles? De **H U ÃÚu m pÁ e qº ÂÁG**Dos monstros do futuro que

viviam no subsolo? Também já tinham sido Homo Sapiens. É claro que nós estamos optimistas... não queremos morrer! Cultivaremos os cogumelos com o nosso próprio esterco e o porco tornar-se-á o melhor amigo do homem, como se diz, e o nosso parceiro de sobrevivência. E engoliremos as multivitaminas, que os nossos antepassados prepararam às toneladas, com um apetite furioso. Iremos sorrateiramente à superfície roubar mais uma lata de petróleo, mais alguns trapos e, se tivermos realmente sorte, mais um punhado de balas e tudo o mais depressa que pudermos... para regressarmos, também tão depressa quanto pudermos, aos nossos buracos sufocantes, e olhar disfarçadamente em redor como se fôssemos ladrões, para verificarmos se alguém deu pelo que fizemos. Porque já não nos sentimos em casa lá em cima, à superfície. O mundo já não nos pertence, Caçador... O mundo já não nos pertence.

Sukhoi voltou a calar-se, olhando para o vapor que se erguia lentamente da sua caneca de chá e que estava a condensar-se no ambiente crepuscular da tenda. O Caçador não lhe respondeu e Artyom percebeu, de repente, que nunca ouvira o padrasto dizer palavras como as que agora lhe ouvira. Nada restava da sua antiga confiança no facto de que tudo correria necessariamente bem, nem do seu "Não entres em pânico, vamos ultrapassar isto!". Nem das suas piscadelas de olho encorajadoras. Seria só teatro, tudo isso?

– Não tens nada a dizer, Caçador? Nada? Vá, contradiz-me! Onde estão os teus argumentos? Que é feito do teu optimismo? Quando falámos pela última vez, tinhas a certeza de que os níveis de radiação baixariam e de que as pessoas regressariam de novo à superfície. Eh, Caçador... "O sol nascerá sobre as árvores, mas não só para mim..." – Sukhoi começou a cantar, numa voz provocatória. – "Agarraremos a vida com os nossos dentes, segurá-la-emos com toda a nossa força"... mas que teriam dito os filósofos e confirmado os seus seguidores se não houvesse nada a que pudéssemos agarrar-nos[15]? Tu não queres acreditar, e não podes acreditar, mas lá no fundo da tua alma sabes que é assim... Mas, também, nós gostamos disto, Caçador, não gostamos? Tu e eu, ambos amamos a vida! Andaremos a rastejar aqui pelo subsolo, a dormir abraçados aos porcos e a comer ratos, mas sobreviveremos. Certo? Acorda, Caçador! Ninguém escreverá um livro

sobre ti com o título **P uÉÓçmpq Úº g qÇpmpquÇÁ P Áº qº** [16]. Ninguém cantará a vontade que tens de viver nem o teu instinto hipertrófico de auto-preservação... Quanto mais tempo viverás a alimentar-te de cogumelos, de multivitaminas e de carne de porco? Rende-te, Homo Sapiens! Já não és o rei da Natureza! Foste destronado! É claro que não tens de morrer instantaneamente, ninguém insistirá nisso. Arrasta-te pelo subsolo durante mais um pouco, em agonia, a sufocares nos teus próprios excrementos... Mas fica a saber isto, Homo Sapiens: estás obsoleto! A evolução, cujas leis já compreendeste, criou uma nova derivação e tu já não és a etapa final, a coroa da criação. És um dinossauro. Agora tens de te afastar, para dares lugar a uma espécie nova e mais perfeita. Não precisas de ser egoísta. O jogo já terminou e tens de deixar jogar os outros. E o teu tempo acabou. Foste extinto. Deixa as futuras gerações darem cabo da cabeça a pensar no motivo da extinção do Homo Sapiens. Duvido, no entanto, de que possa haver alguém interessado...

O Caçador, que esteve a examinar as unhas durante este monólogo, levantou os olhos para Sukhoi e disse, com uma expressão muito séria:

– Desististe realmente de tudo, desde que nos vimos pela última vez. Lembro-me de que me tinhas estado a dizer que se preservássemos a cultura, se não nos tornássemos amargos, se não deixássemos de usar a língua russa correctamente, se os nossos filhos aprendessem a ler e a escrever... então tudo estaria bem e sobreviveríamos aqui em baixo... Não foste tu que o disseste? Ou foi outra pessoa? Agora... Olha para ti... "Rende-te, Homo Sapiens"?!... Mas que raio é isso?!

– Pois, mas eu só me limitei a chegar a algumas conclusões, Caçador. Senti uma coisa que tu ainda não sentiste e que talvez nunca sintas: que somos dinossauros e que estamos a viver os últimos dias da nossa vida... Pode demorar ainda dez ou mesmo duzentos anos... mas, de qualquer modo...

– A resistência é inútil, certo? – sugeriu o Caçador, num tom de voz crítico. – Onde queres chegar?

Sukhoi, calado, baixou os olhos. O que acabara de dizer custara-lhe muito. Nunca confessara a sua fraqueza a ninguém nem dissera uma coisa assim a um velho amigo. E o pior de tudo era tê-lo feito à frente de Artyom. Era-lhe doloroso ter de desfraldar a bandeira branca.

– Mas não! Não quiseste esperar! – disse o Caçador, lentamente, pondo-se em pé, a toda a sua altura. – E eles também não! Falaste em novas espécies? Evolução? Extinção inevitável? Esterco? Porcos? Vitaminas? Ainda não cheguei a esse ponto. E também não tenho medo. Compreendes? Não estou a levantar a mão para servir de voluntário. O instinto da auto-preservação? Chama-lhe isso, se queres. E sim, enterrarei os meus dentes na vida. Que se foda a tua evolução. Deixa que as outras espécies fiquem à espera de vez. Eu não sou um cabrito a caminho do matadouro. Estás a pregar-me um sermão destes porquê? Se não o fizeres sozinho, se tiveres necessidade de o fazeres colectivamente, já não ficarás tão envergonhado? Ou o inimigo prometeu-te um prato de cereais quentes por cada pessoa que lhes levares, aprisionada? O meu combate é inútil? Dizes que estamos à beira do abismo? Pois olha: escarro no teu abismo. Se achas que o teu lugar é no fundo do abismo, então respira fundo e toca a marchar lá para dentro! Mas eu não vou. Se o homem racional, o Homo Sapiens refinado e civilizado decidir capitular... eu recusar-me-ei a ser considerado um de vocês e preferirei passar a ser um animal. E, como um animal, ferrarei os dentes na vida e roerei as gargantas dos outros para poder sobreviver. E sobreviverei. Percebes? Sobreviverei!

O Caçador sentou-se e, calmamente, pediu mais chá a Artyom. O próprio Sukhoi levantou-se, sem dizer nada, para ir encher e aquecer a chaleira, com uma expressão sombria. Artyom ficou sozinho na tenda com o Caçador. As últimas palavras deste soavam a desprezo. E a sua confiança maliciosa de que sobreviveria acenderam uma fogueira no coração de Artyom. Ficou, durante muito tempo, a pensar se devia dizer alguma coisa. E o Caçador acabou por se voltar para ele e perguntar:

–E tu, meu amigo, que pensas? Diz-me, não sejas tímido... Também te queres transformar em vegetação? Como um dinossauro? Queres ficar sentado em cima das tuas coisas e esperar por alguém que te venha buscar? Conheces a parábola da rã que estava nas natas? Duas rãs aterraram num balde com natas. Uma delas, a pensar racionalmente, compreendeu de imediato que não valia a pena resistir e que não se pode iludir o destino. E se houvesse uma vida depois da morte? De que serviria andar a saltar de um lado para o outro, a alimentar esperanças em vão? Cruzou as pernas e deixou-se afundar. A segunda, que era parva, talvez fosse ateia. E começou

aos saltos. Pareceria que ela não teria um motivo para andar aos saltos se tudo já estava predestinado. Mas continuou a saltar e a saltar... E tanto saltou que bateu as natas e estas se transformarem em manteiga. E a rã já conseguiu rastejar por cima da manteiga e chegar à borda do balde. Com o que estamos a fazer, honramos a memória da amiga desta segunda rã, eternamente condenada em nome do progresso e do pensamento racional.

– Quem é você? – aventurou-se finalmente Artyom a perguntar.

– Eu?! Já sabes quem eu sou. O que caça.

– Mas que significa isso? "O que caça"... Que faz? Só caça?

– Como posso explicar-te? Sabes o que compõe o corpo humano? É feito de milhões de células minúsculas. Algumas emitem sinais eléctricos, outras armazenam informações, outras alimentam-se dos nutrientes, outras transferem o oxigénio. Mas todas elas, mesmo as mais importantes entre elas, morreriam no período de um dia e o próprio organismo morreria também, se não fossem as células responsáveis pela imunidade. São os macrófagos. Elas trabalham metodicamente com a regularidade de um relógio ou de um metrónomo. Quando uma infecção entra no organismo, elas localizam-na, perseguem-na até descobrirem onde está escondida e, mais cedo ou mais tarde, aproximam-se dela e... – O Caçador fez um gesto com as mãos, como se estivesse a torcer o pescoço a alguém, emitindo um ruído desagradável que parecia de ossos a serem esmagados. – Liquidam-na!

– Mas que tem isso a ver com o seu trabalho?

– Imagina que o Metro é um organismo humano. Um organismo complexo, composto por cerca de quarenta mil células. Eu sou o macrófago. O caçador. O meu trabalho é este. Qualquer perigo que seja suficientemente grave, a ponto de poder ameaçar todo o organismo, deve ser liquidado. É isso que eu faço.

Sukhoi regressou, finalmente, com a chaleira e verteu o líquido fervente nas canecas. Tinha, obviamente, estado a pensar entretanto e, voltando-se para o Caçador, perguntou:

– Vais, então, ocupar-te da liquidação da origem do perigo, **oÁâ nÁçG**Vais caçar e abater todos os pretos? Isso dificilmente servirá para alguma coisa. Nada há que possa ser feito, Caçador. Nada.

– Há sempre uma última opção: o último recurso. Destruir o túnel do

Norte. Fazê-lo desmoronar-se por completo. Bloquear todo o contacto com essa tua nova espécie. Deixá-los procriar lá em cima e obrigá-los a deixarem-nos em paz, como se fôssemos apenas toupeiras. O subsolo passa a ser o nosso habitat natural.

– Vou dizer-te uma coisa interessante. E só algumas pessoas é que sabem disto, aqui na estação. Um dos túneis já foi destruído. Mas, por cima de nós, por cima do túnel do Norte, há uma corrente de água na superfície. Quando fizeram explodir o segundo túnel do Norte, ficámos quase submersos. Se a explosão tivesse sido um pouco mais forte... adeus, querida VDNKh. Portanto, se fizermos rebentar o túnel do Norte que ainda resta, ficaremos debaixo de água. Submersos num caldo radioactivo. E isso será o fim, e não apenas para nós. É aí que reside o perigo principal para todo o Metro. Se dermos início a uma batalha entre espécies, agora e desta maneira, será a nossa espécie a derrotada. Como no xadrez: xeque ao rei.

– E a porta estanque? Ela pode ser sempre fechada nesse túnel, não é verdade? – perguntou o Caçador.

– A porta estanque já foi desmantelada por alguns tipos espertos há uns quinze anos, tal como as restantes portas das linhas, que aproveitaram o material para fortificar uma das estações. Já ninguém se lembra de qual. Mas tu sabes disso, não? Vês? Xeque ao rei. Outra vez.

– Diz-me: eles aumentaram a pressão, mais recentemente? – O Caçador pareceu estar a ceder aos argumentos de Sukhoi, mudando o rumo da conversa.

– E de que maneira! É difícil acreditar que, até há pouco tempo, nós nem sabíamos da existência deles. E, agora, aí estão: uma ameaça das grandes. E acredita no que te digo: já se aproxima o dia em que nos derrotarão, apesar de todas as nossas fortificações, dos nossos holofotes e das nossas metralhadoras. É impossível mobilizar o Metro todo para defender uma estação que não serve para nada... É certo que fazemos um chá bastante bom mas é pouco provável que alguém arrisque a vida por um chá tão excelente como o nosso. No limite, teremos sempre a concorrência da estação de Pechatniki... Xeque ao rei, outra vez! – Sukhoi sorriu, com uma expressão de tristeza. – Ninguém precisa de nós. E nós não seremos capazes, sozinhos, de oferecer resistência. Não podemos fazer explodir o túnel e

bloqueá-los. E também não temos os meios para irmos à superfície destruí-los, por motivos óbvios... Xeque-mate. Xeque-mate para ti, Caçador! E xeque-mate também para mim. Xeque-mate a todos nós, no futuro mais próximo, se percebes o que estou a dizer. – O sorriso de Sukhoi era amargo.

– Veremos – contrapôs o Caçador, secamente. – Veremos.

Deixaram-se ficar sentados mais algum tempo, a discutir outros assuntos. Artyom não conhecia muitos dos nomes a que se referiam. Ouviu falar em acontecimentos que não conhecia. De vez em quando, discutiam sobre qualquer coisa de que Artyom também pouco percebia. Era uma conversa que se mantinha há vários anos, cuja importância diminuía quando não passavam algum tempo sem se verem e que se reacendia quando voltavam a encontrar-se.

Finalmente, o Caçador pôs-se em pé e disse que tinha de ir deitar-se porque, ao contrário de Artyom, ainda não tinha pregado olho desde que regressara da patrulha. Despediu-se de Sukhoi mas, antes de desaparecer, voltou-se para Artyom e sussurrou-lhe:

– Vem cá fora por um minuto.

Artyom levantou-se de um salto e seguiu-o, sem prestar atenção ao olhar de surpresa no rosto do padrasto. O Caçador já estava à sua espera no exterior, a abotoar silenciosamente a gabardina e a levantar o ferrolho para abrir o portão.

– Vamos? – sugeriu, passando para o cais, num movimento rápido, a caminho da tenda reservada aos visitantes, onde estava alojado. Artyom acompanhou-o, hesitante, tentando adivinhar o que o homem quereria tratar com ele, que não passava de um rapaz, que nada fizera ainda de significativo ou de útil.

– Que achas do meu trabalho? – perguntou o Caçador.

– É porreiro... Quer dizer, se não fosse você... Bem, e os outros como você... Se há mais pessoas assim... Então já teríamos, há muito tempo... – murmurou Artyom, sentindo-se pouco confortável.

Sentiu a língua presa e com muito calor, de repente. Quando alguém como o Caçador lhe prestava atenção e lhe queria dizer alguma coisa, pedindo-lhe para o acompanhar, para falar com ele a sós e sem a presença do padrasto, Artyom não conseguia deixar de corar como uma virgem e de ficar aflito,

não podendo fazer mais do que balir como um cordeiro.

– Achas bem este trabalho? Bem, quando as pessoas acham bem, isso significa que não vale a pena estar a dar ouvidos aos derrotistas que vivem entre nós. – O Caçador sorriu. – O teu padrasto está a ser cobarde, é só isso. No entanto, ele é um homem corajoso. Ou já foi, em tempos. Está a acontecer uma coisa horrível, Artyom. Que não podemos permitir que continue a acontecer. O teu padrasto até tem razão: estas criaturas não são os duendes que vimos em dezenas de outras estações, não são vândalos, não são apenas degenerados. É qualquer coisa que é nova. E que é mais mortífera. Paira sobre nós uma atmosfera gelada. E um ambiente de morte. Estou aqui só há dois dias e já me sinto ameaçado pelo medo. E, segundo percebo, quanto mais se sabe sobre eles e mais se observam, mais forte se torna esse medo. Tu, por exemplo, já os viste muitas vezes?

– Só uma, até agora. Mas também só agora é que estou na patrulha do Norte – disse Artyom. – Mas, sou sincero, uma vez chegou. Desde essa altura que tenho pesadelos. Como hoje, por exemplo. E já foi há algum tempo que os vi!

– Pesadelos, dizes tu? Também? – O Caçador franziu o sobrolho. – De facto, não parece uma coincidência. E se eu viver aqui mais algum tempo, mais alguns meses, e acompanhar regularmente as patrulhas, não será de estranhar que também venha a ficar assim amargo... Não, meu rapaz. O teu padrasto está enganado. Não é ele que está a falar. Não é ele que está a pensar. Desistam, dizem eles, é inútil resistir. Ele é o porta-voz deles. E nem sabe que o é, muito possivelmente. E é natural, acho eu, que eles consigam assim penetrar na psique das pessoas. São demoníacos! Diz-me, Artyom – o Caçador voltou-se para ele e o rapaz percebeu que ia ouvir uma coisa importante –, tens algum segredo? Alguma coisa que não dirias a um dos habitantes da estação mas que poderias dizer a um visitante que está só de passagem, talvez?

– Bem... – Artyom hesitou e, para quem fosse mais capaz de perceber, era visível que havia um segredo.

– Eu também tenho um segredo. Podíamos trocá-los. Eu preciso de partilhar este segredo com alguém mas quero ter a certeza de que ninguém o conta, depois. É por isso que me podes contar o teu segredo... desde que não

seja uma parvoíce sobre uma rapariga, que seja uma coisa realmente séria, que mais ninguém deva saber. Isto é importante para mim. Muito importante. Compreendes?

Artyom hesitou. A curiosidade estava, naturalmente, a puxar por ele. Mas isso não o impedia de continuar a ter medo de contar o seu segredo a um homem com quem não só era interessante falar mas que parecia ser, também, alguém capaz de assassinar a sangue-frio e de ser capaz de tudo fazer para afastar qualquer obstáculo que lhe surgisse ao caminho. E se Artyom também tivesse sido responsável pela incursão dos pretos...

O Caçador fitou-o directamente nos olhos, com uma expressão tranquilizadora, dizendo-lhe:

– Nada tens a recear de mim! Garanto-te imunidade! – E piscou-lhe o olho, fraternalmente.

Estavam já junto à tenda reservada aos visitantes que tinha sido cedida ao Caçador para passar a noite, mas ficaram no exterior. Artyom pensou no assunto, mais uma vez, e tomou uma decisão. Inspirou mais profundamente e depois, de uma só vez, relatou a história da sua expedição ao Jardim Botânico. Ao terminar, o Caçador ficou silencioso durante algum tempo, a pensar no que acabara de ouvir. Depois, numa voz rouca, disse:

– Bem, em termos genéricos, tu e os teus amigos deviam ter sido mortos por causa do que fizeram, numa perspectiva de disciplina. No entanto, eu já te garanti imunidade. Mas ela não é extensível aos teus amigos...

Artyom sobressaltou-se e sentiu-se gelar de medo, ao mesmo tempo que as pernas lhe vacilavam. Nem conseguiu falar e esperou pelo veredicto em silêncio.

– Mas tendo em atenção a tua idade e a estupidez do que fizeram e também o facto de já não ser recente... estás perdoado. Tranquiliza-te. – E, para Artyom poder ficar mais sossegado, o Caçador piscou-lhe o olho, com uma expressão de maior segurança. – Mas é bom que saibas que os outros habitantes desta estação não te teriam mostrado qualquer misericórdia. Portanto, deste-me uma arma muito poderosa que pode ser usada contra ti. Agora, podes ouvir o meu segredo...

E, com Artyom já a arrepender-se de ter falado, o Caçador prosseguiu:

– Eu tive um motivo para atravessar toda a rede do Metro e vir a esta

estação. Não desisti da minha tarefa. O perigo tem de ser eliminado, como já me ouviste dizer hoje várias vezes. Tem de ser eliminado e será eliminado. É o que eu faço. O teu padrasto tem medo. Ele está a transformar-se, lentamente, num instrumento deles, tanto quanto consigo perceber. Está a opor-lhes resistência com uma relutância cada vez maior e está a tentar convencer-me a juntar-me a ele. Se essa história da corrente de água da superfície é verdade, então fazer explodir o túnel está fora de questão, naturalmente. Mas o teu relato serviu para me tornar clara uma coisa. Se os pretos só chegaram cá depois da tua expedição, então a origem deles é o Jardim Botânico. Há qualquer coisa a crescer aí que não está bem, se foi aí que eles nasceram... E isso significa que é possível bloqueá-los aí, mais perto da superfície. Sem o risco de libertar as águas que correm ao ar livre. Mas só o Diabo é que sabe o que está a acontecer aos setecentos metros, no fim do túnel do Norte. É aí que termina o nosso poder. E é aí que começa o poder das trevas. E é ele a forma mais generalizada de governo em toda a rede do Metro. E é para aí que eu vou. Ninguém o deve saber.

"Diz a Sukhoi que estive a fazer-te várias perguntas sobre as condições da estação, o que, de qualquer modo, é verdade. Não tens de explicar mais nada... Se tudo correr bem, eu explicarei tudo a quem tiver de saber. Mas pode acontecer que... – O Caçador fez uma pausa e observou Artyom, de mais perto. – ... Que eu não regresse. Se houver uma explosão, ou não, se eu não regressar antes da manhã seguinte, alguém deve contar o que me aconteceu e falar aos meus colegas nos demónios que estão a causar problemas no vosso túnel do Norte. Nesta estação, já me encontrei com todas as pessoas que conhecia, incluindo o teu padrasto. E eu sinto, e quase pude ver, que há uma espécie de verme, quase minúsculo, feito de dúvida e de terror, em acção nos cérebros de toda a gente que ficou exposta à influência deles. E eu não posso confiar em pessoas cujos cérebros estão a ser devorados por um verme desses. Preciso de uma pessoa saudável, cuja capacidade de raciocínio ainda não tenha sido assaltada por esses monstros. Preciso de ti, portanto."

– De mim? Mas como posso ajudá-lo?! – perguntou Artyom, surpreendido.

– Escuta-me. Se eu não regressar, terás de ir, e custe o que custar, ouves-me bem?!, à Pólis. E à estação de Kitay-Gorod. E procurar aí um homem

conhecido como Melnik. Conta-lhe tudo. E há mais: vou dar-te uma coisa que tu lhes darás, para comprovares que vais da minha parte. Entra por um momento.

O Caçador tirou o cadeado do fecho da tenda, levantou a aba e disse a Artyom para entrar.

Não havia muito espaço no interior, devido à enorme mochila camuflada e ao saco de viagem muito grande que estavam no solo. À luz da lanterna, Artyom viu o cano cintilante de uma arma no fundo da mochila que, pela aparência, seria uma metralhadora desmontável. Antes de o Caçador conseguir fechar a mochila, para ele não poder ver o que aí se encontrava, Artyom avistou ainda uma caixa metálica de cor preta baça, com carregadores de metralhadoras de um dos lados da arma e pequenas granadas verdes anti-pessoais no outro lado.

Sem se referir ao arsenal, o Caçador abriu o bolso lateral da mochila e retirou do interior uma pequena cápsula de metal, que já tinha sido o cartucho de uma bala de metralhadora. O lado onde devia encaixar uma bala estava torcido.

– É isto o que lhe vais levar. Não fiques à minha espera se, passados dois dias, eu não tiver voltado. E não tenhas medo. Vais encontrar em todo o lado pessoas que te ajudarão. É o que tens de fazer. Ficas a saber que tudo depende de ti. Não tenho de explicar-te isso, pois não? Portanto, aqui está. Deseja-me êxito e sai daqui. Tenho de dormir um pouco.

Artyom ainda conseguiu dizer adeus, apertando a mão ao Caçador antes de regressar à sua tenda, curvado ao peso da missão que lhe fora cometida.

13 N.T. – Mytischi
Cidade situada nos subúrbios de Moscovo, com cerca de 270 mil habitantes, onde se encontra a fábrica das carruagens de comboios para o Metro de Moscovo.

14 N.T. – **dÓot zu**
A pistola automática **dÓot zu** APB ("**HáÓº mÚot qÉz uç a uÉÓªqÓI qÉÉ Úº ı ç**", ou pistola automática com silenciador) foi adoptada pelo Exército soviético em 1951 e faz parte do equipamento das unidades especiais do Ministério dos Assuntos Internos russo, o MVD (Ministerstvo vnutrennikh de).

15 N.T. – "O sol nascerá sobre as árvores..."
Estrofe de Bremenskie Muzykanty, versão animada russa da autoria de Vasily Livanov de **ZÉU ÉuoÁÉ pmJ upmpq pq I Çqº qı** , dos Irmãos Grimm.

16 N.T. – **P uÉÓÇumpq Úº g qÇpmpquÇÁP Áº qº**
A mais famosa obra do escritor soviético Boris Nikolaevich Polevoi (1908-1981) sobre a odisseia do

aviador Alexei Maresyev, que conseguiu regressar à pátria depois de o seu avião ter sido abatido pelos alemães no Inverno de 1942. Edição portuguesa: Editorial Caminho, 1977.

SE EU NÃO REGRESSAR

Artyom teve a certeza de que seria sujeito a um contra-interrogatório pelo padrasto assim que voltasse para casa. O padrasto iria cair em cima dele, tentando descobrir qual teria sido o assunto da sua conversa com o Caçador. Mas, contrariamente ao que esperava, Sukhoi não estava à sua espera com instrumentos de tortura a postos, mas a ressonar num ambiente de paz – há vinte e quatro horas que não dormia.

Quanto a Artyom, por estar no turno da noite das patrulhas e por ter estado a dormir nesse dia, teria de voltar a trabalhar em novo turno nocturno mas, desta vez, na fábrica de chá.

As dezenas de anos passadas no subsolo, no meio de uma escuridão só entrecortada por zonas de luz avermelhada, faziam toda a gente perder o sentido do dia e da noite. A iluminação geral da estação era mais fraca no período nocturno, como acontecia nos comboios de antigamente para os passageiros poderem dormir, mas as luzes nunca se apagavam, a não ser que houvesse algum acidente. Embora ficasse mais adaptada ao escuro, devido aos anos de vida na escuridão, a visão humana continuava a não ser comparável à visão das outras criaturas que viviam nos túneis e nas passagens abandonadas.

A divisão entre "dia" e "noite" devia ter surgido, provavelmente, por hábito e não por necessidade. A "noite" tinha razão de ser porque a maioria dos habitantes da estação se sentia mais confortável com a ideia de toda a gente dormir ao mesmo tempo e de deixar o gado descansar num período em que se podia diminuir a intensidade das luzes e impor restrições ao ruído. O tempo dos habitantes da estação era regulado pelos dois relógios existentes sobre as entradas dos túneis nas duas extremidades. Os relógios eram objectos estrategicamente tão importantes como o armazém das armas, os filtros da água e o gerador eléctrico. Estavam sempre sob vigilância e os problemas que neles pudessem surgir eram de imediato

resolvidos, sendo severamente punidos quaisquer delinquentes que os pusessem em risco. Alguns já haviam sido condenados ao exílio.

Na estação vigorava um código penal que permitia à VDNKh julgar os criminosos em processos sumários e aplicar as penas existentes às situações extraordinárias antes de serem estabelecidas novas regras. Todas as acções levadas a efeito contra os objectos estratégicos eram punidas com a maior severidade. Quem fumasse ou acendesse fogueiras nas plataformas e quem manejasse descuidadamente as armas e os explosivos seria de imediato expulso da estação e os seus bens seriam confiscados.

Estas medidas draconianas podiam ser explicadas pelo facto de diversas estações terem sido completamente destruídas pelo fogo. As chamas alastravam instantaneamente pelas pequenas cidades de tendas, devorando tudo à sua passagem, e os gritos desvairados de dor mantinham-se, meses a fio, nos ouvidos e na memória dos habitantes das estações vizinhas. Os corpos carbonizados, colados aos plásticos e às lonas derretidas, e os conjuntos de dentes, estalados pelo inconcebível calor das chamas, apareciam mais tarde à luz das lanternas dos mercadores assustados que o acaso trazia a estes infernos.

Para evitar a repetição de situações destas nas restantes estações, o acendimento descuidado de fogueiras foi considerado crime grave. O roubo, a sabotagem e a fuga deliberada ao trabalho também foram punidos com o exílio. Mas, devido ao facto de quase toda a gente estar exposta aos olhos de todos e de não ultrapassar as duas centenas o número de habitantes da estação, estes crimes tornaram-se raros entre a população, sendo mais praticados pelos forasteiros.

Trabalhar tornou-se obrigatório, e toda a gente, novos e velhos, tinha uma quota diária obrigatória. Eram todos obrigados a trabalhar num, ou em dois, destes locais: a criação de porcos, a plantação dos cogumelos, a fábrica de chá, o matadouro, os serviços de bombeiros e de engenharia e a oficina das armas. Os homens estavam também obrigados a cumprir o serviço militar, que consistia na vigilância dos túneis de dois em dois dias. E quando eclodia qualquer conflito ou surgia algum perigo vindo das profundezas do Metro, as patrulhas eram reforçadas e era mobilizada uma força de reserva para as entradas, que estava sempre em prontidão.

A vida era regulada por uma disciplina tão meticulosa e VDNKh ganhara por isso uma reputação tal que havia muita gente desejosa de poder viver nesta estação. Mas era raro aceitarem estrangeiros.

Como faltavam ainda algumas horas para o começo do turno da noite na fábrica de chá, e por não saber o que fazer até lá, Artyom decidiu ir visitar o seu amigo Zhenya, o mesmo com quem empreendera a estonteante aventura de tentar chegar à superfície. Zhenya era da mesma idade mas, ao contrário de Artyom, vivia com a sua verdadeira família: o pai, a mãe e uma irmã mais nova. Poucas famílias tinham conseguido sobreviver unidas e Artyom invejava secretamente o amigo. Mas, claro, amava e respeitava muito o homem que o adoptara como filho, mesmo quando, como agora acontecera, os seus próprios nervos o haviam derrotado. De qualquer modo, Sukhoi não era o pai dele, nem era seu familiar, e Artyom nunca o tratava por "pai".

De início, Sukhoi tinha dito a Artyom para o tratar por Tio Sasha mas, mais tarde, arrependeu-se de o ter feito. Os anos foram passando e o velho lobo dos túneis não conseguiu formar família e não havia nenhuma mulher que o esperasse no regresso das suas expedições. Quando via uma mãe com uma criança, o coração batia-lhe mais depressa e Sukhoi ainda convivia, nos seus pesadelos, com a possibilidade de, um dia, ter de se aventurar nas trevas para desaparecer da vida da estação durante dias e semanas e, talvez, mesmo para sempre, sem que mais ninguém o recordasse. E nesses momentos alimentava a esperança de poder encontrar uma mulher que estivesse preparada para ser sua esposa e para lhe dar filhos que, quando crescessem, não lhe chamassem "Tio Sasha" mas "pai".

Com a idade e a debilidade a avizinharem-se, cada vez lhe restava menos tempo e Sukhoi sentia que precisava de se apressar. Mas, ao mesmo tempo, sabia que lhe seria difícil parar. As suas tarefas sucediam-se e não conseguia encontrar ninguém que pudesse continuar o seu trabalho ou a quem pudesse confiar os seus contactos e os seus segredos profissionais para, finalmente, poder começar a fazer um trabalho não manual na estação. Já havia considerado a hipótese de se dedicar a trabalhos mais calmos e até sabia que podia obter uma função de chefia, graças à sua autoridade, ao seu currículo impecável e às relações amigáveis que mantinha com o governo da estação.

Mas não havia quem fosse capaz de o substituir, nem agora nem mais tarde, e, por isso, entretinha-se a pensar num futuro mais feliz, vivendo o dia-a-dia, adiando sempre o seu regresso definitivo e dando o suor e o sangue para bem da solidez do granito das outras estações e do cimento dos túneis mais distantes.

Artyom sabia que o padrasto, apesar de lhe dispensar um amor paternal, não pensava nele como seu sucessor para os assuntos de trabalho, considerando-o uma nulidade e, consequentemente, tomando-o como incapaz de assumir uma responsabilidade desse género. Sukhoi não o levava nas suas viagens mais prolongadas, ignorando o facto de Artyom já ser adulto e de estar menos exposto a ser capturado pelos **éÁº nuqÉ**ou devorado pelos ratos. E não compreendia que a sua falta de confiança em Artyom empurrara o rapaz para escapadelas desesperadas que o obrigavam depois a castigá-lo. Mas Sukhoi não terá querido sujeitar Artyom aos perigos mortais em que incorriam os que andavam pelo Metro, preferindo, talvez, que o rapaz vivesse como o próprio Sukhoi quereria viver: em paz e em segurança, a trabalhar dentro da estação e a criar os filhos, sem desperdiçar desnecessariamente a sua juventude. No entanto, ao querer que Artyom tivesse uma vida assim, Sukhoi esquecera-se de procurar uma vida para si próprio, satisfazendo-se por atravessar ileso a água e o fogo e com o facto de ter sobrevivido a centenas de aventuras. A sabedoria adquirida com os anos, no entanto, já não se fazia ouvir com tanta frequência e o que Sukhoi mais sentia era o passar dos anos e a fadiga que eles lhe traziam. Artyom tinha dentro de si uma energia inesgotável. Só agora começara realmente a viver e a ideia de se arrastar numa existência vegetativa, a esmagar e a moer cogumelos e a mudar fraldas, sem nunca ir além dos quinhentos metros, parecia-lhe absolutamente inconcebível. O desejo de deixar a estação aumentava todos os dias, ao perceber, com uma clareza cada vez maior, a vida que o padrasto lhe destinava. Uma carreira de operário na fábrica de chá e o papel de pai de muitos filhos era-lhe cada vez menos atraente.

Artyom era atraído pela aventura e esperava ser transportado pelas correntes de ar dos túneis como uma semente pelo vento, seguindo o seu destino pelos rumos da incerteza e talvez tenha sido isso o que o Caçador viu nele, ao pedir-lhe que tomasse parte num empreendimento de tão grande

risco. O Caçador tinha um olfacto subtil quando se tratava de pessoas e, depois de uma hora de conversa, percebera que podia apresentar o seu plano a Artyom. Mesmo que Artyom não conseguisse chegar ao seu local de destino, teria sempre a possibilidade de deixar a estação, de acordo com as suas instruções, no caso de acontecer alguma coisa ao Caçador no Jardim Botânico.

E o Caçador não se enganou na sua opção.

Zhenya encontrava-se, felizmente, em casa e Artyom podia, assim, passar o resto da tarde a falar sobre os boatos mais recentes e a conversar sobre o futuro, à volta de um chá bem forte.

– Estou óptimo! – respondeu Zhenya, em resposta ao cumprimento de Artyom. – Hoje também estás no turno da noite na fábrica?! A mim também me puseram lá. Eu estou tão farto que até queria pedir ao chefe para me transferir. Mas se te põem comigo, então está bem, já aguentarei. Estiveste hoje em patrulha, não foi? Bem, conta-me! Ouvi dizer que houve uma emergência. Que aconteceu?

Artyom olhou de soslaio e com grande atenção para a irmã de Zhenya, que ficara tão interessada na conversa que até interrompera a tarefa de encher a boneca de trapos que a mãe lhe fizera com um forro de restos secos de cogumelos. E agora estava a observá-los com os olhos redondos, e de respiração suspensa, do canto da tenda.

– Ouve, pequenina! – disse Zhenya, com uma voz severa, percebendo o significado do olhar de Artyom. – Agora sai daqui com a tua amiguinha e vai brincar para a casa dos vizinhos. Vai. Acho que Katya te convidou. E temos de ser simpáticos para os vizinhos. Vai e leva as tuas bonecas contigo.

A menina deu um guincho de indignação e começou a juntar as suas coisas, com uma expressão sombria no rosto, falando com a boneca, que não deixava de fitar o tecto com os olhos quase apagados.

– Achas-te muito importante! – exclamou, com desprezo, já a sair da tenda. – Mas eu sei tudo. Vais falar dos teus cogumelos!

– Lenka, ainda és muito nova para conversar sobre cogumelos. O leite ainda nem te secou nos lábios! – disse-lhe Artyom, pondo-a no seu lugar.

– O que é leite?! – perguntou a irmã de Zhenya, intrigada, levando os dedos aos lábios.

Mas nenhum deles lhe quis explicar e a pergunta ficou sem resposta.

Depois de a irmã sair, Zhenya prendeu as abas da tenda e perguntou a Artyom:

– Bem, que aconteceu? Vá, conta! Já ouvi dizer muitas coisas. Um tipo viu um rato enorme a sair do túnel. Outro diz que vocês assustaram um espião dos pretos e que até o feriram. Em quem é que devo acreditar?

– Em ninguém! – recomendou Artyom. – Estão todos a mentir. Era um cão, um cachorrinho. Andrei, o fuzileiro, ficou com ele. Disse que era um pastor-alemão – acrescentou, com um sorriso.

– Pois, mas eu ouvi o próprio Andrei dizer que era um rato! – retorquiu Zhenya, perplexo. – Ele mentiu de propósito ou quê?

– Não sabes? É a resposta preferida dele, sobre os ratos que são do tamanho de porcos. Ele é um brincalhão – disse Artyom. – E tu? Que novidades há? Que ouviste dizer aos teus amigos?

Os amigos de Zhenya eram mercadores, que transportavam chá e carne de porco para o mercado de Prospekt Mira. No regresso, traziam multivitaminas, roupa e toda a espécie de materiais e, às vezes, até petróleo. Outras vezes, traziam livros sujos, muitos deles com páginas a menos, que tinham ido parar a essa estação, misteriosamente, depois de terem percorrido quase metade da rede do Metro, de baú em baú, de bolso em bolso e de mercador em mercador até irem parar às mãos dos seus legítimos proprietários.

Em VDNKh, orgulhavam-se do facto de, apesar da distância a que se encontravam do centro e das principais rotas de comércio, os seus habitantes serem capazes de sobreviver a condições que pioravam todos os dias, mantendo, pelo menos no território da estação, a cultura humana que já estava a extinguir-se rapidamente no subsolo.

O governo da estação esforçara-se por dar à cultura tanta atenção quanto lhe era possível. Era obrigatório ensinar as crianças a ler e a estação até tinha uma pequena biblioteca, a que eram adicionados todos os livros comprados nos mercados. O problema é que os comerciantes não escolhiam os livros. Limitavam-se a trazer os que lhes eram dados, juntando-os como se fossem montes de papel sem valor.

No entanto, a atitude das pessoas da estação relativamente aos livros era

tal que nem uma página arrancavam, nem aos romances mais idiotas. Os habitantes de VDNKh veneravam os livros como se fossem relíquias ou as derradeiras recordações do mundo de maravilhas que se afundara no esquecimento. Os adultos, que consideravam sagrado cada passo das memórias que liam, transferiam o seu amor pelos livros aos seus filhos, que não dispunham de nada que os fizesse lembrar do outro mundo e cujo universo era apenas composto por túneis, corredores e passagens sombrias, que se interligavam num emaranhado sem fim.

No Metro, só havia alguns locais onde a palavra escrita era assim idolatrada e os habitantes de VDNKh afirmavam-se como um dos últimos baluartes da cultura e o posto civilizacional mais a norte na linha de Kaluzhsko-Rizhskaya[17]. Artyom lia livros, tal como Zhenya. E Zhenya esperava ansiosamente pela chegada dos seus amigos do mercado e, quando chegavam, corria ao seu encontro para saber se tinham trazido algo de novo. Deste modo, os livros começavam por passar quase sempre pelas mãos de Zhenya e só depois é que iam para a biblioteca.

O padrasto de Artyom também lhe trazia livros das suas expedições e na tenda deles havia uma prateleira cheia deles. Era aí que ficavam, amarelados, por vezes já roídos pelo bolor e pelos próprios ratos e, alguns, com salpicos de sangue. As obras que possuíam eram únicas na estação e talvez em toda a rede do Metro: Márquez, Kafka, Borges, Vian e alguns clássicos russos.

– Os tipos não trouxeram nada, desta vez – disse Zhenya. – Lekha contou-me que terá em breve um carregamento de livros provenientes de um tipo da Pólis. E prometeu que me traria alguns.

– Não estou a falar de livros! – retorquiu Artyom, com um gesto de desinteresse. – Que ouviste mais? Qual é a situação lá fora?

– A situação? Nada de novo, parece. Há toda a espécie de rumores, claro, mas isso não difere do que já é habitual. Tu próprio sabes que os mercadores não conseguem sobreviver sem as suas histórias e sem os seus boatos. Vão-se logo abaixo se não ouvirem rumores novos. Mas é uma questão diferente saber se devemos acreditar nos disparates que dizem. Parece que está tudo calmo. Se compararmos as coisas com o tempo em que a Hansa se encontrava em guerra com os vermelhos, claro. Mas espera! –

Zhenya lembrou-se de uma coisa. – Em Prospekt Mira, proibiram a venda de erva. Agora, se encontrarem alguma na posse de um mercador, confiscam-na, expulsam-no da estação e o acontecimento fica no registo individual dele. Se acontecer segunda vez, Lekha diz que já não o deixarão entrar na Hansa durante vários anos. E isso, para um mercador, é a morte.

– O quê? Que coisa... proibiram-na, assim?! Que estão a pensar?

– Dizem que decidiram classificá-la como droga, como **pÚÇA** porque afecta o modo como vemos as coisas. E que o cérebro começa a ficar corroído se consumirmos demasiado **pÚÇ**[18]. Estão a fazê-lo por motivos de saúde.

– Deviam era começar por tratar da saúde a eles próprios... Por que é que se preocupam com a nossa?

– Sabes que mais? – Zhenya baixou o tom de voz. – Lekha diz que estão a divulgar toda a espécie de "desinfo" sobre as coisas que são más para a saúde.

– O que é "desinfo"? – perguntou Artyom, surpreendido.

– Desinformação. Ouve. Lekha decidiu seguir pela linha, depois de Prospekt Mira, até Sukharevskaya. Estava a tratar de assuntos... obscuros. Nem me disse o que era. E conheceu lá um velho interessante. Um mago.

– Quem?! – Artyom não se conteve e começou a rir-se. – Um mago?! Em Sukharevskaya? Vá lá, ele está a brincar contigo, o Lekha! E que fez o mágico? Deu-lhe uma varinha mágica? Ou um pau que se transforma em flor?!

– És um idiota – retorquiu Zhenya, ofendido. – Achas que sabes tudo? Só porque nunca encontraste um mago não quer dizer que não os haja. Acreditas que existem mutantes em Filevki?

– Quem é que precisa de acreditar? Estão lá e isso é perfeitamente claro. O meu padrasto contou-me. Mas sobre magos nunca ouvi nada.

– Embora eu tenha muito respeito por Sukhoi, não me parece que ele conheça tudo o que existe no mundo. E talvez ele quisesse só assustar-te. Mas, basicamente, se não quiseres ouvir, então vai-te lixar.

– Está bem, está bem, Zhenya. É interessante, de qualquer modo. Mesmo que soe a...

Zhenya sorriu.

– Muito bem. Era noite e eles estavam junto da fogueira. Como sabes,

Sukharevskaya não tem uma população permanente. Por isso, os mercadores das outras estações param aí porque as autoridades da Hansa correm com eles de Prospekt Mira depois do anoitecer. E ficam todos por lá, incluindo vários charlatães e ladrões que se juntam sempre aos mercadores. E viajantes também, quando estão a caminho do Sul. Então, começa a acontecer qualquer tipo de confusão nos túneis depois de Sukharevskaya. Aí já não vive ninguém... Nem ratos nem mutantes e as pessoas que tentam passar por esses túneis acabam, na sua maioria, por desaparecer. Desaparecem sem deixar rasto. Depois de Sukharevskaya, a estação seguinte é Turgenevskaya. Fica mais perto da Linha Vermelha. Até havia aí uma passagem para Chistye Prudy mas os vermelhos voltaram a chamar-lhe Kirov. Parece que era o nome de um comunista... Mas as pessoas tinham demasiado medo de viver perto dessa estação. por isso, emparedaram a passagem. E Turgenevskaya ficou assim, deserta e abandonada. Quanto ao túnel... de Sukharevskaya à comunidade mais próxima ainda é um percurso longo. E é aí que tem desaparecido gente. Se as pessoas vão por aí sozinhas, o mais certo é não conseguirem passar. Mas se forem integradas numa caravana em que haja mais de dez pessoas... já conseguem passar. E o túnel, dizem, não é nada de especial. É normal, está desimpedido, é calmo e está deserto, sem passagens laterais, sem recantos por onde as pessoas possam desaparecer... Não se ouve um som, não se vê um monstro, não há por ali nenhuma alma. E depois, no dia seguinte, há alguém que ouve falar do túnel, que está desimpedido e que é fácil de atravessar, e que cospe na superstição, metendo-se depois por aí, sozinho e... abracadabra: de um momento para o outro, deixa de ser visto.

– Estavas a falar num mago – recordou-lhe Artyom, calmamente.

– Já lá chego. Só um minuto – disse Zhenya. – Aqui está, portanto: as pessoas têm medo de seguir sozinhas pelo túnel em direcção ao Sul. E em Sukharevskaya procuram companhia para não viajarem sozinhas. Se não for dia de mercado, não há muita gente por ali e, às vezes, têm de estar dias e semanas à espera até se reunir um número aconselhável de pessoas para a viagem. Por isso, quanto mais pessoas houver, mais seguro é. Lekha conta que, às vezes, se encontram lá pessoas que são realmente interessantes. Também há muitos vagabundos e pedintes e é preciso saber diferenciar uns

dos outros. Mas, às vezes, tem-se sorte. É aí que Lekha conhece este mago. Não é o que pensas, não é um Hottabych qualquer que sai de uma lamparina...[19]

– Hottabych era um **pшı**, não era um mago – corrigiu Artyom, cautelosamente. Mas Zhenya ignorou-o e prosseguiu.

– O tipo é um ocultista. Tinha passado metade da vida a estudar todo o tipo de livros místicos. E falou a Lekha, em especial, num tal Castañeda... Este tipo, portanto, lê muito e observa o futuro, encontra coisas desaparecidas e conhece os perigos que estão para vir. E diz que vê espíritos. Consegues imaginar isto? Ele até... – Zhenya fez uma pausa, com efeitos dramáticos – Ele até anda pelo Metro desarmado! Mas mesmo sem nenhuma arma. Só traz com ele um canivete, para cortar a comida, e um cajado de plástico. Estás a ver? Portanto, ele diz que todas as pessoas que consomem **pÚÇ**e que a bebem são todas doidas. Porque ela não é o que pensamos que é. Não é erva a sério e os cogumelos também não são cogumelos. Esses cogumelos, chamados chapéus-de-cobra, nem sequer são originários da região central. Basicamente, fui ver num livro sobre cogumelos e é verdade, não há uma palavra sobre os tipos de cogumelos que aqui temos. E não encontrei nada que se parecesse com eles... Os que os comem, pensando que são apenas um alucinogénio e que conseguem ver desenhos animados ao comê-los, estão totalmente enganados, diz o mago. E se cozinharmos esses chapéus-de-cobra de uma maneira ligeiramente diferente, podemos entrar num estado em que até é possível determinar os acontecimentos do mundo real.

– Que mago que tu aí tens... Parece mais um viciado – afirmou Artyom, convictamente. – Há aqui muitas pessoas que usam erva para se descontraírem mas, como sabes, nunca ninguém a consumiu até chegar a esse ponto. O tipo é dependente, a cem por cento. E talvez já nem dure muito, acho eu. Ouve, o Tio Sasha contou-me esta história: há uma estação, não me lembro de qual, onde lhe apareceu um velho que ele não conhecia e que começou a dizer-lhe que tinha um sentido extraordinário e que estava a travar uma guerra com outros tipos com poderes enormes e com extraterrestres maléficos. E está quase a ser derrotado e sente que já não consegue fazer-lhes frente e que está a perder todas as suas forças na batalha

que está a travar. A estação era como Sukharevskaya, uma espécie de estação intermédia onde as pessoas se sentam à volta das fogueiras no meio da plataforma, longe da boca do túnel, para poderem dormir um pouco antes de continuarem o seu caminho. E estavam aí três homens, que passaram pelo meu padrasto, e o velho, aquele de que eu estava a falar, disse-lhe, horrorizado: "Está a ver esse, no meio? É um dos mais poderosos, um discípulo das trevas. E de cada lado dele estão extraterrestres, que o ajudam. E o líder deles vive na zona mais profunda do Metro. E ele está, basicamente, a dizer que não vêm ao meu encontro porque você está comigo e eles não querem que as pessoas normais saibam que há esta guerra. Mas eles estão, neste momento, a atacar-me com a energia deles e eu estou a erguer um escudo." E o velho ainda diz que vai continuar a lutar! Tu achas que tem graça mas o meu padrasto não lhe achou tanta piada nessa altura. Imagina: num canto remoto do Metro, quem sabe o que poderá acontecer?... Parece disparate, eu sei, mas de qualquer modo... E o Tio Sasha a dizer a si próprio que o velho está louco enquanto o homem que tem os dois extraterrestres a seu lado está a olhar para ele com uma expressão maldosa e com um brilho estranho nos olhos...

– Que parvoíce essa – disse Zhenya, incrédulo.

– Pode ser parvoíce, mas tu sabes que deves estar preparado para tudo nas estações mais distantes. E o velho contou-lhe também que iria, em breve, travar a última batalha com os seres dos poderes maléficos. E, que se perdesse – as suas forças são inferiores –, seria o fim para toda a gente. Já tinha havido pessoas com poderes não maléficos mais fortes e as forças estiveram equilibradas nessa altura mas, agora, os dos poderes maléficos estavam a conquistar terreno e o velho era um dos últimos capazes de se oporem a eles. Talvez mesmo o único. E que se o matassem, os dos poderes maléficos triunfariam e que isso seria o fim. E xeque-mate!

– Já estamos sob xeque-mate, em minha opinião – comentou Zhenya.

– Bem, digamos que ainda não totalmente – replicou Artyom. – Ainda há possibilidades. Portanto, quando se despediram, o velho disse ao meu padrasto: "Meu filho, dá-me qualquer coisa para eu comer, por favor. Já poucas forças tenho. E a batalha final aproxima-se... E o futuro de todos depende do seu desfecho. E o teu também!" Percebes? O velho estava a

pedir-lhe comida. O teu mago é assim. Já nem deve ser muito bom da cabeça, acho eu. Mas por outro motivo!

– És um idiota! Nem sequer ouviste o fim do que eu estava a contar-te. E, de qualquer modo, quem te disse que o velho estava a mentir? Qual era o nome dele, a propósito? O teu padrasto disse-te?

– Disse, mas não me lembro com exactidão. Era um nome estranho. Começava com um "Ca". Podia ser "Capitão" ou "Campeão". Os vagabundos têm sempre nomes estranhos em vez dos seus nomes verdadeiros. E qual era o nome do teu feiticeiro?

– Ele disse a Lekha que agora lhe chamavam Carlos. Devido à semelhança. Não sei o que ele queria dizer mas foi assim que se explicou. Devias ouvir a história até ao fim, no entanto. No fim da conversa, o mago disse a Lekha que era melhor não seguir pelo túnel situado mais a norte... embora Lekha estivesse a preparar-se para regressar no dia seguinte. Lekha acatou o que ele disse e não regressou. E fez bem. Nesse dia, alguns bandidos atacaram uma caravana no túnel entre Sukharevskaya e Prospekt Mira, apesar de essa zona ser considerada segura. Metade dos mercadores foram mortos. E os restantes tiveram dificuldade em repelir os assaltantes. Portanto!...

Artyom ficou em silêncio, imerso nos seus pensamentos.

– Bem, falando genericamente, é impossível saber – constatou, depois. – Tudo pode acontecer. E essas coisas aconteciam, segundo contava o meu padrasto. Que também dizia que nas estações mais distantes, onde as pessoas enlouqueceram e voltaram ao estado primitivo, esquecendo que o homem é um ser racional, têm acontecido as coisas mais estranhas... para as quais as nossas mentes lógicas não encontram explicação. Mas ele não entrou em pormenores. E também não era a mim que ele estava a contar. Eu só ouvi por acaso.

– Ora! É o que te digo: às vezes, os mercadores descrevem coisas em que as pessoas normais não acreditariam. Lekha também me contou outra história, quando esteve comigo da última vez. Queres ouvir? Esta não a deves ter ouvido do teu padrasto. Um mercador da linha de Serpukhovskaya contou-a a Lekha. Vejamos: acreditas em fantasmas?

– Bem... Cada vez que falo contigo começo a perguntar a mim próprio se devo acreditar ou não. Mas quando estou sozinho, ou com outras pessoas,

recupero a razão – retorquiu Artyom, reprimindo com dificuldade um sorriso.

– Estás a falar a sério?

– Bem, li algumas coisas, claro. E o Tio Sasha contou-me muitas histórias. Mas, para ser sincero, não acredito em todas essas histórias. E, em geral, Zhenya, não te compreendo. Aqui na estação, vivemos num pesadelo constante por causa dos pretos, que é uma coisa que não encontras nas outras zonas do Metro, acho eu. Algures no centro da rede do Metro, há miúdos a falarem da vida que aqui levamos, a contar histórias de terror e a perguntarem uns aos outros: "Acreditas nas histórias dos pretos ou não?" E, para ti, isso não tem significado. Preferes assustar-te com outras coisas?

– Pois, vais dizer-me que só estás interessado em coisas que possas ver e tocar? Não pensas, realmente, que o mundo só tem coisas que podes ver e tocar? Pensa numa toupeira, por exemplo. Não vê. Já nasce cega. Mas isso não significa que todas as coisas que a toupeira não vê não existam, na realidade. É isso que estás a dizer...

– Muito bem, qual é, então, a história que queres contar-me? Sobre o mercador na linha de Serpukhovskaya?

– Sobre o mercador? Pois bem, Lekha conheceu-o lá no mercado. E acho que não era de Serpukhovskaya. Era do Círculo. Era um cidadão da Hansa, embora vivesse em Dobryninskaya. Existe aí uma passagem para Serpukhovskaya. Na linha, não sei se o teu padrasto te contou, não vive ninguém depois do Círculo... até se chegar à estação seguinte, que é Tulskaya... Onde já há patrulhas da Hansa. Aí, já tomam medidas para a proteger, porque pensam, basicamente, que se a linha está desabitada, nunca se sabe o que poderá de lá sair a rastejar, por isso, criaram aí uma zona-tampão. E ninguém vai além de Tulskaya. Dizem que não há lá nada para ver. As estações estão desertas, o equipamento está todo avariado e é impossível lá viver. É uma zona morta, onde não há animais, nem dos nocivos, como os ratos. Está tudo deserto. Mas o mercador conhecia uma pessoa, mais dada a andar por aí, que fora uma vez para lá de Tulskaya. Não sei do que poderia andar à procura. E contou ao mercador que as coisas não são tão simples na linha de Serpukhovskaya. E que tem de haver um bom motivo para a linha estar deserta. Ele queria dizer que nem se

conseguia imaginar o que lá havia. E que também havia um motivo para a Hansa não estar a tentar colonizar a área, mesmo que pudesse ser um local óptimo para uma plantação ou para criar porcos.

Zhenya calou-se, pressentindo que Artyom já tinha posto de lado o seu robusto cinismo e vendo que o escutava boquiaberto. Depois, sentou-se mais confortavelmente no chão, com uma sensação íntima de triunfo, e continuou:

– Bem, mas tu não deves estar muito interessado nestas parvoíces. Histórias da carochinha. Mais chá?

– O chá pode esperar! Diz-me mas é por que motivo é que a Hansa não colonizou essa zona. É estranho, tens razão. O meu padrasto diz que já há um problema generalizado de excesso de população, que já não há espaço para toda a gente. Portanto, por que motivo é que eles desistiriam da hipótese de ganharem mais espaço? Não é habitual neles!

– Ah, estás interessado, portanto? Muito bem. Então este mercador decidiu ir ver. E contou que se fartou de andar sem encontrar ninguém. Nem ninguém nem nada, no túnel que fica depois de Sukharevskaya. Consegues imaginar? Nem um rato, sequer! Só se ouve água a pingar. São estações abandonadas que estão assim no meio da escuridão, onde ninguém chegou a habitar. E há uma sensação de perigo no ar. E de opressão... O mercador estava a andar depressa e, em quase meio dia, passou por quatro estações. Era uma pessoa obstinada, sem dúvida. Quer dizer, meter-se numa coisa destas sozinho! Chegou, portanto a Sevastopolskaya. Há aí uma passagem para a estação de Kakhovskaya. E, como sabes, a linha de Kakhovskaya só tem três estações[20]. Não é uma linha, é um pensamento interrompido. Uma espécie de apêndice... E ele decidiu passar a noite em Sevastopolskaya. Já tinha esgotado as suas capacidades e estava cansado... Arranjou bocados de madeira, acendeu uma fogueira para não ser tão desagradável, enfiou-se no seu saco-cama e adormeceu no meio do cais. E durante a noite...

Neste ponto da história, Zhenya pôs-se em pé, espreguiçou-se e, com um sorriso sádico, disse:

– Não sei se tu queres mas eu preciso mesmo de mais chá! – e, sem esperar por resposta, pegou na chaleira e saiu com ela da tenda, deixando Artyom sozinho com a história por concluir.

Artyom ficou, naturalmente, zangado por Zhenya se ir assim embora mas decidiu esperar pacientemente pelo final da história para contar a Zhenya o que tinha em mente. Lembrara-se, de repente, do Caçador e do seu pedido. Que, na realidade, era mais uma ordem do que um pedido. Mas depois os seus pensamentos voltaram ao relato de Zhenya.

Regressando com o chá, Zhenya encheu um copo, dos já raros que tinham uma pega de metal à volta e que eram utilizados para o chá nos comboios, e continuou:

– Ele deitou-se a dormir junto à fogueira, portanto, rodeado por um silêncio pesado que o fez sentir como se tivesse os ouvidos cheios de algodão. A meio da noite ouviu um som estranho, um som que punha totalmente em causa a sua saúde mental e que era mesmo impossível. Ficou coberto de suores frios e pôs-se em pé de um salto. Ouviu risos de crianças. Vindos do túnel! E a estação é a quarta desde o último local em que há pessoas! Nem os ratos ali vivem! Tem, assim, bons motivos para se assustar... O mercador corre pelas arcadas em direcção ao túnel... E vê... Um comboio que está a entrar na estação. Um comboio a sério. Os faróis brilham e a luz que emite quase o cega... mas consegue levantar a mão a tempo de cobrir os olhos. E vê que as janelas têm uma luminosidade amarela e que lá dentro há pessoas a sério mas não ouve nenhum ruído. O comboio não faz barulho! Não se ouve o motor nem o matraquear das rodas. O comboio entra na estação, a deslizar num silêncio absoluto... Estás a ver bem isto? O tipo senta-se, porque não se sente bem. E fica a ver as pessoas que estão nas janelas da composição, que parecem mesmo pessoas a sério e que estão a conversar, embora nada se ouça... O comboio, carruagem por carruagem, passa diante dele e ele vê, na última janela da última carruagem, uma criança com sete anos que o observa. E que aponta para ele, a rir-se... E este riso já o ouviu. O silêncio, no entanto, era tão pesado que ele conseguiu ouvir o próprio coração a bater, ao ritmo do riso da criança... O comboio mergulhou no túnel e o riso foi-se atenuando, acabando por deixar de se ouvir. E, depois, foi novamente o vazio. E o silêncio, absoluto e aterrorizador.

– E foi aí que ele acordou? – perguntou Artyom, com malícia e um tom esperançoso na voz.

– Oh, se tivesse acordado! Ele regressou para junto da fogueira, que já estava a apagar-se, pegou rapidamente nas suas coisas e fugiu na direcção de Tulskaya sem se deter. Fez o caminho todo em uma hora, sempre a correr. Tinha sido assustador. Isto dá que pensar...

Artyom ficara em silêncio, sentindo-se paralisado pelo que acabara de ouvir. O silêncio rodeou-os. Finalmente, recuperando a razão, tossicou, tentando verificar se a voz não o trairia, e perguntou a Zhenya, com a maior indiferença que conseguiu mostrar:

– E tu acreditas nisso tudo?

– Bem, não é a primeira vez que ouço este tipo de histórias a respeito da linha de Serpukhovskaya – respondeu Zhenya. – Só que nem sempre tas conto. Não é possível falar contigo sobre estas coisas de uma maneira normal. Começas logo a interromper-me... Mas vá, já estivemos aqui sentados algum tempo e agora são quase horas de irmos trabalhar. Vamos preparar-nos. Podemos continuar a conversar lá.

Artyom levantou-se com relutância e dirigiu-se vagarosamente para casa. Precisava de comer antes de ir para a fábrica. O padrasto ainda dormia e a estação estava sossegada. A maior parte das pessoas já devia estar a sair do trabalho e faltava pouco tempo para o início do turno da noite. Tinha de apressar-se. Passando junto à tenda reservada aos visitantes, onde o Caçador ficara alojado, viu que estava vazia e que as abas estavam abertas. O coração até parou, por instantes. Mas, finalmente, compreendeu que tudo aquilo de que estivera a falar com o Caçador não tinha sido um sonho, que a conversa ocorrera mesmo e que a evolução dos acontecimentos podia afectá-lo directamente. Sabia, agora, o que o destino lhe reservava.

A fábrica de chá, para onde se dirigiu a seguir, ficava num beco, numa saída para a superfície que fora encerrada, onde ainda havia escadas rolantes. O trabalho na fábrica era todo manual. Seria uma extravagância demasiado grande desperdiçar energia eléctrica na produção.

Por detrás das armações de ferro que separavam o território ocupado pela fábrica do resto da estação, havia uma rede metálica, de parede a parede, onde eram postos a secar os cogumelos já limpos. Quando o tempo estava muito húmido, acendiam-se pequenas fogueiras por baixo dos cogumelos para secarem mais rapidamente e não ficarem cobertos de bolor. Debaixo

da rede havia mesas onde os operários começavam por cortar os cogumelos secos para serem depois prensados. O chá já preparado era embalado em pacotes de papel ou de polietileno – dependendo do material que estivesse disponível em cada momento –, depois de lhe serem adicionados alguns extractos e alguns pós, que só o director da fábrica conhecia. Era o processo mais directo de produção do chá. Se não conseguissem conversar durante o turno de oito horas, que era passado a cortar e a esmagar as cabeças dos cogumelos, o trabalho seria do mais exaustivo que se poderia imaginar.

Artyom começou a trabalhar neste turno com Zhenya e um tipo novo, de cabelo desgrenhado, chamado Kirill, com quem já estivera na patrulha. Kirill ficou mais animado ao ver Zhenya – era evidente que se conheciam e que já tinham estado a conversar – e começou logo a contar uma história que ficara interrompida quando haviam estado juntos pela última vez. Artyom, sentado entre eles, não se mostrou interessado em ouvi-los e ocupou-se dos seus próprios pensamentos. A história da linha de Serpukhovskaya, que Zhenya lhe contara, já começava a dissipar-se, dando lugar à conversa mantida com o Caçador.

Que podia ele fazer? As ordens que o Caçador lhe dava eram sérias demais para não pensar nelas. E se o Caçador não fosse capaz de fazer o que tencionava? Artyom comprometera-se com uma acção completamente desprovida de sentido, ousando aventurar-se no covil do inimigo, no próprio coração das trevas. O perigo a que se sujeitaria era enorme e nem sequer conhecia os seus verdadeiros parâmetros. Só podia deitar-se a adivinhar sobre o que o esperaria depois dos quinhentos metros, onde a luz da última fogueira já começava a desaparecer – eram as últimas chamas ateadas por mão humana a norte de VDNKh. Tudo o que sabia sobre os pretos era o mesmo que toda a gente sabia. Mas não havia mais ninguém que estivesse a pensar em subir à superfície. Aliás, nem havia a certeza de uma verdadeira passagem para o Jardim Botânico, por onde os monstros podessem entrar vindos da superfície.

O mais provável seria o Caçador não conseguir completar a missão a que se comprometera. Era óbvio que o perigo vindo do Norte parecia ser tão grande, e estar a aumentar tão depressa, que qualquer atraso se tornava inadmissível. O Caçador devia saber mais alguma coisa sobre o assunto e

não o revelara na reunião com Sukhoi nem na conversa com Artyom.

Por isso, estaria decerto ciente do grau de risco e sabia que não conseguiria cumprir a missão, o que podia explicar o facto de ter preparado Artyom para esta reviravolta. O Caçador não lhe parecera uma pessoa exageradamente cautelosa e isso significa que havia a probabilidade de ele já não regressar a VDNKh, e que não era tão pequena como isso.

Mas como poderia Artyom desistir de tudo e abandonar a estação, sem dizer nada a ninguém? O próprio Caçador receava avisar os outros e temia os "cérebros comidos pelos vermes" da estação. Como é que seria possível chegar à Pólis, à lendária Pólis, completamente sozinho, atravessando todos os perigos visíveis e invisíveis que espreitavam os viajantes nos túneis escuros e silenciosos? Artyom lamentou, de repente, ter sucumbido ao poderoso encanto do Caçador e ao seu olhar hipnótico, ter-lhe contado o seu segredo e acordado em levar a efeito uma missão tão arriscada.

– Eh, Artyom! Artyom! Estás a dormir ou quê? Porque é que não dizes nada? – Zhenya sacudiu-lhe o ombro. – Ouviste o que Kirill estava a dizer? Amanhã à noite vão organizar uma caravana para ir à estação de Rizhskaya. Diz-se que o nosso governo decidiu fazer um pacto com eles mas, entretanto, parece que lhes vamos enviar apoio humanitário, na perspectiva de nos tornarmos irmãos. Parece que eles encontraram qualquer tipo de armazém onde existem cabos. E os chefes querem instalá-los. Dizem que querem montar um sistema de comunicações telefónicas entre as estações. Ou, pelo menos, um sistema de telégrafo. Kirill diz que quem não estiver a trabalhar amanhã pode ir. Queres?

Artyom pensou que o destino lhe estava, nesse momento, a oferecer uma oportunidade de desempenhar a sua missão, se precisasse dela. Acenou afirmativamente com a cabeça, em silêncio.

– Óptimo! – exclamou Zhenya, satisfeito. – Eu também vou. Kirill, inscreve-nos, está bem? A que horas partem amanhã? Às nove?

Artyom manteve-se em silêncio até ao final do turno, incapaz de se abstrair dos pensamentos sombrios que o distraíam. Zhenya ficou sozinho a falar com o desgrenhado Kirill, obviamente magoado pelo comportamento de Artyom, que continuou a cortar os cogumelos com movimentos mecânicos e a reduzi-los a pó, para depois ir tirar as cabeças dos cogumelos da rede,

cortando-as e reduzindo-as a pó, numa sequência infinita.

O rosto do Caçador pairava-lhe diante dos olhos – imobilizado no momento em que lhe disse que poderia já não regressar –, com a expressão calma de quem está habituado a arriscar a vida. E uma mancha sombria invadiu-lhe o coração, trazendo o pressentimento de que iria encontrar problemas.

Artyom regressou à tenda depois do trabalho. O padrasto não estava – já tinha saído para tratar dos seus assuntos. Artyom caiu na cama, enterrou o rosto na almofada e adormeceu de imediato, apesar de ter decidido que iria aproveitar o estado de paz e de sossego que a tenda lhe proporcionava para pensar melhor.

Mas o sono revelou-se perturbador e cheio de sonhos delirantes, provocados pelas conversas, pelos pensamentos e pelas preocupações do dia anterior, que o envolveram e que o arrastaram para um abismo. Artyom viu-se junto à fogueira na estação de Sukharevskaya, ao lado de Zhenya e do mago que tinha o invulgar nome hispânico de Carlos, que estava a ensinar Zhenya a fabricar **pÚÇ**com os cogumelos e a explicar-lhe que tem de utilizá-los como em VDNKh, o que é um crime evidente porque os seus cogumelos não são cogumelos mas sim um novo tipo de vida racional que existe na Terra e que, com o tempo, pode vir a ocupar o lugar dos seres humanos. E os cogumelos não são seres independentes mas, apenas, elementos ligados por neurónios à unidade central, que já alastraram, como um fungo gigantesco, a toda a rede do Metro. E, na realidade, a pessoa que consome a erva não está a utilizar apenas uma substância psicotrópica mas a estabelecer contacto com uma nova forma de vida racional. Se o fizer bem, pode criar amizades por essa via e ajudar a pessoa com quem entra em contacto, por intermédio da erva. Mas depois é Sukhoi quem intervém, ameaçando Artyom de dedo em riste e dizendo-lhe que não se deve, de modo algum, consumir erva porque se ela for utilizada durante muito tempo, o cérebro é devorado pelos vermes. Contudo, Artyom decide experimentar e verificar se é realmente verdade.

E, dizendo a todos que vai apanhar ar, rodeia cuidadosamente o mago que tem o nome hispânico e vê que ele não tem a parte de trás da cabeça e que os miolos estão bem à vista e cheios de buracos feitos por vermes. Grandes e

esbranquiçados, enrolados e a mastigarem-lhe o cérebro e a abrirem novos túneis lá dentro, sem que o mago deixe de continuar a falar como se nada estivesse a acontecer... Nessa altura, Artyom assusta-se e decide fugir dele e começa a puxar pela manga de Zhenya, para que o acompanhe, mas Zhenya rejeita-o, com um gesto, pedindo a Carlos que continue enquanto Artyom vê que os vermes já estão a abandonar a cabeça do mago e a deslizarem na direcção de Zhenya para lhe subirem pelas costas. Para lhe entrarem pelos ouvidos...

Artyom põe-se em pé, salta para os carris e tenta fugir da estação mas, lembrando-se de que tem pela frente o túnel que não deve ser percorrido por quem está sozinho, mas apenas em grupos, tenta voltar para trás e já não consegue, sem saber porquê.

De repente, por detrás dele, acende-se uma luz e, com uma clareza e uma lógica invulgar nos sonhos, Artyom vê a sua própria sombra projectada no solo do túnel. E, voltando-se, vê que sai dos interiores do Metro um comboio que avança na sua direcção, sem parar, a devorar o caminho, ensurdecendo-o com o ruído atroador das rodas e cegando-o com os faróis...

As pernas recusam-se a mexer, perderam toda a força que tinham e até já deixaram de ser pernas para ficarem apenas calças preenchidas por trapos enrolados. E quando o comboio está a alcançar Artyom, a imagem perde a cor e desaparece.

Substitui-a algo de novo e que é totalmente diferente: o Caçador vestido de um branco imaculado, numa sala vazia que tem paredes de um branco capaz de cegar. Está aí de pé, de cabeça baixa, a olhar para o chão. Ergue depois os olhos e fita Artyom. A sensação é muito estranha porque, neste sonho, Artyom não consegue sentir o próprio corpo e está a ver o que se passa a partir de todos os ângulos em simultâneo. E, quando observa os olhos do Caçador, sente-se invadido por uma inquietação incompreensível e pela sensação de expectativa de que vai acontecer qualquer coisa muito significativa e muito em breve...

O Caçador começa a falar com ele e Artyom sente que tudo o que acabou de viver foi real. Quando antes tinha pesadelos, limitava-se a dizer a si próprio que só estava a dormir e que tudo o que estava a acontecer não era

mais do que o fruto de uma imaginação excitada. Mas desta visão está totalmente ausente a certeza de que, em querendo, acordará a qualquer momento.

Tentando ir ao encontro do olhar de Artyom – apesar de este ter a impressão de que o Caçador não o conseguia ver –, o outro homem diz-lhe, vagarosamente e com ar muito sério: "O momento chegou. Tens de fazer o que me prometeste. Tens de fazê-lo. Lembra-te: isto não é um sonho! Isto não é um sonho!"

Artyom abriu os olhos, esbugalhados. E voltou a ouvir, na sua mente e com uma clareza que o aterrorizou, a voz rude que lhe dizia: "Isto não é um sonho!"

– Isto não é um sonho – repetiu Artyom. Os pormenores dos vermes e do comboio já se haviam dissipado, mas conseguia lembrar-se, com minúcia, da segunda visão: da estranha roupa do Caçador, da misteriosa sala branca e vazia e das palavras "Tens de fazer o que me prometeste!" Não as conseguiu apagar do pensamento.

O padrasto chegou, entretanto, e perguntou a Artyom, com uma expressão preocupada:

– Diz-me, viste o Caçador depois da nossa reunião de ontem? Já é quase noite, ele desapareceu e a tenda está deserta. Ele foi-se embora? Disse-te alguma coisa sobre os planos dele?

– Não, Tio Sasha, ele só me fez perguntas sobre a situação da estação e sobre o que se passava – respondeu Artyom, mentindo conscientemente.

– Receio por ele. Receio que ele possa ter feito alguma parvoíce, que lhe vai custar caro e que nos vai prejudicar a todos – Sukhoi estava claramente inquieto. – Ele não sabe com o que está a meter-se... Eh, não trabalhas hoje?

– Eu e Zhenya inscrevemo-nos para a caravana que parte hoje para Rizhskaya, para os ajudarmos a atravessar os túneis e para desenrolarmos o cabo a partir de lá – respondeu Artyom, percebendo nesse preciso momento que decidira partir. E, ao tomar consciência disso, sentiu que qualquer coisa se partia dentro dele e que o invadia uma estranha sensação de leveza e, ao mesmo tempo, um certo vazio, como se alguém lhe tivesse tirado do peito um tumor que lhe pesava sobre o coração e que lhe dificultava os movimentos respiratórios.

– Queres ir na caravana?! Era bem melhor que ficasses sentado em casa em vez de ires vaguear para os túneis. Eu preciso de ir lá, a Rizhskaya, mas hoje não me sinto muito bem. Talvez noutra altura... E tu vais sair agora? Às nove? Despedimo-nos depois, então. Arruma as tuas coisas, entretanto! – E, saindo, deixou Artyom entregue a si próprio.

Artyom começou a meter numa mochila as coisas que lhe poderiam ser úteis durante a viagem: uma pequena lanterna, pilhas, um pacote de chá, salsichas de carne e de fígado de porco, um carregador de metralhadora completo, que subtraíra um dia a alguém, um mapa do Metro e mais pilhas... lembrou-se de levar o passaporte, de que não precisaria em Rizhskaya mas, depois dessa estação, já lhe poderia ser útil para não ser preso ou mesmo fuzilado pela primeira patrulha que viesse a encontrar, dependendo da orientação política em vigor. E também havia o cartucho que lhe fora dado pelo Caçador. E não precisava de mais nada.

Pôs a mochila às costas e contemplou a sua casa pela última vez, voltando-lhe depois as costas, resolutamente.

O grupo que ia partir com a caravana encontrava-se reunido na plataforma, à entrada do túnel do sul. Nos carris já havia uma vagoneta carregada com caixas de carne, cogumelos e pacotes de chá. Por cima de tudo isto, encontrava-se um dispositivo eléctrico montado pelos peritos locais, que devia ser uma espécie de aparelho de telegrafia.

Na caravana, além de Kirill, estavam mais dois homens que ele não conhecia: um voluntário e um comandante nomeado pelo governo de VDNKh para as conversações com Rizhskaya e para assinar o acordo com o governo da outra estação. Já tinham arrumado as suas coisas e estavam a jogar dominó, aguardando o sinal de partida. A seu lado mantinham as metralhadoras que lhes haviam sido entregues para a viagem. As armas formavam uma pirâmide, com os canos apontados directamente para o alto e os carregadores sobresselentes colados às suas coronhas com fita isoladora azul.

Zhenya apareceu finalmente. Tivera de dar de comer à irmã e de a levar aos vizinhos, antes de sair, pois os pais estavam ainda a trabalhar.

No último momento, Artyom lembrou-se de que não se despedira do padrasto. Desculpando-se e prometendo regressar rapidamente, pousou a

mochila e correu para casa. A tenda estava vazia, por isso, Artyom correu para as instalações onde em tempos se reunia o pessoal de serviço ao Metro e que agora pertencia ao governo da estação. Era aí que se encontrava Sukhoi, sentado diante do chefe da estação, escolhido por eleição para o cargo, com quem conversava animadamente. Artyom bateu à porta e tossicou.

– Saudações, Alexander Nikolaevich. Posso falar por uns instantes com o Tio Sasha?

– Com certeza, Artyom, entra. Queres chá? – perguntou o oficial de serviço, amavelmente.

– Já te vais embora? Quando é que regressas? – perguntou Sukhoi, afastando a cadeira da mesa para se levantar.

– Não sei ao certo... – murmurou Artyom. – Veremos o que vai acontecer...

E, nessa altura, percebeu que poderia nunca mais voltar a ver o padrinho. E não quis mentir a quem sempre o tratara como filho, dizendo-lhe, por exemplo, que regressaria no dia seguinte ou depois de amanhã e que tudo continuaria a ser como era.

Sentindo uma picada nos olhos, descobriu, envergonhando-se, que eles estavam húmidos. Deu um passo em frente e abraçou o padrasto.

– Então, então, Artyomka... Que se passa? Regressas já amanhã... Então? – Surpreendido, o padrasto tentou sossegá-lo.

– Amanhã à noite, se tudo correr como previsto – confirmou Alexander Nikolaevich.

– Toma conta de ti, Tio Sasha! Fica bem! – exclamou Artyom, numa voz rouca, apertando a mão ao padrasto e saindo a correr.

Sukhoi ficou a olhar para ele, ainda sob o efeito da surpresa.

– Porque é que ele ficou assim perturbado? Não é a primeira vez que vai a Rizhskaya...

– Não é nada, Sasha, não é nada. Chegará o dia em que o teu rapaz se tornará um homem. E tu vais ter saudades dos tempos em que ele te dizia adeus com lágrimas nos olhos, quando só ia viajar até duas estações mais à frente. Portanto, que estavas tu a dizer a respeito da opinião da estação de Alekseevskaya de patrulhar os túneis? Dar-nos-ia muito jeito...

Ao regressar ao grupo, Artyom viu que o comandante havia entregue uma

metralhadora a cada pessoa e que estava a dizer-lhes:

– Então, pessoal? Vamos sentar-nos por um instante, antes de partirmos? – Sentou-se no velho banco de madeira. Os restantes homens imitaram-no, durante alguns instantes, em silêncio. – Muito bem, que Deus nos acompanhe! – O comandante pôs-se em pé e saltou para o chão, tomando o seu lugar à frente do grupo.

Artyom e Zhenya, como membros mais novos da expedição, subiram para a vagoneta e prepararam-se para a árdua tarefa de pôr em movimento o veículo. Kirill e o segundo voluntário tomaram os seus lugares no fim da coluna.

– Avante! – gritou o oficial.

Artyom e Zhenya baixaram-se e puseram as mãos nas manetes enquanto Kirill começou a empurrar a vagoneta. E, com um guincho, o veículo pôs-se em movimento e começou a deslizar pelos carris. Os últimos membros do grupo seguiram-no e desapareceram todos na embocadura do túnel do sul.

17 N.T. – Linha de Kaluzhsko-Rizhskaya
A linha 6 do Metro de Moscovo, entre as estações de Medvedkovo e Novoyasenevskaya.

18 N.T – **L ÚÇ**
A palavra russa “**pÚÇfi** significa “parvoíce”, “estupidez” ou “idiotice”, tendo-se generalizado como sinónimo de estupefaciente, atendendo ao estado mental que o seu consumo provoca.

19 N.T. – Hottabych
Protagonista principal do romance **Z g qªt ÁO ı uÁP ÁÖnçot** , da autoria de Lazar Ginsburg (Lazar Iosifovich Lagin, 1903-1979).

20 N.T. – Linha de Kakhovskaya
A linha 11 do Metro de Moscovo, entre as estações de Kakhovskaya e de Kashirskaya.

A VOZ DOS TÚNEIS

A luz instável da lanterna do comandante oscilava de um lado para o outro, como uma mancha amarela e pálida nas paredes do túnel, deslizando pelo solo e desaparecendo depois por completo quando apontada para a frente. O que se abria diante deles era uma escuridão profunda que, a menos de dez passos de distância, já parecia devorar sem piedade os fracos raios de luz das lanternas de bolso. As rodas da vagoneta guinchavam, com um som suplicante e melancólico, na sua viagem a caminho do desconhecido, e a respiração e os passos ritmados das botas dos homens que a seguiam só serviam para sublinhar o silêncio que os envolvia.

Os cordões de defesa do Sul tinham ficado para trás e já há muito tempo que a luz trémula das suas fogueiras deixara de se ver. Estavam fora do território de VDNKh. E apesar de a viagem de VDNKh para Rizhskaya ser considerada segura, atendendo ao bom relacionamento existente entre as duas estações e ao facto de haver bastante movimento entre elas, a caravana era obrigada a manter-se em alerta.

O perigo não vinha apenas das extremidades do túnel, a sul ou a norte. Podia ocultar-se por cima deles, nas condutas de ventilação ou nas paredes, para lá das portas seladas de antigos espaços de arrumação ou das passagens secretas que davam para os vários ramais do túnel. Debaixo deles também espreitavam perigos diversos nos poços deixados abertos pelos construtores do Metro e depois esquecidos, ou ignorados, pelas equipas de manutenção da época em que a rede do Metro era apenas um sistema de transporte de pessoas e em que ainda não surgiam das profundezas coisas terríveis, que podiam transformar as mentes dos mais ousados em infernos de horror irracional.

Era por isso que a luz da lanterna do comandante oscilava de uma parede à outra e que os dedos dos homens que fechavam a caravana não largavam os mecanismos de segurança das metralhadoras, prontos a destravá-las a

qualquer momento e a levarem o dedo ao gatilho. Também era por isso que quase não falavam enquanto andavam. Qualquer conversa enfraqueceria e perturbaria a sua capacidade de ouvirem os sons do túnel.

Artyom já estava a começar a sentir-se cansado. Bem se esforçava, mas levantar e baixar a manete que fazia girar as rodas era um movimento monótono. O jovem bem tentava olhar para a frente mas sentia a cabeça a girar ao ritmo das rodas, tão histericamente pesadas como as frases que ouvira ao Caçador antes de ele se ir embora: o que dissera sobre o poder das trevas, a forma de governo mais generalizada no território abrangido pela rede do Metro de Moscovo.

Artyom começou a pensar na maneira de chegar à Pólis e tentou fazer um plano mas os músculos foram lentamente dominados pela fadiga e por uma dor penetrante que lhe nascia das pernas flectidas e que lhe subia pelas costas, varrendo-lhe da mente todos os pensamentos mais complexos.

Ao mesmo tempo, escorria-lhe pela testa um suor quente e salgado. De início, não passara de gotas minúsculas mas, depois, as gotas aumentaram de dimensão e de peso, escorrendo-lhe pelo rosto e entrando-lhe nos olhos sem que ele tivesse qualquer hipótese de as limpar, porque Zhenya estava no lado oposto do mecanismo e, se Artyom soltasse a pega, seria ele a arcar com o peso todo das rodas. O sangue latejava-lhe nos ouvidos com uma força cada vez maior e Artyom lembrou-se que, em pequeno, gostava de adoptar uma pose desconfortável para poder conseguir ouvir o sangue a latejar-lhe nos ouvidos, porque o som lhe fazia lembrar os passos dos soldados num desfile militar. Se fechasse os olhos, podia imaginar-se na pele de um marechal a comandar o desfile, com as suas fiéis divisões a marcharem diante de si, medindo os passos que davam e saudando-o. Eram assim as descrições dos militares que tinha encontrado nos livros.

Finalmente, o comandante disse, sem sequer se voltar:

– Muito bem, pessoal, desçam daí e troquem de lugares. Já fizemos metade do caminho.

Artyom trocou um olhar com Zhenya e saltou da vagoneta, sentando-se ambos nos carris apesar de terem de tomar as suas posições no fim do grupo.

O comandante observou-os com atenção e disse, mas não antipaticamente:

– Flores-de-estufa...

– Flores-de-estufa – reconheceu prontamente Zhenya.

– Ponham-se já de pé! Isto não é sítio para se sentarem. E já são horas de partirmos. Eu conto-vos uma história para estarem entretidos.

– E nós também temos boas histórias que podemos contar! – retorquiu Zhenya, confiante, nada interessado em levantar-se.

– Pois, eu conheço todas as tuas histórias. Sobre os pretos, sobre os mutantes... Sobre os teus pequenos cogumelos, claro. Mas há algumas histórias que nem tu ouviste ainda. É verdade e podem ser mais do que simples histórias... Só que ninguém as pôde confirmar. Quer dizer, já houve pessoas que tentaram confirmar esses relatos mas não conseguiram obter certezas.

Para Artyom, as palavras do comandante foram suficientes para sentir um novo alento. Agora, todas as informações sobre o que acontecera para lá da estação de Prospekt Mira ganhavam um novo significado, em sua opinião. Levantou-se rapidamente dos carris e, transferindo a metralhadora das costas para o peito, ocupou a sua posição atrás da vagoneta.

Com um pequeno empurrão, as rodas voltaram a chiar e fizeram de novo ouvir o seu cântico triste. O grupo avançou. O comandante manteve-se voltado para a frente, a observar com muita atenção as trevas porque nem tudo se anunciava pelo som.

– É um assunto que me interessa – estava a dizer o comandante –, saber o que conhece a vossa geração do Metro. Contam tantas histórias entre vocês. Houve alguém que foi a algum lado, houve alguém que inventou tudo... Um diz a outro uma coisa errada e esse conta a uma terceira pessoa que, por sua vez, acrescenta mais pontos à história, que conta a uma quarta pessoa quando estão a beber um chá e essa pessoa faz de conta que viveu ela própria a aventura. É este o problema principal do Metro: não há linhas de comunicação de confiança. Não é possível ir rapidamente de uma ponta à outra. Não se consegue atravessar em alguns locais, a passagem está bloqueada noutros, onde está a acontecer qualquer porcaria, e as condições acabam por mudar todos os dias. Acham que a rede do Metro é assim tão grande? De um lado ao outro, de comboio, o caminho fazia-se numa hora. Mas, agora, as pessoas precisam de semanas para fazer o mesmo percurso...

quando o conseguem fazer. E nunca se sabe o que pode estar à espera quando se volta uma esquina. Nós, portanto, partimos para Rizhskaya com ajuda humanitária... Mas o problema é que ninguém, nem o oficial de serviço nem eu, está apto a garantir que, quando lá chegarmos, não somos recebidos por fogo de artilharia pesada. Ou que não encontraremos uma estação arrasada pelas chamas onde já não há um único ser vivo. Ou que Rizhskaya não se uniu à Hansa e que, por isso, já não se consiga, nunca mais, chegar por aí ao resto do Metro. Não há informações rigorosas. Recebemos alguns elementos ontem... mas pode ficar tudo ultrapassado à noite e, no dia seguinte, nem nos podemos fiar nessas informações. É como atravessar areias movediças com um mapa centenário. E os mensageiros também demoram muito tempo a trazer-nos as mensagens e isso leva a que, muitas vezes, as informações que trazem já não sejam necessárias ou já não sejam de fiar. A verdade fica distorcida. As pessoas nunca viveram nestas condições... E é assustador pensar no que poderá acontecer quando já não houver combustível para os geradores e quando a electricidade desaparecer. Leram **H U ÃÚu mpÁe qº ÂÁA**de Wells? Bem, havia os Morlocks...

Esta já era a segunda vez em dois dias que, no decorrer de uma conversa, Artyom ouvia falar dos Morlocks e de Herbert George Wells e já lhe chegava. Por isso, não ligando aos protestos de Zhenya, fez a conversa voltar à sua origem, perguntando ao comandante:

– Portanto, o que é que a vossa geração sabe do Metro?

– Hmm... Falar sobre as coisas diabólicas nos túneis traz azar... E sobre o Metro-2 e os Observadores Invisíveis? Também não falarei disso. Mas posso contar-vos algumas coisas interessantes sobre quem vive onde. Sabem, por exemplo, que o local onde ficava a estação Pushkinskaya, onde há duas passagens a pé para Chekhovskaya e Tverskaya[21], foi tomado pelos fascistas?

– O quê? Que fascistas? – perguntou Zhenya, intrigado.

– Fascistas a sério. Em tempos, quando vivíamos lá em cima – o comandante apontou para o tecto –, havia fascistas. Também havia **Éz u t qmpÉA** que se denominavam "UNR"[22] e os que eram contra os imigrantes, tal como muitos outros, porque era essa a tendência dominante. Só um louco consegue perceber o que significam as siglas deles e agora já

ninguém se lembra, tal como eles, provavelmente, também já não se devem lembrar. Depois, segundo parece, desapareceram. Vocês nunca ouviram falar deles nem nunca os viram. E de repente, há algum tempo, eles reapareceram. "O Metro é para os russos!" Ouviram esta frase? Ou "Façam uma boa acção – limpem o Metro"? Depois, expulsaram de Pushkinskaya todos os que não eram russos, fazendo de seguida o mesmo em Chekhovskaya e em Tverskaya. Finalmente, tornaram-se raivosos e começaram a punir as pessoas. Agora têm lá um **c quot**. O quarto ou o quinto **c quot** ... uma coisa dessas. Ainda não começaram a avançar mas a nossa geração ainda se lembra do que aconteceu no século XX. E do que são os fascistas... Os mutantes da linha de Filyovskaya, basicamente, existem na realidade... E os nossos pretos, que importância terão? Depois há os seguidores de várias seitas, os satanistas, os comunistas... É um mundo de curiosidades, é o que é.

Passaram uma porta arrombada e viram uma sala dos serviços de administração. Talvez fosse o acesso a uma casa de banho ou um refúgio... Cheio de beliches de ferro e de canalizações aplicadas de qualquer maneira. Era tudo material roubado há muito tempo mas, agora, ninguém queria entrar nessas divisões vazias e escuras espalhadas ao longo dos túneis. Não havia nada aí. Mas, ao certo, nunca se poderia saber.

Viram, ao fundo, uma luz que piscava tenuemente. Já estavam a aproximar-se de Alekseevskaya. Esta estação tinha uma população mínima e a patrulha, destacada para os cinquenta metros, era de uma só pessoa. Não conseguiam ir mais longe. O comandante deu ordem de paragem a cerca de quarenta metros da fogueira da patrulha de Alekseevskaya e acendeu e apagou várias vezes a lanterna, numa sequência precisa, avisando o vigia da estação. A luz das chamas revelou uma figura escura, a andar na direcção deles. À distância, o guarda gritou:

– Alto! Não se aproximem!

Artyom perguntou a si próprio se seria possível, um dia, não serem reconhecidos numa estação com a qual consideravam ter relações de amizade e serem recebidos com hostilidade.

O vulto estava a aproximar-se deles vagarosamente. Envergava calças camufladas rasgadas e um blusão acolchoado com a letra "A" bem

destacada, talvez por ser a primeira letra de Alekseevskaya. O rosto chupado tinha a barba por fazer e os olhos brilhantes revelavam a sua desconfiança, enquanto as mãos acariciavam nervosamente uma metralhadora voltada para os recém-chegados. O homem olhou para o rosto de cada um e sorriu – reconheceu-os, afinal, e, num gesto ilustrativo da sua confiança, pôs a metralhadora a tiracolo.

– Ainda bem que são vocês, pessoal! Como estão? São vocês que se dirigem para Rizhskaya? Nós já sabemos porque eles nos avisaram. Vamos!

O comandante perguntou qualquer coisa ao guarda mas ninguém conseguiu perceber o que tinha dito e Artyom, esperando que também ninguém o ouvisse, cochichou a Zhenya:

– Parece demasiado cansado e mal alimentado. Não me parece que queiram unir-se a nós por terem uma boa vida.

– E depois? – retorquiu o amigo. – Nós também temos os nossos interesses a defender. Se o nosso governo o quer fazer é porque quer algo deles. Não é por caridade que vimos alimentá-los.

Passaram a fogueira acesa na marca dos cinquenta metros, onde estava sentado um segundo guarda vestido exactamente como o homem que fora ao encontro deles, e a vagoneta continuou a sua viagem em direcção à estação. Alekseevskaya estava mal iluminada e as pessoas que aí viviam pareciam tristes e pouco faladoras. Ao contrário dos habitantes de VDNKh, que recebiam amavelmente os seus visitantes. O grupo parou a meio da plataforma e o comandante disse que fariam um intervalo para poderem fumar. Artyom e Zhenya ficaram na vagoneta enquanto os outros foram convidados a juntar-se à fogueira.

– Nunca tinha ouvido falar nos fascistas e no **c quot** – comentou Artyom.

– A mim já me tinham dito que havia fascistas em qualquer ponto do subsolo – disse Zhenya –, mas só em Novokuznetskaya.

– Quem foi que te disse?

– Lekha – respondeu Zhenya, com relutância.

– Ele conta-te muitas coisas interessantes – recordou-lhe Artyom.

– Mas é que aí há mesmos fascistas! Ele só se enganou no local. Ele não mentiu, está bem? – replicou Zhenya, a jogar à defesa.

Artyom ficou silencioso e mergulhou nos seus próprios pensamentos. A

pausa para poderem fumar, em Alekseevskaya, devia demorar só meia hora. O comandante parecia estar a conversar com o chefe local, possivelmente sobre a futura cooperação entre as duas estações. A seguir, deviam continuar a avançar, para poderem alcançar Rizhskaya até ao final do dia. Passariam aí a noite, tomariam decisões sobre o que fosse necessário, inspeccionariam o cabo que tinha sido descoberto e enviariam depois um mensageiro a VDNKh, para receberem instruções. Se o cabo pudesse ser utilizado para estabelecer as comunicações entre três estações, faria sentido desenrolá-lo e criar uma ligação telefónica. Mas, caso não parecesse utilizável, seria necessário regressar de imediato à estação.

Artyom só ficava, por isso, dois dias com a caravana. Durante este tempo, teria de inventar um pretexto que lhe permitisse atravessar os cordões exteriores de Rizhskaya, cujas patrulhas eram ainda mais desconfiadas e picuinhas do que as de VDNKh. A desconfiança que revelavam era absolutamente compreensível: começava aí, a sul, a rede mais vasta do Metro e o cordão sul de Rizhskaya era atacado com frequência. E apesar de os perigos que ameaçavam a população de Rizhskaya não serem tão enigmáticos nem tão assustadores como os que pendiam sobre VDNKh, eram também preocupantes, embora de maneira diversa. Os combatentes encarregues da defesa sul de Rizhskaya nunca sabiam o que deviam esperar e tinham, por isso, de estar prontos para tudo.

A ligação entre as estações de Rizhskaya e de Prospekt Mira era feita por dois túneis. Destruir um deles não parecia ser possível, por qualquer motivo, e os habitantes de Rizhskaya haviam sido obrigados a instalar barricadas em ambos. Mas isto exigia tanto às suas forças que a defesa do túnel do norte se revelara vital para a estação. Nessa perspectiva, tinham conseguido unir as suas forças às de Alekseevskaya e, mais significativamente, às de VDNKh, transferindo deste modo os encargos da defesa do norte para as outras estações e garantindo, ainda, uma certa tranquilidade nos túneis que ligavam as estações, o que lhes permitia concentrar-se mais nos problemas internos. Em VDNKh, esta situação foi também vista como uma oportunidade para o reforço da sua influência.

Na perspectiva da união que estava iminente, os postos de vigilância de Rizhskaya começaram a mostrar-se mais activos: tornava-se necessário

demonstrar aos futuros aliados que era possível confiar neles para defender as fronteiras do sul. Era por isso que parecia ser especialmente difícil atravessar os cordões, tanto numa direcção como na outra, e Artyom só dispunha de dois dias para descobrir como poderia fazê-lo.

Mas o seu objectivo não parecia impossível de ser alcançado. O problema acabava por ser decidir o que faria depois. Mesmo que conseguisse atravessar os postos de vigilância do Sul, teria ainda de descobrir um caminho suficientemente seguro para a Pólis. E como tivera de tomar uma decisão urgente, não conseguira pensar, antes de sair de VDNKh, no que devia fazer para conseguir chegar à Pólis. Na sua estação, podia ter perguntado aos mercadores seus conhecidos quais os perigos que o esperariam, sem levantar suspeitas. E sabia que suscitaria agora essas suspeitas se fizesse perguntas a Zhenya, ou a outro membro do grupo, sobre a maneira de chegar à Pólis. E, com isso, Zhenya ficaria de imediato a saber que ele andava a preparar qualquer coisa. Não tinha amigos em Alekseevskaya nem em Rizhskaya e não podia fazer as perguntas que desejava fazer a pessoas que mal conhecia.

Aproveitando o facto de Zhenya se ter afastado para ir falar com uma rapariga que estava sentada não muito longe deles na plataforma, Artyom tirou subrepticiamente da mochila um pequeno mapa do Metro, impresso no verso de um cartão com as bordas carbonizadas que anunciava a realização de uma feira, muitos anos antes. Com um lápis, Artyom desenhou vários círculos em volta da Pólis.

O caminho para aí chegar parecia breve e fácil de fazer. Mas isso era antigamente, nos tempos míticos descritos pelo comandante em que as pessoas não precisavam de andar armadas e se deslocavam sem problemas de estação em estação, mesmo tendo de mudar de comboio e de seguir por outra linha. No tempo em que viajar de uma extremidade à outra da rede não demorava mais do que uma hora. No tempo em que os túneis só eram percorridos pelos comboios que passavam a toda a velocidade, acompanhados pelo som martelado das suas rodas. E quando a distância entre a Pólis e VDNKh era mais curta e mais nítida.

Examinando o velho mapa, Artyom viu que podia seguir ao longo da linha até Turgenevskaya e, aí, enveredar por um túnel para peões até Chistye

Prudy, como na altura era designada. Ou optar pela linha de Kirovskaya e pela Linha Vermelha, a linha de Sokolnicheskaya, directamente até à Pólis... Na época dos comboios e das luzes fluorescentes, uma viagem destas demoraria cerca de trinta minutos. Mas desde que as palavras "Linha" e "Vermelha" haviam sido escritas em letra maiúscula e a bandeira vermelha de algodão fora pendurada no túnel para peões de Chistye Prudy não valia a pena, sequer, pensar num atalho para chegar à Pólis.

Os dirigentes da Linha Vermelha tinham desistido de todas as tentativas feitas para tornar feliz a população do Metro, adoptando uma nova doutrina, que implantava o comunismo ao longo de uma linha que não convergia com a da rede. E embora não tivessem sido capazes de pôr de lado o seu sonho original e de continuarem a designar a rede do Metro por "Metropolitano V. I. Lenine", não haviam dado, entretanto, novos passos para alcançarem o seu grande desígnio.

No entanto, apesar da natureza aparentemente pacífica do regime, a sua natureza interior paranóica não mudara. Havia centenas de agentes do serviço de segurança interna, um pouco nostálgicos do KGB[23], que vigiavam os felizes habitantes da Linha Vermelha em permanência e com grande diligência, demonstrando sempre um interesse interminável por todos os visitantes. Não havia quem pudesse passar para outra estação sem uma autorização especial do governo dos vermelhos. A monitorização constante dos passaportes, a vigilância imparável e uma suspeita clínica generalizada afectava tanto os viajantes ocasionais como os espiões enviados para a Linha Vermelha. Os primeiros eram considerados equivalentes a estes e o destino dos dois grupos era igualmente triste. Portanto, não valia a pena a Artyom pensar em chegar à Pólis pelas três estações da Linha Vermelha.

Não havia, podia dizer-se, um caminho fácil para chegar ao centro do Metro. E quanto à Pólis... Bastava uma referência a este nome para Artyom (e quase todas as outras pessoas) mergulhar num silêncio reverencial. Artyom lembrava-se com clareza de quando ouvira essa palavra pela primeira vez no relato feito por um dos amigos do padrasto. Depois de o visitante ter saído, Artyom perguntara em voz baixa a Sukhoi qual o significado da palavra. O padrasto fitara-o com atenção e, com alguma

tristeza na voz, respondera-lhe:

– Esse, Artyom, será possivelmente o último local da Terra onde as pessoas vivem como pessoas. Onde não se esqueceram do significado da palavra "pessoa" e, mais do que isso, do som dessa palavra.– Sukhoi fizera um sorriso triste. – Uma cidade é isso.

A estação designada por Pólis ficava num ponto onde se cruzavam quatro linhas do Metro, englobando um conjunto de quatro estações: Aleksandrovsky Sad, Borovitskaya[24], Arbatskaya e a Biblioteca Lenine.

Este imenso território era o último e genuíno bastião da civilização, o último lugar onde havia uma população tão vasta que os visitantes da província que por acaso aí chegassem não podiam deixar de a considerar uma cidade. Tinha um nome que, no entanto, significava o mesmo: Pólis. E foi talvez por esta palavra ter um som estrangeiro, e fazer eco de uma cultura antiga, poderosa e maravilhosa que parecia capaz de proteger os seus habitantes, que acabou por ficar como nome mais abrangente[25].

A Pólis era um fenómeno único em todo o Metro. Era aí, e só aí, que se podiam conhecer os guardiões do conhecimento mais estranho e mais antigo que não se encontravam em nenhum outro ponto deste hostil mundo novo cujas leis iam desaparecendo. Para os habitantes de quase todas as outras estações e para o conjunto do Metro, que ia gradualmente mergulhando num abismo caótico dominado pela ignorância, o conhecimento ia-se tornando uma inutilidade, tal como aqueles que o conservavam. Rejeitados em todo o lado, sentiam-se atraídos para a Pólis, onde eram acolhidos de braços abertos porque, aqui, o poder estava nas mãos dos seus colegas. Era por isso que na Pólis, e apenas nesta estação, se podiam encontrar professores já decrépitos que, a certa altura, haviam trabalhado nos departamentos de universidades famosas, agora vazias, em ruínas e infestadas pelos ratos e pelo bolor. E era também aí que habitavam os últimos artistas vivos: os escritores e os poetas. Tal como os últimos físicos, químicos e biólogos e todos os outros que guardavam nas suas mentes os feitos da humanidade e que sabiam o que se passara em mil anos de História. Eram os possuidores de um conhecimento que, quando morressem, se perderia.

A Pólis ficava debaixo do que costumava ser o centro exacto da cidade que

existira à superfície. Mesmo por cima da Pólis ficava o edifício da Biblioteca Lenine – era o arquivo mais extenso de informações e de dados de todas as épocas. Havia centenas de milhares de livros em dezenas de línguas, abrangendo provavelmente todas as áreas estudadas pelo pensamento humano. Havia centenas de toneladas de papéis marcados com toda a espécie de letras, sinais e hieróglifos, alguns dos quais já ninguém conseguia ler porque a língua morrera com as últimas pessoas que a falavam. Mas toda esta maciça colecção de livros podia ser lida e compreendida, e as pessoas que haviam morrido há uma centena de anos e que os haviam escrito ainda tinham muito a dizer aos vivos.

De todas as confederações, impérios e estações poderosas que dispunham dos meios para enviar expedições à superfície, a Pólis era a única que enviava os seus saqueadores à procura de livros. Era o único local onde o conhecimento era tão valorizado que as pessoas estavam dispostas a arriscar as vidas dos seus voluntários em troca de livros, pagando somas enormes aos que contratavam para o fazerem, trocando bens materiais por bens espirituais.

E, apesar do idealismo e da aparente falta de pragmatismo do seu governo, a Pólis mantivera-se forte ao longo dos anos, sabendo evitar os problemas. Se algum perigo os ameaçasse, o Metro todo ficaria pronto para se mobilizar em sua defesa. Os ecos da última batalha aí travada – entre a Linha Vermelha e a Hansa – já não se ouviam e uma aura mágica de invulnerabilidade e de bem-estar rodeava de novo a estação.

Ao pensar nesta cidade maravilhosa, Artyom não achava estranho que a viagem para lá chegar não fosse fácil. Ele teria de se perder, de enfrentar perigos e de vencer testes de força ou, de outro modo, o propósito da sua viagem perderia todos os encantos.

Se o percurso que devia fazer para chegar à Biblioteca Lenine, através de Kirovskaya e ao longo da Linha Vermelha, lhe parecia demasiado arriscado, teria de tentar ultrapassar a patrulha da Hansa e seguir pelo Círculo. Artyom debruçou-se ainda mais sobre o mapa de bordas queimadas.

Se tivesse êxito na tentativa de atravessar o território da Hansa, sob qualquer tipo de pretexto; falando com os guardas nos cordões, forçando a passagem ou por qualquer outro meio, a viagem para chegar à Pólis seria

bastante curta. Se partisse de Prospekt Mira na direcção do Círculo, passando pelas duas estações pertencentes à Hansa, sairia em Kurskaya. Aí, poderia mudar para a linha de Arbatsko-Pokrovskaya[26] e chegar depois a Arbatskaya, que o mesmo era dizer à Pólis. A Praça da Revolução ficava no meio do caminho, cedida à Linha Vermelha em troca da Biblioteca Lenine, mas os vermelhos garantiam o livre trânsito a todos os viajantes. Esta era uma das condições básicas do acordo de paz. E como Artyom não estava a planear ficar nessa estação mas, apenas, atravessá-la, seria natural que o deixassem passar livremente. Se alguma coisa não corresse bem, disse a si próprio, poderia tentar sempre encontrar uma rota alternativa. Observando as linhas que se interligavam nas diversas passagens, Artyom pensou que o comandante tinha ido longe demais no quadro que traçara das dificuldades que mesmo a mais curta das viagens pelo Metro apresentaria. Era possível, por exemplo, sair de Prospekt Mira não pela direita mas pela esquerda – Artyom percorreu com o dedo o mapa até chegar ao Círculo – até alcançar Kievskaya e, daí, seguir por uma passagem pedonal até à linha de Filyovskaya ou à linha de Arbatsko-Pokrovskaya, separada da Pólis por apenas duas passagens. A tarefa já não lhe parecia impossível. O exercício que estivera a fazer com o mapa tinha-lhe dado confiança em si próprio. Já sabia agora o que devia fazer e não duvidava de que quando a caravana iniciasse a viagem de regresso de Rizhskaya, ele não se encontraria entre eles e não voltaria para VDNKh, encontrando-se já a caminho da Pólis.

– Estás a estudar? – perguntou-lhe Zhenya, depois de se ter aproximado de Artyom sem que este desse por ele.

Artyom deu um pulo, surpreendido, e até tentou esconder o mapa.

– Sim... Não... Eu queria... Eu queria encontrar no mapa a estação onde está o **c qwt** , de que o comandante nos falou.

– E encontraste-a? Não? Vá lá, deixa-me mostrar-ta – disse Zhenya, com uma sensação de superioridade. Orientava-se no Metro muito melhor do que Artyom – melhor até do que os seus contemporâneos – e sentia-se orgulhoso por isso. Pôs, de imediato, o dedo no triângulo formado por Chekhovskaya, Pushkinskaya e Tverskaya, sem hesitar. Artyom respirou de alívio mas Zhenya tomou o movimento por uma expressão de inveja.

E, por isso, decidiu consolar o amigo:

– Não te preocupes, um dia serás tão bom como eu a perceber estas coisas.

Artyom apressou-se a mudar de assunto, pondo uma expressão de gratidão no rosto.

– Quanto tempo é que ficamos aqui? – perguntou.

– Jovens! Vamos partir! – trovejou a voz do comandante e Artyom percebeu que não haveria outra oportunidade para descansar e que nem sequer tinha comido.

O turno de condução da vagoneta calhou, de novo, aos dois. As duas manetes começaram a movimentar-se, enquanto as botas ressoavam no cimento, e o grupo entrou no túnel.

Desta vez, a expedição prosseguiu em silêncio e só o comandante é que começou a falar. Chamara Kirill para a cabeça e estava a debater qualquer coisa com ele, numa voz calma. Artyom não tinha forças nem vontade para ouvir o que diziam. A maldita vagoneta exigia-lhe todas as suas energias.

O homem que ficara sozinho na cauda do grupo sentia-se nitidamente desconfortável e olhava para trás, a medo e com frequência. Artyom estava de frente para ele, na vagoneta, e conseguia ver que nada havia de assustador atrás dele mas que lhe bastava olhar por cima do ombro para se sentir mais seguro. Este tipo de medo e de desconfiança perseguiam-nos e Artyom sabia que não era só ele que o sentia. Qualquer pessoa que viajasse sozinha estava familiarizada com esta sensação. E até havia um nome para ela: “medo do túnel”. Acontecia quando se seguia por um túnel e, muito em especial, se a lanterna não prestasse e se se pressentisse que poderia haver atrás da pessoa bons motivos para se ter medo. Às vezes, a sensação era de tal modo intensa que era como se sobre a nuca do viajante caísse o olhar de alguém ou nem sequer o olhar... Quem poderia saber quem ali estaria, ou o quê, e como essa presença perceberia o mundo? A sensação podia ser tão opressiva que não se aguentava e a pessoa tinha de voltar-se, velozmente, assestando a lanterna para a escuridão... e nada via. Só o silêncio... Só o vazio... Tudo estava tranquilo. Mas enquanto o viajante olhava para trás, a esforçar os olhos até lhe doerem, só queria era fugir na direcção oposta e iluminar o túnel que tinha pela frente. Estaria lá alguém? Ter-se aí alguém aproximado dele, sorrateiramente, enquanto ele olhava para o outro lado? E novamente... A questão principal era não perder o controlo, não ceder ao

medo, convencer-se a si próprio de que era tudo um disparate e de que nada ouvira...

Mas era muito difícil a alguém controlar-se, em especial quando se andava sozinho. As pessoas perdiam o juízo. Não conseguiam acalmar-se, nem mesmo quando alcançavam estações habitadas. É claro que, com o tempo, voltavam de novo a si mas já não conseguiam obrigar-se a percorrer outra vez o mesmo túnel... ou voltariam a ser dominadas, de imediato, pela mesma sensação de alarme, familiar a todos os habitantes do Metro, que facilmente se transformaria numa ilusão perniciosa.

– Não tenhas medo, eu estou a ver! – gritou Artyom ao homem que fechava a coluna. O homem acenou afirmativamente com a cabeça mas, minutos depois, não conseguiu deixar de olhar mais uma vez para trás de si. Era difícil...

– Um tipo que eu conheci em Seregi ficou um pouco maluco, desta maneira – disse Zhenya, sabendo ao que se referia Artyom. – Para ser justo, tinha uma boa razão para isso. Ele decidiu atravessar o túnel em Sukharevskaya... Lembras-te de te ter falado nisso? Onde nem se podia ir sozinho e era necessário viajar numa caravana? Bem, o tipo conseguiu sobreviver. Mas sabes porquê? – Zhenya fez uma careta de troça. – Por não ter tido coragem suficiente para ir além dos cem metros. Quando foi, mostrou-se tão corajoso e decidido. Mas depois... Ah! Regressou vinte minutos depois, de olhos esbugalhados, os cabelos em pé, sem pronunciar uma única palavra que se percebesse. Não conseguiram tirar dele nenhuma informação e, desde essa altura, o que ele diz é incoerente e, na maior parte das vezes, limita-se a mugir como uma vaca. E nunca mais quis pôr um pé no túnel. Ficou em Sukharevskaya, a suplicar. Transformou-se no idiota da aldeia. Percebes a moral da história?

– Claro – respondeu Artyom, apesar das suas dúvidas.

O grupo avançou durante mais algum tempo em silêncio. Artyom voltou a mergulhar nos seus próprios pensamentos, caminhando enquanto tentava pensar em algo que fosse tido por plausível no posto de saída de Rizhskaya.

E assim continuaram até ao momento em que, um pouco mais tarde, Artyom deu por uma espécie de som que lhe pareceu estranho e que ia aumentando de intensidade, proveniente do túnel que continuava a abrir-se

diante deles.

Este ruído, que começara por ser quase inaudível, estava na fronteira do som que consegue ainda ser ouvido e do ultra-som, ganhando imperceptivelmente uma força gradual de tal maneira que ninguém pôde dizer quando é que começara a ouvi-lo. A Artyom fez lembrar um sussurro incompreensível e inumano.

Olhou rapidamente para os outros. Moviam-se com passos ritmados, em silêncio. O comandante deixara de falar com Kirill, Zhenya estava a pensar em qualquer outra coisa e o homem da retaguarda olhava calmamente para a frente, tendo desistido de olhar nervosamente para trás. Ninguém estava a ouvir fosse o que fosse! Artyom começou a ficar assustado. O silêncio e a calma do grupo tornavam-se ainda mais evidentes com esta espécie de sussurro a funcionar como pano de fundo, que aumentava a cada segundo e que, continuando a ser incompreensível, era cada vez mais assustador. Artyom deixou de accionar a manete e ergueu-se, a toda a sua altura. Zhenya olhou-o, surpreendido. Os olhos do amigo estavam límpidos e não mostravam traço das drogas que Artyom receava encontrar neles.

– Que estás a fazer? – perguntou Zhenya, aborrecido. – Estás cansado ou quê? Devias ter dito em vez de ter parado dessa maneira.

– Não ouves nada?! – inquiriu Artyom, atónito, dando uma tal inflexão à voz que a expressão no rosto de Zhenya se alterou.

Zhenya pôs-se à escuta, sem deixar de manejar a manete. Mas a vagoneta estava, de qualquer modo, a abrandar, porque Artyom continuava de pé, com uma expressão confusa, a tentar captar os ecos do misterioso ruído.

O comandante deu pela redução da velocidade e voltou-se:

– Que se passa contigo? As tuas pilhas gastaram-se?

– Não ouve nada? – perguntou Artyom.

E, nesse preciso momento, uma sensação horrível dominou-lhe a alma: talvez não houvesse ruído e era por isso que ninguém o ouvia. Ele estava, simplesmente, a enlouquecer e a imaginar o som apenas por estar com medo...

O comandante deu ordem de parar para que os guinchos da vagoneta e o som das botas no solo deixassem de se ouvir. As mãos deslizaram para a metralhadora e ele deixou-se assim ficar, imóvel e tenso, à escuta, com um

ouvido voltado para o túnel.

O estranho som encontrava-se agora mesmo junto deles. Artyom conseguia ouvi-lo com clareza e quanto mais claro o som se tornava mais Artyom perscrutava o rosto do comandante, tentando perceber se ele estaria também a ouvir aquilo que estava a provocar na sua própria consciência uma agitação avassaladora. Mas a expressão do rosto do comandante suavizou-se, gradualmente, e Artyom sentiu-se invadido por uma sensação de vergonha. Além do mais, obrigara o grupo a parar sem motivo nenhum, passara-se e acabara por alarmar os restantes.

Zhenya, claramente, não conseguia ouvir nada, embora estivesse a tentar. Acabando por largar a manete, olhou para Artyom com uma expressão de troça e de desprezo, fitando-o directamente nos olhos e perguntando:

– Alucinações?

– Não me chateies! – gritou Artyom, inesperadamente, já irritado. – Que se passa? Estão todos surdos ou quê?

– São alucinações – concluiu Zhenya.

– Calma. Não é nada – afirmou o comandante, suavemente. – Deves ter pensado que estavas a ouvir qualquer coisa. Não te preocupes, essas coisas acontecem, não fiques nervoso, Artyom. Vá, começa outra vez e vamos pôr-nos em marcha – concluiu, procurando tornar a situação menos tensa e lançando-se de novo ao caminho.

Artyom não teve outro remédio senão voltar ao trabalho. Esforçou-se por se tentar convencer de que o sussurro só existia na sua imaginação e de que era provocado pela tensão. Tentou descontrair-se e não pensar em mais nada, esperando afastar o som da sua cabeça e, com ele, os pensamentos desordenados que o perturbavam. Conseguiu interromper esses pensamentos por algum tempo mas, na sua cabeça vazia, o som voltou a fazer-se ouvir com mais força, maior intensidade e com maior nitidez. Foi ainda buscar novas forças ao facto de estarem todos a deslocarem-se para Sul e, quando o som já se tornara tão intenso que parecia encher todo o Metro, Artyom reparou, de repente, que Zhenya estava a mover a manete só com uma mão e que, sem dar por isso, estava a esfregar as orelhas com a outra mão.

– Que estás tu a fazer? – sussurrou-lhe Artyom.

– Não sei... Sinto os ouvidos bloqueados. Tenho comichão – murmurou Zhenya.

– E não estás a ouvir nada? – perguntou Artyom.

– Nada... mas sinto a pressão – sussurrou Zhenya, em resposta, já sem a ironia com que antes se expressara.

O som atingiu o apogeu e Artyom percebeu de onde vinha. Era de um dos tubos que acompanhavam as paredes do túnel. O tubo fora usado como uma linha de comunicações e não se sabia para que mais. A certa altura rebentara e era dessa abertura que saía o estranho som. Provinha de qualquer local muito remoto e enquanto Artyom tentava imaginar o motivo pelo qual não existiam fios no interior mas apenas vazio e escuridão, o comandante parou de repente e disse, falando devagar e com dificuldade:

– Pessoal... Vamos... aqui... Vamos parar um pouco. Não estou a sentir-me bem... Tenho uma sensação estranha na cabeça.

Com passos incertos, o comandante ainda tentou chegar à vagoneta, para se poder sentar, mas acabou por tombar, como um saco sem forma. Zhenya olhou para ele, com uma expressão confusa no rosto, a esfregar os ouvidos com ambas as mãos, sem sair de onde se encontrava. Kirill ainda continuou a andar, por qualquer motivo, já sem a companhia do comandante, como se nada tivesse acontecido e sem reagir aos gritos dos seus companheiros. O homem que seguia na retaguarda sentou-se nos carris e começou a chorar como um bebé. A luz da lanterna ficou a apontar para o tecto do túnel, o que tornava a cena ainda mais sinistra.

Artyom entrou em pânico. Era, claramente, o único cuja mente não ficara entorpecida pelo som que, no entanto, já começava ser intolerável e que lhe bloqueava todos os pensamentos.

Desesperado, Artyom cobriu os ouvidos e sentiu-se um pouco melhor. Depois, usando toda a sua força, esbofeteou Zhenya, que estava a esfregar os ouvidos com uma expressão idiota, e, tentando sobrepor-se ao ruído, esquecendo-se de que era o único que o estava a ouvir, gritou-lhe:

– Pega no comandante! Põe o comandante na vagoneta! Não podemos ficar aqui! De maneira nenhuma! Temos de sair daqui!

A seguir, pegando na lanterna caída, foi a correr à procura de Kirill que, caminhando como um sonâmbulo, já se confundia com a escuridão do

túnel.

Mas o progresso de Kirill era lento, felizmente. A Artyom bastaram alguns passos mais largos para o alcançar e bater-lhe no ombro. Kirill, no entanto, não lhe ligou e continuou a andar, afastando-se cada vez mais dos outros com Artyom no seu encalço. Artyom adiantou-se-lhe e, sem saber o que fazer, voltou a lanterna para o foco de luz incidir directamente no rosto de Kirill. Kirill tinha os olhos fechados mas, de repente, franziu o sobrolho e parou. Segurando-o com uma mão, Artyom conseguiu com a outra levantar-lhe uma pálpebra e iluminar-lhe directamente a pupila. Kirill gritou, começou a pestanejar, abanou a cabeça e recuperou a consciência numa fracção de segundo, abrindo os olhos por completo e fitando Artyom, estupefacto. Encandeado pela luz da lanterna, teve dificuldade em ver e foi Artyom quem o levou pela mão para a vagoneta.

O corpo inconsciente do comandante já se encontrava no veículo e Zhenya encontrava-se junto dele, mantendo ainda no rosto a mesma expressão idiota. Largando Kirill na vagoneta, Artyom aproximou-se do homem que continuava sentado nos carris, a chorar. Observou-lhe os olhos e viu-lhe uma expressão de sofrimento absoluto tão penetrante que Artyom até recuou, assustado, receando ficar como ele, a chorar por causa da dor que sentia.

– Foram todos mortos... E foi tão doloroso! – ouviu-lhe Artyom dizer, por entre os soluços.

Artyom tentou obrigar o homem a levantar-se mas este escapou-se-lhe e gritou, de repente:

– Porcos! Gente desumana! Não vou a lado nenhum contigo. Quero ficar aqui! Estão sozinhos e a dor é tão grande... e tu queres tirar-me daqui?! A culpa é toda tua! Não vou a lado nenhum. A lado nenhum! Ouve, deixa-me em paz!

De início, Artyom ainda quis esbofeteá-lo, pensando que desse modo poderia pô-lo lúcido, mas depois pensou que ele poderia querer retaliar. Por isso, ajoelhou-se diante do seu companheiro e, apesar da dificuldade que sentia porque o som era muito forte, perguntou-lhe, com suavidade:

– Mas queres que te ajude, não é? Queres que eles parem de sofrer?

O homem olhou para Artyom, por entre lágrimas, respondendo num

sussurro, com um sorriso de medo:

– Claro, claro... Quero ajudá-los.

– Então tens de ajudar-me. Eles querem que me ajudes. Vai para a vagoneta e fica junto da manete. Tens de ajudar-me a ir para a estação.

– Eles disseram-te isso? – O homem olhou para Artyom, sem acreditar no que ouvia.

– Sim – respondeu Artyom, com uma expressão de confiança.

– E depois deixas-me voltar para junto deles?

– Dou-te a minha palavra de que te enviarei para junto deles, se assim quiseres – confirmou Artyom, puxando por ele e ajudando-o a subir para a vagoneta, sem lhe dar tempo a pensar mais.

Deixou-o no veículo, a obedecer mecanicamente às ordens de Zhenya, manejando a manete com Kirill, com o comandante ainda inconsciente entre eles. Depois, empunhando a metralhadora e apontando-a para a e escuridão, Artyom tomou a dianteira e começou a andar com passos rápidos. Surpreendeu-o o facto de conseguir ouvir a vagoneta atrás de si. O que estava a fazer era inaceitável – avançar com a retaguarda desprotegida – mas sair deste local o mais depressa possível era o mais importante de tudo.

Com três homens a mover a manete, podiam movimentar-se mais depressa do que antes. E Artyom sentiu-se mais aliviado por perceber que o som maligno se ia atenuando e que a sensação de se encontrar em perigo também diminuía. Gritou aos outros que mantivessem a velocidade e ouviu, repentinamente, a voz surpreendida e sóbria de Zhenya atrás de si:

– Que se passa? És tu o comandante, agora?

Artyom fez sinal para pararem, percebendo que já tinham conseguido sair da zona de perigo, regressando para junto do grupo e deixando-se cair debilmente no chão, encostado à vagoneta. Os outros estavam a recuperar vagarosamente os sentidos. O homem da retaguarda parara de chorar e já estava a limpar o rosto com as mãos, olhando em redor, perplexo. O comandante mexeu-se e ergueu-se, com um gemido rouco, queixando-se de uma dor de cabeça.

Meia hora depois puderam retomar o caminho. Além de Artyom, mais ninguém se lembrava do que acontecera.

– Foi qualquer coisa tão pesada que me fez cair de repente e senti a cabeça

tão confusa, como se estivesse cheia de nevoeiro, sabem? – disse o comandante, como se estivesse a pensar em voz alta. – Depois, desmaiei, de repente. Já me aconteceu uma vez, por causa de uma ataque com gás também num túnel, longe daqui. Mas se isto tivesse sido provocado por gás, o efeito teria sido diferente... toda a gente ficaria afectada, sem excepção... E tu ouviste realmente o som? Pois, tudo isto é estranho... E Nikita estava a chorar... Porquê, Nikita? – perguntou ao homem da retaguarda.

– O Diabo é que sabe!... Eu não me lembro. Quer dizer, há um minuto atrás eu sabia mas varreu-se-me tudo da cabeça... Foi como um sonho: assim que acordamos, lembramo-nos dos pormenores e ficamos com uma imagem muito nítida na nossa mente. Mas depois de alguns minutos, quando começamos a recuperar a consciência, fica tudo vazio... desaparece tudo... Só restam fragmentos... Bem, é o mesmo, agora. Lembro-me de que me sentia, de facto, com pena de alguém... mas de quem e porquê... não faço a menor ideia.

– E tu querias ficar no túnel. Para sempre. Com eles – disse Artyom, olhando de relance para Nikita. – E eu prometi-te que, se quisesses, te deixaria depois voltar atrás. Portanto, aí está: deixo-te voltar para lá. – E riu-se.

– Não, obrigado – retorquiu Nikita, com uma expressão sombria. – Já mudei de ideias...

– Muito bem, pessoal. Já chega – disse o comandante. – Não há nada, aqui no túnel, que nos faça cá ficar. Vamos para a estação e continuamos lá a conversa sobre isto tudo. Ainda vamos ter de voltar para casa... – Mas era difícil fazer planos nestas circunstâncias e o que mais precisavam, e que Deus os ajudasse, era de chegar ao destino mais imediato. – Vamos! – concluiu o comandante. – Ouve, Artyom, vem comigo, que és o nosso herói de hoje – acrescentou, inesperadamente.

Kirill tomou o lugar de Artyom na vagoneta, com Zhenya, que fez ouvir os seus protestos. Nikita ficou também no veículo e voltaram a avançar.

– Havia um tubo partido, dizes? E o barulho que ouviste vinha de lá? – perguntou o comandante a Artyom. – Talvez nós estivéssemos todos estúpidos e surdos e terá sido isso que nos impediu de ouvir. És capaz de ter um sentido especial para te aperceberes desta porcaria. Tiveste muita sorte

com isto, rapaz! – O comandante fez uma pausa, antes de continuar. – Que estranho que isso tivesse vindo de um tubo. E estava oco, dizes tu? Quem raio sabe o que continua a passar por ali – disse, a olhar cautelosamente para os tubos, entrelaçados como serpentes, que percorriam as paredes do túnel.

Já faltava pouco para Rizhskaya. Um quarto de hora mais tarde puderam ver a luz da fogueira da patrulha e o comandante abrandou o passo e, com a lanterna, fez o sinal de luz combinado. Deixaram-nos passar rapidamente pelo cordão, sem os atrasarem, e o veículo já só parou na estação.

Rizhskaya estava em melhores condições do que Alekseevskaya. Tinha havido, muito tempo atrás, um grande mercado por cima da estação. Muitos dos que haviam conseguido fugir para o Metro e salvar-se eram mercadores que aí faziam os seus negócios. E desde o início que os habitantes da estação se mantiveram pessoas empreendedoras e a sua proximidade com Prospekt Mira e, por esse meio, com a Hansa tinha garantido uma relativa prosperidade. Dispunham de luzes eléctricas e de emergência como em VDNKh. E os elementos das suas patrulhas vestiam camuflados antigos, que impressionavam mais do que os blusões acolchoados de Alekseevskaya.

Os habitantes da estação conduziram os visitantes à tenda que lhes fora destinada. Não era provável que conseguissem regressar rapidamente a casa porque não percebiam o que era o perigo existente no túnel e não sabiam como lidar com ele. O governo da estação e o comandante da missão de VDNKh reuniram-se e os restantes membros do grupo foram dispensados do serviço por algum tempo. Artyom, extenuado mas ainda excitado, caiu de imediato no colchão. Não queria dormir mas sentia-se sem forças. Dentro de algumas horas realizar-se-ia uma festa, prometida pela estação, para dar as boas vindas aos visitantes, e Artyom ficou a pensar, pelos sussurros e pelas piscadelas de olho dos seus anfitriões, que possivelmente teriam carne à espera deles. Mas, por agora, ainda havia tempo para descansar e para tentar pensar em... nada.

Começou a ouvir-se barulho vindo do exterior da tenda. A festa já estava a ser preparada e ia realizar-se no centro da plataforma, onde se encontrava acesa a fogueira principal. Artyom não conseguiu conter-se e foi espreitar.

Havia pessoas a limpar o chão enquanto outras estendiam um oleado e, mais à frente, se desmanchava um porco que ia ser depois assado nas chamas, em pedaços seguros por fios de aço. As paredes da estação eram invulgares. Não eram feitas de mármore, como em VDNKh e em Alekseevskaya, mas de azulejos amarelos e vermelhos. A combinação deve ter parecido feliz, de início. Mas, agora, os azulejos vidrados e o estuque estavam cobertos por uma camada de fuligem misturada com gordura. No entanto, ainda se conseguia notar o efeito inicial. O mais importante de tudo era, no entanto, o que se encontrava na outra extremidade da estação, semi-enterrado no túnel: um comboio verdadeiro. Mas com janelas rebentadas e portas abertas.

Era cada vez mais difícil encontrar comboios nas estações ou nos túneis. Ao longo de duas décadas, muitos deles – e em especial aqueles onde era impossível morar – tinham sido gradualmente desmanchados por pessoas que usaram as rodas, o vidro e os restantes materiais exteriores das composições para fabricar outros objectos nas suas próprias estações. O padrasto de Artyom contara-lhe que, na Hansa, tinham sido retirados todos os comboios de uma das passagens para as vagonetas de passageiros poderem circular facilmente. E um rumor dava como certo que os comboios estavam a ser empurrados para a Linha Vermelha. No túnel que ligava VDNKh a Prospekt Mira já não existia uma única carruagem mas isso poderia ter sido um acaso.

Os habitantes locais começavam, entretanto, a chegar lentamente e Zhenya, ainda com cara de sono, saiu da tenda. Meia hora mais tarde, os chefes locais chegaram na companhia do comandante e foram postas ao lume as primeiras peças de carne. O comandante e os dirigentes da estação sorriam e diziam piadas, aparentemente satisfeitos com o resultado das suas conversas. Alguém trouxe uma garrafa de uma espécie de licor artesanal, fizeram-se brindes e toda a gente ficou feliz. Artyom foi comendo a carne, lambendo os pingos de gordura que lhe escorriam pelas mãos, enquanto observava o carvão reluzente, cujo calor fazia aumentar a inexplicável sensação de conforto e de paz que já sentia.

– Foste tu que os avisaste da armadilha? – perguntou, aproximando-se, um homem que Artyom não conhecia. Estava sentado próximo dele e

observava-o há já alguns minutos.

– Quem lhe disse? – retorquiu Artyom, respondendo com outra pergunta ao homem. O cabelo estava cortado muito curto, tinha a barba por fazer e, por baixo de um casaco de cabedal rijo e grosseiro, usava um colete de tecido suave. Artyom não lhe achou nada de suspeito: o seu interlocutor seria um mercador normal, do tipo dos que se encontravam em Rizhskaya, às centenas.

– Quem?! Bem, foi o teu brigadeiro que disse qualquer coisa. – O homem fez um aceno de cabeça para alguém que estava sentado mais ao longe, a conversar animadamente com os novos amigos do comandante.

– Pois, de facto fui eu – admitiu Artyom, com relutância. Apesar de ter pensado em conhecer pessoas novas em Rizhskaya, já quase não lhe apetecia fazê-lo apesar de dispor ali de uma excelente oportunidade.

– Chamo-me Bourbon. E tu? – perguntou o homem.

– Bourbon? – inquiriu Artyom, surpreendido. – Porquê? Não houve um rei com esse nome?

– Não, meu rapaz. Havia, sim, uma bebida chamada nÁÚÇnÁ . Uma bebida destilada bastante forte, sabias? Que punha as pessoas muito bem dispostas, segundo se dizia. E o teu nome, afinal? – O seu interlocutor continuava curioso.

– Artyom.

– Quando é que regressam, Artyom? – perguntou Bourbon, mostrando-se muito interessado, o que fez desconfiar Artyom.

– Não sei – respondeu Artyom, secamente. – Nesta altura, ninguém consegue dizer quando é que vamos regressar, ao certo. Se ouviu o que nos aconteceu, o senhor compreenderá porquê.

– Ouve, eu não sou muito mais velho do que tu e podes falar comigo sem essas formalidades. Basicamente, o que estou a dizer-te é que... Tenho uma coisa para te propor, meu rapaz. Não ao grupo de que fazes parte mas a ti, pessoalmente. E eu, enfim, também preciso da tua ajuda. Estás a compreender? Não te tomará muito tempo...

Artyom não estava a compreender, no entanto. O outro homem parecia estar a hesitar e havia qualquer coisa no modo como ele falava que o fazia estremecer por dentro. Já só queria era pôr fim a esta conversa que estava a

ser incompreensível.

– Ouve, meu rapaz, não fiques... Não fiques nervoso. – Apercebendo-se da desconfiança de Artyom, Bourbon tentou combatê-la. – Não há nada de traiçoeiro nisto... É tudo bem claro... Bem, quase tudo. Basicamente, é isto: anteontem, alguns dos nossos homens foram a Sukharevskaya e, bem, seguiram pela linha fora... mas não chegaram lá. Um deles conseguiu regressar. E ele não se lembra de nada. Voltou para trás a correr, coberto de baba e ranho, a berrar como o vosso brigadeiro nos contou. Dos outros nada se sabe. Talvez tenham conseguido chegar a Sukharevskaya... Mas talvez não tenham conseguido, porque há três dias que ninguém chega de Prospekt e agora já ninguém quer ir para lá. E, bem, basicamente, penso que possa ter sido a mesma porcaria que vos atingiu... Ao ouvir falar o vosso brigadeiro, eu só... Fiquei com a ideia de que poderia ter sido a mesma coisa. A linha é a mesma. E os tubos também são – Bourbon olhou rapidamente por cima do ombro, talvez para verificar se não haveria ninguém a escutá-lo. – Essa coisa não te afectou – prosseguiu, numa voz suave. – Portanto, agora estás a compreender?

– Estou a começar – respondeu Artyom, hesitante.

– Basicamente, é isto: eu preciso de ir lá, agora. Preciso mesmo, compreendes? A sério. Só que não sei quais são as hipóteses de enlouquecer também, como aconteceu aos nossos rapazes e como parece que aconteceu ao vosso pessoal. E que só não te aconteceu a ti.

– Você – murmurou Artyom –, você quer que o acompanhe quando for atravessar o túnel? Que o acompanhe a Sukharevskaya?

– Sim, algo como isso. – Bourbon acenou com a cabeça, aliviado. – Não sei se ouviste falar nisto, ou não, mas há um túnel depois de Sukharevskaya que parece ainda pior do que este, cheio de porcaria, e eu também vou precisar de passar por lá. Aconteceram lá merdas muito más aos rapazes. Mas correrá bem, não te preocupes. Se me levares lá, recompensar-te-ei, podes ter a certeza. Eu preciso de continuar, claro, de ir para Sul, mas conheço algumas pessoas em Sukharevskaya que te mostrarão o caminho de regresso e que te ajudarão a voltar para trás e isso tudo.

Artyom, que chegara a pensar em mandar Bourbon e a sua proposta para o inferno, percebeu repentinamente que era esta a oportunidade de passar os

portões sul de Rizhskaya sem ter de lutar nem de enfrentar outros problemas. E a hipótese de ir mais longe... Bourbon não disse mais nada sobre o que tencionava fazer a seguir mas, pelo menos, já dissera que atravessaria o túnel maldito entre Sukharevskaya e Turgenevskaya. E era exactamente para aí que Artyom precisava de ir. Turgenevskaya... Trubnaya... Tsvetnoi Bulvap... Chekhovskaya... E depois era um tiro até Arbatskaya... E a Pólis...

– Quanto é que paga? – decidiu perguntar Artyom, para fazer de conta que o seu interesse era normal.

– O que quiseres. Moeda corrente, basicamente – respondeu Bourbon, com uma expressão de dúvida, tentando perceber se o seu interlocutor compreenderia o significado do que estava a dizer. – Quer dizer, tipo balas de Kalashnikov. Mas, se quiseres, também posso pagar com comida, bebidas alcoólicas ou **pÚÇ** – Piscou-lhe o olho. – Também te posso arranjar disso, de facto.

– Não, balas estão bem. Dois carregadores. E, bem, comida suficiente para ir e voltar. E não é negociável. – Artyom indicou o preço com a voz mais confiante que pôde arranjar, tentando suster o olhar desafiador de Bourbon.

– É um preço elevado. E se não negoceias... – disse Bourbon. – Mas está bem. Dois carregadores para a **SmmÉtuzÁá**. E alguma coisa para comer. Muito bem, óptimo – murmurou, como se falasse consigo próprio. – Muito bem, meu rapaz, talvez devesses ir dormir. Eu virei buscar-te assim que terminar a animação. Arruma as tuas coisas e, se quiseres, deixa uma nota escrita para que não se ponham a procurar-te. Portanto, está pronto quando eu chegar. Está bem?

21 N.T. – Tverskaya
No período soviético, esta estação era designada por Gorkovskaya, em honra do escritor Maxim Gorki. Em 1990, o nome mudou para Tverskaya, devido à mudança do nome da rua onde se situa, de Rua Gorki para rua Tver (nome de uma cidade russa).

22 N.T. – UNR
Unidade Nacional Russa (**c ÚÉzÁq VmÓÂumÁq MpuÉÓÁ**), partido nacional-socialista russo, fundado em 1993.

23 N.T. – KGB
Comité para a Segurança do Estado (**SÁº uóÓOÁÉÚpmÓÉÓaqÁI qéÁÂmÉÁÉÓ**), a polícia política soviética.

24 N.T. – Aleksandrovsky Sad e Borovitskaya
A estação de Aleksandrovsky Sad tem o nome do parque conhecido por Jardim de Alexandre, mandado construir pelo czar Alexandre I, junto à muralha do Kremlin. No período soviético, esta estação era designada por Kalininskaya. Borovitskaya e a praça existente à superfície partilham o nome de uma das torres do Kremlin.

25 N.T. – Pólis
A origem desta palavra é a palavra grega **ÂÁªuÉ**, que significa cidade.

26 N.T. – Linha de Arbatsko-Pokrovskaya
A linha 3 do Metro de Moscovo, entre as estações Park Pobedy e Shchelkovskaya.

POR UM PUNHADO DE BALAS

Artyom não precisava de arrumar as suas coisas porque, na realidade, nem as tirara da mochila. Não tivera nenhum motivo para o fazer. A única coisa em que não conseguia decidir-se era sobre o modo de transportar a metralhadora para fora da estação, de maneira a não darem por ela nem a atrair as atenções. Tinham todos recebido as grandes **Simónov** de calibre 7.62, de uso militar, com coronhas de madeira. Era a arma que em VDNKh se entregava sempre aos elementos das caravanas que enviavam às estações mais próximas.

Deixando-se ficar deitado com a cabeça tapada pelo cobertor, Artyom não respondeu às perguntas do intrigado Zhenya: por que estava ele a dormir na tenda quando tudo estava a ser tão agradável na festa? Estaria doente? Estava húmido e quente dentro da tenda e, debaixo do cobertor, a situação era pior. Artyom demorou muito a adormecer e, quando finalmente caiu no sono, os sonhos perturbaram-no e não foram muito claros, como se ele estivesse a vê-los através de um vidro fosco. Estava a correr para qualquer lado, a falar com uma pessoa sem rosto e depois estava outra vez a correr...

Zhenya acordou, sacudindo-o por um ombro e dizendo-lhe, num murmúrio:

– Ouve, Artyom, está aqui um tipo à tua procura... Estás metido nalgum sarilho? – perguntou-lhe, depois, a medo. – E se eu acordasse o pessoal e...?

– Não, está tudo bem, ele só quer falar comigo – disse Artyom em voz baixa. – Vai dormir, Zhen. Já volto. – Calçou as botas e esperou que Zhenya adormecesse novamente.

Já estava a arrastar a mochila para fora da tenda e a pegar na metralhadora, tentando não fazer barulho, quando Zhenya – acordado pelo ruído metálico da arma – lhe perguntou, novamente:

– Que se passa agora? Tens a certeza de que está tudo bem?

Artyom teve de desviar a atenção de Zhenya, inventando uma história

segundo a qual queria mostrar ao homem uma coisa ou duas por causa de uma discussão que tinham tido e acrescentou que estava tudo bem.

– Mentiroso! – disse Zhenya, mordaz. – Quando é que devemos preocupar-nos, então?

– Dentro de um ano – murmurou Artyom, esperando que o que acabara de dizer não se tivesse ouvido, afastando a aba da tenda e esgueirando-se para a plataforma.

– Já nos estás a atrasar, rapaz – disse Bourbon, entre dentes. Vestia a mesma roupa, tendo-lhe acrescentado uma mochila comprida, que transportava às costas. – Estás a lixar-nos! Pensarás em arrastar esse trambolho contigo por todos os cordões que temos de passar? – perguntou, desagradado, a apontar para a metralhadora. Tanto quanto Artyom podia ver, Bourbon estava desarmado.

A luz da estação estava a diminuir. Na plataforma já não se via ninguém e os participantes na festa deviam ter-se ido deitar, vencidos pela exaustão. Artyom tentou andar mais depressa, preocupado com a possibilidade de encontrar alguém do seu grupo mas, quando estavam a entrar no túnel, Bourbon pôs-se à sua frente e disse-lhe para abrandar o passo. Os guardas de serviço na passagem viram-nos e perguntaram-lhes onde tencionavam ir a meio da noite, mas Bourbon dirigiu-se a um deles pelo nome e explicou que tinham assuntos para tratar.

– Ouve com atenção – disse a Artyom, ligando a lanterna. – Vamos encontrar guardas nas linhas dos cem metros e dos duzentos e cinquenta. Por isso, acima de tudo, mantém-te calado. Eu decidirei como vamos fazer com eles. É uma pena que tenhas uma **S**[illegible] tão velha como a minha avó... Não vais conseguir esconder essa coisa. Onde é que arranjaste essa porcaria?

Aos cem metros correu tudo bem. Havia uma pequena fogueira, prestes a apagar-se, e encontravam-se sentados junto dela dois homens, envergando camuflados. Um deles dormia e o outro apertou a mão a Bourbon, como se fossem amigos.

– Negócios? Estou a veeeer... – disse, com um sorriso malicioso.

Bourbon não disse mais nada até aos duzentos e cinquenta metros. Limitou-se a manter-se em movimento, taciturno. Parecia aborrecido e mostrou-se desagradável, fazendo Artyom começar a sentir-se arrependido

da sua decisão em acompanhá-lo. Distanciou-se de Bourbon e verificou a metralhadora, pondo o dedo no gatilho.

No último posto, as coisas atrasaram-se.

Ou Bourbon não os conhecia bem ou eles conheciam-no bem demais. O que mandava puxou Artyom para o lado, pousou-lhe a mochila junto à fogueira e fez-lhe uma série de perguntas. Artyom, sentindo-se a fazer figura de parvo, deixou-se ficar perto das chamas e respondeu às perguntas do oficial. Era evidente que os guardas se sentiam obviamente aborrecidos, sem terem mais nada que os ocupasse. Artyom sabia por experiência própria que se o oficial de serviço fosse conversador, tudo estaria a correr bem no posto. Mas se tivesse acontecido algo de estranho recentemente, se qualquer coisa tivesse saído a rastejar das profundezas ou se alguém tivesse tentado romper a barreira vindo do Sul, ou se tivessem ainda ouvido um som invulgar, estariam agachados à volta da fogueira, tensos e em silêncio, sem tirarem os olhos do túnel. Mas parecia que tudo estava tranquilo, o que também significaria que poderiam chegar pelo menos a Prospekt Mira sem preocupações.

– Não são daqui, segundo me parece. São de Alekseevskaya ou quê? – O oficial de serviço ia tentando obter informações de Artyom, examinando-lhe o rosto.

Artyom, recordando-se de que Bourbon lhe ordenara que ficasse calado e que não falasse com ninguém, murmurou umas palavras que podiam ser interpretadas de várias maneiras, deixando o seu interlocutor a tentar decidir-se por uma interpretação. O oficial, desistindo de obter uma resposta, voltou-se para o seu companheiro de patrulha e começou a debater com ele uma história contada por um mercador chamado Mikhail, que estivera a negócios em Prospekt Mira alguns dias antes e que tivera problemas com o governo da estação.

Satisfeito por já não se preocuparem com ele, Artyom sentou-se, sem se afastar do lume, e olhou para o túnel do Sul, observando-o por entre as chamas. Parecia o mesmo túnel, largo e sem fim, que saía de VDNKh para o Norte e onde, não há muito tempo, Artyom estivera sentado junto a uma fogueira, na linha dos quatrocentos e cinquenta metros.

E, à vista desarmada, nem era nada diferente. Mas havia nele qualquer

coisa – um cheiro muito próprio, trazido pelos ventiladores do túnel, ou um ambiente específico, uma espécie de aura – que pertencia só a este túnel e que lhe dava uma certa individualidade, tornando-o diferente dos outros. Artyom lembrou-se de ouvir o padrasto dizer que não havia dois túneis iguais no Metro. Esta super-sensibilidade desenvolvera-a ao longo de anos de viagens e eram poucos os que a tinham. O padrasto chamava-lhe "ouvir os túneis" e possuía um tal "sentido auditivo" que se sentia orgulhoso dele e confessava a Artyom que só sobrevivera a muitas aventuras graças a este seu sentido. Havia outros que, apesar das muitas viagens que faziam no Metro, não o possuíam. Algumas pessoas desenvolviam um medo inexplicável, outras ouviam sons e vozes e acabavam por enlouquecer, mas toda a gente se mostrava de acordo numa coisa: mesmo quando não se visse ninguém num túnel, esse túnel não estava vazio. Havia sempre qualquer coisa invisível e quase intangível, que se abatia sobre os que o atravessavam, cobrindo-os com uma presença viscosa e lenta que, parecendo traduzir-se em pingos, os cobria com o seu ser, como se fosse o sangue pesado e frio saído das veias de um leviatã de pedra.

Agora já mal se ouvia o que dizia o oficial e Artyom, embora em vão, tentava ver para o interior das trevas, que se tornavam mais espessas a apenas a dez passos do fogo. Artyom começou a perceber o que queria dizer o padrasto quando lhe falava no "sentido do túnel". Artyom sabia que, para lá da fronteira incerta delimitada pelas chamas da fogueira, onde a luz avermelhada se fundia com as sombras vacilantes, havia mais pessoas, outras pessoas, apesar de, nesse momento, não conseguir acreditar que tal pudesse acontecer. Parecia que a vida parava a dez passos da luz das chamas e que nada mais existia diante deles, a não ser o vazio morto e escuro que respondia a cada grito com a ilusão de um eco soturno.

Mas quando o observador se sentava durante algum tempo, tapando os ouvidos, sem olhar para as profundezas do túnel como se estivesse à procura de alguma coisa mas tentando dissolver o olhar na escuridão e fundir-se com o túnel, para se tornar parte deste leviatã e uma célula desse organismo vivo, sentia, por entre os dedos que travam os sons do mundo exterior e para lá dos órgãos auditivos, uma melodia leve que fluía directamente para o interior do cérebro – um som alheio ao mundo, vindo das profundezas,

indistinto e incompreensível... Nada parecido com o ruído perturbador e insistente que se erguia do tubo partido existente no túnel entre Alekseevskaya e Rizhskaya. Não, era algo diferente, mais limpo, mais profundo...

Pareceu a Artyom que, por instantes, poderia mergulhar no rio tranquilo que era essa melodia e, de repente, compreender a essência do fenómeno, sem usar a razão mas recorrendo a uma intuição que talvez tivesse sido despertada pelo ruído vindo do tubo partido. Os sons que daí fluíam pareciam-lhe, agora, ter a consistência do éter, expandindo-se lentamente pelo túnel. Apesar de terem estado a apodrecer no interior do tubo, infectados por qualquer coisa, borbulhando nervosamente, explodindo quando a tensão lá dentro se tornava demasiado grande e a matéria putrefacta forçava a sua própria saída para o mundo exterior, levando consigo a sua mágoa e contagiando todos os seres vivos com a sua náusea e a sua loucura...

Artyom sentiu, de súbito, que se encontrava prestes a compreender uma coisa que era muito importante, como se durante a hora passada a vaguear pela escuridão absoluta dos túneis, e pelo crepúsculo da sua própria consciência, tivesse conseguido levantar a cortina e expor uma fracção desse grande mistério, apartando todos os seres racionais do conhecimento da verdadeira natureza deste mundo novo que andava a roer as entranhas da terra há várias gerações.

Mas, ao percebê-lo, Artyom também sentiu medo, como se tivesse conseguido espreitar apenas pelo buraco da fechadura de uma porta que poderia revelar o que escondia, para não ver mais do que uma luz insuportável que atravessava esse orifício e lhe perfurava os olhos. Se abrisse a porta, a luz iria jorrar de uma maneira irreprimível e incinerar imediatamente a pessoa que tivera a audácia de iludir essa proibição. Apesar de a luz ser, afinal, o conhecimento.

O remoinho destes pensamentos e das suas sensações e preocupações abateu-se de repente sobre Artyom, num vendaval de chicotadas, e Artyom teve de recuar e de se encolher, tolhido pelo medo e por não se sentir preparado para o enfrentar. Era, disse a si próprio, uma fantasia. Não tinha ouvido nada nem chegado a uma conclusão. Era só uma brincadeira do seu

pensamento. Com sentimentos contraditórios, onde o alívio se misturava com a sensação de ter sido enganado, Artyom achou-se perante uma visão, espantosa e indescritível, que se revelava diante dos seus olhos. Para, instantes depois se tornar tão nebulosa e de contornos tão incertos que a sua mente se afundou, mais uma vez, na sua habitual e lamacenta confusão. Artyom teve medo do que poderia conhecer e recuou, afastando-se do que parecia ser-lhe oferecido, e, com este movimento, o pano voltou a cair, talvez para sempre. O furacão que lhe assolara o pensamento desapareceu com a mesma velocidade com que chegara e Artyom ficou à mercê da sua própria mente, vazia e exausta.

Agitado, o jovem deixou-se ficar onde estava, a tentar compreender o que acabara de sentir – no terreno incerto onde terminava a sua fantasia e a realidade começava –, perguntando a si próprio se algo do que sentira podia ser real. Muito vagarosamente, sentiu que o espírito se enchia de amargura por ter estado a um passo do esclarecimento, do mais absoluto esclarecimento, sem, no entanto, ser capaz de tomar a decisão de ousar ceder ao fluxo etéreo do túnel, ficando assim obrigado a vaguear na escuridão durante toda a vida só por ter tido um medo excessivo da luz que o conhecimento absoluto lhe traria.

– Mas o que é o conhecimento? – interrogou-se várias vezes, tentando dar valor à coisa que acabara de recusar, de uma maneira tão apressada e tão cobarde. Imerso nos seus pensamentos, nem notou que pronunciara estas palavras em voz alta e por várias vezes.

– O conhecimento, meu amigo, é a luz... e o seu contrário é a escuridão! – apressou-se um dos militares a explicar-lhe. – Não é verdade? – E piscou os olhos, com uma expressão divertida, aos seus companheiros.

Artyom, atónito, ficou a olhar para o homem durante algum tempo, ainda sentado onde se encontrava, até Bourbon regressar e lhe dizer para se pôr em pé, despedindo-se dos guardas e comentando que estava atrasado e já cheio de pressa.

– Cuidado! – replicou-lhe o comandante do posto de vigilância, com um tom ameaçador na voz. – Vou deixar-vos passar com uma arma – e apontou para a metralhadora de Artyom –, mas não regressarão com ela. As minhas instruções são claras quanto a isso.

– Eu tinha-te dito, ó ignorante... – silvou Bourbon, ao ouvido de Artyom, irritado, quando se afastaram da fogueira. – Podes fazer o que quiseres... mas quando regressares. E vais meter-te em conflitos. De qualquer modo, já não me interessará. Eu sabia, eu sabia que isto ia acontecer, cabrão!

Artyom não respondeu, como se nem tivesse ouvido a repreensão de Bourbon. Em vez disso, lembrou-se, de súbito, do que lhe dissera o padrasto, ao explicar-lhe que cada túnel tinha características únicas que o diferenciavam dos outros: em cada túnel havia uma melodia que se podia aprender a ouvir. Com isso, Sukhoi talvez quisesse apenas expressar com elegância o seu pensamento mas, lembrando-se do que momentos antes sentira junto da fogueira, Artyom pensou que aquilo que acabara de ouvir não fora mais do que uma dessas melodia. O que ele realmente escutara – e ouvira! – fora a melodia do túnel. Mas a recordação depressa se desvaneceu e, meia hora depois, Artyom já não conseguia ter a certeza de que tudo acontecera e de que não fora apenas o resultado da sua imaginação ou do ar agitado pelas chamas.

– Está bem... Talvez não o tenhas feito de propósito. O problema é que deves ter merda na cabeça, em vez de um cérebro – disse Bourbon, numa atitude conciliatória. – E desculpa lá se não estou a ser bonzinho para ti. Mas este é um trabalho que me põe muito tenso. Mas está bem, pronto, parece-me que nos safámos. Agora temos de esforçar-nos para alcançarmos Prospekt Mira sem que nos mandem parar. Aí já poderemos fazer qualquer coisa como descansar. Se tudo estiver calmo, não demorará muito tempo. Mas, depois disso, já haverá um problema...

– Então está bem irmos assim? Quer dizer, quando partimos de VDNKh numa caravana nunca podemos ir menos do que três pessoas porque tem de ir sempre alguém na retaguarda e basicamente... – disse Artyom, olhando em redor.

– Bem, claro que há vantagens quando se viaja em caravana, com uma pessoa a proteger a retaguarda e tudo isso – começou Bourbon a explicar. – Mas ouve: também há uma pequena desvantagem. Eu costumava ter medo. E nem penses em três pessoas. Nós só costumávamos partir num grupo com, pelo menos, cinco pessoas. E achas que isso ajudava? Não ajudava rigorosamente nada. Quando nos púnhamos a andar com o nosso

carregamento, levávamos protecção: dois homens à frente, três no meio e um na retaguarda. Era como devia ser. Estávamos um dia a ir de Tretyakovskaya para a estação que é agora... Bem, chamavam-lhe Marksistskaya. O túnel estava porreiro. Mas havia nele qualquer coisa que me desagradou. Uma certa decadência... E havia nevoeiro. Não se conseguia ver nada, nem a cinco passos. E as lanternas também não serviam para nada. Decidimos, por isso, amarrar uma corda ao cinto do que ia na retaguarda, ligando-o a um dos tipos que ia no meio e depois ao comandante, na cabeça da coluna. Deste modo, ninguém se perderia no nevoeiro. E estávamos nós a andar a bom ritmo, estava tudo normal e sossegado sem que houvesse motivo para nos apressarmos e ainda não tínhamos encontrado ninguém, o que era uma sorte que esperávamos que se mantivesse, faltavam-nos quarenta minutos para chegarmos... Mas acabámos por ir mais depressa... – As palavras misturaram-se e Bourbon fez uma pausa.

E depois prosseguiu:

– Mais ou menos a meio, um tipo chamado Tolyan perguntou qualquer coisa ao tipo da retaguarda. Mas o outro não lhe respondeu. Tolyan esperou e voltou a perguntar. Nada. Tolyan puxou a corda e apareceu a ponta. Tinha sido mordida. A sério: qualquer coisa a mordera, deixando lá uma substância húmida... E o tipo não aparecia. Ninguém ouviu nada. Mesmo nada. E eu próprio estava a andar ao lado de Tolyan. Ele mostrou-me a extremidade da corda e os meus joelhos até se foram abaixo. É claro que ainda gritámos por ele mas continuámos a não ouvir nada. Também não havia ninguém que pudesse responder. Olhámos uns para os outros... e apressámo-nos a chegar a Marksistskaya.

– Não teria sido ele a brincar? – perguntou Artyom, esperançoso.

– A brincar?! Talvez. Mas nunca mais o viram. Houve uma coisa que eu aprendi: quando chega a nossa hora, nunca falha e não há guarda nenhum que nos proteja. O que se deve fazer é caminhar mais devagar. E eu passei a andar sempre acompanhado, com mais um companheiro pelo menos, excepto num túnel: o que vai de Sukharevskaya a Turgenevskaya, que é um caso especial. Se alguma coisa acontece, tiram a pessoa de lá. E rapidamente. Estás a perceber?

– Estou. E vão deixar-nos entrar em Prospekt Mira? Eu ainda tenho esta... coisa – Artyom apontou para a metralhadora.

– Deixam-nos entrar na radial. Mas no Círculo... aí é que não. De qualquer modo, nunca nos deixariam entrar e, com esse canhão, nem vale a pena ter esperança. Também não precisamos de ir lá, no entanto. Não precisamos de demorar-nos muito tempo aí. Fazemos uma paragem e continuamos. Já estiveste alguma vez em Prospekt Mira?...

– Quando era pequeno – confessou Artyom. – Mas não voltei lá.

– E se eu te pusesse a par das coisas, então? Basicamente, não existem lá postos de vigilância porque eles não precisam. Há um mercado e ninguém lá vive e, portanto, está tudo bem. Mas há uma passagem que conduz ao Círculo, o que significa a Hansa... É uma estação radial, que não pertence a ninguém. Mas são os soldados da Hansa que a patrulham, para manter a ordem. Por isso, terás de portar-te bem, percebes? Se não for o caso, mandar-te-ão para o inferno e não te deixarão entrar nas estações deles. Por isso, quando lá chegarmos, páras na plataforma e ficas sossegado. E quanto a esse samovar – Bourbon fez sinal com a cabeça para a metralhadora de Artyom –, não andes por aí a mostrá-lo. Eu preciso... eu preciso de tratar de uma coisa com uma pessoa e tu vais ter de ficar sentado à espera. Entramos em Prospekt Mira e vemos como é que conseguiremos atravessar o raio da passagem para Sukharevskaya.

Bourbon voltou a calar-se e Artyom quase se sentiu sozinho.

O túnel não parecia em muito mau estado, neste ponto, mas o solo estava um pouco molhado e havia um pequeno curso de água que corria ao longo dos carris, na mesma direcção em que se deslocavam. Passado algum tempo, no entanto, começou a ouvir-se um restolhar discreto, acompanhado por guinchos que pareceram a Artyom o som de um prego a deslizar por um vidro e que o fez estremecer de repulsa. Os pequenos animais ainda não se viam mas a sua presença já se fazia sentir.

– Ratos! – exclamou Artyom, como se cuspisse a vil palavra, sentindo um arrepio gélido a percorrer-lhe a pele. Os ratos ainda o atacavam nos seus pesadelos, apesar de já estarem quase apagadas da sua memória as recordações do terrível momento em que a mãe e todos os habitantes da estação tombaram sob o dilúvio de ratos no meio da escuridão. E estariam,

na realidade, quase apagadas? Não. Tinham penetrado mais fundo, como um espinho que, não sendo arrancado, se enfia pela pele dentro. Era algo que, empurrado por um médico menos experiente, viajava pelo corpo todo. De início, parecia esconder-se mas, depois, uma força invisível punha essa presença em movimento para a conduzir por um caminho pernicioso, pelas artérias, pelos gânglios nervosos, rasgando os órgãos vitais e atirando o seu portador para um tormento intolerável.

As recordações desse tempo, da fúria cega e da crueldade insaciável dos pequenos monstros e das experiências horríveis deixadas como um espinho no seu subconsciente, ainda assaltavam e perturbavam Artyom durante a noite. E bastava-lhe ver ratos, ou mesmo cheirá-los, para sentir uma espécie de descarga eléctrica dentro de si que obrigava o corpo a estremecer por reflexo. Para Artyom e para o seu padrasto, e talvez para os outros quatro que haviam escapado na vagoneta nesse dia, os ratos eram muito mais assustadores e repulsivos do que os outros habitantes do Metro.

Em VDNKh quase não existiam ratos. Havia armadilhas e veneno por todo o lado e Artyom habituara-se à situação. Mas os ratos continuavam a invadir os outros domínios do Metro e Artyom esquecera-se de que isso podia acontecer ou, melhor, evitara pensar no assunto quando se decidira a embarcar nesta jornada.

– Que se passa, rapaz? Tens medo de ratos? – perguntou Bourbon, maliciosamente. – Não gostas deles? És muito mimado. Mas habitua-te a eles, que andam por todo o lado. Além disso, até é porreiro: nunca passarás fome. – Piscou o olho a Artyom, que já estava a sentir-se agoniado. – Mas, a sério, é melhor que tenhas medo quando não vires ratos – acrescentou, com ar grave. – Porque se não houver ratos... só pode querer dizer que aconteceu qualquer coisa muito má. E se também não houver pessoas... tens mesmo de ficar assustado. Com os ratos a correr por aí... está tudo normal. E vamos é ocupar-nos dos nossos negócios. Estás a perceber?

As pessoas são diferentes e Artyom não quis dar conta do seu sofrimento ao seu companheiro de viagem. Por isso, limitou-se a acenar com a cabeça e nada mais disse. Os ratos não eram em grande número e fugiam da luz da lanterna, mal se dando por eles depois. Contudo, um deles ainda conseguiu meter-se por entre os pés de Artyom, que pisou o que lhe pareceu ser uma

coisa mole e escorregadia, ouvindo de imediato um guincho agudo. E, perdendo o equilíbrio, quase caiu de nariz no chão com todo o equipamento.

– Não tenhas medo, rapaz, não tenhas medo – disse Bourbon, tentando animá-lo. – Isto só vai ficar pior. Há algumas passagens neste buraco de merda que até fervilham, de cheias que estão de ratos, e vamos ter de andar directamente nos carris. E a pisá-los, ao mesmo tempo. – E resfolegou, bem humorado, para dar ênfase ao que acabara de dizer.

Artyom franziu o sobrolho. Não disse nada mas fechou os punhos. Teria sido um prazer esmurrar Bourbon em pleno rosto.

De repente, ao longe, ouviu-se um barulho indecifrável e Artyom esqueceu-se, de imediato, do insulto e agarrou melhor a metralhadora, olhando para Bourbon numa interrogação muda.

– Não te preocupes. Está tudo bem. Estamos a chegar a Prospekt Mira – assegurou-lhe Bourbon, dando-lhe uma palmada condescendente no ombro.

Apesar de Bourbon já ter avisado Artyom de que não haveria postos de vigilância em Prospekt Mira, o que Artyom viu revelou-se invulgar: entrar directamente noutra estação sem, em primeiro lugar, ver a luz fraca da fogueira que marcava a linha divisória e encontrar, depois, outros obstáculos pelo caminho.

Quando chegaram ao fim do túnel, o barulho tornou-se mais intenso e já puderam ver um brilho ao longe.

Encontraram, finalmente, umas escadas de ferro forjado, que os fez voltar à direita, e depois uma pequena ponte, que os levou ao nível da plataforma. As botas de Bourbon ressoaram nos degraus de ferro e, depois de mais alguns passos, os dois viajantes voltaram à esquerda e acharam-se na estação.

Um raio de luz brilhante iluminou-lhes os rostos. Accionara-o um homem que não se via do túnel e que estava sentado a uma mesa, juntamente com outro, que envergava um uniforme cinzento já fora de moda, que Artyom não reconheceu, e um boné militar.

– Sejam bem vindos – disse-lhes, desviando a luz da lanterna dos olhos dos recém-chegados. – Vêm para o mercado ou estão de passagem?

Enquanto Bourbon lhe declarava o propósito da visita, Artyom ficou a

contemplar a estação de Metro de Prospekt Mira, que se abria diante dele.

Na plataforma, onde estavam assinalados caminhos, o ambiente era crepuscular mas havia arcadas iluminadas do interior por uma luz amarela suave que, inexplicavelmente, angustiaram Artyom. Só queria que terminassem todas as formalidades para poder ver o que se passava na estação, à sua frente, onde estavam as arcadas e de onde provinha a luz, tão familiar e tão reconfortante que quase fazia doer. E embora parecesse a Artyom que nunca tinha visto uma coisa destas, a luz que tudo iluminava transportou-o a um passado distante e, de repente, viu diante de si algo que era muito diferente: uma pequena casa, iluminada por uma luz amarela e quente, uma mulher semi-reclinada numa grande otomana a ler um livro... sem que o seu rosto, no meio do papel de parede de cor pastel e do rectângulo azul-escuro que era a janela, fosse visível. A visão iluminou-se diante dos seus olhos para se dissolver depois, num segundo, deixando-o intrigado e excitado. E que vira ele? A luz suave da estação poderia ter projectado uma imagem da sua infância, que poderia estar perdida no seu subconsciente, num ecrã invisível? A jovem mulher, que estava a ler pacificamente um livro na otomana espaçosa de aspecto confortável, poderia ser a sua mãe?

Com um gesto de impaciência, Artyom apresentou o passaporte ao funcionário alfandegário depois de ter concordado, apesar das objecções de Bourbon, em guardar a metralhadora no armazém durante o período da visita. A seguir, atraído pela luz que saía das colunas como uma borboleta, apressou-se a ir para o espaço iluminado e barulhento da feira.

Prospekt Mira era diferente de VDNKh, de Alekseevskaya e de Rizhskaya. A prosperidade da Hansa garantia-lhes melhor iluminação do que podiam proporcionar as luzes de emergência que iluminavam as estações que Artyom conhecera durante a sua vida consciente. Não, estas não eram as mesmas luzes que outrora iluminavam o Metro. Eram luzes fracas mas brilhantes que pendiam do tecto a intervalos de seis metros, ligadas por uma rede que abrangia toda a estação. Mas, para Artyom, habituado ao brilho vermelho nebuloso das luzes de emergência, à luz incerta das fogueiras e ao débil brilho das pequenas lanternas de bolso no interior das tendas, a claridade da estação era completamente estranha. Era a mesma luz que

iluminara o início da sua infância, quando ainda se vivia à superfície, e Artyom sentiu-se maravilhado por se lembrar assim de algo que já deixara de existir para ele há tanto tempo. Alcançando, assim, a zona iluminada da estação, Artyom não correu para as fileiras dos mercadores, como os outros, optando por ficar encostado a uma coluna e cobrindo em parte os olhos com a mão, a observar com tanta concentração as lâmpadas que acabou por sentir uma dor aguda nos olhos.

– Enlouqueceste ou quê?! – A voz de Bourbon ressoou-lhe nos ouvidos. – Porque é que estás a olhar para as luzes com tanta intensidade? Queres perder a vista? Ainda acabas por ficar cego como um cão recém-nascido e, depois, que farei eu contigo?! Já que lhes deste a tua balalaica, podes ir dar uma vista de olhos por aí... àquilo que as luzes iluminam!

Artyom fitou-o com hostilidade mas obedeceu-lhe.

Não havia muitas pessoas na estação, mas falavam tão alto, a negociar, a chamar clientes, a fazer pedidos, cada um a tentar falar mais alto do que os outros, que facilmente se percebia porque é que tudo se ouvia tão bem à distância e já no túnel. Nas duas linhas que ladeavam o cais havia restos de estruturas que em tempos tinham sido de comboios e algumas carruagens haviam sido convertidas em habitações. Ao longo do cais havia várias cestas com utensílios diversos, alguns arrumados e os outros em montes desordenados.

Num dos lados da estação, no local onde houvera uma saída para a superfície, estava uma porta de ferro e, no lado oposto, uma série de sacos cinzentos que demarcavam claramente posições de uma carreira de tiro. Pendia do tecto uma bandeira de um branco que não era natural, onde fora pintada uma circunferência castanha, que era o símbolo da Linha do Círculo. Depois da carreira de tiro havia quatro escadas rolantes, que conduziam ao circuito do Círculo e era aí que começava o território (interdito a estrangeiros) da poderosa Hansa. Os guardas fronteiriços que se encontravam depois das barreiras envergavam macacões à prova de água e com a habitual camuflagem que, por qualquer motivo que Artyom não conseguiu vislumbrar, eram cinzentos[27].

– Porque é que têm camuflados cinzentos? – perguntou Artyom a Bourbon.

– É porque são animais gordos – respondeu, com desprezo, o mercador. – Agora... Segue e vai dar uma volta enquanto eu trato aqui de alguns assuntos.

Artyom nada viu que tivesse algum interesse especial. Havia chá, paus com salsichas espetadas, acumuladores para candeeiros, blusões e gabardinas de pele de porco, alguns livros de páginas rasgadas, de pornografia na maior parte dos casos, garrafas de uma substância de aspecto suspeito com a designação "artesanal" escrita em etiquetas tortas. E era verdade que não havia um único mercador a vender **pÚÇ**, que se arranjava com facilidade em todo o lado. E até o homem pálido, de baixa estatura e olhos húmidos que estava a vender o duvidoso líquido "artesanal", disse a Artyom que desaparecesse quando este lhe perguntou se não teria um pouco "da coisa". Outro mercador vendia lenha, troncos cheios de nós e ramos que algum saqueador tinha trazido da superfície. Esta madeira era anunciada como capaz de arder durante muito tempo e de produzir pouco fumo. Aqui, a moeda universal eram as balas, já pouco luzidias, para as **Sm ÉÁ**. Cem gramas de chá custavam cinco balas, um pau com salsichas custava quinze, uma garrafa "artesanal" vinte. Chamavam-lhes, com afecto, "balas pequenas": "Ouça, meu, olhe para isto, que casaco mais fixe, é barato, só trinta balas pequenas e é seu! Mas por vinte e cinco pode levá-lo já!"

Contemplando as filas bem organizadas de "balas pequenas" nos balcões, Artyom lembrou-se das palavras do padrasto: "Li, uma vez, que Kalashnikov se sentia orgulhoso da sua invenção porque a sua arma automática era a arma mais popular do mundo. Dizem que ele se sentia especialmente feliz por as fronteiras da sua pátria serem mantidas em segurança graças a esse engenho. Eu não sei mas, se tivesse inventado essa coisa, acho que enlouqueceria. Só de pensar nos assassínios cometidos com a ajuda dessa arma! É ainda mais assustador do que ter sido o inventor da guilhotina."

Uma bala – uma morte. A vida de alguém que desaparecia. Cem gramas de chá custavam cinco vidas humanas. Várias salsichas? Muito barato: só quinze vidas. Um blusão de pele de qualidade, a preço de saldo, só custa vinte e cinco balas e, só com isso, já se salvavam cinco vidas. As trocas comerciais neste mercado equivaliam a toda a população do Metro.

– Então, compraste alguma coisa para ti? – perguntou Bourbon, aproximando-se.

– Não há aqui nada que me interesse – respondeu Artyom, iludindo a pergunta.

– Ah, tens razão, é só lixo. Mas, rapaz, esta pequena estação costumava ser o raio do local onde se encontrava tudo o que era necessário. Entrávamos e começavam todos a atropelar-se: armas, droga, raparigas, documentos falsos... – Bourbon suspirou, como se sonhasse. – Mas aqueles cretinos – e acenou com a cabeça para a bandeira da Hansa – transformaram isto num infantário: não se pode fazer isto, não se pode fazer aquilo... Muito bem, vai lá buscar o teu arado porque temos de continuar a andar.

Depois de recuperarem a metralhadora, sentaram-se por instantes num banco de pedra antes de entrarem no túnel do Sul. Era um local escuro, assim escolhido por Bourbon, para habituarem os olhos a um ambiente menos iluminado.

– Basicamente, é isto: não posso jurar por mim próprio. Eu nunca fiz isto e, por isso, não sei o que fazer se depararmos com algum problema grave. Batemos na madeira, para termos sorte, claro, mas se esbarrarmos em alguma coisa... Bem, se eu começar a choramingar ou ficar surdo, acho que estará tudo bem. Tanto quanto sei, as pessoas enlouquecem todas à sua maneira. Os nossos rapazes não chegaram a Prospekt. Eu penso que eles não se afastaram muito e até podemos vir a encontrá-los hoje... Por isso, vê se estás pronto para essa eventualidade, porque és um pouco mole... E se eu começar a ficar furioso, mandar-te-ei calar. O problema é este, percebes? Não sei o que fazer... Bem, vamos a isto. – Bourbon sentiu-se finalmente decidido a avançar, depois de tantas hesitações. – Bem, tu és um rapaz certinho, acho eu, que não é capaz de matar um tipo pelas costas. Eu vou dar-te a minha arma, enquanto estivermos nesta passagem. Toma atenção – avisou, fitando firmemente Artyom nos olhos. – E não te ponhas com graças. O meu sentido de humor é limitado.

Bourbon extraiu alguns panos da mochila e retirou do meio deles uma metralhadora embrulhada em plástico. Era, também, uma **Smerch** mas era um modelo semelhante aos que usavam os guardas fronteiriços da Hansa: encurtada, com uma coronha articulada e um bocal pequeno em vez

do longo cano que tinha a de Artyom. Bourbon tirou-lhe o carregador e voltou a metê-lo na mochila, cobrindo-o com os panos.

– Pega nisto – ordenou a Artyom, dando-lhe a arma. – E não a guardes ainda, que pode ser útil. Apesar de esta passagem parecer sossegada... – Bourbon não acabou a frase, saltando para o caminho pedonal que se prolongava ao longo dos carris. – Pronto, vamos a isto. Quanto mais depressa nos pusermos a caminho, mais depressa lá chegamos.

Era assustador, claro. Artyom sabia que no caminho de VDNKh para Rizhskaya podia acontecer qualquer coisa, mas toda a gente sabia que esses túneis eram sempre percorridos por pessoas durante todo o dia e que os esperava uma estação habitada. Além disso, era sempre desagradável deixar um local iluminado e pacífico. Quando se dirigiam a Prospekt Mira, idos de Rizhskaya, e apesar das suas dúvidas, Artyom ainda podia satisfazer-se com a ideia de que diante deles existia uma estação da Hansa: havia um local onde se podia descansar em paz.

O problema é que, aqui, era mais do que assustador. Inspirava terror.

O túnel diante deles era sombrio e reinava nele uma escuridão total, invulgar e absoluta. E era tão densa que quase se lhe podia tocar. Porosa como uma esponja, a escuridão absorvia os raios de luz das suas lanternas como se os devorasse, o que mal chegava para iluminar mais do que uma extensão de trezentos metros à frente deles. Esforçando-se por ouvir o mais que pudesse, Artyom tentou distinguir outros elementos que pudessem estar misturados com o ruído estranho e doloroso de que se lembrava mas não conseguiu. Os sons deviam ter tanta dificuldade em penetrar a escuridão como a luz. E os passos pesados e ousados de Bourbon pareciam débeis e quase emudecidos neste túnel.

Na parede da direita apareceu, de repente, uma abertura – o foco da lanterna mergulhou num buraco negro e Artyom nem percebeu, de início, que se tratava de uma passagem lateral e que ela se desviava do túnel principal. Olhou para Bourbon, com uma interrogação silenciosa.

– Não te assustes. Havia aqui um desvio – explicou – para os comboios poderem ir directamente para o Círculo sem precisarem de passar por outras estações. Mas a Hansa bloqueou-o, enchendo a passagem de entulho. Não são parvos. Não iriam deixar aberto um túnel que apontava tão

abertamente para eles...

Depois de terem caminhado em silêncio durante bastante tempo, com a ausência de palavras a tornar-se cada vez mais opressiva, Artyom não conseguiu aguentar mais e voltou-se para Bourbon, a quem perguntou, tentando afastar quaisquer alucinações:

– Ouça, Bourbon, é verdade que alguns idiotas atacaram uma caravana nesta zona não há muito tempo?

Bourbon não respondeu logo e Artyom pensou que o mercador talvez não tivesse ouvido a pergunta e ia repeti-la quando Bourbon respondeu:

– Ouvi uma coisa parecida com essa. Mas eu não andava por aqui nessa altura e não te posso responder com nenhuma certeza.

As palavras de Bourbon ouviram-se mal e Artyom quase nem percebeu o seu significado, custando-lhe separar as palavras que ouvira dos pensamentos que o perturbavam pelo facto de tudo ser tão difícil de ouvir no túnel onde se encontravam.

– Mas então? Ninguém viu nada? Há estações em cada uma das extremidades... Como é que isso pode ter acontecido? – perguntou. – Para onde poderiam ter ido? – insistiu, não por estar especialmente interessado na resposta mas apenas para ouvir a sua própria voz.

Decorreram vários minutos antes de Bourbon responder mas, desta vez, Artyom não quis apressá-lo porque sentiu na sua mente o eco das palavras que pronunciara e estava demasiado ocupado a tentar ouvi-las.

– Dizem que aqui existe uma... espécie de escotilha. Que está coberta. Não se chega a vê-la. Mas, também, como é que se pode ver alguma coisa nesta escuridão? – A voz de Bourbon deixou transparecer uma irritação pouco habitual.

Artyom demorou algum tempo a lembrar-se de qual seria o assunto de que estavam a falar e tentou, desesperadamente, perceber o sentido do que diziam e pensar noutras perguntas, apenas porque queria continuar a conversar. Por desequilibrado e difícil que fosse o diálogo, era a única maneira de os salvar do silêncio.

– E está sempre tão escuro aqui? – tornou Artyom, começando a sentir-se assustado pelo facto de as suas palavras se fazerem ouvir com tanta dificuldade, como se houvesse qualquer coisa a cobrir-lhe os ouvidos.

– Escuro? Sim, sempre. Está escuro por todo o lado. Surge... esta escuridão tão grande... cobre tudo como uma mortalha... e é eterna – respondeu Bourbon, fazendo pausas estranhas.

– Isso é o quê? De algum livro? – perguntou Artyom, reparando como o mercador estava a fazer esforços crescentes para escutar o som das suas próprias palavras e como a linguagem de Bourbon se alterara assustadoramente. Mas já lhe faltavam as forças para se sentir surpreendido pelo que estava a acontecer.

– Um livro... Tem medo... das verdades escondidas nos antigos... volumes, onde... as palavras estão gravadas a ouro no papel... preto como uma ardósia... não se decompõem – disse Bourbon, expressando-se com dificuldade e admirando-se Artyom por o seu companheiro de viagem já não se voltar para ele enquanto falava, como fazia antes.

– Lindo! – exclamou Artyom. – E isso vem de onde?

– E o que é belo... será derrubado e esmagado e... os profetas sufocarão quando tentarem anunciar os seus presságios... haverá um dia... o futuro será... ainda mais negro do que os medos... mais sinistros, e o que eles vêem... envenenará o raciocínio deles... – prosseguiu Bourbon, num tom mais calmo.

E, de repente, deteve-se e voltou a cabeça tão depressa para a esquerda, para o fitar directamente nos olhos, que Artyom até lhe ouviu estalar as vértebras.

Sobressaltado, Artyom recuou, deitando a mão à metralhadora como medida de precaução. Bourbon estava a olhar para ele, com os olhos muito abertos, mas as pupilas tinham-se contraído, ficando reduzidas a dois pontos minúsculos, apesar de, atendendo ao negrume das trevas que dominavam o túnel, elas deverem estar o mais abertas possível para captar o máximo de claridade. O rosto parecia invulgarmente tranquilo, sem mostrar um único sinal de tensão, e até já se esboçava nele um sorriso desdenhoso que, no entanto, pouco durou.

– Morri – declarou Bourbon. – Já não existo.

E, tão rígido como uma tábua, caiu de borco no chão.

De imediato, o som terrível que Artyom já conhecia invadiu-lhe novamente os ouvidos mas, desta vez, já não de forma gradual. Explodiu, de

repente, num tom tão elevado que o ensurdeceu e o fez perder o equilíbrio.

Aqui, o som era ainda mais poderoso do que quando o ouvira no outro túnel e Artyom, ainda no chão, nem conseguiu encontrar forças para se levantar. Mas, ao cobrir os ouvidos como antes fizera, gritando ao mesmo tempo a plenos pulmões, já conseguiu levantar-se. Deitou depois a mão à lanterna que caíra das mãos de Bourbon e começou, freneticamente, a examinar as paredes, tentando localizar a origem do ruído – que deveria vir de um tubo partido. Mas os tubos que via estavam intactos e o som tinha de vir de outro ponto, ainda mais acima.

Bourbon caíra de borco e ficara imóvel e, ao voltá-lo, Artyom viu-lhe os olhos ainda abertos. Tentando lembrar-se do que devia fazer numa situação destas, levou a mão ao pulso do mercador, procurando perceber se o coração ainda batia. Por mais fraca ou irregular que a pulsação pudesse estar, Artyom queria senti-la. Mas não conseguiu. Pegou depois em Bourbon pelas mãos e, já a suar, começou a arrastar o corpo, agora mais pesado, em direcção à saída. Era extraordinariamente difícil, até porque se esquecera de retirar a mochila das costas do seu companheiro de viagem.

Depois de mais umas dezenas de passos, Artyom tropeçou subitamente em qualquer coisa mole e chegou-lhe ao nariz um odor enjoativo e que parecia adocicado. Lembrou-se, de imediato, do que ele dissera – "até podemos vir a encontrá-los hoje" – e redobrou os seus esforços, tentando não olhar para o que pisava, por entre corpos tombados ao longo dos carris.

Continuou a arrastar Bourbon, sem desistir. A cabeça do mercador transformara-se num peso morto e as mãos, já frias, escorregavam das suas próprias mãos suadas. Mas Artyom nem dava por isso, não queria reparar no que estava a acontecer, precisava de levar Bourbon dali, era o que lhe tinha prometido, era o acordo que tinha feito com ele.

O barulho começou a atenuar-se, até deixar de se ouvir, de repente. Rodeou-o um silêncio de morte e, sentindo-se enormemente aliviado, Artyom até se sentou nos carris a recuperar o fôlego. Bourbon continuava imóvel, junto dele, observado com desespero pelo seu companheiro, que respirava pesadamente. Passados cinco minutos, Artyom obrigou-se a pôr-se em pé e, agarrando em Bourbon pelos pulsos, continuou a avançar, com movimentos trôpegos. Sentia a cabeça completamente vazia e só o animava

a determinação imparável de levar até à estação seguinte a pessoa com quem viajara.

Mas as pernas acabaram por ceder e Artyom caiu sobre as traves da linha, onde ainda se deixou ficar deitado por alguns minutos antes de voltar a arrastar-se, levando consigo Bourbon, a quem continuava a agarrar pela gola. "Vou lá chegar, vou lá chegar, vou lá chegar, vouláchegar vouláchegar vouláchegar...", assegurou a si próprio, apesar de não acreditar. E quando sentiu que todas as suas forças se haviam esvaído, tirou a metralhadora do ombro, colocou-a na posição de tiro único e, voltando o cano para sul, disparou um tiro e gritou: "Pessoal!" Mas o último ruído que ouviu não foi uma voz humana mas o restolhar das patas dos ratos.

*

Artyom não soube quanto tempo esteve deitado no túnel, agarrado com uma mão à gola de Bourbon e com a outra à metralhadora, até conseguir avistar um raio de luz. Um homem idoso, com um rosto que não conhecia, estava curvado sobre ele, tendo numa mão uma lanterna e na outra uma arma de aspecto estranho.

– Meu jovem amigo – estava a dizer, numa voz agradável e grandiloquente –, podes esquecer o teu companheiro. Está tão morto como Ramsés II. Quererás ficar aqui para te juntares a ele no Céu, o mais cedo que for possível, ou ele poderá esperar por ti mais algum tempo?

– Ajude-me a levá-lo para a estação – pediu Artyom, numa voz débil, cobrindo os olhos com as mãos por causa da luz.

– Receio que devamos rejeitar essa ideia – respondeu o homem, num tom amargo. – Oponho-me em absoluto à ideia de transformar a estação de metro de Sukharevskaya num túmulo, até porque ela já é suficientemente desconfortável nesta altura. Além disso, se levarmos para lá este corpo sem vida, é pouco provável que alguém, na estação, se dê ao trabalho de o encaminhar para a sua última viagem de uma maneira respeitável. Que importância tem que o corpo se decomponha aqui ou na estação se a sua alma imortal já regressou para junto do Criador? Ou se vai reencarnar, dependendo da tua perspectiva religiosa. Embora todas as religiões cometam um erro ao diferenciar estes níveis.

– Eu prometi-lhe... – Artyom suspirou. – Tínhamos um acordo.

– Meu amigo! – exclamou o desconhecido, franzindo o sobrolho. – Estou a começar a perder a paciência. As minhas regras não me mandam ajudar os mortos quando já há tantos vivos a precisarem de ajuda. Vou regressar a Sukharevskaya. Já estou a ficar com reumatismo por causa do tempo que estou a passar neste túnel. Se quiseres encontrar o teu companheiro o mais cedo que for possível, aconselho-te a ficares aqui. E se estás preocupado com o aspecto legal do assunto, posso dizer-te que o contrato cessa se não houver objecção da outra parte.

– Mas eu não posso deixá-lo assim aqui! – disse Artyom, tentando argumentar com o seu salvador e convencê-lo do seu ponto de vista. – Ele era um ser vivo. E agora, deixá-lo à mercê dos ratos!...

– De facto, pela aparência, era um ser vivo – retorquiu o homem, inspeccionando o corpo com uma expressão céptica. – Mas, agora, é decididamente uma pessoa morta, o que já não é a mesma coisa. Mas está bem, se quiseres, podemos cá voltar e fazer uma fogueira para ele ser cremado ou o que quer que faças numa circunstância destas. Mas, agora, põe-te em pé! – ordenou, fazendo Artyom levantar-se, com relutância.

Apesar dos protestos do jovem, o desconhecido arrancou a mochila das costas de Bourbon e pô-la ao ombro e, amparando Artyom, começou a andar rapidamente.

De início, Artyom andou com dificuldade mas, a cada passo, parecia a Artyom que o ancião lhe estava a dar injecções, da sua própria energia esfuziante. As dores que sentia nos pés diminuíram de intensidade e a capacidade de raciocinar regressou gradualmente. Examinou com atenção o rosto do seu salvador. Pela aparência, o homem devia ter muito mais de cinquenta anos mas parecia jovem e robusto, o que era surpreendente. Os braços que amparavam Artyom eram firmes e não estremeceram de fadiga, uma vez que fosse, no caminho de regresso. O cabelo, cortado curto, estava a ficar grisalho e a barba aparada também surpreendeu Artyom – o homem parecia demasiado arranjado para um habitante do Metro e, em especial, para o local maldito onde parecia viver.

– Que aconteceu ao teu amigo? – perguntou-lhe o desconhecido. – Ele não parece ter sido atacado mas, mais, envenenado... E eu quero ter a esperança

de que não foi o que eu penso que tenha sido – acrescentou, sem explicar o que receava.

– Não... Ele morreu de repente – disse Artyom, não encontrando em si coragem para lhe relatar as circunstâncias da morte de Bourbon em que, na verdade, só agora começava a pensar. – É uma história longa. Contá-la-ei depois.

O túnel alargou-se, de repente, o que fazia pensar que deviam ter chegado à estação. Mas havia qualquer coisa de estranho e de invulgar no ambiente e Artyom só percebeu alguns segundos mais tarde.

– Aqui não há luz? – perguntou, admirado, ao seu companheiro.

– Não existe uma autoridade – respondeu o homem. – Por isso, não há maneira de dar iluminação às pessoas. Quem quiser luz tem de arranjá-la por si. Há quem consiga, há quem não consiga. Mas não tenhas medo. Tenho, felizmente, boas relações com os tipos que mandam. – Subiu, rapidamente, a escada para o cais e estendeu uma mão a Artyom.

Voltaram na primeira arcada e entraram num átrio. Havia uma única passagem, por entre colunas com archotes de cada lado, vendo-se as habituais portas de ferro e as escadas rolantes imóveis. Mal iluminada por pequenas fogueiras e com muitas zonas mergulhadas na escuridão, Sukharevskaya revelava-se uma estação triste, com um ambiente opressivo. Havia muita gente amontoada em redor das fogueiras, algumas das quais a dormirem no chão enquanto outras, de aspecto estranho e meio curvadas, vagueavam de fogueira em fogueira. As pessoas acumulavam-se no meio do corredor, tão distantes dos túneis quanto lhes era possível.

A fogueira para onde o desconhecido o conduziu tinha chamas mais brilhantes e estava mesmo no centro do cais.

– Um dia, esta estação vai arder por completo – disse Artyom, a pensar em voz alta, contemplando o corredor com desprezo.

– Dentro de quatrocentos e vinte dias – replicou calmamente o seu companheiro. – Por isso, é melhor partires antes disso. De qualquer modo, é o que eu tenciono fazer.

– Como é que sabe? – perguntou Artyom, ficando imóvel ao lembrar-se do que já ouvira sobre magos e videntes, examinando o rosto do desconhecido em busca de marcas que revelassem o conhecimento sobrenatural que teria o

seu companheiro.

– A serpente foi perturbada – respondeu o desconhecido, com um sorriso. – Bem, é o que há a dizer. Agora, deves dormir e depois apresentamo-nos e conversamos.

E, ao ouvir estas palavras, Artyom foi dominado por uma fadiga monstruosa, que já tinha começado a acumular-se no túnel antes de Rizhskaya, nos seus próprios pesadelos e nas provas a que a sua força de vontade fora recentemente sujeita. Não encontrou em si mais forças com que pudesse resistir e deitou-se num oleado estendido junto à fogueira, pondo a mochila debaixo da cabeça e mergulhando num sono prolongado, profundo e sem sonhos.

27 N.T. – Uniformes cinzentos
Os camuflados cinzentos são usados pelo Grupo de Operações Especiais do MVD e, por isso, menos conhecidos do que os uniformes verdes mais habituais.

O DIREITO DO MAIS FORTE

O tecto estava tão cheio de fuligem que já não restava um único vestígio da cal que em tempos aí fora aplicada. Artyom ficou a olhar para cima, ainda entorpecido, sem saber bem onde se encontrava.

– Estás acordado? – perguntou uma voz que não lhe era estranha e que obrigou os seus pensamentos a reorganizarem-se e a formarem uma imagem dos acontecimentos da véspera (e teriam ocorrido mesmo na véspera?). Parecia-lhe tudo tão irreal. A parede de sono, opaca como nevoeiro, separara a realidade das recordações.

– Boa noite – disse-lhe o homem que o encontrara. Estava sentado do lado oposto da fogueira e Artyom via-o por entre as chamas. O rosto tinha uma qualidade misteriosa, talvez mesmo mística. – Agora já nos podemos apresentar um ao outro. Eu tenho um nome normal, semelhante ao de todas as outras pessoas que te rodeiam ao longo da tua vida. Mas é demasiado comprido e nada diz sobre mim. Eu sou, no entanto, a mais recente encarnação de Gengis Khan e, por isso, podes chamar-me Khan. É mais curto.

– Gengis Khan?! – Artyom ficou a olhar para o homem, incrédulo. Não acreditava no fenómeno da reencarnação.

– Meu amigo! – protestou Khan, como se o tivessem insultado. – Não precisas de olhar para os meus olhos e para a minha atitude com essa suspeita tão óbvia. Eu já encarnei em várias outras formas, que até eram mais facilmente aceitáveis. Mas Gengis Khan mantém-se a fase mais significativo do meu percurso, apesar de, infelizmente, eu não me lembrar de nada dessa vida.

– E porquê Khan e não Gengis? – perguntou Artyom, procurando saber mais. – Khan nem é um apelido mas sim uma designação profissional, se bem me lembro.

– Porque traz consigo referências desnecessárias, já para não falar em

Gengis Aitmatov[28] – disse o seu companheiro, com uma relutância que Artyom não compreendeu. – E, a propósito, não considero que seja meu dever explicar a origem do meu nome a quem quer que pergunte. E qual é o teu?

– Chamo-me Artyom e não sei quem era na minha vida anterior. Talvez o meu nome também fosse um pouco mais importante – respondeu Artyom.

– Muito prazer – disse Khan, mostrando-se obviamente satisfeito com a resposta. – Espero que aceites partilhar da minha modesta refeição – acrescentou, erguendo uma chaleira amolgada, que pendurou por cima do lume. Era igual à que usava a patrulha do Norte de VDNKh.

Artyom pôs-se em pé e tirou da mochila um pau com uma salsicha, que comprara já depois de sair de VDNKh. Cortou vários pedaços com o canivete e pô-los num pano limpo que também tinha na mochila.

– Tome – disse, estendendo o embrulho à sua nova companhia. – Para acompanhar o chá.

O chá de Khan era de VDNKh, reconheceu Artyom. Bebendo-o de uma caneca de metal esmaltado, passou silenciosamente em revista os acontecimentos do dia anterior. O anfitrião também estava, obviamente, ocupado com os seus próprios pensamentos e não incomodou Artyom.

A loucura que atacava o mundo, proveniente do tubo partido, parecia provocar efeitos diferentes em todas as pessoas. Artyom ouvia esse som como um ruído ensurdecedor que não deixava ninguém concentrar-se e que, destruindo os pensamentos, poupava a mente, enquanto Bourbon não tinha conseguido aguentar o poderoso ataque e morrera. Artyom não pensava que o som pudesse, na realidade, matar alguém, senão também nunca teria estado de acordo em dar um passo que fosse no túnel entre Prospekt Mira e Sukharevskaya.

Desta vez, o som infiltrara-se subrepticiamente, começando por entorpecer os sentidos. Artyom tinha agora a certeza de que o ruído se sobrepusera a todos os outros sons habituais, sendo de início inaudível e acabando, depois, por paralisar o fluxo dos pensamentos, cobrindo-os com uma espécie de geada, que os enfraquecia, antes de desferir o golpe mortífero.

Inquietava-o, também, o facto de não ter percebido que Bourbon começara, de repente, a falar com termos de que aparentemente seria

desconhecedor, embora pudesse ter lido muitas profecias apocalípticas. O som penetrara no mais íntimo de Bourbon, como se o enfeitiçasse, e apoderara-se dele uma estranha intoxicação. O próprio Artyom estivera a pensar em toda a espécie de disparates sobre o facto de não poderem permanecer em silêncio e sobre a necessidade de continuarem a falar, mas não lhe ocorrera tentar perceber o que se estava a passar. Tinha havido qualquer interferência...

Artyom queria afastar do seu pensamento o que acontecera e depois esquecer tudo e por completo. Mas era impossível deixar de pensar no assunto. Em todos os anos que passara em VDNKh só ouvira falar destas coisas e tinha-lhe sido mais fácil pensar que tudo o que ouvira era uma impossibilidade neste mundo. E, abanando a cabeça, olhou em redor.

O espaço em que se encontrava estava imerso no mesmo crepúsculo sufocante. Artyom pensou que talvez nunca tivesse havido luz nesta estação e que o ambiente só poderia ficar cada vez mais sombrio... assim que terminassem as reservas de combustível necessário para as fogueiras. O relógio existente por cima da entrada já deixara de trabalhar há muito tempo porque não havia ninguém que tomasse conta dessas coisas. Artyom perguntou a si próprio o que levara Khan a dizer-lhe «boa noite» porque, de acordo com as suas contas, devia ser de manhã ou meio do dia.

– É realmente noite? – perguntou a Khan, intrigado.

– Para mim, é – respondeu Khan, com ar pensativo.

– Que quer dizer com isso?.

– Artyom, tu deves vir de uma estação cujo relógio está a trabalhar e olhas para tudo com espanto, comparando as horas que marca o teu relógio de pulso com os números vermelhos por cima da entrada. Bem, aqui é o oposto: ninguém tem nada a ver com... nada. Ninguém é obrigado a assegurar que há luz disponível para todas as pessoas que aqui conseguiram chegar. Fala com as pessoas de cá e sugere isso e toda a gente achará a ideia absurda. Quem precisa de luz tem de a trazer. Passa-se o mesmo com o tempo: quem tiver medo do caos, tem de trazer consigo o seu próprio relógio. Toda a gente tem um. E o seu próprio tempo. E o tempo é diferente para todos, dependendo das contas de cada um e todos têm razão e cada pessoa acredita no seu próprio tempo, sujeitando a sua vida ao ritmo do seu

tempo. Para mim, agora é noite, para ti é de manhã... e depois? As pessoas como tu são tão cuidadosas quando se trata de registar as horas em que andam a vaguear, tal como os povos antigos guardavam pedaços de carvão em brasa em crucifixos fumegantes que se iam consumindo, esperando que as chamas ressuscitassem por esse meio. Mas houve outros que perderam os seus pedaços de carvão e que até os podem ter deitado fora. Sabes que no Metro é quase sempre noite e que não faz sentido registar o tempo que passa dessa maneira tão esforçada? Livra-te dos teus relógios e verás como as horas se vão transformar... É muito interessante. As coisas mudam... e nem as reconhecerás. O teu mundo deixará de ser fragmentado e dividido em secções de horas, minutos e segundos. O tempo é como o mercúrio: se o fragmentares, ele crescerá de novo, reencontrando a sua integridade e a sua indeterminação. As pessoas amansaram o tempo, aprisionaram-no em relógios de bolso e em cronómetros... e para esses que têm o tempo acorrentado, o tempo flui uniformemente. Mas tenta libertá-lo e verás o que acontece: ele flui de maneira diferente para as diferentes pessoas. Para algumas, o tempo é lento e viscoso e é contado ao ritmo da inalação e da exalação dos cigarros que se vão fumando, para outras, o tempo é uma corrida e só o podem medir em termos de vidas passadas. Achas que é de manhã, neste momento? É muito possível que tenhas razão: talvez uma possibilidade de cerca de vinte e cinco por cento. No entanto, esta tua manhã não faz sentido porque só existe lá em cima, na superfície, onde já não há vida. Ou, pelo menos, onde já não há pessoas, de qualquer modo. E, para os que nunca lá irão, o que acontece na superfície tem algum valor? Não. Portanto, quando te digo "boa noite", podes responder-me, se quiseres, com "bom dia". Nesta estação não existe tempo, a não ser, talvez, de uma maneira muito estranha: hoje é o quadringentésimo décimo nono dia e eu estou a contar da frente para trás.

Khan ficou silencioso, a beber o chá quente em pequenos goles e Artyom lembrou-se, com um sorriso, de como o relógio de VDNKh era tratado como um objecto sagrado e de como qualquer erro que nele se verificasse tornava culpada qualquer pessoa que se encontrasse perto dele. As autoridades ficariam espantadas se soubessem que o tempo deixara de existir e que a sua noção já se perdera. A descrição feita por Khan recordou-

lhe uma coisa engraçada que sempre o surpreendera quando a ouvia, à medida que ia crescendo.

– Dizem que, antes disto, quando passavam os comboios, costumavam anunciar nas carruagens: "Cuidado com o fechar das portas", "A próxima paragem é A" e "O próximo cais situa-se à esquerda ou à direita" – disse Artyom. – É verdade?

– Parece-te estranho? – perguntou Khan, arqueando as sobrancelhas.

– Como é que podiam dizer de que lado seria o cais? Se eu estou a chegar do Sul, a caminho do Norte, o cais fica à direita. Se eu estou a chegar do Norte, a caminho do Sul, o cais fica à esquerda. E os assentos, no comboio, se bem me lembro, tinham as costas contra as paredes das carruagens. Portanto, para os passageiros, os cais ficavam à frente ou atrás deles... e metade dos passageiros estavam num lado e a outra metade estava no outro e as duas metades tinham perspectivas diferentes.

– Tens razão – disse Khan, respeitosamente. – Os condutores dos comboios falavam, basicamente, para eles próprios porque viajavam em compartimentos situados na carruagem da frente e, para eles, a direita era uma direita absoluta e a esquerda era uma esquerda absoluta. Portanto, em princípio, deviam dizer isso, na maior parte dos casos, para seu próprio benefício. Portanto, em princípio, também podiam não ter dito nada. Mas eu ouvi essas palavras desde miúdo e já estava tão habituado a elas que nunca parei para pensar nelas.

Depois de mais algum tempo passado em silêncio, Khan perguntou:

– Queres explicar-me o que aconteceu ao teu amigo?

Artyom não respondeu logo, perguntando a si próprio se deveria dar conta das circunstâncias misteriosas da morte de Bourbon ao homem que tinha à sua frente e falar-lhe, também, do ruído que ouvira por duas vezes nas últimas vinte e quatro horas, da influência que esse som tinha na mente humana e do que sofrera e pensara ao ouvir a canção do túnel... E decidiu que, a haver alguém a quem pudesse contar tudo, seria então esta pessoa, que se considerava, com a maior sinceridade, a mais recente encarnação de Gengis Khan e para quem o tempo não existia. Por isso, começou por relatar as suas desventuras, embora de uma forma confusa e ansiosa, sem respeitar a sequência dos acontecimentos e tentando transmitir, mais do que

factos, as várias sensações que sentira.

– São as vozes dos mortos – comentou Khan, sossegadamente, depois de Artyom ter completado a sua narrativa.

– O quê?

– Tu ouviste as vozes dos mortos. Disseste que, de início, pareciam sussurros ou um restolhar? Pois bem, são eles.

– Mas quais mortos? – Artyom não conseguia compreender.

– Todos. Todas as pessoas que foram mortas no Metro desde o começo. E isso até explica, basicamente, por que motivo sou eu a última encarnação de Gengis Khan. Não haverá mais encarnações. Toda a gente chegou ao fim, meu amigo. Não sei bem como é que isto aconteceu mas, desta vez, a humanidade excedeu-se. Já não há Céu nem Inferno. Nem um purgatório. Depois de a alma deixar o corpo, e espero que, pelo menos, acredites na imortalidade da alma deixa de ter um refúgio para onde ir. Quantas toneladas, e megatoneladas, são necessárias para fazer dispersar a noosfera? Foi tudo tão real como esta chaleira. E, independentemente do que digas, nem estávamos a poupar-nos. Destruímos o Céu e o Inferno. E ficámos a viver neste mundo estranho, num mundo onde, depois da morte, a alma não pode sair de onde está. Estás a compreender? Tu vais morrer, mas a tua alma atormentada já não reencarnará e, porque já não há Céu, a tua alma não conseguirá ter paz e sossego. É, com isso, condenada a ficar onde tu viveste toda a tua vida: no Metro. Talvez não consiga dar-te a explicação teosófica exacta deste fenómeno mas há uma coisa da qual estou certo: no nosso mundo, a alma permanece no Metro depois da morte... A andar de um lado para o outro sob as arcadas destes túneis subterrâneos até ao fim dos tempos porque já não tem para onde ir.

– O Metro combina a vida com as hipostases do outro mundo. O Éden e o Mundo das Profundezas já estão entre nós e são este nosso mundo. Nós vivemos entre as almas dos mortos, que montaram à nossa volta um cerco do qual não se sai. Todos os que foram esmagados pelos comboios, mortos a tiro, estrangulados, queimados, devorados pelos monstros, os que tiveram mortes estranhas, sobre os quais os vivos nada sabem e nunca imaginarão. Esforcei-me, há muito tempo, por calcular para onde iriam e por que motivo a presença desses mortos não se faz sentir todos os dias, porque é que não

sentimos o olhar frio e cintilante que nos observa das trevas... Estás familiarizado com os horrores dos túneis? Eu costumava pensar que os mortos nos acompanhavam cegamente através dos túneis, passo a passo, escondendo-se no escuro mal nos voltávamos. Mas os olhos são inúteis. Nunca verás os mortos com os teus olhos. Mas os formigueiros que nos percorrem a espinha, os pêlos que se eriçam, os arrepios de frio que nos fazem estremecer... tudo isso testemunha essa perseguição de que nós não nos apercebemos. Era aquilo em que eu antes pensava. Mas, agora, a tua história trouxe-me uma explicação mais completa. Eles conseguem, de alguma maneira, entrar nos tubos, nas linhas de comunicação... Há muito tempo, antes de o meu pai e até o meu avô terem nascido, havia um rio muito grande na cidade dos mortos, que fica mesmo por cima de nós[29]. As pessoas que aí viviam sabiam fechar esse rio e dirigi-lo para os canais existentes debaixo da terra e é por aí que ele ainda hoje deve correr. E, agora, parece que alguém enterrou o rio dos mortos nesses tubos de que falas. O teu amigo não estava a usar palavras que fossem dele... não, não era ele. Eram as vozes dos mortos. Ele estava a ouvi-las na cabeça dele e a repeti-las e as vozes... absorveram-no.

Artyom olhou para Khan, não conseguindo desviar a sua atenção do rosto do homem durante todo o seu monólogo.

Pela sua face deslizaram sombras indistintas e os olhos reflectiram um fogo invisível. E quando Khan chegou ao fim do seu relato, Artyom teve quase a certeza de que o seu interlocutor era louco e de que as vozes dos tubos também lhe haviam sussurrado qualquer coisa. E apesar de Khan o ter salvo da morte e de se ter mostrado tão hospitaleiro, a ideia de continuar com ele, por mais um minuto que fosse, pareceu-lhe desconfortável e desagradável. Sentia, além disso, a necessidade de pensar na melhor maneira de prosseguir a viagem e de se preparar para atravessar o mais perigoso de todos os túneis do Metro, do qual já tinha ouvido dizer muitas coisas – o que ia de Sukharevskaya até Turgenevskaya e que depois continuava para lá dessa estação.

– Portanto, terás de perdoar-me a minha pequena mentira – tornou Khan, depois de uma breve pausa. – A alma do teu amigo não foi ter com o Criador, não reencarnará e não regressará numa forma nova. Foi juntar-se

às outras almas infelizes que andam pelos tubos e pelos canos dos túneis.

Estas palavras recordaram a Artyom que ele considerara a hipótese de regressar ao túnel para trazer o corpo de Bourbon para a estação. Bourbon dissera que tinha amigos na estação, que ajudariam Artyom a regressar se os dois conseguissem chegar ao destino traçado por Bourbon. E recordaram-lhe, ainda, a mochila, que não abrira e onde, além da pequena metralhadora, poderia encontrar mais alguma coisa que lhe fosse útil.

Mas apoderar-se da mochila inquietava-o e deixou-se invadir por toda a espécie de superstições, optando apenas por entreabri-la e espreitar lá para dentro, sem tocar no interior nem tirar de lá nada.

– Não precisas de ter medo – disse Khan a Artyom, inesperadamente, como se pudesse sentir as suas hesitações. – Essa coisa agora é tua.

– Acho que a isto se chamar "roubar" – retorquiu Artyom, em voz baixa.

– Não precisas de recear qualquer tipo de retaliação. Ele não vai reencarnar – disse Khan, sem responder ao que Artyom dissera mas, sim, àquilo em que o jovem estava a pensar. – Penso que quando são levados para os tubos, os mortos perdem-se e tornam-se parte de um todo, dissolvendo-se a sua vontade na vontade dos restantes ao mesmo tempo que a sua capacidade de raciocinar acaba por se extinguir. Deixa de haver qualquer individualidade. Mas se tens medo dos vivos e não dos mortos... Bem, leva a mochila até ao centro do cais e espalha o conteúdo pelo chão. Desse modo, já ninguém te poderá acusar de roubares e poderás manter limpa a tua consciência. No entanto, lembra-te de que tentaste salvar o tipo e de que ele te estará grato pelo que fizeste. Toma a mochila como um pagamento da tua acção.

Khan estava a falar com uma autoridade tal e tão convictamente que Artyom já conseguiu ter coragem para meter a mão na mochila e começar a tirar os objectos que continha, dispondo-os no oleado para melhor os ver à luz da fogueira. Encontrou quatro carregadores extra para a arma de Bourbon, a juntar aos que ele tirara ao dar a arma a Artyom. Surpreendeu-o o facto de o mercador transportar consigo um arsenal tão impressionante. Embrulhou, cuidadosamente, cinco carregadores no pano em que os encontrara e colocou-os na sua própria mochila, enfiando o sexto na **S m m t u Á á**. A arma estava em excelentes condições, bem cuidada e

totalmente lubrificada. A câmara movia-se com suavidade, produzindo um clique seco quando era empurrada e a patilha de segurança estava um pouco perra. Tudo indicava que a arma fosse praticamente nova. A coronha cabia-lhe perfeitamente na mão e a pega estava bem polida. A arma transmitia uma sensação de segurança e convidava quem nela pegava a sentir-se calmo e confiante. Artyom decidiu, de imediato, que, a tirar alguma coisa a Bourbon, lhe tiraria a arma.

As munições de calibre 7.62 que Bourbon prometera dar-lhe para o seu "arado" não existiam. Não era claro como Bourbon lhe tencionaria pagar. Artyom pensou no assunto e chegou à conclusão de que o mais natural era que Bourbon nem sequer estivesse a pensar dar-lhe alguma coisa mas que, depois de passarem as zonas mais perigosas, lhe desse um tiro na nuca, enfiando-o a seguir em qualquer buraco sem pensar mais no que tinha feito. E se alguém lhe perguntasse pelo paradeiro de Artyom, Bourbon poderia escolher à vontade a sua resposta: no Metro tudo pode acontecer e, bem, o rapaz acompanhara-o de livre vontade.

Além de vários panos e de um mapa do Metro, registado com anotações que só o seu autor morto poderia compreender, e de cem gramas de **pÚÇ** Artyom encontrou algumas fatias de carne fumada em sacos de plástico e um bloco-de-notas no fundo da mochila.

Artyom não abriu o bloco e ficou decepcionado com o resto das coisas. No mais íntimo de si, esperara encontrar algo misterioso, talvez mesmo precioso – o motivo pelo qual Bourbon estava tão interessado em atravessar o túnel para chegar a Sukharevskaya. Pensou que Bourbon devia ser um mensageiro ou um contrabandista ou qualquer espécie de intermediário. Isso, pelo menos, explicaria a sua determinação em atravessar o túnel maldito, custe o que custasse, e a rapidez com que mostrara a sua generosidade para com quem ia acompanhá-lo. Mas, tendo verificado que pouco mais existia na mochila, depois de retirar as últimas peças de roupa, Artyom concluiu que o motivo da sua insistência devia ser outro. Esteve a reflectir durante algum tempo, pensando no que Bourbon poderia querer de Sukharevskaya, mas não se lembrou de nada que fosse plausível.

Lembrou-se depois, mais uma vez, de que deixara o pobre homem no meio do túnel, à mercê dos ratos, apesar de ter pensado em ir buscá-lo e fazer

alguma coisa por ele. Era verdade que só muito vagamente imaginava como poderia prestar ao mercador a sua última homenagem e como poderia resolver o problema do cadáver. Queimá-lo? Eram necessários nervos de aço para esse efeito e o fumo sufocante e o cheiro horrível do corpo e do cabelo a arder chegaria à estação e ele não conseguiria evitar qualquer situação que fosse mais desagradável. Arrastar o cadáver até à estação seria um esforço medonho. Uma coisa é puxar um homem pelos braços, quando se pensa que ele está vivo, mesmo que também se rejeite a ideia de ele não estar a respirar e nem ter pulso, e outra é arrastar um cadáver. Portanto, que poderia ele fazer? Tal como Bourbon lhe mentira, a respeito do pagamento, também lhe poderia ter mentido a respeito dos amigos que teria na estação. Se trouxesse o corpo dele para a estação, Artyom poderia ver-se envolvido numa situação ainda pior.

– O que fazem, aqui, aos que morrem? – acabou por perguntar a Khan, depois de muito pensar.

Khan respondeu à pergunta com outra pergunta:

– Que queres dizer com isso, meu amigo? Estás a falar das almas dos mortos ou dos seus cadáveres?

– Dos cadáveres – rosnou Artyom. Já estava a ficar farto das conversas sobre o destino dos mortos.

– Há dois túneis que vão de Prospekt Mira para Sukharevskaya– disse Khan e Artyom pensou que se os comboios iam em duas direcções, seriam sempre necessários dois túneis. E por que motivo quereria ir Bourbon desafiar o seu destino, apesar de saber da existência do segundo túnel? Haveria um perigo ainda maior escondido no segundo túnel? – Mas só podes percorrer um deles – continuou Khan –, porque, no segundo túnel, ainda perto da nossa estação, o solo afunda-se e a estrutura desmoronou-se e o que lá existe é uma espécie de ravina profunda onde, segundo uma lenda local, se enfiou pelo chão um comboio completo. Quem está num dos lados da ravina, e não interessa qual, não consegue ver o outro lado e nem a luz da mais forte lanterna ilumina as profundezas. E é por isso que todos os idiotas consideram a ravina um abismo sem fundo. Essa ravina é o nosso cemitério: é onde pomos os cadáveres.

Artyom começou a sentir-se indisposto ao perceber que teria de regressar

ao local onde Khan o encontrara para poder arrastar até à estação o corpo de Bourbon, que já devia estar roído pelos ratos, e depois da estação para a ravina. E tentou convencer-se de que atirar o cadáver para a ravina era, na sua essência, igual a deixá-lo num túnel porque nenhuma destas situações equivalia a um enterro. Mas quando se encontrava prestes a decidir que era melhor deixar tudo como estava, o rosto de Bourbon apareceu-lhe diante dos olhos, com grande nitidez, dizendo-lhe: "Eu morri." Artyom ficou, de imediato, coberto de suor. Levantou-se com dificuldade, pôs ao ombro a sua nova metralhadora e disse:

– Pronto, vou partir. Eu fiz-lhe uma promessa e tínhamos um acordo. Tem de ser assim. – E, com isto, pôs-se a descer a escada de ferro que descia do cais para o túnel, com as pernas ainda muito presas.

Foi-lhe necessário acender a lanterna antes de chegar ao fim da escada. Deixando atrás de si o som atroador das botas a baterem nos degraus, Artyom acabou por ficar imóvel, por um instante, sem nenhuma vontade de continuar. Um vento pesado atirou-lhe ao rosto o cheiro da putrefacção e os seus músculos recusaram-se, temporariamente a obedecer-lhe. Artyom forçou-se a dar um novo passo. Depois de vencer o medo e a repulsa e de estar novamente a caminhar, sentiu uma mão pesada em cima do ombro. Deu um grito de surpresa e voltou-se, rapidamente, com um aperto no peito, percebendo que não teria tempo de tirar a metralhadora do ombro nem de fazer mais nada...

Mas era Khan.

– Não te assustes – disse a Artyom, para o tranquilizar. – Eu estava só a testar-te. Não precisas de ir. O corpo do teu amigo já não está lá.

Artyom olhou para ele, sem perceber.

– Enquanto estavas a dormir, completei os ritos fúnebres. Não tens nenhum motivo para lá voltares. O túnel está deserto. – E, voltando as costas a Artyom, Khan regressou às arcadas.

Sentindo um alívio enorme, o jovem apressou-se a ir atrás de Khan. Apanhando-o em poucos passos, perguntou-lhe, com um tom de emoção na voz:

– Porque é que o foi fazer? E por que motivo não me disse? Tinha-me dito que não importava se ele permanecia no túnel ou se viesse para a estação.

– E não me importa, na realidade. – Khan encolheu os ombros. – Mas, a ti, já importava. Eu sei que a tua viagem tem um propósito e que o teu caminho é longo e difícil. Não percebo qual é a tua missão mas o peso dela já é demasiado para ti e, por isso, resolvi dar-te uma pequena ajuda. – Olhou para Artyom a sorrir.

Quando regressaram para junto da fogueira e se sentaram no oleado enrugado, Artyom não conseguiu deixar de lhe perguntar:

– Que queria dizer quando se referiu à minha missão? Eu disse alguma coisa enquanto dormia?

– Não, meu amigo, dormiste absolutamente em silêncio. Mas eu tive uma visão e nela foi-me pedido, por uma pessoa que partilha parte do meu nome, que te ajudasse. Fui também avisado da tua chegada, e foi por isso que fui ao teu encontro e te trouxe para a estação, quando tu andavas a rastejar com o corpo do teu amigo.

– Foi por isso? – Artyom observou-o, desconfiado. – Pensei que fosse por ter ouvido tiros...

– E ouvi tiros. O eco chegou aqui com bastante força. Mas não pensas que eu vou para o túnel cada vez que ouço um tiro, pois não? Já teria chegado ao fim da minha vida há muito tempo, e de forma ignominiosa, se o tivesse feito. Isto foi uma excepção.

– E a pessoa que partilha uma parte do seu nome?

– Não posso dizer quem é, nunca o vi até esse momento e nunca falei com ele, mas tu sabes quem é. Tens de compreender isto por ti. Só o vi uma vez e nem sequer foi na vida real, mas apercebi-me, de imediato, da força colossal que ele tem. Ele ordenou-me que ajudasse um jovem que viria pelo túnel do Norte e a tua imagem apareceu à minha frente. Foi tudo um sonho mas a sensação de ser verdade era tão grande que, ao acordar, nem percebi a diferença entre o sonho e a realidade. Este homem poderoso com a cabeça rapada e luzidia, todo vestido de branco... Sabes quem é?

Artyom estremeceu e sentiu que, à sua volta, tudo parecia nadar no espaço, tornando-se clara no seu pensamento a imagem descrita por Khan. O homem que partilhava parte do nome com o seu salvador... só podia ser o Caçador, com os dois nomes a começarem pelo som “ca”! Artyom já tivera uma visão semelhante: quando estava a tentar decidir se faria, ou não, a

viagem, vira o Caçador, vestido não com a gabardina comprida que tinha em VDNKh nesse dia memorável mas com a roupa sem forma que era branca como a neve.

– Sim, conheço esse homem – respondeu Artyom, encarando Khan de maneira diferente.

– Ele invadiu os meus sonhos e, normalmente, nunca perdoo quando me fazem isso. Mas, com ele, tudo foi diferente – disse Khan, absorto. – Ele precisava, como tu, da minha ajuda e não me ordenou que o fizesse nem me pediu que me submetesse à sua vontade. Era mais como se estivesse a pedir-me com insistência. Ele não conseguia entrar e vaguear pelos pensamentos de outra pessoa mas estava numa situação difícil, mesmo muito difícil. Estava a pensar em ti, desesperadamente, e precisava de quem o ajudasse, de um ombro a que pudesse apoiar-se. Eu estendi-lhe a mão e dei-lhe o meu ombro. E fui ter contigo.

Artyom estava imerso em pensamentos que borbulhavam e que flutuavam no fluxo do seu raciocínio, transformando-se depois em palavras, e que mergulhavam no mais profundo da sua mente. Sentia a língua perra e precisou de muito tempo para formar uma palavra. Teria este homem sabido realmente da sua chegada antes de ela se concretizar? Tê-lo-ia o Caçador avisado, de alguma maneira? E estaria vivo ou já transformado numa sombra sem corpo? Ia ter de acreditar no inferno descrito por Khan, que parecia um delírio saído de um pesadelo... mas era mais fácil e mais agradável dizer a si próprio que o homem era louco. O mais importante, no entanto, era o facto de o homem conhecer a tarefa que o esperava – chamara-lhe "missão" e, embora talvez estivesse a ter dificuldade em perceber o que era, compreendera a importância e a gravidade do que ele devia fazer.

– Para onde vais? – perguntou-lhe Khan numa voz suave, fitando-o calmamente nos olhos como se estivesse a ler-lhe os pensamentos. – Diz-me qual é o teu caminho e eu ajudar-te-ei a dares o teu próximo passo na direcção desse objectivo, se isso estiver ao meu alcance. Ele pediu-me para o fazer.

– Pólis – disse Artyom, respirando fundo. – Preciso de chegar à Pólis.

– E como é que, partindo tu desta miserável estação, tencionas lá chegar? –

quis saber Khan. – Meu amigo, devias ter ido pelo Círculo, partindo de Prospekt Mira para Kurskaya ou Kievskaya.

– É o território da Hansa, eu não conheço lá ninguém e não conseguiria passar. De qualquer modo, agora também não posso regressar a Prospekt Mira. Receio não conseguir aguentar outra viagem por esse túnel. Estava a pensar em ir para Turgenevskaya. Vi num velho mapa que há uma passagem para Sretensky Bulvar. Aí existe um túnel começado a construir por onde se pode passar para Trubnaya – Artyom tirou o mapa chamuscado do bolso. – Em Trubnaya há uma passagem para Tsvetnoi Bulvar, já a vi no mapa. Depois, se tudo estiver bem, já se consegue chegar directamente à Pólis.

– Não – disse Khan, abanando a cabeça com ar triste. – Por aí não chegarás à Pólis. O mapa mente. Foi impresso muito tempo antes de tudo ter acontecido. Descreve linhas do Metro que nunca foram concluídas, estações que foram destruídas e onde ficaram enterrados centenas de inocentes e não tem indicações sobre os perigos ameaçadores que se escondem ao longo do caminho e que tornam impraticáveis a maior parte dos itinerários. O teu mapa é tão estúpido e ingénuo como uma criança de três anos. Dá-mo cá. – Khan estendeu a mão.

Artyom deu-lhe o papel, obedientemente. E Khan de imediato o amachucou, atirando-o para as chamas. Artyom achou que era um pouco excessivo mas decidiu não argumentar.

– Agora, mostra-me o mapa que encontraste na mochila do teu amigo.

Procurando entre as suas coisas, Artyom encontrou o mapa mas não se apressou a entregá-lo a Kahn, pensando no infeliz destino que poderia estar à espera dele. E também não queria ficar sem um mapa. Khan reparou na sua hesitação e rapidamente o sossegou:

– Não lhe faço nada, descansa. E, confia em mim, nunca faço uma coisa se não tiver um bom motivo para a fazer. Podes ficar com a impressão de que algumas das minhas acções são um pouco loucas. Mas há uma razão. Só que não a compreendes, porque a tua percepção e a tua compreensão do mundo se encontram limitadas. Estás só no início do teu caminho. E ainda és muito novo para saberes algumas coisas.

Artyom deu a Khan o mapa de Bourbon. Já não tinha energia para

levantar objecções. Era uma cartolina amarelada do tamanho de um postal e tinha bolas brilhantes e as palavras "Feliz Ano Novo 2007!"

– É muito pesado – disse Khan, numa voz enrouquecida, e Artyom voltou a sua atenção para a palma da mão de Khan, onde se encontrava a cartolina. Esta caiu para o chão, como se pesasse mais de um quilo. Artyom nada sentira de pesado no mapa quando o tivera na mão um segundo antes. Papel é papel.

– Este mapa é muito mais sábio do que o teu – disse Khan. – Contém tanto conhecimento que não acredito que tenha pertencido à pessoa que viajava contigo. E não é só pelo facto de ter todos estes sinais e estas anotações, embora até possam dizer muito. Não, ele tem mais qualquer coisa...

Calou-se, de repente.

Artyom olhou para Khan. A testa do outro homem estava rasgada por rugas profundas e a fogueira moribunda reflectia-se-lhe nos olhos. O rosto alterara-se de tal modo que Artyom até se assustou, pensando em sair da estação o mais rapidamente possível, partindo para qualquer sítio, mesmo para o terrível túnel que, apesar de todas as dificuldades, conseguira atravessar.

– Dá-mo – disse Khan. Não estava a pedir mas a dar uma ordem. – Dar-te-ei outro e nem perceberás a diferença. E posso dar-te também tudo o que quiseres, além disso.

– Tome, é seu – Artyom cedeu-lho, sem problemas, cuspindo ligeiramente, enquanto concordava.

Khan afastou-se de repente das chamas e o rosto ficou oculto pelas sombras. Artyom calculou que ele poderia estar a tentar controlar-se, não querendo que Artyom visse a luta que travava consigo próprio.

– Estás a ver, meu amigo? – disse, no escuro, a voz de Khan, parecendo fraca e indecisa, sem ter o poder e a força de vontade que pouco antes demonstrara ter. – Isso não é um mapa. Quer dizer, não é apenas um mapa. É um guia completo para o Metro. Sim, sim, não restam dúvidas de que é isso. A pessoa que o tiver pode atravessar o Metro todo em apenas dois dias porque o mapa... está vivo ou qualquer coisa assim. Dir-te-á onde deves ir e como, avisar-te-á dos perigos... Quer dizer, guiar-te-á. É por isso que é um guia – Khan aproximou-se, de novo, da fogueira – e até há quem lhe chame

“mentor”. Já tinha ouvido falar neles. Só existem alguns em todo o Metro e este até pode ser o último. É o legado de um dos mais poderosos magos da última era.

– O que se encontra no ponto mais fundo do Metro? – atirou Artyom, de repente, querendo mostrar a Khan que também sabia alguma coisa. Mas parou, ao ver como o rosto de Khan se enchia de sombras.

– Nunca fales levianamente das coisas de que nada sabes! Tu desconheces o que existe nesse ponto mais fundo do Metro... e mesmo eu só sei uma parte e Deus nos livre de podermos vir a saber tudo. Mas posso jurar-te que aquilo que há-de ter acontecido lá fora é drasticamente diferente do que ouviste dizer aos teus amigos. Por isso, não repitas as divagações ociosas dos outros porque há-de chegar um dia em que terás de sofrer por isso. E estas coisas nada têm a ver com o guia.

– Bem, de qualquer modo, pode ficar com o guia – replicou Artyom, desejando tranquilizar o seu interlocutor, sem perder a oportunidade de desviar a conversa para um rumo menos perigoso. – Aliás, eu também não sei como usá-lo. E, além disso, estou-lhe tão agradecido por me ter salvo que mesmo a oferta do mapa não me parece ser suficiente para lhe pagar o favor que me fez.

– É verdade – disse Khan, com um tom de voz outra vez mais suave e já sem as rugas de preocupação que lhe haviam coberto o rosto. – Durante muito tempo não saberás como usá-lo. Portanto, se mo deres, ficaremos quites. Eu tenho um mapa normal com as várias linhas do Metro e, se quiseres, eu posso copiar para esse mapa as marcas feitas no guia e tu podes levá-lo. E depois... – Khan começou a mexer nos seus próprios sacos – posso oferecer-te isto. – Empunhou uma lanterna de feitio estranho. – Não precisa de pilhas. Foi feita de modo a poder ser manualmente carregada. Vês estes dois pequenos botões? Tens de premi-los com os dedos e eles geram a corrente que faz acender a lanterna. Não ilumina muito mas há situações, às vezes, em que o foco dela parece mais brilhante do que as lâmpadas de mercúrio da Pólis. Já me salvou muitas vezes e espero que te seja útil. Leva-a, é tua. Leva-a, leva-a, a troca já nem sequer é justa... porque sou eu que estou em dívida para contigo e não o contrário.

Na opinião de Artyom, a troca era, na realidade, vantajosa. Para que

precisava ele de um mapa com propriedades místicas se era imune à voz do guia? Mais facilmente o teria deitado fora, depois de andar às voltas com ele a tentar, em vão, ler os rabiscos que lhe tinham sido acrescentados.

– Agora, o percurso que delineaste não te levará a sítio nenhum excepto ao abismo – prosseguiu Khan, retomando a conversa interrompida, enquanto manuseava o mapa com muito cuidado. – Olha – disse, estendendo a Artyom um mapa minúsculo, impresso no verso de um antigo calendário de bolso –, toma o meu velho mapa e orienta-te por ele. Tu estavas a falar da passagem de Turgenevskaya para Sretensky Bulvar, não era? Não me digas que não conheces a fama malvada dessa estação e do longo túnel que a liga a Kitay-Gorod[30]?

– Bem, disseram-me que não se deve andar por lá sozinho e que só é seguro percorrê-lo numa caravana. Por isso, eu estava a pensar em juntar-me a uma caravana para fazer o caminho até Turgenevskaya e depois deixá-la e escapulir-me pela passagem de ligação – respondeu Artyom, a tentar perceber os pensamentos que se agitavam na sua mente. – ... Não vão, com certeza, correr atrás de mim.

– Não existe aí nenhuma passagem de ligação. As arcadas foram todas emparedadas. Não sabias?

Como é que podia ter-se esquecido? Claro que já lho tinham dito mas a lembrança fugira-lhe... Os vermelhos receavam os demónios existentes no túnel e, por isso, haviam emparedado o único caminho que dava para Turgenevskaya.

– Não há mais nenhuma passagem, na realidade? – perguntou, cuidadosamente.

– Não, e o mapa não nos diz nada sobre isso. A passagem para as linhas que foram realmente construídas não começa em Turgenevskaya. Mas mesmo se a passagem existisse, não acredito que tivesses coragem suficiente para te apartares do grupo e seguir por aí. Em especial se desses ouvidos aos mais recentes boatos sobre essa adorável passagem, enquanto estivesses à espera de uma caravana.

– Então, que devo fazer? – inquiriu Artyom, a examinar o pequeno calendário e a sentir-se desmoralizado.

– Podes ir para Kitay-Gorod. Olha que é uma estação cheia de

curiosidades e tem uma moral muito divertida. Mas, pelo menos, não é um sítio de onde possas desaparecer sem deixares rasto, pondo os teus amigos a pensar se alguma vez terás existido. E isso pode acontecer em Turgenevskaya... Quanto a Kitay-Gorod, acompanha-me agora – Khan começou a percorrer o mapa com o dedo. – Até Pushkinskaya são só duas estações e há depois uma passagem para Chekhovskaya e aí há outra e depois já estás na Pólis. Será muito mais curto do que o caminho que estavas a estudar.

Artyom começou a contar em surdina as estações e as passagens de ligação de cada um dos percursos. Por mais contas que fizesse, a rota sugerida por Khan era muito mais curta e menos perigosa mas também não conseguia perceber por que motivo não se lembrara disso antes. Não havia outra opção, portanto.

– Tem razão – concedeu, finalmente. – E com que frequência é que as caravanas lá passam?

– Receio que não sejam muito frequentes. E há um pormenor, pequeno mas aborrecido: para poderes entrar no túnel do Sul que dá para Kitay-Gorod, tens de chegar à nossa pequena estação pelo Norte – e Khan apontou para o túnel maldito de onde Artyom se escapara com dificuldade. – Basicamente, a última caravana com destino ao Sul partiu há pouco tempo e nós esperamos que haja outro grupo a ir nessa direcção em breve. Fala com algumas pessoas, faz perguntas, mas não fales demais. Há por aqui alguns selvagens em quem não se pode confiar... Mas, está bem, irei contigo para não te meteres em nenhuma estupidez – acrescentou, depois de uma pequena pausa, em que esteve a pensar.

Artyom ia pôr a mochila às costas quando Khan o fez parar, com um gesto.

– Não te preocupes com as tuas coisas. As pessoas aqui têm tanto medo de mim que nenhum malandrim ousará vir espreitar o meu covil. E ficas sob a minha protecção enquanto aqui estiveres.

Artyom deixou a mochila junto da fogueira mas levou consigo a pequena metralhadora, não querendo separar-se do seu novo tesouro, apressando-se a seguir Khan, que já se encaminhava, com andar desprendido, para as fogueiras acesas no outro lado do corredor. Artyom reparou, surpreendido,

na quantidade de vagabundos com cara de fome, embrulhados em trapos que cheiravam mal, que se afastavam deles e pensou que as pessoas deviam ter, na realidade, medo de Khan. E ficou a pensar em qual poderia ser o motivo.

Passaram pela primeira fogueira mas Khan não abrandou o passo. Era um lume muito pequeno, quase sem chama, com duas figuras humanas: um homem e uma mulher, muito agarrados um ao outro. Estavam a falar, muito baixinho, numa língua desconhecida e os seus sussurros dissolveram-se antes de poderem chegar aos ouvidos de Artyom. O jovem ficou tão fascinado que quase se voltou, sentindo dificuldade em resistir à vontade de olhar para o que parecia ser um casal.

Diante deles estava já outra fogueira, grande e brilhante, rodeada por um verdadeiro acampamento. Junto a ela estavam sentados homens que pareciam ser camponeses, de olhar feroz, aquecendo as mãos. Ouviam-se gargalhadas bem fortes e o ambiente estava tão cheio do ruído de vozes a discutirem que Artyom, intimidado, até começou a andar mais devagar. Mas Khan, com uma atitude de grande calma e confiança, dirigiu-se aos homens sentados à volta do lume, cumprimentando-os e sentando-se também junto da fogueira, e Artyom nada pôde fazer senão seguir o seu exemplo e sentar-se junto dele.

– ... Ele está a olhar para si próprio e repara que tem a mesma erupção cutânea nas mãos e que há qualquer coisa a inchar-lhe debaixo dos braços, a ficar dura e a provocar-lhe dores. Imaginem o horror, foda-se... Cada pessoa tem atitudes diferentes. Há quem dispare de imediato sobre si próprio, há quem enlouqueça e comece a atirar-se a outras pessoas, tentando abraçá-las, para não morrer sozinho. Há quem corra para o túnel que fica depois do Círculo, para essa terra de ninguém, para não infectar os outros... Há toda a espécie de pessoas. E então este tipo, assim que percebe o que está a acontecer, pergunta ao médico: "Há alguma hipótese de eu poder melhorar?" O médico diz-lhe logo: "Depois de lhe aparecer essa erupção, já só tem cerca de duas semanas para viver." E eu vejo que o comandante do batalhão já está discretamente a tirar a sua Makarov[31] do coldre, para o caso de o tipo começar a ficar violento... – O homem que estava a falar era magro e idoso, de barba mal aparada no queixo e vestido

com um casaco acolchoado, e era genuína a ansiedade que lhe fazia vacilar a voz, enquanto observava os olhos cinzentos húmidos à sua volta.

E embora Artyom não percebesse do que estavam a falar, o tom em que a história era contada e o silêncio tão pesado que se impusera no grupo, até há pouco tempo tão barulhento, fizeram-no estremecer e, numa voz baixa para não chamar as atenções para si, perguntou a Khan:

– De que está ele a falar?

– Da peste – disse Khan, pesadamente. – Já começou.

As palavras trouxeram consigo o cheio dos cadáveres em decomposição, o fumo gorduroso dos crematórios, os ecos dos sinos de alerta e dos uivos das sirenes manuais.

Em VDNKh e nos seus arredores nunca se registara uma epidemia de peste: os portadores da infecção, os ratos, haviam sido destruídos, e a estação possuía bons médicos. Artyom só conhecia dos livros as doenças infecciosas fatais. Lera-os quando era ainda muito novo e os pormenores tinham deixado marcas profundas nas suas recordações e invadido os sonhos e os medos da sua infância. Portanto, cada vez que ouvia a palavra "peste", sentia-se cheio de suores frios e quase a desmaiar. Não perguntou nada a Khan e, com uma atenção pouco saudável, limitou-se a ouvir o relato feito pelo homem magro do casaco acolchoado.

– Mas Ryzhii não era desse género, não era um louco. Ficou em silêncio por um minuto e depois disse ao comandante do batalhão: "Dê-me algumas balas e eu vou-me embora. Não posso ficar aqui convosco mais tempo." Ouvi o comandante a respirar de alívio, logo de seguida. Era óbvio: não dá alegria nenhuma matar um dos nossos só por estar doente. Deram duas balas a Ryzhii. E ele foi para Nordeste, para lá de Aviamotornaya. E não voltámos a vê-lo. O comandante do nosso batalhão pergunta depois ao nosso médico quanto tempo demora a doença a manifestar-se. E o médico diz que o período de incubação é de uma semana. Se nada se manifesta uma semana depois do contacto, então a pessoa não está infectada. Por isso, o comandante do batalhão decide: "Vamos sair da estação e ficamos lá por fora durante uma semana e depois veremos." Não podíamos ficar dentro do Círculo, basicamente, porque se a infecção penetrasse no Círculo, todo o Metro morreria. E, por isso, ficámos lá fora durante uma semana. Nem

sequer nos podíamos dirigir uns aos outros, porque não se sabia quem é que, entre nós, estaria infectado. Havia um sujeito, a quem chamávamos Copo porque gostava muito de beber. Toda a gente se afastou dele, porque Copo se dava com Ryzhii. Quando ele se aproximava de uma pessoa, essa pessoa punha-se a fugir para o lado oposto da estação. Houve um tipo que lhe chegou a apontar a arma, dizendo-lhe para ele se afastar... Quando Copo ficou sem água, os outros partilharam com ele a água que tinham, naturalmente, mas punham-na no chão e depois iam-se embora e já ninguém se aproximava. Passada uma semana, Copo desapareceu. As pessoas começaram a dizer várias coisas e algumas até diziam mentiras: que um monstro o levara, por exemplo, mas os túneis lá até são limpos e sossegados. Pessoalmente, acho que ele notou que tinha uma mancha e começou também a ter dores nas axilas e foi por isso que fugiu. Nas nossas forças não apareceu mais ninguém infectado mas ainda esperámos algum tempo até o comandante do batalhão nos inspeccionar, um a um. Mas estávamos todos saudáveis.

Artyom viu que, apesar dessa certeza, a zona à volta do narrador estava vazia, apesar de não haver muito espaço junto à fogueira e de toda a gente estar sentada muito junta, ombro com ombro.

– Demoraste muito tempo a chegar aqui, irmão? – perguntou-lhe, em voz baixa mas firme, um homem corpulento e barbudo, com um colete de pele.

– Já saímos de Aviamotornaya há cerca de trinta dias – disse o homem magro, olhando para ele, inquieto.

– Pois tenho notícias para ti. Já há peste em Aviamotornaya. E aqui também, ouviste? A Hansa já fechou essa estação, tal como Taganskaya e Kurskaya. Impuseram uma quarentena. Conheço lá pessoas, cidadãos da Hansa. Já puseram lanças-chamas nas passagens de Taganskaya e de Kurskaya e quem lá se chegar é queimado. Chamam a isso desinfestação. Aparentemente, há quem tenha um período de incubação de uma semana e há outros onde demora mais tempo. E tu, obviamente, trouxeste a infecção para cá – concluiu, baixando a voz num tom ameaçador.

– Qual quê, pessoal. Eu sou saudável! Vejam vocês próprios! – O homem magro pôs-se em pé de um salto e começou, convulsivamente, a tirar o casaco acolchoado, mostrando-lhes o corpo sujo, cheio de pressa, receando

não conseguir convencê-los.

A tensão começou a aumentar. Já não havia ninguém perto do homem magro e estavam todos concentrados no outro lado da fogueira. As pessoas falavam nervosamente e Artyom ouviu o metálico das armas. Olhou para Khan, numa interrogação muda, tirando a arma do ombro e pondo-a em posição de disparar, a apontar em frente.

Mas Khan manteve-se silencioso e afastou-se do lume, sem dizer nada, levando Artyom consigo. A cerca de dez passos, ficou imóvel e voltou-se, para ver o que estava a acontecer.

À luz da fogueira avistavam-se movimentos bruscos, como se os homens estivessem a dançar freneticamente, num ritual primitivo. Depois, a multidão calou-se e a acção prosseguiu num silêncio de mau agouro. Finalmente, o homem conseguiu tirar a camisola interior e exclamou, triunfante:

– Vejam! Vejam bem! Estou limpo! Sou saudável! Não há nada aqui! Sou saudável!

O homem barbudo tirou uma tábua do lume, que já estava em chamas numa das extremidades, e aproximou-se, cuidadosamente, do homem magro, observando-o com repugnância. A pele do homem que estivera a falar era escura, devido à porcaria, e cobria-a uma gordura brilhante mas, tanto quanto conseguiu ver o barbudo, não havia nenhuma erupção cutânea à vista. No entanto, só depois de uma inspecção pormenorizada, é que lhe dirigiu a palavra, ordenando-lhe:

– Levanta os braços!

O infeliz apressou-se a erguer os braços, oferecendo às pessoas reunidas no outro lado da fogueira a visão das suas axilas cheias de pêlos finos. O barbudo tapou ostensivamente o nariz e aproximou-se, examinando-lhes as axilas com todo o cuidado, à procura de bubões, mas não encontrou nenhum indício de peste.

– Sou saudável! Saudável! Já estão convencidos? – gritou o homem magro, quase histérico.

A multidão reagiu com murmúrios hostis. Compreendendo o sentimento geral mas não querendo submeter-se-lhe, o homem corpulento declarou:

– Bem, vamos partir do princípio de que é saudável. Mas isso, no entanto,

não tem significado!

– Não tem, porquê?! – O homem magro ficou surpreendido e abatido, de imediato.

– Porque não tem. Podes não estar ainda doente. Podes até ser imune. Mas também podes ter a infecção. Não tiveste contacto com esse Ryzhii? Não estiveste na mesma força? Não falaste com ele e partilhaste a mesma água? Não lhe apertaste a mão? Apertaste, não mintas, irmão.

– E depois? E se eu lhe apertei a mão? Eu não adoeci... – O homem já não sabia o que havia de dizer. Estava paralisado, sem nada poder fazer, perseguido pelo olhar da multidão.

– Portanto, não é impossível que estejas infectado, irmão. Portanto, lamento mas não podemos correr riscos. É uma medida profiláctica, irmão, sabes? – O homem barbudo abriu o botão do colete e pôs à vista um coldre de pele castanha. As vozes da multidão que estava junto à fogueira começaram a encorajá-lo e fez-se ouvir de novo o ruído das armas prontas a disparar.

– Pessoal! Mas eu sou saudável! Eu não adoeci! Vejam, veja bem! – O homem magro voltou a erguer os braços mas, nesta altura, já todos lhe faziam caretas desdenhosas com uma aversão evidente.

O homem corpulento tirou a pistola do coldre e apontou-a ao outro, que parecia incapaz de perceber o que estava a acontecer e que continuava a murmurar que era saudável, apertando o casaco acolchoado contra o peito. O ambiente era gélido e ele já estava a sentir-se com frio.

E, de repente, Artyom deixou de conseguir aguentar a cena. Destravando a arma, deu um passo na direcção do grupo, sem saber muito bem o que iria fazer a seguir. Sentia um aperto no estômago e outro na garganta e não conseguia dizer uma palavra. Havia qualquer coisa no homem magro, nos seus olhos vazios e desesperados e no modo como balbuciava, que causara em Artyom uma impressão profunda, levando-o a dar esse passo em frente. Não era certo o que Artyom iria fazer, de seguida, mas a mão que lhe caiu sobre o ombro travou-o e só Deus sabe como a mão era pesada!

– Pára – disse-lhe Khan, em voz baixa, e Artyom ficou imóvel como um morto, sentindo que a sua determinação, que já não era muito forte, se estilhaçara perante a solidez granítica da vontade do outro. – Não podes

ajudá-lo. Ou serás morto ou te tornas o alvo da fúria deles. Em qualquer dos casos, a tua missão ficará por cumprir. É bom que te lembres disso.

Nesse momento, o homem magro voltou-se, de repente, deu um grito e, agarrado ao casaco acolchoado e com um aceno de cabeça, saltou para a linha e correu com grande rapidez para a boca negra do túnel do Sul, revelando uma velocidade sobre-humana e guinchando como um animal selvagem. O homem barbudo estremeceu e correu atrás dele, tentando fazer-lhe pontaria às costas, mas acabou por desistir, detendo-se com um gesto de fúria. A situação já fora longe demais e todos os que estavam na plataforma o percebiam. E não era claro se o homem em fuga se lembrava daquilo que o esperava no túnel, se estava à espera de um milagre ou se o medo lhe esvaziara a cabeça.

Alguns minutos mais tarde, ouviu-se um uivo que rasgou penosamente o silêncio pesado do túnel onde tantas coisas terríveis aconteciam e o som dos passos do homem magro deixou, de repente, de se ouvir, como se alguém tivesse desligado o som. O mesmo aconteceu com os ecos e voltou a reinar o silêncio. Isto era tão estranho e tão invulgar para a mente e para a razão humana que a imaginação dos que assistiam tentou preencher os espaços em branco e, assim, ainda puderam ouvir o que talvez fosse um grito já muito longínquo. Mas todos perceberam que se tratava apenas de uma ilusão.

– Meu amigo, os chacais sabem sempre quando algum dos elementos da matilha está doente – disse Khan e Artyom, ao ver o fogo próprio de um predador que lhe incendiava o olhar, recuou. – O que está doente é um fardo para a matilha e uma ameaça à sua saúde. É por isso que a matilha liquida o animal doente. Desfazem-no em pedaços. Em pedaços – repetiu, como se estivesse a deliciar-se com o que dizia.

– Mas eles não são chacais – contrapôs Artyom finalmente, quando conseguiu reunir toda a sua coragem para se opor a Khan, começando a acreditar que ele seria, na realidade, a encarnação de Gengis Khan. – São pessoas!

– E que querias tu que fizessem? – retorquiu Khan. – As pessoas degradaram-se. A nossa medicina está ao nível dos chacais. E a nossa humanidade também. Portanto...

Artyom sabia como poderia objectar mas não achou adequado discutir

com o homem que era o seu protector nesta estação selvagem. E Khan, que esperava as suas objecções, decidiu claramente que Artyom desistira e desviou a conversa para outro assunto.

– Portanto, agora que o tema das doenças infecciosas e dos métodos que as poderão combater vai dominar as conversas dos nossos amigos, precisamos de encontrar aqui uma coisa a nosso contento. De outro modo, podem resolver ficar por cá durante algumas semanas. Apesar de aqui nem se dar pela passagem das semanas.

Os homens haviam voltado a sentar-se à volta da fogueira e já estavam animadamente a discutir o que acontecera. Estavam todos tensos e inquietos, sob o peso espectral da sombra criada pelo perigo terrível que os ameaçara, e agora tentavam decidir o que fazer de seguida. Mas os seus pensamentos, como ratos de laboratório num labirinto, estavam a mover-se em círculos, à medida que se iam enfiando em becos sem saída, correndo para trás e para a frente, incapazes de encontrar uma saída.

– Os nossos amigos estão prestes a entrar em pânico – comentou Khan, discretamente, olhando para Artyom com um sorriso divertido. – Além disso, já julgam que mataram um homem inocente e o que fizeram não os ajuda a pensarem racionalmente. O que temos pela frente não é um colectivo mas uma matilha. É o estado mental ideal para lhes manipular as mentes. As condições não podiam ser melhores.

Artyom sentiu-se de novo inquieto ao ver a expressão triunfante do rosto de Khan. Tentou sorrir, em resposta – Khan, afinal, estava a tentar ajudá-lo – mas o sorriso saiu-lhe triste e pouco convincente.

– A questão central, neste momento, é ter autoridade. Força. A matilha respeita a força e não a argumentação lógica – acrescentou Khan, com um aceno de cabeça. – Fica aqui e observa. Poderás pôr-te a caminho em menos de um dia. – E, com estas palavras, juntou-se ao grupo com passadas firmes.

– Não podemos ficar aqui! – disse, de seguida, fazendo ressoar a voz com a força de um trovão e silenciando-os a todos.

Os homens ouviram-no com toda a atenção. Khan estava a usar o dom quase hipnótico da persuasão. Com as primeiras palavras que pronunciou fez cair sobre eles um sentimento de perigo profundo e Artyom teve dúvidas de que, depois o ouvirem, algum deles quisesse permanecer na estação.

– Ele infectou o ar! Se respirarmos o ar por muito mais tempo, ficamos acabados. Os bacilos andam aqui por todo o lado e nós vamos acabar por ser apanhados por eles, se por cá continuarmos muito mais tempo. Morreremos como ratos e ficaremos a apodrecer no chão, no meio deste corredor. Ninguém vai querer ajudar-nos... Não temos esperança nenhuma! Só podemos contar com nós próprios. Precisamos de sair desta estação demoníaca, onde fervem os micróbios, o mais depressa que pudermos. Se partirmos já, todos juntos, não será difícil atravessar o túnel. Mas temos de fazê-lo rapidamente!

Os homens expressaram, ruidosamente, a sua concordância. A maioria não conseguiu, tal como Artyom, objectar à formidável força persuasora de Khan. E, ao escutar as palavras de Khan, Artyom voltou, obedientemente, a sua atenção para as circunstâncias e os sentimentos que elas transmitiam: sentimentos como a ameaça, o medo, o pânico e a débil esperança que ia crescendo à medida que Khan continuava a falar, apresentando desta vez sugestões para a fuga.

– Quantos são vocês?

A contagem fez-se de imediato: oito homens, sem incluir Artyom e Khan.

– Isto mostra que nem vale a pena esperar! Já somos dez e conseguiremos passar! – exclamou Khan, sem deixar que os outros recuperassem a capacidade de raciocinar. – Peguem nas vossas coisas, precisamos de partir imediatamente! – E, baixando o tom de voz, voltou-se para Artyom, puxando por ele para se dirigirem para o acampamento. – Rápido, vamos voltar para junto da fogueira, para arrumares as tuas coisas. O mais importante é que não percebam o que se passa. Se nos atrasarmos, eles começarão a questionar a decisão de partir para Chistye Prudy e se ela lhes é vantajosa. Alguns deles iam na direcção oposta e outros moram aqui e não têm para onde ir. Parece que terei de levar-vos a Kitay-Gorod ou, de outro modo, ficarão desorientados e acabarão por esquecer-se do local para onde querem ir e porquê.

Enquanto metia na sua mochila as coisas de Bourbon que mais lhe interessavam, enquanto Khan enrolava o oleado e apagava a fogueira, Artyom viu o que já estava a acontecer no outro lado do corredor. Os homens que se mostraram de início mais determinados, e que começaram a

arrumar as suas coisas, estavam agora a movimentar-se com gestos cada vez menos convictos. Um deles acocorara-se junto à fogueira, outro dirigira-se ao centro do cais à procura de qualquer coisa e dois discutiam entre si. Percebendo o que estava a acontecer, Artyom puxou pela manga de Khan.

– Estão a discutir o assunto – avisou-o Artyom.

– Isso é, ai de nós, uma característica própria do ser humano – disse Khan. – Mesmo que a vontade deles fosse anulada e eles fossem todos hipnotizados, continuariam a dirigir-se uns aos outros e a falar. O homem é um ser social e nada se pode fazer contra isso. Noutra situação, eu aceitaria qualquer actividade humana como um conceito divino, ou como resultado inevitável da evolução, dependendo da pessoa com quem eu estivesse a falar. Mas, nesta situação, não é bom o facto de se porem a pensar. Precisamos de intervir aqui, meu jovem amigo, e de reorientar os pensamentos deles para o caminho mais útil – concluiu, pondo às costas a enorme mochila.

A fogueira já estava apagada e a escuridão, densa e quase tangível, cercava-os, vinda de todos os lados.. Levando a mão ao bolso e tirando a lanterna, Artyom premiu o botão. Ouviu um zumbido no interior do aparelho e a lâmpada acendeu-se, emitindo uma luz irregular e cintilante.

– Vá, vá, prime novamente o botão. Não tenhas medo – encorajou-o Khan. – Ela trabalha melhor do que isso.

Quando se aproximaram do grupo, as correntes de ar estagnado pareciam já ter passado pelas suas cabeças, fazendo que se mostrassem menos de acordo com a proposta de Khan. Ao vê-los chegar, o homem robusto de barba deu um passo em frente.

– Escuta, irmão – disse, despreocupadamente, ao companheiro de Artyom.

Mesmo sem olhar para Khan, Artyom conseguiu sentir a electricidade que se acumulava no ar que rodeava o seu companheiro. A familiaridade com que o outro se manifestara parecia ter extasiado Khan. De todas as pessoas que Artyom conhecia, era Khan quem ele menos queria ver furioso. Também havia o Caçador que, no entanto, parecia ter maior sangue-frio, tornando impossível imaginá-lo a ficar furioso. Provavelmente, mataria pessoas com a mesma expressão que outros homens teriam quando lavavam cogumelos ou faziam chá.

– Estivemos a falar no assunto – disse o homem corpulento – e parece-nos

que estás a tentar criar uma tempestade num copo de água. Para mim, por exemplo, é-me completamente inconveniente ir para Kitay-Gorod. E os outros também estão contra. Certo, Semenych? – Voltou-se, para receber o apoio do grupo. Um dos homens acenou afirmativamente com a cabeça, embora de modo tímido. – Muitos de nós íamos para Prospekt Mira, para a Hansa, até começar esta coisa no túnel. Portanto, estamos aqui à espera e depois avançamos. E nada ficará para trás. Queimámos as coisas deles. E não tentes pôr-nos a pensar no ar que respiramos. Isto não é uma peste pulmonar. E se nós ficarmos infectados... então já o estamos e nada se pode fazer. É mais provável que não haja aqui nenhuma infecção, para começar. Portanto, irmão, podes desaparecer e levar contigo as tuas propostas! – O homem barbudo estava a ser cada vez mais atrevido.

Artyom ficou um pouco surpreendido por esta ofensiva. E, olhando de relance para o seu companheiro, percebeu que o homem barbudo estava a meter-se num sarilho. O olhar de Khan parecia de tal modo iluminado por uma chama faiscante cor-de-laranja, que lhe subia do íntimo a acompanhar uma malícia e um poder tão selvagens, que Artyom sentiu um arrepio de frio, o cabelo a eriçar-se e uma vontade enorme de mostrar os dentes e de rugir.

– Por que motivo é que o mataste se, afinal, não havia infecção? – perguntou Khan, insinuante, com uma voz deliberadamente suave.

– Foi uma medida profiláctica! – respondeu o homem corpulento com um olhar insolente.

– Não, meu amigo, isso não foi medicina. O que tu fizeste foi um crime. Que direito tiveste tu de fazer uma coisa dessas?

– Não me chames "amigo". Não sou o teu cão, percebes? – rosnou o homem barbudo. – E que direito tive?! O direito do mais forte! Não ouviste falar desse direito? E tu também... Nós podíamos tratar de ti e do teu enjeitado! Como medida profiláctica! Estás a perceber? – Com um gesto já familiar a Artyom, o homem abriu o colete e pousou uma mão no coldre.

Desta vez, Khan não conseguiu travar Artyom e o homem barbudo ficou na mira da metralhadora de Artyom antes de conseguir desapertar o coldre. Artyom estava a respirar pesadamente, ouvia o coração a bater com força e o sangue a latejar nas têmporas, não encontrando em si um único

pensamento razoável. Só tinha a noção de que bastaria ao homem barbudo dizer mais qualquer coisa ou manter a mão na coronha da pistola para puxar o gatilho de imediato. Artyom não queria morrer como morrera o outro desgraçado: não deixaria que a matilha o fizesse em pedaços.

O homem barbudo ficou imóvel, sem fazer um único gesto, com um brilho perverso nos olhos escuros. E, depois, aconteceu uma coisa incompreensível: Khan deu um passo um frente, fitando-o directamente nos olhos, dizendo-lhe numa voz tranquila:

– Pára. Vais obedecer-me. Ou morrer.

O olhar ameaçador do homem barbudo desvaneceu-se e as mãos caíram ao lado do corpo, imóveis. Era tão pouco natural que Artyom não teve a menor dúvida de que tinham sido as palavras de Khan, e não a sua metralhadora, a provocar esse efeito.

– Nunca fales no direito do mais forte – disse-lhe Khan, antes de se voltar para Artyom sem se preocupar em retirar a arma ao outro homem –, porque és demasiado fraco para isso.

O homem corpulento deixou-se ficar onde se encontrava, olhando para um lado e para o outro. Os seus companheiros estavam à espera de ouvir o que Khan iria dizer de seguida. O controlo da situação tinha sido restaurado.

– Consideramos este assunto encerrado e penso que chegámos a um consenso. Partimos dentro de quinze minutos – proclamou, voltando-se para Artyom. – Pessoas?! Não, meu amigo, são animais. São chacais, em matilha. Estavam a preparar-se para nos fazer em pedaços. E tê-lo-iam feito. Mas esqueceram-se de uma coisa. Eles são chacais mas eu sou um lobo. E há estações onde me conhecem só por esse nome.

Artyom ficou calado, atónito pelo que vira, compreendendo finalmente quem era a pessoa que Khan lhe fazia lembrar.

– E tu és um filhote de lobo – acrescentou Khan, sem se voltar, deixando a Artyom a impressão inesperada de uma nota de afecto na voz.

28 N.T. – Gengis Aitmatov
Escritor de origem quirguize (1928-2007), considerado um dos maiores nomes da literatura russa do século **i i** . Estão publicados em português os seus romances Djamila (Relógio D'Água, 1990), **Z VmáuÁI Çm oÁ**(id., 1991), **Z TÚs mÇpmJ máquÇm**(Dom Quixote, 1995) e **H U q e Á ªs Á u mu**(Campo das Letras, 1996).

29 N.T. – O rio da cidade dos mortos

O rio Neglinnaia é um afluente do rio Moscovo que corre junto ao Jardim de Alexandre e que por volta de 1970 foi parcialmente desviado para o subsolo para evitar as inundações que habitualmente provocava.

30 N.T. – Kitay-Gorod
Kitay-Gorod (que pode ser traduzido por"**ot u mÓâ ı** ") é uma zona comercial e residencial famosa, com uma vida cultural rica, contígua à Praça Vermelha.

31 N.T. **U mz mÇá**
A pistola semi-automática **U mz mÇá** de 9 mm foi utilizada pelo exército russo entre 1951 e 1991, sendo muito apreciada pela simplicidade da concepção e pela economia de peças que a compunham.

O CANATO DAS TREVAS

O túnel estava completamente deserto e limpo.

O solo estava seco e até lhes batia no rosto uma brisa agradável. Não se ouvia um rato e não se viam as passagens laterais suspeitas e as fendas escuras nas paredes do túnel, apenas algumas portas trancadas. E quase parecia ser possível viver tão bem aqui como em qualquer estação. Para mais, a calma tão evidente, embora pouco natural, levava a que não só não precisassem de estar alerta como também se dissipassem os medos da morte e de desaparecer de repente. Neste túnel, as lendas sobre o desaparecimento de pessoas acabavam por parecer efabulações tontas e Artyom até se interrogou se a cena desvairada do homem que poderia estar infectado pela peste teria realmente acontecido. Talvez não tivesse passado tudo de um pequeno pesadelo que tivera ao dormitar no oleado do filósofo itinerante, junto à fogueira que este acendera.

Artyom seguia com Khan na retaguarda do grupo porque o seu companheiro se mostrara preocupado com a possibilidade de os homens começarem a afastar-se, um por um, e, nessa altura, já ninguém chegaria a Kitay-Gorod. Caminhava calmamente ao lado do jovem como se nada tivesse acontecido e as rugas profundas, que lhe tinham aparecido no rosto durante a escaramuça em Sukharevskaya, já pareciam ter-se suavizado. A tempestade passara e ao lado de Artyom seguia um Khan sábio e de modos contidos e não um lobo adulto capaz de se enfurecer. Mas Artyom acreditava que a passagem de um estado a outro seria quase instantânea.

E entretanto, apercebendo-se de que chegara a oportunidade de levantar a cortina sobre os mistérios do Metro, não se conteve e perguntou ao seu companheiro:

– Sabe o que aconteceu neste túnel?

– Ninguém sabe, nem eu sei – respondeu Khan, com alguma relutância. – É verdade, há algumas coisas que nem eu sei. E a única informação que te

consigo dar é que é um abismo. Eu chamo a este local um "buraco negro". Possivelmente nunca viste uma estrela. Ou disseste que já viste uma? E sabes alguma coisa sobre o cosmos? Bem, uma estrela moribunda pode parecer um buraco se, ao apagar-se, for afectada pela sua própria energia, que é incrivelmente poderosa, e começar a consumir-se a si própria, arrastando matéria do exterior para o interior, para o seu centro, que vai ficando cada vez mais pequeno mas, também, mais denso e mais pesado. Este processo é irreversível e é como uma avalanche: com o aumento crescente da gravidade, uma quantidade cada vez maior de matéria é sugada, cada vez mais depressa, para o coração do monstro. A certa altura, essa força atinge uma tal magnitude que absorve os seus vizinhos e toda a restante matéria que está dentro dos limites da sua influência e, por fim, até as ondas de luz. Essa força gigantesca consegue devorar os raios dos outros sóis e o espaço que a rodeia morre e fica negro... porque nada que caia sob o seu poder tem força para lhe fugir. É uma estrela feita de trevas, um sol negro e, à sua volta, só há frio e escuridão – Khan calou-se, pondo-se à escuta das conversas dos homens que caminhavam à frente deles.

– E que tem isso a ver com o túnel? – perguntou Artyom, não se contendo, depois de um silêncio que se prolongou por cerca de cinco minutos.

– Eu tenho o dom da previsão. Às vezes, consigo ver o futuro ou o passado ou, até, levar a minha mente a outros locais. Umas vezes, não consigo perceber muito bem, é uma coisa que fica oculta, como, por exemplo, o fim que a tua jornada terá. Aliás, o teu futuro é um verdadeiro mistério para mim. É como estar a tentar ver através de água suja, sem se conseguir distinguir o que se encontra no fundo. Mas quando tento ver o que aconteceu aqui ou compreender a natureza deste local... só vejo escuridão à minha frente e os raios do meu pensamento já não regressam, se por acaso penetram na escuridão absoluta deste túnel. É por isso que eu o considero um buraco negro. É a única coisa que consigo dizer-te sobre o assunto – Khan fez uma pausa breve. – E é por isso que estou aqui – acrescentou.

– Não sabe, portanto, por que motivo é que este túnel às vezes é seguro e outras vezes engole pessoas? E por que motivo é que só afecta as pessoas que se deslocam sozinhas?

– Não sei mais do que tu sobre isso, apesar de andar há três anos a tentar

resolver este mistério. Em vão, até agora.

Os passos deles provocavam ecos distantes. O ar era transparente e tornava-se surpreendentemente fácil respirar, ao mesmo tempo que a escuridão perdia o seu carácter assustador. As palavras de Khan não puseram Artyom de sobreaviso nem tão pouco o assustaram – Khan tinha uma aparência sombria não por causa dos segredos e dos perigos do túnel mas por causa da futilidade das suas investigações. As suas preocupações eram egoístas e, até, ridículas, na opinião de Artyom. A passagem era esta e não havia ameaças, era tudo simples e tão vazio... Até começou a tocar, mentalmente, uma melodia animada, que, sem ele reparar, se fez ouvir no exterior da sua mente porque Khan olhou de repente para ele, com ar de troça, e perguntou:

– Portanto, não é isto divertido? É agradável, aqui, não é? Tão sossegado, tão limpo... certo?

– Humm-Humm! – corroborou Artyom, alegremente.

E sentiu-se tão leve e tão livre, no seu íntimo, por Khan compreender a sua boa disposição e ser também afectado por ela... Também a andar e a sorrir, sem o peso dos pensamentos mais sombrios, acreditando também que o túnel era...

– Agora, tapa os olhos e eu vou levar-te pela mão para que não tropeces... Vês alguma coisa? – perguntou Khan, interessado, fazendo uma ligeira pressão no pulso de Artyom.

– Não, não vejo nada, só a luz vaga das lanternas através das pálpebras – respondeu Artyom, um pouco decepcionado, fechando os olhos com força... e, de repente, deu um pequeno grito.

– Aí está, conseguiste! – disse Khan, satisfeito. – É bonito, não é?

– Espantoso... É como... Não há tecto e é tudo tão azul... Meu Deus, como é bonito! E que fácil é respirar!

– Isso, meu amigo, é o céu. É uma curiosidade, não é? Se te descontraíres e se fechares os olhos, com a disposição adequada... Há muitas pessoas que conseguem vê-lo. É estranho, claro. Mesmo as pessoas que nunca estiveram na superfície o conseguem ver. E a sensação... é como se fôssemos parar à superfície... antes de tudo ter acontecido.

– Também o vê? – perguntou Artyom, sentindo-se feliz, não querendo

abrir ainda os olhos.

– Não – respondeu Khan, de semblante carregado. – Quase toda a gente consegue ver mas eu não. Só vejo uma escuridão densa e brilhante que rodeia o túnel, sabes como é? Escuridão por cima, escuridão por baixo, em todos os lados e há um pequeno fio de luz que se prolonga pelo interior do túnel e se nós o seguirmos entramos no labirinto. Posso estar cego. Ou, então, estarem todas as outras pessoas cegas. Muito bem, abre os olhos, não sou um cão-guia e não tenciono conduzir-te pela mão até Kitay-Gorod. – E, com estas palavras, largou o pulso de Artyom.

O jovem tentou continuar a andar com os olhos bem fechados mas tropeçou numa travessa dos carris e quase tombou, com toda a sua bagagem. Depois disso, abriu relutantemente as pálpebras e permaneceu silencioso durante algum tempo, com um sorriso estúpido.

– O que foi isto? – perguntou, finalmente.

– Fantasias. Sonhos. Disposição. Tudo junto – respondeu Khan. – Mas é muito volátil. Não tem a ver só com a disposição. Somos muitos aqui e, até agora, nada aconteceu. Mas a disposição pode mudar de um momento para o outro, completamente, e tu hás-de senti-lo, se isso acontecer. Olha, já estamos a chegar a Turgenevskaya! Chegámos cá rapidamente. Mas não podemos parar aqui, nem sequer para uma pausa. Eles vão, possivelmente, pedir para fazermos uma pausa mas nem toda a gente consegue sentir o túnel. A maioria nem sequer se apercebe daquilo que tu consegues pressentir. Precisamos de continuar, mesmo que isso seja agora mais difícil, custe o que custar.

Entraram na estação. O mármore de cor clara que cobria as paredes não era muito diferente do que cobria as paredes em Prospekt Mira e em Sukharevskaya mas, aí, as paredes e os tectos estavam tão sujos de fumo e tão gordurosos que a pedra mal se via. Aqui, estava limpa e era difícil não a admirar. As pessoas tinham abandonado a estação há tanto tempo que já não restavam vestígios da sua presença. Mas a estação encontrava-se em tão boas, e tão surpreendentes, condições que não parecia ter sofrido uma inundação ou um incêndio e, se não fosse a sua escuridão tão negra e a camada de poeira no chão, nos bancos e nas paredes, poderia pensar-se que, dentro de um minuto, chegaria uma correnteza de passageiros ou, emitindo

antes o seu sinal melodioso, entraria um comboio na linha. Em tantos anos, a estação quase não mudara. O padrasto já lhe tinha descrito situações destas com espanto e com um temor quase reverencial.

Em Turgenevskaya não havia colunas. As arcadas baixas tinham sido esculpidas em mármore espesso com intervalos bastante largos entre si. As lanternas dos membros da caravana não dispunham de luz suficiente para penetrar nas sombras acumuladas no átrio e para iluminar a parede oposta e, por isso, parecia que nada existia para lá das arcadas e que o universo terminava aí.

Atravessaram com rapidez a estação e, contrariamente aos medos de Khan, ninguém expressou o desejo de fazer uma pausa. Os homens pareceram ficar perturbados e começaram a falar, com maior frequência, na necessidade de avançarem o mais depressa possível até encontrarem uma estação habitada.

– Estás a sentir? A disposição está a mudar – comentou Khan, em voz baixa, erguendo um dedo como se quisesse perceber a direcção do vento. – E, na realidade, temos de andar mais depressa, porque eles vão sentir na pele o mesmo que eu também sentirei, devido ao meu misticismo. Mas há qualquer coisa que me impede de prosseguir por este caminho. Vamos esperar aqui um pouco...

Khan tirou cuidadosamente do bolso o mapa a que chamava o Guia e, tendo dito a todos que parassem, apagou a lanterna e deu alguns passos, mais longos mas quase silenciosos, desaparecendo na escuridão.

Quando Khan se afastou, um dos homens destacou-se do grupo, com esforço visível, e aproximou-se de Artyom. E falou com tanta timidez que, de início, Artyom nem reconheceu o homem corpulento e barbudo que o ameaçara em Sukharevskaya.

– Ouve... Não é bom pararmos aqui. Diz-lhe que temos medo. Somos muitos mas tudo pode acontecer... Maldito seja este túnel e maldita seja esta estação. Diz-lhe que temos de partir. Estás a ouvir? Diz-lhe, por favor. – E, com isto, o homem desviou o olhar e apressou-se a juntar-se aos outros.

O "por favor" que lhe ouviu fez estremecer Artyom. E sentiu-se desagradavelmente surpreendido. Dando alguns passos em frente, para poder estar mais perto do grupo e ouvir o que diziam, percebeu de imediato

que já nada restava da boa disposição que antes sentira.

A sua cabeça, onde antes uma pequena orquestra estivera a tocar uma marcha heróica, estava agora vazia e silenciosa e só lhe chegavam ecos desanimadores que o vento trazia dos túneis que se abriam à frente deles. E Artyom deixou-se ficar em silêncio.

O seu ser parecia paralisado e tenso, na expectativa de qualquer coisa, pressentindo a inevitável mudança de planos. Que estava prestes a ocorrer. Uma fracção de segundo depois, pareceu mover-se por cima deles uma sombra invisível e o ambiente ficou muito frio e muito desconfortável, varrendo todas as sensações de paz e de confiança que os haviam invadido ao caminharem pelo túnel. Artyom lembrava-se, agora, das palavras de Khan sobre o facto de a sua disposição e a sua alegria estarem deslocadas e de a mudança das circunstâncias não depender dele. Enervado, rodou sobre si próprio, iluminando com a lanterna o espaço em redor: abatera-se sobre ele uma sensação oprimente de premonição. A superfície de mármore branco, coberta de poeira, cintilou debilmente diante dele e a espessa cortina negra por baixo das arcadas não cedeu aos clarões assustados da sua lanterna. Isto reforçou a ilusão de que o mundo terminava depois das arcadas. Incapaz de se controlar, Artyom quase correu para os braços dos outros.

– Vem ter connosco, irmão, vem – disse uma pessoa cujo rosto nunca vira. Aparentemente, os outros membros do grupo também estavam a tentar poupar as pilhas das suas lanternas. – Não tenhas medo. És uma pessoa e nós também somos pessoas. Quando as coisas começam a ficar assim, as pessoas têm de estar unidas. Não achas?

Artyom reconheceu, de bom grado, que na realidade havia qualquer coisa no ar. Não sendo hábito, ficou mais falador por se sentir assustado e começou a discutir as suas preocupações com os membros da caravana, sem deixar de pensar no paradeiro de Khan. O seu companheiro já desaparecera há mais de dez minutos e não havia sinais dele. Ele sabia, claro, que não se devia entrar sozinho no túnel, mas sempre acompanhado. Como é que podia ter partido assim sozinho, ousando desafiar as leis não escritas deste local? Khan não havia de tê-lo simplesmente esquecido ou decidido confiar apenas no seu olfacto de lobo. Artyom não acreditava em nenhuma destas

hipóteses. Afinal, Khan tinha passado três anos da sua vida a estudar este túnel. E não era necessário tanto tempo para aprender a regra mais básica: nunca entrar sozinho.

Mas Artyom não teve tempo de pensar no que poderia ter acontecido ao seu protector lá mais para a frente porque o próprio Khan apareceu, sem ruído, a seu lado, fazendo os membros do grupo sentirem-se mais animados.

– Eles não querem ficar aqui parados mais tempo. Estão assustados. Vamos continuar, e depressa – propôs Artyom. – Eu também sinto que há qualquer coisa errada...

– Eles ainda não estão assustados – garantiu-lhe Khan, olhando para trás de Artyom, e o jovem deu-se conta, de repente, de que a voz rouca e áspera do seu companheiro tremia. – E tu também não estás ainda a ter medo, pelo que não vale a pena estar a gastar palavras. Eu estou assustado. E lembra-te de que eu não digo as coisas com ligeireza. Eu estou assustado porque entrei nas sombras da própria estação. E o Guia não me deixou dar outro passo ou, se fosse esse o caso, eu teria desaparecido. Não podemos avançar mais. Há qualquer coisa lá para a frente... Mas está escuro, lá ao fundo, e a minha visão não consegue penetrar e eu fiquei sem saber, rigorosamente, o que lá nos espera. Olha! – Khan ergueu o mapa diante dos olhos dos outros homens num movimento rápido. – Vêem? Apontem as vossas lanternas! Vejam a passagem que vai daqui até Kitay-Gorod. Não me digam que não notam nada!

Artyom examinou a minúscula secção do mapa com tanta insistência que os olhos até doeram. E não conseguiu ver nada de estranho, sem ter, no entanto, a coragem de o dizer a Khan.

– És uma galinha cega! Não estás mesmo a ver nada? Está tudo a preto! É a morte! – murmurou Khan, recolhendo o mapa.

Artyom observou-o cuidadosamente. Khan parecia-lhe agora um louco, mais uma vez. Começou a lembrar-se das coisas que Zhenya lhe dissera sobre ir sozinho para o túnel, sobre o facto de que quem sobrevive ao túnel fica louco, devido ao medo. Teria sido o caso de Khan?

– E também não podemos voltar para trás! – murmurou Khan. – Conseguimos passar enquanto o ambiente era benevolente. Mas, agora, é a escuridão que está a expandir-se e já se prepara uma tempestade. A única

coisa que agora podemos fazer é avançar, não por este túnel mas pelo que lhe é paralelo. Talvez agora esteja livre. Eh! – gritou aos outros. – Têm razão! Temos de nos pôr a andar. Mas não por esse caminho. O que aí nos espera é a destruição e a morte.

– Então como é que vamos continuar? – perguntou um dos homens, intrigado.

– Atravessamos a estação e seguimos para o túnel que é paralelo: é o que temos de fazer. E o mais depressa que for possível!

– Oh, não ! – exclamou outro membro do grupo, de repente. – Toda a gente sabe que não se entra no túnel oposto se aquele para onde estamos voltados se encontra livre. É um mau sinal, é morte certa! Não vamos para o túnel da esquerda.

Várias vozes declararam-se de acordo. Os homens mexeram os pés, sem saírem de onde se encontravam.

– De que está ele a falar? – perguntou Artyom a Khan.

– De uma lenda nativa, aparentemente – disse Khan, franzindo o sobrolho. – Do Diabo! E não há tempo nenhum para os convencer e eu também tenho não força para os obrigar... Ouçam-me! – exclamou, dirigindo-se aos homens. – Eu vou seguir o túnel paralelo. Quem confiar em mim, pode acompanhar-me. Quanto aos outros, digo-voz adeus. Para sempre. Vamos! – Com um aceno de cabeça para Artyom, Khan pegou na mochila, demasiado pesada para ele, e subiu para a plataforma, ficando parado à sua beira.

Artyom ficou paralisado pela indecisão. Por um lado, Khan sabia coisas sobre estes túneis e sobre o Metro em geral que estavam para lá da compreensão humana, e podia-se confiar no seu conhecimento. Por outro, havia a lei imutável segundo a qual estes túneis amaldiçoados só podiam ser atravessados na companhia de um certo número de pessoas porque esse era o único factor de esperança...

– Que se passa aí? Pesa muito? Dá-me a tua mão! – Khan estendeu-lhe a palma da mão e ajoelhou-se.

Artyom nem queria olhar para ele. Receava ver-lhe nos olhos a centelha de loucura que, assustado, já lhe vira brilhar nos olhos noutras ocasiões. Khan compreenderia que estava a rejeitar os gritos de aviso não apenas das

pessoas mas, também, do próprio túnel? Chegava-lhe sentir apenas a natureza do túnel? O local que ele indicara no mapa, no Guia, não era preto. Artyom sentia-se capaz de jurar que era de um cor-de-laranja desmaiado, como todas as outras linhas. Portanto, a questão era esta: qual deles é que estava cego?

– Então? Estás à espera de quê? Não percebes que um atraso pode dar cabo de nós? A tua mão! Por amor ao Diabo, dá-me a tua mão! – Khan já estava a gritar mas Artyom, com pequenos passos, começou a afastar-se dele, ainda a olhar para o chão, aproximando-se dos homens que já resmungavam.

– Vem, irmão, vem connosco, não precisas de estar no paleio com esse idiota. Estarás mais seguro aqui! – ouviu gritarem-lhe do grupo.

– Louco! Morrerás com eles todos! Se não te importas com a tua vida, pensa ao menos na tua missão!

Artyom chamou a si a coragem para finalmente levantar a cabeça e fitar as pupilas dilatadas de Khan. Mas não lhe viu as chamas da loucura. Só desespero e fadiga.

Nesse instante, começou a duvidar de si e fez uma pausa... e uma mão caiu-lhe no ombro, puxando-o suavemente para trás.

– Vamos! Deixa-o morrer sozinho. Ele só quer arrastar-te para morreres com ele! – disse alguém a Artyom. O significado destas palavras demorou algum tempo a chegar-lhe à mente e, compreendendo-as lentamente, cedeu e acabou por deixar o homem levá-lo com os outros.

O grupo pôs-se em marcha, avançando para a escuridão do túnel do Sul. Os homens estavam a mover-se surpreendentemente devagar, como se os afectasse a resistência que pudesse ser-lhes oposta por uma qualquer matéria mais espessa. Ou como se estivessem a caminhar dentro de água.

E então Khan, com uma ligeireza inesperada, saltou da plataforma para a linha e, em dois saltos, aproximou-se dele. Depois, com um golpe tremendo, derrubou o homem que estava a conduzir Artyom e, agarrando o jovem, puxou-o para trás. A Artyom pareceu que tudo se desenrolava em câmara lenta. Olhando por cima do ombro, observou o voo de Khan, que pareceu demorar vários segundos, com uma surpresa emudecida. E, com a mesma perspectiva embotada, viu cair imóvel no chão o homem do bigode e do

casaco de oleado que o conduzia pelo ombro sem o forçar.

Mas, a partir do momento em que Khan interceptou o grupo, o tempo voltou a desenrolar-se normalmente e as reacções dos outros, ao ouvirem o som do impacto, pareceram-lhe ter a velocidade da luz. Avançaram para Khan, apontando-lhe as suas armas, e Khan deslizou suavemente para o lado, puxando Artyom para si com uma mão, segurando diante de si e usando-o como um escudo para se defender. A outra mão estava estendida e, nela, Artyom viu a sua reluzente metralhadora nova.

– Vocês podem ir – declarou Khan, numa voz rouca. – Não vejo que tenha necessidade de vos matar, até porque, de qualquer modo, vão morrer dentro de uma hora. Deixem-nos. Vão-se embora – disse, já a dar passos lentos a caminho do centro da estação, enquanto as figuras imóveis dos indecisos se pareciam cada vez mais com silhuetas difusas que se fundiam com a escuridão.

Ouviu-se uma confusão de vozes e de pés – talvez estivessem a ajudar o homem do bigode, que fora derrubado por Khan – e, depois, o grupo começou a caminhar para a entrada do túnel do Sul. Haviam decidido não se juntar a Khan. E só nessa altura é que Khan baixou a arma e, secamente, ordenou a Artyom que subisse para a plataforma.

– Fazes mais uma destas e eu ficarei farto de ter de salvar-te, meu jovem amigo – declarou, com uma irritação que não tentou disfarçar.

Artyom subiu, obedientemente, para a plataforma e Khan seguiu-o. Pegando nas suas coisas, encaminhou-se para a entrada escura com Artyom atrás.

O átrio da estação de Turgenevskaya era muito pequeno. À esquerda havia um beco, cujo fim não se via, e uma parede de mármore e, no outro lado, uma chapa de ferro ondulado, que tapava um buraco na parede, e mais não se conseguia ver à luz da lanterna. Toda a estação, que só tinha três arcadas, estava revestida a mármore, já ligeiramente amarelado pela idade. As arcadas davam para as escadas que ligavam a estação a Chistye Prudy, cujo nome havia sido mudado para Kirovskaya pelos vermelhos e que estava agora emparedada por blocos grosseiros de cimento cinzento. A estação encontrava-se completamente vazia e não se avistava um único objecto no chão ou vestígio de actividades humanas, nem um rato ou uma barata.

Enquanto olhava em redor, Artyom recordou-se da conversa com Bourbon e do que ele dissera, sobre os ratos não terem medo de nada e de haver qualquer coisa estranha num dado local se aí não houvesse ratos.

Agarrando-o por um ombro, Khan atravessou o átrio com passos rápidos e Artyom sentiu, através do blusão, que Khan estava a tremer, como se estivesse com frio. Quando pousaram as mochilas à beira da plataforma, prontos para saltarem para a linha, foram de repente iluminados pelas costas por uma luz fraca e Artyom surpreendeu-se, mais uma vez, pela velocidade com que o seu companheiro reagia ao perigo. Em segundos, Khan estava estendido no chão, a olhar para a origem da luz.

A luz não era muito forte mas atingia-os directamente nos olhos e tornava-se difícil perceber quem poderia estar a segui-los. Com atraso, Artyom atirou-se também para o chão. Rastejou até às mochilas e pegou na sua velha metralhadora, que transportara até ali. Era grande e pouco prática mas era eficaz a abrir buracos de calibre 7.62, que criariam grandes dificuldades à pessoa que os tivesse.

– Que pretendes? – rosnou Khan e Artyom pensou que se a pessoa quisesse matá-los já o podia ter feito.

Do ponto onde se encontrava, Artyom conseguia perceber o que veria a pessoa que apontasse a lanterna para eles: dois homens deitados no chão, iluminados pelo foco de luz, na mira de uma arma. Se alguém os quisesse matar, já estariam caídos numa poça de sangue.

– Não disparem! – pediu uma voz. – Não é necessário...

– Apaga a lanterna! – disse Khan, aproximando-se da coluna, para recuperar a sua própria lanterna.

Artyom conseguiu, finalmente, empunhar a metralhadora e, segurando-a com firmeza, rolou sobre si próprio para sair da linha de fogo e escondeu-se numa das arcadas. Daí já conseguiria passar para o outro lado e atacar o homem que falara, se ele decidisse disparar.

Mas o desconhecido obedeceu à ordem de Khan assim que a ouviu.

– Óptimo! Agora, pousa a arma! – disse Khan, numa voz mais calma.

Ouviu-se o som do metal no chão de granito e Artyom, mantendo a arma empunhada, esgueirou-se para o lado e reapareceu no átrio. Calculara bem: quinze passos à sua frente, iluminado pelo reflexo que a lanterna fazia nas

arcadas e de mãos no ar, estava o mesmo homem que provocara a escaramuça em Sukharevskaya.

– Não disparem – pediu o homem, com uma voz trémula. – Não tencionava atacar-vos. Decidi acompanhar-vos. Como disseste que qualquer pessoa podia vir com vocês... Eu confio em ti – disse, dirigindo-se a Khan. – Também penso que há qualquer coisa estranha naquele lado, no túnel do lado direito. Eles já se foram todos embora mas eu fiquei para trás. Quero ir convosco.

– És um homem de bom senso – disse Khan, examinando-o com atenção. – Mas, meu amigo, não me inspiras confiança. E quem sabe por que será? – acrescentou, com uma expressão de troça. – Bem, basicamente vamos examinar a tua proposta. E na condição de me entregares todo o teu arsenal. Caminharás à nossa frente no túnel. Se quiseres fazer alguma parvoíce, não acabarás bem.

Com o pé, o homem barbudo empurrou a pistola na direcção de Khan e juntou-lhe várias balas. Artyom apanhou a arma e as munições e, sem baixar a metralhadora, aproximou-se dele.

– Já o tenho sob a minha mira! – exclamou depois o jovem.

– Levanta bem as mãos! – ordenou Khan, numa voz de trovão. – E salta para a linha, rapidamente. E fica aí com as costas voltadas para nós!

Cerca de dois minutos depois de terem entrado no túnel, deslocando-se num triângulo apertado – o homem barbudo, que se chamava Campeão, seguia cinco passos à frente de Khan e de Artyom –, ouviram um uivo abafado. Que se interrompeu quase no momento em que se fez ouvir...

O Campeão olhou para eles, assustado, esquecendo-se até de voltar a lanterna para eles. A luz tremia-lhe nas mãos e o rosto, iluminado por baixo, era uma careta de terror, o que assustou ainda mais Artyom do que o uivo que ouvira.

– Sim – disse Khan, com um aceno de cabeça, respondendo à pergunta. – Eles cometeram um erro. Mas o tempo ainda terá de dizer-nos se nós fizemos o mesmo.

Caminharam mais depressa. Olhando de vez em quando para o seu protector, Artyom notou-lhe sinais crescentes de fadiga. As mãos tremiam-lhe ligeiramente, os passos que dava eram por vezes incertos e tinha o rosto

coberto de suor. Mas não estavam a andar há muito tempo... O caminho cansava-o, obviamente, mais do que a Artyom. Tentando perceber o que estaria a roubar as forças ao seu companheiro, o jovem não conseguiu deixar de voltar a pensar que Khan parecia ter tido razão quando o quis salvar. Se Artyom tivesse seguido a caravana pelo túnel do lado direito, já estaria sem dúvida morto e, depois, desaparecido sem deixar rasto.

No entanto, eles ainda eram seis. Pelo menos. A regra de ouro não se lhes aplicava? E Khan soubera, soubera de facto o que ia acontecer! Quer fosse uma premonição ou a magia do Guia... Era estranho que um pedaço de papel com tinta pudesse fazer uma coisa dessas. Esse fragmento condenado à destruição poderia realmente ajudá-los? Bem, a passagem entre Turgenevskaya e Kitay-Gorod era cor-de-laranja e não podia haver qualquer dúvida sobre isso. Ou estaria mesmo a preto?...

– Que é isto?! – perguntou o Campeão, parando de repente e voltando-se para Khan com olhos inquietos. – Estão a senti-lo? Vem de trás de nós...

Artyom olhou-o, espantado, e teve vontade de fazer um comentário sarcástico relativo a nervos em franja porque não conseguia sentir nem ouvir nada. E até sentia que se atenuava o aperto das garras da sensação de depressão e de perigo, que se haviam abatido sobre eles ao saírem de Turgenevskaya. Mas Khan, para sua surpresa, ficou imóvel, fazendo-lhe um gesto para ficar calado e voltando-se para trás.

– Que sentido tão apurado! – exclamou, meio minuto depois. – Estamos entusiasmados, a Rainha está entusiasmada – acrescentou, sem que se percebesse porquê[32]. – Vamos de ter conversar mais em pormenor sobre isto, se conseguirmos sair daqui. Não ouves nada? – perguntou a Artyom.

– Não, parece tudo sossegado – respondeu o jovem, depois de tentar escutar melhor. A sentir qualquer coisa como... ciúmes? Ou ofendido? Ou mesmo vexado por o seu protector ter dito tais coisas sobre o ser desprezível com barba que ia com eles e que, ainda há menos de duas horas, ameaçara matá-los?

– É estranho. Acho que tens os rudimentos da capacidade de ouvir os túneis... Mas talvez essa capacidade não se tenha desenvolvido completamente. Mais tarde, mais tarde... Há-de acontecer mais tarde – Khan abanou a cabeça. – E tu tens razão – disse ao Campeão, confirmando

as suspeitas que este expressara. Há qualquer coisa que vem nesta direcção. Temos de continuar e rapidamente. Pôs-se de novo à escuta, cheirando o ar num movimento muito parecido com o de um lobo. – Vem por detrás de nós, como se fosse uma onda. Temos de correr! Se cair sobre nós, acaba-se o jogo! – E, com estas palavras, largou a correr.

Artyom teve de se apressar a imitá-lo, para não ficar para trás. E o homem barbudo acompanhou-os, mexendo as pernas curtas o mais depressa que podia, a respirar pesadamente.

Correram assim durante dez minutos e, durante todo esse tempo, Artyom não conseguiu compreender por que motivo se apressavam tanto, já a ficarem sem fôlego e a tropeçarem nas travessas, se o túnel atrás deles estava vazio e sossegado, sem qualquer indicação de que estivessem a ser perseguidos. E só dez minutos mais tarde é que sentiram a coisa. Havia, de facto, qualquer coisa que os perseguia velozmente, de muito perto, muito escura, seguindo-lhes todos os passos. Não era uma onda e parecia-se mais com um furacão, com um furacão negro que atravessava o vazio... E se essa coisa se abatesse sobre eles teriam o mesmo destino dos outros seis e de todos os viajantes temerários e tontos que haviam entrado no túnel sozinhos, ou no momento menos oportuno, quando o percorriam os furacões demoníacos que varriam todos os seres vivos que encontravam pela frente. Esta ideia e uma compreensão vaga do que estaria a acontecer atravessaram o pensamento de Artyom, que olhou, ansioso, para Khan. Khan devolveu-lhe o olhar e tudo se tornou mais claro.

– O quê, já percebeste? – perguntou Khan, respirando fundo. – Isto é mau! E já está demasiado perto!

– Temos de correr mais depressa! – replicou Artyom, ofegante. – Antes que seja tarde demais!

Khan acelerou e, agora, já estava a correr com passadas mais largas, sem responder ao que Artyom lhe dissera. E mesmo os sinais de fadiga que Artyom lhe vira pareciam ter desaparecido, dando lugar aos traços animais, que voltavam agora a manifestar-se. Artyom teve de correr ainda mais depressa mas, quando parecia que já estavam suficientemente distantes da coisa que os perseguia sem se deter, o Campeão tropeçou numa travessa da linha e caiu de borco. As mão e o rosto ficaram cobertos de sangue.

Khan e Artyom ainda correram mais uma dezenas de passos, movidos apenas pela inércia, quando perceberam que o Campeão tinha caído e sem que Artyom tivesse o mais pequeno desejo de parar e de ir ajudá-lo. Queria deixá-lo à mercê daquilo que os perseguia, farto do adulador de perna curta que parecia ter uma intuição tão grande. O que lhe interessava era distanciar-se o mais possível da coisa que os seguia.

O pensamento incomodou-o mas Artyom sentiu uma tal vontade de fugir e de deixar para trás o homem tombado que a sua consciência até se calou. E, por isso, sentiu-se decepcionado quando viu Khan voltar atrás, pegando com um movimento poderoso no homem barbudo e pondo-o em pé. Artyom ainda tinha a secreta esperança de que Khan, com a sua atitude mais do que desdenhosa para com as vidas e as mortes dos outros, não hesitasse em ir-se embora, esquecendo-se do homem e deixando-o no túnel como o fardo que era.

Ordenando a Artyom que pegasse num braço do Campeão, que estava visivelmente ferido, Khan pegou-lhe no outro e puxou por ele. Correr tornava-se agora bastante mais difícil. O Campeão gemia e rangia os dentes a cada passo que dava, devido à dor, mas Artyom não sentia nada por ele, a não ser uma irritação crescente. A metralhadora, pesada e incómoda, batia-lhe na perna e magoava-o e Artyom não dispunha de uma mão livre para segurar nela. Oprimia-o a sensação de estar a perder terreno perante o vácuo negro que os perseguia, movido pela fúria e pela obstinação.

Mas a morte aproximava-se. Se parassem e ficassem à espera, mesmo por meio minuto, o sinistro turbilhão acabaria por envolvê-los, flagelá-los e desfazê-los em partículas minúsculas. Em menos de um segundo deixariam de pertencer a este universo e brotariam deles gritos de morte, a uma velocidade invulgar... Estes pensamentos não paralisaram Artyom mas, misturados com o rancor e a irritação que sentia, deram-lhe forças para se distanciar ainda mais do seu perseguidor a cada passo que dava.

E, de repente, a coisa desapareceu, esfumando-se por completo.

A sensação de perigo extinguiu-se tão repentinamente que Artyom sentiu a mente vazia, como o buraco deixado por um dente arrancado, que pudesse começar a explorar com a ponta da língua. Atrás dele já nada existia. A não ser o túnel – limpo, seco, vazio e totalmente seguro. A corrida que tinham

feito, fugindo ao medo e às fantasias paranóicas, e a crença desnecessária numa espécie de sensação e de intuição fora do normal pareceram-lhe agora tão engraçadas, tão tontas e absurdas, que largou a rir-se às gargalhadas. O Campeão, parado junto dele, observou-o, surpreendido, e também começou depois a rir-se. Khan fitou-os, aborrecido, e depois atirou-lhes:

– Bem, que há de tão engraçado? É agradável estar aqui? É tão sossegado e tão limpo, não é? – E, voltando-lhes as costas, continuou a andar, sozinho. E, nessa altura, Artyom reparou que se encontravam a cerca de cinquenta passos da estação e que a luz já era claramente visível no fundo do túnel.

Khan esperou por eles à entrada, em pé na escada de ferro. E até teve tempo de fumar um cigarro caseiro, enquanto eles, ainda às gargalhadas e completamente descontraídos, percorriam os cinquenta passos que lhes restavam.

Artyom sentiu-se invadido por um sentimento de simpatia e de compaixão pelo homem que, amparado a ele, mancava e gemia sem deixar de se rir. Os pensamentos que o tinham assaltado quando vira o Campeão cair envergonhavam-no agora. A disposição melhorara muito e, por isso, a visão de Khan, cansado, pálido, a observá-los com uma expressão estranha de desconfiança, foi-lhe desagradável.

– Obrigado! – exclamou o Campeão, batendo com as botas nos degraus de ferro enquanto subia para a plataforma, a olhar para Khan. – Se não fosses tu... Tu... Bem, teria acabado tudo. Mas tu... não me deixaste lá. Obrigado! Eu não esqueço uma coisa dessas.

– Não te preocupes – retorquiu Khan, sem entusiasmo.

– Porque é que voltaste atrás para me ires buscar?

– Tu interessas-me, porque és uma pessoa com quem se pode conversar. – Khan atirou a ponta de cigarro para o chão, encolhendo os ombros. – É só isso.

Depois de ter subido mais alguns degraus, Artyom percebeu por que motivo subira Khan a escada até à plataforma em vez de continuar pela linha. Na entrada para o túnel, em Kitay-Gorod, a linha estava obstruída por sacos de areia que atingiam a altura de um homem. Por detrás dos sacos de areia estava um grupo de homens sentados em bancos de madeira com ar muito sério. Com o cabelo cortado à escovinha, ombros largos, blusões de

couro muito usados e calças desportivas puídas, pareciam um grupo divertido mas as expressões não sugeriam qualquer tipo de divertimento. Além dos três homens sentados nos bancos, havia um quarto banco ocupado por um baralho de cartas que eles tinham espalhado ao calhas. A conversa que mantinham incluía tantos palavrões e expressões ofensivas que Artyom não conseguiu identificar uma palavra ou uma expressão normais.

Para atravessarem a estação, podiam seguir por outro caminho estreito e subir uma pequena escada que terminava num portão. Mas aí encontrava-se o quarto guarda, ainda mais imponente: cabeça rapada, olhos de um cinzento pálido, nariz ligeiramente torcido, orelhas em forma de caule e uma pesada **e ÁzmGá**[33] entalada no cinto. Rodeava-o uma nuvem de cheiro a vodka que tornava difícil pensar.

– Então, que temos nós aqui? – inquiriu o guarda, numa voz rouca, examinando de alto a baixo Khan e Artyom, que estavam atrás dele. – São turistas ou quê? Ou mercadores?

– Não, não somos mercadores, somos viajantes e não transportamos mercadoria – explicou Khan.

– Viajantes... meliantes! – exclamou o guarda, com sonoras gargalhadas. – Ouviste, Kolya? Viajantes... meliantes! – repetiu, voltando-se para os jogadores de cartas.

Os outros homens reagiram com demonstrações de entusiasmo. Khan manteve um sorriso paciente.

Um dos homens, grande como um touro, apoiou uma mão na parede, bloqueando-lhes a passagem.

– Nós temos uma espécie de... serviço alfandegário, percebem o que quero dizer? – disse. – A moeda corrente é dinheiro. Se querem passar... pagam. Se não querem, podem ir-se embora!

– E por autoridade de quem? – perguntou Artyom, indignado.

Foi um erro.

O brutamontes não deve ter percebido o significado do que Artyom disse mas compreendeu bem a entoação e não gostou. Arredando Khan, avançou pesadamente até ficar encostado ao rosto de Artyom. E, baixando a cabeça, fitou-o com uma expressão muito severa. Os olhos eram tão vazios que até pareciam transparentes e não revelavam a existência de uma mente capaz de

raciocinar. O que emitiam era estupidez e rancor e, apesar de lhe ser difícil suportar esse olhar e de pestanejar devido à tensão, Artyom percebeu como os olhos do seu opositor se enchiam de medo e de ódio enquanto eles ali estavam sentados, à entrada do túnel, vendo as pessoas a passar.

– Que merda é esta? – disse o guarda, ameaçador.

Era mais alto do que Artyom por uma cabeça e três vezes mais largo do que ele. Artyom lembrou-se da lenda de David e Golias, que lhe haviam contado. Apesar de não ter a certeza de quem ali seria David ou Golias, Artyom recordava-se de que o conflito terminara em bem para o mais pequeno e mais fraco dos dois, o que lhe deu algum optimismo.

– Que interessa? – retorquiu, finalmente, o jovem, num esforço que lhe exigiu muita coragem.

A resposta, por qualquer motivo, perturbou o homem que, distendendo os dedos curtos e gordos, assentou a mão na testa de Artyom num movimento confiante. A pele da palma da mão era amarelada e calosa e cheirava a tabaco e a óleo de carros e Artyom não teve tempo de perceber se havia mais aromas porque o brutamontes o empurrou para trás.

E se não aplicou muita força o certo é que Artyom voou uns metros para trás e derrubou o Campeão, que estava logo atrás dele. Artyom e o Campeão caíram ambos no pequeno patamar e o homem regressou ao seu posto. Mas esperava-o uma surpresa. Khan, que havia largado a mochila, encarou-o, empunhando a metralhadora de Artyom. E sugerindo o que poderia fazer, destravou a arma e, com uma voz suave que também sugeria que nada de bom iria acontecer – o que fez o cabelo de Artyom pôr-se em pé ao ouvi-la –, perguntou-lhe:

– Porque é que estás a ser tão malcriado?

Khan pouco dissera, mas, para Artyom, que ainda estava no chão a debater-se, a tentar levantar-se, e a arder de vergonha, as poucas palavras que lhe ouviu assemelharam-se a um rugido de aviso que, muito possivelmente, seria seguido por um ataque rápido e brutal. Conseguindo, finalmente, pôr-se em pé, tirou a velha metralhadora do ombro e apontou-a ao seu adversário, já destravada. Sentia-se capaz de premir o gatilho a qualquer momento. O coração estava a bater com muita força e, na sua balança de sentimentos, o ódio já se sobrepunha ao medo, impelindo-o a

dizer a Khan:

– Eu encarrego-me dele. – E até ficou surpreendido consigo próprio por, sem uma única hesitação, estar disposto a matar o homem que o havia empurrado. A cabeça rapada, coberta de suor, encontrava-se agora claramente na sua mira e era enorme a tentação de disparar. Depois disso, já não interessava o que pudesse acontecer porque o mais importante era abater a coisa suja que tinha pela frente e lavá-la no próprio sangue.

– Alerta! – mugiu o brutamontes.

Khan tirou-lhe a arma do cinto com a velocidade de um relâmpago, desviou-se e apontou para os guardas alfandegários que se tinham levantado dos seus lugares.

– Não dispares! – conseguiu dizer a Artyom e tudo parou: o brutamontes de mãos levantadas no patamar e Khan, imóvel, a apontar a arma aos três homens, que não tinham tempo de tirar as suas metralhadoras do monte em que se encontravam.

– Não é necessário derramar sangue – disse Khan, tranquilamente, numa demonstração de autoridade, sem pedir mas fazendo parecer uma ordem o que estava a dizer. – Há aqui uma regra, Artyom – prosseguiu, sem deixar de olhar para os três jogadores de cartas, paralisados em poses absurdas.

Os homens conheciam, possivelmente, aquela **Smíth & Wesson** e a sua força mortífera, mesmo à distância, e não quiseram causar nenhuma desconfiança desnecessária a quem os mantinha assim na sua mira.

– As normas deles obrigam-nos a pagar, para podermos entrar – continuou Khan. – Qual é o preço?

– Três balas por bico – respondeu o homem que estava no patamar.

– Negociamos? – sugeriu Artyom, com ar trocista, apontando o cano da metralhadora à cintura do outro.

– Duas – respondeu o seu adversário, mostrando-se flexível, embora continuasse a olhar para Artyom com uma expressão de fúria. Não parecia muito seguro de qual seria a reacção de Artyom.

– Paga-lhe! – ordenou Khan ao Campeão. – Paga também a minha passagem e vamos considerar saldadas as nossas contas.

O Campeão pesquisou no fundo da sua mochila e, aproximando-se do guarda, contou seis balas aguçadas e luzidias. O homem fechou o punho em

torno delas e enfiou-as num dos bolsos salientes do blusão, voltando a erguer as mãos e olhando para Khan, à espera.

– A entrada está paga, portanto? – perguntou Khan, arqueando as sobrancelhas.

O brutamontes acenou afirmativamente com a cabeça, com ar sombrio, sem desviar o olhar da arma de Khan.

– O incidente está sanado? – perguntou Khan.

O homem não respondeu. Khan levou a mão a uma bolsa presa ao cinto e tirou mais cinco munições, enfiando-as no bolso do guarda. As cinco balas tilintaram no interior, ao mesmo tempo que se esfumava a careta tensa no rosto do brutamontes, substituída pela expressão habitual de preguiça e de desconfiança.

– É uma compensação pelos danos morais – explicou Khan, sem que as palavras parecessem fazer efeito.

Era possível que o brutamontes não tivesse percebido o sentido destas palavras, tal como não havia percebido a pergunta anterior. Parecia estar a comparar a declaração sensata de Khan com a sua prontidão para usar, ao mesmo tempo, o que servia de dinheiro e a força. Esta linguagem já a percebia e também devia ser a única que sabia falar.

– Podes baixar as mãos – disse Khan, erguendo vagarosamente a sua arma, afastando a sua mira dos três jogadores.

Artyom fez o mesmo mas as mãos tremiam-lhe. Estivera mesmo preparado para rebentar com a cabeça rapada do homem a qualquer momento. Não confiava nestes homens. Mas a sua agitação era desprovida de sentido. O guarda, já mais descontraído e tendo baixado as mãos, grunhiu aos amigos que estava tudo bem e, com as costas apoiadas à parede, mostrou uma atitude de indiferença, deixando os viajantes passarem por ele e entrarem na estação. Quando Artyom passou, deitou-lhe um olhar estranho mas o brutamontes não mordeu o isco e olhou para o lado.

No entanto, Artyom ainda ouviu um "Cão...", dito com uma expressão de repulsa, e uma cuspidela que foi bater no chão. Quis voltar-se mas Khan, um passo à sua frente, agarrou-o pela mão e arrastou-o consigo, pelo que Artyom se viu dividido entre satisfazer o seu desejo de voltar para trás e mostrar uma ou duas coisas ao homem fraco e a sua metade cobarde, que só

pedia para sair dali o mais depressa possível.

Quando alcançaram o chão escuro de granito da estação, ainda ouviram um grito feito de vogais prolongadas que vinha de baixo:

– Eeeeh! Dêem-me a minha arma!

Khan parou e, tirando as balas redondas da Tokarev, atirou-a ao brutamontes. O homem apanhou-a, com destreza, e enfiou-a no cinto, olhando com desagrado para as balas que Khan deixara cair no chão.

– Desculpa – disse Khan. – Foi uma medida profiláctica. Não é assim que se diz? – perguntou ao Campeão, com uma piscadela de olho.

Kitay-Gorod era diferente das outras estações que Artyom já conhecia: não tinha três arcadas como VDNKh mas era um espaço muito grande com uma plataforma larga rodeada por linhas, o que lhe dava uma aparência estranha. Os alojamentos eram iluminados, da maneira mais desorganizada que se podia imaginar, por lâmpadas fracas em forma de pêra que pendiam do tecto. Não se via nenhuma fogueira talvez por não serem autorizadas. No centro do átrio, havia um candeeiro de vapor de mercúrio que distribuía uma luz generosa para todos os lados, o que, para Artyom, era um verdadeiro milagre. Mas, depois, tudo à volta era uma loucura e não se podia manter os olhos nessa maravilha por mais do que um segundo.

– Que estação enorme! – exclamou, surpreendido.

– E só estás a ver metade – disse Khan. – Kitay-Gorod é mais do dobro disto. E é um dos sítios mais estranhos do mundo. Já deves ter ouvido dizer que todas as linhas se encontram aqui. Olha para estes carris, à nossa direita; é a linha de Tagansko-Krasnopresnenskaya[34]. É difícil descrever a loucura e a desordem que aí imperam. Aqui, em Kitay-Gorod, essa linha encontra-se com a tua linha cor-de-laranja Kaluzhsko-Rizhskaya e ninguém, nas outras linhas, acredita no que aí se passa. Fora isso, esta estação não pertence a nenhuma das federações e os seus habitantes representam-se só a si próprios. É um local muito, muito curioso. Eu chamo-lhe Babilónia. Mas com afecto – acrescentou Khan, olhando em redor, a observar as pessoas que andavam de um lado para o outro pela plataforma.

A vida na estação fervilhava. Era um pouco como em Prospekt Mira mas esta, sendo mais modesta, estava melhor organizada. Artyom lembrou-se

das palavras de Bourbon sobre o facto de haver locais melhores no Metro do que o miserável mercado que tinham atravessado nessa estação.

Havia bancas ao longo dos carris e toda a plataforma estava cheia de tendas. Algumas tinham sido transformadas em lojas e outras acolhiam pessoas. Algumas tendas tinham o letreiro "Aluga-se" e era aí que os viajantes podiam passar a noite. Quando atravessaram a multidão, e olhando para o lado, Artyom viu que na linha da esquerda havia um imenso vulto azul-acinzentado: um comboio. Mas não estava completo, porque só tinha três carruagens.

O ruído que se ouvia em toda a estação era quase ensurdecedor. Parecia que os seus habitantes nunca se calavam, nem mesmo por instantes, e que estavam sempre a falar, a gritar, a cantar, a discutir desesperadamente, a rir ou a chorar. Em alguns locais, sobrepondo-se a esse barulho, ouviam-se fragmentos de música e isto dava a todo o ambiente um aspecto geral de feriado na vida do subsolo.

Em VDNKh também havia pessoas que cantavam com todo o entusiasmo, mas aqui era diferente. Só se viam algumas violas e, por vezes, as pessoas reuniam-se na tenda de alguém para se descontraírem depois do trabalho. E até havia música na fronteira dos trezentos metros, não sendo necessário escutar com atenção para a ouvir chegar do túnel do Norte. No posto de vigilância, à volta da fogueira, a exígua patrulha que aí se encontrava cantava ao som de violas sobre coisas, que na sua maioria, eram incompreensíveis para Artyom: guerras em que não participara, conduzidas segundo regras que eram estranhas e diferentes das que ele conhecia, e sobre a vida nesse tempo e à superfície.

Artyom lembrava-se, em especial, das canções sobre um local chamado Afeganistão, que Andrei gostava muito de cantar. Embora pouco houvesse nelas que as tornasse compreensíveis, porque referiam-se sempre à tristeza provocada pela morte dos amigos e ao inimigo odiado, Andrei sabia cantar tão bem que todas as pessoas que o ouviam se sentiam de tal modo comovidas que as vozes lhes falhavam e até sentiam calafrios.

Andrei explicava aos mais novos que o Afeganistão era um país especial e descrevia as montanhas, os desfiladeiros, os riachos borbulhantes, as kischlaks, o vertushka e os caixões de zinco[35]. Artyom sabia bem o que era

um país porque Sukhoi tinha passado bastante tempo a explicar-lhe muitas coisas. Mas apesar de Artyom saber algumas coisas sobre os governos e as suas histórias, as montanhas, os rios e os vales eram, para ele, noções abstractas e meras palavras, definidas apenas pelas imagens descoloridas do manual escolar de Geografia que o padrasto lhe mostrava.

E, aliás, nem o próprio Andrei tinha estado no Afeganistão, por não ter idade suficiente para tal, conhecendo apenas as canções de as ouvir cantadas pelos seus camaradas de armas mais velhos.

Mas, em VDNKh, conseguiam tocar música assim? Não, as canções e a música deles eram meditabundas e tristes e, ao recordar-se de Andrei e das suas melancólicas baladas, comparando-as com as melodias alegres e divertidas que se faziam ouvir nos vários cantos desta estação, Artyom sentiu-se várias vezes surpreendido por a música poder ser tão variada e afectar tanto a disposição de cada um.

Artyom deteve-se, ao passar pelos músicos mais próximos, apesar de não ter desde o início essa intenção, e assim juntou-se ao pequeno grupo de pessoas que os rodeava, não apenas para ouvir melhor a letra, sobre aventuras passadas nos túneis sob a influência da **pÚÇ** mas para escutar só a melodia e satisfazer a sua curiosidade quanto aos músicos. Eram dois: o que dedilhava a viola tinha o cabelo comprido e gorduroso, preso por uma tira de couro enrolada à volta da cabeça, que lhe deixava a testa livre, e vestia um conjunto de trapos coloridos; o outro, mais velho, com uma calva bem visível e óculos já várias vezes reparados, vestia um casaco puído e encantava as pessoas com uma espécie de instrumento de sopro que Khan lhe disse ser um saxofone.

Artyom nunca vira uma coisa dessas. O único instrumento de sopro que conhecia era a flauta. Havia pessoas que a sabiam tocar muito bem e que construíam flautas a partir de tubos isoladores, de vários diâmetros, que eram cortados para serem depois vendidos. Além disso, as pessoas de VDNKh não gostavam de instrumentos de sopro. O saxofone, por seu turno, parecia-se demais com a trompa que, às vezes, era utilizada para fazer soar o alarme se alguma coisa bloqueasse a sirene habitualmente usada.

No chão, aos pés dos músicos, estava aberto o estojo de uma viola onde já se encontrava uma dúzia de balas. Quando o músico do cabelo comprido

acabou de cantar o que lhe ia na alma, disse qualquer coisa engraçada, que sublinhou com uma careta divertida, e a multidão riu-se com alegria, aplaudindo-o com gosto, enquanto mais uma bala era atirada para o estojo.

A canção sobre as viagens do pobre diabo já havia terminado e o homem do cabelo comprido encostou-se à parede, a descansar, enquanto o saxofonista do casaco se lançava a tocar uma melodia que Artyom não conhecia mas que parecia ser popular na estação, porque as pessoas começaram a aplaudir e mais algumas balas voaram em direcção ao veludo vermelho do estojo.

Khan e o Campeão estavam a discutir qualquer coisa, junto a uma cesta. E não lhe dizendo para se apressar, poderiam tê-lo deixado ficar ali por mais uma hora, a ouvir a música, se não tivessem, de repente, ficado imóveis. Dois homens imponentes dirigiam-se para os músicos, com passos pouco firmes, fazendo Artyom lembrar-se dos guardas que tinham encontrado à entrada da estação. Uma das figuras agachou-se e começou, sem qualquer cerimónia, a tirar as balas do estojo, enfiando-as num bolso do casaco de cabedal. O guitarrista do cabelo comprido correu para ele, tentando evitar o que ele estava a fazer, mas foi rapidamente atirado ao chão por um murro selvagem que recebeu num ombro, enquanto o homem lhe arrancava a viola, erguendo-a bem alto para bater com ela na coluna e destruí-la. Ao mesmo tempo, o segundo homem empurrou sem grande esforço o músico mais velho, o saxofonista, contra a parede, quando este tentou ajudar o amigo.

Nenhuma das pessoas que estavam a ouvir os músicos deu um passo em frente. A multidão começou a dispersar-se e os que ainda ficaram para trás taparam os olhos ou fingiram estar a examinar os produtos à venda numa cesta próxima. Artyom sentiu-se a arder de vergonha, pelos músicos e por ele próprio, mas decidiu que também não interviria.

– Mas vocês já cá estiveram hoje! – protestou o músico do cabelo comprido, quase a chorar, levando a mão ao ombro.

– Ouve bem! Se estás a ter um dia bom, então nós também estamos a ter um dia bom, percebes? – gritou o guarda, atirando a viola para o chão. Era visível que ele a brandira mais como uma ameaça do que com a intenção de a destruir. – E não te metas comigo! Ou queres ir para a carruagem,

paneleiro de cabelos compridos?

Assim que ouviu a palavra "carruagem", o músico do cabelo comprido calou-se, abanou a cabeça rapidamente e ficou em silêncio.

– Percebes? Paneleiro! – exclamou o agressor, realçando a segunda palavra e cuspindo para os pés do músico. Este continuou em silêncio. Concluindo que a revolta ficara esmagada, os dois homens corpulentos afastaram-se com movimentos vagarosos, em busca da próxima vítima.

Artyom olhou em redor, desanimado, e viu o Campeão, que estivera a observar atentamente toda a cena.

– Quem eram aqueles? – perguntou Artyom, intrigado.

– Bem, que te pareceram? – replicou o Campeão. – Os bandidos do costume. Não há uma autoridade governante em Kitay-Gorod e, por isso, a estação é controlada por dois grupos. Esta metade pertence aos Irmãos Eslavos. Toda a escumalha e todos os malandros da linha de Kaluzhsko-Rizhskaya se reúnem aqui. A maioria tem a designação de kaluzhskys e aos outros chamam rizhskys mas não encontrarás ninguém parecido com eles nem em Kaluga nem em Riga. Mas ali, estás a ver?, no pequeno patamar? – O Campeão apontou para a escada que desaparecia à direita, a meio da plataforma. – Há aí outro átrio, que é igual a este. Lá não existe esta confusão e são os Muçulmanos do Cáucaso que mandam. São, basicamente, azeris e chechenos. Em tempos houve uma verdadeira carnificina, com cada um dos grupos a tentar conquistar mais territórios ao outro. No fim, dividiram a estação ao meio.

Artyom não pensou em perguntar o que seria um habitante "do Cáucaso", decidindo que a designação, tal como as incompreensíveis palavras "azeri" e "checheno", teria a ver com estações que não conhecia e de onde teriam saído os bandidos.

– Os dois grupos agora já agem pacificamente – prosseguiu o Campeão. – Atacam os que decidem parar em Kitay-Gorod para ganhar dinheiro e cobram uma taxa alfandegária O valor, três balas, é o mesmo nos dois lados e, por isso, não importa por que lado se entra na estação. É claro que não existe aqui nenhuma autoridade e, naturalmente, eles também não precisam dela. A única coisa proibida é acender uma fogueira. Queres comprar **pÚÇ**? À vontade. Bebidas alcoólicas? Tantas quantas puderes beber. Podes equipar-

te aqui com o tipo de arma capaz de destruir metade do Metro que não há problema nenhum. A prostituição floresce. Mas não se pode anunciá-la – acrescentou, dizendo qualquer coisa envergonhada sobre opiniões pessoais.

– E o que era aquilo da carruagem?

– A carruagem? É como se fosse o quartel-general deles. Se alguém se porta mal diante deles, se a pessoa se recusa a pagar-lhes, se lhes deve dinheiro ou alguma coisa desse género... vai lá parar. Também há uma prisão e uma câmara de tortura... é como se fosse um poço dos suplícios, destinado apenas aos que devem dinheiro. E é melhor não ir lá parar. Tens fome? – perguntou o Campeão, mudando de assunto.

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça. Só o Diabo sabia o tempo que já havia passado desde que estivera a beber chá com Khan em Sukharevskaya. Sem um relógio para se orientar, Artyom perdera a capacidade de saber o tempo que já passara. As viagens pelos túneis, com as estranhas experiências que tinham vivido, podiam ter durado muitas horas mas também podiam ter demorado minutos. Além disso, a passagem do tempo dentro dos túneis era completamente diferente do que acontecia no exterior.

De qualquer modo, precisava de comer. E olhou em redor.

ú SqnmÉ! SqnmÉquentes! – anunciava, perto deles, um mercador de pele escura e espessas sobrancelhas pretas por cima de um nariz adunco.

O homem falara de modo estranho, utilizando um "k" carregado e um "a" que parecia soar como um "o". Artyom já encontrara pessoas que falavam com sotaques invulgares sem nunca prestar muita atenção ao assunto.

A palavra "**zqnm**" era-lhe familiar. Em VDNKh faziam **zqnmÉ** e ele gostava. De carne de porco, obviamente. Mas o que o mercador estava a anunciar, e com que acenava, parecia muito diferente. Artyom olhou para as espetadas com muito cuidado e reconheceu nelas, finalmente, carcaças de rato quase carbonizadas com as patas retorcidas. Sentiu-se tonto.

– Não comes ratos? – perguntou o Campeão, com uma expressão de simpatia. – Aqui há. – Acenou com a cabeça para o mercador de pele escura. – Não vendem carne de porco. É proibido pelo Corão. Mas os ratos são bons – acrescentou, examinando com ar esfomeado a carne grelhada ainda fumegante. – Também me metiam nojo mas já me habituei. É um

pouco cruel, claro, e têm pouca carne mas, fora isso, até cheiram bem. Estes **mnÇqzÉ**– e voltou a olhar de soslaio para o mercador – sabem cozinhar bem os ratos, está-lhes na massa do sangue[36]. Mergulham-nos num molho qualquer e a carne fica tão tenra que parece de leitão. E com especiarias! E é muito mais barata do que porco!

Artyom levou a mão à boca, inspirando profundamente e tentando, ao mesmo tempo, pensar em qualquer coisa que lhe distraísse a atenção. Mas diante dos olhos continuava a ver as carcaças enegrecidas dos ratos enfiadas em espetos. E os espetos entravam nos corpos dos ratos por trás e saíam-lhes pelas bocas abertas...

– Como quiseres, mas sou eu que ofereço! Junta-te a nós. São três balas por espetada! – E, com este último argumento, o Campeão encaminhou-se para o grelhador.

Avisando Khan, Artyom percebeu que teria de dar a volta à estação para encontrar algo mais normal para comer. Pesquisou tudo e propuseram-lhe bebidas caseiras em garrafas e frascos de todos os formatos, examinou, discretamente mas com algum desejo, as tentadoras raparigas semi-nuas que estavam de pé em tendas de abas levantadas, a atirar olhares convidativos aos homens que passavam. Por vulgares que fossem, pareciam também estar descontraídas e livres, ao contrário das mulheres de VDNKh, que tinham sido tão maltratadas pela vida. Passou algum tempo a visitar os vendedores de livros mas nada viu que lhe interessasse. Era tudo muito mais barato: livros que cabiam nos bolsos, sobre o amor grande e puro para as mulheres, e sobre assassínios e dinheiro para os homens.

O comprimento da plataforma era de quase duzentos passos, um pouco mais comprida do que o habitual. As paredes e as colunas estranhas que pareciam acordeões tinham sido revestidas com mármore colorido, na sua maioria de um amarelo-acinzentado mas também, em alguns pontos, cor-de-rosa. Ao longo da estação, as paredes estavam cobertas por folhas espessas de um metal amarelo, que escurecera com o tempo, e já mal se viam nelas os símbolos, quase irreconhecíveis, de épocas passadas. Os tectos estavam escurecidos pelo fogo e as paredes estavam cobertas de múltiplas inscrições feitas com tinta e com fuligem, revelando imagens de aspecto primitivo e frequentemente obscenas. Em alguns pontos, faltavam pedaços

de mármore e as folhas de metal estavam amolgadas e muito arranhadas.

A meio do átrio, no lado direito, depois de uma pequena escada e para lá do seu patamar, já pôde ver a segunda metade da estação. Artyom pensou em aventurar-se por aí mas parou diante do gradeamento de ferro, feito de secções, como já vira em Prospekt Mira.

Havia várias pessoas na estreita passagem, encostadas ao gradeamento. No lado de Artyom estavam os já conhecidos brutamontes com as calças de fato-de-treino. Os do outro lado eram de pele escura, com bigodes e de estatura média, também com aspecto de quem não aceita uma brincadeira. Um deles tinha uma metralhadora entre as pernas e o outro uma pistola que lhe saía do bolso. Os bandidos conversavam calmamente, todos juntos, e era difícil pensar que já teria havido qualquer tipo de hostilidade entre eles. Disseram a Artyom, com alguma cortesia, que a passagem para o outro lado da estação lhe custaria duas balas e que teria de pagar o mesmo para regressar. Tendo aprendido a lição à custa da sua própria, e bem amarga, experiência, Artyom não contestou a justeza da tarifa e retirou-se.

Tendo dado uma volta completa, observando cuidadosamente as lojas e a mercadoria dos vendedores ambulantes, Artyom regressou à extremidade da plataforma por onde haviam entrado. Mas o átrio não terminava aí e havia uma outra escadaria ascendente.

O jovem subiu os degraus e deparou-se num átrio mais pequeno, dividido rigorosamente ao meio como o outro, com as duas metades separadas por um cordão. Era, aparentemente, mais uma fronteira que dividia as duas áreas.

À direita avistou, para grande surpresa sua, um monumento verdadeiro, um dos que se viam nas fotografias e nos desenhos das cidades. Mas este não era uma figura. Era, apenas, a cabeça de um homem.

E que cabeça enorme! Não tinha menos de dois metros de altura... Apesar de estar suja na parte de cima e de o nariz brilhar, por ser esfregado com frequência por mãos humanas, impunha respeito e era, até, um pouco intimidante. Pensou em gigantes e pôs-se a imaginá-los. Na sua mente, um deles perdeu a batalha e a cabeça ficou para trás, para ser mergulhada em bronze e servir de objecto decorativo no átrio de mármore desta pequena Sodoma, que estava enterrada no fundo da crosta terrestre bem longe dos

olhos de Deus que tudo vêem. O rosto da cabeça cortada tinha uma expressão triste e Artyom suspeitou, de início, de que pudesse pertencer a São João Baptista, do Novo Testamento, que uma vez folheara. Mas, observando melhor a escala, decidiu que a cabeça teria mais a ver com um herói grande e forte que teria sido, realmente, um gigante e que acabara por ficar sem cabeça. Nenhum dos habitantes que por ali andavam lhe soube dizer a quem pertencia a cabeça cortada e Artyom sentiu-se um pouco decepcionado[37].

Perto da estátua, no entanto, já encontrou um local maravilhoso – um restaurante a sério, montado na tenda limpa e espaçosa de um agradável verde-escuro, como na sua própria estação. Os cantos, no interior, estavam ornamentados com vasos de flores de plástico e folhas feitas de tecido e algumas mesas tinham lamparinas a óleo, que iluminavam a tenda com uma luz suave e confortável. E a comida... era a comida dos deuses: carne de porco muito tenra, acompanhada com cogumelos quentes que se derretiam na boca. Era como os restaurantes de VDNKh, aos feriados, onde a comida, no entanto, nunca lhe tinha sabido tão bem.

As pessoas sentadas à mesa tinham um aspecto composto e respeitável, com roupas boas e escolhidas com gosto. Eram, aparentemente, mercadores importantes. Cortavam, cuidadosamente, pedaços de torresmos bem fritos, ainda a pingarem gordura, e levavam-nos sem pressas à boca. Enquanto isso, conversavam uns com os outros num tom sonolento, tratando dos seus negócios e interrompendo apenas a sua actividade para dirigirem um olhar curioso, mas cortês, a Artyom.

O restaurante era caro, obviamente. Artyom teve de dizer adeus a quinze balas, depositando-as na mão grande do rotundo estalajadeiro e chegou a arrepender-se de ter cedido à tentação. Mas o certo é que o estômago ficou feliz, calmo e quente e estas sensações acabaram por emudecer a voz da razão.

A bebida fermentada que lhe foi servida numa caneca era doce e pôs-lhe a cabeça a andar agradavelmente à roda. Mas não era forte nem parecida com a mistela venenosa e turva de origem caseira servida nas garrafas e nos jarros por lavar que, só pelo cheiro, deitavam uma pessoa abaixo. E custava só mais três balas e... o que são três balas se elas dão direito a um frasco de

vidro cheio de um elixir luminoso que ajuda uma pessoa a aceitar as imperfeições do mundo e que restaura alguma da harmonia perdida?

Bebendo, sozinho, o líquido fermentado em pequenos goles, pela primeira vez em alguns dias em plena paz e sossego, Artyom tentou lembrar-se dos acontecimentos mais recentes de que guardava recordações, procurando perceber onde chegara e para onde devia ainda ir. Parte da sua jornada ainda estava por fazer e ele encontrava-se, de novo, numa encruzilhada.

Sentiu-se como os **nÁsmÇÇ** os heróis de algumas lendas, quase esquecidas, da sua infância[38]. A recordação que deles guardava era tão distante que nem se lembrava de quem os contara... Teria sido Sukhoi ou os pais de Zhenya ou, mesmo, a sua própria mãe? Artyom preferia pensar que as ouvira da boca da mãe e o rosto dela conseguia libertar-se da neblina e ele até a ouvia a ler, com uma entoação suave: "Era uma vez..."

E assim, tal como os heróis das lendas, Artyom deu por si na embocadura de três vias: uma que ia ter a Kuznetsky Most, outra a Tretyakovskaya e outra, ainda, que se dirigia a Taganskaya. Saboreou a bebida inebriante, deliciando-se com a languidez bem-aventurada que lhe envolvia o corpo. Não queria pensar e a única coisa que encontrava na sua cabeça era a voz que lhe dizia "Vai em frente e perdes a tua vida... Volta à esquerda e perdes o teu cavalo..."

Esta sensação poderia ter-se prolongado indefinidamente. Artyom precisava, na realidade, de descansar, depois de tudo o que passara. Valia a pena permanecer em Kitay-Gorod, ver o que ali existia, fazer perguntas aos seus habitantes sobre os túneis. Precisava de se encontrar de novo com Khan, descobrir se ele continuaria a acompanhá-lo ou se os seus caminhos se separariam nesta estação.

Mas as coisas não correram de acordo com o plano que tão preguiçosamente delineara, enquanto contemplava a pequena chama que dançava na lamparina em cima da mesa.

De repente, tudo se alterou.

32 N.T. – "A Rainha está entusiasmada."
Citação do romance **U mÇsmÇpmq ÁU qÉÇqA** de Mikhail Bulgakov, que se refere a uma declaração lendária da rainha Vitória, de Inglaterra, a propósito da obra de Lewis Carroll. Edição portuguesa: Relógio D'Água, 2007.

33 N.T. – **e ÁzmÇqá**

A pistola **e Àzm Çqá**, em especial o seu modelo TT-33, foi utilizada pelo Exército Vermelho a partir dos anos trinta e durante vinte anos, até ser substituída pela **U mz mÇÁá**.

34 N.T. – Linha de Tagansko-Krasnopresnenskaya
A linha 7 do Metro de Moscovo, entre as estações de Planernaya e de Vykhino.

35 N.T. – **SuÉot ªmz** e **áqÇÓÓÉt z m**
SuÉot ªmz é a palavra afegã para descrever uma aldeia numa montanha. **g qÇÓÓÉt z m** era o serviço privado de comunicação telefónica entre o Kremlin e as várias instâncias do poder soviético na URSS e noutros territórios sob administração soviética.

36 N.T. – **HnÇqz É**
HnÇqz é uma palavra do Norte do Cáucaso, derivada de **mnÇ s**, a palavra usada para "ladrão" na língua osseta (da Ossétia). Designa também, para os russos, os guerrilheiros da resistência caucasiana.

37 N.T. – Cabeça em Kitay-Gorod
Cabeça esculpida de Victor Pavlovitch Nogin, um dos mais destacados dirigentes dos bolcheviques moscovitas durante a Revolução de Outubro. É um dos pontos de encontro mais famosos do Metro. No período soviético, esta estação era designada por Ploshchad Nogina, ou Praça Nogina.

38 N.T. (38) – **I Ásm ÓÇ**
Os **nÁsm ÓÇ** eram heróis dos mitos eslavos, defensores da pátria contra os invasores. Um desses heróis é Ivan, da lenda "Ivan, o filho do czar, o pássaro de fogo e o lobo cinzento" que, a certa altura, enfrenta um dilema: "Na orla da planície, estava uma pedra onde se lia: 'Quem cavalgar em frente, passará fome e ficará transformado em gelo; quem seguir pelo caminho da direita, perderá o seu cavalo, que morrerá; quem seguir pela esquerda, morrerá mas deixará que o seu cavalo se salve.' Ivan leu estas palavras e seguiu pela esquerda..."

O QUARTO DAC' B

Ouviram-se tiros de pistola, que rasgaram o ruído alegre feito pela multidão e, depois, um grito feminino estridente, logo seguido por uma rajada de metralhadora. O estalajadeiro gordo tirou uma pequena pistola de debaixo do balcão e correu para a entrada da tenda. Largando a bebida, Artyom saltou do seu lugar e foi atrás dele, pondo a mochila ao ombro e destravando a sua arma, lamentando ao mesmo tempo que o tivessem obrigado a pagar adiantado porque, de outro modo, poderia ter-se escapulido sem pagar a conta. As dezoito balas que gastara podiam vir a ser-lhe muito úteis mais tarde.

Do cimo da escada, viu que acontecera qualquer coisa horrível. Para descer, teve de forçar a passagem por entre uma multidão de pessoas que pareciam ter enlouquecido e que estavam a atirar-se escada acima. E a pressão tornou-se, de repente, tão intensa que Artyom perguntou a si próprio se precisava mesmo de descer. Mas a curiosidade acabou por levar a melhor.

Nas linhas jaziam vários corpos, vestidos com casacos de couro, e, na plataforma, mesmo aos seus pés, jazia uma mulher morta, de cara mergulhada numa poça de sangue bem vermelho e muito brilhante. Artyom passou, rapidamente, por cima dela, tentando não olhar para baixo, escorregou e viu-se quase no chão. Reinava o pânico e havia pessoas meio vestidas a saltarem das suas tendas, olhando histericamente para todos os lados. Um homem ficou para trás, o pé ainda enrodilhado numa perna das calças, e dobrou-se de repente sobre si próprio, agarrado ao estômago, caindo para o lado.

Artyom, no entanto, não conseguiu perceber de onde vinha o tiroteio. Os disparos continuam a fazer-se ouvir e homens corpulentos, vestidos de couro, corriam de um lado para o outro, empurrando para o lado mulheres que guinchavam e mercadores assustados. Mas não eram estes que estavam

a ser atacados – eram os próprios bandidos, os que controlavam esta metade de Kitay-Gorod. E, na plataforma, era difícil perceber quem é que estava a criar esta carnificina.

Nessa altura, Artyom percebeu por que motivo não via ninguém. Os atacantes estavam no túnel e era daí que disparavam, aparentemente com medo de aparecerem num espaço aberto.

Com isto, a situação alterava-se. E já não havia tempo para pensar: os atacantes subiriam à plataforma quando sentissem que já não havia mais resistência. E ele precisava de se retirar daquela entrada o mais depressa possível. Com isso em mente, começou a correr, segurando com força a metralhadora, olhando de vez em quando por cima do ombro. O eco dos tiros, que pareciam trovões e que ressoavam nas arcadas, tornava difícil perceber de que túnel estavam a sair as balas – do direito ou do esquerdo.

Finalmente, Artyom distinguiu silhuetas camufladas na entrada do túnel da esquerda. Mas, em vez de rostos, viu escuridão e sentiu um arrepio de frio. E só passados alguns momentos é que se lembrou de que os pretos que tentavam invadir VDNKh não dispunham de armas de fogo nem de roupas. E estes atacantes estavam mascarados, com os rostos cobertos por passa-montanhas dos que se podiam comprar em qualquer mercado que vendesse armas (até ofereciam um, como brinde, a quem comprasse uma AK-47).

Os reforços vindos de Kaluga chegaram, entretanto, deitando-se no chão e ripostando ao fogo inimigo, protegidos pelos cadáveres. Podia-se ver como partiam as placas de contraplacado das janelas das carruagens, criando posições escondidas para instalarem as suas metralhadoras. Agora, chegava a vez da artilharia pesada.

Olhando para cima, Artyom conseguiu ver a tabuleta de plástico, com os nomes das estações, que estava no meio do átrio. O ataque vinha da direcção de Tretyakovskaya, o que significava que essa via estava cortada. Para chegar a Taganskaya, teria de dirigir-se a uma parte da estação que estava agora a arder. O único caminho que lhe restava era o de Kuznetsky Most.

Saltando para a linha, Artyom correu para a entrada escurecida do único túnel em que podia entrar. Ainda pensou que estava a ver uma silhueta que podia ser a do filósofo errante mas, quando ela parou por instantes, Artyom

percebeu que se enganara.

O jovem não era a única pessoa a correr para o túnel. Quase metade das pessoas que estavam a tentar fugir dirigia-se também para o mesmo local. A passagem ressoava com gritos de medo e uma pessoa estava a soluçar histericamente. As luzes das lanternas acendiam-se aqui e ali e até se via uma chama acesa, a cintilar. Cada um iluminava a linha a pensar só em si.

Artyom tirou o presente de Khan do bolso e premiu a pega. Só depois de dirigir a luz fraca da lanterna para a via que se abria aos seus pés, para não tropeçar, é que começou a correr, juntando-se aos pequenos grupos de fugitivos – famílias inteiras, mulheres sozinhas, homens idosos e homens jovens de aspecto saudável, todos a arrastarem volumes que, possivelmente, nem lhes pertenceriam.

Teve de parar algumas vezes para ajudar pessoas que tinham caído. E até ficou junto de uma delas por mais algum tempo. Encostado à parede fendida do túnel encontrava-se um idoso sentado no chão, totalmente grisalho, com uma careta de dor no rosto e as mãos agarradas ao coração. Junto dele encontrava-se um adolescente, de aspecto sereno mas sombrio. Pelos olhos turvos do rapaz e pela sua aparência animal, podia-se ver que não era uma criança como as outras. Artyom sentiu um aperto na alma e, ao olhar para o estranho par, ficou imóvel, apesar de estar cheio de pressa para continuar o seu caminho e de se amaldiçoar de cada vez que deparava com obstáculos.

O idoso, apercebendo-se da atenção que lhe era votada, e também ao rapaz, tentou sorrir a Artyom e dizer qualquer coisa, mas já não teve fôlego para o fazer. Franziu o sobrolho e fechou os olhos, tentando reunir todas as suas forças, e Artyom inclinou-se para ele, tentando ouvir o que ele lhe queria dizer.

O rapaz, no entanto, começou a rugir ameaçadoramente e Artyom reparou que lhe saía da boca um fio de saliva e que arreganhava os lábios, mostrando pequenos dentes amarelos. Não querendo ter de enfrentar um ataque, Artyom empurrou-o para o lado e o rapaz recuou e ficou desajeitadamente sentado nos carris, a emitir uivos lastimosos.

– Jovem... – murmurou o idoso, com dificuldade. – Não lhe bata... ele... Chama-se Vanechka... Ele... não compreende.

Artyom encolheu os ombros.

– Por favor... Nitro... glicerina... No saco... No fundo... Um comprimido... Dê-mo... Eu não consigo... – O idoso fez um barulho horrível, que quase se sobrepôs à respiração ofegante, e Artyom procurou no saco até encontrar um embrulho com aspecto de ser novo, rasgando a folha de alumínio com uma unha. O comprimido saltou e ele deu-o ao idoso, que estendeu os lábios com um sorriso de culpa. – Eu não consigo... As minhas mãos... Não me dê ouvidos... Ponha-o debaixo da minha língua... – E, depois, fechou de novo os olhos.

Artyom observou as mãos enegrecidas, duvidando do que ele dizia, mas obedeceu e pôs-lhe a bolinha escorregadia na boca. O desconhecido acenou debilmente com a cabeça e calou-se. O número de fugitivos que estavam a passar por eles, cheios de pressa, aumentou mas Artyom só conseguia ver, da posição em que se encontrava, uma fila interminável de botas e de sapatos sujos. Por vezes, os passos tropeçavam na madeira negra das travessas, o que dava origem a uma violenta explosão de obscenidades. Mas ninguém lhes prestou atenção. O adolescente manteve-se sentado na mesma posição, a falar suavemente para si próprio em voz baixa. E Artyom reparou, com alguma indiferença, que um dos fugitivos lhe deu um pontapé, fazendo o rapaz começar a gritar em voz muito alta, levando os punhos aos olhos, de onde continuavam a brotar as lágrimas, e oscilando para um lado e para o outro.

Entretanto, o idoso abriu os olhos, suspirou e disse a Artyom, numa voz ainda pouco audível:

– Agradeço-lhe muito... Já me sinto melhor... Pode ajudar-me a levantar-me?

Artyom amparou-o pelo braço enquanto o homem se punha em pé com dificuldade, e pegou de seguida no saco dele, o que o obrigou a transferir a metralhadora para o outro ombro. A coxear, o idoso dirigiu-se ao rapaz e começou a encorajá-lo a levantar-se. O rapaz protestou, como se se sentisse ofendido, e, ao ver Artyom aproximar-se, começou a silvar agressivamente, deixando a saliva a pingar do lábio inferior protuberante.

– Eu acabei de comprar o remédio – disse o idoso. – Aliás, eu vim cá, a esta estação tão longínqua, de propósito para isto, sabe? Ninguém traz o

remédio para o sítio onde vivemos, também não há ninguém que o peça e eu já não tinha mais nenhum, tive de tomar o último comprimido quando vinha para cá e não nos quiseram deixar atravessar Pushkinskaya... Agora há lá fascistas, sabe? Pensar que há fascistas em Pushkinskaya... É uma desgraça! Ouvi dizer que até lhe querem mudar o nome, para Hitlerskaya ou Schillerskaya... Embora, é claro, nem tenham ouvido falar em Schiller. E imagine que nem nos queriam deixar passar. Aqueles tipos com as suásticas, que se julgam superiores aos outros, começaram a meter-se com Vanechka. E que podia o pobre rapaz fazer, na sua situação? Eu fiquei muito preocupado, o meu coração começou a ressentir-se e só então é que nos deixaram passar. Que estava eu a dizer? Ah, sim! Eu até escondi o remédio no fundo do meu saco, não fosse dar-se o caso de alguém nos querer revistar e depois também querer fazer-nos perguntas... Sabe como é, podiam ficar com uma ideia errada porque nem toda a gente sabe que tipo de remédio é este... De repente, começaram aos tiros! Eu fugi o mais depressa que pude e até tive de arrastar Vanechka porque ele tinha visto espetadas de carne de galinha e não queria vir. E senti o aperto no coração, embora ainda fraco, pensei que talvez me passasse e que não precisasse já de tomar o remédio, que vale o seu peso em ouro, claro, mas percebi depois que não me aguentaria. E quando ia buscar o comprimido fui-me abaixo. E Vanechka... Ele não percebe as coisas e eu tenho estado a tentar ensinar-lhe, há muito tempo, a dar-me o remédio se eu não me sentir bem, mas ele não consegue compreender e até os come ou tira outra coisa do saco, para me dar. Eu agradeço-lhe, sorrio-lhe e ele sorri para mim, com tanta alegria e a dar gritos de felicidade... Que Deus impeça que me aconteça alguma coisa! Não há ninguém que possa tomar conta dele e eu nem consigo imaginar o que poderá acontecer-lhe!

O idoso falava sem cessar, como se quisesse cair nas boas graças de Artyom, fitando-o directamente nos olhos, e Artyom sentiu-se muito incomodado, sem perceber porquê. O idoso coxeava e, apesar de ele estar a esforçar-se para conseguir deslocar-se, Artyom começou a pensar que estavam a andar demasiado devagar, vendo os fugitivos a ultrapassá-los e eles a ficarem para trás. Vanechka caminhava, com passos desajeitados, ao lado direito do idoso, agarrado à mão dele. O rosto apresentava, de novo, a

mesma expressão de serenidade. De vez em quando, estendia a mão direita e balbuciava, excitado, apontando para os objectos abandonados, ou deixados cair ao longo da linha pelos que fugiam da estação, e para a escuridão que se adensava à frente deles.

– Desculpe, jovem, mas qual é o seu nome? É que temos estado a falar e ainda nem nos apresentámos. Artyom? Tenho muito gosto em conhecê-lo. O meu nome é Mikhail Porfirievich. Porfirievich, é isso. Ao meu pai chamavam Porfiri, que é um nome invulgar e na era soviética até houve várias organizações que o questionaram por causa disso, porque a moda era ter nomes como Vladilen ou Estaline... E é de onde, Artyom? VDNKh? Bem, eu e Vanechka somos de Barrikadnaya mas eu já lá vivi uma vez. – O idoso fez um sorriso envergonhado. – Sabe que havia em Barrikadnaya um edifício enorme mesmo junto do Metro[39]?... Mas, possivelmente, nem se lembra dos edifícios da superfície, pois não? Que idade tem, se posso perguntar? Bem, é claro que isso não é importante. Eu tive um apartamento pequeno nesse arranha-céus, duas divisões num andar alto com uma vista maravilhosa para o centro da cidade. A casa não era grande mas era muito confortável, sabe? O chão era, obviamente, de madeira de carvalho e, como em todas as outras casas, havia um fogão a gás. Meu Deus, lembro-me bem de como era tão confortável. Um fogão a gás! E, nessa altura, ninguém os queria para nada... O que queriam era fogões eléctricos mas nem todos os conseguiam arranjar. À entrada, havia uma reprodução de um quadro de Tintoretto, com uma bonita moldura com banho de ouro, que maravilha que era! A cama era a sério, com almofadas e lençóis sempre lavados, e havia uma secretária com um candeeiro que tinha uma luz muito brilhante. Mas o mais importante eram as prateleiras, à altura do tecto. O meu pai deixou-me uma grande biblioteca e eu também fui juntando muitos livros. Ah, mas por que motivo é que estou a contar-lhe isto tudo? Possivelmente nem lhe interessam estas divagações de um velho... E; no entanto, mesmo hoje em dia, eu lembro-me, sabe? E tenho saudades dessas coisas, em especial da secretária e dos livros e, mais recentemente, da cama. Aqui não há esses luxos mas nós tínhamos essas camas de madeira, que eram feitas à mão, mas às vezes até dormíamos em cobertores no chão. Mas isso não é nada, o que é importante é o que aqui temos. – O idoso apontou para o

coração. – O que é importante é o que se passa dentro de nós e não fora. O que é importante é que na cabeça se mantenha sempre a mesma coisa e que se lixem as condições... desculpe a linguagem! Mas sabe que a cama... Especialmente...

O homem não se calava, nem por um momento, e Artyom escutava-o, sempre interessado, apesar de não conseguir imaginar o que seria viver num edifício alto e a vista que poderia ter e como seria subir de elevador.

Quando Mikhail Porfirievich fez uma pausa, para recuperar o fôlego, Artyom decidiu usar esse momento de silêncio para conseguir levar a conversa para coisas mais úteis. Ele precisava de atravessar Pushkinskaya e, aí, passar para Chekhovskaya e de lá para a Pólis.

– Há fascistas a sério em Pushkinskaya? – perguntou.

– Que está a dizer? Fascistas? Ah, sim... – O homem suspirou, parecendo confuso. – Sim, sim, os cabeças rapadas com as tiras nos braços... São horríveis, sabe? Esses símbolos estão pendurados à entrada e por toda a estação. Sabe que eles costumavam ter este sinal para impedir a passagem... É um círculo vermelho com uma figura preta que é atravessada por uma linha vermelha na diagonal. Até pensei que se tivessem enganado e perguntei-lhes por que motivo é que isso ali estava... Significa que os pretos não podem entrar. Mas, basicamente, é uma manifestação de idiotice.

Artyom voltou-se para ele, ao ouvir a palavra "pretos". Olhou-o de relance, assustado, e perguntou, medindo bem as palavras:

– Também há lá pretos? Não me diga que já lá chegaram! – Sentiu-se arrastado por um carrossel de pânico. Como é que isso podia acontecer? Só andava pelos túneis há uma semana e os pretos já estavam a atacar Pushkinskaya. Falhara na sua missão? Não conseguira desempenhá-la? Não servira para nada? Não, não era possível, porque teria de haver rumores, podiam circular informações distorcidas mas teria de haver rumores e boatos... Talvez fosse o fim de tudo...

Mikhail Porfirievich olhou de soslaio para Artyom e, distanciando-se um pouco, perguntou-lhe, em voz baixa:

– E você? A que ideologia aderiu?

– Eu? A nenhuma – Artyom hesitou. – Porquê?

– E o que pensa das outras nacionalidades? Dos caucasianos, por exemplo?

– Que têm os caucasianos a ver com isso? – Artyom sentiu-se intrigado. – Eu sei pouco sobre nacionalidades. Havia os franceses ou os alemães ou os americanos. Mas acho que não sobraram nenhuns... Quanto aos caucasianos, para ser sincero, acho que não conheço nenhum – acrescentou, estranhando a conversa.

– É aos do Cáucaso que chamam "pretos" – explicou Mikhail Porfirievich, ainda a tentar perceber se Artyom não estaria a mentir e a fingir-se desentendido.

– Mas os caucasianos, tanto quanto me lembro, são pessoas normais, não são? – perguntou Artyom. – Eu vi alguns deles hoje, nesta estação...

– São pessoas completamente normais mas esses bandidos decidiram que são diferentes e perseguem-nos. É desumano, simplesmente. Imagine que eles têm lá um telheiro por cima da linha, com ganchos, e eu vi lá um homem, um homem verdadeiro, pendurado. Vanechka ficou tão perturbado que começou a espetar o dedo nele e a gritar e os monstros voltaram a sua atenção para ele.

Ao ouvir o seu nome, o adolescente olhou para Mikhail Porfirievich, ficando a observá-lo durante algum tempo. Artyom teve a impressão de que o rapaz conseguia ouvir e até, em parte, compreender qual era o assunto da conversa. Mas como o seu nome não voltou a ser citado, desinteressou-se de Mikhail Porfirievich e continuou a dar a sua atenção às travessas entre os carris.

– E já que começámos a falar de nações, parece-me que eles adoram, na realidade, os alemães. Afinal, foram os alemães que inventaram a ideologia deles e sabe, claro, o que vou dizer-lhe – acrescentou Mikhail Porfirievich rapidamente, ao que Artyom respondeu com um aceno de cabeça, apesar de não saber. Mas também não queria parecer um ignorante. – Sabe como é, águias alemãs penduradas por todo o lado, suásticas, que não precisam de explicações, e várias frases em alemão que são citações de Hitler: sobre o valor, o orgulho e coisas dessa natureza. Têm paradas militares e desfiles. Enquanto lá estivemos, e enquanto eu estava a tentar convencê-los a deixarem de se meter com Vanechka, andavam a desfilar de um lado para o outro da plataforma e a cantar hinos. Mas sabe que, em geral, a língua alemã foi a língua perfeita para isso? O alemão foi criado mesmo para essas

coisas. Eu sei falar um pouco, acredite... Olhe, tenho aqui uma coisa escrita... – E, abrandando, tirou de um bolso interior um pequeno bloco-de-notas sujo. – Espere, volte para aqui a sua luz, se não se importa... Onde é que está? Ah, aqui!

À luz do círculo amarelo de luz, Artyom viu algumas letras do alfabeto latino apressadamente escritas e emolduradas por folhas de videira:

L ÚÉÓÇnÉÓI qÉúð ÉÓÇnÓC
Luq duÂÂqı ÉÓQÇnqı C
LqÇqu éus ªqnÓú â uÇâ uÉÉqı qÉ
LqÇe ÁÓqı e mÓqı ÇÚtº C[40]

Artyom sabia ler as letras latinas. Estudara-as num manual escolar que tinham encontrado na biblioteca da estação. Olhou para trás e voltou a apontar a lanterna para o bloco-de-notas. Não conseguiu perceber nada, claro.

– O que é isso? – perguntou, ajudando Mikhail Porfirievich a andar mais depressa, enfiando o bloco no bolso do homem e começando a caminhar na direcção de Vanechka que, mais à frente, se mantinha especado, a rosnar com uma expressão infeliz.

– É um poema – respondeu o idoso, parecendo ficar um pouco ofendido. – É em memória dos que pereceram na guerra. Eu não estou a fazer planos para o traduzir mas, em geral, o significado é este: "Tu morrerás. O que te pertence desaparecerá. Todos os que te são próximos morrerão. Mas uma coisa sobreviverá aos séculos – a morte gloriosa em combate." Em russo, isto soa de forma tão patética, não é? Mas, em alemão, até parece uma trovoada! **LqÇ e ÁÓqı e mÓqı ÇÚtº !**... Até causa calafrios. Hmmm, pois... – Mikhail Porfirievich calou-se, aparentemente envergonhado pelo entusiasmo que expressara.

Continuaram a andar, desta vez em silêncio, durante mais algum tempo. Pareceu a Artyom que era uma tolice, e também o irritou, que fossem os últimos a percorrer o túnel, como parecia estar a acontecer, quando nem se sabia o que estava a acontecer lá para trás, e que o tipo estivesse a parar para ler poesia. Mas, mesmo contra vontade, ainda estava a pronunciar, para si próprio, as últimas palavras do poema e, sem saber porquê, lembrou-se de Vitalik, com quem tinha ido ao Jardim Botânico. Vitalik, o

Resmungão, que os ladrões tinham abatido a tiro ao tentarem forçar a entrada na estação pelo túnel do Sul. O túnel fora sempre considerado perigoso e foi um erro ter destacado Vitalik para aí. Vitalik só tinha dezoito anos e Artyom estava prestes a fazer dezasseis. Mas, nessa noite, tinham decidido ir a casa de Zhenya porque aparecera um vendedor de erva, com bom material, com material especial... E Vitalik apanhou com ela mesmo na cabeça. O pequeno buraco negro ficou mesmo no meio da testa e a parte de trás da cabeça desapareceu. Foi isso. "Tu morrerás..."

Sem saber porquê, veio-lhe à memória a conversa entre o padrasto e o Caçador, em especial quando Sukhoi lhe pusera a hipótese de nada existir à superfície. Portanto, morre-se para quê? Morre-se e mais nada. Nada. Nada resta. Pode haver alguém que ainda se lembre de nós por algum tempo, depois disso, mas não por muito tempo. "As pessoas que te são próximas também morrerão." Não era assim? Artyom sentiu um arrepio. E quando Mikhail Porfirievich quebrou o silêncio, Artyom ficou satisfeito por ouvi-lo.

– Irá, por acaso, pelo mesmo caminho que nós? Ou vai só até Pushkinskaya? Tenciona sair aí? Da linha, quero eu dizer. É que eu não recomendaria que o fizesse, Artyom. Não imagina o que lá se passa. Quererá ir connosco até Barrikadnaya? Teria muito gosto em poder conversar consigo durante a nossa viagem.

Artyom fez um aceno de cabeça, que nada significava, e murmurou algumas palavras que não o comprometiam: não podia falar sobre o objectivo da sua jornada com a primeira pessoa que encontrasse pelo caminho, mesmo que essa pessoa fosse um inofensivo ancião. Mikhail Porfirievich calou-se, sem obter respostas para as suas perguntas.

Continuaram a andar em silêncio por mais algum tempo. Atrás deles parecia também reinar a calma e Artyom começou a descontrair-se. À distância avistou luzes que brilhavam, de início debilmente mas, depois, com cada vez maior intensidade. Estavam a aproximar-se de Kuznetsky Most...

Artyom nada sabia sobre o que lá se passava e decidiu, por isso, esconder a pequena metralhadora. Depois de a embrulhar no colete, enfiou-a bem fundo na mochila.

Kuznetsky Most era uma estação habitada, com um único posto de controlo reforçado a cerca de cinquenta metros antes da entrada e bem no

meio da linha. O posto de controlo possuía um holofote, que estava nesse momento desligado por não ser necessário, e um ninho de metralhadoras. A metralhadora que aí se encontrava estava tapada mas, junto dela, sentava-se um homem muito gordo, vestido com um velho uniforme verde. Ia comendo uma espécie de puré, de uma gamela militar amolgada. No posto de controlo estavam mais dois homens com uniformes iguais, que tinham ao ombro metralhadoras que pareciam já não estar em muito bom estado, a examinar os documentos dos que vinham do túnel. À frente deles havia uma pequena fila: todos os fugitivos chegados de Kitay-Gorod que haviam passado à frente de Artyom, enquanto ele andava mais devagar com Mikhail Porfirievich e Vanechka.

As pessoas eram deixadas entrar lentamente e com grande relutância. Um homem fora rejeitado e estava sentado a um canto, com ar de desânimo, sem saber o que fazer e tentando aproximar-se dos guardas de vez em quando e depois afastado por eles, que iam chamando as pessoas que se encontravam na fila. Cada um dos recém-chegados era revistado ao pormenor e os três viajantes puderam ver como um homem, em cuja posse foi encontrada uma pistola Makarov que não declarara, foi afastado da fila e, ao tentar discutir, foi amarrado e levado pelos guardas.

Artyom sentiu um remoinho dentro de si e percebeu que o esperavam problemas. Mikhail Porfirievich olhou para ele, surpreendido, e Artyom sussurrou-lhe que estava armado mas o seu companheiro limitou-se a acenar com a cabeça, prometendo-lhe que tudo correria bem. Artyom não desconfiava dele mas pensou que seria bastante interessante ver como é que Mikhail Porfirievich iria resolver o assunto. O idoso fez um sorriso enigmático.

Chegou a vez deles, finalmente. Os guardas do posto de fronteira estavam a rasgar o forro do casaco de uma mulher que devia ter cerca de cinquenta anos, enquanto ela os acusava de serem tiranos, mostrando-se até surpreendida por eles existirem e estarem a agir como agiam. Artyom estava de acordo com ela mas decidiu não expressar a sua solidariedade de modo audível. Terminada a pesquisa, o guarda, com um assobio de satisfação, retirou várias granadas do ÉÁÚÓq sujo da mulher e pediu-lhe que se explicasse.

Artyom teve a certeza de que a mulher ia contar uma história comovente sobre o neto, que precisaria dessas coisas para trabalhar. Porque o neto trabalharia como soldador e uma parte do que haviam descoberto só podia ser equipamento de soldar. Ou diria que tinha encontrado as granadas pelo caminho e que estava a pensar, como foi o caso, entregá-las às autoridades. Mas o que aconteceu foi que ela recuou e, silvando como uma cobra, soltou uma maldição e correu de regresso ao túnel, apressando-se a ir esconder-se na escuridão. O artilheiro pousou a tigela com comida e deitou a mão à metralhadora mas um dos dois guardas, o que parecia ser o mais velho, travou-o com um gesto. O gordo suspirou, decepcionado, e voltou à sua refeição, enquanto Mikhail Porfirievich dava um passo em frente, com o passaporte na mão.

Foi surpreendente mas o guarda mais velho, sem nenhum problema de consciência e depois de ter revirado a mochila da mulher que parecia completamente inofensiva, limitou-se a folhear o bloco-de-notas do idoso e não prestou nenhuma atenção a Vanechka, como se ele nem existisse. Chegou depois a vez de Artyom. Entregou os documentos ao guarda mais magro, de bigode, e o homem começou a inspeccionar meticulosamente cada página, iluminando as marcas dos carimbos com a lanterna durante bastante tempo. O guarda comparou também os traços fisionómicos de Artyom com os da fotografia, pelo menos por cinco vezes, expressando visivelmente as suas dúvidas, enquanto Artyom lhe oferecia um sorriso amigável e tentava mostrar que era a inocência personificada.

– Porque é que o seu passaporte é do modelo soviético? – perguntou o guarda, finalmente, com uma voz tensa, sem saber a que mais poderia objectar.

– Eu era pequeno quando começaram a faltar os verdadeiros. E o nosso governo corrigiu a situação com o primeiro formulário que conseguiu arranjar.

– Não é válido – retorquiu o homem, de sobrolho carregado. – Abra a mochila.

"Se ele der pela metralhadora", pensou Artyom, "terei de fugir para o túnel. Ou então, tiram-ma." Limpou o suor da testa.

Mikhail Porfirievich dirigiu-se ao guarda e, de muito perto, sussurrou-lhe:

– Konstantin Alexeyevich, compreenda que este jovem é meu amigo. É um jovem muito, muito decente. Dou-lhe a minha garantia pessoal.

O guarda abriu a mochila de Artyom e meteu uma mão lá dentro. Artyom ficou paralisado. Mas, de seguida, disse o guarda:

– Cinco.

E enquanto Artyom tentava perceber o significado do que ele dissera, o idoso tirou um punhado de balas do bolso e, contando cinco, enfiou-as no saco entreaberto que o guarda tinha no cinto.

Mas a mão de Konstantin Alexeyevich continuou a remexer no interior da mochila de Artyom e, aparentemente, aconteceu o pior porque, de repente, o rosto ganhou uma expressão de grande curiosidade.

E Artyom sentiu o coração a cair por um precipício e fechou os olhos.

– Quinze – tornou o guarda, sem alterar a sua expressão.

Acenando com a cabeça, Artyom contou mais dez balas e despejou-as no mesmo saco. Nem um músculo se mexeu no rosto do guarda. Limitou-se a dar um passo para o lado e a abrir-lhes o caminho para Kuznetsky Most. Admirado com o auto-domínio de aço do guarda, Artyom avançou.

Os quinze minutos que se seguiram foram passados a negociar com Mikhail Porfirievich, que se recusou, teimosamente, a aceitar cinco balas que Artyom lhe quis dar, garantindo-lhe que a dívida que tinha para com ele era muito superior a isso.

A estação de Kuznetsky Most não era muito diferente das que Artyom já tinha conseguido ver, até este ponto da sua viagem. Tinha o mesmo revestimento de mármore nas paredes e o mesmo chão de granito, mas as arcadas eram invulgarmente altas e largas, dando origem a uma sensação invulgar de amplitude.

Mas o mais surpreendente era o facto de em cada uma das linhas se encontrarem comboios completos, inacreditavelmente compridos e tão grandes que ocupavam quase todo o espaço disponível na estação. As janelas estavam iluminadas por uma luz quente que brilhava por trás de cortinas de várias cores e as portas estavam abertas, em sinal de boas vindas.

Artyom nunca tinha visto uma coisa destas. É claro que possuía recordações difusas de comboios que passavam por ele velozmente e a apitar, com as janelas a formarem quadrados brilhantes. Estas recordações

pertenciam aos primeiros anos da sua infância e eram espectrais e efémeras, como os outros pensamentos relativos ao que antes acontecera: ao tentar lembrar-se de quaisquer pormenores e ao concentrar-se nas coisas mais pequenas, a imagem dissolvia-se logo por completo e já nada restava dela... Mas, em adulto, conseguira ver o comboio que ficara encurralado na entrada do túnel de Rizhskaya e algumas carruagens em Kitay-Gorod e em Prospekt Mira.

Artyom ficou imóvel, fascinado, a observar o comboio, contando as carruagens que pareciam dissolver-se na neblina existente na outra extremidade da plataforma, perto da entrada para a Linha Vermelha. Aí pendia do tecto uma bandeira vermelha de algodão, arrancada à escuridão por um círculo bem visível de luzes eléctricas e, debaixo dela, havia dois artilheiros com metralhadoras, com uniformes e bonés verdes, que, à distância, pareciam muito compostos, como se fossem soldados de brincar.

Artyom tivera três figuras de soldados quando vivia com a mãe. Um era o comandante, com uma pistola que estava ligada ao coldre por um fio. Estava a gritar qualquer coisa e a olhar para trás, provavelmente a ordenar aos seus homens que o seguissem para a batalha. Os outros dois pertenceriam, possivelmente, a colecções diferentes e Artyom não conseguia brincar com eles: o comandante estava a lançar-se à batalha mas os outros dois estavam imóveis, como os dois guardas da fronteira da Linha Vermelha, e era evidente que não iam entrar na batalha. Era estranho como se lembrava tão bem desses guardas e, no entanto, não conseguia lembrar-se da face da mãe...

A estação de Kuznetsky Most estava relativamente bem organizada. A luz, tal como na estação de VDNKh, provinha das luzes de emergência existentes ao longo do tecto, presas a uma misteriosa construção de metal que devia ter servido, em tempos, para iluminar toda a estação. E, além dos comboios, nada havia de interessante em Kuznetsky Most.

– Ouvi falar muitas vezes dos muitos sítios bonitos que há no Metro mas, pelo que vou vendo, são quase todos semelhantes – disse Artyom, partilhando a sua decepção com Mikhail Porfirievich.

– Então, jovem! Há sítios tão bonitos que você nem acreditaria se os visse! Há Komsomolskaya, no Círculo, que é um verdadeiro palácio! – O idoso

começou, acaloradamente, a tentar convencê-lo. – Existe lá um enorme painel num tecto, sabia? Representa Lenine e outros disparates, é verdade, mas.. Oh, que estou eu a dizer? – Calou-se, por um instante, reduzindo depois a sua voz a um murmúrio. – Esta estação está cheia de agentes secretos da linha de Sokolnicheskaya, quer dizer, da Linha Vermelha. Desculpe mas eu continuo a chamar as coisas pelos seus nomes antigos... Aqui, temos de andar calados. O governo local parece ser independente mas não quer entrar em conflito com os vermelhos e, por isso, se eles lhes disserem para entregarem alguém... eles limitam-se a fazê-lo. Já para não falar nos assassinatos – acrescentou, baixinho, olhando timidamente para todos os lados. – Bem, vamos arranjar qualquer sítio para descansarmos. Para ser sincero, estou terrivelmente cansado e acho que você também já mal se aguenta em pé, em minha opinião, claro. Vamos passar cá a noite e depois continuamos.

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça. O dia parecera-lhe, de facto, nunca mais acabar e, com a pressão em que tinha andado, precisava mesmo de descansar.

Sem tirar os olhos do comboio e suspirando de inveja, Artyom seguiu Mikhail Porfirievich. Das carruagens saíam risos alegres e fragmentos de conversas e, numa das portas, estava um homem de aspecto cansado, talvez do trabalho, a fumar um cigarro e a conversar, calmamente, sobre os acontecimentos do dia. À volta de uma mesa sentavam-se algumas mulheres mais velhas, a beberem chá à luz de uma pequena lâmpada suspensa de um fio, enquanto um grupo de crianças corria alegremente de um lado para o outro. A cena pareceu fora do normal a Artyom. Em VDNKh, a situação era sempre muito tensa e as pessoas estavam habitualmente a postos para o que pudesse acontecer. Mas, sim, as pessoas juntavam-se ao anoitecer com os seus amigos na tenda de qualquer um deles mas não era nada que se parecesse com isto, de portas abertas, à vista de toda a gente, com as pessoas a visitarem-se e crianças por todo o lado... Havia demasiada felicidade nesta estação.

– De que é que vivem, aqui? – perguntou Artyom, sem se conter, juntando-se ao idoso, que se adiantara.

– O quê? Não sabe? – retorquiu Mikhail Porfirievich, num tom

surpreendido mas cortês. – Estamos em Kuznetsky Most! É onde se encontram os melhores técnicos do Metro, verdadeiros mestres! As pessoas vêm de todo o lado para eles repararem as suas coisas, da linha de Sokolnicheskaya e até do Círculo. E eles prosperam e prosperam... Como seria bom viver aqui! – O idoso suspirou, sonhadoramente. – Mas eles são muito rígidos quanto a isso.

Artyom ainda teve a esperança de que também pudessem dormir numa cama a sério, numa das carruagens. No meio do átrio havia, no entanto, uma fila de grandes tendas, semelhantes àquelas em que viviam, em VDNKh e a primeira que encontraram apresentava uma inscrição estampada que dizia "Hotel". Já se alinhavam aí muitos dos fugitivos mas Mikhail Porfirievich, chamando de lado um dos gerentes, fez tilintar qualquer coisa metálica, murmurou palavras mágicas começadas por "Konstantin Alexeyevich" e o problema ficou resolvido.

– Entramos aqui – disse Portiry, com um gesto convidativo, enquanto Vanechka fazia um dos seus gorgolejos.

Na tenda até lhes ofereceram chá sem terem de pagar qualquer valor adicional, e os colchões que estavam no chão eram tão macios que bastava uma pessoa deitar-se neles para já não querer levantar-se. Meio reclinado, Artyom foi soprando para a caneca cheia de chá quente e ouvindo, com atenção, o idoso que, esquecendo-se do chá, lhe começou a contar, em tom ardente:

– Eles mandam em todo o ramal. Ninguém o dirá e os vermelhos nunca o admitirão, mas Universitet, a Universidade, não está sob o controlo deles e o mesmo se passa com o que está para lá da Universidade. É claro que a Linha Vermelha continua para Sportivnaya. Há uma passagem que começa aí, onde foi antes a estação Leninskie Gory[41]. O nome foi mudado mas eu ainda me lembro do antigo. Leninskie Gory ficava debaixo de uma ponte. Houve uma explosão na ponte, que se desmoronou sobre o rio e a estação foi inundada e desde essa altura que não há nenhuma comunicação com a Universidade...

Artyom bebeu um gole de chá, sentindo que tudo dentro de si se preparava adequadamente para algo misterioso e invulgar, que começara quando os carris destruídos haviam ficado a pairar sobre um precipício na Linha

Vermelha, na extremidade sudoeste. Vanechka ia roendo as unhas, parando só por instantes, para apreciar o resultado do seu esforço, antes de recomeçar a sua actividade. Artyom observou-o quase com simpatia e até lhe ficou grato por o rapaz se manter em silêncio.

– Nós temos um pequeno círculo em Barrikadnaya – disse Mikhail Porfirievich, com um sorriso de embaraço. – E reunimo-nos à noite, às vezes com pessoas que vêm de Ulitsa 1905. Agora andam a perseguir todas as pessoas que pensam de maneira diferente e Anton Petrovich já veio viver para a nossa estação... É um disparate, claro, porque são apenas reuniões literárias mas, às vezes, falamos de política... E eles também não gostam de pessoas cultas em Barrikadnaya. Por isso, fazemos as coisas discretamente. Mas Iakov Iosefovich estava a dizer que, afinal, a estação da Universidade não teria sido destruída. Que conseguiram bloquear o túnel e que ainda lá vivem pessoas. Mas não apenas pessoas... Como sabe, era aí que ficava a Universidade de Moscovo. E alguns dos professores, tal como alguns estudantes, conseguiram salvar-se nessa estação. Havia uma espécie de abrigo nuclear sob a própria universidade, mandado construir por Estaline, e eu acho que também havia ligações ao Metro através de túneis secretos. Mas agora existe lá outro tipo de centro intelectual, ao que parece... Mas, possivelmente, será só uma lenda. Segundo a qual quem está no poder são pessoas cultas e é um reitor que governa as três estações e o abrigo, sendo cada estação presidida por um vice-reitor, que é eleito por um período determinado. Os estudos, aí, não pararam. Ainda há estudantes, ainda há pós-graduações, ainda há professores! E a cultura não morreu, como aqui se verificou. Escrevem coisas e não se esqueceram de como se faz investigação... E Anton Petrovich até contou que um dos seus amigos, um engenheiro, lhe disse em segredo que já arranjaram maneira de chegar à superfície. Criaram um fato protector e, por vezes, enviam batedores para o Metro... Mas compreendo que diga que isto parece improvável! – acrescentou Mikhail Porfirievich, com uma expressão de dúvida, perscrutando o olhar de Artyom. E o jovem, vendo-lhe uma sombra de tristeza nos olhos, por onde apesar de tudo espreitava uma esperança tímida e fatigada, tossicou e disse, o mais confiadamente que conseguiu:

– Mas porquê?! Parece-me totalmente possível! Tome o exemplo da Pólis.

Já ouvi contar o mesmo sobre a Pólis...

– Sim, a Pólis é um local maravilhoso. Mas como é que se pode lá chegar, hoje em dia? Disseram-me que os militares tomaram conta do conselho...

– Que conselho?! – Artyom arqueou as sobrancelhas.

– Não sabe? A Pólis é governada por um conselho das pessoas detentoras da maior autoridade. E, aí, quem dispõe de maior autoridade são os bibliotecários ou os militares. Sobre a Biblioteca Lenine nada sei e, por isso, nem vale a pena falar nela, mas a outra entrada para a Pólis fica, tanto quanto me recordo, mesmo por trás do Ministério da Defesa, ou muito perto, e alguns dos generais puderam ser evacuados a tempo. No começo, os militares tomaram o poder e houve uma junta militar que governou a Pólis durante um período mais longo. Mas o povo não gostava de tê-los a mandar e houve desordens graves, com derramamento de sangue, já há muito tempo, antes da guerra com os vermelhos. Depois, chegaram a um compromisso e foi criado este conselho. Com duas facções: os bibliotecários e os militares. Era uma combinação estranha, de facto. Como calcula, os militares não tinham conhecido muitos bibliotecários ao longo das suas vidas. E agora eram obrigados a conviver com eles. Entre as duas facções gerou-se uma luta sem fim à vista, com cada uma delas a controlar a estação à vez. Quando começou a guerra com os vermelhos, a capacidade de se defenderem tornou-se mais importante do que a cultura, e a balança voltou a pender a favor dos generais. Sucederam-se tempos mais pacíficos e, aí, os bibliotecários voltaram a ganhar influência. E tem sido como um pêndulo, desde então. Ouvi dizer, agora, que os militares estão numa posição mais forte e que têm estado a impor a sua disciplina, tendo decretado um recolher obrigatório e todas as alegrias que pode ter o convívio com eles. – Mikhail Porfirievich sorriu suavemente. – Atravessar essa zona não é mais fácil do que alcançar a Cidade Esmeralda... É o que nós chamamos à Universidade e as estações que a rodeiam, na brincadeira. É preciso atravessar a Linha Vermelha ou a Hansa mas não se consegue passar por aí, como já terá percebido. Em tempos, antes dos fascistas, era possível atravessar Pushkinskaya, a caminho de Chekhovskaya, e depois era só um desvio até Borovitskaya. Não é uma boa opção, claro, mas eu cheguei a fazer esse caminho quando era mais novo.

Artyom perguntou-lhe qual era o problema e o idoso respondeu com relutância:

– É que mesmo no meio da linha há um comboio destruído pelo fogo. Eu não passo lá há muitos anos e, por isso, não sei como está agora mas, nessa altura, podia-se ver o que restava das pessoas carbonizadas, sentadas ainda nos seus lugares... Era horrível. Não sei como é que isso aconteceu, e até perguntei a alguns amigos meus, porque ninguém consegue encontrar uma explicação. E é difícil passar para o outro lado desse comboio porque o túnel começou a desmoronar-se e os destroços preencheram todo o espaço em redor das carruagens e até dentro delas. Há aí muitas coisas más e eu teria dificuldade em explicá-las. Sou ateu, em geral, e não acredito nesses disparates místicos, sabe? Aliás, já nem acredito em nada.

Estas palavras trouxeram à mente de Artyom a lembrança sombria do ruído que tinha ouvido no túnel e, não se contendo, contou ao seu interlocutor o que acontecera ao grupo e depois a Bourbon e, após hesitar um pouco, repetiu a explicação que Khan lhe dera.

– O quê?! Que está a dizer? Isso é um disparate completo! – objectou Mikhail Porfirievich, arqueando as sobrancelhas. – Eu já ouvi falar disso. Recorda-se de eu lhe ter falado de Iakov Iosefovich? Bom, ele é médico e explicou-me que essas alterações na psique ocorrem quando as pessoas estão sujeitas às frequências sonoras mais baixas, que são basicamente inaudíveis. Se não estou enganado, são de cerca de sete Hertz mas eu tenho uma memória muito má... E este som pode aparecer como resultado de processos naturais como, por exemplo, mudanças tectónicas e coisas dessas. Como é que isso pode ter alguma coisa a ver com os espíritos dos mortos? E nos tubos?! Por favor...

O idoso era um homem interessante. Artyom estava a ouvir-lhe coisas que nunca ouvira a ninguém. O homem olhava para o Metro de uma maneira diferente, quase antiquada, que não deixava de ser divertida, e tudo, aparentemente, o atraía para a superfície da terra. Sentia-se, obviamente, muito desconfortável como se fossem estes os primeiros dias que passava no subsolo. E Artyom, lembrando-se da conversa entre Sukhoi e o Caçador, perguntou-lhe:

– E o que pensa: conseguiremos, alguma vez, regressar à superfície?

Conseguiremos sobreviver e voltar lá para cima?

Ao fazer a pergunta, arrependeu-se logo. Porque, com ela, era como se estivesse a cortar-lhe os pulsos, obrigando-o a regressar à sua personalidade mais suave, quase sem vida, suscitando-lhe uma resposta menos afirmativa:

– Não me parece. Não me parece.

– Mas havia outras redes de metropolitano: em Petersburgo, em Minsk e em Novgorod – disse Artyom, citando os nomes que aprendera de cor. Mas que não deixavam de ser palavras vazias.

– Ah, que cidade maravilhosa é Petersburgo! – exclamou Mikhail Porfirievich, iludindo a pergunta, com um suspiro triste. – A Catedral de São Isaac... Ou o Admiralteistvo... E o pináculo... Que elegância de linhas, que elegância! E as noites na praça de Alexander Nevsky... com as pessoas, os sons, as multidões, as gargalhadas, as crianças com gelados, raparigas bonitas... A música... Especialmente no Verão. Quase não há bom tempo no Verão mas quando acontece... O sol, o céu limpo, azul... E, nessa altura, é fácil voltar a respirar...

Os olhos estavam cravados nos de Artyom mas o que Mikhail Porfirievich estava a ver era algo que se dissolvia num horizonte etéreo, onde as silhuetas majestáticas e translúcidas de edifícios cobertos de poeira se erguiam de um fumo crepuscular, criando no jovem a impressão de que ele próprio os poderia ver se olhasse para trás, seguindo o olhar do seu interlocutor. Depois, o idoso calou-se, suspirou profundamente e Artyom decidiu que não o interromperia mais.

– ... Sim, havia outras redes além da de Moscovo E talvez as pessoas se tenham refugiado nelas e se tenham salvo... Mas pense nisso, jovem. – Mikhail Porfirievich ergueu um dedo magro e ossudo. – Quantos anos passaram... e nada. Decerto que teriam dado por nós, se tivessem vindo procurar-nos. Mas não, acho que não. – Concluiu, baixando a cabeça.

E depois, passados uns cinco minutos de absoluto silêncio, o idoso suspirou e disse, de modo quase inaudível, mais para si próprio do que para Artyom:

– Meu Deus, que mundo tão esplêndido que nós destruímos...

A tenda voltou a ser invadida pelo silêncio. Vanechka, embalado pelo som da conversa, já estava a dormir, com a boca entreaberta, fungando baixinho

às vezes e, outra vezes, ganindo como se fosse um cão. Mikhail Porfirievich não disse mais nada e, embora acreditasse que o seu companheiro não estivesse a dormir, Artyom não quis incomodá-lo e, fechando os olhos, tentou adormecer.

Pensou que, depois de tudo o que lhe tinha acontecido nesse dia sem fim, mergulharia instantaneamente no sono mas o tempo foi-se arrastando, muito devagar, e ele acordado. O colchão, que pouco antes lhe parecera tão macio, parecia-lhe agora estar cheio de altos e baixos e Artyom teve de se voltar por várias vezes, antes de conseguir encontrar uma posição confortável. As palavras tristes que ouvira a Mikhail Porfirievich continuavam a ressoar-lhe na cabeça. Não. Também achava que não. Não haveria um regresso às avenidas cintilantes, às grandiosas construções arquitectónicas, às brisas suaves e refrescantes das noites de Verão, que nos revolvem o cabelo e que nos acariciam o rosto. Não haveria mais céu e nunca voltaria a ser como o idoso descrevera. Agora, o céu estava a desaparecer, fundindo-se, para sempre, com os tubos apodrecidos dos tectos dos túneis. Mas, antes, o céu tinha sido... como é que ele o descrevera? Azul? Límpido?... O céu era uma matéria estranha, como ele próprio vira já no Jardim Botânico, coberto de estrelas, de um azul não escuro mas claro, cintilante, feliz... E os edifícios eram realmente enormes mas o seu volume não os tornava pesados. Não, eram leves, graciosos, como se tivessem sido feitos de ar. Flutuavam, distanciando-se da terra, e os seus contornos dissolviam-se no céu infinito. E eram tantas as pessoas! Artyom nunca tinha visto tanta gente junta, com excepção, talvez, de Kitay-Gorod, mas aqui ainda eram em maior número, preenchendo todo o espaço vazio entre os edifícios. Corriam de um lado para o outro e, entre elas, havia muitas crianças, que estavam a comer qualquer coisa, possivelmente gelados verdadeiros. Artyom até teve vontade de perguntar a uma delas se podia provar, porque nunca tinha conseguido comer gelado verdadeiro. Quando era pequeno, desejara-o, de facto, mas não havia gelados em lado nenhum e na confeitaria já só havia bolor e ratos e era o que ela produzia: ratos e bolor. Estas crianças, no entanto, também estavam a fugir dele enquanto lambiam os gelados, rindo, escapando habilidosamente do seu alcance sem que ele lhes conseguisse ver os rostos. E, ao mesmo tempo, já nem sabia o

que estava a tentar fazer: provar-lhes os gelados ou olhar para uma das crianças de frente e perceber se elas, na realidade, tinham cara. E, entretanto, começou a sentir medo.

Os contornos pouco nítidos dos edifícios escureceram, gradualmente, e acastelaram-se por cima dele, aproximando-se cada vez mais e ameaçando-o. Artyom ainda andava atrás das crianças e pareceu-lhe que elas se riam, não de alegria mas de maldade, e, fazendo apelo a todas as suas forças, deitou a mão a um dos rapazinhos e agarrou-o por uma manga. O rapaz tentou escapar-lhe e arranhou-o como se fosse um demónio enquanto Artyom, rodeando-lhe a garganta com uma mão de ferro, conseguiu finalmente ver-lhe o rosto. Era Vanechka. Rosnando e arreganhando os lábios, o rapaz abanou a cabeça e tentou apanhar a mão de Artyom. Em pânico, Artyom atirou-o para longe e o rapaz, pondo-se em pé de um salto, levantou bem a cabeça e emitiu o terrível uivo que afugentara o jovem em VDNKh. As crianças deixaram, então, de correr de um lado para o outro e começaram a deslocar-se mais devagar, olhando para ele e aproximando-se, sob o peso dos enormes edifícios enegrecidos, que também estavam cada vez mais perto... As crianças preencheram os espaços existentes entre os edifícios, que eram cada vez mais pequenos, e, juntando-se a Vanechka, com uma maldade selvagem mas, ao mesmo tempo, fria e triste, atacaram Artyom. Os rostos eram máscaras de couro com bocas pintadas e os olhos não tinham pupilas nem zonas brancas.

E, de repente, Artyom ouviu uma voz que não conseguiu identificar. Era uma voz calma, que parecia sucumbir à confusão da batalha, que se repetia constantemente e com insistência e Artyom, tentando ouvi-la melhor, sem prestar atenção às crianças que já o cercavam, acabou por perceber o que ela dizia: "Tens de partir." E dizia sempre a mesma coisa, sem parar. E Artyom reconheceu-a: era a voz do Caçador.

Abriu os olhos e afastou os cobertores. Estava escuro na tenda e muito abafado e a cabeça parecia-lhe feita de chumbo, com os pensamentos a moverem-se com dificuldade, como se estivessem cheios de preguiça. Artyom não via o suficiente para acordar por completo, para perceber quanto tempo estivera adormecido e para saber, até, se já seria altura de se levantar e de retomar a viagem ou se devia voltar-se para o outro lado e

tentar arranjar um sonho melhor.

Foi nessa altura que as abas da tenda se abriram, deixando passar a cabeça do guarda fronteiriço que os deixara entrar em Kuznetsky Most. Konstantin... qualquer coisa.

– Mikhail Porfirievich! Mikhail Porfirievich! Levante-se! Mikhail Porfirievich! Está morto ou quê?! – E, sem prestar atenção a Artyom, que o observava assustado, entrou na tenda e começou a abanar o idoso adormecido.

Vanechka foi o primeiro a acordar e começou, de imediato, a berrar. O guarda não lhe prestou atenção e quando Vanechka o tentou agarrar pelo braço, o homem deu-lhe um murro no ouvido. O idoso acordou, entretanto.

– Mikhail Porfirievich! Levante-se, depressa! – sussurrou o guarda, num tom de urgência. – Tem de partir! Os vermelhos andam à sua procura. Querem que lhes seja entregue por ser caluniador e fazer propaganda do inimigo. Tenho-lhe dito vezes sem conta: enquanto aqui estiver, enquanto estiver nesta porcaria desta nossa estação, não comece com essas conversas da Universidade! Ouviu o que eu lhe disse?

– Por favor, Konstantin Alexeyevich, que é isso? – O idoso voltou a cabeça, confuso, enquanto tentava levantar-se do colchão. – Eu não disse nada, não fiz propaganda nenhuma. Nem pensar nisso! Só estava a falar disso a este jovem mas muito baixinho e nem havia testemunhas...

– Pois leve o jovem consigo! Já sabe que tipo de estação é esta. Em Lublianka vão esventrá-lo e pendurá-lo num pau e o seu amigo vai ser logo encostado à parede para não andar por aí a falar! Vamos, seja rápido, está à espera de quê?! Eles já aí vêm buscá-lo! Estão só a decidir se hão-de propor aos vermelhos uma troca... portanto, despache-se!

Artyom já se tinha levantado, com a mochila às costas. Não sabia se devia empunhar a arma ou não. O idoso ainda protestou mas, um minuto depois, já estavam a andar, rapidamente, enquanto o próprio Konstantin Alexeyevich tapava a boca a Vanechka com uma mão, exibindo uma expressão martirizada, e o idoso o observava com ansiedade, talvez por recear que o guarda fronteiriço pudesse torcer o pescoço ao rapaz.

O túnel que conduzia a Pushkinskaya estava melhor defendido do que o outro. Passaram dois cordões, a cem e a duzentos metros da entrada. O

primeiro tinha sido reforçado com cimento e existia nele um pequeno muro que cortava a passagem, obrigando as pessoas a percorrerem uma via mais estreita ao longo da parede. À esquerda estava um telefone, directamente ligado ao centro da estação, provavelmente ao quartel-general. No segundo cordão estavam os habituais sacos de areia, a metralhadora e os holofotes, como na outra extremidade. Havia oficiais de serviço nos dois postos mas Konstantin Alexeyevich ajudou-os a atravessar os dois cordões e a chegar à fronteira.

– Vamos. Eu acompanhar-vos-ei durante cinco minutos. Não me parece que possa cá voltar, Mikhail Porfirievich – acrescentou, quando já estavam no caminho para Pushkinskaya. – Eles não lhe perdoaram os seus antigos pecados e voltou a fazer a mesma coisa. Olhe que eu ouvi dizer que o próprio camarada Moskvin tem interesse pessoal em si, percebeu? Bem, depois tentaremos pensar em qualquer coisa. Tenha cuidado quando atravessar Pushkinskaya! – disse ainda, quando os três viajantes já estavam a entrar na escuridão. – Atravesse rapidamente a estação! Nós temos medo deles, como sabe! Portanto, boa viagem e que tudo corra bem!

Depois destas palavras, e como já não valia a pena correr, os fugitivos abrandaram o passo.

– O que foi que os fez voltarem-se contra si? – perguntou Artyom, olhando para o idoso com curiosidade.

– Bom, eu não gosto deles, sabe? E quando estivemos em guerra... Bem, basicamente foi isto: o meu pequeno círculo fez alguns textos e Anton Petrovich, que vivia então em Pushkinskaya, tinha acesso a uma impressora. Alguns loucos tinham ido ao edifício do Izvestia[42]... E foi aí que ele os imprimiu.

– Mas a fronteira para o lado dos vermelhos até parecia inofensiva: dois homens, uma bandeira pendurada, um posto que nem sequer estava reforçado. Nem sequer é parecido com aquilo que a Hansa tem – lembrou-se Artyom, de repente.

– Claro! Deste lado, é tudo inofensivo porque a força principal está no interior e não no exterior – replicou Mikhail Porfirievich com um sorriso malicioso. – É aí que a entrada está reforçada. Do lado de fora... é só decoração.

Ficaram em silêncio, sem parar, cada um entregue aos seus pensamentos. Artyom estava a tentar ouvir as suas próprias sensações relativamente ao túnel. Parecia-lhe estranho que este túnel, tal como o que ia de Kitay-Gorod para Kuznetsky Most, estava vazio, nada fazia sentindo no seu interior. Assim vazios, eram apenas construções sem alma.

Artyom lembrou-se, depois, do pesadelo que tivera. Os pormenores já haviam sido varridos da memória e o que restava eram as recordações, vagas mas assustadoras, das crianças sem rosto e das massas negras recortadas no céu. Mas a voz...

Não terminou o pensamento. À sua frente ouviu os guinchos horríveis que já lhe eram familiares e o restolhar das patas e, depois, o cheiro sufocante e adocicado da carne em decomposição e, quando a luz das suas lanternas iluminou o local de onde saíam esses sons, depararam com uma visão tal que Artyom até pensou que lhes seria preferível voltar para junto dos vermelhos.

Junto à parede, caídos de borco e bem alinhados, encontravam-se três corpos já entumescidos, de mãos atadas com cabos atrás das costas e marcas de terem sido roídos pelos ratos. Pressionando a manga do casaco contra o nariz, para não ter de inspirar o ar fortemente adocicado e venenoso, Artyom debruçou-se sobre os corpos e iluminou-os com a lanterna. Tinham sido despidos, ficando apenas em roupa interior, e os corpos não apresentavam feridas. Mas o cabelo, na nuca de cada um deles, estava colado pelo sangue, que coagulara em torno do buraco negro que só uma bala podia fazer.

– Mesmo na nuca – apontou Artyom, tentando manter a voz calma apesar de se sentir prestes a vomitar.

Mikhail Porfirievich entreabriu a boca e os olhos brilharam-lhe.

– O que eles são capazes de fazer, meu Deus, o que eles são capazes de fazer! – disse, com um suspiro. – Vanechka, não olhes, não olhes, vem para aqui!

Mas Vanechka, sem se mostrar minimamente perturbado, agachou-se junto do cadáver mais próximo e apontou um dedo para ele, começando a falar com grande animação. O foco da lanterna subiu pela parede e iluminou um pedaço de papel sujo, preso na parede por cima dos mortos

mesmo ao nível dos olhos. Nele, estavam pintadas, as letras **óg uqÇqÉc quɔt** ", junto ao desenho de uma águia. E o texto restante estava em russo: "Nenhum animal preto está autorizado a permanecer a menos de trezentos metros do Grande **c quɔt** !" E o mesmo sinal de "Passagem proibida", com o seu círculo vermelho e uma figura humana atravessada por uma linha da mesma cor, estava bem visível no papel.

– Porcos – disse Artyom, por entre os dentes cerrados. – Só por terem uma cor de cabelo diferente?

O idoso abanou tristemente a cabeça e puxou Vanechka pela gola. O rapaz estava a examinar os corpos e não queria ser afastado da sua posição.

– Estou a ver que a nossa máquina tipográfica ainda funciona – disse Mikhail Porfirievich num tom soturno, recomeçando a andar.

Os viajantes decidiram avançar mais lentamente. Ao cabo de dois minutos, viram as palavras "300 metros" pintadas a vermelho na parede do túnel.

– Faltam trezentos metros – disse Artyom, ouvindo, enervado, os ecos de um cão a ladrar ao longe.

A cerca de cem metros da estação, viram uma luz brilhante e pararam.

– Ponham as mãos em cima da cabeça! Fiquem parados! – trovejou uma voz, saída de um altifalante.

Artyom levou, obedientemente, as mãos à nuca e Mikhail Porfirievich ergueu-as.

– Eu disse para todos levantarem as mãos! Avancem devagar! Não façam movimentos bruscos – prosseguiu a voz tensa e Artyom não conseguiu ver quem falava porque a luz estava a incidir-lhe directamente nos olhos e era demasiado doloroso fazer mais do que olhar para o chão.

Depois de andarem um pouco mais, voltaram a estacar quando lhes foi ordenado que o fizessem e o holofote foi, finalmente, desviado dos olhos deles.

Diante dos três viajantes encontrava-se uma barricada completa, com dois artilheiros em posição e outro homem com um coldre no cinto, todos vestidos com camuflados e boinas pretas postas de lado sobre os crânios rapados. Tinham tiras de pano branco nos braços, com uma figura que parecia a suástica alemã mas apenas com três braços e não com quatro. Ao longe, viam-se algumas silhuetas escuras e, aos pés dos soldados, estava um

cão que se agitava nervosamente. Nas paredes tinham sido pintadas cruzes, águias, palavras de ordem e insultos dirigidos aos não-russos. Artyom sentiu-se intrigado porque algumas das palavras estavam em alemão. Bem visível, por baixo de um painel com a imagem de uma águia e a suástica de três braços, via-se o mesmo sinal iluminado de baixo, o que apresentava a pequena figura preta com o risco vermelho por cima, e Artyom pensou que seria esse o canto do ícone deles[43].

Um dos guardas deu um passo em frente e acendeu uma grande lanterna, mantendo-a à altura da cabeça. Rodeou-os vagarosamente, examinando-lhes os rostos, tentando talvez descobrir algum indício de não serem feições eslavas. Todos eles pareciam russos, no entanto, e o homem desviou a lanterna, encolhendo os ombros com uma expressão de decepção.

– Documentos! – ordenou.

Artyom apressou-se a estender-lhe o seu passaporte. Mikhail Porfirievich andou à procura nos bolsos e encontrou também o seu.

– E os documentos deste? – perguntou o guarda mais velho, observando Vanechka com repulsa.

– Bem vê, o problema do rapaz... – começou o idoso.

– Siiilêncio! E trate-me por senhor oficial! Responda com rigor à minha pergunta! – ladrou o controlador de documentos, com a lanterna a saltar-lhe das mãos.

– Senhor oficial, veja, o rapaz está doente e não tem passaporte. É pequeno e está a meu cargo, veja... Posso mostrar-lhe... – Mikhail Porfirievich começou a balbuciar, a olhar para o oficial de maneira a suscitar-lhe a simpatia, tentando descobrir-lhe no semblante um sinal favorável.

Mas o homem ficou imóvel, muito empertigado como uma rocha, o rosto crispado como se tivesse sido talhado na pedra e Artyom sentiu, mais uma vez, que desejava matar alguém.

– Onde está a sua fotografia? – cuspiu o oficial, enquanto folheava as páginas do passaporte de Mikhail Porfirievich.

Vanechka, que até então tinha estado sossegado, a olhar para a figura do cão em grande tensão e a gorgolejar entusiasticamente de vez em quando, voltou-se para o controlador de documentos e, mostrando os dentes, emitiu um pio maldoso. Artyom teve tanto medo por Vanechka que até esqueceu

da hostilidade que sentia para com o homem e do desejo que tinha de correr com ele a pontapés.

O controlador de documentos recuou, involuntariamente, olhando de forma desagradável para Vanechka, e ordenou:

– Livrem-se disto. Imediatamente. Ou faço-o eu.

– Por favor, perdoe-lhe, senhor oficial – disse Artyom, surpreendendo-se por estar a falar desta maneira. – Ele não compreende o que está a fazer.

Mikhail Porfirievich olhou para ele, com gratidão, e o controlador de documentos, depois de folhear rapidamente o passaporte de Artyom, disse-lhe:

– Não há problema nenhum consigo. Pode passar.

Artyom deu uns passos em frente e ficou imóvel, sentindo que as pernas se recusavam a obedecer-lhe. O oficial, voltando-lhe as costas, repetiu a pergunta que já tinha feito sobre a ausência da fotografia de Mikhail Porfirievich.

– Mas, bem vê, a questão é que... – Mikhail Porfirievich começou mas hesitou. – Senhor oficial, a questão é que não há quem tire fotografias onde vivemos e é muito caro conseguir uma fotografia noutras estações e eu não tenho dinheiro para isso...

– Dispa-se! – interrompeu-o o oficial.

– Desculpe...? – A voz de Mikhail Porfirievich vacilou e as pernas começaram a tremer.

Artyom tirou a mochila e pousou-a, sem pensar no que estava a fazer. Há algumas coisas que não queremos fazer e que juramos a nós próprios que nunca faremos, e que até nos proibimos de fazer, mas que acontecem, de repente, como se tivessem vida própria. Não há tempo para pensar nelas e não chegam, sequer, aos centros cognitivos do cérebro: acontecem, é só isso, e ficamos surpreendidos, a olhar para o que estamos a fazer, convencidos de que a culpa não é nossa e de que as coisas aconteceram sozinhas.

Se despissem Mikhail Porfirievich e Vanechka e os levassem, como os outros, para a marca dos trezentos metros, Artyom tiraria a metralhadora da mochila, mudaria o comutador para fogo automático e mataria o maior número possível destes não-humanos camuflados até ser abatido. Nada mais fazia sentido. Nem era importante que ele só os conhecesse há um dia.

Nem que ele próprio fosse morto. Que aconteceria a VDNKh? Não valia a pena pensar no que poderia acontecer a seguir. Há coisas em que, simplesmente, é melhor nem pensar.

– Dispa-se! – repetiu o homem, cuidadosamente. – Vamos fazer uma busca!

– Mas, por favor... – suplicou Mikhail Porfirievich, mal se percebendo o que dizia.

– Siiilêncio! – ladrou outra vez o homem. – Rápido! – e sublinhou as palavras com um gesto significativo, tirando a pistola do coldre.

O idoso começou a desabotoar apressadamente o casaco e o controlador de documentos desviou a pistola e ficou a ver Mikhail Porfirievich a tirar também a camisola, saltitando desajeitadamente de pé em pé para tirar as botas, a vacilar enquanto tentava desapertar o cinto.

– Mais depressa! – silvou raivosamente o oficial.

– Mas eu sou desajeitado... Como vê... – começou Mikhail Porfirievich mas o controlador de documentos achou que já chegava e deu um murro no idoso, acertando-lhe em plena boca.

Artyom ainda tentou avançar para eles mas dois braços fortes agarraram-no pelas costas, resistindo a todos os esforços do jovem para se soltar.

E, de repente, aconteceu uma coisa que ninguém poderia prever. Vanechka, que tinha cerca de metade do tamanho do brutamontes da boina preta, arreganhou de repente os lábios e, com um rugido animal, atirou-se a ele. O homem não esperava um ataque tão rápido vindo do desgraçado rapaz e Vanechka conseguiu erguer o punho esquerdo e bater-lhe no peito. Mas o oficial não precisou de mais do que um segundo para se recuperar e, empurrando Vanechka para trás, recuou, levantou a mão que tinha a pistola e disparou.

O tiro, amplificado pelo eco que causou no túnel, ressoou-lhe nos ouvidos mas pareceu a Artyom que ainda conseguia ouvir Vanechka a soluçar em silêncio, sentando-se no chão, curvado sobre si próprio com ambas as mãos no estômago, antes de o oficial lhe dar um pontapé e, com uma expressão de repulsa no rosto, apontar-lhe a arma à cabeça e premir novamente o gatilho.

– Eu avisei – disse, olhando friamente para Mikhail Porfirievich, que ficara paralisado, de boca aberta, a olhar para Vanechka, enquanto lhe subiam

sons secos do peito.

Nesse momento, os olhos de Artyom escureceram e o jovem sentiu uma força tal a irromper dentro de si que os dois soldados que o seguravam foram quase atirados ao chão quando ele se lançou para a frente. O tempo pareceu alongar-se para Artyom, que conseguiu pegar na coronha da metralhadora, destravar a arma e disparar uma rajada, através da própria mochila, que rasgou o peito ao oficial.

E já só teve tempo para se regozijar com a linha de pontos negros que lhe viu no camuflado.

39 N.T. – Arranha-céus junto a Barrikadnaya
Um dos edifícios do grupo das "Sete Irmãs", o conjunto de sete arranha-céus mandados edificar por Estaline, depois da Segunda-Guerra Mundial, para rivalizar com os arranha-céus norte-americanos, em formato de bolo de noiva. Em russo, foram designados por **áçÉÁÓuçq épmuçq** ("edifícios altos").

40 N.T. – **óLÚÉÓÇnÉÓi**
Poema da antiga poesia mitológica nórdica. "Tu morres. O que é teu morre./ Os clãs morrem./ A única coisa que vive, como sabemos,/São os feitos gloriosos dos que morreram."

41 N.T. – **Tqıu Ézuq OÁÇç**
Ou "Monte Lenine", é uma área elevada sobre o rio Moscovo, no sudoeste da capital. Depois da queda do regime soviético, recuperou a sua designação original, **g ÁÇÁnçqáç OÁÇç** ("Monte das Andorinhas").

42 N.T. – Izvestia
A sede deste jornal russo bem conhecido fica perto da Praça Pushkin, nas redondezas da estação de Pushkinskaya.

43 N.T. – O canto do ícone
Também conhecido por "canto bonito", é, no culto ortodoxo eslavo, um dos locais mais importantes da casa, onde são colocados os ícones domésticos. É aí que o crente faz as suas orações, à luz de uma lamparina ou de um círio.

DU STIRBST

– E será enforcado! – sentenciou o comandante. Os aplausos explodiram, atormentando-lhe sem dó os ouvidos.

Artyom levantou a cabeça com dificuldade e olhou em redor. Só conseguia abrir um dos olhos porque o outro estava completamente inchado – os interrogadores tinham-no torturado com o máximo empenho. Além disso, também ouvia com dificuldade e os sons pareciam chegar-lhe através de uma camada densa de algodão. Parecia ainda ter os dentes no lugar. Mas, também, para que precisava ele de dentes, agora?

O mármore era quase branco, como habitualmente. E a sua palidez até lhe arrepiava os dentes. Do tecto pendiam lustres de ferro maciço que em tempos deviam ter tido luz eléctrica. Agora, a luz provinha de velas feitas de gordura de porco e o tecto, por cima, estava completamente negro. Em toda a estação só havia dois desses lustres acesos, um na extremidade, onde havia uma escadaria muito larga, e o outro no meio do átrio, no local onde Artyom se encontrava de pé, nos degraus da ponte que ligava a plataforma a uma passagem lateral, que dava para outra linha do Metro.

Graças às arcadas semi-circulares e às colunas em que mal se reparava, o espaço parecia enorme. Que tipo de estação era esta?

– Será executado amanhã, às cinco horas da madrugada, na estação de Tverskaya – especificou o homem gordo que estava ao lado do comandante.

Tal como o seu superior, este também envergava, em vez do camuflado verde, um uniforme preto com botões amarelos luzidios. Ambos tinham boinas pretas que, no entanto, não eram tão grandes nem tão mal acabadas como as que usavam os soldados que estavam no túnel.

Pelas paredes havia um grande número de águias e de suásticas, mas com três braços, além de palavras de ordem e de lemas cuidadosamente desenhados em letras góticas. Esforçando-se por se concentrar apenas nas palavras, de contornos às vezes indistintos, Artyom conseguia ler: “O Metro

é para os russos!", "Pretos para a superfície!" e "Morte aos comedores de ratos!". Também havia outras, de conteúdo mais abstracto: "Marchemos para a última batalha pela grandeza do espírito russo!", "Pelo fogo e pela espada estabeleceremos a verdadeira ordem russa!" E também havia uma citação atribuída a Hitler: "Mente sã em corpo são!" Uma frase, em especial, causou-lhe uma certa impressão. Servia de legenda ao desenho, muito bem feito, de um soldado de ar corajoso, de queixo bem saliente, ao lado de uma mulher de ar resoluto. Tinham sido desenhados de perfil e, com esse artifício, o homem parecia proteger a mulher. Dizia a legenda: "Cada homem é um soldado e cada mulher é mãe de um soldado!" Todas estas inscrições e desenhos haviam conseguido captar mais a atenção de Artyom do que as palavras do comandante.

Mesmo diante de si, do outro lado do cordão, agitava-se a multidão inquieta. Não vira muitas pessoas na estação e todas elas estavam vestidas de maneira indistinta, com blusões acolchoados e sobretudos gordurosos. Não se via uma única mulher e, se isso reflectia a realidade, dificilmente haveria um maior número de soldados no futuro. Artyom deixou cair a cabeça para o peito – já não tinha forças para a manter direita, e se não fossem os dois soldados de ombros largos e boinas que o seguravam por baixo dos braços, até teria caído para o chão.

Artyom sentiu-se mais uma vez a desmaiar e com a cabeça à roda e não conseguiu dizer nada irónico. Esperava que, neste momento, o abrissem e o voltassem do avesso, diante desta gente toda. E começou, ao mesmo tempo, a sentir-se dominado por uma indiferença estúpida quanto ao que lhe iria acontecer. O interesse que mantinha pelo que o rodeava estava a dissipar-se, como se não fosse a ele que tudo estava a acontecer e como se estivesse, apenas, a ler um livro sobre o assunto. O destino do principal protagonista provocava-lhe algum interesse, claro, mas quanto mais depressa ele morresse, mais depressa Artyom poderia ir buscar outro livro à estante, de preferência com um final feliz.

De início, tinha sido espancado com cuidado e com minúcia por homens pacientes e fortes enquanto os outros lhe faziam perguntas inteligentes e judiciosas. O compartimento, tal como era de esperar, estava pavimentado com azulejos de um amarelo que o perturbava e que facilitavam a tarefa de

lavar o sangue derramado. Mas o cheiro é que não podia ser lavado.

Para começar, haviam-no ensinado a tratar por "comandante" o homem magro, de cabelo louro e liso e feições delicadas, que dirigia o interrogatório. Depois, ensinaram-no a não fazer perguntas e a responder às que lhe fossem feitas. E, finalmente, ensinaram-lhe a responder com exactidão e sem rodeios. Artyom não conseguia perceber como é que ainda tinha dentes, pois sentia alguns deles a abanar perigosamente e o sabor permanente a sangue enchia-lhe a boca. De início, tentou justificar a sua atitude, mas rapidamente lhe explicaram que não valia a pena. A seguir, tentou manter-se em silêncio, mas depressa foi convencido de que isso também não era o mais correcto. E, além disso, era doloroso. É uma sensação estranha ter um homem forte a espancar-nos a cabeça – não é só a dor, é também a espécie de furacão que se forma no interior, que varre todos os pensamentos da nossa mente e que estilhaça todos os sentimentos. A verdadeira tortura só depois é que começa.

Passado algum tempo, Artyom percebeu o que devia fazer. Era simples: devia apenas gerir as expectativas do comandante da melhor maneira que podia. Se o comandante perguntava se Artyom fora mandado por Kuznetsky Most, devia corroborá-lo com um aceno de cabeça. Custava-lhe menos, o comandante não franzia o nariz eslavo perante a resposta e os seus assistentes não lhe batiam. O comandante partiu do princípio de que Artyom fora enviado com o objectivo de reunir informações de âmbito militar e de efectuar uma acção de sabotagem. Artyom voltou a dizer que sim, com novo aceno de cabeça, e o seu torturador esfregou as mãos de contente e o jovem conseguiu poupar o outro olho. Mas acenar com a cabeça não chegava. Devia ouvir com a máxima atenção o que o comandante lhe perguntava porque se dissesse que sim, sem lhe prestar atenção, a disposição deles piorava e um dos ajudantes do comandante poderia, por exemplo, tentar partir-lhe uma costela. Depois de cerca de hora e meia desta conversa sem pressas, Artyom deixou de sentir o corpo, deixou de ver bem, mal ouvia e menos ainda compreendia o que estava a passar-se. Perdeu a consciência várias vezes mas, por meio de água gelada e amoníaco, obrigavam-no sempre a voltar a si. A conversa deve ter sido muito interessante.

No fim, a ideia que formaram a seu respeito era completamente falsa. Viram nele um espião inimigo e um sabotador, que ali fora com o propósito de apunhalar o Quarto **c qut** pelas costas para depois decapitar a sua liderança, lançar as sementes do caos e preparar o terreno para o ataque à estação. O seu objectivo último era a instauração de um regime caucasiano-sionista anti-nacional em toda a rede do Metro. Embora Artyom percebesse pouco de política, em geral, um objectivo global desta natureza pareceu-lhe bem e, por isso, disse-lhes que era verdade. E ainda bem que esteve de acordo. Porque foi graças a essa atitude que pôde conservar todos os seus dentes. Quando todos os pormenores da conspiração ficaram apurados, deixaram-no desmaiar.

Quando voltou a abrir o olho, já o comandante estava a ler a sua sentença. Mal as formalidades acabaram de ser cumpridas, a data da sua partida deste mundo foi anunciada ao público presente e cobriram-lhe a cabeça e o rosto com um capuz negro, o que piorou ainda mais a sua capacidade de ver. Nesse momento, além de não ver, Artyom sentiu-se ainda mais entontecido. Não conseguiu aguentar-se em pé mais do que um minuto e deixou de se debater quando um espasmo lhe percorreu o corpo, vomitando directamente para as próprias botas.

O guarda deu um passo atrás, por precaução, e o público agitou-se, indignado. Artyom ainda se sentiu envergonhado, por instantes, mas a cabeça começou a andar à roda e os joelhos deram de si.

Um braço forte segurou-lhe o queixo e Artyom ouviu uma voz conhecida, que parecia ter saído de um sonho:

– Vamos. Vem comigo, Artyom! Já acabou. Levanta-te! – disse a voz. Mas Artyom não conseguiu arranjar forças para se pôr de pé nem para levantar a cabeça.

Estava tudo escuro, talvez por causa do capuz. Mas como é que poderia tirá-lo se as mãos estavam amarradas atrás das costas? E tirá-lo era essencial! Para ver se aquele homem era quem ele pensava ou se estava apenas a imaginar que a ouvia.

– O capuz... – disse, com dificuldade, esperando que o outro percebesse.

O véu negro desapareceu e Artyom viu, à sua frente, o Caçador. Não mudara, desde o momento em que estivera a falar com ele em VDNKh.

Tinha sido pouco tempo antes... mas parecia ter sido há uma eternidade. E como é que ele ali chegara? Artyom mexeu a cabeça com dificuldade e olhou em redor. Encontrava-se na plataforma da mesma estação onde lhe tinham lido a sentença. Havia corpos espalhados por todo o lado e só algumas velas é que continuavam acesas no lustre. O outro lustre estava destruído. O Caçador tinha na mão direita a mesma pistola que tanto intrigara Artyom na última vez, por parecer tão grande devido ao comprido silenciador aplicado ao cano e à sua destacada mira laser. Uma Stechkin. O Caçador estava a olhar para ele, com muita atenção e alguma ansiedade.

– Está tudo bem contigo? – perguntou. – Consegues andar?

– Sim. Possivelmente. – Artyom chamou a si toda a sua coragem mas havia outra coisa que lhe interessava mais. – Está vivo? Conseguiu o queria?

– Como podes ver – respondeu o Caçador, com um sorriso fatigado. – Agradeço a tua ajuda.

– Mas eu não completei a minha tarefa – objectou Artyom, abanando a cabeça, que sentia a arder e onde se misturavam a dor e a vergonha.

– Fizeste tudo o que pudeste fazer – sossegou-o o Caçador, dando-lhe uma palmada amigável no ombro.

– E como vão lá as coisas? Em VDNKh?

– Está tudo bem, Artyom. Já passou tudo. Eu consegui que destruíssem a entrada e agora os pretos já não poderão entrar no Metro. Estamos a salvo. Vamos embora!

– Que aconteceu aqui? – Artyom olhou em redor e contemplou, horrorizado, os cadáveres que se amontoavam no átrio, reparando que, além da sua voz e da do Caçador, mais nada se ouvia.

– Não interessa. – O Caçador fitou-o com um olhar firme. – Não deves preocupar-te com isto. – Curvando-se, levantou a mochila do chão. Junto à mochila estava uma metralhadora do Exército, ainda fumegante. O cinto de munições estava quase vazio.

O Caçador começou a andar e Artyom tentou acompanhá-lo. Olhando para um lado e para o outro, viu algo em que ainda não reparara: havia várias figuras escuras penduradas da ponte onde a sentença lhe fora lida.

Sem falar, o Caçador continuou a andar em passos largos, como se se tivesse esquecido de que Artyom mal se podia mexer. E, por mais que

Artyom se esforçasse, a distância entre ambos estava sempre a aumentar e o jovem começou a recear que o Caçador desaparecesse, deixando-o nesta horrível estação, coberta de sangue escorregadio e ainda quente, onde os habitantes não passavam de cadáveres. "Mereço isto, realmente?", pensou Artyom. "A minha vida é mais importante do que as vidas destas pessoas todas?" Não, mas o certo é que se sentia satisfeito por ter sido salvo. Mas essas pessoas – caídas ao acaso no chão de granito da plataforma e nos carris, ao lado umas das outras como se fossem sacos ou trapos, para sempre paralisadas nas poses em que as balas do Caçador as haviam atingido – não tinham morrido para que ele pudesse viver? O Caçador concretizara a troca com uma facilidade tão grande, como se tudo fosse um jogo de xadrez em que tivesse sacrificado algumas peças menores para proteger uma das mais importantes... O Caçador era apenas um jogador, o Metro era um tabuleiro de xadrez e as peças eram todas dele porque ele estava a jogar consigo próprio. Mas a pergunta era esta: Artyom era uma peça tão importante neste jogo que todas as pessoas tinham de morrer para ele sobreviver? Sendo assim, o sangue que escorria pelo frio chão de granito também correria nas suas veias. Era como se ele o tivesse bebido, extraindo-o dos outros para poder existir. Agora nunca mais conseguiria sentir-se aquecido...

Com esforço, Artyom deu uma pequena corrida para se aproximar do Caçador e perguntar-lhe se voltaria a sentir-se quente ou se, mesmo no meio dos mais encarniçados tiroteios, ficaria assim frio e melancólico, como uma noite gelada de Inverno numa estação distante e sem importância.

Mas o Caçador já ia longe. E foi talvez por Artyom não o conseguir acompanhar que o Caçador desceu para os carros e penetrou, apressadamente, no túnel, com a agilidade de um animal. Com movimentos que pareceram a Artyom ser os de um... cão? Não, de um rato... Oh, meu Deus.

– Caçador, o senhor é um rato? – A terrível ideia saltou da boca de Artyom e o jovem sentiu-se aterrorizado pelo que acabou de dizer.

– Não – ouviu, em resposta. – O rato és tu. O rato és tu! E cobarde! És um rato cobarde! – repetiu a voz, mesmo por cima dos seus ouvidos, com uma cuspidela.

Artyom abanou a cabeça mas imediatamente se arrependeu de o ter feito. Agora, graças aos movimentos frenéticos que fizera, a dor brutal que lhe entorpecia o corpo explodiu. Perdeu o controlo das pernas e começou a cair, acabando por ficar imóvel, com a testa fervente apoiada numa superfície fria e metálica. A superfície era irregular e exercia uma pressão desagradável sobre a sua pele embora lhe arrefecesse a carne inflamada e Artyom deixou-se ficar durante algum tempo nesta posição, sem ter forças para decidir de outro modo. Recuperou o fôlego e tentou abrir o olho esquerdo.

Estava sentado no chão com a testa encostada a uma grade que subia à altura do tecto, preenchendo o espaço de um lado e do outro do arco mais alto e do mais baixo. Ficara voltado para o átrio, vendo os caminhos que se abriam para lá da grade. Do outro lado, e tanto quanto conseguia ver, todas as restantes arcadas tinham sido também transformadas em celas e havia pessoas sentadas em cada uma delas.

A estação, aqui, era exactamente o oposto da estação onde fora condenado à morte. Essa tinha linhas elegantes, era luminosa, arejada e espaçosa e feita de colunas transparentes e arcadas altas e largas, apesar da iluminação exígua e das inscrições e dos desenhos que cobriam as paredes. Era como uma sala de banquetes comparada com esta. Aqui era tudo opressivo e assustador. O tecto era baixo e abobadado como os dos túneis. Não chegava a ter o dobro da altura de um homem. E as colunas eram grandes e grosseiras, cada uma delas mais larga do que os arcos entre elas. O tecto das arcadas estava tão próximo do chão que ele até podia erguer-se e tocar-lhe se não se desse o facto de as suas mãos estarem atadas com cabos atrás das costas.

Na diminuta cela, além de Artyom, encontravam-se mais dois prisioneiros. Um estava no chão, com o rosto enfiado num monte de trapos, e gemia, com voz enrouquecida. O outro tinha olhos pretos e cabelo castanho e não se barbeava há algum tempo. Estava sentado com as costas apoiadas à parede de mármore, observando-o com grande curiosidade. Do lado de fora das celas, havia dois homens a patrulharem o local, vestidos com camuflados e boinas, um dos quais levava um cão pela trela, ralhando-lhe de vez em quando. E talvez tivessem sido eles a acordá-lo.

E ele estivera a sonhar. Tudo aquilo fora um sonho. Tudo.

E iam enforcá-lo.

– Que horas são? – perguntou, num murmúrio, mexendo com dificuldade a língua inflamada e olhando de lado para o homem de olhos negros.

– Nove e meia – respondeu o homem, de bom grado, pronunciando as palavras com o mesmo sotaque ouvido por Artyom em Kitay-Gorod: o "o" soava como um "a" e o "ei" transformava-se em "ai". – Da noite – acrescentou.

Nove e meia. Faltavam duas horas e meia para a meia-noite e, aí, já só faltariam cinco horas até... até ao procedimento. Sete horas e meia. E enquanto ele estava a pensar e a fazer contas o tempo ia voando.

Artyom tentara, uma vez, imaginar o que uma pessoa sentiria e pensaria na iminência de morrer, na véspera da sua execução. Medo? Ódio pelos seus carrascos? Arrependimento?

Mas, no seu íntimo, Artyom sentia-se vazio. O coração batia-lhe com força no peito, sentia a pulsação nas têmporas e o sangue enchia-lhe a boca até ele o engolir. O sabor do sangue parecia ser o do metal ferrugento. Ou seria o metal, especialmente quando molhado, a saber a sangue acabado de derramar?

Iam enforcá-lo. Iam matá-lo.

Ele deixaria de existir.

Não conseguia imaginar como seria nem, tão pouco, aceitá-lo.

Toda a gente sabe que a morte é inevitável. A morte fazia parte do quotidiano do Metro. Mas todas as pessoas pensam que não lhes acontecerá nenhum infortúnio, que as balas as evitarão e que a doença as contornará. A morte por velhice é uma coisa lenta e não vale a pena pensar nela. Não se pode viver quando se está sempre a pensar na própria mortalidade. É necessário esquecê-la e, apesar de esses pensamentos irromperem com frequência, é necessário afastá-los e sufocá-los ou, de outro modo, criam raízes na consciência e tornam a vida miserável. Não se pode pensar que se morrerá. Ou, então, cai-se na loucura. Só há uma coisa que pode salvar um homem da loucura e essa coisa é a incerteza. A vida de alguém que tenha sido condenado à morte é diferente da vida de uma pessoa normal, pelo menos de uma maneira: a primeira sabe exactamente quando vai morrer e a outra ignora esse aspecto da sua vida e, por isso, tenderá a ter sempre a

impressão de que pode viver eternamente, embora possa vir a morrer num acontecimento catastrófico logo no dia seguinte. A morte, só por si, não assusta. O que assusta é estar à espera dela.

Durante sete horas, ainda.

Como é que o fariam? Artyom não conseguia imaginar como as pessoas eram enforcadas. Em tempos, em VDNKh, tiveram de executar um traidor, mas Artyom ainda era muito jovem e pouco compreendia do que se passava e, de qualquer modo, não se faziam execuções públicas na sua estação. Aqui, provavelmente, rodear-lhe-iam o pescoço com uma corda... ou prendê-lo-iam ao tecto... ou assentar-lhe-iam os pés num banco... Não aguentou pensar nisso.

Sentiu sede.

Com esforço, mudou de linha e o comboio dos seus pensamentos passou para outros carris – para a recordação do oficial que matara. Foi a primeira pessoa que matara na sua vida. Reviveu novamente a cena, tal como a viu: as balas invisíveis que lhe perfuraram o peito largo e como haviam deixado marcas negras, de queimaduras, onde o sangue começou a coagular-se. Não sentiu o mais ligeiro arrependimento pelo que fizera e isso surpreendeu-o. Em tempos, pensara que cada pessoa morta seria um fardo pesado na consciência da pessoa que a matara – que iriam aparecer-lhe nos sonhos, perturbar-lhe a velhice... Mas não. Não parecia ser assim. Não havia pesar. Não havia arrependimento. Só uma satisfação sombria. E Artyom compreendeu que, se a pessoa assassinada lhe aparecesse num pesadelo, ele conseguiria voltar as costas ao fantasma, que acabaria por desaparecer sem deixar vestígios. Quanto à velhice... Bem, já não iria tê-la.

O tempo fugia-lhe. A execução envolveria, possivelmente, um banco para assentar os pés. Quando há tão pouco tempo, é preciso pensar em qualquer coisa importante em que não tivesse havido tempo para pensar, antes disso, porque se estava sempre a adiar... E no facto de a vida não ter sido vivida como devia e que ela seria diferente se houvesse uma segunda oportunidade... Mas não. Ele nunca poderia ter tido outra vida neste mundo e nada havia que ele quisesse tentar refazer. Quando o guarda fronteiriço disparou contra a cabeça de Vanechka, deveria não ter recorrido à sua metralhadora e, não a utilizando, manter-se à margem? Não teria sido

possível – nunca mais conseguiria expulsar Vanechka e Mikhail Porfirievich dos seus sonhos. E que teria acontecido ao idoso? Raios, como precisava de beber água.

Primeiro, viriam tirá-lo da cela... E, se tivesse sorte, levá-lo-iam pela passagem entre as plataformas mas, também, já não haveria muito tempo para isso. E se não lhe pusessem o raio do capuz na cabeça, ele conseguiria ver alguma coisa, além das grades e da interminável fila de celas.

– De que estação és? – perguntou Artyom ao seu companheiro de cela, por entre os lábios secos, afastando-se da grade e levantando a cabeça, para lhe ver os olhos.

– Tverskaya – respondeu o homem. – E tu estás aqui porquê, irmão? – perguntou depois.

– Matei um oficial – respondeu Artyom, lentamente. Era-lhe doloroso falar.

– Oh... – comentou, simpaticamente, o homem da barba por fazer. – Portanto vão enforcar-te?

Artyom encolheu os ombros e voltou-se, outra vez, para se apoiar à grade.

– Claro que vão – asseverou-lhe o seu companheiro de cela.

Vão. E muito em breve. Aqui nesta estação, sem o transferirem para outra.

Mas se conseguisse, ao menos, beber água... Lavar o gosto metálico que tinha na boca e humedecer a língua. Então já conseguiria falar mais com o homem. Na jaula onde se encontrava, no entanto, não havia água embora, no extremo oposto, houvesse um balde de lata fétido. E se pedisse água aos seus carcereiros? Talvez fizessem pequenas atenções aos condenados à morte. Se conseguisse enfiar a mão pelas grades e acenar. Mas as mãos continuavam atadas atrás das costas e o cabo que as prendia enterrava-se nos seus pulsos e, já não sentindo as mãos. Tentou gritar mas só produziu um ruído seco, que rapidamente se transformou numa tosse que vinha do fundo dos seus pulmões.

Os dois guardas aproximaram-se quando perceberam os esforços que ele estava a fazer para lhes chamar a atenção.

– O rato já acordou – disse o do cão, com um sorriso.

Artyom levantou muito a cabeça para ver o rosto do homem e sussurrou, com dificuldade:

– Beber. Água.

– Beber?! – O guarda que tinha o cão fingiu mostrar-se surpreendido. – Para quê? Vais ser pendurado não tarda e só queres beber?! Mas não te vamos dar água nenhuma. Talvez assim morras mais depressa.

O assunto ficou resolvido e Artyom fechou os olhos, exausto. Mas os carcereiros pareciam querer continuar a falar com ele.

– Portanto, canalha, agora já percebeste contra quem ergueste o punho? – perguntou o outro guarda. – E até és russo, rato! É por causa desses idiotas que estão prontos a apunhalar-nos com a nossa própria faca... – Acenou a cabeça para o vizinho de Artyom. – O Metro vai ficar cheio deles, em breve, e o cidadão russo vai deixar de ter espaço para respirar.

O preso da barba por fazer baixou a cabeça. Artyom só conseguiu arranjar forças para encolher os ombros.

– E mataram bem morto o cão que tu trazias – acrescentou o primeiro guarda. – Sidorov disse que o túnel era um mar de sangue. E foi bem feito. Sub-humanos! Têm de ser destruídos. Eles dão cabo do nosso... banco de genes! – O guarda teve dificuldade em lembrar-se da expressão. – Eles dão cabo de tudo. E o teu velho também morreu – acrescentou.

– O quê?! – exclamou Artyom, num soluço. Receara-o, mas sempre na esperança de que talvez o idoso tivesse sobrevivido, que estivesse nalgum lado, talvez mesmo numa cela vizinha.

– É verdade. Ainda tentaram ajeitá-lo mas ele não se aguentou e esticou o pernil – disse, alegremente, o guarda com o cão, satisfeito por ver Artyom reagir ao que diziam.

"Tu morrerás... O que te pertence desaparecerá. Todos os que te são próximos morrerão..." – Artyom viu, na sua mente, Mikhail Porfirievich a parar, despreocupado, no meio do túnel, a folhear o bloco-de-notas e a repetir, emocionado, a última linha: **óLqÇe ÁÓı e mÓı ÇÚº** ". Não, o poeta enganara-se. Já não havia actos de glória. Já nada restava.

Lembrou-se, depois, das saudades que Mikhail Porfirievich tinha do seu antigo apartamento e, em especial, da sua antiga cama. O pensamento de Artyom começou a ficar mais denso e mais lento e acabou por parar. O jovem voltou a apoiar a cabeça na grade e, com a mente já entorpecida, observou a manga do carcereiro. A suástica dos três braços. Que símbolo

mais estranho. Como uma estrela ou uma aranha aleijada.

– Só três braços porquê? – perguntou. – Porquê?

Teve de acenar com a cabeça para a braçadeira do homem para os carcereiros perceberem o que queria dizer.

– Bem, quantos são necessários? – contrapôs o do cão, indignado. – Só há três estações, idiota. É um símbolo de união. E é só esperar. Quando chegarmos à Pólis, já lhe acrescentaremos um quarto...

– Que estás tu a dizer? – interrompeu-o o outro guarda. – Isto é um símbolo antigo, um símbolo eslavo primitivo! É um solstício. Era dos Fritz e nós ficámos com ele. Estações!... Parvalhão!

– Mas já não há sol... – objectou Artyom, obrigando as palavras a saírem-lhe da boca, confundido pelo véu lamacento que lhe cobria os olhos e que lhe engolia a audição.

– É isso, o tipo enlouqueceu – anunciou, agradado, o guarda com o cão. – Vamos ver se encontramos outro com quem possamos conversar, Senya.

Artyom não percebeu quanto tempo passou enquanto ficou ali sentado, roubado dos pensamentos e da visão. Houve momentos em que recuperou a consciência e em que se apercebeu de imagens vagas. Mas estava tudo saturado com o gosto e o cheiro do sangue. A certa altura, no entanto, até se sentiu satisfeito por o corpo se ter apiedado da mente dele e ter suprimido todos os pensamentos e foi desse modo que a sua razão se afastou da melancolia.

– Eh, irmão! – O seu companheiro de cela sacudiu-o pelo ombro. – Não durmas. Estás a dormir há muito tempo! São quase quatro horas!

Artyom tentou libertar-se do abismo da sua inconsciência e regressar à superfície mas era-lhe difícil consegui-lo, como se tivesse os pés atados a pesos de chumbo. A realidade voltou a apossar-se dele, como se fosse um rolo de fotografias imerso no líquido de revelação, cujas imagens estivessem agora a ganhar contornos mais visíveis.

– Que horas são? – grunhiu.

– Faltam dez para as quatro – respondeu o homem de olhos negros.

Dez para as quatro. Deviam vir buscá-lo daqui a uns quarenta minutos. E dentro de uma hora e dez minutos... Uma hora e nove minutos. Uma hora e oito minutos. Sete minutos.

– Como te chamas? – perguntou-lhe o companheiro de cela.

–Artyom.

– Chamo-me Ruslan. O meu irmão chamava-se Ahmed e mataram-no logo. Mas não sei o que vão fazer-me. O meu nome é russo... talvez não queiram cometer um erro. – O homem de olhos negros estava visivelmente feliz por ter conseguido ter uma pessoa com quem conversar.

– De onde és?

Nada disso interessava a Artyom mas a conversa do seu vizinho de barba por fazer ajudava-o a ter o pensamento ocupado. E já nem lhe interessava com quê. Não queria era pensar em VDNKh. Não queria pensar na missão que lhe tinha sido confiada. Não queria pensar no que estava a acontecer no Metro. Não queria. Não queria!

– Eu sou de Kievskaya. Conheces? Chamamos-lhe "a Kievskaya soalheira"... – Ruslan sorriu, mostrando os dentes brancos. – Há lá muita gente do meu povo. Tenho uma mulher e três filhos. O mais velho tem seis dedos nas mãos! – acrescentou, cheio de orgulho.

... Qualquer coisa para beber. Só para um gole. Mesmo que fosse água tépida nem se importaria. Ou que não tivesse sido filtrada. Uma água qualquer. Só um gole. E ficar outra vez esquecido até os carcereiros o virem buscar. Queria que o pensamento ficasse de novo vazio e não ocupado com coisas que não lhe interessavam. Queria que a cabeça deixasse de rodopiar, de lhe fazer comichão, de impedir os seus pensamentos de lhe dizerem que ele havia cometido um erro. Ele tinha tido o direito de fazer o que fez. Devia ter-se ido embora. Voltado as costas. Tapado os olhos. Seguido em frente. De Pushkinskaya até Chekhovskaya. E daí seria só uma mudança. Tão fácil. Só uma mudança e tudo teria sido feito e a sua tua tarefa ficaria terminada. E ele estaria vivo.

Qualquer coisa para beber... As mãos já estavam tão dormentes que nem as sentia.

É tão fácil as pessoas morrerem quando acreditam em alguma coisa! É o que acontece aos que acreditam que a morte não é o fim de tudo. Daqueles em cujos olhos o mundo se divide em preto e branco, que sabem com precisão o que precisam de fazer e porquê, que empunham o archote de uma ideia ou de fé que ilumina tudo aquilo que vêem. Os que não duvidam de

nada e não se arrependem de nada. Para esses, o tempo que antecede a morte é fácil. E morrem com um sorriso nos lábios.

– Já tivemos fruta deste tamanho! E as flores, que eram tão bonitas! Eu dei-as à rapariga, sem levar dinheiro, e ela ofereceu-me um sorriso... – As palavras chegaram aos ouvidos de Artyom mas já não conseguiram distraí-lo.

Já se ouviam passos vindos das profundezas do corredor. Aproximavam-se várias pessoas e o coração de Artyom encolheu e transformou-se num pequeno tumor nervoso. Já o vinham buscar? Tão cedo! Pensara que quarenta minutos demorassem mais tempo a passar... Ou fora só para lhe dar alguma esperança que este seu maldito vizinho lhe tinha dito que ele dispunha de mais tempo do que realmente dispunha? Não, não podia ser...

Três pares de botas pararam à frente da sua jaula. Dois deles tinham calças militares enfiadas nos canos das botas e o terceiro tinha calças pretas. A fechadura rangeu e Artyom mal teve tempo de se endireitar para não cair quando se abriu a grade, a que se apoiara.

– Peguem nele – disse um dos recém-chegados.

Artyom foi levantado por mãos fortes que se lhe introduziram por debaixo dos braços e levantado até ao tecto.

– Fica bem! – lançou-lhe Ruslan, em jeito de despedida.

Diante dele estavam dois artilheiros que não eram os guardas que tinham falado com ele. Mas estes também apresentavam o mesmo aspecto indiferente. Um terceiro homem, de bigode eriçado e olhos azuis claros, tinha um uniforme preto e uma pequena boina. "Sigam-me", ordenou e os homens arrastaram Artyom para o outro extremo da plataforma. O jovem tentou caminhar sozinho. Não queria que o arrastassem como se fosse um boneco inútil. Se ia ser obrigado a despedir-se da vida, queria fazê-lo com dignidade. Mas as pernas não lhe obedeceram, deram de si e ele não conseguiu fazer mais do que deixá-las ficar desajeitadamente assentes no chão, dificultando-lhe todos os movimentos e levando o homem do uniforme preto a olhar para ele com severidade.

As várias celas não iam até ao fundo do corredor. A fila era interrompida a meio, onde se situavam as escadas rolantes que davam para o nível inferior. Aí ardiam archotes que faziam reflectir uma luz avermelhada nos tectos. E

também se ouviam gritos de dor. Artyom lembrou-se, de repente, do mundo das trevas e sentiu algum alívio ao perceber que não era para aí que o levavam. Da última cela, alguém lhe gritou: "Adeus, meu amigo!" Mas Artyom não lhe prestou atenção. A única coisa que conseguia ver à sua frente era um copo com água.

Junto à parede, do outro lado, havia um posto de observação com guardas, uma mesa grosseiramente improvisada com duas cadeiras e o símbolo de proibição de entrada das pessoas de pele escura. Artyom não viu forcas em lado nenhum e, por instantes, teve a extraordinária esperança de que só o tinham querido assustar e que na realidade não o levavam para ser enforcado mas para a saída da estação, para ele se ir embora sem os outros verem.

O homem do bigode, que ia à frente, voltou-se na última arcada, de frente para as linhas, e Artyom ainda acreditou com maior fervor na fantasia que lhe permitiria escapar-se...

Nos carris encontrava-se uma pequena plataforma com rodas, disposta de tal modo que ficava ao nível do pavimento da estação. Aí estava de pé um homem entroncado com um uniforme militar, a examinar uma corda que pendia de um gancho aparafusado no tecto. A única diferença entre ele e os outros era o facto de as mangas arregaçadas revelarem antebraços poderosos e ter um gorro enfiado na cabeça com buracos para os olhos.

– Está tudo a postos? – perguntou o homem do uniforme preto. O carrasco acenou afirmativamente com a cabeça e fez uma pausa. – Eu não gosto desta construção – acrescentou. – Não podíamos usar o velho banco?! Era só... zás! – Deu um murro na palma da outra mão. – E partia-se-lhe o pescoço! Mas com esta coisa... Quando estiver a asfixiar vai remexer-se como uma minhoca num anzol. E quando asfixiam há tanta coisa que limpar depois... Até parece que deitam fora as tripas...

– Já chega! – disse o homem do uniforme preto. E, puxando o carrasco de lado, silvou-lhe qualquer coisa furiosamente.

Mal viram o superior afastar-se, os dois soldados apressaram-se a retomar a conversa interrompida.

– E então? – perguntou, impaciente, o da esquerda.

– Então... – respondeu o outro, num sussurro que se ouvia bem –,

empurrei-a contra a coluna e enfiei-lhe a mão pela saia e ela amoleceu logo e disse-me... – Mas não conseguiu terminar porque, entretanto, regressou o oficial.

– ... Interessa pouco que seja russo! Cometeu uma transgressão!... É um traidor, um vira-casacas, um degenerado! E os traidores devem ser dolorosamente punidos! – ia dizendo para o carrasco, encorajando-o.

Desataram as mãos a Artyom e tiraram-lhe o blusão e a camisola e o jovem ficou só com a camisola interior. Depois arrancaram-lhe do pescoço o cartucho de bala que o Caçador lhe dera.

– É um talismã? – perguntou o carrasco. – Vou pô-lo no teu bolso, que ainda te pode ser útil.

A voz não revelava maldade e era até curiosamente reconfortante.

Depois de lhe atarem outra vez as mãos atrás das costas, empurraram Artyom para o cadafalso. Os soldados permaneceram na plataforma por já não serem necessários. E Artyom percebeu que na realidade não conseguiria escapar-se, até porque a pouca força que ainda tinha era-lhe necessária para se manter em pé, enquanto o carrasco lhe punha o baraço em redor do pescoço. Manter-se em pé, não cair e não fazer barulho. E qualquer coisa para beber. Era só nisso que conseguia pensar. Água. Água!

– Água... – rouquejou.

– Água? – O carrasco levantou as mãos, decepcionado. – Onde é que eu te vou arranjar água? Não é possível, meu caro, já estamos atrasados... Sê paciente, agora, que já não falta muito...

O carrasco saltou para a linha, com um ruído seco, e cuspiu para as mãos antes de pegar na corda atada ao cadafalso. Os soldados estavam bem aprumados e o comandante pusera, até, um olhar solene e cheio de significado.

– Como espião inimigo, que traiu maldosamente o seu povo... – começou o comandante.

Na cabeça de Artyom dançaram fragmentos e imagens que pareciam gritar: “Espera, é demasiado cedo, ainda não consegui fazer o que tinha de fazer”. E depois apareceu-lhe diante dos olhos o rosto austero do Caçador, desaparecendo de imediato no crepúsculo avermelhado da estação, seguindo-se-lhe o rosto terno de Sukhoi, que por sua vez também

desapareceu. E o de Mikhail Porfirievich... **LÚÓÇÍÓÇÍÓÇÍ

ferro se fechou em torno do seu pescoço era inquestionavelmente real, tal como a sensação de sentir o chão a fugir-lhe de debaixo dos pés e de ficar pendurado por cima dos carris.

– Pára de piscar os olhos, que vais ficar bem! – insistiu a primeira voz. – Tirámos-te da corda para poderes apreciar novamente a vida e estás a espojar-te no chão para quê?!

Alguém o abanou. Artyom entreabriu a medo um olho, fechando-o logo a seguir, tendo decidido que estaria, possivelmente, no meio do processo de morrer antes do tempo e a entrar na vida depois da morte.

Havia um ser curvado sobre ele, muito parecido com uma pessoa, mas de aspecto tão invulgar que o fez recordar-se das especulações de Khan sobre o destino das almas quando se separam dos seus corpos transitórios. A pele do ser que o observava era de um amarelo pálido, o que facilmente se via à luz da lanterna que os iluminava, e, em vez de olhos, tinha fendas estreitas como se o escultor que estivesse a esculpir uma pessoa a partir de um tronco de árvore tivesse dado o rosto quase por concluído sem, no entanto, se ter lembrado de lhe fazer os olhos, para ela poder ver o mundo. O rosto era redondo, com maçãs do rosto pronunciadas, e Artyom não se lembrava de alguma vez ter visto uma coisa assim.

– Não, isto assim não dá – declarou outro que estava um pouco mais acima, numa voz decidida, atirando-lhe água para o rosto.

Artyom sorveu a água convulsivamente, estendendo as mãos para a garrafa. De início, manteve-se agarrado ao gargalo e só depois é que se pôs de pé e olhou em redor.

Estava a ser apressadamente transportado por um túnel escuro e a uma velocidade de entontecer, num vagão que não devia ter menos de dois metros de comprimento. No ar cheirava a queimado e Artyom pensou, surpreendido, que o vagão devia estar cheio de petróleo. Além dele, encontravam-se mais quatro homens sentados no vagão, juntamente com um cão castanho, muito grande, com um forro de sobretudo preto no lombo. Um deles era o homem que o esbofeteara. Havia também um homem de barba com um boné com orelheiras, com uma estrela vermelha bordada no boné e no seu blusão acolchoado. A tiracolo tinha uma metralhadora igual ao "arado" que Artyom já tivera mas com uma baioneta

aparafusada ao cano. O terceiro era um homem cujo rosto Artyom não conseguiu ver de imediato mas que, quando o viu, o fez quase atirar-se do vagão: a pele era muito escura. Artyom observou-o melhor e acalmou-se. Não era um dos seres de pele muito escura como os que ameaçavam VDNKh. O tom de pele não era o mesmo dos deles e o rosto era humano e normal, com os lábios ligeiramente voltados para fora e um nariz achatado como o de um pugilista. O último tripulante do vagão era de aparência relativamente regular mas tinha um sorriso bonito e um queixo imponente, que o fez lembrar-se de um cartaz que vira em Pushkinskaya. Vestia um casaco de cabedal magnífico, atado com um cinto largo com duas fieiras de orifícios e um cinturão de oficial, de onde pendia um coldre de grandes proporções. Na retaguarda do vagão havia uma metralhadora **Lqs Óm Çç qá**[44] e uma bandeira vermelha desfraldada. Quando o foco de uma das lanternas caiu, por acaso, sobre a bandeira, Artyom viu que não se tratava verdadeiramente de uma bandeira mas de um tecido vermelho rasgado, onde figuravam o rosto, a vermelho e negro, de um homem de barba. Tudo isto parecia mais uma espécie de terrível delírio do que o salvamento milagroso que o Caçador lhe oferecera, na sua fantasia, quando irrompera, sem piedade, pela estação de Pushkinskaya.

– Ele já acordou! – disse o homem dos olhos estreitos. – Então, enforcado, o que é que fizeste?

O homem falava sem sotaque e a pronúncia não era muito diferente da de Artyom ou de Sukhoi. E era estranho ouvir uma fala russa pura provinda de um ser tão invulgar. Artyom não conseguiu libertar-se da sensação de que tudo isto era uma espécie de farsa e que o homem dos olhos estreitos estava apenas a mexer os lábios, enquanto o homem do casaco de cabedal falava por detrás dele.

– Eu... matei um dos oficiais deles – confessou Artyom, com relutância.

– Olha, ainda bem! É assim que gostamos! É o que eles merecem! – disse, entusiasmado, o homem das maçãs do rosto salientes, enquanto o seu companheiro de pele muito escura, que seguia sentado à frente, se voltava para Artyom, erguendo as sobrancelhas numa expressão de respeito. Artyom ficou a pensar que o outro se devia ter enganado nas palavras que usou.

– O que significa que o que fizemos não foi em vão – tornou o seu interlocutor, com um sorriso mais largo. O sotaque não tinha falhas e Artyom sentiu-se ainda mais confuso, sem saber o que pensar.

– Como te chamas, herói? – perguntou o homem elegante do casaco de cabedal. E Artyom apresentou-se. – Eu sou o camarada Rusakov. E este é o camarada Bonsai – acrescentou o seu interlocutor, apontando para o dos olhos estreitos. – É o camarada Maxim. – O homem da pele escura sorriu. – E este é o camarada Fiodor.

O cão foi apresentado no fim. Artyom não teria ficado surpreendido se o nome dele também fosse precedido por "camarada". Mas, afinal, era só **SmÇnÓçÚÂm**[45]. Artyom apertou-lhes as mãos, um a um: a mão forte e seca do camarada Rusakov, a palma firme e estreita do camarada Bonsai, a mão negra de Maxim, que parecia uma pá, e a mão carnuda do camarada Fiodor. Tentou, também, fixar os nomes deles e, em especial, o de **SmÇnÓçÚÂm**, que lhe pareceu o mais difícil de pronunciar. Mas, depois, percebeu que, entre eles, usavam nomes diferentes. O principal era tratado por "camarada comissário", o da pele escura por Maximka ou Lumumba, o dos olhos estreitos só por Bonsai e o da barba e das orelheiras por Tio Fiodor.

– Sê bem-vindo à I Brigada Vermelha Internacional de Combate Ernesto Che Guevara do Metropolitano de Moscovo! – proclamou o camarada Rusakov, em voz triunfante.

Artyom agradeceu-lhe e ficou silencioso, a olhar à sua volta. O nome que ouvira era muito longo e terminava em qualquer coisa que não lhe parecia muito clara. Durante algum tempo, a cor vermelha tinha causado em Artyom um efeito não muito diferente do que causava num touro e a palavra "brigada" era sempre associada às histórias de Zhenya sobre o mundo sem lei, dominado pelos **smsÉÓçÉ**, que parecia existir na região de Shabolovskaya. Acima de tudo, intrigava-o o rosto que aparecia no pano que se agitava no vento do túnel, e acabou por perguntar, timidamente:

– Quem é aquele que têm na vossa... bandeira? – A palavra "bandeira" foi escolhida no último segundo, substituindo "pano".

– Esse, meu irmão, é Che Guevara – explicou-lhe Bonsai.

– Que chéguevara ? – perguntou Artyom, compreendendo que fizera uma

tolice ao ver no olhar de Rusakov a fúria que o invadia e o sorriso de troça de Maximka.

– É o camarada... Ernesto... Che... Guevara – respondeu o camarada comissário, sublinhando bem cada palavra e cada sílaba. – O grande... revolucionário... cubano.

As palavras pareceram mais compreensíveis a Artyom, ditas assim, ao contrário do seu sentido. No entanto, resolveu abrir muito os olhos, mostrar-se entusiasmado e ficar calado. Afinal, estes homens tinham-lhe salvo a vida e enfurecê-los com a sua ignorância seria uma descortesia.

As costelas do Metro, de ferro soldado, estavam a passar por eles a uma velocidade extraordinária e, durante a conversa, já haviam passado por uma estação quase deserta para pararem no crepúsculo da entrada do túnel seguinte. Aqui, num desvio, havia um beco onde podiam ficar parados.

– Vamos ver se os suínos fascistas se atrevem a vir atrás de nós – disse o camarada Rusakov.

Impunha-se que falassem agora num tom de voz muito baixo, porque o camarada Rusakov e **S m ç n Ó ç Ú Â** já estavam à escuta, muito atentos aos sons que pudessem vir da escuridão.

– Porque é que o fizeram? Por que motivo me salvaram? – perguntou Artyom, tentando não se enganar nas palavras.

– Foi uma sortida planeada. Recebemos informações – respondeu Bonsai, com um sorriso enigmático.

– Sobre mim?! – inquiriu Artyom, na esperança de poder ver confirmadas as palavras que ouvira a Khan sobre a sua missão especial.

– Não, em geral – respondeu Bonsai, com um gesto vago. – Ouvimos dizer que estavam a preparar uma atrocidade qualquer. Por isso, o camarada comissário decidiu ir evitá-la. Além disso, é essa a nossa missão: incomodá-los constantemente.

– Deste lado não puseram barricadas, nem um archote capaz de iluminar o túnel, e só existem alguns postos de vigilância com pequenas fogueiras – acrescentou Maximka. – E desses tratámos de imediato. Infelizmente, tivemos de usar a metralhadora. Mas também tínhamos a bomba de fumo, as máscaras anti-gás e pegámos em ti, o nosso herói pátrio salvo das SS, e voltámos para trás.

O Tio Fiodor, silencioso e a fumar um cachimbo onde fumegava uma erva desconhecida que punha os olhos de Artyom quase a lacrimejar, disse, de repente:

– Pois sim, meu amigo, foi bom que te tivéssemos apanhado. Queres um gole? – E, tirando de uma caixa de ferro uma garrafa meio vazia com um líquido escuro, agitou-a e ofereceu-a a Artyom.

Era necessário ter uma grande coragem para aceitar mas Artyom bebeu um gole. O líquido pareceu-lhe lixa ao escorregar-lhe pela garganta, mas Artyom ficou com a impressão de que finalmente se abria o torno que o apertava há vinte e quatro horas.

– Portanto, são vermelhos? – perguntou, cautelosamente.

– Sim, irmão, somos comunistas! Revolucionários! – respondeu Bonsai, com orgulho.

– Da Linha Vermelha? – prosseguiu Artyom, inclinando-se para a frente.

– Não, simples comunistas – respondeu o homem, hesitando um pouco, antes de continuar com maior convicção. – O camarada comissário explicar-te-á tudo. É ele que se ocupa das questões ideológicas.

Alguns minutos depois, já de regresso ao vagão, o camarada Rusakov disse-lhes:

– Está tudo tranquilo. – O bonito rosto do homem transmitia uma sensação de calma. – Podemos fazer um intervalo.

Não tinham nada com que pudessem fazer uma fogueira. Penduraram uma chaleira pequena por cima de um fogão de campismo e cortaram fatias de carne de porco fria. Os revolucionários tratavam-se bem, o que pareceu suspeito a Artyom.

– Não, camarada Artyom, não pertencemos à Linha Vermelha – disse o camarada Rusakov, com determinação, quando Bonsai lhe transmitiu a pergunta. – O camarada Moskvin fez como Estaline e voltou as costas a uma revolução à escala do Metro, denunciando oficialmente a Interestacional e cortando todo o apoio às actividades revolucionárias. É um renegado e um homem que só está interessado em compromissos. Nós, os revolucionários, mantemo-nos fiéis à linha de pensamento de Trotsky. E vemos o paralelismo que se pode tirar de uma comparação com Fidel e Che Guevara. É por isso que ele figura na nossa bandeira de guerra – e apontou

para o trapo de aspecto triste com um gesto largo. – Mantivemo-nos fiéis aos ideais revolucionários, ao contrário do que fez o colaboracionista camarada Moskvin. Nós, os revolucionários, condenamo-lo e aos que o seguem.

– Oh, e quem é que vos dá o combustível? – perguntou o Tio Fiodor, que fumava agora um cigarro enrolado.

O camarada Rusakov corou e olhou para o Tio Fiodor com uma expressão maldosa. Fiodor reagiu com uma risada de escárnio e aconchegou-se mais no seu blusão.

Artyom pouco percebeu da explicação dada pelo comissário, além do que lhe pareceu ser o principal: estes homens não tinham muito em comum com os vermelhos, que queriam pendurar as tripas de Mikhail Porfirievich num pau e, ao mesmo tempo, abatê-lo a tiro. Isso acalmou-o e, numa tentativa de causar boa impressão, piscou o olho:

– Estaline. É o do mausoléu, não é?

Desta vez, já foi longe demais. Um espasmo de fúria deformou o rosto bonito e corajoso do camarada Rusakov, enquanto Bonsai desviou os olhos e o Tio Fiodor até franziu o sobrolho.

– Não, não... é Lenine quem está no mausoléu! – apressou-se Artyom a corrigir.

Os vincos de severidade que marcavam a testa alta mas franzida do camarada Rusakov atenuaram-se e este declarou, com rispidez:

– Ainda temos de trabalhar muito contigo para aprenderes as coisas importantes, camarada Artyom!

Artyom não queria nada que o camarada Rusakov trabalhasse com ele mas conteve-se e não replicou. Percebia pouco de política, na realidade, mas era um tema que começava a interessar-lhe e, por isso, esperou que a tempestade se acalmasse e arriscou:

– Mas porque é que são contra os fascistas? Quer dizer, eu também sou mas vocês são revolucionários, afinal...

– Esses suínos! Por causa de Espanha, por causa de Ernst Thaelmann e da Segunda Guerra Mundial! – cuspiu o camarada Rusakov através dos dentes cerrados e, embora não percebesse uma palavra do que ouvira, Artyom não quis voltar a mostrar a sua ignorância.

Depois de terem deitado o chá nas canecas, ficaram todos mais animados. Bonsai começou exaustivamente a fazer perguntas tolas ao Tio Fiodor, tentando obviamente provocá-lo, e Maximka, sentado ao lado do camarada Rusakov, perguntou-lhe em voz baixa:

– Então diz-me, camarada, como é que o marxismo-leninismo aborda a questão dos mutantes sem cabeça? É assunto que já me preocupa há bastante tempo. Eu quero ser ideologicamente forte e estou com dificuldades neste caso. – Os dentes espantosamente brancos cintilaram num sorriso culpado.

– Bem vês, camarada Maxim – respondeu o comissário, passados alguns instantes –, este assunto... não é simples, meu irmão. – E ficou a pensar.

Artyom ficou também interessado em saber como é que os mutantes seriam vistos numa perspectiva política e, na realidade, até queria saber se existiam, ou não. Mas o camarada Rusakov manteve-se em silêncio e os pensamentos de Artyom deslizaram, de novo, para o rumo de que não conseguia desviar-se nos últimos dias. Queria chegar à Pólis. Fora salvo por milagre e ganhara uma nova oportunidade que até poderia ser a última. Doía-lhe o corpo todo, custava-lhe respirar, ficava a tossir quando tentava respirar fundo e ainda não conseguia abrir um olho. E queria manter-se com estes homens! Junto deles sentia-se mais calmo e mais confiante e a escuridão do túnel, que lhe era desconhecido, não o estava a cercar e a oprimir. O restolhar e o som de patas que ocasionalmente lhe chegavam das profundezas negras não o assustavam, não o punham de salvaguarda e permitiam-lhe ter a esperança de que esta trégua pudesse durar para sempre. Era agradável poder reviver, uma e outra vez, o momento em que fora salvo. E apesar de a morte ter estado quase a abocanhá-lo com os seus dentes de ferro, o medo peçonhento e paralisante que o prendera antes da execução já se evaporara. O que dele restava, oculto no coração e no estômago, tinha sido queimado pela cerveja caseira do camarada da barba por fazer chamado Fiodor. O próprio Fiodor, o amável Bonsai, o severo comissário do casaco de cabedal e o enorme Maxim-Lumumba eram pessoas de trato fácil, de uma maneira que nunca mais encontrara desde que deixara VDNKh há milhares de anos. O que era sua propriedade já não estava consigo. A maravilhosa metralhadora ainda nova, os cinco

carregadores com balas, o passaporte, a comida, o chá, duas lanternas – tudo se perdera. Ficara para trás, com os fascistas. O que tinha era só um blusão, as calças e um cartucho de bala deformado no bolso. Dissera-lhe o carrasco: "Ainda te pode ser útil." E agora? Ficar ali, com os combatentes da Interestacional, os brigadistas da... da... bem, a designação não era importante. Viver a vida deles e esquecer a sua... Não. Isso nunca. Não podia parar por um minuto nem descansar. Não tinha o direito de o fazer. A vida dele já não era dele, o seu destino era decidido por outros a partir do momento em que concordara com a proposta do Caçador. Era tarde demais. Devia pôr-se a caminho. Não havia outra opção.

Ainda ficou sossegadamente sentado durante bastante tempo, quase sem pensar. Mas a sombria decisão que tomara estava a amadurecer dentro de si a cada segundo que passava, nos seus músculos magros e nas veias esmagadas que ainda lhe doíam. Sentia-se um boneco de trapos, de onde tivesse sido retirada toda a serradura até ficar transformado num trapo sem forma definida, que alguém tivesse pendurado num esqueleto de metal. Já nem se sentia ele próprio. Ao esvaziarem-no da serradura, agora dispersa em partículas por um vento vindo do túnel, também lhe haviam tirado todos os pedaços do corpo que eram seus e havia alguém, instalado dentro da sua pele, que não queria ouvir as súplicas desesperadas do seu corpo sangrento e exausto, alguém que lhe esmagara o desejo de se render, de ficar imóvel, de descansar e de desistir antes de a sua missão ter uma oportunidade de ganhar uma forma decisiva. Esta outra pessoa tomara as decisões ao nível do instinto e contornara-lhe a consciência onde, agora, só reinavam o silêncio e o vazio. E o fluxo contínuo, e normal, do diálogo dentro de si próprio ficou interrompido.

Era como uma mola sinuosa que, existindo dentro de si, tivesse ficado lisa. Levantou-se de um pulo, com movimentos desajeitados e rígidos, fazendo o comissário olhar para ele, surpreendido, e Maxim levar a mão à metralhadora.

– Camarada comissário, será que eu poderia... Poderei falar consigo? – perguntou-lhe Artyom, num tom inexpressivo.

Ao ouvi-lo, Bonsai voltou-se, com uma expressão de curiosidade, deixando em paz o infeliz Tio Fiodor.

– Diz claramente o que tens a dizer, camarada Artyom. Não tenho segredos perante os meus combatentes – disse o comissário, observando-o cautelosamente.

– Bem vê... Eu estou muito grato a todos por me terem salvo. Mas eu nada tenho com que possa pagar-vos. E gostaria realmente de continuar convosco. Mas tenho de continuar. Tenho de ir.

O comissário ficou calado.

– E para onde vais? – perguntou o Tio Fiodor..

Artyom comprimiu os lábios e baixou os olhos. Havia um silêncio estranho no ar. Pareceu-lhe que tinham ficado todos a olhar para ele, tensos e desconfiados, tentando adivinhar-lhe as intenções. Seria um espião? Seria um traidor? Por que motivo é que estava a ser tão reservado?

– Bom, se não queres dizer, não digas – rematou o Tio Fiodor, num tom conciliador.

– Vou para a Pólis – disse Artyom, sem conseguir conter-se. Não queria arriscar-se a perder a confiança deles por culpa de qualquer tonta teoria de conspiração.

– Tens algum assunto a tratar lá? – perguntou o Tio Fiodor, com um ar inocente.

Artyom fez que sim com a cabeça, em silêncio.

– E é urgente? – voltou a inquirir o homem. – Bem, não vamos impedir-te de prosseguir. Se não quiseres falar do teu assunto, então está bem. Mas nós não podemos deixar-te aqui no meio do túnel. Não é verdade, pessoal? – Voltou-se para os outros.

Bonsai acenou resolutamente com a cabeça e Maximka baixou a metralhadora e confirmou-o. Foi então que interveio o camarada Rusakov.

– Estás preparado, camarada Artyom, na presença dos combatentes desta brigada, que salvou a tua vida, para jurar que não estás a planear prejudicar a causa revolucionária? – perguntou, com severidade.

– Juro – respondeu Artyom, do fundo do coração. Não tinha intenção nenhuma de prejudicar a revolução. Tinha coisas mais importantes em que pensar.

O camarada Rusakov fitou-o prolongadamente e sem desviar os olhos e pronunciou, por fim, o seu veredicto:

– Camaradas combatentes! Por mim, acredito no camarada Artyom e, por isso, peço-vos que votem a favor de o ajudarmos a chegar à Pólis.

O Tio Fiodor foi o primeiro a erguer a sua mão e Artyom ficou a pensar que talvez tivesse sido ele que o arrancara do baraço. Maxim votou depois e Bonsai limitou-se a um aceno de cabeça.

– Bem, camarada Artyom, não muito longe daqui existe uma passagem que as massas desconhecem – disse o comandante – e que liga a linha de Zamoskvoretskaya à Linha Vermelha[46]. Podemos ajudar-te a partires daí...

O comandante não chegou a terminar a frase porque **S m ç n Ő ç Ú Â m**, que há muito estava sossegado aos seus pés, se levantou de repente e começou a ladrar ensurdecedoramente. Com a velocidade de um relâmpago, o camarada Rusakov tirou do coldre uma TT-33[47] resplandescente. Ao mesmo tempo, Bonsai puxou o cabo para ligar o motor, Maxim ocupou a sua posição à retaguarda e o Tio Fiodor tirou da caixa onde estivera a sua cerveja artesanal uma garrafa com um pavio enfiado no gargalo.

O túnel, naquele ponto, começava a descer e a visibilidade era, por isso, muito má, mas **S m ç n Ő ç Ú Â m** continuava tenso e Artyom começou a sentir-se ansioso.

– Dêem-me também uma metralhadora – pediu, num sussurro.

Não muito longe, brilhou com grande intensidade a luz de uma lanterna, que se apagou logo a seguir. Ouviram depois alguém a dar ordens. Nas travessas ressoaram botas pesadas, qualquer coisa ou alguém caiu no chão e tudo voltou a ficar silencioso. O cão, cuja boca estava a ser mantida fechada pela mão do comissário, libertou-se e começou outra vez a ladrar.

– Não estou a conseguir ligar o motor – resmungou Bonsai, com um tom de derrota na voz. – Temos de empurrar.

Artyom foi o primeiro a saltar do vagão, sendo logo seguido pelo Tio Fiodor e por Maxim. Apoiaram com forças os pés nas travessas e conseguiram que o enorme veículo começasse a mover-se. Mas andou muito devagar e quando, finalmente, o motor despertou, com ruídos secos que pareciam assomos de tosse, as botas já se faziam ouvir muito perto deles.

– Fogo! – ouviu-se, vindo da escuridão, e o espaço estreito do túnel encheu-se de sons. Pelo menos quatro balas passaram por eles, com os projécteis a embater ao acaso nas paredes, provocando chispas, embatendo

nos canos e produzindo sons metálicos.

Artyom pensou que não teriam por onde escapar mas Maxim, endireitando-se a toda a sua altura e, mantendo direita a metralhadora, começou a disparar e, durante muito tempo, não parou. As armas automáticas calaram-se. Depois o vagão começou a andar melhor e tiveram de correr atrás dele para conseguirem subir a bordo.

– Estão a ir-se embora! Força! – gritou alguém atrás deles, e as metralhadoras automáticas crepitaram, cada vez mais perto, com fúria redobrada, mas a maior parte das balas atingiu as paredes e o tecto do túnel.

Acendendo rapidamente o rastilho da garrafa, o Tio Fiodor envolveu-a em trapos e atirou-a para os carris. Um minuto depois houve um clarão muito brilhante e ecoou o mesmo ruído que Artyom já ouvira, quando estava de pé com o baraço ao pescoço.

– Outra vez! Mais fumo! – ordenou o camarada Rusakov.

Um vagão motorizado é, simplesmente, um milagre, pensou Artyom quando viu os seus perseguidores a ficarem para trás, tentando ainda abrir caminho pela cortina de fumo. O veículo já estava a andar sem problemas e, assustando as pessoas que o viram, passou muito depressa pela estação de Novokuznetskaya, onde o camarada Rusakov se recusou terminantemente a parar. A velocidade a que seguiam era tal que Artyom quase não teve tempo de ver a estação. Mas também nada havia de especial nela, salvo a iluminação exígua. Havia lá algumas pessoas, mas Bonsai sussurrou-lhe que a estação não era recomendável, que os seus habitantes eram um pouco estranhos e que, ao tentarem lá parar da última vez, tinham-se arrependido seriamente da tentativa, só conseguindo sair com grande esforço.

– Desculpa, camarada, mas não poderemos ajudar-te como pensávamos – disse o camarada Rusakov a Artyom, num tom mais familiar do que antes. – Agora já não vamos conseguir voltar a esta região durante algum tempo. Vamos regressar à nossa base de Avtozavodskaya. Se quiseres, podes juntar-te à brigada.

Artyom teve de fazer um esforço enorme outra vez para conseguir recusar a oferta mas, desta vez, foi-lhe mais fácil. Dominava-o uma espécie de desespero que, no entanto, lhe dava forças. O mundo estava todo contra ele e tudo estava a dar para o torto. Apesar disso, os obstáculos que os túneis

lhe punham ao caminho despertavam nele uma raiva teimosa e essa raiva reacendia as suas visões mais desvanecidas com chamas rebeldes que lhe devoravam o medo, o sentido do perigo, a razão e a força.

– Não – respondeu, com firmeza e calma. – Tenho mesmo de continuar.

– Nesse caso, iremos juntos até Paveletskaya e separar-nos-emos aí – disse o comissário, que se mantivera em silêncio. – Mas é uma pena, camarada Artyom, porque precisamos de combatentes.

Ainda perto de Novokuznetskaya, o túnel dividia-se e o vagão seguiu pelo caminho da esquerda. Quando Artyom perguntou o que se passava no caminho da direita, explicaram-lhe que a via lhes estava bloqueada: a algumas centenas de metros, havia um posto avançado da Hansa que era uma verdadeira fortaleza. O túnel da esquerda, que nem parecia importante, parecia conduzir directamente às três estações do Círculo: Oktyabrskaya, Dobryninskaya e Paveletskaya. A Hansa não tencionava destruir esta pequena passagem entre os túneis e a ligação para os transportes a que ela dava origem mas só os agentes secretos da Hansa é que a usavam. Se mais alguém tentasse aproximar-se do posto avançado, seria imediatamente abatido sem ter qualquer hipótese de se explicar.

Depois de percorrerem esta passagem durante algum tempo, chegaram a Paveletskaya. Artyom pensou como o seu amigo de VDNKh tinha tido razão ao dizer-lhe que se podia atravessar toda a rede do Metro numa hora... sem que ele acreditasse. Ah, se ao menos tivesse um vagão como o deles...

Mas, de qualquer modo, um vagão também não teria realmente ajudado porque havia muitos locais onde não se podia passar com a rapidez do vento. Não, não valia a pena sonhar com isso porque, neste novo mundo, nunca mais haveria nada assim – neste mundo, cada passo implicava um esforço improvável e uma dor lancinante. Os dias do passado não mais voltariam. Esse mundo, mágico e maravilhoso, estava morto para sempre. Já não existia. E não valia a pena alguém queixar-se por causa disso durante o resto da vida. A única coisa que havia a fazer era cuspir na sua sepultura onde o passado ficara enterrado, voltar-lhe as costas e nunca mais olhar para trás.

44 N.T. – **LqsÓmÇqá**

A metralhadora ligeira **Lqs Ọmç qá** (abreviadamente, DP ou "**Lqs Ọmç qá a qot ÀÒçu**", "metralhadora de infantaria") foi uma das primeiras armas fabricadas na União Soviética, tendo sido adoptada para uso do Exército Vermelho em 1927 e utilizada até ao final da Segunda Guerra Mundial.

45 N.T. – **Smç Ó; ÚÂm**
Nikita Fiodorovich Karatsyupa (1911- ?) foi treinador de cães de guarda e um dos mais famosos guardas fronteiriços da União Soviética. São-lhe atribuídas 467 detenções, tendo sido declarado Herói da União Soviética em 1965.

46 N.T. – Linha de Zamoskvoretskaya
A linha 2 do Metro de Moscovo, entre as estações de Rechnoy Vokzal e de Krasnogvardeyskaya.

47 N.T. – TT-33
Outro modelo da Tokarev.

NO PASARÁN!

Não havia patrulhas à vista diante da estação de Paveletskaya e a única coisa que encontraram foi um grupo de pessoas desgrenhadas, sentadas a cerca de trinta metros da saída da estação, que se desviaram para deixar passar o vagão dos revolucionários, ficando a olhar para eles numa atitude respeitosa.

– Ninguém vive lá?! – perguntou Artyom, tentando manter a voz num tom calmo. Não queria ser deixado sozinho numa estação deserta sem armas, comida e documentos.

– Em Paveletskaya? – O camarada Rusakov olhou para ele, surpreendido. – Claro que vive!

– Mas por que motivo é que não há guardas nas fronteiras? – insistiu Artyom.

– Porque isto é... Pa-ve-lets-ka-ya! – interrompeu Bonsai, enunciando bem as sílabas para dar mais ênfase à palavra. – Para que hão-de estar a preocupar-se com essas coisas?

Artyom pensou para consigo que não podia deixar de estar completamente de acordo com o velho sábio que, ao morrer, dissera que a única coisa que sabia era que nada sabia. Todos falavam da inviolabilidade da estação de Paveletskaya como se isso não requeresse mais explicações suplementares e como se fosse uma coisa que toda a gente compreendia.

– O quê? Não sabes? – Bonsai não acreditou. – Espera e já vais ver por ti próprio!

A estação de Paveletskaya captou a atenção de Artyom desde o primeiro momento. Os tectos eram tão altos que a luz tremida dos archotes presos aos anéis enfiados à força nas rochas não lhes chegavam, dando origem a uma sensação assustadora e mágica de infinito mesmo por cima da cabeça. As enormes arcadas circulares eram suportadas por colunas finas que, apesar disso, conseguiam aguentar o seu peso. O espaço entre as arcadas

estava cheio de objectos em bronze, sujos mas, ainda assim, evocativos da antiga grandeza da estação. E embora esses objectos fossem apenas as foices e os martelos da tradição, ao ficarem enquadrados pelas arcadas tornavam-se símbolos desafiadores de um império destruído e quase esquecido, tão orgulhosos como no dia em que haviam sido criados. Uma fila interminável de colunas, iluminadas pela luz vacilante e da cor do sangue produzida pelos archotes, desaparecia numa neblina incrivelmente distante e, mesmo aí, era como se não parasse. Aliás, as chamas dos archotes que lambiam os elegantes pilares de mármore, a cem ou a mil passos de distância, pareciam nem conseguir penetrar nessa zona sombria tão densa que era quase palpável. Esta estação devia ter sido, em tempos, a terra dos ciclopes e, por isso, tudo nela era gigantesco...

E dar-se-ia o caso de ninguém nela parar por, simplesmente, ser tão magnífica?

Bonsai pôs o motor em ponto-morto e o vagão começou a rolar mais devagar, acabando por ficar imóvel, enquanto Artyom continuava a examinar a estranha estação. Qual era o seu mistério? Porque é que ninguém se metia com Paveletskaya? Que havia nela de tão sagrado? Seria, também, por ela parecer mais um palácio subterrâneo de algum conto de fadas do que uma construção destinada à indústria dos transportes?

Uma multidão de crianças e de jovens sujos e vestidos de trapos rodeou o vagão parado. Olharam com inveja para o veículo e um deles até se atreveu a saltar para os carris e a tocar no motor, num silêncio respeitoso, antes de Fiodor o mandar embora.

– Portanto, camarada Artyom, é aqui que divergem os nossos caminhos – disse o comandante, interrompendo os pensamentos de Artyom. – Já estive a falar com os outros camaradas e decidimos dar-te um pequeno presente. Aqui está! – E deu a Artyom uma metralhadora, provavelmente uma das que haviam sido tiradas aos guardas mortos. – Depois, colocou na mão de Artyom a lanterna que iluminara o caminho do fascista de bigode que tinha o uniforme preto. – Aceita-os sem problema. Porque são despojos de guerra que te pertencem por direito próprio. Poderíamos ficar aqui mais algum tempo mas não devemos atrasar-nos. Não sabemos até onde é que os suínos fascistas quererão perseguir-nos, embora seja natural que não queiram

meter o nariz aqui em Paveletskaya.

Apesar da decisão recente de ser firme e determinado, Artyom sentiu o coração a bater a um ritmo que não lhe era agradável quando Bonsai lhe apertou a mão, desejando-lhe êxito. Maxim deu-lhe uma palmada amigável no ombro e o barbudo Tio Fiodor, sem saber o que mais lhe poderia dar, entregou-lhe uma garrafa meio vazia da sua cerveja, dizendo-lhe:

– Pronto, amigo, voltaremos a encontrar-nos. Ânimo e coragem!

O camarada Rusakov voltou a apertar-lhe a mão, com uma expressão muito séria no rosto belo e varonil.

– Camarada Artyom! – exclamou. – Ao partirmos, quero dizer-te duas coisas. Em primeiro lugar, acredita na tua estrela. Como disse o camarada Ernesto Che Guevara, **P mÉÓm ªm áuoÓÁÇm Éuº ÂÇq!** E, em segundo lugar, e talvez mais importante: **V Z a Hd Hc V!**

Os outros soldados ergueram o punho direito fechado e repetiram a palavra de ordem: **óV Á ÂmÉmÇ ı !fi** E Artyom também só conseguiu erguer o punho, com a mesma determinação e com o mesmo fervor revolucionário, repetindo o refrão: **óV Á ÂmÉmÇ ı !fi** Embora para ele, pessoalmente, o ritual não passasse de uma expressão mágica que não parecia fazer muito sentido. Mas não quis estragar o momento tão solene da despedida com perguntas estúpidas. E, aparentemente, fez tudo bem feito porque o camarada Rusakov contemplou-o com orgulho e satisfação e depois saudou-o com gestos solenes.

O motor fez-se ouvir e, rodeado por uma nuvem de fumo azul-acinzentado, o veículo desapareceu na escuridão, acompanhado até à boca do túnel por uma escolta de crianças extasiadas. E Artyom voltou a ficar sozinho, muito mais longe de casa do que alguma vez estivera.

A primeira coisa em que reparou, quando começou a caminhar ao longo da plataforma, foi nos relógios. Contou logo quatro. Em VDNKh, o tempo tinha um simbolismo muito forte: tal como os livros e como a tentativa de ter uma escola para as crianças. Era uma demonstração de que os habitantes da estação continuavam a ter preocupações, que não queriam transformar-se em degenerados e que continuavam a ser seres humanos. Mas, aqui, os relógios pareciam desempenhar outro papel, muito mais importante. Continuando a andar, Artyom apercebeu-se de outras coisas estranhas. Em

primeiro lugar, não havia espaços para as pessoas viverem, com excepção de algumas carruagens paradas na segunda linha e no início do túnel. Só uma pequena parte dessa composição é que era visível no átrio e tinha sido por isso que Artyom não dera logo por ela. Havia mercadores de todas as espécies imagináveis e oficinas por todo o lado, mas não havia uma única tenda a servir de habitação nem um único cortinado que pudesse abrigar quem apenas quisesse passar a noite. Junto às paredes havia alguns pedintes e vagabundos deitados em camas improvisadas, feitas de cartão prensado. As pessoas que andavam pela estação aproximavam-se de vez em quando dos relógios. Quem tinha um relógio, verificava com toda a ansiedade se estaria igual aos números vermelhos que apareciam no painel, voltando depois a ocupar-se das suas coisas. Se Khan ali estivesse, pensou Artyom, seria interessante ouvir o que ele teria a dizer.

Ao contrário de Kitay-Gorod, onde as pessoas se mostravam muito interessadas nos recém-chegados, tentando dar-lhes de comer, vender-lhes qualquer coisa ou levá-los a qualquer sítio, nesta estação, as pessoas preocupavam-se apenas com os seus próprios assuntos. Nada tinham a tratar com Artyom e a sua sensação de solidão, que de início fora afastada pela curiosidade, foi-se adensando.

Tentando combater a sensação crescente de estar a sentir-se deprimido, Artyom continuou a observar o que o rodeava. O jovem esperava encontrar aqui pessoas diferentes, com características faciais específicas, já que a vida numa estação acabaria por deixar marcas. À primeira vista, as pessoas mantinham-se atarefadas, a gritar, a trabalhar e a discutir, como em qualquer outra estação. Mas quanto mais olhava mais começava a sentir-se arrepiado. Porque via um número surpreendente de jovens aleijados e com deformidades: um não tinha dedos, a outro cobriam-no crostas repugnantes, um terceiro apresentava um coto informe em lugar de uma terceira mão, agora amputada. Os adultos eram quase todos calvos e de aspecto doente. E mal se viam pessoas fortes e de aspecto saudável. O seu aspecto deformado e definhado ajustava-se, dolorosamente, à zona escura da estação em que viviam.

No centro da vasta plataforma havia duas aberturas rectangulares que davam para as profundezas: eram as passagens para o Círculo, para a

Hansa. Mas não se viam os guardas fronteiriços da Hansa nem os seus postos de controlo, como em Prospekt Mira – e alguém lhe dissera que a Hansa mantinha todas as estações contíguas debaixo de um punho de ferro. Havia, muito claramente, qualquer coisa fora do normal nesta estação.

Por isso, Artyom não se aventurou na extremidade oposta do átrio. Para começar, gastou cinco balas na compra de uma tigela de cogumelos cortados e grelhados e de um copo de água pútrida e de sabor amargo. Engoliu o líquido com repugnância, sentado numa grade de plástico voltada ao contrário, que em tempos contivera garrafas vazias. Depois, dirigiu-se ao comboio, esperando poder descansar aí porque já sentia as forças a faltarem-lhe e estava cada vez mais agoniado à medida que ia vendo o que o rodeava. Mas este comboio era muito diferente do de Kitay-Gorod: as carruagens estavam devassadas e completamente desertas e os assentos, queimados, estavam derretidos. Os assentos de couro curtido haviam sido arrancados e levados. Havia manchas de sangue por todo o lado e cartuchos de balas que cintilavam no chão escuro. As carruagens não eram um abrigo mas uma fortaleza, que devia ter sido várias vezes cercada.

Artyom passou pouco tempo a examinar o comboio mas, ao regressar à plataforma, teve dificuldade em reconhecer a estação. As bancadas estavam vazias, a azáfama desaparecera e, com excepção de alguns vagabundos que se tinham juntado em alguns pontos, não muito longe da passagem subterrânea, já não se viam pessoas. E o ambiente escurecera. No local por onde entrara na estação, os archotes já estavam apagados e eram poucos os que ainda ardiam perto do centro do átrio. À distância, ainda ardia uma fogueira mas com chamas já fracas. Os relógios indicavam que pouco passava das oito horas. Que acontecera? Artyom tentou apressar-se o mais que lhe consentiam as dores que ainda sentia. A passagem estava fechada nos dois lados, não apenas com as portas de metal tradicionais mas com grades de ferro de aspecto robusto. O mesmo acontecia na segunda escadaria, mas uma das grades estava entreaberta e, do outro lado, podia ver-se uma grade de aspecto sólido, de metal soldado e reforçado, como os batentes da estação de Tverskaya. E era aí que se encontrava uma mesa, mal iluminada por um pequeno candeeiro, onde se encontrava sentado um guarda que, à distância, não passava de uma silhueta indistinta azul-

acinzentada.

– Não se pode entrar depois das oito – disse, com brusquidão, quando Artyom lhe pediu passagem. – A porta abre-se às seis da manhã. – E, voltando-lhe as costas, mostrou que a conversa terminara.

Artyom ficou espantado. Por que motivo é que a vida na estação terminava às oito horas? E que havia ele de fazer agora? Os sem-abrigo, que se haviam retirado para as suas casas de cartão, só lhe inspiravam repulsa e não queria aproximar-se deles. Por isso, decidiu tentar a sorte junto à fogueira que ainda estava acesa no outro lado do átrio.

De longe, percebia-se que junto ao fogo se encontravam guardas fronteiriços, ou com funções semelhantes, e não vagabundos. Iluminados pelas chamas, projectavam sombras que sugeriam tratar-se de figuras masculinas de aspecto robusto com os contornos precisos das armas automáticas bem visíveis. Mas que poderia haver, que valesse a pena guardar, na própria plataforma? Os postos dos guardas deviam existir nos túneis, nas entradas das estações e quanto mais longe do seu centro melhor. Mas aqui... Se saísse dos túneis alguma criatura ou se um bando armado lançasse um ataque, os guardas pouco poderiam fazer.

No entanto, ao aproximar-se, Artyom viu melhor: para lá da fogueira, havia uma luminosidade branca, que parecia ter um sentido ascendente sem contudo atingir o tecto, como se estivesse a ser travada e contrária a todas as leis da física. O holofote acendia-se de forma intermitente, com intervalos claros, e talvez fosse por isso que, de início, Artyom não dera por ele. Que raio poderia ser aquilo?

Aproximou-se da fogueira e, cumprimentando os circunstantes com cortesia, explicou que estava só de passagem e que, não sabendo que as portas se fechavam às oito, havia ficado no exterior. E perguntou, por isso, se podia descansar ali, com a patrulha.

– Descansar?! – inquiriu, com um sorriso de escárnio, o homem mais próximo dele. De cabelo preto desgrenhado, tinha um nariz grande e carnudo. Não sendo alto, parecia muito forte. – Isto não é sítio para se descansar, miúdo. Se de manhã estiveres vivo, já terás muita sorte.

Quanto ao facto de poder ser perigoso ficar junto à fogueira no meio da plataforma, o homem, no entanto, não entrou em pormenores. Limitou-se a

apontar para o holofote, com um aceno de cabeça. Os outros estavam ocupados, a conversar entre si, e não prestaram atenção ao recém-chegado. Artyom decidiu que iria, finalmente, descobrir o que se passava e dirigiu-se ao holofote. O que viu surpreendeu-o mas foi esclarecedor.

No fim do átrio havia uma cabina das que por vezes se encontravam junto das escadas rolantes para se efectuar a transferência para outras linhas. Havia sacos de areia empilhados ao redor da cabina, reforçados em alguns pontos por placas de ferro espessas. Um dos guardas estava abrigado atrás de uma arma de aspecto formidável e, sentado na cabina, encontrava-se outro. Era aí que estava montado o holofote, voltado para cima. Para cima! Sem uma barreira e sem sinais de alguma vez ter existido uma, os degraus da escada rolante iniciavam-se logo a seguir à cabina, conduzindo à superfície. E era para aí que apontava o foco do holofote, iluminando as paredes com clarões ansiosos, como se tentasse localizar alguém na escuridão sem, no entanto, iluminar mais do que estruturas de candeeiros acastanhadas e o tecto húmido de onde pendiam fragmentos de estuque e... E depois nada mais se via.

E, de repente, Artyom compreendeu.

Por algum motivo que não percebia, não existia aqui a barreira de metal que, normalmente, separava a estação da superfície – nem na plataforma nem lá em cima. A estação de Paveletskaya estava, assim, em contacto directo com o mundo exterior e os seus habitantes viviam sob a ameaça constante de um ataque. Respiravam o ar contaminado e bebiam água contaminada e devia ser por isso que ela sabia tão mal... E era por isso que havia aqui tantos jovens com mutações, muito mais do que em VDNKh, por exemplo. E era também por isso que os adultos tinham uma aparência tão doentia: os crânios expostos e completamente calvos, os corpos gastos e sujeitos à degenerescência. Estavam a ser gradualmente devorados pela doença provocada pela radiação.

Mas isso, só por si, não explicava tudo. Como é que se podia perceber o facto de a estação "morrer" depois das oito horas e de o guarda do cabelo escuro ter dito que era um problema conseguir sobreviver até de manhã?

A tremer, Artyom aproximou-se do homem sentado na cabina.

– Boa noite – disse o homem, respondendo ao cumprimento do jovem.

Teria cerca de cinquenta anos mas já era quase calvo e os cabelos grisalhos que ainda lhe restavam estavam emaranhados nas têmporas e na nuca. Os olhos pretos observavam Artyom com curiosidade e o colete militar de aparência despretensiosa e atado à frente não lhe dissimulava o estômago protuberante. Do pescoço estavam pendurados binóculos e um apito.

– Senta-te – disse a Artyom, apontando para um saco de areia. – Aqueles tipos estão a passar um tempo porreiro, deixando-me aqui sozinho, a aborrecer-me de morte. Portanto, podemos conversar. Que aconteceu ao teu olho? Bateste com ele no punho de alguém?

E foi assim que começou a conversa.

– Como vês, não conseguimos fazer aqui nada de jeito – explicou o guarda, com ar triste, apontando para a abertura que dava para a escada rolante. – Precisávamos de ter tido cimento e não ferro. Tentámos usar ferro mas não serviu para nada. No Outono, é tudo levado pela água. Acumula-se e depois rompe tudo. Já aconteceu várias vezes e morreu muita gente. Desde então, temos feito isto assim. Só que a vida não é tranquila aqui como é nas outras estações. Estamos sempre à espera: os monstros podem invadir-nos em qualquer altura. Mas sempre à noite. Durante o dia, não nos incomodam porque estão a dormir ou a andar lá por cima. Mas é depois do anoitecer que as coisas ficam realmente desesperadas. Por isso, adaptámo-nos e, às oito horas, vai toda a gente para as passagens subterrâneas, onde vivemos, e os que aqui ficam são, em geral, os que mantêm as coisas em funcionamento. Mas espera... – Interrompendo-se, rodou um pequeno manípulo na consola e o holofote iluminou-se.

A conversa só continuou depois de o foco de luz branca ter esquadrinhado as três escadas rolantes, além do tecto e das paredes, antes de voltar a ser desligado.

– Lá em cima – disse o guarda, apontando para o tecto e baixando a voz – é a estação ferroviária de Pavelets[48]. Ou era. É um sítio maldito. Nem sei para onde vão os carris. O que sei é que há qualquer coisa horrível lá em cima. Ouvem-se barulhos de gelar o sangue. E quando eles vêm por aí abaixo... – O guarda fez uma pausa. – Chamamos-lhes estrangeirados, a essas criaturas que descem por aí. Que vêm da estação ferroviária. Mas não são tão horríveis como parece. Bem, os mais fortes já destruíram algumas

vezes esta barreira. Viste o nosso comboio, lá atrás, o que descarrilou? Chegaram até aí. Nós não podíamos deixá-los passar lá para baixo, que é onde estão as mulheres e as crianças. Se os estrangeirados fossem lá para baixo, era o fim. Os nossos homens perceberam-no e retiraram-se para o comboio, aguentaram-se aí e liquidaram algumas das criaturas. Mas quanto a eles... só restaram dois, dos dez iniciais. Um dos estrangeirados fugiu, rastejando na direcção da estação de Novokuznetskaya. Algumas pessoas queriam ir atrás dele porque o rasto de baba que ele deixou era bem visível. Mas ele desapareceu num túnel lateral, mais para baixo e já não quisemos arriscar-nos a persegui-lo. A tragédia que tínhamos vivido já era suficiente para nós.

– Ouvi dizer que ninguém ataca Paveletskaya – disse Artyom, lembrando-se do que ouvira aos membros da brigada Che Guevara. – É verdade?

– Claro. – O guarda acenou solenemente com a cabeça. – Quem é que quer vir cá incomodar-nos? Se não assegurássemos aqui esta defesa, haviam de cair sobre nós em toda a linha. Não, não há ninguém que queira levantar um dedo contra nós. A Hansa deu-nos aquela passagem quase na totalidade, até muito perto da sua própria fronteira. Também nos deram armas, para os protegermos. Digo-te que eles adoram pôr os outros a fazer o trabalho sujo deles! A propósito, como te chamas? Eu chamo-me Mark. – Artyom disse-lhe o nome. – Espera, Artyom! Há qualquer coisa ali a mexer. – O guarda ligou rapidamente o holofote. – Não, sou eu que devo estar a ouvir coisas – disse, com ar de dúvida, passado um instante.

Artyom sentiu-se invadido, gradualmente, por uma sensação de perigo iminente. Tal como Mark, pôs-se a olhar para cima com toda a atenção mas, onde Mark via apenas a sombra de um candeeiro partido, Artyom pensava ver silhuetas sinistras e monstruosas, imóveis perante a luz estonteante do holofote.

E, de início, pensou que fosse apenas a sua imaginação a pregar-lhe uma partida mas uma das estranhas formas moveu-se um pouco, assim que a luz deixou de a iluminar.

– Espere... – sussurrou. – Tente aquele canto, onde há uma fenda maior, rápido...

Como se tivesse ficado imobilizada pelo raio de luz no ponto da escada

rolante onde se encontrava, lá mais para cima, houve qualquer coisa grande e ossuda que parou por instantes e que depois começou a deslizar para baixo. Mark pegou no apito, que quase lhe saltou da mão, e assobiou com toda a força e, num segundo, todos os homens que estavam sentados à volta da fogueira saltaram dos lugares e assumiram as suas posições.

Havia outro holofote, mais fraco mas inteligentemente combinado com uma metralhadora pesada de aspecto invulgar. Artyom nunca tinha visto uma coisa assim: a metralhadora possuía um cano comprido com uma boca em forma de sino, a base era em forma de rede e as munições moviam-se no interior do cinto de munições, bem oleado e brilhante.

– Ali, aos dez metros! – gritou o homem magro e desgrenhado que estava sentado mais perto de Mark, procurando o estrangeirado com o foco de luz. – Dá-me os binóculos... Lekha! Aos dez metros, do lado direito!

– Ali está! Estamos todos aqui, queridinho, portanto aguenta-te aí... – murmurou o artilheiro, apontando a arma para a sombra escura que continuava a tentar esconder-se. – Já o tenho na mira!

O som ensurdecedor do trovejar da metralhadora fez-se ouvir: um candeeiro estilhaçou-se aos dez metros e, mais acima, houve qualquer coisa que deu um grito penetrante.

– Parece que o apanhámos – proclamou o homem desgrenhado. – Dêem-me mais luz... Ali está ele, ali deitado. Já está mesmo apanhado, o bicho.

Mas, de cima, e durante muito tempo, ficaram a ouvir-se gemidos pesados, quase humanos, deixando Artyom com os cabelos em pé. E quando propôs que se matasse o estrangeirado, para lhe pôr fim ao sofrimento, os homens retorquiram:

– Se queres, vai matá-lo. Isto aqui não é uma carreira de tiro, rapaz. Temos de tomar boa conta de cada bala que temos.

Mark foi entretanto substituído e aproximou-se da fogueira, acompanhado por Artyom. Acendeu um cigarro nas chamas da fogueira e juntou-se à conversa, que Artyom ficou a ouvir.

– Lekha falou-nos, no outro dia, dos Hare Krishnas – estava a dizer um homem corpulento, de testa curta e pescoço poderoso, numa voz baixa mas profunda. – Estão na estação de Oktyabrskoe Pole e querem ir ao Instituto Kurchatov destruir o reactor nuclear e iluminar desse modo o pensamento

de toda a gente, mas ainda não arranjaram coragem para isso. A situação fez-me lembrar o que me aconteceu há quatro anos quando ainda vivia em Savelovskaya. Um dia estava eu a preparar-me para ir a Belorusskaya. Tinha de mudar em Novoslobodskaya e por isso fui pela Hansa. Cheguei a Belorusskaya, dei rapidamente com o homem com que precisava de me encontrar, tratámos dos nossos assuntos e eu achei que podíamos ir beber um copo para celebrar o nosso acordo. E ele diz-me que eu devia ter cuidado porque os bêbedos desapareciam frequentemente nessa estação. E eu respondo-lhe: "Não me lixes, que não aceito um 'não' por resposta." Fomos, portanto, e bebemos os dois uma garrafa. A última coisa de que me lembro é de o ver a rastejar com as quatro patas no chão e gritar: "Eu sou o Lunokhod-1[49]!" Quando acordo... Mãe de Deus!, dou por mim amarrado, amordaçado, com a cabeça rapada, metido numa espécie de armário, possivelmente no que devia ter sido uma esquadra da Polícia. Que catástrofe, disse para comigo. Cerca de meia hora depois, alguns diabos vêm ter comigo e arrastam-me pelo pescoço. Não fazia a menor ideia de onde me encontrava. Todos os sinais que indicavam nomes haviam desaparecido, as paredes estavam manchadas não sei com quê, o chão ensanguentado, via fogueiras acesas, a estação estava virada do avesso e havia um fosso muito fundo, para aí com uns vinte ou trinta metros. Havia também estrelas desenhadas no chão e no tecto, daquelas que as crianças desenham, ao longo de uma linha recta. Fiquei a pensar se teriam sido os vermelhos a apanhar-me. Depois voltei a cabeça e não eram. Levaram-me para junto do fosso, baixaram uma corda e disseram-me para descer. E empurraram-me com uma metralhadora. Eu olhei lá para baixo – havia pessoas umas em cima das outras até mesmo ao fundo, a escavar ainda o fosso com pedaços de metal e pás. A terra era trazida para cima por meio de uma manivela e passava depois para vagões que eram levados não sei para onde. Bem, não podia fazer nada, decidi, enquanto eles continuassem a empunhar as suas metralhadoras, todos eles com aspecto de loucos, tatuados da cabeça aos pés. Era qualquer tipo de actividade criminosa. Eu tinha aterrado na Zona, possivelmente. Era como se as autoridades estivessem a querer escavar um buraco para poderem escapar-se e esses criminosos fossem os seus criados. Mas depois pensei: era um disparate. Qual é a zona do Metro que não tem

polícias? Digo-lhes que tenho medo das alturas e que se for lá para baixo caio de cabeça e já não poderei ser-lhes de muito uso. Eles conversam entre si e põem-me a trabalhar nos carregamentos de terra que vêm do fundo para os vagões. Algemaram-me e acorrentaram-me e querem que lhes carregue os vagões. Pfffff! E eu sem conseguir descobrir o que estavam a fazer. A tarefa, digamos assim, não era fácil. Mesmo assim, tive sorte – encolheu os ombros enormes –, mas havia tipos que eram mais fracos do que eu e de cada vez que um deles tombava, os cabeças rapadas pegavam nele e atiravam-no por umas escadas abaixo. Consegui ir espreitar, uma vez. Havia um tipo lá em baixo, um verdadeiro cretino, um tipo que costumava estar na Praça Vermelha a cortar cabeças. E no bloco de madeira estava cravado um machado[50]. Havia sangue por todo o lado e cabeças espetadas em paus. Quase vomitei. Não, pensei para comigo, o melhor é pirar-me daqui antes que me matem e me transformem num animal embalsamado.

– E então quem eram esses? – perguntou o homem desgrenhado, que estava sentado junto ao holofote, num tom impaciente.

– Perguntei aos outros que também estavam a carregar os vagões. E sabem quem eram?! Satanistas. Estão a perceber? Eles tinham decidido que chegara mesmo o fim do mundo e que o Metro era a entrada para o Inferno. E falou num portão ou algo parecido. Já não me lembro.

– Portal – corrigiu o artilheiro.

– Pronto. O Metro é, então, o portal para o Inferno e o Inferno é um pouco mais abaixo. E o Diabo, como vêem, está lá à espera deles... e eles só têm de chegar ao portal. Portanto, vão escavando. Já foi há quatro anos, talvez já tenham chegado ao fundo.

– E onde é isso?

– Não sei! Por Deus, não sei. Bem, mas eu consegui sair de lá. Atirei-me para um vagão enquanto o guarda não estava a olhar e cobri-me com terra. Sei que viajei lá dentro durante bastante tempo. Depois, despejaram o conteúdo do vagão, de grande altura. Eu desmaiei, recuperei os sentidos, arrastei-me cá para fora, rastejei por uma espécie de carris sem parar, sempre em frente. Mas os carris não paravam de se cruzar com outros e o meu sentido de orientação foi-se embora. Houve então alguém que me apanhou e, ao acordar, encontrei-me só e em Dubrovka, estão a ver? E o

tipo que me tinha apanhado já partira. Portanto, pus-me a pensar onde...

A seguir, referiram-se aos rumores de que na Praça Ilich e em Rimskaya havia qualquer espécie de epidemia que teria causado a morte de muito gente, mas Artyom já não prestou atenção.

A ideia de que o Metro fosse um portal para o Inferno, ou mesmo só para o seu primeiro círculo, fascinou-o e, na sua imaginação, viu surgir uma imagem bizarra: centenas de pessoas a rastejar como formigas, de um lado para o outro, a escavarem com as mãos um fosso, à procura de uma abertura que não dá para sítio nenhum até que, um dia, uma das peças de metal já nem consegue penetrar no solo e o Inferno e o Metro fundem-se num só. Ocorreu-lhe depois que, nesta estação, as pessoas viviam tal como em VDNKh: a atacarem permanentemente as monstruosas criaturas vindas da superfície, opondo-se sozinhas aos seus assaltos e, tanto em Paveletskaya como na sua estação, se fracassassem, os monstros espalhar-se-iam por toda a linha. O que significava que o papel desempenhado por VDNKh não era tão exclusivo como ele de início pensara. Quem saberia quantas estações assim haveria no Metro, cada uma a defender o seu próprio território e a combater, não para tranquilidade de todos mas para se defenderem? Era possível recuar, retirar-se para o centro, destruir os túneis ao deixá-los para trás... mas, nessa altura, o espaço residencial ficaria ainda mais exíguo até que os que ainda estavam vivos ficariam apertados num pequeno fragmento de terra e teriam de abrir caminho à dentada através das gargantas dos outros.

Mas se VDNKh não era nada de especial, se havia outras saídas para a superfície que era impossível bloquear... isso significaria... Artyom decidiu não pensar mais no assunto. Aquilo a que estava a dar ouvidos era só a voz da fraqueza e dos argumentos traiçoeiros, tão lisonjeiros e tão sedutores, que só tinham por objectivo impedi-lo de continuar a sua jornada. Mas ele não desistiria porque, se o fizesse, estaria a meter-se num verdadeiro beco sem saída.

Para se distrair, voltou a prestar atenção à conversa dos outros.

De início, falavam das hipóteses que alguém chamado **a ÚŕŁzm** teria de obter uma vitória em qualquer coisa. Depois, o desgrenhado começou a contar como alguns idiotas tinham atacado Kitay-Gorod e abatido muitas

pessoas a tiro antes de a chegada oportuna da irmandade de Kaluga os ter posto numa posição de inferioridade, obrigando-os a recuar para Taganskaya. Artyom quis dizer-lhes que não era de Taganskaya que se tratava mas, sim, de Tretyakovskaya mas foi impedido de o dizer por um homem escanzelado de rosto oculto, que declarou que os de Kaluga também haviam sido expulsos de Kitay-Gorod e que havia um grupo novo que controlava a estação, de que ainda ninguém ouvira falar. O desgrenhado lançou-se numa discussão acalorada com ele e Artyom começou a sentir-se com sono. E, ao adormecer, caiu num sono tão pesado e sem sonhos que nem acordou quando soou o apito de alarme e toda a gente se pôs em pé.

E era, provavelmente, um falso alarme porque não foi disparado um único tiro.

Quando, por fim, Mark o acordou, já eram seis menos um quarto.

– Acorda, terminou o nosso turno! – Sacudiu Artyom pelo ombro, alegremente. – Vamos. Vou mostrar-te a passagem em que não te deixaram entrar ontem. Tens passaporte?

Artyom abanou a cabeça.

– Bem, não importa, isso resolve-se, seja lá como for – garantiu Mark. E, na verdade, minutos depois, já se encontravam os dois na passagem e o guarda que estava encarregue da segurança assobiou de boa vontade, indicando que podiam passar enquanto apreciava as duas balas que recebera.

A passagem era muito comprida, mesmo mais comprida do que a própria estação. Havia tendas de lona ao longo de uma parede e pequenas lâmpadas acesas que davam uma luz muito brilhante ("A Hansa toma conta de nós", disse Mark, com um sorriso sarcástico) e, ao longo da outra parede, havia uma divisória, comprida mas com uma altura não superior a um metro.

– A propósito – disse Mark, com uma nota de orgulho na voz –, esta é uma das passagens mais compridas de todo o Metro! E o que está por trás da divisória? Não sabes?! É uma coisa maravilhosa! Metade de tudo o que ganhamos vai para aí. Mas espera, ainda é cedo. As coisas só começam mais tarde. É quase sempre a mesma coisa, à noite, depois de a entrada para a estação estar fechada e quando as pessoas já não têm nada para fazer. Embora possa haver rondas de qualificação durante o dia. Mas, a sério,

nunca ouviste falar disto?! Pois nós até temos um conta-quilómetros para as nossas corridas de ratos! E chamamos-lhe hipódromo. Pensei que toda a gente soubesse – acrescentou, surpreendido, ao perceber que Artyom, afinal, não estava a brincar. – Gostas de jogar? Eu sou jogador.

Artyom estava, obviamente, interessado em ver as corridas mas nunca alimentara nenhum fanatismo por elas. Além disso, depois de ter dormido tanto, sentia uma nuvem escura de culpa a crescer e a ficar cada vez mais pesada por cima da sua cabeça. Mal podia esperar pela noite ou pelo que quer que fosse. Precisava de continuar a sua viagem porque já havia perdido tempo demais. Mas o caminho para a Pólis atravessava a Hansa e, naquele momento, não havia maneira de lá chegar.

– Possivelmente não poderei ficar cá esta noite – disse Artyom. – Tenho de ir para... Polyanka.

– Mas, assim, terás de atravessar a Hansa – disse Mark, franzindo o sobrolho. – Como é que passarás pela Hansa se não tens visto nem passaporte? Nisso não te posso ajudar, meu amigo. Mas espera, que tenho uma ideia. O chefe de Paveletskaya, não o da nossa Paveletskaya mas a do Círculo, é um grande fã destas corridas. O rato dele, **a um**, é um dos favoritos. Ele vem às corridas todas as noites, com guarda-costas e com tudo iluminado. E que tal se apostasses, pessoalmente, contra ele?

– Mas eu não tenho nada com que possa apostar – objectou Artyom.

– Aposta-te a ti próprio, como servo. Ou, se quiseres, aposto-te eu. – Os olhos de Mark brilharam com a excitação. – Se nós vencermos, tu ganhas um visto. Se perdermos... bem, vais para lá na mesma e depois terás de descobrir uma maneira de saíres. Tens alguma alternativa?

O plano não agradou a Artyom. Parecia-lhe um pouco vergonhoso vender-se assim, como se fosse um escravo, e, o que era ainda pior, perder contra um rato. Decidiu, por isso, tentar entrar na Hansa por outra via. Durante algumas horas, foi-se aproximando de alguns guardas fronteiriços, de aspecto severo nos seus uniformes cinzentos – estavam vestidos exactamente como os de Prospekt Mira –, tentando entabular conversa com eles. Mas todos se mantiveram em silêncio. E quando um deles o tratou por "zarolho" (o que era injusto porque o olho esquerdo de Artyom já estava a abrir-se, embora ainda lhe doesse muito) e lhe disse para se afastar, Artyom acabou

por abandonar os esforços que estava a fazer em vão e começou a procurar as pessoas mais sinistras e mais suspeitas da estação: os vendedores de armas e de droga. Precisava de encontrar alguém que se ocupasse da passagem de contrabando pelas fronteiras da Hansa.

Mas ninguém quis ajudar Artyom nem em troca da metralhadora e da lanterna que tinha consigo.

Quando chegou a noite, Artyom começou a sentir-se tristemente desesperado, sentado no chão da passagem e censurando-se numa atitude de auto-flagelação. A esta hora, a passagem tornava-se mais animada. Os adultos regressavam do trabalho e iam jantar com as suas famílias, as crianças faziam muito barulho enquanto não chegava a hora de irem para a cama e, finalmente, depois de fechada a porta, as pessoas começavam a sair dos seus habitáculos e das suas tendas para se dirigirem à pista de corridas. Já aí havia muita gente, talvez umas três centenas de pessoas, e descobrir Mark no meio de uma multidão destas também não era fácil. Os espectadores já estavam a apostar no desempenho de alguns e a discutir se Pushka teria alguma hipótese de o vencer, pelo menos uma vez, referindo-se a alcunhas e corredores mas sabendo que os dois não teriam concorrentes à altura deles.

Os mais importantes proprietários dos ratos aproximaram-se da linha de partida, levando os seus animais de estimação bem tratados, em pequenas gaiolas. O chefe de Paveletskaya-Círculo não se avistava em lado nenhum e Mark também parecia ter desaparecido da face da Terra. Artyom começou a recear que ele pudesse estar novamente destacado para a patrulha e que nem aparecesse. O que faria ele, então?

Apareceu, finalmente, uma pequena procissão no outro extremo da passagem. E entrou um homem idoso de cabeça rapada, com um bigode exuberante bem penteado, óculos e um fato preto austero, escoltado por dois guarda-costas de ar taciturno, movimentando a sua figura corpulenta sem pressas e com grande dignidade. Um dos seguranças trazia consigo uma caixa almofadada de veludo vermelho com uma das paredes feita de tiras, em cujo interior se revolvia um vulto cinzento. Seria, sem dúvida, o famoso **GÓ**

O guarda-costas levou a caixa que tinha o rato até junto da linha de

partida e o homem do bigode dirigiu-se ao árbitro que estava sentado a uma pequena secretária, mandou levantar da cadeira um dos assistentes do árbitro e sentou-se pesadamente no assento vazio, dando início a uma conversa despreocupada. O segundo guarda-costas ficou parado junto a eles, as costas encostadas à parede, as pernas abertas e as mãos pousadas na pequena metralhadora preta que tinha ao peito. Um homem destes, de aspecto tão impressionante, não era o tipo de pessoa com quem se pudesse discutir uma aposta. Já era assustadora a ideia de se aproximar dele.

Foi então que Artyom avistou Mark, mal vestido, a coçar a cabeça que não parecia ser lavada há muito tempo, aproximando-se dos venerandos recém-chegados para explicar alguma coisa ao árbitro. À distância, Artyom só conseguia ouvir a intonação mas a posição que ocupava deu para ver como o ancião do bigode corava de indignação, de início, fazendo de seguida uma careta arrogante e acenando por fim com a cabeça, apesar de se mostrar desagradado, para depois tirar os óculos e começar a limpá-los.

Artyom atravessou a multidão, aproximando-se da linha de partida, onde Mark se encontrava. "Está tudo acertado!", anunciou Mark, esfregando as mãos com grande satisfação.

Quando Artyom lhe perguntou o que tinha em mente, Mark explicou que acabara de fazer uma aposta pessoal com o velho chefe, defendendo que o seu novo rato iria ultrapassar o favorito logo na primeira volta. E informou-o, também, de que o apostara a ele. Em troca, pedira um visto válido para toda a Hansa, tanto para Artyom como para ele próprio. O chefe, naturalmente, rejeitara a proposta, declarando que não se dedicava ao comércio de escravos (e Artyom suspirou de alívio) e que uma insolência tão atrevida como essa teria de ser punida. Se o rato deles perdesse, Mark e Artyom teriam de limpar as latrinas de Paveletskaya-Círculo durante um ano. Se o rato ganhasse, tudo bem: teriam os vistos. Mas era claro que, para o chefe, esta segunda opção nem se punha e era só por isso que se mostrara de acordo com a ideia. Havia que punir os espertalhões arrivistas que haviam ousado desafiar o seu animal.

– E já tem o rato? – perguntou Artyom, cautelosamente.

– Claro! – tranquilizou-o Mark. – Um valentão! Vai dar cabo do Pirata! Sabes que ele me fugiu, hoje? Mal o consegui apanhar! Fui atrás dele quase

até Novokuznetskaya.

– E como se chama?

– Como se chama?!

– Claro, tem de ter um nome.

– Vamos chamar-lhe NÁs ÚqÓq – propôs Mark.

ú NÁs ÚqÓqC Acha que é um nome suficientemente forte?

A Artyom não pareceu que a competição se destinasse, na realidade, a ver que rato é que poderia dar cabo do seu rival mais directo, mas manteve-se silencioso. Até ao momento em que Mark lhe explicou que só capturara o rato nesse dia.

– E como é que sabe que ele vai ganhar?

– Porque acredito nele, Artyom! – proclamou Mark, solenemente. – E, de qualquer modo, eu também já há muito tempo que queria ter o meu próprio rato. Eu costumava apostar nos ratos dos outros. Eles perdiam e eu punha-me a pensar: não importa, virá o dia em que eu já terei o meu próprio rato e ele dar-me-á sorte. Mas nunca me decidi a fazê-lo. Porque não é muito fácil. É preciso ter autorização do árbitro e isso é uma maçada tão grande... E eu pensava que viveria a minha vida, até podia ser comido por um estrangeirado ou morrer sozinho... e nunca teria um rato que fosse meu. No entanto, quando apareceste, pensei: aqui vamos nós! Era agora ou nunca. Se não correres o risco agora, disse eu para mim próprio, vais continuar sempre a apostar nos ratos dos outros. E resolvi: se vou entrar no jogo, que seja por uma recompensa elevada. É claro que quero ajudar-te mas desculpa-me que te diga que isso não é o principal. Também queria poder aproximar-me daquele velho patife – Mark baixou a voz – e dizer-lhe: "Vou apostar-me a mim próprio contra o teu Pirata!" Mas ele ficou tão furioso que obrigou o árbitro a declarar que o meu rato já chegou fora de vez. E agora, sabes? – acrescentou, em surdina –, este momento vai ser seguido por um ano a limpar as latrinas.

– Porque o nosso rato vai perder, pela certa! – Em desespero, Artyom tentou discutir o assunto com ele pela última vez.

Mas Mark olhou para ele, atentamente, sorriu e disse-lhe:

– E se...?

Tendo contemplado o público com um olhar severo, o árbitro alisou o

cabelo quase grisalho, aclarou a garganta com toda a importância que atribuía ao cargo, e começou a ler os nomes dos ratos que iam participar na corrida. O **NÁsÚqÓ** era o último mas Mark não deu grande importância ao caso. O **aúçmÓ** foi mais aplaudido do que todos os outros e só Artyom é que aplaudiu o **NÁsÚqÓ** porque as mãos de Mark estavam ocupadas, a segurar na gaiola. Artyom ainda esperava um milagre que o arrancasse a um fim ignominioso num abismo malcheiroso.

Erguendo a **Umzmçá**, o árbitro disparou um tiro de pólvora seca e os proprietários dos ratos abriram as gaiolas.

O **NÁsÚqÓ** foi o primeiro a partir e o coração de Artyom deu um pulo de alegria. Mas depois, enquanto os outros ratos começavam a correr pela passagem, alguns mais lentos e outros mais rápidos, o **NÁsÚqÓ**, que não quis estar à altura do seu orgulhoso nome, ficou parado numa esquina, cinco metros depois da linha de partida, e deixou-se aí ficar. Era contra as regras espicaçar os ratos. Artyom olhou, apreensivo, para Mark, pensando que ele iria ter uma explosão de violência ou que, pelo contrário, se deixaria abater, dominado pelo desgosto. Mas a expressão firme e orgulhosa que lhe viu no rosto fez-lhe lembrar o capitão do cruzador que mandou afundar o navio para impedir que o inimigo o capturasse, numa história qualquer sobre uma guerra entre os russos e outros de que não se recordava e que havia lido num livro já muito manuseado na biblioteca de VDNKh.

Alguns minutos depois, os primeiros ratos alcançaram a meta. O **aúçmÓ** ganhou, em segundo lugar ficou um animal com um nome ininteligível e **aÚÉtzm** chegou em terceiro. Artyom olhou de esguelha para a mesa do árbitro. O ancião do bigode, limpando a calva suada devido à excitação com o mesmo pano com que limpara os óculos, estava a discutir os resultados com o árbitro. Artyom já alimentava a esperança de que o chefe talvez se tivesse esquecido deles, quando o homem, de repente, deu uma palmada na testa e, com um sorriso muito doce, fez um sinal a Mark, para que se aproximasse.

Artyom sentiu-se quase como se sentira ao ser levado para o cadafalso, embora a sensação não fosse tão forte. Seguindo Mark na sua deslocação à mesa do árbitro, reconfortou-se com o facto de, de uma maneira ou de outra, a costa se encontrar agora livre para poder atravessar o território da

Hansa. O único problema era descobrir uma maneira de sair, mais tarde.

Mas aguardava-os já a desgraça.

Convidando-os, astutamente, a subir ao estrado onde se encontrava, o Bigodes voltou-se para o público e, em poucas palavras, explicou a aposta que fora feita, proclamando de seguida, em voz bem alta, que os dois patifes iam limpar as instalações sanitárias durante um ano, a começar nesse mesmo dia. Dois guardas fronteiriços da Hansa apareceram só Deus sabe de onde, tiraram a metralhadora a Artyom, garantindo-lhe que o seu principal adversário nos doze meses seguintes não era perigoso e prometendo-lhe a devolução da arma depois de cumprida a sentença. A seguir, sob os assobios e os apupos da multidão, foram os dois levados para o Círculo.

Entrava-se por baixo do espaço central do átrio, tal como acontecia na outra estação do mesmo nome, e era aí que terminava a semelhança entre as duas Paveletskayas.

A do Círculo irradiava uma impressão muito estranha: num dos lados, o tecto era baixo e não possuía verdadeiras colunas – as arcadas apresentavam intervalos iguais ao longo da parede com a largura de cada arco a ser a mesma largura do espaço vazio entre elas. Parecia que a primeira Paveletskaya tinha sido mais fácil de construir, como se a terra aí fosse mais suave e só fosse necessário forçar um pouco o caminho; enquanto na outra Paveletskaya havia rochas duras e que não cediam, transformando num verdadeiro problema qualquer tentativa de perfurar o solo.

Esta estação, no entanto, e por qualquer motivo que Artyom não compreendia, não provocava a mesma sensação deprimente de melancolia que era provocada por Tverskaya. Talvez por ter muita luz e as paredes serem decoradas com desenhos simples e imitações de antigas colunas, como nas ilustrações de **U uÓÉq V mÇÇnÚámÉpmHı Ús mOÇ oumC** Em resumo, este não seria o pior dos locais para fazer trabalhos forçados.

E, claro, tornava-se imediatamente visível que se estava em território da Hansa.

Em primeiro lugar, era tudo invulgarmente limpo e confortável e no tecto havia grandes lâmpadas eléctricas, revestidas por vidro, que emitiam um brilho suave. No próprio átrio que, naturalmente não era tão espaçoso como o da sua estação gémea, não se via um único quiosque, embora

houvesse muitas mesas com montes de objectos de fabrico complexo. Atrás das mesas sentavam-se pessoas com macacões azuis e pairava no ar um cheiro suave e agradável, proveniente do óleo das máquinas. O dia, possivelmente, terminaria mais tarde do que na linha radial da estação Paveletskaya. Nas paredes estava pendurada toda a parafernália da Hansa: uma insígnia com um círculo castanho sobre fundo branco, cartazes, apelos ao aumento da produtividade e citações de alguém chamado "A. Smith". Sob a enorme bandeira da Hansa, entre os dois soldados muito hirtos que faziam a guarda de honra, havia uma mesa com tampo de vidro e Artyom demorou-se aí, ao passar, apenas para satisfazer a sua curiosidade sobre o tipo de objecto sagrado que poderia estar sob o vidro.

Aí, sobre um veludo vermelho, iluminado por uma luz magnífica proveniente de dois pequenos candeeiros, encontravam-se dois livros. O primeiro era um volume muito bem conservado e com um aspecto imponente, de capa preta e com uma inscrição a ouro, onde se lia "Adam Smith. **H c uÃÚqém pmÉVm qÉfi**. O segundo era um exemplar de bolso, com badanas, um objecto que parecia ter sido salvo do lixo e que tinha uma sobrecapa rasgada e colada de novo, onde se lia, em letras grossas, "Dale Carnegie. **J Áº ÁMhuÓmÇa ÇqÁoÚÂm qÉq J Áº q mÇmg uáqÇfiC**

Artyom nunca tinha ouvido falar de nenhum dos autores e, por isso, o que lhe suscitou maior curiosidade foi o facto de o chefe da estação poder ter usado pedaços do veludo vermelho para acolchoar a gaiola do seu bem amado rato.

Uma das linhas não se encontrava bloqueada e as vagonetas passavam por ela de tempos a tempos, muitas delas movidas à força de braços e carregadas de caixotes. A certa altura passou uma vagoneta com motor, envolta numa nuvem de fumo, parando por instantes diante da estação antes de prosseguir a sua viagem. Artyom conseguiu ver os soldados de aspecto robusto sentados no veículo, com uniformes pretos e coletes de riscas pretas e brancas. Cada um deles tinha equipamento de visão nocturna na cabeça, uma arma automática pequena e de aspecto estranho bem junto ao peito e uma armadura muito completa. O comandante, que parecia acariciar o enorme capacete verde-escuro com viseira, que tinha sobre os joelhos, trocou algumas palavras com os militares encarregues da segurança da

estação, vestidos com os seus habituais camuflados cinzentos, e depois a vagoneta desapareceu no escuro.

Na segunda linha havia um comboio completo, em melhores condições, até, do que aquele que Artyom vira na estação da Ponte de Kuznetsky. Devia haver zonas de habitação por trás das janelas que tinham cortinas a cobri-las, mas aquelas que não tinham cortinas deixavam ver secretárias com impressoras e, aí sentados, homens com o aspecto vulgar de comerciantes. Por cima da porta, gravado num painel, lia-se "Gabinete Central".

Esta estação impressionou muito Artyom. Mas não o surpreendeu como a primeira Paveletskaya. Não se encontrava aqui o esplendor sombrio e misterioso que fazia lembrar a degenerescência dos descendentes da grandeza sobre-humana e do poder dos construtores do Metro. Mesmo assim, as pessoas viviam aqui como se não fizessem parte da população numerosa, decadente e insensível que vivia no subsolo em redor da Linha do Círculo. A vida fluía de uma maneira tranquila e bem organizada. Depois do trabalho, havia um período de descanso bem merecido; os jovens não mergulhavam em mundos de fantasia de festas sem sentido mas começavam a trabalhar – e quanto mais cedo se começasse a carreira mais se poderia progredir no futuro – e os adultos não receavam ser abandonados nos túneis, quando a sua força começasse a decair, para os ratos os devorarem. Tornava-se agora compreensível o motivo pelo qual a Hansa só deixava entrar alguns estranhos na sua estação e com toda a relutância. O número de lugares no Paraíso é limitado e só o Inferno é que está aberto a toda a gente.

– Olha, finalmente emigrei! – exclamou Mark, olhando em redor com uma expressão de felicidade.

No final da plataforma, havia outro guarda sentado num cubículo de vidro com o sinal "Em serviço", ao lado de uma pequena barreira pintada com riscas brancas e vermelhas. Quando alguém se aproximava, parando respeitosamente, o guarda saía do cubículo com uma expressão demonstrativa da sua importância, inspeccionava os documentos e, às vezes, a carga e, por fim, levantava a barreira. Artyom notou que todos os guardas fronteiriços e todos os soldados dos postos que serviam de alfândegas se

mostravam muito orgulhosos das suas posições. Era óbvio que estavam a fazer uma coisa de que gostavam. E, por outro lado, pensou Artyom, quem é que não gostaria?

Passaram uma cerca, de onde partia um caminho para o túnel, e voltaram uma esquina, a caminho de um corredor destinado às instalações do pessoal. E eis o que viram: azulejos amarelos com buracos escavados, orgulhosamente coroados por verdadeiros assentos de retretes; fatos-macaco indescritivelmente sujos; pás quadradas com coisas estranhas que pareciam nascer nelas; um carrinho-de-mão com uma só roda e que desenhava o número oito com contornos invulgares; pequenos veículos que deviam ser carregados e despejados na fenda mais próxima que desse para as profundezas – e tudo isto envolto num mau cheiro horrível e inimaginável, que penetrava nas roupas e em cada cabelo e em cada pêlo, na própria pele, fazendo a pessoa acreditar que esse odor se tornava agora parte da sua natureza específica, acompanhando-a para sempre, assustando os da sua própria espécie e fazendo-os afastar-se antes mesmo de a verem.

*

O primeiro dia deste trabalho monótono passou tão devagar que Artyom pensou que lhes tinha sido atribuído um turno infindável: escavar, despejar, empurrar, escavar outra vez, despejar, empurrar, descarregar... e voltar ao princípio para conseguir repetir este ciclo três vezes maldito.

Era um trabalho que nunca estava terminado porque chegavam sempre novos utentes.

Nem os que ali iam nem os guardas, situados à entrada das instalações sanitárias e no fim do percurso que eram obrigados a percorrer, escondiam a sua repugnância por estes desgraçados trabalhadores. Desviavam-se, com gestos de nojo, tapando o nariz ou, como acontecia com os mais bem educados, inspiravam profundamente e sustinham a respiração, para não terem de inspirar na presença de Artyom e de Mark. E os seus rostos revelavam um asco tão grande que Artyom quase duvidar se a porcaria não sairia, em primeiro lugar, dos seus interiores. No fim do dia, quando as mãos estavam quase em carne viva, apesar das enormes luvas de tela que usava, parecia a Artyom que descobrira não apenas a verdadeira natureza

do homem como, também, o sentido da vida.

Via agora o ser humano como uma máquina inteligente destinada à decomposição da comida e à produção de excrementos, funcionando quase na perfeição durante uma vida que não teria outro significado, se a palavra "significado" pode ser associada a qualquer objectivo último. O significado estava no processo: decompor a maior quantidade possível de comida, convertê-la ainda mais rapidamente e eliminar os sedimentos – tudo o que restava das costeletas de porco fumadas, de sumarentos cogumelos assados e de bolos bem fofos – que apodreciam e contaminavam tudo. Os traços de personalidade do ser humano desapareciam, transformando-se em mecanismos destinados à destruição do belo e do útil, criando, em sua substituição, algo pútrido e desprezível. Artyom começou a sentir repugnância perante as pessoas e a criar-lhes uma aversão talvez maior do que aquela que lhe era votada. Mark, por seu turno, mostrava-se estoicamente paciente e tentava animar Artyom, de vez em quando, dizendo-lhe coisas deste género: "Não te preocupes com isto, já me tinham dito que a emigração é sempre difícil, no início."

E o problema principal foi o facto de nem no primeiro nem no segundo dia ter surgido uma única possibilidade de fugirem. Os guardas estavam vigilantes e, embora a única coisa que Artyom e Mark tivessem de fazer para conseguirem fugir fosse entrar no túnel para lá da fenda, em direcção a Dobryninskaya, isso revelou-se simplesmente impossível. A noite era passada numa espécie de armário nas proximidades. E a porta era cuidadosamente fechada à noite e, fosse dia ou fosse noite, estava sempre um guarda na cabina de vidro à entrada da estação.

Chegou o terceiro dia da sua permanência na estação. E depois o quarto dia.

O tempo, aqui, não corria de acordo com o padrão das vinte e quatro horas. Arrastava-se, sim, como se fosse uma lesma, ao ritmo dos segundos de um pesadelo interminável. Artyom já se habituara à ideia de que nunca mais o abordariam nem falariam com ele outra vez e de que o esperava a vida de um pária. Era como se ele já não fosse humano, tendo sido transformado num ser monstruoso inconcebível, que as pessoas não viam apenas como feio e repugnante mas que também percebiam ter alguma

relação com elas – assustando-as, assim, e enjoando-as ainda mais, como se elas pudessem ser contaminadas pela sua monstruosidade que quase fazia dele um leproso.

Artyom começou por imaginar um plano de fuga. E ouviu uma voz interior, de avassalador desespero, a que se vergou. Depois, dominou-o um entorpecimento pesado, em que o intelecto lhe pareceu desligado do resto da vida. Voltou-se para o mais íntimo de si, puxou para si as teias do sentimento e da sensação e enfiou-se num casulo situado no recanto mais remoto da sua consciência. O jovem continuou a trabalhar mecanicamente, com movimentos tão precisos como os de um robô – a única coisa que precisava de fazer era escavar, despejar, empurrar, escavar outra vez, despejar, empurrar, descarregar e regressar, mais depressa, para voltar a escavar. Os seus sonhos perderam todo o significado e neles, tal como nas horas em que estava acordado, corria, escavava, empurrava, empurrava, escavava e corria.

Na noite do quinto dia, quando empurrava o carrinho de mão, Artyom tropeçou numa pá que ficara no chão. O carrinho voltou-se, o conteúdo espalhou-se e ele próprio afundou-se no produto do desastre. Quando se levantou, com gestos lentos, teve de repente uma ideia e, em vez de ir buscar um balde e um pano, dirigiu-se, com passos lentos e deliberados para a entrada do túnel. Ele próprio percebia que era agora tão repulsivo e tão asqueroso que isso devia ser suficiente para repelir as pessoas. E, nesse momento, devido a uma improvável confluência de circunstâncias, o guarda que estava, normalmente, a andar de um lado para o outro no fim do percurso, não se encontrava no seu posto, por qualquer motivo que não se lobrigava. Sem pensar se poderia haver alguém a persegui-lo, Artyom começou a caminhar pelos carris.

Quase cego mas conseguindo não tropeçar, foi andando cada vez mais depressa até largar a correr. Mas o raciocínio ainda não retomara a sua função de lhe orientar o corpo. Mantinha-se ainda escondido, agachado num canto.

Atrás dele, Artyom não ouviu gritos nem passos de quem o pudesse estar a perseguir. A única coisa que ouviu foi o ruído martelado de uma vagoneta a passar, cheia de carga e a iluminar o caminho com uma lanterna fraca.

Artyom colou-se à parede, deixando-a passar. E quem ia a bordo também não reparou nele ou não acharam necessário dar-lhe atenção. Artyom viu os seus olhares a passarem por ele, sem se demorarem, sem nada dizerem.

E, de repente, dominou-o a sensação da sua própria invulnerabilidade, que lhe fora conferida pela queda no abismo. Coberto com uma imundície malcheirosa, era como se tivesse ficado invisível. Isto deu-lhe força e a consciência começou a despertar, gradualmente. Conseguira fugir! E ninguém saberia como. Contra todo o bom senso, apesar de tudo, conseguira escapar da maldita estação e ninguém o seguia! Era estranho, era de espantar, mas pareceu-lhe que se tentasse agora compreender o que acontecera, e dissecar o milagre com o bisturi frio da racionalidade, a magia dissipar-se-ia de imediato e o foco de um holofote de uma vagoneta de patrulha iluminá-lo-ia por trás.

Ao fundo do túnel havia luz. Andou mais depressa e, um minuto depois, já se encontrava em Dobryninskaya.

O guarda fronteiriço ficou satisfeito por não precisar de lhe fazer mais do que uma simples pergunta: "Chamaram um técnico sanitário?" E depois deixou-o passar, rapidamente, abanando uma mão em redor de si enquanto tapava a boca com a outra. Artyom precisava de se manter em movimento para sair do território da Hansa, antes que os guardas percebessem o que se passara, antes de poder ouvir atrás de si o tropel das botas militares de aros de aço. Antes de começarem a disparar tiros de aviso e... Mais depressa!

Sem olhar para ninguém, mantendo os olhos cravados no chão, a pele arrepiada pela repugnância com que os outros olhavam para ele, criando um vazio à sua volta que o dispensava de não ter de forçar a passagem à cotovelada pela multidão que era tão densa, Artyom chegou ao posto fronteiriço. E, agora, que ia ele dizer? Mais perguntas, mais pedidos para apresentar o passaporte. E que poderia ele responder?

Inclinara tanto a cabeça que o queixo já lhe tocava no peito, não vendo por isso nada do que se passava em seu redor, recordando desta visão apenas as lajes de granito, escuras e bem cuidadas, do pavimento. Continuou a andar, quase paralisado ao antecipar o momento em que ouviria a ordem peremptória de parar. A fronteira da Hansa estava capaz mais próxima. Mais próxima... Agora. Agora mesmo.

– Que porcaria é esta? – perguntou uma voz que parecia ter dificuldade em respirar e que pairava por cima dos seus ouvidos.

Pronto, pensou, já não passaria dali.

– Eu... Eu perdi-me. Não sou de cá... – conseguiu ainda murmurar Artyom, sem saber se era o nervoso que o fazia gaguejar ou se estava apenas a desempenhar o seu papel.

– Bem, põe-te daqui para fora, animal nojento! – A voz parecia persuasiva, quase hipnótica, exigindo-lhe uma obediência imediata.

– É estritamente proibido pedir em todo o território da Hansa! – diz a voz, firmemente, e, agora, a uma distância maior.

– Claro, é já... Eu tenho filhos pequenos... – Artyom percebeu, finalmente, por onde devia avançar e sentiu-se mais animado.

– Que filhos? És doido?! – O guarda fronteiriço invisível enfureceu-se. – Popov, Lomako, venham cá! Levem-me este porcalhão daqui!

Nem Popov nem Lomako quiseram tocar em Artyom para não sujar as mãos e, por isso, empurraram-no, assentando-lhe os canos das metralhadoras nas costas. O oficial continuou a praguejar. E as suas palavras soaram a Artyom como se fossem música celestial.

Encontrava-se na estação de Serpukhovskaya! A Hansa já ficara para trás!

Levantou, finalmente, a cabeça mas o que viu nos olhos das pessoas que o rodeavam fê-lo voltar a olhar para o chão. Não se encontrava no território sempre limpo da Hansa: mergulhara, de novo, na confusão enlouquecedora, atingida pela pobreza e manchada pela sujidade, que reinava em todo o Metro. Mas, mesmo aqui, Artyom era demasiado repelente. A armadura milagrosa que o salvara pelo caminho, tornando-o invisível e obrigando as pessoas a desviar os olhos do fugitivo e a nem darem por ele, permitindo-lhe atravessar os postos de vigilância e as fronteiras, voltara a ser uma crosta excrementosa malcheirosa.

Já passava do meio-dia.

Agora, passada a exultação inicial, a estranha força que podia ter sido pedida emprestada a alguém, e que o levara a caminhar pela extensão entre Paveletskaya e Dobryninskaya, desapareceu de repente e deixou-o sozinho consigo próprio – faminto, com um cansaço de morte, sem dinheiro, emitindo um cheiro insuportável, com os vestígios do espancamento da

semana anterior ainda bem visíveis.

Os pedintes junto de quem se sentara, ao longo da parede, decidiram que não conseguiriam suportar durante mais tempo a insólita companhia e arrastaram-se para longe, amaldiçoando-o e espalhando-se depois em várias direcções, deixando-o deste modo completamente isolado. Agarrando-se aos próprios ombros, para não ter tanto frio, Artyom fechou os olhos e ficou assim sentado, durante algum tempo, com o pensamento totalmente vazio, até o sono o subjugar.

E achou-se, desse modo, a caminhar por um túnel inacabado.

Era mais comprido do que todos os que atravessara durante toda a sua vida se fossem transformados num só. O túnel tinha várias curvas e tanto subia como descia, sem uma única extensão direita que fosse além dos dez passos. Continuava sempre e caminhar tornava-se cada vez mais difícil. Já lhe doíam os pés, ensanguentados e com bolhas, as costas, cada passo que dava gerava novos ecos de dor por todo o corpo. Mas enquanto se mantivesse a esperança de encontrar uma saída muito em breve, talvez já depois da curva seguinte, Artyom ia encontrando em si forças para continuar. Mas, de repente, ocorreu-lhe um pensamento simples mas aterrorizador: e se o túnel não tivesse saída? E se tanto a entrada como a saída estivessem fechadas, se alguém, invisível e omnipotente, o tivesse aprisionado no interior do túnel, deixando-o sempre a andar, como um rato de laboratório que tenta sem êxito alcançar o dedo do cientista num labirinto sem saída, obrigando-o a arrastar-se sempre, até desistir, até tombar? E não por um qualquer motivo mas, apenas, para se divertir. Um rato num labirinto. Um **t m º ÉqÇ** numa roda. "Mas nesse caso", pensou Artyom, "se este caminho que estou a percorrer não me levar à saída, terei a liberdade assegurada se me recusar a dar mais passos insensatos?" Sentou-se numa travessa, entre os carris, não por estar cansado mas por ter chegado ao fim da sua corda. As paredes à sua volta desapareceram e Artyom pensou: "Para poder alcançar o meu objectivo, para completar a minha viagem, a única coisa que eu tenho de fazer é parar de andar." Mas, logo de seguida, este pensamento desvaneceu-se e desapareceu por completo.

Quando acordou, Artyom sentiu-se tolhido por uma ansiedade tão avassaladora que, de início, nem conseguiu imaginar o que poderia estar na

sua origem. Só mais tarde é que começou a recordar fragmentos do sonho e a tentar compor um mosaico com esses fragmentos que, no entanto, não se aguentavam. Desmoronavam-se. Porque não havia cola que os mantivesse unidos. A ideia da cola tivera-a durante o sonho e era qualquer coisa de fundamental, uma visão que lhe nascia do coração e que era muito importante. Sem ela, o que restava era um monte de roupa interior rasgada. Mas, com ela, o que via era uma imagem maravilhosa, cheia de elementos que só ali estavam por milagre e que lhe abriam horizontes sem fim. Mas da ideia, em si, já não se lembrava. Mordendo os punhos, pressionando a cabeça suja com as mãos sujas, Artyom deixou os lábios murmurarem palavras incompreensíveis, chamando a atenção dos transeuntes, que olhavam para ele com medo e aversão. Mas a ideia não regressava. Depois, vagarosamente e com todo o cuidado, como se estivesse a tentar usar um simples cabelo para retirar algo que ficara preso num pântano, começou a reconstruir a ideia a partir dos seus fragmentos de memória. E – que milagre! –, ao conseguir fixar habilmente uma das imagens, reconheceu a noção que, antes, de uma forma primordial, se fizera anunciar no seu sonho.

Para terminar a viagem, só precisava de deixar de caminhar.

Agora, à luz da consciência que despertava, esse pensamento pareceu-lhe no entanto banal, deplorável e indigno da sua própria atenção. Para terminar a viagem, precisava de parar de caminhar? Obviamente. Quando se pára de caminhar, a viagem também termina. Haverá alguma coisa mais simples do que esta? Mas será esta, realmente, a saída? E a conclusão da viagem?

Acontece, muitas vezes, que uma noção que, num sonho, parece ser genial se transforma numa mistura de palavras sem sentido quando se acorda...

– Oh, meu amado irmão! A porcaria está no teu corpo e na tua alma! – A voz ouviu-a mesmo junto de si.

E o que ela trouxe consigo foi tão inesperado como o regresso da ideia que tivera quando sonhara e o sabor amargo dessa desilusão desapareceu de repente. E até pensou que o dono da voz nem estava a dirigir-se a ele porque já se habituara à ideia de que as pessoas fugiam dele, em todas as direcções, antes de ele conseguir dizer uma palavra que fosse.

– Damos as boas vindas a todos os órfãos e desgraçados – prosseguiu a

voz, tão suave, tão reconfortante e tão terna que Artyom, já sem se controlar, olhou de relance para a sua esquerda e depois, com uma expressão sombria para a direita, receando ver que a pessoa que falava estava, afinal, a dirigir-se a alguém que não ele.

Não havia, no entanto, mais ninguém por perto. O dono da voz estava mesmo a falar com ele. E Artyom levantou a cabeça, vagarosamente, para dar com um homem bastante baixo, sorridente, com o corpo coberto por um manto solto, o cabelo de um louro-escuro e maçãs do rosto coradas, que lhe estendia a mão num gesto de amizade.

"Por que motivo é que ele não se afasta de mim, como todas as outras pessoas?", interrogou-se Artyom. "Até está disposto a apertar-me a mão", pensou, cheio de interrogações: "Porque é que se aproxima sozinho quando, à nossa volta, toda a gente se quer afastar de mim?"

– Ajudar-te-ei, meu irmão – disse o homem do rosto corado. – E eu e os restantes irmãos dar-te-emos abrigo e ajudar-te-emos a restaurares a tua força espiritual.

Artyom fez que sim com a cabeça mas o seu interlocutor achou que o gesto já era suficiente para significar o seu acordo. E, puxando Artyom pela mão e levando-o consigo, entoou:

– Meu querido irmão, vamos para a Torre de Vigia!

48 N.T. – Estação ferroviária de Pavelets
A estação ferroviária de Pavelets, assim chamada em honra da cidade russa com o mesmo nome, é um dos nove terminais ferroviários de Moscovo.

49 N.T. – Lunokhod-1.
O Lunokhod-1 foi um veículo completamente automatizado enviado pela URSS para explorar a superfície lunar na missão espacial Luna 17, em 1970.

50 N.T. – Bloco de madeira
Alusão à tribuna redonda de madeira, na Praça Vermelha do século XVI, de onde os nobres e os dignitários da Igreja falavam ao povo. Mais tarde, o bloco de madeira foi utilizado para suplícios e execuções públicas.

O CAMINHO ÚNICO

Artyom não se recordou depois, com muitos pormenores, do que se seguiu nem, muito menos, do caminho percorrido, retendo apenas que foi conduzido da estação para um túnel, sem saber qual dos quatro percorreu. A sua nova companhia apresentou-se como irmão Timofei. E durante todo o caminho, na mundana e cinzenta estação de Serpukhovskaya e no túnel escuro, nunca deixou de falar:

– Regozija-te, ó meu amado irmão, por me teres encontrado no teu caminho, porque a tua vida está prestes a sofrer uma importante mudança. A triste e melancólica viagem que estás a fazer aproxima-se do fim porque vais alcançar aquilo que pretendes...

Artyom não compreendeu muito bem o que o homem tinha em mente porque, pessoalmente, acreditava que a sua viagem estava longe de poder terminar. Mas o corado e amável Timofei falava com um modo tão suave e terno que Artyom só queria continuar a ouvi-lo e comunicar com ele da mesma maneira, grato por ele não o ter rejeitado quando o mundo todo o fazia.

– Acreditas no Deus único e verdadeiro, irmão Artyom? – quis saber Timofei, numa pergunta que pareceu feita ao acaso mas que foi acompanhada por um olhar perscrutador. Artyom só conseguiu abanar a cabeça, de uma forma pouco clara, respondendo com um murmúrio ininteligível que podia ser interpretado à vontade de quem o ouvia: como um sinal de acordo ou como uma rejeição.

– Isso é bom, isso é maravilhoso, irmão Artyom! – exclamou Timofei. – Só a crença na verdade te salvará dos tormentos do inferno eterno e te garante a expiação dos teus pecados. Porque – e assumiu uma expressão severa e triunfante – o reino divino do nosso Jeová está a chegar e as sagradas profecias bíblicas serão cumpridas. Estudaste a Bíblia, irmão?

Artyom emitiu novo murmúrio e o homem das bochechas coradas olhou

para ele, desta vez, com alguma inquietação.

– Quando chegarmos à Torra de Vigia – disse –, os teus próprios olhos se encarregarão de te convencer a estudares a sagrada Bíblia que nos foi oferecida pelo Céu, e a compreenderes que as grandes bênçãos iluminarão aqueles que escolheram o caminho da Verdade. A Bíblia, uma oferta preciosa de Jeová, nosso Deus, só pode ser comparada a uma carta escrita por um pai ao jovem filho que ele ama – acrescentou, à cautela, o irmão Timofei. – Sabes quem escreveu a Bíblia? – perguntou, logo a seguir, com uma expressão um pouco severa.

Artyom decidiu que não fazia sentido continuar a fingir e abanou a cabeça, com toda a sinceridade.

– Na Torre de Vigia, ajudar-te-ão nisso e em muito mais e os teus olhos abrir-se-ão a muitas coisas – proclamou o irmão Timofei. – Sabes o que Jesus Cristo, o Filho de Deus, disse aos seus discípulos em Laodiceia? – Ao ver Artyom desviar os olhos, abanou a cabeça, num gesto de suave censura. – Jesus disse: "Aconselho-vos a comprarem pomada para os vossos olhos, para que possam ver." Mas Jesus não estava a falar de uma doença física – precisou o irmão Timofei, erguendo o dedo indicador e deixando a voz adquirir uma entoação exaltada e intrigante que prometia ao ouvinte interessado uma continuação de espantar.

E Artyom apressou-se a exibir um interesse muito vivo.

– Jesus estava a falar da cegueira espiritual que devia ser curada – disse Timofei, explicando o enigma. – Como é o teu caso e de milhares de outras almas perdidas, que andam a vaguear, cegas, pelo escuro. Mas a fé no verdadeiro Deus, em Jeová, o nosso Deus, é a pomada para os olhos que permite abri-los por completo, para que os cegos possam ver o mundo como ele realmente é. Porque, fisicamente tu podes ver; mas, espiritualmente, estás cego.

Artyom pensou que uma pomada para os olhos lhe teria feito bem, mas quatro dias antes. E, como ele nada disse, o irmão Timofei decidiu que a ideia, tão complexa, requeria uma interpretação mais aprofundada e ficou por instantes em silêncio, para permitir que Artyom absorvesse bem tudo o que acabara de ouvir.

Passados cinco minutos, no entanto, viu-se uma luz ao fundo e o irmão

Timofei interrompeu as suas reflexões para dar conta da alegre boa nova:

– Vês aquela luz ao longe? É a Torre de Vigia. Estamos a chegar!

Não havia, porém, nenhuma torre à vista e Artyom sentiu-se um pouco decepcionado.

O que avistou foi, à entrada de um túnel, um comboio normal cujos faróis brilhavam suavemente na escuridão, iluminando uma extensão de quinze metros à sua frente. Quando o irmão Timofei e Artyom chegaram ao comboio, um homem rechonchudo saiu da cabina do maquinista para ir ao encontro deles, vestido com o mesmo tipo de manto do irmão Timofei. Abraçou o das bochechas coradas e também o tratou por "irmão amado", levando Artyom a deduzir que a expressão era mais uma figura de retórica do que uma declaração de amor.

– Quem é este jovem? – perguntou o rechonchudo numa voz baixa, oferecendo a Artyom um sorriso terno.

– Artyom, o nosso novo irmão que quer caminhar connosco no caminho para a Verdade, estudar a Bíblia Sagrada e renunciar ao Diabo – explicou o corado Timofei.

– Permite, então, que a Torre de Vigia te dê as boas vindas, ó amado irmão Artyom! – entoou o irmão gorducho, deixando mais uma vez Artyom intrigado por este homem também não parecer dar pelo horrível cheiro que agora já fazia parte de todo o seu ser.

– E agora – arrulhou o irmão Timofei, levando-o num passo descontraído à primeira carruagem –, antes de ires conhecer os irmão no Salão do Reino, tens de limpar o teu corpo, porque o nosso Deus Jeová é limpo e sagrado e espera que os seus adoradores se mantenham limpos, espiritual, moral e fisicamente, tal como aos seus pensamentos. Nós vivemos num mundo que não é limpo – acrescentou, examinando com ar triste a roupa de Artyom, que se encontrava, na realidade, num estado deplorável –, e são requeridos sérios esforços para ficarmos limpos aos olhos de Deus, meu irmãos. – Tendo concluído a sua explicação, conduziu Artyom a um nicho que se encontrava atapetado por plásticos, não muito longe da entrada da carruagem. Timofei pediu-lhe que se despisse e entregou-lhe então uma barra de sabão cinzento com um cheiro nauseabundo e, cinco minutos depois, banhou-o com água saída de uma mangueira de borracha.

Artyom tentou não pensar de que seria feito o sabão. Mas, de qualquer modo, não só lhe tirou a porcaria do corpo como destruiu o cheiro que dele emanava. Depois de dar o banho por concluído, o irmão Timofei deu a Artyom um manto relativamente lavado, igual ao que vestia, e olhou com desaprovação para o cartucho que Artyom mantinha ao pescoço, vendo-o como um talismã pagão mas limitando-se a um suspiro reprovador.

Artyom achou surpreendente que houvesse água e que saísse com uma pressão tão forte, neste estranho comboio, retido sabe-se lá onde e enfiado num túnel a servir de abrigo aos irmãos.

Mas quando fez uma pergunta sobre a estranha água que saía da mangueira e como seria possível construir uma estrutura assim, o irmão Timofei sorriu-lhe, com ar misterioso, e declarou que o desejo de agradar ao Deus Jeová conduzia as pessoas a actos heróicos e gloriosos. A explicação pareceu-lhe um pouco nebulosa mas, de momento, teria de ser suficiente.

Dirigiram-se, então, à segunda carruagem, onde tinham sido construídas mesas compridas entre os rígidos bancos laterais de origem. As mesas estavam vazias. O irmão Timofei aproximou-se de um homem que estava a fazer qualquer coisa por cima de um grande caldeirão, do qual se erguia um vapor de aroma sugestivo, regressando com um prato grande e com uma espécie de caldo ralo que Artyom verificou ser bastante comestível, apesar de não conseguir perceber qual a sua composição.

Pondo uma expressão de afecto, o irmão Timofei ficou a vê-lo comer apressadamente a sopa quente com uma velha colher de alumínio, não perdendo a oportunidade de continuar a tentar convertê-lo:

– Não penses que não confio em ti, irmão, mas a tua resposta à minha pergunta sobre a fé no nosso Deus não me pareceu muito sólida. Conseguirás, realmente, imaginar um mundo em que Ele não exista? Decerto que o nosso mundo não se poderia ter criado sozinho, ao arrepio da Sua sábia vontade. A infinita variedade de formas de vida e a beleza da Terra – o irmão Timofei indicou a sala de jantar com um gesto do queixo barbudo – poderão ser só um acaso?

Artyom examinou atentamente a carruagem mas não viu outras formas de vida que nela pudessem existir, além deles e do cozinheiro. E voltou, por isso, a curvar-se sobre o prato, emitindo alguns murmúrios cépticos.

Contrariamente ao que pensava, o desacordo que manifestou não indispôs o irmão Timofei. Ao contrário, até. Ficou visivelmente mais animado e as bochechas rosadas foram iluminadas por uma vermelhidão fervente e combativa.

– Se isto não te convence da Sua existência – continuou, energicamente, o irmão Timofei –, pensa, então, de maneira diferente. Se o nosso mundo não é uma montra da vontade divina, isso significa então que... – a voz pareceu paralisada, como se estivesse com medo, e só passados alguns momentos mais longos, que fizeram Artyom perder o apetite por completo, é que acabou de falar – isso significa, então, que as pessoas ficam entregues às suas próprias acções e que não vale a pena prolongar a nossa existência... Isso significa que estamos completamente sós e que ninguém se preocupa connosco. Isso significa que mergulhámos no caos e que não há a mais pequena hipótese de uma luz ao fundo do túnel... E é assustador viver num mundo assim. É impossível viver num mundo assim.

Artyom não conseguiu encontrar nada para lhe dizer e as palavras fizeram-no pensar. Até este momento vira, de facto, a vida como um caos absoluto, como uma série de acidentes em cadeia sem qualquer ligação entre si e sem qualquer significado. Embora isto o oprimisse e fosse grande a tentativa de confiar em qualquer simples verdade que lhe preenchesse a vida com algum significado, Artyom considerava-o uma cobardia e, pela dor e pela dúvida, ganhara força o pensamento de que era inútil a sua vida e de que cada ser devia resistir ao acaso e ao caos da vida. Mas não tinha vontade nenhuma de debater agora o assunto com o simpático irmão Timofei.

Artyom sentiu uma sensação benevolente de satisfação e de gratidão sincera pela pessoa que o acolhera, cansado, esfomeado e malcheiroso, e que lhe oferecera palavras afectuosas e roupa lavada e que agora o havia alimentado. Queria agradecer-lhe, embora sem saber como, e quando o homem o convidou a participar numa reunião de irmãos, Artyom pôs-se em pé, prontamente, mostrando com cada gesto que iria com todo o gosto a essa reunião e a qualquer outro local onde o quisessem levar.

A reunião iria ter lugar na carruagem seguinte, a terceira do comboio. Já a enchiam toda a espécie de pessoas, a maioria das quais vestidas com o mesmo manto. A meio da carruagem havia uma pequena tribuna e a pessoa

que nela estivesse ficaria a uma altura superior à das restantes, com a cabeça quase no tecto.

– É importante que ouças tudo – disse o irmão Timofei a Artyom, em jeito de instruções, abrindo caminho com movimentos gentis dos braços e conduzindo Artyom até meio da multidão.

O orador era um homem muito velho, com uma barba grisalha elegante, que lhe descia até ao peito, e os olhos encovados, de cor indistinta, contemplavam as pessoas com uma expressão sábia e calma. O rosto não era magro nem redondo, sendo atravessado por rugas vincadas que não sugeriam que existisse nele fraqueza ou desespero mas sim sabedoria. E irradiava uma força inexplicável.

– É o ancião Ioann – sussurrou o irmão Timofei a Artyom, com um tom de voz reverencial. – Tens muita sorte, irmão Artyom, porque vais de imediato receber alguns ensinamentos assim que o sermão iniciar.

O ancião ergueu um braço e abriu a mão. O restolhar dos pés e os murmúrios cessaram de seguida. E começou de imediato a falar, numa voz profunda e bem audível:

– A primeira lição que vos dou, amados irmãos, é como saber o que Deus vos pede. Qual é a informação importante que existe na Bíblia? Quem é o seu autor? Porque devemos estudá-la?

O seu modo de falar diferia da maneira sinuosa de falar do irmão Timofei. Era um discurso absolutamente simples, com orações curtas que favoreciam a apresentação das ideias. De início, Artyom sentiu-se surpreendido mas olhou, depois, para um lado e para o outro, e viu que a maioria das pessoas só era capaz de compreender palavras assim ditas e que o irmão Timofei das bochechas rosadas não teria, por isso, maior efeito sobre elas se fosse uma parede ou uma mesa. Entretanto, o pregador grisalho informou-os de que a verdade de Deus se encontrava na Bíblia: quem Ele é, quais eram as Suas leis. Depois disso, passou à segunda pergunta e disse-lhes que a Bíblia fora escrita por cerca de quarenta pessoas diferentes ao longo de 1600 anos e que elas foram todas inspiradas por Deus.

– É por isso – concluiu o ancião – que o autor da Bíblia não é uma pessoa, mas é Deus, que vive no Céu. E agora, respondam-me, irmãos: porque precisamos nós de estudar a Bíblia?

Sem esperar que os irmãos respondessem, explicou-o ele:

– Porque conhecer Deus e fazer a Sua vontade é um penhor do vosso eterno futuro. Nem toda a gente gostará de saber que estão a estudar a Bíblia – avisou – mas não deixem que alguém vos impeça. – Dizendo-o, contemplou a sua congregação com um olhar severo.

Houve um momento de silêncio e o idoso, bebendo um gole de água, prosseguiu:

– A segunda lição que vos darei, irmãos, é sobre quem é Deus. Portanto, dêem-me uma resposta a estas três perguntas: Quem é o verdadeiro Deus e qual é o Seu nome? Quais são as Suas mais importantes qualidades? Qual é a maneira correcta de O adorarmos?

Alguém, na multidão, quis responder a uma das perguntas mas recebeu diversos olhares furiosos e, entretanto, o ancião Ioann, com um ar indiferente, começou a responder às suas próprias perguntas:

– As pessoas prestam culto a muitas coisas. Mas, na Bíblia, diz que existe um só Deus. Foi ele que criou tudo no céu e na Terra. E porque nos deu a vida, devemos adorá-Lo só a Ele. Qual é o nome do verdadeiro Deus? – perguntou o idoso, depois de uma pausa.

– Jeová! – gritou a multidão, numa só voz.

Artyom olhou em redor, circunspectamente.

– O verdadeiro nome de Deus é Jeová! – confirmou o pregador. – Ele tem muitos títulos mas um só nome. Lembrem-se do nome do nosso Deus e não O chamem pelos Seus títulos, como se fossem cobardes, mas directamente pelo nome! Quem é que pode dizer-me qual é a principal qualidade do nosso Deus?

Artyom pensou que iria ver agora quem, na multidão, poderia ter cultura suficiente para responder a esta pergunta. Perto dele, um jovem de ar sério levantou a mão, para responder, mas o ancião antecipou-se.

– A natureza de Jeová está revelada na Bíblia! E as Suas principais qualidades são o amor, a justiça, a sabedoria e a força. Diz-se na Bíblia que Deus é misericordioso, simpático, pronto a perdoar, magnânimo e paciente. Nós, como crianças obedientes, devemos ser como Ele em todos os aspectos.

O que o orador disse não deu origem a nenhuma contestação no seio da sua congregação e o idoso, acariciando a sua magnífica barba, perguntou:

– Digam-me, então, como devemos prestar culto ao nosso Deus Jeová? Jeová diz que devemos adorá-Lo apenas a Ele. Que não devemos adorar desenhos, fotografias e símbolos e prestar-lhes culto! O nosso Deus não partilhará a Sua glória com mais ninguém! As imagens não têm o poder de nos ajudarem! – A voz ressoou com a força de uma ameaça.

A multidão emitiu murmúrios de aprovação e o irmão Timofei voltou para Artyom o rosto alegre e radioso e exclamou:

– O ancião Ioann é um grande orador e é graças a ele que a nossa irmandade cresce a cada dia e se expande a comunidade dos seguidores da verdadeira fé!

Artyom sorriu amargamente. O discurso ardente do ancião Ioann não causou nele o mesmo efeito impetuoso que causara nas outras pessoas. Mas talvez devesse escutar mais um pouco.

– Na minha terceira lição falar-vos-ei de Jesus Cristo – continuou o idoso. – E aqui estão três perguntas: Por que motivo é Jesus considerado o filho primogénito de Deus? Porque veio ele à Terra como pessoa? Que faria Jesus no futuro próximo?

Ficou então esclarecido que Jesus era considerado o filho primogénito de Deus por ter sido a primeira criação de Deus, que vivia no Céu e que personificara na Terra o Espírito Santo. Artyom ficou muito surpreendido ao ouvi-lo – só vira o céu uma única vez, nesse dia fatídico no Jardim Botânico. E alguém lhe dissera que até podia haver vida lá em cima, nas estrelas. Era a isso que o pregador se referia?

O ancião Ioann explicou, de seguida:

– Mas quem, de entre vós, me dirá por que motivo é que Jesus Cristo, o filho de Deus, desceu à Terra? – E fez uma pausa para efeito dramático.

Artyom começou agora a compreender o que se passava à sua volta e ficou claro que os presentes pertenciam já ao grupo dos convertidos e que já vinham a estas lições há algum tempo. Os veteranos nunca faziam tentativas para responder às perguntas do ancião, enquanto os iniciados estavam a tentar demonstrar os seus conhecimentos e a sua ânsia, atirando respostas e agitando as mãos até o idoso explicar tudo.

– Quando Adão não seguiu a ordem de Deus, ele tornou-se a primeira pessoa a cometer o que a Bíblia chama pecado – começou o ancião. – Por

isso, Deus condenou Adão à morte. E Adão foi envelhecendo gradualmente, até morrer, transferindo o seu pecado aos seus filhos e é por isso que nós também envelhecemos, adoecemos e morremos. Foi depois disso que Deus enviou o Seu filho primogénito para ensinar a verdade de Deus aos homens e dar às pessoas um exemplo, o seu próprio, sacrificando a Sua vida para libertar a humanidade do pecado e da morte.

A ideia pareceu estranha a Artyom. Por que motivo seria necessário castigar todos os homens com a morte para, mais tarde, sacrificar o Seu filho único para que tudo pudesse regressar ao estado original? Como poderia isso acontecer se Ele era omnipotente?

– Jesus regressou ao Céu, ressuscitado. Mais tarde, Deus chamou-Lhe rei. Jesus irá, em breve, varrer da Terra todo o mal e todo o sofrimento! – prometeu o idoso. – Mas disso falaremos depois da oração, meus irmãos!

As cabeças obedientemente inclinadas aproximaram-se e uniram-se no sacramento da oração. Artyom deixou-se mergulhar no zumbido de muitas vozes, onde não conseguia distinguir palavras mas cujo sentido geral lhe pareceu claro. Depois de estarem cinco minutos a rezar, os irmãos trocaram palavras breves entre si, aparentemente preocupados com a chegada do Espírito Santo.

Mas havia qualquer coisa que Artyom se sentia com dificuldade em aceitar. Era uma sensação que o aborrecia. Decidiu, no entanto, ficar mais um pouco porque poderia dar-se o caso de faltar a parte mais convincente do sermão.

– E a quarta lição que vos ensinarei é sobre o Diabo – tornou o ancião, olhando em redor com uma expressão sombria e ameaçadora. – Estão preparados? Sentem-se suficientemente fortes em espírito, irmãos, para ficarem a saber?

Era absolutamente necessário responder mas Artyom não conseguiu emitir um único som. Como conseguiria ele saber se era suficientemente forte em espírito se não conseguia saber do que se tratava?

– Eis três perguntas: de onde veio Satanás? Como é que Satanás trai as pessoas? Porque devemos nós resistir ao Diabo?

Artyom não prestou atenção às respostas que se ergueram da multidão, distraído a pensar onde estaria e como sairia dali. Só ouviu o pregador dizer

que o pecado principal do Diabo era querer que as pessoas o venerassem, privilégio que estava guardado apenas para Deus. E depois perguntou a si próprio se seria realmente verdade que Deus estava, de facto, preocupado com cada um dos seus seguidores e se haveria alguém que se dedicasse, na íntegra, a Deus.

A linguagem empregue pelo idoso começou a parecer assustadoramente oficial a Artyom e as questões que punha a parecerem inadequadas para a discussão pública. De vez em quando, o irmão Timofei olhava para ele atentamente, examinando-lhe o rosto à procura da centelha que revelaria o seu iminente esclarecimento, mas Artyom só conseguia sentir-se cada vez mais deprimido.

– Satanás ilude as pessoas para que elas o adorem – ia dizendo o idoso. – E há três maneiras de ele o fazer: a falsa religião, o espiritismo e o nacionalismo. Se uma religião ensina mentiras sobre Deus, ela serve os propósitos de Satanás. Os seguidores das religiões falsas podem, facilmente, pensar que estão a prestar culto ao Deus verdadeiro mas, na realidade, estão a prestar culto a Satanás. O espiritismo é usado pelas pessoas que chamam os espíritos para as proteger, para fazer mal aos outros, para prever o futuro e para fazer milagres. E por trás de cada uma destas acções encontra-se a força maligna do Diabo! – A voz do idoso tremeu, de ódio e de repugnância. – E, além disso, Satanás ilude as pessoas ao incitá-las ao orgulho nacionalista, levando-as a prestar culto a organizações políticas – avisou, com um dedo erguido. – As pessoas pensam que a sua raça ou a sua nação é superior à dos outros. Mas isso não é verdade.

Artyom esfregou a nuca, que ainda estava marcada por um vergão vermelho, e tossiu. Não podia concordar com a última frase.

– Algumas pessoas estão convencidas de que as organizações políticas resolverão os problemas da humanidade. As pessoas que acreditam nisso estão a renegar o Reino de Deus. Porque só o Reino de Jeová resolverá os problemas da humanidade. E agora digo-vos eu, meus irmãos, por que motivo devem resistir ao Diabo. Para vos fazer repudiar Jeová, Satanás pode recorrer a perseguições e a acções contra vós. Algumas das pessoas que vos estão mais próximas e que vos são mais queridas podem ficar zangadas convosco por estudarem a Bíblia. Outros podem começar a escarnecer-vos.

Mas a quem é que devem a vossa vida?! – inquiriu o ancião Ioann, com sons de ferro a reverberarem na sua voz. – Satanás quer assustar-vos! Para que deixem de tentar conhecer Jeová! Não o deixem fazer isso! Tenham força! Imponham-se! Contra Satanás! – A voz do idoso tinha o som do trovão. – Ao resistirem ao Diabo, demonstrarão a Jeová que são a favor do Seu domínio!

A multidão ergueu a voz, num rugido histérico.

Com um gesto da mão, o orador acalmou a manifestação de histeria para poder fechar a reunião com o quinto ensinamento, que era o último.

– Qual era a intenção de Deus para a Terra? – Encarando a audiência, abriu os braços. – Jeová criou a Terra para as pessoas poderem viver nela, felizes para sempre. Ele queria que uma humanidade justa e rejubilante habitasse a Terra. A Terra nunca será destruída. E existirá por toda a eternidade.

Incapaz de se conter, Artyom fez um trejeito de dúvida, bastante audível. Alguns olhares furiosos voltaram-se para ele e o irmão Timofei ergueu um dedo ameaçador.

– Os primeiros seres humanos, Adão e Eva, pecaram, violando deliberadamente a lei de Deus – prosseguiu o ancião Ioann. – Por isso, Jeová expulsou-os do Paraíso e o Paraíso ficou perdido para a humanidade. Mas Jeová não se esqueceu do propósito com que criou a Terra. Ele prometeu transformá-la num paraíso em que as pessoas pudessem viver para sempre. E como é que Deus cumpriu o Seu plano? – A pergunta era para o próprio orador.

Uma pausa mais prolongada sugeriu que o momento-chave do sermão estava iminente. Artyom esforçou-se por lhe prestar toda a atenção.

– Antes de a Terra se poder transformar num paraíso, as pessoas más teriam de ser eliminadas. – Ioann pronunciou as palavras num tom de agouro. – Foi prometido aos nossos antepassados que essa limpeza seria efectuada por meio do Armagedão, uma guerra divina para eliminar o mal. E que Satanás ficaria agrilhoado por mil anos. Não restaria ninguém que pudesse fazer mal à Terra. Só ficaria vivo o povo de Deus. E o Rei Jesus Cristo governaria a Terra durante mil anos! – O ancião voltou o seu olhar de fogo para as pessoas que o escutavam na fila da frente. – Compreendem

o que isto significa? A guerra divina para aniquilar o mal já terminou! O que aconteceu a esta Terra pecaminosa foi o Armagedão! O mal foi incinerado! De acordo com a profecia, só o povo de Deus sobreviveria. E nós, os que vivemos no Metro, somos o povo de Deus! O Reino de Deus está iminente! Em breve deixará de haver velhice, doenças e morte! Os doentes serão libertados do seu sofrimento e os velhos serão outra vez jovens! No reino de mil anos de Jesus, os fiéis a Deus farão da Terra um paraíso e Deus ressuscitará milhões de mortos!

Artyom lembrou-se da conversa de Sukhoi com o Caçador, sobre o facto de o nível de radiação na superfície não diminuir durante, pelo menos, cinquenta anos e de a humanidade estar condenada e de outras espécies biológicas poderem estar em ascensão. O ancião não estava a explicar como é que a superfície da Terra poderia transformar-se num paraíso florescente.

Artyom queria perguntar-lhe que estranho tipo de plantas é que poderia florescer no paraíso queimado, quem é que ousaria subir à superfície e instalar-se aí e se os seus pais eram filhos de Satanás e se foi por isso que haviam perecido na guerra para aniquilar o mal. Mas não disse nada. Invadiam-no uma tal amargura e uma tal desconfiança que os olhos lhe ardiam, sentindo-se envergonhado pela lágrima que lhe rolou pelo rosto. Reunindo todas as forças, fez uma única pergunta:

– Ouça, o que diz Jeová, o nosso Deus verdadeiro, sobre mutantes sem cabeça?

A pergunta ficou no ar. O ancião Ioann nem sequer se dignou olhar para Artyom mas os que estavam a seu lado olharam em redor com medo e repulsa, afastando-se dele como se Artyom tivesse dado origem a um cheiro nauseabundo. O irmão Timofei tentou pegar-lhe pela mão mas o jovem sacudiu-o e, empurrando para o lado os irmãos que o cercavam, começou a dirigir-se para a saída.

Conseguindo sair do Salão do Reino, atravessou a carruagem-restaurante. A essa hora já havia muitas pessoas à mesa, com tigelas de alumínio vazias à frente. Estava qualquer coisa a acontecer no meio da carruagem e todos os olhos se voltavam para aí.

– Antes de partilharmos este repasto, meus irmãos – dizia um sujeito magricela e grosseiro, de nariz torto –, vamos ouvir o pequeno David e o

que ele tem para nos contar. Isto preencherá o sermão que hoje ouvimos sobre a violência.

O homem desviou-se e deu o lugar a um rapaz gorducho e de nariz arrebitado, com o cabelo quase branco cuidadosamente penteado.

– Ele estava zangado comigo e queria dar-me uma sova – começou David, falando com a entoação que as crianças usam quando estão a recitar versos que aprenderam de cor. – Se calhar, só por eu ser baixo. Eu recuei e gritei: "Pára! Espera! Não me batas! Não te fiz nada! Que fiz eu para te ofender? É melhor que me digas o que te aconteceu!" – Uma expressão bem ensaiada de exaltação espalhou-se pelo rosto de David.

– E o que te disse esse horrível brutamontes? – interveio, excitado, o homem magricela.

– Que alguém lhe tinha roubado o pequeno-almoço e que ele estava só a descarregar a sua zanga na primeira pessoa que encontrou – explicou David. Mas havia qualquer coisa na sua voz que tornava duvidoso que ele próprio percebesse o que acabara de dizer.

– E que fizeste tu? – perguntou o homem magricela, prolongando a tensão.

– Eu só lhe disse: "O facto de me bateres não te trará o pequeno-almoço." E sugeri que, em vez disso, fôssemos falar com o irmão cozinheiro, para lhe dizermos o que tinha acontecido. Fomos e pedimos-lhe outro pequeno-almoço para ele. Depois disso, ele apertou-me a mão e passou a ser sempre amigável para mim.

– O homem que ofendeu o pequeno David está nesta sala? – perguntou o homem magricela, com a voz de um inquisidor.

Uma mão ergueu-se e um rapaz corpulento, na casa dos vinte anos, com um rosto apalermado e de expressão malévola, dirigiu-se, a arrastar os pés, para o palco improvisado, para relatar o efeito milagroso que as palavras do pequeno David nele tinham provocado. Mas não foi fácil. O rapaz estava obviamente mais predisposto a memorizar palavras cujo significado desconhecia. Quando a representação terminou e o pequeno David e o brutamontes arrependido deixaram o palco ao som de aplausos de aprovação, o homem magricela tomou, novamente, o seu lugar e dirigiu-se à audiência sentada, numa voz apaixonada:

– Sim, as palavras dos mansos têm um enorme poder! Como se diz nos

Provérbios, as palavras dos mansos podem partir ossos. A suavidade e a mansidão não são expressões de fraqueza, ó meus adorados irmãos, porque a suavidade esconde uma enorme força de vontade! E os exemplos da Bíblia Sagrada provam... – Folheando o livro já muito usado, em busca da página que queria, começou a ler uma história em voz alta, num tom de êxtase.

Artyom continuou a andar, seguido por olhares surpreendidos, e chegou finalmente à primeira carruagem. Ninguém o deteve, aí, e pôde descer até à linha onde Bashni, o guarda mais velho, um homem enorme, amável e imperturbável, o cumprimentou cordialmente, bloqueando a entrada com o corpo e perguntando a Artyom se tinha autorização para sair, unindo as sobrancelhas espessas numa expressão severa. Não havia possibilidade de o contornar.

Depois de esperar meio minuto por uma explicação, o guarda fechou os punhos com um ruído seco e avançou para Artyom. Olhando para todos os lados, o jovem lembrou-se da história do pequeno David. E pensou se seria preferível, em vez de se atirar ao guarda que parecia um elefante, descobrir se alguém lhe teria roubado o pequeno-almoço.

Mas, felizmente, apareceu nessa altura o irmão Timofei. E, olhando ternamente para o guarda, disse-lhe:

– Este jovem pode passar. Não retemos aqui ninguém contra sua vontade. – Fitando-o com surpresa, o guarda desviou-se, obedientemente.

– Permite-me, no entanto, que te acompanhe mais um pouco, amado irmão Artyom – cantarolou o irmão Timofei e Artyom, incapaz de resistir à magia da voz dele, acenou afirmativamente com a cabeça. – Talvez a maneira como nós aqui vivemos te pareça estranha, neste primeiro contacto – disse Timofei, num tom apaziguador –, mas agora a semente divina foi lançada à terra, em ti, e é claro aos meus olhos que caiu num solo acolhedor. Só te quero dizer como não deves agir, agora que o Reino de Deus está mais perto do que alguma vez esteve, para não seres rejeitado. Deves aprender a odiar o mal e a evitar as coisas que Deus sempre abominou: a fornicação, que significa infidelidade, a sodomia, o incesto e a homossexualidade, o jogo, a mentira, o roubo, os ataques de fúria, a violência, a feitiçaria, o espiritismo e a embriaguês. – Estas palavras foram apressadamente ditas enquanto o irmão Timofei lhe perscrutava o rosto, com uma expressão

nervosa. – Se amas Deus e desejas agradar-Lhe, liberta-te desses pecados. Os teus amigos mais esclarecidos poderão ajudar-te – acrescentou, referindo-se naturalmente a si próprio. – Honra o nome de Deus, não tomes parte nas acções deste mundo de maldade e abjura as pessoas que te digam o contrário porque Satanás fala pelas suas bocas – murmurou, embora Artyom já não o ouvisse. Estava a andar cada vez mais depressa e o irmão Timofei não o conseguia acompanhar. – Diz-me: onde é que posso encontrar-te na próxima vez? – perguntou, ainda, à distância, a respirar com dificuldade, quase perdido na semi-obscuridade.

Sem lhe responder, Artyom começou a correr. Atrás dele, na escuridão, ouviu ainda um grito desesperado:

– Devolve o manto!...

Artyom continuou a correr, tropeçando, incapaz de ver o que lhe aparecesse à frente. Caiu várias vezes, arranhando as palmas das mãos e os joelhos no chão de cimento, mas nunca parou. Lembrava-se claramente da metralhadora montada no pedestal preto e não acreditava que, se o pudessem apanhar, os irmãos preferissem usar palavras mansas em vez da violência.

Não se encontrando já muito longe da Pólis, começava a sentir-se mais perto do fim da sua missão. A Pólis ficava na mesma linha, sendo apenas necessário atravessar duas estações. E o essencial era continuar em frente, sem mais um único desvio...

Artyom entrou em Serpukhovskaya. Não parou, nem por um segundo, limitando-se a verificar em que direcção devia ir, e mergulhou no buraco negro que era a entrada do túnel à sua frente.

E foi nesse momento que lhe aconteceu algo completamente inesperado.

A sensação de horror inspirada pelo túnel, de que já se havia esquecido, voltou a abater-se sobre ele com uma pressão que o impedia de andar, de pensar e, até, de respirar. Parecera-lhe que, por agora, já se habituara e que, depois de tanto andar pelos túneis, o horror já o abandonara e não ousaria voltar a atormentá-lo. Não sentira nem medo nem inquietação ao fazer o caminho de Kitay-Gorod para Pushkinskaya, nem na viagem de Tverskaya para Paveletskaya nem quando, totalmente sozinho, se arrastara de Paveletskaya para Dobryninskaya. Mas, agora, o medo estava de volta.

A cada passo que dava, o medo assaltava-o com maior intensidade. E Artyom sentia vontade de se voltar e de regressar a correr à estação onde, pelo menos, havia alguma luz e algumas pessoas e onde não sentiria, atrás de si, o peso de um olhar determinado e malévolo.

E estivera em contacto com tantas pessoas que deixara de sentir aquilo que se abatera sobre ele depois de sair de Alekseevskaya. Mas agora, mais uma vez, sentia-se dominado pela impressão de que o Metro não era só um meio de transporte, construído numa dada altura da História, nem um simples abrigo contra bombas atómicas nem, tão pouco, a casa colectiva de algumas dezenas de milhar de pessoas. Alguém lhe instilara parte da sua vida misteriosa e incomparável e o Metro passara a ter um raciocínio extraordinário que nenhum ser humano poderia compreender e uma consciência alheia a tudo o que é humano.

Esta sensação era tão exacta e tão clara que pareceu a Artyom que o horror que emanava dos túneis, que as pessoas consideravam como o derradeiro refúgio, representava apenas a hostilidade desse ser perante as criaturas mesquinhas que lhe perfuravam o corpo. E, agora, não queria que Artyom fosse mais longe. Contra a sua vontade de chegar ao fim da jornada, o Metro estava a impor a sua própria vontade, antiga e potente. E a cada metro que Artyom percorria, a resistência do estranho ser ia crescendo.

Artyom já estava a caminhar no meio de uma escuridão impenetrável, incapaz de ver as próprias mãos mesmo que as levantasse à altura dos olhos.

Era como se tivesse caído do espaço e das correntes do tempo e parecia-lhe, até, que o seu próprio corpo já nem existia. Era como se já não estivesse a caminhar pelo túnel mas a flutuar numa dimensão desconhecida, transformado numa substância feita apenas de raciocínio.

E porque não podia ver as paredes que atrás de si se iam afastando, sentia que estava imóvel, sem conseguir dar um único passo em frente, e que o objectivo da sua jornada era agora tão inalcançável como há cinco ou dez minutos. Mas o certo é que os seus pés continuavam a mover-se por cima das travessas, o que lhe podia ter mostrado que a sua posição espacial estava a mudar. Por outro lado, era absolutamente uniforme o sinal que avisava o seu cérebro de cada nova travessa em que o pé pousava. Gravado na sua

mente de uma vez por todas, esse sinal repetia-se agora sem cessar. E isso também o fazia duvidar da realidade do seu progresso. Estaria a aproximar-se da sua meta só por estar a avançar? Lembrou-se, de repente, da sua visão, que poderia responder às dúvidas que o atormentavam.

Nesse instante, quer fosse pelo horror à coisa desconhecida, maléfica e hostil que o pressionava pelas costas quer pelo seu desejo de provar a si próprio que na realidade ainda estava a avançar, Artyom conseguiu triplicar a força que impunha aos seus movimentos. E quase teve dificuldade em parar, evitando milagrosamente o embate, quando um qualquer sexto sentido lhe indicou que tinha pela frente um obstáculo.

Tacteando, com todo o cuidado, o metal frio e ferrugento e os fragmentos de vidro que se erguiam de tiras de borracha e as grandes circunferências de aço que eram as rodas, reconheceu que o misterioso obstáculo era um comboio. Aparentemente abandonado. E mergulhado num silêncio absoluto. Recordando-se da horrível história que ouvira a Mikhail Porfirievich, não fez nenhuma tentativa para lá entrar, preferindo seguir ao longo das carruagens, muito perto da parede do túnel. Ao chegar ao fim do comboio, suspirou de alívio e apressou-se a continuar, novamente a correr.

Fazê-lo assim às escuras era muito difícil mas as pernas habituaram-se e continuaram a mover-se até ao momento em que Artyom avistou ao longe, e de um dos lados, o brilho avermelhado de uma fogueira.

Saber que chegara ao mundo real, onde haveria pessoas a sério, trouxe-lhe uma indescritível sensação de alívio. Pouco lhe importou o que fariam essas pessoas ao vê-lo. Podiam ser assassinos ou ladrões, membros de alguma seita ou revolucionários – não lhe interessava. O principal era o facto de serem criaturas de carne e osso, como ele. Não duvidou, por um segundo, de que seria capaz de encontrar refúgio junto destas pessoas e de esconder-se assim dos seres enormes e invisíveis que o queriam sufocar. Ou seria da sua mente alterada que queria encontrar refúgio?

Diante dos olhos apareceu-lhe uma imagem tão estranha que não conseguiu ter a certeza de ter regressado ao mundo real ou de andar ainda a vaguear pelos vários recantos do seu próprio subconsciente.

Na estação de Polyanka ardia apenas uma fogueira mas a ausência de outra fonte de luz fazia-a parecer mais brilhante do que todas as luzes

eléctricas de Paveletskaya. Junto ao fogo estavam sentados dois homens, um deles com as costas voltadas para Artyom, e o outro voltado directamente para ele. Mas nenhum deles pareceu reparar no jovem nem, sequer, ouvi-lo. Era como se estivessem separados dele por uma parede invisível que lhes impedia todo o contacto com o mundo exterior.

Toda a estação, pelo que conseguia ver à luz da fogueira, estava cheia de uma inimaginável variedade de lixo. Distinguiu as silhuetas de bicicletas partidas, de pneus de automóveis, de mobílias e de outros electrodomésticos. De uma montanha de coisas dispersas, os dois homens tiravam, de vez em quando, pilhas de jornais e de livros, que atiravam de seguida para as chamas. Um busto de gesso de uma pessoa que não identificou estava no pavimento descarnado perto da fogueira e, junto a ele, aninhava-se um gato, com aspecto de estar muito confortável. Não havia mais nenhum ser vivo.

Um dos homens sentados junto à fogueira estava a contar qualquer coisa ao outro, sem pressas. E, aproximando-se, Artyom pôde ouvir o que ele dizia.

– Há rumores que circulam na Universidade... Absolutamente falsos, no entanto. São apenas os ecos do antigo mito da Cidade Subterrânea do distrito de Ramenki[51]. Que fazia parte do Metro-2. Mas, claro, não se consegue refutar nada com cem por cento de certeza. Aqui, em geral, nada se pode dizer com cem por cento de certeza. É um império de mitos e de lendas. O Metro-2 até pode ter sido, naturalmente, o mito principal, o mito dourado, se mais pessoas tivessem sabido dele. Toma, por exemplo, o caso da crença nos Observadores Invisíveis!

Artyom já se encontrava muito perto deles quando o homem que estava de costas voltadas disse:

– Está aqui alguém.

– Pois claro que está – acrescentou o outro, com um aceno de cabeça.

– Podes juntar-te a nós – disse o primeiro, dirigindo-se a Artyom sem, no entanto, voltar a cabeça para ele. – Seja como for, também não podes ir mais longe.

– Porque não? – perguntou Artyom, agitado. – O que se passa? Há alguém naquele túnel?

– Não, claro que não – explicou o homem, pacientemente. – Quem é que iria meter-se ali? De qualquer modo, não podes ir lá, como estou a dizer-te. Portanto, podes sentar-te.

– Obrigado – disse Artyom, dando um passo hesitante em frente e sentando-se no chão, diante do busto. Os dois homens teriam mais de quarenta anos. Um tinha o cabelo grisalho e usava óculos quadrados e o outro era magro e louro e tinha uma pequena barba. Vestiam ambos velhos blusões acolchoados. Estavam a inalar fumo por meio de um tubo ligado a uma cabaça, de onde saía uma fragrância estonteante.

– Como te chamas? – perguntou o louro.

– Artyom – respondeu automaticamente o jovem, absorto na observação dos dois estranhos.

– Chama-se Artyom – disse o louro ao seu companheiro.

– Ficamos a saber – retorquiu o outro.

– Chamo-me Evgueni Dmitrievich. E ele é Serguei Andreievich – disse o louro.

– Não precisamos de ser tão formais, pois não? – perguntou Serguei Andreievich.

– Serguei, já que chegámos a esta idade, podemos tirar partido dela. É uma questão de posição e tudo isso.

– Está bem, e que mais? – perguntou Serguei Andreievich a Artyom.

A pergunta pareceu-lhe estranha, como se eles estivessem a insistir com ele para continuar a fazer qualquer coisa que ele nem sequer começara, e Artyom ficou perplexo.

– Chamas-te Artyom. E depois? Onde vives? Para onde vais? Em que é que acreditas? De quem é a culpa? E que fazer?[52] – perguntou Serguei Andreievich. – Lembra-te de como costumava ser! – acrescentou, de repente, por nenhum motivo aparente.

– Oh, pois! – exclamou Evgueni Dmitrievich, dando uma gargalhada.

– Eu vivo em VDNKh... ou, pelo menos, vivia – começou Artyom, com relutância, observando cautelosamente os dois homens. Talvez devesse sair dali, enquanto não havia nenhum problema. Mas aquilo que lhes ouvira, antes de darem por ele, manteve-o junto à fogueira. E não resistiu a tentar esclarecer a sua curiosidade. – O que é isso do Metro-2? – perguntou. –

Desculpem, mas não pude deixar de ouvir.

– Portanto, queres conhecer a principal lenda do Metro? – Serguei Andreievich sorriu, com ar paternal. – Que queres saber ao certo?

– Estavam a falar de uma cidade subterrânea e de uns observadores.

– Bem, o Metro-2 era o refúgio dos deuses do panteão soviético durante o período do Ragnarök[53] no caso de as forças do mal triunfarem – começou Evgueni Dmitrievich, contemplando o tecto e expelindo anéis de fumo. – Segundo as lendas, debaixo da cidade cujo cadáver ficou enterrado no subsolo, foi construído acima de nós um outro Metro, destinado às elites. O que vês à tua volta é o Metro destinado ao rebanho das pessoas comuns. O outro, de acordo com as lendas, é destinado aos pastores e aos seus cães. No início, quando os pastores ainda não tinham perdido o poder que detinham sobre o rebanho, era a partir daí que governavam. Mas depois perderam a força e o rebanho fugiu-lhes. Os dois mundos eram ligados por simples portões e, se acreditarmos na lenda, eles situavam-se onde o mapa está agora cortado em duas partes, assemelhando-se a uma cicatriz da cor do sangue, no ramal de Sokolinskaya, algures por detrás de Sportivnaya. Aconteceu aí qualquer coisa que fechou para sempre a entrada do Metro-2. E os que aí viviam deixaram de saber o que acontecera e a própria existência do Metro-2 tornou-se, de certo modo, mítica e irreal. Mas – e Evgueni Dmitrievich ergueu o indicador –, apesar de a entrada para o Metro-2 já não existir, isso não significa que o Metro-2 tenha deixado de existir. Pelo contrário, cerca-nos. Os seus túneis serpenteiam à volta das nossas estações e as estações do Metro-2 podem estar apenas do outro lado das paredes das nossas estações, a uns metros de distância. Estas duas estruturas são inseparáveis, como o são o sistema circulatório e os vasos linfáticos de um organismo vivo. E os que acreditam que os pastores não podiam ter abandonado o seu rebanho à mercê do destino dizem que eles continuam, imperceptivelmente, nas nossas vidas, observando cada passo que damos sem se revelarem e sem deixarem que a sua existência seja conhecida. É essa a crença nos Observadores Invisíveis.

O gato, enrolado junto ao busto coberto de fuligem, levantou a cabeça e, abrindo os olhos verdes, enormes e brilhantes, observou Artyom com uma expressão inesperadamente inteligente e cristalina. O olhar não era bem o de

um animal e Artyom não conseguiu, de imediato, deixar de pensar que havia alguém a estudá-lo cuidadosamente, através dos olhos do animal. Mas o gato bocejou, espetando a língua cor-de-rosa pontiaguda e, enfiando o focinho na sua cama improvisada, voltou a adormecer, como se fosse uma ilusão desaparecida.

– E por que motivo é que eles não querem que se saiba da sua existência? – perguntou Artyom, lembrando-se da dúvida com que ficara.

– Há dois motivos para isso. Em primeiro lugar, as ovelhas são culpadas de terem rejeitado os seus pastores no momento de fraqueza em que se eles se encontraram. Em segundo lugar, desde que a ligação do Metro-2 ao nosso mundo ficou cortada, os pastores evoluíram de maneira diferente da nossa e já não são seres humanos mas seres de uma ordem mais elevada, cuja lógica é para nós incompreensível e cujos pensamentos nos são inacessíveis. Ninguém sabe o que pensam eles do nosso Metro mas eles podiam mudar tudo e, até, fazer-nos regressar ao mundo maravilhoso que perdemos porque recuperaram o seu antigo poder. Mas uma vez que nos revoltámos contra eles e os traímos, eles já nada têm a ver com o nosso destino. No entanto, os pastores estão por todo o lado e sabem tudo o que acontece no Metro: quando respiramos, cada passo que damos, cada golpe que vibramos... Eles só observam o presente. E só quando expiarmos o nosso pecado mortal é que se voltarão para nós com um olhar piedoso e nos estenderão a mão. E começará então um renascimento. É o que dizem os que acreditam nos Observadores Invisíveis. – E, inalando o fumo aromático, Serguei Andreievich calou-se.

– Como é que as pessoas poderão expiar a sua culpa? – perguntou Artyom.

– Ninguém sabe, à excepção dos próprios Observadores Invisíveis. Os seres humanos não o compreendem porque nem sabem que rejeitaram os Observadores.

– Então as pessoas poderão não ser capazes de expiar o pecado que cometeram contra eles? – Artyom ficou intrigado.

– E isso incomoda-te? – perguntou Evgueni Dmitrievich, encolhendo os ombros e expelindo mais dois anéis de fumo, grandes e bonitos, um a atravessar o outro.

Ficaram em silêncio durante algum tempo. De início, a atmosfera parecia

despreocupada e límpida, tornando-se gradualmente mais espessa, mais ruidosa e mais palpável. Artyom sentiu uma necessidade cada vez maior de quebrar o silêncio, mesmo com uma frase sem sentido ou com um som sem significado.

– De onde são? – acabou por perguntar.

– Antes, eu vivi em Smolenskaya, não muito longe do Metro, talvez a uns cinco minutos a pé – respondeu Evgueni Dmitrievich, levando Artyom a olhá-lo, surpreendido. Como é que podia ter vivido não muito longe do Metro? Devia querer dizer que não vivia longe de uma estação do Metro, num túnel – não seria isso? – Passávamos por bancas de comida, onde se vendia **ot qnÚÇqzu**[54] e onde às vezes comprávamos cerveja, e havia sempre prostitutas perto das bancas e a Polícia tinha... tinha um quartel-general ali perto. – Ao ouvi-lo, Artyom começou a perceber que Evgueni Dmitrievich estava a falar do antigamente, do que se passara antes.

– Pois, eu também vivia perto daí, na Avenida Kalinine[55], num arranha-céus – disse Serguei Andreievich. – Houve alguém que me disse, há cinco anos, que um saqueador lhe dissera que os prédios se tinham desmoronado... A Casa dos Livros[56] ainda aí se encontra, com todos os livros de bolso baratos espalhados em cima das mesas, intactos. Não é incrível? Mas dos arranha-céus o que sobrou foi um monte de poeira e de blocos de cimento. É estranho.

– E como era a vida, nessa altura? – perguntou Artyom, com curiosidade. Gostava muito de fazer perguntas destas às pessoas mais velhas, que paravam tudo o que estivessem a fazer para descreverem com grande prazer os velhos tempos. Os olhos ganhavam uma expressão sonhadora e distante, as vozes ficavam diferentes e os rostos pareciam rejuvenescer dez anos. As imagens do passado, que ganhavam vida aos olhos dessas pessoas, eram muito diferentes das imagens que Artyom via na sua cabeça, quando lhes escutava os seus relatos mas a situação era, de qualquer modo, agradável para todos. Eram relatos de ternura, mas também de sofrimento, que faziam doer o coração.

– Bem, foi um tempo maravilhoso, sabes? Nessa altura... deixa-me ver... Era tudo muito fixe – respondeu Evgueni Dmitrievich, sem pressas.

Artyom não conseguiu imaginar o que o homem grisalho teria em mente

mas, percebendo-o, o seu outro interlocutor apressou-se a responder:

– Éramos pessoas muito animadas e passámos tempos muito bons.

– É isso, exactamente, o que eu queria dizer – anuiu Evgueni Dmitrievich. – Era tudo muito fixe. Eu tinha um **U ÁÉz áuot EDFD**, gastei todo o meu salário para o conseguir e para lhe instalar um sistema de som e para lhe mudar o óleo. E, que louco fui, até lhe substituí o carburador por um outro, de um carro de corridas e depois misturei nitrogénio. – Evgueni Dmitrievich regressara, com as recordações, aos bons velhos tempos, quando se podia trocar facilmente um carburador de um velho carro de corridas. E o rosto começou a ter a mesma expressão sonhadora que Artyom tanto gostava de ver. Era uma pena, no entanto, que Artyom percebesse tão pouco do que ele estava a dizer.

– Artyom nem sequer deve saber o que é um **U ÁÉz áuot**, quanto mais um carburador – disse Serguei Andreievich, interrompendo as agradáveis reminiscências do seu amigo.

– Que queres dizer com isso de ele não saber? – O homem magro deitou a Artyom um olhar aborrecido. Artyom começou a examinar o tecto, tentando arrumar as suas ideias.

– Por que motivo é que estão a queimar livros? – perguntou o jovem, mudando de assunto numa manobra táctica contra-ofensiva.

– Já os lemos – respondeu Evgueni Dmitrievich.

– E não se encontra a verdade nos livros! – acrescentou Serguei Andreievich, em jeito de explicação. – Entretanto, talvez nos possas dizer porque é que andas assim vestido. És membro de alguma seita ou quê?

– Não, não, claro que não – apressou-se Artyom a explicar. – As pessoas que me deram isto estenderam-me a mão e ajudaram-me quando eu estava com problemas. – E não acrescentou pormenores.

– Sim, sim, é exactamente como eles trabalham. Reconheço-lhes o estilo. Procuram os órfãos e os desgraçados e... ou alguma coisa assim – disse Evgueni Dmitrievich, com um aceno de cabeça.

– Eu estive numa das reuniões deles e ouvi-lhes dizer coisas estranhas, sabem? – começou Artyom. – Fiquei algum tempo a ouvi-los mas não consegui aguentar. Dizem, por exemplo, que a principal fraqueza de Satanás foi ter procurado a glória e a veneração mas... Bem, antes disto, pareceu-me

que era um assunto mais sério mas, afinal, eram só ciúmes. O mundo é realmente assim tão simples e será que tudo reside no facto de alguém não ter querido partilhar com outro a sua glória e os seus adoradores?

– De modo algum – assegurou-lhe Serguei Andreievich, tirando o cachimbo de água ao seu parceiro louro e inalando.

– E há mais uma coisa... Eles dizem que as principais qualidades de Deus são a compaixão, a bondade e a predisposição para perdoar, que é um deus de amor e que é todo-poderoso. Ao mesmo tempo, o homem que pela primeira vez Lhe desobedeceu foi expulso do Paraíso e transformado num ser mortal. Portanto, há uma quantidade de pessoas que morrem, sem se assustarem, e, no fim, Deus manda o Seu filho para salvar as pessoas. E depois o Seu filho tem uma morte horrível e apela a Deus antes de morrer, perguntando por que motivo foi abandonado. E tudo isto para quê? Para expurgar, com o Seu próprio sangue, o pecado do primeiro homem, que o próprio Deus havia causado e castigado, para que as pessoas possam regressar ao Paraíso e descobrir, de novo, a imortalidade. Isto tudo é uma espécie de parvoíce sem sentido porque, para começar, ele até podia não ter castigado todos de forma tão severa por coisas de que não tiveram culpa. Ou podia ter interrompido o castigo porque a ofensa já era muito antiga. Mas porquê sacrificar o filho que amava e, até, traí-Lo? Que tipo de amor é este? Que predisposição é esta para perdoar? E onde está a omnipotência?

– Está bem dito, em termos gerais, mas de forma um pouco grosseira – concordou Serguei Andreievich, com um aceno de cabeça, passando o cachimbo de água ao companheiro.

– Eis o que posso dizer sobre o assunto... – começou Evgueni Dmitrievich, enchendo os pulmões de fumo e sorrindo com alegria, antes de fazer uma breve pausa. – Portanto, se o Deus deles tem, realmente, algumas capacidades ou aspectos que o distingam, decerto que eles não incluem o amor, a justiça ou a capacidade de perdoar. A avaliar pelo que aconteceu na Terra desde o tempo em que ela foi... hmm, criada, Deus só mostrou que gosta de uma única coisa: de histórias interessantes. Em primeiro lugar, cria uma situação interessante e depois põe-se de lado, a ver o que acontece. Se o resultado é um pouco sensaborão, ele acrescenta-lhe alguma pimenta. Portanto, o velho Shakespeare tinha razão, quando dizia que o mundo

inteiro é um palco. Mas não aquele que ele pensava que era – concluiu.

– O que disseste esta manhã já te dá direito a passares vários séculos no Inferno – comentou Serguei Andreievich.

– Isso significa que já lá terás alguém com quem conversar – retorquiu-lhe Evgueni Dmitrievich.

– Por outro lado, pode-se conhecer lá muitas pessoas interessantes – disse Serguei Andreievich.

– Por exemplo, dos escalões mais elevados da hierarquia da Igreja Católica.

– Sim, de certeza que lá estão. Mas, se quisermos ser rigorosos, também lá encontraremos dos nossos...

Era claro, no entanto, que nenhum dos interlocutores de Artyom acreditava que haveria um dia para se fazerem contas relativamente a tudo o que haviam dito. Mas as palavras de Evgueni Dmitrievich, sobre o que acontecera à humanidade ser apenas uma história interessante, levaram Artyom a um novo pensamento.

– Olhem, eu li muitos livros diferentes – disse – e fiquei sempre surpreendido por eles não serem como na vida real. Quer dizer, os acontecimentos nos livros são organizados de uma forma muito simples e directa, em que tudo está relacionado, em que as causas têm consequências e as coisas não se limitam só a "acontecer". Na realidade, tudo é completamente diferente! Quer dizer, a vida está cheia de acontecimentos que não fazem sentido e que o são por mero acaso e não há nada que se pareça com uma sequência lógica. Além disso, os livros não terminam no ponto em que a sequência lógica se interrompe. Há um começo, as coisas desenvolvem-se, há um pico e depois é o fim.

– Clímax, pico não – emendou Serguei Andreievich, que estava a ouvi-lo com uma expressão enfastiada.

Evgueni Dmitrievich também não se mostrou especialmente interessado no que estava a ouvir. Puxou a cabaça para mais perto de si, inalou mais do fumo aromático e susteve a respiração.

– Muito bem: clímax – tornou Artyom, apesar de se sentir ligeiramente desencorajado. – Mas, na vida real, é tudo diferente. Em primeiro lugar, uma sequência lógica pode não ter fim e, em segundo, se tiver, nada pára só

por causa disso.

– Queres dizer que a vida não tem história. Certo? – perguntou Serguei Andreievich, ajudando Artyom a formular melhor as suas observações.

Artyom pensou por um instante a acenou afirmativamente com a cabeça.

– No entanto, acreditas no destino? – perguntou Serguei Andreievich, inclinando a cabeça para o lado e examinando Artyom atentamente, enquanto Evgueni Dmitrievich largava o cachimbo, já interessado nesta parte da conversa.

– Não – respondeu Artyom, resolutamente. – Não há destino, há apenas acontecimentos ao acaso, coisas que nos acontecem e depois somos nós que fazemos acontecer as coisas que nos interessam.

– É pena, é pena... – suspirou Serguei Andreievich, decepcionado, olhando por cima dos óculos e com ar austero para Artyom. – Mas olha, vou apresentar-te uma pequena teoria que eu tenho e tu verás se está de acordo com a tua vida, ou não. Parece-me que a vida é, naturalmente, uma piada desprovida de sentido, que não tem nenhum propósito e que o destino não existe, o que quer dizer que nada existe de explícito e de definitivo, do género de tu nasceres e já saberes que vais ser um cosmonauta ou um bailarino ou que morrerás na infância... Não é nada disto. Enquanto estás a viver o tempo que te foi concedido... como hei-de explicar melhor? Pode ser que te aconteça alguma coisa que te obrigue a determinadas acções e a tomar determinadas decisões, tendo em mente que tens livre-arbítrio e que podes fazer isto ou aquilo. Mas se tomares a decisão certa, então as coisas que subsequentemente te acontecem já não são, para usar as tuas palavras, acontecimentos ao acaso. Elas são originadas pelas escolhas que fizeste. Não quero com isto dizer que se tivesses decidido ir viver para a Linha Vermelha, antes de ela se tornar comunista, ficarias sem poder sair de lá e acontecer-te-iam coisas relacionadas com essa circunstância. Mas se fosses dar contigo, de novo, numa encruzilhada, e mais uma vez tomasses a decisão que devias tomar, então serias mais tarde confrontado com uma escolha que já te parecerá tão ocasional se, claro, a puderes compreender na totalidade. E a tua vida deixará de ser uma mera colecção de acontecimentos ocasionais. Ela será uma... história, parece-me, onde tudo está interligado por meio de elos lógicos, embora não necessariamente directos. E o teu destino será esse.

A certo ponto, se já percorreste uma parte suficientemente longa do teu caminho, a tua vida ter-se-á tornado uma história na medida em que acontecerão coisas estranhas que são inexplicáveis do ponto de vista do racionalismo mais chão, ou da tua teoria dos acontecimentos ao acaso. Mas essas coisas encaixar-se-ão muito bem na lógica da história, com uma intriga precisa, em que a tua vida já se tornou. Acho que o destino não acontece, apenas, que é preciso lá chegar e que os acontecimentos da tua vida se ligam e começam a organizar-se numa intriga que te pode levar muito longe... E é muito interessante que uma pessoa possa nem suspeitar de que isso lhe está a acontecer ou conceba o que aconteceu com base numa falsa premissa, ao tentar sistematizar os acontecimentos para estarem de acordo com a perspectiva que tem do mundo. Mas o destino tem a sua própria lógica.

Esta estranha teoria, que primeiro pareceu a Artyom ser uma completa charlatanice, obrigou-o a olhar, numa nova perspectiva, para tudo o que lhe acontecera desde o princípio, quando acedera à proposta do Caçador em partir para a Pólis.

Agora, todas as suas aventuras e todas as suas viagens, que antes vira como tentativas ineficazes e desesperadas de alcançar o seu objectivo, que ele continuava a procurar alcançar independentemente do ponto onde se encontrava, apareciam diante de si a uma luz diferente, parecendo-lhe um sistema muito bem organizado que formava uma estrutura complexa mas bem imaginada.

Porque se se considerasse a aceitação por Artyom da proposta do Caçador o primeiro passo desse caminho, como dissera Serguei Andreievich, todos os acontecimentos subsequentes – incluindo a expedição a Rizhskaya, o facto de Bourbon lá o ter abordado e de Artyom não o ter repelido – constituíam o passo seguinte, tal como o aparecimento de Khan e o facto de ele o ter acompanhado, embora pudesse ter ficado em Sukharevskaya... Mas isto também podia ser explicado de outra maneira. E o próprio Khan evocara motivos diferentes para as suas acções. Depois, Artyom fora aprisionado pelos fascistas em Tverskaya e deveria ter sido enforcado, mas as circunstâncias organizaram-se de tal modo que a brigada da Interestacional decidira atacar Tverskaya nesse mesmo dia. Se os revolucionários tivessem aparecido um dia mais cedo ou um dia mais tarde, a morte de Artyom teria

sido inevitável e a sua jornada teria terminado.

Seria possível que a persistência com que ia percorrendo o seu caminho pudesse influenciar acontecimentos futuros? Poderia acontecer que a determinação, a fúria e o desespero que o haviam levado a dar sempre mais um passo criassem, de uma forma desconhecida, uma realidade que tecesse uma série de acontecimentos caóticos e organizasse, num sistema bem ordenado, os seus pensamentos e as suas acções, transformando desse modo, como dissera Serguei Andreievich, uma vida normal na trama de uma história?

À primeira vista, nada disso poderia acontecer. Mas quando pensava melhor... Como é que se poderia explicar, de outro modo, o encontro com Mark, que lhe oferecera a única possibilidade de entrar no território da Hansa? E a coisa principal, mais do que tudo o resto, é que enquanto ele aceitou o que lhe aconteceu, que era a obrigação de limpar as latrinas, o destino, segundo parecia, voltou-lhe as costas, mas quando ele aproveitou a oportunidade, o impossível aconteceu: o guarda que devia estar no seu posto desaparecera e já ninguém o perseguira. Portanto, ao ter regressado do caminho distorcido e divergente que já estava a percorrer para o caminho que desde o início sabia que queria percorrer, agindo em harmonia com o padrão narrativo da sua vida, na fase em que agora se encontrava poderia tudo ter dado origem a uma alteração grave da realidade, refazendo-a de tal modo que a principal linha do destino traçado para Artyom se podia desenvolver sem entraves?

Se assim fosse, isso deveria querer dizer que, se ele se desviasse do seu objectivo ou se abandonasse o seu caminho, o destino também o abandonaria de imediato e o seu escudo invisível, que agora lhe protegia a vida, se desmoronaria e o seu fio de Ariane, que ia seguindo com todo o cuidado, quebrar-se-ia e ele ficaria frente a frente com uma realidade turbulenta, ela própria furiosa com as suas intrusões imprudentes na substância caótica da realidade... Poderia acontecer que quem tivesse uma vez tentado iludir o destino, sendo suficientemente irreverente para continuar em frente, apesar das nuvens lúgubres que se haviam formado por cima da sua cabeça, não conseguisse sair desse caminho? A partir desse momento, a sua vida transformar-se-ia em algo completamente vulgar e

cinzento e não aconteceria mais nada que fosse invulgar, mágico ou inexplicável porque a história ficara interrompida e essa pessoa deixaria de ser um herói...

Significaria isto que Artyom não só não tinha o direito de se desviar do seu caminho como não o conseguia fazer? Que era esse o seu destino? O destino em que não acreditava? E em que não acreditava porque não sabia interpretar o que lhe acontecera, não sabia como ler os sinais colocados ao longo da estrada e continuava a acreditar, ingenuamente, que a estrada que conduzia a horizontes mais longínquos, e que haviam sido construídos só para ele, era um emaranhado confuso de caminhos abandonados que conduziam a diferentes direcções?

Parecia-lhe era estar a percorrer o seu caminho e que os acontecimentos da sua vida formavam uma trama harmoniosa que dominava a vontade e a razão humana e que cegava os seus inimigos, enquanto os seus amigos viam a luz e conseguiam socorrê-lo a tempo. Era uma trama que controlava de tal modo a realidade que as leis imutáveis da probabilidade mudavam de forma, obedientemente, como massa de vidraceiro, em resposta ao poder crescente de uma mão invisível que o fazia movimentar-se no tabuleiro de xadrez da vida... E se assim fosse, na verdade, então a pergunta "Para que serve tudo isto?", que antes só poderia ser respondida com um silêncio carrancudo e de dentes cerrados, deixava de ter sentido. Agora, a coragem – com que garantia a si próprio (e teimosamente aos outros) que a Providência não existia, tal como não existia nenhum outro plano superior, e não havia no mundo lei nem justiça – tornava-se desnecessária porque esse plano podia ser divinizado... Não era um pensamento a que quisesse resistir. Era demasiado sedutor para lhe poder voltar as costas com a mesma inflexível teimosia com que rejeitara as explicações oferecidas pelas religiões e pelas ideologias.

No conjunto, isto só significava uma coisa.

– Não posso ficar aqui mais tempo – disse, levantando-se, com a sensação de que os seus músculos estavam a encher-se de uma nova força que o fazia vibrar. – Não posso ficar aqui mais tempo – repetiu, ouvindo com muita atenção a sua própria voz. – Tenho de ir. Tenho mesmo. É o meu dever.

Já sem as dúvidas que lhe punham a cabeça às voltas e tendo esquecido os

medos que o haviam conduzido a esta pequena fogueira, saltou para a linha e penetrou na escuridão. As dúvidas libertaram-no, criando nele espaço para uma paz de espírito perfeita e para a certeza de que estava a fazer tudo certo.

Era como se, tendo sido obrigado a desviar-se do caminho, fosse capaz, não obstante, de recuperar o seu domínio dos carris reluzentes do seu destino. As travessas por onde agora caminhava pareciam ter vida própria e mover-se debaixo dos seus próprios pés, sem que isso lhe exigisse grande esforço. E, em instantes, desapareceu na escuridão.

– É uma teoria magnífica, não é? – perguntou Serguei Andreievich, inalando mais uma vez.

– Quase dá para pensar que acreditas nela – replicou Evgueni Dmitrievich, rabugento, a coçar o gato atrás das orelhas.

51 N.T. – Ramenki
É neste distrito, na zona ocidental de Moscovo, que se situa a Universidade Estatal de Moscovo Lomonosov e a cidade lendária que estaria ligada ao Metro-2, a rede de metropolitano secreta que teria sido construída por ordem de Estaline com o nome de código de D-6. Segundo a lenda, o Metro-2 teria quatro linhas e as suas estações estariam situadas a uma profundidade que chegaria aos 200 metros, com ligações aos pontos estrategicamente mais importantes de toda a cidade de Moscovo.

52 N.T. – "De quem é a culpa? E que fazer?"
Estas duas perguntas, consideradas as questões filosoficamente mais importantes de toda a História russa, tornaram-se títulos de obras famosas. **b Úq NméqÇG** foi, primeiro, um romance de Nikolai Tchernichevsky (1829-1889), escrito na prisão, e, depois, um ensaio de Lenine, escrito em 1902. **Lq b Úqº H J Ú'ÂmG** é o título de um romance de Alexander Herzen (1812-1870).

53 N.T. – **c msı mÇ z**
A palavra **Çmsı mÇ z** provém do islandês **Çmsı mÇÁz** que significa "destino fatal dos deuses" ou "crepúsculo dos deuses" e designa, na mitologia eslava e germânica, o dia em que morrerão os mundos humano e divino.

54 N.T. – **J t qnÚÇqzu**
Empanada típica da Geórgia, recheada com carne picada e legumes.

55 N.T. – Avenida Kalinine
A Avenida Kalinine (Kalinin Prospekt) foi assim designada em honra do presidente soviético Mikhail Kalinine (1845-1946) e era uma das mais importantes artérias de Moscovo, onde se erguiam arranha-céus de vinte e seis andares que, à distância, pareciam livros numa estante. Com a queda do regime soviético, o nome foi alterado para Nova Arbat (Nowy Arbat).

56 N.T. – Casa dos Livros
Uma das mais conhecidas livrarias de Moscovo, situada na Nova Arbat, inaugurada em 1967.

A PÓLIS

Só faltava um túnel. Só um túnel e poderia atingir o objectivo que lhe atribuíra o Caçador e para o qual Artyom se encaminhava, teimosa e inflexivelmente. Para poder lá chegar tinha pela frente só dois ou três quilómetros ao longo de uma secção que parecia seca e sossegada. Na cabeça levava um silêncio que até parecia fazer eco, um silêncio quase idêntico ao do túnel, mas também já não precisava de fazer perguntas a si próprio. Estaria no seu destino dentro de uns quarenta minutos. Quarenta minutos e a sua viagem terminaria.

Nem sequer teve consciência de que estava a caminhar no meio de uma escuridão absoluta. As pernas continuavam a acompanhar firmemente a distância entre as travessas. Era como se estivesse esquecido de todos os perigos que o ameaçavam e, também, de que estava desarmado, de que não possuía documentos de identificação nem uma lanterna ou qualquer outro objecto com que pudesse defender-se, envergando um manto de aparência estranha, caminhando por um túnel do qual nada sabia, ignorando as ameaças que podiam cair sobre os viajantes que o atravessassem.

Dominava-o a convicção de que nada era um risco desde que seguisse o seu caminho. Para onde fora o medo, aparentemente inevitável, dos túneis? O que acontecera à sua fadiga e à sua falta de fé?

O eco deu, no entanto, cabo de tudo.

Por o túnel estar tão vazio, o som dos seus passos repercutia-se à frente e atrás dele. Repercutia-se pelas paredes, transformado numa sequência de trovões que diminuíam gradualmente de intensidade até se transformarem num restolhar e que depois davam lugar ao seu eco, passado pouco tempo. E, por isso, até lhe pareceu que não estaria sozinho. Mas, pouco tempo depois, esta impressão tornou-se tão viva que Artyom teve vontade de parar e pôr-se à escuta, a tentar descobrir se o eco dos seus passos teria vida própria.

Durante vários minutos foi lutando contra essa tentação. Os seus passos tornaram-se menos rápidos e menos ruidosos e Artyom esforçou-se por perceber se isso afectaria a intensidade do eco. Finalmente, parou por completo. E ficou assim, no meio da escuridão impenetrável e à espera, com medo de respirar fundo não fosse dar-se o caso de o som do ar a entrar-lhe nos pulmões interferir com a percepção dos mais ligeiros murmúrios que pareciam ter origem na distância.

Silêncio.

Agora que parara de caminhar, a percepção que antes tivera da realidade do espaço voltou a desaparecer. Enquanto andava, era como se se apercebesse dessa realidade por intermédio das solas das suas botas. Ao parar no meio da escuridão do túnel, que era negra como tinta, Artyom deixou, de repente, de saber onde se encontrava.

E pareceu-lhe, também, quando começou de novo a andar, que o eco mal percebido dos seus passos lhe chegava aos ouvidos antes de o seu próprio pé tocar no chão de cimento.

O coração começou a bater mais depressa. Mas não precisou de muito tempo para se convencer de que era um disparate prestar atenção a cada restolhar mais ínfimo que se pudesse ouvir nos túneis porque isso não serviria de nada. Durante algum tempo, tentou não ouvir o eco. Depois, quando lhe pareceu que os sons reflectidos mais recentemente se estavam a aproximar dele, Artyom tapou os ouvidos com as mãos e continuou a andar. Mas, poucos instantes depois, também isto deixou de dar resultado.

Tirando de seguida as palmas das mãos dos ouvidos, sem deixar de caminhar, voltou a ouvir – para seu horror – o eco dos seus próprios passos, cada vez mais intenso e mesmo à sua frente, como se o som da sua caminhada estivesse a ir ao seu encontro. Mas bastava-lhe parar para os sons à sua frente também pararem, depois de uma espera de uma fracção de segundo.

O túnel estava a testá-lo e a avaliar a sua capacidade para resistir ao medo. Mas Artyom não desistia. Já enfrentara coisas de mais para ter medo da escuridão e de um eco.

E seria mesmo um eco?

O que quer que fosse estava a aproximar-se. Não havia dúvidas

relativamente a isso. Artyom deteve-se uma última vez quando ouviu os passos fantasmas a uns vinte metros à sua frente. E isto já era tão inexplicável e tão estranho que não conseguiu suportá-lo. Limpou o suor frio da testa e, com uma voz vacilante, interpelou o vazio:

– Está aí alguém?

O eco reverberou assustadoramente perto de si e Artyom nem sequer reconheceu a própria voz. Os sons perseguiram-se entre si, mergulhando na profundidade dos túneis, partindo as sílabas: "...tá... al... guém...?" Ninguém respondeu. E, de repente, aconteceu qualquer coisa de inacreditável: as sílabas começaram a aproximar-se dele, repetindo-se a pergunta que fizera, recompondo-se pela ordem inversa com um som ainda maior como se alguém, a trinta passos dele, tivesse repetido a sua interrogação com uma voz amedrontada.

Artyom não aguentou. Girando sobre si próprio, voltou para trás, tentando de início não andar muito depressa mas acabando por largar a correr, aos tropeções, esquecendo-se por completo de que não devia estimular os seus próprios medos. Mas, passado um minuto, compreendeu que os passos que pareciam ser o eco continuavam a ouvir-se a cerca de vinte metros. O seu perseguidor invisível não o queria largar. Ofegante, Artyom continuou a correr, sem saber em que direcção ia, até chocar com uma esquina que dava para uma passagem entre os túneis.

O eco diminuiu, de imediato. Passou algum tempo até Artyom conseguir reunir toda a sua força de vontade, pôr-se em pé e dar um passo em frente. Era por onde devia ir. A cada metro que percorria, o som do restolhar dos passos no chão de cimento ficava cada vez mais perto, sempre a aproximar-se dele. E só o som do sangue a latejar nos ouvidos é que abafava o sinistro restolhar. Cada vez que Artyom parava, o seu perseguidor parava na escuridão atrás dele e o jovem tinha, agora, a certeza de que o som que o seguia já não era apenas o eco dos seus passos.

Continuaram até o som parecer estar ao alcance do braço de Artyom. E, nessa altura, a gritar, Artyom atirou-se para a frente, no que calculou ser a posição do eco, a agitar cegamente os punhos.

A sua tentativa de atacar quem o perseguia resultou apenas no som cortante feito pelos seus punhos quando atravessaram o vazio. Ninguém

tentou defender-se dos seus golpes. Artyom esmurrou o ar, inutilmente, a gritar, saltando para trás, movimentando os braços à sua volta na tentativa de apanhar um inimigo que era incapaz de ver no escuro. Mas o espaço estava vazio – não havia mais ninguém. No entanto, assim que voltou a respirar normalmente, dando mais um passo na direcção da Pólis, ouviu de novo o pesado restolhar de pés mas, desta vez, à sua frente. Voltou a atirar um punho nessa direcção mas, mais uma vez, não havia ninguém. Artyom sentiu-se a enlouquecer. Franzindo os olhos até lhe doerem, esforçou-se por ver o que poderia estar ali, enquanto os ouvidos tentavam captar a respiração de qualquer outra criatura que pudesse encontrar-se perto dele. Mas não havia ninguém.

Depois de ficar imóvel durante longos segundos, Artyom chegou à conclusão de que, fosse qual fosse a explicação para este estranho fenómeno, ele não constituía um perigo. Talvez fosse um fenómeno acústico, apenas. Quando chegar a casa, perguntarei ao meu padrasto, disse para si próprio. Mas, quando levantou o pé para dar mais um passo no caminho que o levaria ao seu destino, alguém sussurrou suavemente, muito junto dos seus ouvidos:

– Espera. Não andes mais.

– Quem és? Quem está aí? – berrou Artyom, a respirar pesadamente. Mas não teve resposta. Rodeou-o, de novo, um vazio pesado. Depois, limpando o suor da testa com as costas da mão, apressou-se a seguir em direcção a Borovitskaya. Os passos espectrais do seu perseguidor voltaram a acompanhar os seus quando Artyom começou a andar na direcção contrária até que deixou de os ouvir. E só nessa altura é que parou. Artyom não sabia, e não conseguia imaginar, o que teria acontecido. Nunca ouvira alusão nenhuma a uma coisa destas por parte dos seus amigos e o padrasto também nunca lhe falara numa coisa assim, nas suas conversas nocturnas junto à fogueira. Mas independentemente de quem quer que fosse que lhe tivesse murmurado ao ouvido e mandado parar e esperar – quando Artyom já não receava essa presença e depois de ter tido tempo para compreender o que acontecera e de pensar bastante no assunto –, o facto de poder acontecer uma coisa destas parecia-lhe agora uma hipótese bastante convincente.

Os vinte minutos seguintes foram passados sentado nos carris, oscilando

para um lado e para o outro como se estivesse embriagado, combatendo as tremuras e lembrando-se da estranha voz que não era humana e que lhe dissera para esperar. E só continuou a andar quando os tremores começaram a atenuar-se até pararem e a memória do sussurro que tanto o assustara se fundiu com o som ténue da corrente de ar que se fazia sentir no túnel, com intensidade cada vez maior.

A partir desse ponto, Artyom limitou-se a andar em frente, tentando não pensar em nada, tropeçando às vezes nos cabos espalhados pelo chão, sem que nada de mais terrível lhe acontecesse. Pareceu-lhe que passara pouco tempo, embora não conseguisse ter uma ideia aproximada, porque os minutos escoavam-se todos na escuridão. E viu, nessa altura, uma luz ao fundo do túnel.

Borovitskaya. A Pólis.

Nesse momento, onde se encontrava, Artyom ouviu um berro grosseiro que vinha da estação e o som de tiros e, dando um salto para trás, escondeu-se detrás de uma saliência da parede. Vindos da distância, ouviu os lamentos prolongados do ferido, seguidos de palavrões e de mais uma rajada de tiros de metralhadora, que o túnel amplificou.

Espera...

Artyom só se aventurou a emergir do seu esconderijo uns quinze minutos depois de tudo ficar sossegado. Pôs, nessa altura, as mãos no ar e começou a andar na direcção da luz.

Era uma das entradas para a plataforma. Na estação de Borovitskaya não havia guardas a vigiarem as entradas, talvez por confiarem na inviolabilidade do local. Viu um acesso feito de blocos de cimento, a cinco metros do ponto onde terminavam as arcadas do túnel. Aí, estava um corpo deitado de bruços, numa poça de sangue.

Quando Artyom entrou no campo de visão dos guardas, que usavam uniformes verdes e bonés militares, foi mandado aproximar-se e ficar voltado para a parede. E, vendo o corpo caído, obedeceu de imediato.

Revistaram-no rapidamente, perguntaram-lhe pelo passaporte, torceram-lhe os braços por trás das costas e, por fim, conduziram-no à estação. Luz. A mesma luz. Tinham dito a verdade. E diziam sempre a verdade – porque as lendas não mentem. A luz era tão brilhante que Artyom teve de franzir os

olhos para não ficar encadeado. Mesmo assim, a luz penetrava-lhe nos olhos através das pálpebras, cegando-o até doer, e só quando os guardas fronteiriços o vendaram é que os olhos puderam descansar. Regressar à vida vivida pelas gerações anteriores revelou-se mais doloroso do que Artyom imaginara.

A venda só lhe foi tirada no abrigo dos guardas, que era igual a todos os outros: um pequeno gabinete com paredes de azulejos rachados. No interior estava escuro. Havia uma vela solitária acesa numa tigela de alumínio em cima de uma mesa de madeira da cor do ocre. O comandante dos guardas era um homem corpulento, de barba por fazer, com uma camisa militar verde de mangas arregaçadas. Tinha uma gravata presa por uma cinta elástica. Apanhando um pouco da cera liquefeita com o dedo, e vendo-a esfriar, observou Artyom durante algum tempo antes de começar a fazer-lhe perguntas:

– De onde vens? Onde está o teu passaporte? Que tem o teu olho?

Artyom decidiu que não fazia sentido tentar enganá-lo e disse a verdade: que o passaporte ficara com os fascistas, tal como o olho. O comandante recebeu a informação com uma benevolência inesperada.

– Pois, sabemos como é. A extremidade do túnel dá precisamente para Chekhovskaya. Construímos aí uma fortaleza completa. Neste momento não há conflitos mas algumas pessoas em quem se deve confiar dizem-nos para mantermos os ouvidos bem abertos. Como se diz, **Éu áuÉ Âmoqº AÂmÇn nqªªÚº** – disse, piscando o olho a Artyom[57].

O jovem não percebeu a última parte mas preferiu não fazer perguntas. A atenção foi atraída pela tatuagem na curva do braço do comandante. Representava uma ave deformada pela radiação, com duas cabeças, as asas estendidas e esporões curvos nas patas. Fazia-lhe lembrar qualquer coisa, mas Artyom não conseguiu recordar-se do que poderia ser. Mais tarde, quando o comandante se voltou para um dos soldados, Artyom viu que ele também tinha a mesma imagem, mais pequena, tatuada na têmpora esquerda.

– E por que motivo é que vieste aqui? – continuou o comandante.

– Estou à procura de uma pessoa... Chama-se Melnik. Pode ser uma alcunha. Tenho uma mensagem importante para ele.

A expressão do rosto do comandante alterou-se de imediato. O sorriso ocioso e benevolente desapareceu-lhe dos lábios e os olhos brilharam, surpreendidos, reflectindo a luz da vela.

– Podes entregar-me essa mensagem – disse.

Artyom abanou a cabeça, em jeito de quem pede desculpa, e começou a explicar que não poderia fazer isso, que era uma mensagem secreta, o que o comandante compreenderia, e que ele recebera ordens estritas para não dizer nada a ninguém... excepto ao próprio Melnik.

O comandante examinou-o mais uma vez e fez sinal a um dos soldados, que lhe trouxe um telefone de plástico preto, juntamente com um fio telefónico muito bem enrolado, com uma cobertura em borracha e com o comprimento necessário. Depois de marcar um número, o comandante disse:

– Fala Ivashov, do posto Bor-Sul. Passe-me ao coronel Melnikov.

Enquanto o homem esperava por uma resposta, Artyom viu que os outros dois soldados presentes no gabinete tinham, também, a mesma ave tatuada nas têmporas.

– Quem é que devo dizer que está a perguntar por ele? – perguntou-lhe o comandante, encostando o telefone ao peito.

– Diga-lhe que é da parte do Caçador. Que a mensagem é urgente.

O comandante fez que sim com a cabeça e trocou mais algumas palavras com a pessoa que estava do outro lado da linha e deu a chamada por finda.

– Comparece amanhã de manhã, às nove horas, no gabinete do director da estação, em Arbatskaya. Estás livre, até lá. – O comandante fez um sinal ao soldado que estava à porta, que de imediato se afastou, voltando-se de novo para Artyom. – Mas espera um segundo... Parece que és nosso convidado de honra, para já. Portanto, conserva isto contigo e não te esqueças de os devolver! – E estendeu a Artyom um par de óculos escuros numa armação de metal em mau estado.

Só no dia seguinte? Artyom sentiu-se dominado por uma desilusão e por um ressentimento furioso. Fora para isto que ele aqui chegara, arriscando a própria vida e a dos outros? Fora para isto que ele se esforçara tanto, obrigando-se a mexer as pernas, mesmo quando sentia que já não tinha forças? E não era urgente dar conta do que se sabia a este Melnik-qualquer

coisa, que afinal nem sequer lhe podia conceder um minuto?

Ou ele teria chegado atrasado e Melnik já sabia tudo? Ou Melnik já saberia alguma coisa de que Artyom nem sequer suspeitaria? Talvez se tivesse atrasado tanto que a sua missão já não era importante.

– Só amanhã?! – explodiu.

– O coronel está hoje numa missão. Regressará de manhã cedo – explicou Ivashov. – Vai e tenta descansar, entretanto – disse-lhe, acompanhando Artyom à porta do gabinete.

Mais calmo, mas ainda ressentido, Artyom pôs os óculos e achou que lhe ficavam bem. E, além disso, escondiam-lhe o olho magoado. As lentes estavam riscadas e, além disso, distorciam os objectos mais distantes mas, ao sair para a plataforma depois de ter agradecido aos guardas fronteiriços, percebeu que não podia passar sem eles. A luz das lâmpadas de mercúrio era brilhante demais para ele. Além disso, não era só Artyom que não conseguia abrir os olhos neste local. Muitas outras pessoas, em toda a estação, usavam óculos escuros para cobrir os olhos. Artyom calculou que também fossem visitantes.

Era-lhe estranho ver uma estação do Metro completamente iluminada. Não havia sombras, nela. Em VDNKh e nas outra estações, incluindo as secundárias, onde até agora estivera, havia poucas fontes de luz e elas não conseguiam iluminar o espaço todo que estava visível e, por isso, deixavam zonas escuras. Onde não penetrava um único raio de luz. Cada pessoa dava origem a várias sombras: de uma vela, ténue e pálida; de uma luz de emergência; e, mais escura e bem definida, de uma lanterna eléctrica. As sombras misturavam-se e sobrepunham-se e as dos outros, que pareciam alongar-se pelo chão ao longo de vários metros, assustavam, enganavam e obrigavam a utilizar a imaginação e a especular para se perceber o que eram. Mas, na Pólis, todas as sombras eram expulsas pelo brilho implacável das lâmpadas que pareciam a luz do dia.

Artyom ficou imóvel, deliciado a observar Borovitskaya. A estação encontrava-se ainda em condições muito boas. Não se via um vestígio de fuligem nas paredes de mármore nem no tecto branco e estava tudo muito limpo. Uma mulher com um fato-macaco azul-claro trabalhava num painel de bronze enegrecido pelo tempo, esfregando diligentemente o baixo-relevo

com uma esponja e uma solução de limpeza.

As zonas de habitação ficavam debaixo das arcadas. Destas, só duas é que haviam ficado abertas, nas duas extremidades, para dar passagem para as linhas. As restantes, fechadas com tijolos, tinham sido transformadas em apartamentos a sério. Havia uma porta em cada uma delas e em algumas, além de portas feitas de madeira, havia janelas de vidro. De uma delas saía música. À frente de muitas portas havia tapetes para as pessoas que entravam poderem limpar os pés. Era a primeira vez que Artyom via uma coisa assim. Estas habitações pareciam tão confortáveis e tão calmas que até sentiu um aperto na garganta, recordando-se de uma imagem que vira em miúdo. O que mais o impressionou, no entanto, foi a cadeia de estantes com livros que se estendia ao longo das paredes por toda a estação. Ocupavam os espaços entre os apartamentos e davam, a toda a estação, uma imagem maravilhosa e estranha que o fez lembrar-se das descrições que lera das bibliotecas medievais, num livro que em tempos lera.

As escadas rolantes ficavam na extremidade do átrio, junto à passagem para a estação de Arbatskaya. As portas de correr mantinham-se abertas mas havia um posto junto à passagem. Mas, também aqui, os guardas deixavam passar qualquer pessoa, sem incomodar ninguém e sem sequer pedir os passaportes, tanto para um lado como para o outro.

No entanto, no lado oposto da plataforma, junto ao baixo-relevo de bronze, havia um acampamento militar a sério. Estavam aí montadas várias tendas militares verdes, com sinais desenhados que eram como as tatuagens que vira nas têmporas dos guardas fronteiriços. No mesmo local encontrava-se um veículo com uma arma desconhecida, cujo cano longo, com marcas de queimadura, sobressaía da cobertura que a tapava. Junto a ela estavam de serviço dois soldados com uniformes, capacetes e coletes anti-bala. O acampamento rodeava uma escadaria de passagem com sentido ascendente. Setas que piscavam indicavam que se tratava de uma "Saída para a cidade", o que explicava as precauções defensivas. Havia uma segunda escadaria, com o mesmo sentido, completamente bloqueada por uma parede de grandes blocos de cimento.

Em mesas robustas de madeira, a meio da estação, estavam sentados homens vestidos com longos mantos cinzentos, feitos de tecido espesso.

Aproximando-se deles, Artyom ficou surpreendido ao ver que as tatuagens que tinham nas têmporas não mostravam a imagem de uma ave mas de um livro aberto, tendo como pano de fundo diversas linhas verticais que pareciam ser colunas. Reparando no olhar curioso de Artyom, um dos homens sentados numa das mesas sorriu-lhe amavelmente e perguntou-lhe:

– És estrangeiro? É a primeira vez que aqui vens?

Artyom estremeceu ao ouvir a palavra "estrangeiro" mas controlou-se e acenou afirmativamente com a cabeça. O homem que falara não era muito mais velho do que Artyom e, ao levantar-se para lhe apertar a mão, retirando a sua do interior da manga larga do manto, mostrou ser aproximadamente da mesma altura. Tinha, no entanto, um físico mais delicado.

A nova companhia de Artyom chamava-se Daniel. Não mostrava ter pressa de falar de si próprio e era evidente que decidira falar com Artyom por estar curioso quanto ao que se passava fora dos limites da Pólis, procurando saber novidades do Círculo e notícias sobre os fascistas e os vermelhos.

Meia hora depois já se encontravam sentados na pequena casa de Daniel, num dos "apartamentos" entalados entre as arcadas, a beber chá quente de VDNKh, que devia ter vindo parar a esta estação por caminhos tortuosos. No interior, havia uma mesa com livros, uma estante de ferro à altura do tecto apinhada de livros grossos e uma cama. Do tecto pendia, presa a um fio, uma lâmpada eléctrica fraca que iluminava um desenho executado com grande pormenor de um enorme templo antigo, que Artyom demorou algum tempo a reconhecer como sendo a Biblioteca construída à superfície, algures por cima da Pólis.

Depois de o seu anfitrião ter esgotado as perguntas, foi a vez de Artyom satisfazer a sua curiosidade.

– Por que motivo é que as pessoas daqui têm tatuagens na cabeça? – perguntou.

– O quê? Não sabes nada sobre castas? – replicou Daniel, surpreendido. – Nunca ouviste falar do Conselho da Pólis?

Artyom lembrou-se, de repente, de alguém (e como é que poderia ter-se esquecido do ancião, Mikhail Porfirievich, morto pelos fascistas?) lhe ter

dito que o poder, na Pólis, se encontrava dividido entre os soldados e os bibliotecários porque, já há muito tempo, os edifícios da Biblioteca e uma organização relacionada com o exército tinham ficado de pé na superfície.

– Sim, ouvi falar nisso! – respondeu Artyom, com um aceno de cabeça. – Os guerreiros e os bibliotecários. Portanto, és um bibliotecário?

Daniel olhou-o, assustado, empalidecendo, e começou a tossir. Passado pouco tempo, compôs-se e, mais calmo, retorquiu:

– Que queres dizer com "bibliotecário"? Alguma vez viste um bibliotecário vivo? Não o recomendo nada! Os bibliotecários estão lá em cima... Viste as nossas fortificações cá em baixo? Que Deus os impeça de descerem... Não faças confusão. Eu não sou um bibliotecário, sou um guardião. Também nos chamam brâmanes.

– Que nome estranho é esse? – perguntou Artyom, arqueando as sobrancelhas.

– Nós temos aqui uma espécie de sistema de castas. Como na antiga Índia. Uma casta... Bem, é como uma classe... Os vermelhos não te explicaram isso? Mas não importa. Há uma casta de sacerdotes, ou guardiões do conhecimento, que são os que juntam os livros e trabalham com eles – explicou, enquanto Artyom continuava a maravilhar-se pelo facto de o seu interlocutor se esforçar tanto por evitar a palavra "bibliotecário". – E há uma casta de guerreiros, que são os que nos protegem e defendem. É muito parecido com o que acontecia na Índia, onde havia também uma casta de mercadores e uma casta de criados. Cá também as temos. E, entre nós, também usamos os nomes hindus das castas. Os sacerdotes são os brâmanes, os soldados são os kshatriyas, os mercadores são os vaishyas e os criados são os shudras. As pessoas fazem parte da mesma casta durante toda a sua vida. Há rituais de passagem especiais, nomeadamente para os kshatriyas e os brâmanes. Na Índia era uma questão tribal e ancestral mas, entre nós, podemos escolher quando chegamos aos dezoito anos. Aqui, em Borovitskaya, há mais brâmanes. Aliás, somos quase todos brâmanes. A nossa escola funciona aqui e é aqui que se encontram as nossas bibliotecas e as nossas habitações. A Biblioteca beneficia de condições especiais e tem de ser defendida por ser atravessada pela Linha Vermelha. Antes da guerra éramos mais, lá. Agora, mudaram-se todos para Aleksandrovsky Sad.

Entretanto, em Arbatskaya, são quase todos kshatriyas, porque é ai que se encontra o Estado-Maior.

As antigas palavras indianas que ia ouvindo faziam Artyom suspirar de preocupação. Teria dificuldade em lembrar-se de todas essas designações difíceis de um momento para o outro. Daniel, no entanto, não reparou na sua perturbação e prosseguiu:

– É óbvio que só duas castas é que entram no Conselho, a nossa e a dos kshatriyas, embora nós lhes chamemos, na realidade, "cãezinhos de guerra". – Com isto, piscou o olho a Artyom.

– Por que motivo é que eles têm aves de duas cabeças tatuadas? – perguntou Artyom. – No teu caso, faz sentido: tens livros. Mas eles... têm aves?

– É uma espécie de totem para eles – respondeu o brâmane Daniel, com um encolher de ombros. – Penso que, antes, era um espírito guardião das forças de defesa radiológica. Era uma águia, parece-me. Mas, afinal, eles acreditam em coisas estranhas, que só lhes dizem respeito a eles. Em termos gerais, as castas não se dão muito bem por aqui. Houve uma altura em que eram inimigas.

Por entre as persianas, puderam ver que as luzes da estação tinham diminuído de intensidade. A noite, tal como aqui a percebiam, estava a cair. Artyom pegou nas suas coisas.

– Há algum hotel por aqui onde possa passar a noite? Tenho uma reunião amanhã de manhã, às nove horas, em Arbatskaya e não tenho onde ficar.

– Podes ficar aqui, se quiseres – ofereceu Daniel, com um encolher de ombros. – Eu durmo no chão, que já estou habituado. Ia preparar o jantar, entretanto. Fica e conta-me o que viste ao longo do caminho que fizeste. Porque eu não costumo sair daqui, sabes? Os votos de guardião que fazemos não nos permitem ir mais longe do que uma estação.

Depois de pensar um pouco, Artyom acenou afirmativamente com a cabeça. Dentro de casa estava calor e era mais confortável e Artyom simpatizara, desde o início, com o seu anfitrião. Havia qualquer coisa em comum, entre eles. E, quinze minutos depois, já estava a lavar cogumelos enquanto Daniel cortava carne de porco salgada em pequenas fatias.

– Alguma vez viste a Biblioteca com os teus próprios olhos? – perguntou

Artyom, de boca cheia. Estavam a comer porco estufado com cogumelos, utilizando pratos de alumínio militares.

– Estás a referir-te à Grande Biblioteca? – perguntou o brâmane, com ar severo.

– Refiro-me à de lá de cima... – precisou Artyom, apontando o garfo para o tecto. – Ainda lá está?

– Só os nossos anciãos é que vão lá acima, à Grande Biblioteca. E os saqueadores também, os que trabalham para os brâmanes – respondeu Daniel.

– Portanto, são esses que trazem os livros de lá? Da Biblioteca? Quer dizer, da Grande Biblioteca – disse Artyom, apressando-se a corrigir-se quando viu, mais uma vez, a expressão de censura no rosto do seu anfitrião.

– Sim, mas só por ordem dos anciãos da casta. Não está ao nosso alcance sermos nós a fazê-lo e, por isso, recorremos a mercenários – explicou o brâmane, de má vontade. – De acordo com o Testamento, devíamos ser nós a fazê-lo, preservando o conhecimento e partilhando-o com os que o procuram. Mas, para podermos partilhar o conhecimento, temos de obtê-lo primeiro. Mas quem, entre nós, se atreverá a ir lá acima? – interrogou-se, erguendo os olhos com um suspiro.

– Por causa da radiação? – perguntou Artyom, compreensivo.

– Também é. Mas é sobretudo por causa dos bibliotecários – disse Daniel, baixando a voz.

– Mas não são vocês os bibliotecários? Ou, pelo menos, os descendentes dos bibliotecários? Foi o que ouvi.

– Olha, não vamos falar disto à mesa. Aliás, vamos deixar que alguém te explique o problema. Eu não gosto, de facto, de falar desse assunto.

Daniel começou a levantar a mesa e, depois de pensar por instantes, desviou alguns dos livros da estante, revelando um espaço entre os volumes na fila de trás, onde luzia uma garrafa de fundo redondo de aguardente. Os copos estavam misturados com os pratos.

Passado algum tempo, Artyom, que se deliciara a examinar as estantes, decidiu quebrar o silêncio:

– Tens, de facto, muitos livros – disse. – Onde vivemos, em VDNKh, não me parece que haja assim tantos na nossa biblioteca. Já os li todos há muito

tempo. É raro aparecer alguma coisa que seja melhor, agora. Só o meu padrasto é que traz coisas que valem a pena serem lidas, os mercadores itinerantes só trazem lixo misturado nas suas bagagens, em especial histórias policiais. Em metade dos casos, já se conhece a história. Essa foi outra razão que me fez ter o sonho de poder chegar à Pólis, por causa da Grande Biblioteca. Nem consigo calcular quantos livros devem existir lá em cima se construíram um espaço assim tão grande para eles – e apontou para o desenho por cima da mesa.

Os olhos de ambos já brilhavam. Daniel, lisonjeado pelas palavras de Artyom, inclinou-se sobre a mesa e disse, com grande gravidade:

– Mas esses livros não significam nada. E a Grande Biblioteca não foi construída para eles. E não são livros que lá estão armazenados.

Artyom olhou para ele, surpreendido. O brâmane abriu a boca, para continuar, mas levantou-se de repente da cadeira em que se sentara, foi à porta, abriu-a e ficou à escuta. Depois, fechou silenciosamente a porta, voltou a sentar-se e baixou a voz, transformando-a num murmúrio, para acabar de dizer o que queria:

– A Grande Biblioteca foi, toda ela, construída para albergar o Livro que é único. E só ele é que aí está escondido. Os outros são necessários para que ele continue escondido. É este livro que na realidade é procurado e é este livro que é lá guardado – acrescentou, agitado.

– E que tipo de livro é? – perguntou Artyom, baixando também a voz.

– Um volume antigo. Um livro de páginas negras como antracite, onde toda a História está registada em letras douradas. Até ao fim.

– E por que motivo é que as pessoas o procuram? – sussurrou Artyom.

– A sério que não compreendes? – perguntou o brâmane, abanando a cabeça. – "Até ao fim" significa mesmo até ao fim de tudo. E talvez exista alguma maneira de continuar, depois disso... Portanto, quem possuir este conhecimento...

Uma sombra translúcida passou junto às persianas e Artyom, apesar de estar concentrado no olhar de Daniel, deu por ela e fez-lhe um sinal. Interrompendo o que estava a contar, Daniel saltou da cadeira e correu para a porta. Artyom apressou-se a acompanhá-lo.

Na plataforma não havia ninguém mas puderam ouvir o som de passos

que se afastavam, vindo da passagem. As sentinelas dormiam, pacificamente, sentadas nas suas cadeiras, em cada um dos lados da escada rolante. Quando voltaram para dentro, Artyom esperava que o brâmane continuasse a contar a sua história mas este, parecendo ficar sóbrio, abanou a cabeça com um olhar taciturno.

– Estamos proibidos de contar isto – explicou, secamente. – Essa parte do Testamento é só para os iniciados. Foi o álcool que me soltou a língua – disse, pestanejando com olhar aflito. – E nem penses em contar a alguém o que ouviste. Se alguém sabe que tu tens alguma informação sobre o Livro, nunca mais verás o fim dos teus problemas. Nem eu.

Artyom percebeu, nessa altura, por que motivo ficara com as palmas das mãos suadas ao ouvir o brâmane referir-se ao Livro. Lembrou-se.

– Mas não há vários livros desses? – perguntou, sentindo o coração a parar.

Daniel olhou para ele, cauteloso.

– Que queres dizer com isso?

– "Teme as verdades escondidas nos volumes antigos (...) onde as palavras estão escritas a ouro e o papel, negro como uma víbora, não apodrece" – recitou Artyom, vendo diante de si o rosto inexpressivo de Bourbon, a olhar para ele por entre uma névoa espessa e a pronunciar mecanicamente palavras estranhas e incompreensíveis.

O brâmane fitou-o, atónito.

– Como é que conheces isso?

– Foi uma revelação. Não há só um livro... Qual é o conteúdo dos outros?

– Só resta um. Havia três – respondeu Daniel, rendendo-se, finalmente. – O Passado, o Presente e o Futuro. O Passado e o Presente desaparecerem para sempre há séculos atrás. O que resta é o último e o mais importante de todos.

– E onde está?

– Perdido algures no Arquivo Central. Onde há mais de quarenta milhões de livros. Um deles – uma edição completamente vulgar na aparência com uma encadernação padrão – é o Livro. Para o reconhecermos, temos de abri-lo e de folheá-lo. Segundo a lenda, as páginas deste volume são de facto pretas. Mas só o conseguiremos encontrar se passarmos setenta anos da

nossa vida sem dormir nem descansar, para conseguirmos desse modo folhear todos os livros do Arquivo Central. Mas, de qualquer modo, nunca podemos estar mais do que um dia e, além disso, ninguém nos deixa estar lá sossegados a examinar todos os livros armazenados. Mas já chega deste assunto.

Daniel pôs um colchão e roupa de cama no chão, acendeu uma vela em cima da mesa e apagou a luz. Artyom deitou-se, contrariado. Não queria dormir, por qualquer motivo, apesar de já nem se lembrar da última vez em que havia conseguido dormir.

– Gostaria de saber se se consegue ver o Kremlin, quando se sobe para ir à Biblioteca – disse, para o vazio, acreditando que Daniel já estaria quase a dormir.

– Claro que se pode. Só que não se deve olhar para lá. Porque somos atraídos – murmurou Daniel.

– Que queres dizer com "somos atraídos"?

Daniel soergueu-se, apoiado nos cotovelos, e o rosto, transformado num retrato de desagrado, ficou iluminado pela luz amarela da vela.

– Os saqueadores dizem que não se pode olhar para o Kremlin, quando se vai lá acima, e muito em especial para as estrelas que existem nas torres. E que quando uma pessoa olha para lá durante mais tempo, o Kremlin começa a atraí-la. Há uma razão para todos os portões estarem abertos. É por isso que os saqueadores nunca vão sozinhos à Grande Biblioteca. Se um olhar, por acaso, para o Kremlin, o outro tem de desviar-lhe a atenção de imediato.

– Que existe dentro do Kremlin? – perguntou Artyom, engolindo em seco.

– Ninguém sabe porque nenhuma das pessoas que lá entraram voltou a sair. Na estante, se queres saber, tenho um livro com uma história interessante das estrelas e das suásticas, incluindo as que se encontram nas torres do Kremlin. – Daniel levantou-se, tirou o livro da prateleira, abriu-o na página certa e voltou para debaixo do cobertor.

Daniel adormeceu em minutos mas Artyom pôs a vela mais perto dele e começou a ler.

"... Sendo o mais pequeno e o menos influente dos grupos políticos que lutaram por obter maior influência e maior poder na Rússia, depois da

primeira revolução, os bolcheviques não foram considerados rivais importantes por nenhum dos seus adversários. Não contavam com nenhum apoio dos camponeses e confiavam apenas num pequeno grupo de apoiantes entre os operários e na marinha. V. I. Lenine, que estudara alquimia e a invocação das estrelas em secretas escolas suíças, conseguiu encontrar os seus principais aliados no outro lado da barreira que separa os mundos. Foi precisamente neste período que o pentagrama emergiu, pela primeira vez, como símbolo do movimento comunista dentro do Exército Vermelho.

"Como se sabe, o pentagrama é, dos portais que existem entre os mundos, o portal mais conhecido e mais acessível aos iniciados, permitindo aos demónios entrarem na nossa realidade. Ao mesmo tempo, se o criador de um pentagrama for hábil no seu uso, pode controlar os demónios que são chamados para o nosso mundo e eles devem obedecer-lhe. Normalmente, para melhor poder controlar uma criatura que se chamou, deve ser desenhado um perímetro protector à volta do pentagrama, impedindo assim que o demónio saia desse círculo.

"Não se sabe, com exactidão, como é que os dirigentes do movimento comunista conseguiram alcançar aquilo que já os mais poderosos praticantes de magia negra de todas as épocas tentaram em vão alcançar: uma ligação com os senhores demoníacos que comandavam bandos formados pelos seus irmãos de menor importância. Os especialistas acreditam que esses demónios de primeira grandeza, sentindo a guerra que estava iminente e o banho de sangue que seria o mais horrível de todos da história da humanidade, se aproximaram ainda mais das fronteiras entre os mundos e convocaram todos aqueles que lhes permitiriam fazer uma colheita de vidas humanas. Em troca dessa colheita, os senhores demoníacos prometeram dar-lhes apoio e protecção.

"A história do financiamento dos dirigentes bolcheviques pela espionagem alemã é verdadeira, claro, mas seria uma tolice e resultaria numa observação superficial acreditar que foi só graças a esses parceiros estrangeiros que V. I. Lenine e os seus camaradas de armas conseguiram fazer pender a balança a seu favor. Já nessa altura, o futuro líder comunista dispunha de protectores que eram incomensuravelmente mais poderosos e mais sábios do que os membros da espionagem militar da Alemanha do **SmÉÇ**

"Claro que os pormenores do pacto secreto feito com os poderes das trevas não estão acessíveis aos investigadores contemporâneos. No entanto, o seu resultado é claro: passado algum tempo, os pentagramas começaram a aparecer nos estandartes e nos capacetes dos soldados do Exército Vermelho e na blindagem do pouco equipamento militar que já tinham. Cada pentagrama abria a um demónio protector uma porta para o nosso mundo e esse demónio protegia da violência externa o utilizador do pentagrama. Como é habitual, os demónios receberam o seu pagamento, em sangue. Só no século XX, segundo as estimativas mais cautelosas, foram sacrificados cerca de trinta milhões de habitantes do país.

"O pacto com os senhores dos poderes invocados mostrou rapidamente a sua utilidade: os bolcheviques tomaram o poder e consolidaram-no, e apesar de o próprio Lenine, que havia sido o intermediário entre os dois mundos, não ter sobrevivido, morrendo apenas cinquenta e quatro anos depois de ter nascido, roído por dentro pelas chamas do Inferno, os seus seguidores continuaram a sua obra sem hesitações. Seguiu-se, em breve, a demonização de todo o país. As crianças das escolas puseram os primeiros pentagramas ao peito. Poucos sabem que, desde o início, o ritual da iniciação das crianças da organização dos Filhos de Outubro[58] incluía a perfuração da pele da criança pelo fecho do emblema. O demónio da 'estrela' dos Filhos de Outubro provaria desse modo o sangue do seu futuro hospedeiro, iniciando uma união sagrada e eterna com ele. Ao crescer, tornando-se membro da organização dos Pioneiros, a criança receberia um novo pentagrama e uma parte da essência do pacto seria revelada aos que tivessem esse sentido de introspecção: um retrato a ouro do Líder, envolvido em chamas que pareciam consumi-lo. Deste modo, era lembrado à nova geração o acto heróico do auto-sacrifício. Depois dos Pioneiros, seria a vez do Komsomol e, por fim, estava o caminho aberto aos escolhidos para poderem entrar no bastião sacerdotal, que era o Partido Comunista.

"Dezenas de milhares de espíritos chamados para esse efeito protegiam todos e tudo o que fazia parte do Estado soviético – crianças e adultos, edifícios e equipamento – enquanto os próprios senhores demoníacos se alojavam nos gigantescos pentagramas cor de rubi das torres do Kremlin, aceitando de bom grado a sua prisão em troca do aumento do seu poder.

Foi precisamente daí que se expandiram por todo o país linhas de força invisível que evitaram que o país tombasse no caos e se desmoronasse, subordinando todos os seus habitantes à vontade dos ocupantes do Kremlin. De certa forma, a União Soviética foi, toda ela, transformada num pentagrama gigante cujo perímetro protector foi constituído pelas suas fronteiras nacionais...”

Artyom obrigou-se a interromper a leitura e olhou em redor. Da vela já quase só restava o pavio fumegante. Daniel dormia profundamente, voltado para a parede. Artyom espreguiçou-se e regressou ao livro.

“... O teste supremo ao poder soviético foi o confronto com a Alemanha nacional-socialista. Protegidos por poderes que não eram menos antigos ou poderosos do que os da União Soviética, os bem armados teutões puderam penetrar no nosso país pela segunda vez em mil anos. Desta vez, os seus estandartes exibiam o símbolo invertido do sol, da luz e da prosperidade. Até hoje, cinquenta anos depois da Vitória, os carros de combate com os pentagramas nos seus torreões prosseguem a sua batalha perpétua contra os carros de combate que têm a suástica na sua blindagem de aço, em museus, nos ecrãs de televisão, em folhas de papel quadriculado arrancadas aos cadernos escolares...”

A pequena chama da vela oscilou pela última vez e apagou-se. Era altura de dormir.

*

Se voltasse as costas ao monumento, poderia avistar uma pequena parte da muralha mais alta e as silhuetas das torres pontiagudas por entre as casas semi-destruídas. Mas, tal como havia sido explicado a Artyom, ninguém podia voltar-se e olhar para elas. E também era proibido deixar desprotegidas as portas das escadas porque, se alguma coisa acontecesse, seria necessário fazer soar o alerta, mas bastaria uma espreitadela... pronto, já não haveria nada a fazer quanto à própria pessoa e os outros também acabariam por sofrer.

Por isso, Artyom ficou imóvel, embora o desejo de se voltar continuasse a roê-lo. Entretanto, aproveitou para examinar o monumento cuja base estava coberta de musgo. O monumento representava um homem idoso de aspecto

sombrio, sentado numa enorme cadeira de braços, apoiado num cotovelo. Um líquido espesso pingava-lhe lentamente das pupilas de bronze furadas e escorria-lhe para o peito, dando a impressão de que a figura estava a chorar.

Tornava-se insuportável contemplar esta visão durante muito mais tempo. Por isso, Artyom contornou a estátua e olhou com atenção para as portas. Estava tudo tranquilo, o silêncio era completo e o único som que se fazia ouvir, e quase nem se dava por ele, era o do vento, que vagueava por entre as carcaças saqueadas dos edifícios. O destacamento já havia partido há algum tempo, sem no entanto levar Artyom consigo. Tinham-lhe ordenado que ficasse de guarda e, se acontecesse alguma coisa, para descer para a estação e dar o alerta.

O tempo foi passando devagar e Artyom mediu-o com os passos que foi dando à volta da base do monumento: um, dois, três...

Foi quando chegou aos quinhentos que tudo aconteceu: ouviu um estrépito e um rugido mesmo atrás dele, para onde não conseguia olhar na posição em que se colocara. Havia qualquer coisa muito perto, que podia atirar-se a Artyom a qualquer momento. Ficou paralisado, esforçando-se por ouvir outros sons reveladores, mas depois deitou-se, encostado à base da estátua, com a arma pronta a disparar.

Aparentemente, o que quer que fosse estava já muito perto, no outro lado do monumento. Artyom ouviu-lhe bem a respiração rouca, própria de um animal. Ao rodear a base da estátua, percebeu que se aproximava do som. Tentou impedir as mãos de tremer e concentrar-se no ponto onde a criatura iria aparecer.

Mas o som da respiração e dos passos começou, de repente, a afastar-se. E quando Artyom espreitou de detrás da estátua, para aproveitar a vantagem e disparar uma rajada de metralhadora contra as costas do seu inimigo desconhecido, esqueceu-se imediatamente do inimigo e de tudo o mais.

A estrela na torre do Kremlin já era claramente visível do local onde se encontrava. A própria torre era apenas uma silhueta vaga, iluminada pela luz incerta de uma lua parcialmente oculta pelas nuvens mas, no entanto, a estrela destacava-se bem contra o céu, captando de imediato a atenção de quem pudesse olhar para ela pelo mais compreensível dos motivos: a estrela cintilava. Sem acreditar no que via, Artyom pegou nos binóculos.

A estrela, que parecia arder, emitia uma luz vermelha intensa, iluminando um espaço de vários metros ao seu redor e Artyom, quando a conseguiu ver aumentada, percebeu que as chamas eram irregulares. Era como uma tempestade aprisionada no interior de um rubi gigante. Cintilava, parecendo quase apagada e depois brilhava intensamente, como se qualquer coisa no seu interior fluísse, palpitasse, faiscasse... A imagem era de uma beleza que não existia neste mundo mas que, à distância, se via mal. E ele tinha de se aproximar.

Pondo a arma a tiracolo, Artyom desceu as escadas a correr, saltou por cima do asfalto rasgado da rua e deteve-se junto da única esquina de onde podia ver toda a muralha do Kremlin... e as torres. No cimo de cada uma delas brilhava uma estrela vermelha. Respirando com dificuldade, Artyom voltou a observá-las pelos binóculos. As estrelas cintilavam com o mesmo brilho irregular mas intenso e ele queria ficar para sempre a observá-las.

Concentrando-se na mais próxima, Artyom ficou a admirar os seus movimentos fluídos até ter a sensação de que podia distinguir a forma do que se movia no interior, mesmo por baixo da superfície de cristal.

Mas, para o fazer, tinha de aproximar-se mais. Tendo esquecido o que ouvira sobre os perigos, parou a céu aberto e manteve os binóculos colados aos olhos.

Eram os senhores demoníacos, lembrou-se, por fim. Os marechais de um exército de espíritos impuros chamados a defender o Estado soviético. O país, tal como todo mundo, estava feito em pedaços mas os pentagramas das torres do Kremlin mantinham-se intocáveis: os governantes que haviam feito o pacto com os demónios tinham morrido há muito tempo e não havia ninguém que agora os pudesse libertar... Ninguém? E ele?

"Preciso de encontrar o portão para entrar nas muralhas", pensou. "Preciso de encontrar uma entrada..."

*

– Levanta-te! Vais ter de partir em breve – disse-lhe Daniel, abanando-o.

Artyom bocejou e esfregou os olhos. O sonho do qual acabara de sair era incrivelmente interessante, mas desvanecera-se de repente e ele não conseguia lembrar-se do que vira. As luzes da estação estavam todas acesas

e já se ouviam as conversas alegres das mulheres que limpavam a plataforma.

Pondo os óculos escuros, Artyom foi-se lavar, levando consigo uma toalha não muito limpa que o anfitrião lhe dera. As instalações sanitárias estavam situadas na mesma extremidade onde se encontrava o painel de bronze e a fila de pessoas que esperava a vez para entrar não era pequena. Metendo-se na fila, sempre a bocejar, Artyom tentou, pelo menos, recordar-se de algumas das imagens dos seus sonhos.

Mas a fila parou de se mover e as pessoas que a compunham começaram a falar mais alto. Tentando compreender o que se passava, Artyom olhou em redor. Todos os olhares estavam postos numa porta de ferro que costumava estar trancada. Agora, porém, estava aberta, com um homem alto parado na soleira. Ao vê-lo, Artyom até se esqueceu do motivo que o fizera estar ali parado.

O homem era um saqueador.

Pelas descrições do padrasto, e pelos rumores de que faziam eco os mercadores, imaginara-os assim mesmo. O saqueador usava um fato protector sujo e chamuscado em alguns pontos e um colete anti-bala comprido e pesado que lhe cobria o corpo todo. Os ombros eram largos e, no direito, tinha pendurada uma metralhadora, que parecia não tencionar usar, enquanto no esquerdo trazia um cinto de munições bem oleado e largo. As bainhas das calças estavam metidas nos canos de botas grosseiras de atacadores e, às costas, transportava uma grande mochila.

Tirando o capacete redondo das forças especiais e depois a viseira da sua máscara anti-gás, o saqueador ficou parado, afogueado e molhado, a falar com o comandante do posto sobre qualquer coisa. Artyom viu-lhe pêlos grisalhos no rosto e no queixo e madeixas prateadas no cabelo preto cortado curto. Apesar do aspecto fatigado, o homem inspirava uma sensação de poder e de confiança. Estava completamente à vontade e senhor de si, como se aqui, no interior de uma estação sossegada e alegre, continuasse pronto a opor-se a qualquer perigo e a não se deixar apanhar desprevenido.

Agora, já só Artyom é que continuava a observá-lo sem cerimónia. As pessoas que estavam na fila atrás de si ainda tentaram fazê-lo andar mas começaram depois a passar por ele, deixando-o para trás.

– Artyom! Porque te atrasas? Vais atrasar-te mesmo se não tomares cuidado! – disse-lhe Daniel, aproximando-se.

Ao ouvir o nome de Artyom, o saqueador voltou-se para ele, examinando-o com atenção e, de repente, caminhou na sua direcção com passos largos.

– És de VDNKh? – perguntou, numa voz profunda e que parecia um trovão.

Artyom acenou silenciosamente com a cabeça e sentiu os joelhos a começarem a tremer.

– És a pessoa que anda à procura de Melnik? – continuou o saqueador.

Artyom voltou a acenar com a cabeça.

– Eu sou Melnik. Tens uma coisa para mim? – O saqueador fitou-o directamente nos olhos.

Artyom levou rapidamente a mão ao pescoço, para pegar no cordão que tinha o cartucho cilíndrico, de que agora achava estranho separar-se por o ver como um talismã, e entregá-lo ao saqueador.

O saqueador tirou as luvas de cabedal, abriu o cartucho e agitou-o, com cuidado, fazendo deslizar do seu interior um pequeno fragmento de papel. Uma mensagem.

– Vem comigo – disse. – Não pude chegar cá ontem. Desculpa. Quando a chamada chegou, já estávamos a caminho da superfície.

Dizendo um adeus rápido a Daniel, e agradecendo-lhe a hospitalidade, Artyom apressou-se a acompanhar Melnik pelas escadas rolantes que conduziam à passagem para Arbatskaya.

– Há notícias do Caçador? – perguntou, desajeitadamente, mal conseguindo acompanhar os passos mais compridos do saqueador.

– Não ouvi nada dele. Acho que agora vais ter de perguntar aos teus pretos por ele – respondeu Melnik, olhando por cima do ombro para o jovem. – Mas também se pode dizer que tem havido notícias de mais de VDNKh.

Artyom começou a sentir o coração a bater com mais força.

– Que notícias? – perguntou, tentando não se mostrar preocupado.

– Nada boas – disse o saqueador, secamente. – Os pretos voltaram a atacar. Há cerca de uma semana houve uma batalha violenta. Foram mortas cinco pessoas. E parece que agora ainda estão a aparecer mais pretos. E as pessoas começam a fugir da tua estação. Dizem que já não aguentam o

horror. Portanto, o Caçador tinha razão quando me disse que havia qualquer coisa sinistra por lá. Ele sentiu-a.

– E sabe quem é que morreu? – perguntou Artyom, assustado, tentando lembrar-se de quem poderia estar de serviço nesse dia, há uma semana atrás. E que dia era hoje? E teria sido Zhenya?! Ou Andrei? Por favor, que não tivesse sido Zhenya...

– Não sei dizer. Já é suficientemente mau que os mortos-vivos estejam a tentar avançar quanto mais ter agora de contar com qualquer coisa diabólica a sair dos túneis à volta de Prospekt Mira. As pessoas já perderam a memória e outras já morreram nos carris.

– E que vão fazer?

– Há uma reunião do Conselho, hoje. Os anciãos brâmanes e os generais darão a sua opinião mas eu duvido de que sejam capazes de apoiar a tua estação de alguma maneira. Já mal conseguem defender a Pólis e a situação só não é pior porque ninguém se atreve a lançar um ataque a sério.

Chegaram à estação de Arbatskaya. Aqui também havia lâmpadas de mercúrio e, tal como em Borovitskaya, as habitações localizavam-se nas arcadas fechadas com tijolos. Havia sentinelas junto de várias delas e, por todo o lado, um número invulgarmente grande de soldados. Nas paredes, pintadas de branco, estavam pendurados alguns estandartes militares usados em desfiles – com águias douradas bordadas – que pareciam não ter sofrido com a passagem do tempo. Havia actividade em todos os pontos da estação. Brâmanes de mantos compridos andavam de um lado para o outro e mulheres limpavam o chão e repreendiam aqueles que tentavam passar por cima das superfícies ainda molhadas. Também havia muita gente vinda de outras estações. Distinguiam-se pelos óculos escuros ou pelo modo como cobriam com as mãos os olhos semicerrados. Na plataforma só estavam as habitações e as instalações administrativas. As lojas e os vendedores de comida tinham sido relegados para as arcadas.

Melnik levou Artyom até à extremidade da plataforma, onde tinham início os gabinetes, disse-lhe para se sentar num banco de mármore com uma bordadura de madeira, polida por milhares de passageiros, e pediu-lhe que esperasse, desaparecendo de seguida.

Contemplando os complexos desenhos em estuque existentes no tecto,

Artyom pensou como a Pólis correspondera às suas expectativas. A vida nestas estações estava organizada de uma maneira completamente diferente. As pessoas não eram ferozes, não andavam exasperadas ou acabrunhadas como noutras estações. O conhecimento, os livros e a cultura pareciam desempenhar aqui um papel absolutamente fundamental. Tinham passado por, pelo menos, cinco bancas com livros na passagem entre Borovitskaya e Arbatskaya. Havia até cartazes de teatro que anunciavam a representação de uma peça de Shakespeare na noite do dia seguinte e, tal como em Borovitskaya, ouvia música a tocar.

A passagem e as duas estações tinham sido mantidas em excelentes condições. Embora existissem manchas e infiltrações de água nas paredes, os danos eram de imediato reparados por equipas de manutenção, que andavam por todo o lado. Curioso, Artyom chegou a espreitar para o túnel, onde viu que tudo estava perfeitamente arranjado. O ambiente era seco e limpo e havia luz eléctrica com intervalos de cem metros até onde se conseguia ver. De vez em quando, passavam vagonetas movidas à mão carregadas com caixotes, que paravam para deixar sair um passageiro ocasional ou transportar uma caixa com livros que a Pólis enviava para qualquer ponto do Metro.

"Tudo isto poderá, um dia, morrer", pensou Artyom, de repente. "VDNKh já não aguenta a pressão dos monstros... E não admira", disse para si próprio, recordando-se da noite que passara de vigia, quando tivera de repelir um ataque dos pretos, e de todos os pesadelos que o haviam atormentado depois desse confronto.

E seria verdade que VDNKh estava a cair? Isso significava que ele já não teria casa. Perguntou a si próprio se o padrasto e os seus amigos teriam conseguido fugir e se, a ser esse o caso, teria oportunidade de voltar a encontrá-los no Metro. E prometeu a si próprio que, se Melnik lhe dissesse que a sua missão estava terminada e que não podia fazer mais nada, voltaria para casa. Se a sua estação estava destinada a ser uma força solitária de oposição ao avanço dos pretos, então preferia ficar com eles e se os seus amigos e o seu único familiar estivessem destinados a morrer na defesa da estação, preferia ficar com eles a procurar refúgio neste paraíso. Teve, de repente, vontade de regressar a casa, de ver a fila das tendas de campanha, a

fábrica do chá... e de estar a conversar com Zhenya, a contar-lhe as suas aventuras. Tinha a certeza de que ele não iria acreditar em metade... se ainda estivesse vivo.

– Vamos, Artyom – chamou Melnik. – Eles querem falar contigo.

O saqueador libertara-se do fato protector e tinha uma camisola de gola alta, um boné preto da Marinha sem emblema e calças com vários bolsos, como as do Caçador. Aliás, o saqueador fazia-o recordar-se do Caçador, não pela sua aparência, naturalmente, mas pela sua postura. Era tão senhor de si e tinha um aspecto tão resistente como ele, falando do mesmo modo, com frases curtas, quase telegráficas.

As paredes da sala estavam revestidas com carvalho escurecido, mostrando duas pinturas a óleo, frente a frente. Artyom reconheceu numa, facilmente, a Biblioteca, enquanto a outra mostrava um edifício alto revestido de uma pedra branca. Na etiqueta por baixo da pintura lia-se: "Estado-Maior, Ministério da Defesa da Federação Russa."

No meio da divisão estava uma grande mesa de madeira, com cerca de uma dezena de homens sentados à sua volta, a olharem para Artyom. Metade dos presentes usava os mantos cinzentos dos brâmanes, e a outra metade, uniformes militares. Os militares estavam sentados sob o quadro que representava o Estado-Maior e os brâmanes sob o quadro da Biblioteca.

À cabeceira da mesa, sentava-se um homem baixo mas com uma atitude que mostrava a sua autoridade. Tinha óculos austeros e uma grande calva. Vestia um fato com gravata mas não apresentava uma única tatuagem que pudesse indicar a sua qualidade de membro de uma das castas.

– Vamos ao nosso assunto – começou, sem se apresentar. – Conte-nos tudo o que sabe, incluindo a situação dos túneis que ligam a sua estação a Prospekt Mira.

Artyom começou a descrever em pormenor a história da batalha de VDNKh contra os pretos, depois a missão que o Caçador lhe confiara e, finalmente, relatou a sua viagem para a Pólis. Quando se referiu aos acontecimentos ocorridos nos túneis entre Alekseevskaya, Rizhskaya e Prospekt Mira, os militares e os brâmanes começaram a sussurrar entre si, alguns com expressões de incredulidade e outros mais animados, enquanto um militar sentado num dos cantos ia registando as palavras do jovem,

pedindo-lhe, de vez em quando, para repetir o que acabara de dizer.

Quando as conversas terminaram, Artyom foi autorizado a continuar a sua descrição, mas o que contou já despertou pouco interesse junto dos seus ouvintes, até ao momento em que começou a falar de Polyanka e dos seus habitantes.

– Com vossa licença! – interrompeu um dos militares, indignado. Estaria na casa dos cinquenta anos, era corpulento, com o cabelo muito penteado para trás e com óculos com aros de aço que lhe abriam um vergão na cana do nariz. – Sabe-se, sem margem para dúvidas, que Polyanka não é habitada. A estação foi abandonada há muito tempo. É verdade que passam dezenas de pessoas por lá todos os dias mas ninguém consegue viver ali. Há erupções de gás, de vez em quando, e sinais de perigo por todo o lado. E, é claro, os gatos e os resíduos de papel também já desapareceram há muito tempo. A plataforma está completamente deserta. Completamente. Pare com essas insinuações.

Os outros militares expressaram a sua concordância com acenos de cabeça e Artyom calou-se, perplexo. Quando parara em Polyanka, ainda pensara, por instantes, que a condição tranquila da estação era muito pouco real. Mas foi imediatamente distraído desses pensamentos pelos dois homens que encontrara, que eram mais do que reais.

Os brâmanes, no entanto, não apoiaram a manifestação de ira do militar. O mais velho, um homem calvo com uma comprida barba cinzenta, observou Artyom com interesse e, numa língua ininteligível, trocou algumas palavras com os que se encontravam sentados mais perto dele.

– Este gás, como sabem, tem propriedades alucinogénias quando é misturado com o ar em determinadas proporções – disse o brâmane do lado direito do homem, de forma conciliatória.

– A questão é saber, agora, se podemos acreditar no resto do que ele contou – retorquiu o militar, olhando para Artyom de sobrolho franzido.

– Agradecemos o seu relato – disse a Artyom o homem do fato, interrompendo a discussão. – O Conselho vai analisá-lo e informá-lo-á das conclusões. Pode retirar-se.

Artyom dirigiu-se para a porta. A conversa que mantivera com os dois habitantes de Polyanka, com os seus cachimbos de água, teria sido, toda ela,

uma alucinação? Mas isso significaria que a noção de ter sido escolhido – de ter sido capaz de alterar a realidade enquanto cumpria o seu destino – era só um produto da sua própria imaginação, uma tentativa de se auto-consolar... E, agora, também já não via o estranho encontro no túnel entre Borovitskaya e Polyanka como um milagre. Gás? Gás.

Sentado no banco junto à porta, Artyom nem prestou atenção às vozes distantes dos membros do Conselho, que tinham mergulhado num debate animado. Passavam pessoas, vagonetas e vagões com motor atravessavam a estação e os minutos iam correndo e Artyom continuava a pensar, sem sair do local. Será que teria mesmo uma missão ou teria inventado tudo? Que faria agora? Para onde iria?

Alguém lhe tocou ao de leve no ombro. Era o militar que estivera a tomar notas enquanto ele falava.

– Os membros do Conselho declaram que a Pólis não pode ajudar a sua estação de maneira nenhuma – disse a Artyom. – E agradecem o seu relato pormenorizado sobre a situação na rede do Metro. Pode retirar-se.

E era isto: ter ajuda da Pólis era impossível. Fora tudo em vão. Artyom fizera tudo o que podia mas sem conseguir mudar o que quer que fosse. Tudo o que lhe restava era regressar a VDNKh e reunir-se aos defensores que restavam, para lutarem ombro a ombro. Levantando-se, com esforço, do banco, afastou-se vagarosamente, sem nenhum destino específico em mente.

Quando estava a chegar à passagem que dava acesso a Borovitskaya, ouviu uma tosse ligeira atrás de si. Voltou-se e deu com o brâmane que, no Conselho, se encontrava sentado à direita do ancião.

– Espere um momento, jovem – disse-lhe o brâmane, com um sorriso cortês. – Eu acredito em si e preciso de falar consigo sobre um assunto... em privado. O Conselho não está em posição de fazer alguma coisa por si mas talvez este seu obediente servo lhe possa prestar uma melhor ajuda.

Conduzindo Artyom pelo braço, o brâmane levou-o até uma das residências feitas de tijolos, nas arcadas. Não tinha janelas nem luz eléctrica. E os rostos dos vários homens reunidos nessa divisão só eram iluminados pela chama de uma pequena vela. Artyom não conseguiu vê-los bem, porque o brâmane que o trouxera se apressou a apagar a vela e a pequena

sala ficou mergulhada na escuridão.

– É verdade aquilo que disse sobre Polyanka? – perguntou uma voz rouca.

– Sim – respondeu Artyom, resolutamente.

– Sabe como é que nós, os brâmanes, chamamos a Polyanka? A estação do destino. Os kshatriyas que pensem que é o gás que provoca esses encantamentos sinistros! Nós não vamos protestar por causa disso. Nem restaurar a visão dos nossos inimigos mais recentes. Acreditamos que as pessoas encontram mensageiros da Providência nessa estação. A muitos, a Providência nada tem a dizer e, por isso, eles passam por uma estação que julgam vazia e abandonada. Mas os que já encontraram alguém em Polyanka devem ter uma atitude mais atenta relativamente a encontros dessa natureza e devem recordar-se daquilo que lhes foi dito durante todo o resto da sua vida. No seu caso, lembra-se?

– Esqueci-me – mentiu Artyom, não confiando especialmente nas pessoas com quem se encontrava, que o faziam pensar nos membros de uma seita.

– Os nossos anciãos estão convencidos de que não veio aqui ter por acaso. Não é uma pessoa normal e as capacidades especiais de que dispõe, e que o salvaram por várias vezes durante a sua viagem, também nos podem ajudar. Em troca, ajudá-lo-emos e à sua estação. Nós somos os guardiões do conhecimento e o conhecimento inclui informações que podem salvar VDNKh.

– Mas que tem VDNKh a ver com isso?! – explodiu Artyom. – Falam todos só sobre VDNKh! É como se não percebessem que eu não vim aqui apenas para benefício da minha estação e para meu infortúnio! Todos, todos vós, estão em perigo! VDNKh será a primeira a cair e depois seguir-se-á toda a linha e depois será a vez de toda a rede do Metro...

Ninguém respondeu. O silêncio adensou-se. Já só se ouvia a respiração ritmada dos outros homens. Artyom esperou mais uns instantes e, incapaz de se manter calado, perguntou:

– Que devo fazer?

– Vá lá acima à superfície, ao Arquivo Central. Encontre aquilo que por direito é nosso e traga-o aqui. Se conseguir encontrar o que procuramos, dar-lhe-emos o conhecimento que o ajudará a destruir a ameaça. E que a Grande Biblioteca rebente em chamas se estou a mentir!

57 N.T. – **ódu áuËÄmoqº AÄnÇmnqªªUº fi**
Provérbio latino: “Se queres a paz, prepara-te para a guerra.”

58 N.T. – Filhos de Outubro
Organização juvenil do PCUS destinada às crianças dos sete aos nove anos. Aos dez, as crianças integravam-se nos Pioneiros, antes da Juventude Comunista (Komsomol). O emblema desta organização mostrava a efígie de Lenine numa estrela vermelha sobre um fundo de chamas.

A GRANDE BIBLIOTECA

Artyom saiu, ficando parado na estação a olhar de um lado para o outro com uma expressão perplexa. Acabava de estabelecer um dos acordos mais estranhos da sua vida. Os que tinham contratado os seus serviços tinham-se recusado a explicar o que esperavam que ele encontrasse nos arquivos, prometendo, no entanto, que lhe dariam mais tarde todos os pormenores, quando ele já tivesse partido para a superfície. E apesar de ter ocorrido a Artyom que poderiam ter estado a falar do Livro a que Daniel aludira, na noite anterior, não o perguntou aos brâmanes. Além disso, tanto ele como Daniel já estavam suficientemente embriagados no momento em que o seu amável anfitrião lhe contara o segredo, e esse era um bom motivo para duvidar de que tal fosse verdade.

Os brâmanes asseguraram-lhe, no entanto, que não iria sozinho à superfície. Era sua intenção preparar um comando para esse efeito: pelo menos dois saqueadores e um membro da casta acompanhariam Artyom, que lhe deveria entregar imediatamente o que viesse a encontrar se a expedição fosse bem sucedida. E seria essa mesma pessoa que daria a conhecer algo que ajudaria a eliminar a ameaça que pesava sobre VDNKh.

Mas agora, depois de ter trocado a penumbra impenetrável da sala pela luz brilhante da plataforma, os termos do acordo pareciam-lhe absurdos. Como no velho conto de fadas, era-lhe exigido que fosse não sabia onde, para ir buscar não sabia o quê, e, em troca, levava a promessa de uma salvação milagrosa que também não sabia o que era. Que outra coisa poderia fazer, no entanto? Regressar de mãos a abanar? Era isso que o Caçador esperava dele?

Ao perguntar aos seus enigmáticos patronos como poderia encontrar nos arquivos gigantescos da Biblioteca o que eles procuravam, responderam-lhe que perceberia tudo em devido tempo. E que o que procurava se faria ouvir. Artyom não fez mais perguntas, receando que os brâmanes pudessem perder

a confiança nas extraordinárias capacidades que acreditavam que ele possuía mas em que ele próprio, por sinal, não acreditava. No fim, foi avisado com firmeza de que os militares não deviam ser informados sobre o assunto e que, se isso acontecesse, o acordo ficaria anulado.

Artyom sentou-se num banco no meio do átrio e começou a pensar. Tinha pela frente uma oportunidade inacreditável de ir à superfície, para fazer o que só pudera fazer uma vez antes disso e sem receio de um castigo ou de outras consequências. Subir à superfície – e não sozinho mas com saqueadores verdadeiros – para cumprir uma missão secreta por encargo da casta dos guardiões... Nem se lembrara de lhes perguntar por que motivo detestavam tanto a palavra "bibliotecário".

Melnik sentou-se, pesadamente, a seu lado. Parecia cansado e esgotado.

– Porque é que lhes disseste que sim? – perguntou o saqueador, inexpressivamente, sem olhar para ele.

– Como descobriu? – replicou Artyom, surpreendido. Não passara ainda um quarto de hora sobre a sua conversa com os brâmanes.

– Terei de ir contigo – disse Melnik, em voz baixa, ignorando a pergunta. – Agora, respondo por ti perante o Caçador, independentemente do que lhe possa ter acontecido. E não há recuo possível num acordo com os brâmanes. Ninguém o fez, ainda. E, acima de tudo, não penses em falar demais junto dos militares – Melnik pôs-se em pé e abanou a cabeça. – Se ao menos soubesses aquilo em que te vais meter... – acrescentou. – Vou-me deitar. Vamos ter de partir esta noite.

– Mas não é militar? – perguntou Artyom, acompanhando-o. – Ouvi-os chamarem-lhe "coronel"...

– Sim, sou coronel, mas não na cadeia de comando deles – respondeu Melnik, de má vontade, voltando-lhe as costas e indo-se embora.

Artyom passou o resto do dia a conhecer a Pólis, vagueando sem destino pelo aparente labirinto de escadas e de passagens, examinando as colunas majestosas e maravilhando-se com a quantidade de pessoas que esta cidade subterrânea conseguia acolher. Estudou a folha das Notícias do Metro, impressa em papel de embrulho castanho, ouviu os músicos que tocavam pela estação, folheou os livros expostos nas bancas, brincou com cachorrinhos que estavam para venda, ouviu os rumores mais recentes e não

se livrou da sensação de que alguém o seguia o tempo todo e de que se encontrava a ser constantemente observado. Até se voltou para trás de repente, por várias vezes, esperando captar o olhar atento de quem pudesse estar a observá-lo, mas foi inútil. Rodeava-o uma multidão compacta e ninguém parecia prestar-lhe atenção.

Depois de encontrar um hotel numa das passagens, dormiu durante algumas horas antes de comparecer, às dez horas, como combinado, na porta de Borovitskaya que dava para a cidade. Melnik estava atrasado mas os guardas tinham sido avisados e ofereceram-lhe uma chávena de chá, enquanto o jovem aguardava.

E, interrompendo apenas por um minuto, para deitar água a ferver numa caneca de esmalte, o guarda mais velho continuou o relato que estava a fazer:

– Portanto... Fui destacado para ficar à escuta, no rádio. Toda a gente esperava ter a oportunidade de captar uma transmissão dos **nÚ zqÇÉ** do Governo, para lá dos Urais. Mas era inútil porque as primeiras coisas atingidas foram os alvos estratégicos. Foi assim que destruíram Ramenki, tal como todas as residências de Verão situadas fora da cidade, com as suas caves de trinta metros, que também ficaram destruídas... Até podiam ter poupado Ramenki... Não se esforçaram muito por apanhar a população pacífica... Ninguém sabia, nessa altura, que esta guerra era para ir até ao fim. Portanto, poderiam ter poupado Ramenki mas havia um posto de comando aí perto e, por isso, arrasaram tudo... E no que se refere às baixas civis, foi tudo, como se costuma dizer, danos colaterais, desculpem a ironia. Mas, nessa altura, ainda ninguém acreditava nisso e, por esse motivo, os meus superiores puseram-me à escuta das ondas áreas por cima de Arbatskaya, num **nÚ zqÇ** E, de início, ainda ouvi coisas muito estranhas... A Sibéria estava silenciosa, embora outras zonas do país estivessem a transmitir. Captei transmissões vindas de submarinos, tanto estratégicos como nucleares. Perguntavam se deviam atacar, ou não... As pessoas não acreditavam que Moscovo já não existisse. Ouvi pelo rádio comandantes veteranos a chorarem como miúdos. É estranho, sabem, quando oficiais da Marinha, veteranos calejados que nunca manifestaram nenhuma emoção em toda a sua vida, começam a chorar e pedem que alguém vá ver se as

mulheres ou as filhas se encontram entre os sobreviventes... “Vão, procurem-nas aí”, pediam... E depois reagiam todos de maneira diferente. Havia os que diziam: “É isso! Para o Inferno com eles, será olho por olho, dente por dente!” Aproximavam-se das zonas costeiras e lançavam contra as cidades tudo o que tinham. Outros, pelo contrário, decidiam que se já estava tudo perdido, não fazia sentido continuarem a lutar. Porque haveriam de matar mais pessoas? Mas isso não serviu para nada. Eram suficientes os que queriam vingar as suas famílias. E os navios ripostaram durante muito tempo. Os submarinos podiam permanecer debaixo de água durante um ano quando andavam em missão. Alguns foram encontrados mas era impossível dar com todos. Mas já chega de História. Ainda hoje, quando penso nisso, fico cheio de arrepios. Mas a questão não era essa. Uma vez captei a transmissão de uma tripulação de um carro de combate que, por milagre, sobrevivera a um ataque. Estavam a caminho da unidade com o blindado ou qualquer coisa assim... Era uma nova geração de tecnologia de blindagem que os protegia da radiação. Portanto, havia estes três tipos no carro de combate, que se apressaram a sair de Moscovo em direcção ao Leste, a todo o vapor. Atravessaram aldeias em chamas, engataram algumas gajas e continuaram, parando só para se abastecerem de vodka e regressando depois à estrada. Quando o combustível se acabou, deram por eles num sítio remoto que nem sabiam o que era e onde já não havia nada que pudessem bombardear. A radiação também se mantinha aí muito elevada, claro, mas não era nada que se pudesse comparar com a radiação que existia perto das cidades. Pararam aí, enterraram o blindado parcialmente na terra e construíram uma espécie de fortificação. Ergueram as tendas perto, construíram depois cabanas feitas de lama seca e até montaram um gerador manual para terem electricidade e, depois disso, viveram durante muito tempo à volta do carro de combate. Eu falei com eles quase todas as noites, durante dois anos, e fiquei a conhecer todos os pormenores das suas vidas. De início correu tudo bem, até montaram uma exploração agrícola e dois deles tiveram filhos que eram... quase normais. As munições que tinham eram em número suficiente. Viram algumas coisas estranhas e animais que saíam da floresta que o tenente deles, com quem eu falava, não conseguiu sequer descrever adequadamente. E depois

desapareceram no ar. Passei meio ano a tentar contactá-los outra vez mas deve ter acontecido qualquer coisa. O gerador ou o transmissor podiam ter-se avariado ou ficaram sem munições...

– Como estavas a falar de Ramenki – recordou-lhe um dos companheiros – e de como essa zona foi bombardeada, eu lembrei-me de que, por mais tempo que aqui passe, ninguém consegue dizer-me nada sobre o Kremlin. Como é que ficou de pé? Por que motivo é que não foi atingido? Quer dizer, é onde se esperaria que se encontrassem os melhores **nÚ zqÇÉ**..

– Mas quem é que te disse que o Kremlin não tinha sido atingido? Foi e muito! – garantiu-lhe o outro guarda. – Não quiseram demoli-lo, no entanto, por ser um monumento arquitectónico. Mas também quiseram testar armas novas contra o Kremlin. E ficou neste triste estado... Mas deviam tê-lo varrido da face da terra logo para começar. – Cuspiu para o lado e ficou em silêncio.

Artyom não disse nada, tentando não distrair o veterano das suas reminiscências. Era raro conseguir ouvir tantos pormenores sobre o que acontecera. No entanto, o guarda mais velho não disse mais nada, imerso em pensamentos muito pessoais, e Artyom decidiu fazer a pergunta que já queria fazer há mais tempo:

– Mas há outras redes de Metro noutras cidades, não há? Pelo menos, eu ouvi dizer que sim. Será verdade que não há mais pessoas noutros locais? Quando era operador de rádio, não ouviu outros sinais?

– Não, não ouvi nada. Mas tens razão. As pessoas de São Petersburgo, por exemplo, deviam ter conseguido salvar-se. As estações tinham sido construídas a grande profundidade, algumas delas ainda mais fundo do que as nossas, e o sistema era o mesmo[59]. Eu fui lá quando era miúdo e ainda me lembro. Numa das linhas, nem havia saídas para os carris. Em vez disso, havia umas portas de ferro muito pesadas. Quando o comboio chegava à estação, estas portas abriam-se ao mesmo tempo que se abriam as portas das carruagens. Lembro-me de ter ficado surpreendido. Perguntei a toda a gente mas ninguém me conseguiu explicar, adequadamente, porque é que as coisas eram assim. Uma pessoa disse-me que era para evitar inundações, outra que poupava uma quantidade de dinheiro na conclusão das obras de construção. Mais tarde tornei-me amigo de um trabalhador do Metro e ele

disse-me que qualquer coisa havia devorado metade dos membros de uma equipa de construção e que estava a acontecer uma coisa parecida com outras equipas. Só restavam os ossos roídos e as ferramentas. Claro que nunca foi dito nada ao público mas o certo é que, por medida de segurança, foram instaladas as portas de ferro. E isso foi, deixa-me pensar, em... Bom, de qualquer modo, é difícil imaginar o que a radiação aí deve ter feito aparecer.

A conversa interrompeu-se quando Melnik e um homem baixo e entroncado, de olhos encovados e queixo muito grande coberto por uma barba curta, se aproximaram da porta. Ambos levavam já vestidos os seus fatos protectores e transportavam grandes mochilas às costas. Melnik inspeccionou Artyom, sem dizer nada, pousou-lhe aos pés um grande saco preto e, com um gesto, indicou-lhe que devia entrar na tenda de campanha.

Artyom assim fez e, abrindo o fecho éclair do saco, tirou do interior um facto-macaco preto, como os que usavam Melnik e o seu companheiro, uma máscara anti-gás de feitio invulgar com uma viseira completa para o rosto e dois filtros laterais, botas de cano alto e, o que era o mais importante, uma metralhadora **S** nova, com mira laser e uma coronha rebatível de metal. Era uma arma excepcional. A única arma do género que Artyom já vira era a que transportavam as unidades de elite da Hansa, que patrulhavam a linha em vagões motorizados. No fundo do saco encontrou ainda uma lanterna comprida e um capacete redondo com uma cobertura de tecido.

Ainda não acabara de se vestir quando a aba da tenda se abriu, deixando passar o brâmane Daniel. Levava na mão um saco idêntico, extensível e com um fecho éclair. Ficaram a olhar um para o outro, surpreendidos. E Artyom foi o primeiro a perceber o que se passava.

– Vais lá acima? És tu o nosso guia? És tu quem nos vai ajudar a procurar o que eu não sei o que é? – perguntou Artyom, com um sorriso trocista.

– Mas é que eu sei o que é – rosnou-lhe Daniel –, embora não sabia como é que tu tencionas ir procurá-lo.

– Nem eu – confessou Artyom. – Disseram-me que isso ser-me-ia explicado mais tarde. E, agora, cá estou eu, à espera...

– A mim disseram-me que ia um vidente à superfície e que ele devia

aperceber-se do caminho por onde iria.

– E o vidente sou eu?! – resfolegou Artyom.

– Os anciãos acreditam que tens um dom e que o teu destino é especial. Existe no Testamento uma profecia que prevê a aparição de um jovem que, guiado pelo destino, descobrirá os segredos ocultos da Grande Biblioteca. E que será ele a encontrar o que a nossa casta procura, em vão, há uma década. Os anciãos estão convencidos de que és tu esse jovem.

– E esse objecto é o livro de que me falaste? – perguntou Artyom.

Daniel ficou em silêncio durante algum tempo e, depois, acenou afirmativamente com a cabeça.

– Deves senti-lo. Não está escondido de toda a gente – respondeu Daniel, observando Artyom, de alto a baixo. – Se és, realmente, esse jovem guiado pelo destino, nem terás de andar à procura pelos arquivos. Será o Livro a encontrar-te. Que lhes pediste em troca?

Não valia a pena estar a esconder a verdade. Artyom só se sentiu bastante aborrecido por Daniel, que devia dar-lhe as informações capazes de salvar VDNKh da invasão dos monstros, nada saber relativamente a esse perigo, ou do acordo feito com os membros do Conselho. Fez a Daniel um resumo do acordo e explicou-lhe a catástrofe que estava a tentar evitar. Daniel escutou-o atentamente e ainda estava de pé, imóvel, a pensar em qualquer coisa, quando Artyom saiu da tenda.

Melnik e o saqueador barbudo já os esperavam, em uniforme de combate, empunhando as máscaras anti-gás e os capacetes. O companheiro de Melnik transportava uma pistola enquanto Melnik tinha uma arma igual à metralhadora que dera a Artyom. Do pescoço pendia-lhe um dispositivo de visão nocturna.

Quando Daniel saiu da tenda, olhou para Artyom e puseram ambos uma atitude de desafio até que Daniel lhe piscou o olho e começaram ambos a rir-se. Pareciam verdadeiros saqueadores.

– Tivemos sorte – sussurrou Daniel. – Antes de serem enviados para missões a sério, os novos recrutas são obrigados a fazer um treino de dois anos, sob a orientação dos saqueadores, indo buscar lenha à superfície. Mas nós estamos bem!

Melnik encarou-os, com um olhar de desaprovação, mas nada disse. Com

um gesto, indicou-lhe que deviam segui-lo. Dirigiram-se para a passagem que ficava para lá da arcada e, depois de subirem a escadaria, pararam junto à parede feita de blocos de cimento, onde se encontrava uma porta blindada com uma equipa de vigilância reforçada. O saqueador cumprimentou os guardas e fez sinal para abrirem a porta. Um dos soldados levantou-se do seu posto, dirigiu-se à porta e puxou o ferrolho, com esforço. A porta de aço espesso deslizou suavemente para o lado. Melnik deixou passar os três companheiros, fez continência aos guardas e foi o último a sair.

A porta dava para uma pequena zona-tampão, com cerca de três metros de comprimento, entre a parede e as portas de correr. Havia, aí, mais dois soldados fortemente armados e um oficial. Antes de dar a ordem de abertura da barreira de ferro, Melnik voltou-se para os dois recrutas, com instruções bem precisas:

– Ouçam bem. Não falem enquanto caminhamos. Algum de vocês já esteve à superfície? Não importa... Dá-me o mapa – disse ao oficial. – Até chegarmos à entrada, caminhem directamente pelas minhas pegadas e não se afastem. Não olhem em redor e não falem. Quando deixarmos a entrada, nem pensem em passar pelos torniquetes, porque se arriscam a perder as pernas. Mantenham-se sempre atrás de mim. Não vos quero a andar às voltas por aí. Eu saio primeiro, enquanto Dez – apontou para o saqueador barbudo – ficará para trás, a cobrir a entrada da estação. Se o caminho estiver desimpedido, assim que chegarmos à rua voltamos à esquerda. Não é muito escuro agora, por isso não usem as vossas lanternas. Não queremos atrair atenções. Já foram avisados, relativamente ao Kremlin? Ficará à nossa direita. Há uma torre que pode ser vista por cima dos edifícios assim que saímos do Metro. Mas não olhem para o Kremlin, haja o que houver! Eu próprio darei uma porrada na cabeça de quem o fizer.

"Portanto, é verdade o que se diz quanto ao Kremlin e à regra dos saqueadores de não olhar para lá", pensou Artyom. De repente, houve qualquer coisa que se agitou no seu íntimo, feita de fragmentos de pensamentos e de imagens... E que depois se acalmou.

– Vamos subir para a Biblioteca – prosseguiu Melnik. – E vamos subir enquanto houver degraus e portas que se abram. Eu entro primeiro. Se a escadaria estiver desimpedida, Dez cobrirá essa zona e nós subiremos.

Depois, cobrimos Dez para ele subir. Não falem enquanto estiverem na escadaria. Se sentirem algum perigo, façam sinal com a lanterna. Não disparem se não for absolutamente necessário. Os tiros podem atraí-los.

– Quem? – perguntou Artyom, que não aguentou ficar em silêncio.

– Que queres dizer com "quem"? – inquiriu Melnik. – Quem é pensas que podemos encontrar na Biblioteca? Os bibliotecários, claro.

Daniel engoliu em seco e empalideceu. Artyom olhou para ele e depois para Melnik e decidiu que não era a altura de fingir que sabia o que efectivamente não sabia.

– E o que são eles?

Melnik arqueou as sobrancelhas numa expressão de surpresa. O seu companheiro barbudo cobriu os olhos com a mão. Daniel olhou para o chão. Por instantes, Melnik ficou a olhar para Artyom, de sobrancelhas ainda erguidas e, ao perceber que Artyom não estava a brincar, respondeu secamente:

– Verás por ti próprio. Mas aquilo de que tens de lembrar-te, sobretudo, é isto: podes impedir que te ataquem se os fitares directamente nos olhos. Directamente nos olhos, percebes? Não deixes que se ponham atrás de ti. É tudo. Vamos! – E, pondo a máscara anti-gás e o capacete, levantou o polegar para os guardas.

O oficial aproximou-se do interruptor principal e abriu as portas de correr. A grade de aço começou a subir, lentamente. O espectáculo estava a começar.

Melnik acenou-lhes, indicando que podiam sair. Artyom empurrou a porta transparente, ergueu a espingarda e saltou para a rua. E embora o saqueador tivesse ordenado que lhe seguissem os passos, sem se desviar, não lhe era possível obedecer.

O céu alterara-se por completo desde aquele momento em que Artyom o vira pela primeira vez, quando era rapaz. Em vez de um espaço azul transparente e sem limites, o que viu por cima deles foi uma camada de densas nuvens cinzentas que pareciam muito baixas e de onde saíam as primeiras gotas de uma chuva outonal que começara a escorrer de um céu parecido com algodão. Foram fustigados pelo vento e, apesar do tecido do facto protector, Artyom sentiu o frio que ele trazia consigo.

O espaço era inconcebível e perturbador, tanto de lado como diante deles. Esta área sem limites era, ao mesmo tempo, fascinante mas estranhamente deprimente. Por uma fracção de segundo, Artyom desejou poder regressar à entrada de Borovitskaya, no subsolo, para se sentir protegido pela parede mais próxima, imerso no conforto de um espaço fechado e delimitado. E só conseguiu enfrentar a sensação de opressão quando se obrigou a examinar os prédios mais próximos.

O sol já se pusera e a cidade estava, gradualmente, a mergulhar num crepúsculo lúgubre. Os esqueletos dos prédios de apartamentos mais baixos, delapidados e esburacados por décadas de chuvas ácidas, observavam os viajantes através dos olhos vazios que eram as suas janelas partidas.

A cidade... Era uma visão triste mas magnífica. Sem ouvir que o chamavam, Artyom ficou imóvel, a olhar em redor, fascinado. Podia, finalmente, comparar a realidade com os seus sonhos e com as suas recordações, no entanto quase tão indistintas como os sonhos, que guardava da infância.

Daniel, que aparentemente também nunca subira à superfície, ficou também imóvel a seu lado. O último a emergir da entrada da estação foi Dez. O saqueador deu uma palmada no ombro de Artyom, para lhe chamar a atenção, e apontou para a direita onde, à distância, a silhueta da cúpula da catedral se destacava contra o céu.

– Olha para a cruz – zumbiu a voz de Dez, irrompendo pelos filtros da máscara anti-gás.

De início, Artyom não viu nada de especial e, aliás, nem viu a cruz. Só quando uma sombra alada gigantesca levantou voo do braço da cruz, emitindo um uivo prolongado e de fazer gelar o sangue, é que Artyom percebeu o que Dez queria dizer. Batendo várias vezes as asas, o monstro ganhou altitude, começando nessa altura a planar em círculos largos, à procura da sua presa.

– É onde fazem o ninho – disse Dez, acenando com a mão. – Mesmo na Catedral do Cristo Salvador[60].

Mantendo-se rente à parede, avançaram para a entrada da Biblioteca. Melnik conduzia o grupo, vários passos à frente, enquanto Dez avançava às arrecuas e quase voltado para trás, a cobrir a retaguarda. E foi por os dois

saqueadores estarem distraídos, que Artyom conseguiu avistar o Kremlin, antes mesmo de se terem aproximado da estátua com o homem idoso sentado na cadeira de braços.

Artyom não tencionava fazê-lo mas, ao olhar para o monumento, foi como se tivesse apanhado um choque eléctrico, vendo qualquer coisa com toda a clareza na sua própria mente: um fragmento do sonho da véspera, que emergiu de repente. Mas, agora, não lhe pareceu que tivesse sido um sonho, porque o panorama e as colunas da Biblioteca, que avistara no sonho, eram exactamente o que neste momento tinha pela frente. E isso significaria que o Kremlin seria como ele imaginara que fosse, nas suas visões?

Ninguém estava a olhar para ele e nem mesmo Daniel se encontrava por perto, enquanto se deixava ficar para trás com Dez. E era agora ou nunca, disse Artyom para si próprio.

A garganta secou-se-lhe e o sangue começou a latejar-lhe nas têmporas.

A estrela existente no cimo da torre realmente cintilava.

– Eh, Artyom! Artyom! – Alguém lhe sacudiu o ombro.

Foi como se Artyom acordasse, ainda entorpecido e com dificuldade. A luz viva de uma lanterna incidiu-lhe nos olhos. Artyom começou a pestanejar e teve de cobrir os olhos com a mão. Deu por si sentado no chão, com as costas encostadas à base de granito do monumento. Daniel e Melnik estavam curvados sobre ele. E ambos lhe examinavam os olhos com expressões preocupadas.

– As pupilas estão contraídas – constatou Melnik. – Como é que conseguiste perdê-lo? – perguntou a Dez, aborrecido. O seu companheiro mantinha-se à distância, de olhos fixos na rua.

– Houve qualquer coisa que fez barulho lá atrás e eu não quis voltar-lhe as costas – explicou Dez. – Quem é que poderia pensar que ele fosse tão rápido?... Olha, ele quase chegou a Manezh[61] num minuto... E teria continuado. Ainda bem que o nosso brâmane tem a cabeça bem presa ao corpo – acrescentou, com uma palmada nas costas de Daniel.

– Ela brilha – disse Artyom a Melnik, numa voz fraca. – Ela brilha – repetiu, a olhar para Daniel.

– Sim, brilha, está bem – repetiu Daniel, tranquilizando-o.

– Não te foi dito que não olhasses para lá, idiota? – perguntou Melnik a

Artyom, irritado, convencido de que o perigo já passara. – Vais obedecer aos teus superiores, ou não? – inquiriu, dando-lhe uma palmada na nuca.

O capacete reduziu o valor pedagógico da pancada e Artyom continuou sentado no chão, a esfregar os olhos. Quando o repertório de obscenidades chegou ao fim, Melnik agarrou em Artyom pelos ombros, abanou-o com força e puxou-o para cima, pondo-o em pé.

Artyom recuperou gradualmente. Envergonhado por não ter sido capaz de resistir à tentação. Ficou parado, a olhar para as biqueiras das botas, hesitando em olhar para Melnik. Mas, felizmente, Melnik não tinha tempo para lhe dar sermões, distraído por Dez, que se mantinha no cruzamento. Fizera sinal ao seu companheiro para se aproximar, com o dedo num dos filtros da máscara anti-gás, indicando que era necessário manter o silêncio. Artyom decidiu que não voltaria a meter-se num sarilho destes, passando a ir atrás de Melnik por todo o lado, sem nunca se voltar para as enigmáticas torres.

Aproximando-se de Dez, Melnik ficou completamente imóvel. O homem da barba estava a apontar para longe, para um ponto distante do Kremlin, onde os arranha-céus em ruínas da Avenida Kalinine criavam a aparência de bocas sorridentes cheias de dentes podres. Aproximando-se cuidadosamente dos dois homens, Artyom espreitou por cima dos ombros largos de Melnik e compreendeu o que estava a acontecer.

Mesmo a meio da avenida, a cerca de sessenta metros deles, viu três silhuetas humanas, imóveis, na penumbra do crepúsculo. Humanas? À distância a que se encontrava, Artyom não teria apostado que o fossem mas o certo é que as três figuras eram de estatura mediana e apoiavam-se em duas pernas. Já era encorajador.

– Quem são? – perguntou, numa voz rouca, a sussurrar, tentando distinguir os contornos das figuras através da viseira embaciada da máscara. Seriam pessoas ou qualquer monstruosidade de que já pudesse ter ouvido falar?

Melnik abanou silenciosamente a cabeça, tornando evidente que não sabia mais do que Artyom. Apontou o foco da lanterna para as três figuras, que continuavam sem se mexer, e fez três movimentos circulares. Depois apagou a lanterna. Em resposta, apareceu ao longe um foco de luz brilhante, que

também se moveu em três movimentos circulares antes de se apagar.

A tensão diminuiu imediatamente e a atmosfera, que parecia electrificada, voltou ao normal. Artyom pressentiu-o, antes mesmo de Melnik o declarar.

– Saqueadores – explicou Melnik. – Lembrem-se, para a próxima: fazer três círculos com a lanterna é o nosso sinal de reconhecimento. Se obtiverem a mesma reacção, podem avançar sem medo. Não vos farão mal. Se não obtiverem essa reacção, ou outra qualquer, fujam. Não fiquem à espera.

– Mas se tiverem uma lanterna, isso significará que são humanos e não algum tipo de monstros da superfície – objectou Artyom.

– Não sei o que será pior – contrapôs Melnik. E, sem mais nenhuma explicação, começou a subir a escadaria que dava para a entrada da Biblioteca.

A pesada porta de carvalho, quase da altura de duas pessoas, cedeu vagarosamente, como se oferecesse resistência. As dobradiças enferrujadas emitiram guinchos histéricos. Melnik esgueirou-se para o interior e levou a unidade de visão nocturna aos olhos, enquanto mantinha a arma empunhada com uma só mão. Depois de um segundo fez sinal aos outros para que entrassem.

Viram pela frente um corredor enorme, com cabides de ferro de estruturas retorcidas nas duas paredes. O corredor fora, antes, um bengaleiro. Ao longe, e à luz já fraca do que restava do dia que lhes chegava da rua, avistaram os degraus de mármore branco de uma escadaria ampla. O tecto ficava a uma altura de quinze metros e já se via o parapeito, de ferro forjado, da galeria do segundo andar. O silêncio parecia mais pesado, a cada passo que davam.

As paredes do átrio estavam cobertas por um musgo que parecia agitar-se ligeiramente, como se respirasse, e do tecto, quase até tocarem no chão, pendiam estranhas plantas trepadeiras, da grossura do braço de um homem. Os caules tinham um brilho gorduroso, acentuado pela luz das lanternas, e estavam cobertos por flores grandes e deformadas que exalavam um odor sufocante e estonteante. Também se agitavam, muito ao de leve, e Artyom nem quis perceber se o movimento era provocado pelo vento que entrava pelos vidros partidos das janelas do segundo andar ou se era próprio da espécie.

– Que é isto? – perguntou Artyom a Dez, tocando ao de leve na trepadeira.

– Que te parece? Talvez seja uma estufa, não? – retorquiu o saqueador num tom irónico. – São plantas domésticas que foram atingidas pela radiação – explicou. – Chamam-se campainhas. Cultivaram-nas com cuidado, estes botânicos...

Seguindo Melnik, chegaram à escadaria e começaram a subir, mantendo-se encostados à parede da esquerda com Dez a cobri-los. O saqueador que os guiava não tirava os olhos do quadrado negro que era a entrada para as outras salas que já avistavam. Artyom e Daniel passaram os focos das lanternas pelas paredes de mármore e pelos tectos cobertos de musgo e de ferrugem.

A ampla escadaria de mármore em que se encontravam conduzia ao átrio do segundo andar. Por cima não havia tecto e, por isso, as portas dos dois átrios abriam-se para um espaço único, que era enorme. O segundo piso do átrio compunha três lados de um rectângulo. No centro, havia um espaço por onde a escadaria continuava a subir, com áreas adjacentes aos cantos em que havia armários de madeira. Muitos tinham ardido, ou apodrecido, enquanto outros pareciam ter sido utilizados ainda na véspera. Em cada um havia centenas de pequenas gavetas.

– É o catálogo por fichas – explicou Daniel, olhando em redor com uma expressão veneradora. – O futuro pode ser adivinhado por meio destas gavetas. Os iniciados sabem fazer isso. Depois de um ritual, escolhe-se um dos armários, puxa-se uma gaveta ao acaso e tira-se uma ficha. Se o ritual tiver sido executado correctamente, o título do livro indicará o futuro da pessoa, poderá servir de aviso ou predizer um êxito.

Artyom quis, por um segundo, dirigir-se ao armário mais próximo e descobrir para que secção do catálogo de fichas é que o destino o encaminhava. Mas a sua atenção foi distraída por uma gigantesca teia de aranha que se estendia por vários metros de uma janela partida num canto mais distante. Uma ave de tamanho considerável estava presa nos filamentos, que aparentavam ter uma resistência extraordinária. A ave ainda estava viva, a debater-se já com pouca força. Artyom ficou aliviado por não ver o animal que tecera aquela teia tão pouco vulgar.

Além deles, não havia ali mais ninguém.

Melnik fez-lhes sinal para pararem.

– Presta atenção – disse a Artyom. – Não ouças o que está lá fora... Tenta ouvir os sons que vêm de dentro de ti, que estão na tua cabeça. O livro que procuras deve chamar por ti. Os anciãos brâmanes pensam que ele deve estar, mais provavelmente, no Arquivo Central. Mas esse volume pode estar em qualquer sítio, numa das salas de leitura, num carrinho da biblioteca esquecido, num corredor, numa das mesas dos funcionários... Portanto, antes de tentarmos entrar nos arquivos, procura ouvir a sua voz. Fecha os olhos. E descontrai-te.

Artyom fechou os olhos com muita força e começou a escutar, com atenção. No meio da escuridão em que mergulhara, o silêncio fragmentava-se em dezenas de ruídos minúsculos: os estalidos das estantes de madeira, o som das correntes de ar nos corredores, murmúrios vagos, uivos vindos da rua e um ruído que parecia a tosse de alguém muito velho e que saía das salas de leitura... Mas nada que se parecesse com uma voz que pudesse estar a chamá-lo. Durante cinco minutos ficou assim, sem se mexer, e depois mais cinco, a suster a respiração sem o conseguir, o que até pode ter bloqueado os seus esforços para distinguir a voz do livro vivo da mistura de sons dos livros mortos.

– Não – disse, com uma expressão de culpa, a abanar a cabeça, antes de abrir os olhos. – Não capto nada.

Melnik ficou calado, tal como Daniel, mas Artyom viu-lhes os olhares decepcionados, que nem precisavam de palavras.

– Talvez não esteja aqui, na realidade – acabou por dizer o saqueador, passado um minuto, fazendo sinal aos outros para o seguirem. – Temos de ir aos arquivos, portanto. Ou, mais precisamente, temos de tentar ir.

E depois avançou, atravessando a grande porta de entrada, onde só uma das metades se mantinha ainda presa nas dobradiças. Estava chamuscada nas bordas e coberta com caracteres estranhos. Do outro lado havia uma pequena sala circular, com um tecto de seis metros de altura e quatro entradas. Dez seguiu Melnik, e Daniel, tirando partido do facto de não estarem a olhar para ele, deu um passo para os armários que ainda restavam, abriu uma das gavetas e tirou uma ficha. Examinando-a rapidamente, fez uma expressão intrigada e enfiou a ficha no bolso do peito.

Depois, percebendo que Artyom vira tudo, levou um dedo aos lábios, de uma maneira conspiratória, e apressou-se a seguir os dois saqueadores.

As paredes da sala circular também estavam cobertas por desenhos e sinais. Num canto, estava um sofá com as molas partidas e forrado com uma imitação de cabedal. Numa das quatro passagens estava caído um livro aberto junto a alguns panfletos dispersos.

– Não toquem em nada! – avisou Melnik.

Dez sentou-se no sofá, fazendo as molas ranger. Daniel seguiu-lhe o exemplo. Artyom, como se estivesse enfeitiçado, ficou a olhar para os livros que se encontravam espalhados pelo chão.

– Estão intactos... – murmurou. – Na biblioteca da nossa estação, temos de pôr veneno para que os ratos não comam os livros. E aqui? Não há ratos? – perguntou, lembrando-se do que Bourbon dissera: não se deviam preocupar por haver muitos ratos mas por não haver um único...

– Mas que ratos? Estás a brincar? – Melnik encarou-o com desagrado. – Onde é que se encontram ratos, por aqui? Já os comeram a todos há muito tempo...

– Quem? – perguntou Artyom, intrigado.

– Que queres dizer com "quem"? Os bibliotecários, claro – explicou Dez.

– Mas eles são animais ou pessoas? – perguntou Artyom.

– Animais não são, de certeza – respondeu o saqueador, com ar pensativo, abanando a cabeça e calando-se.

Numa das passagens uma porta de madeira maciça começou a ranger, lentamente e de modo muito audível. Os dois saqueadores correram, de imediato, para lados opostos da sala, abrigando-se atrás das colunas existentes nas extremidades. Daniel escorregou do sofá para o chão e rolou para o lado. E Artyom seguiu-lhe o exemplo.

– Lá ao fundo é a Sala de Leitura Central – murmurou o brâmane, dirigindo-se a Artyom. – Eles aparecem aqui de tempos a tempos...

– Acabem com a conversa! – interrompeu Melnik, com ar feroz. – Não sabem que os bibliotecários não suportam o ruído? Para eles, o ruído é como um pano vermelho diante de um touro! – O saqueador praguejou e indicou a Dez a porta da sala de leitura.

Dez fez que sim com a cabeça. Permanecendo encostados à parede,

começaram a dirigir-se para as duas portas de carvalho maciço. Artyom e Daniel seguiram-nos de muito perto. Melnik foi o primeiro a entrar. Encostando as costas a uma das portas e erguendo a espingarda para o tecto, respirou fundo e depois empurrou o painel da porta com o ombro, ao mesmo tempo que apontava o cano da arma para a boca negra que era a passagem para a Sala de Leitura Central.

Seguiram-no todos rapidamente. A sala era de dimensões inacreditáveis, com um tecto que desaparecia a mais de vinte metros do solo. Tal como na outra sala, caíam do tecto trepadeiras pesadas com flores. As paredes estavam cobertas com as mesmas campainhas invulgares. E em cada lado havia seis janelas gigantescas, com muitos vidros ainda intactos. Mas a claridade era difusa: a luz da lua mal conseguia penetrar no denso emaranhado de caules grossos e brilhantes.

Antes, tanto de um lado como do outro, tinham existido fileiras de mesas para acomodar os leitores. Mas agora grande parte do mobiliário fora levado e outra era constituída por restos queimados ou partidos, encontrando-se intactas apenas cerca de uma dúzia de mesas. Estas eram as que estavam mais perto de um painel ornamentado e partido, pendurado na parede, tendo no centro uma escultura que não se via na semi-obscuridade. Havia letreiros de plástico com as palavras "Mantenham o silêncio!" aparafusados em todas as superfícies.

O silêncio, aqui, era completamente diferente do que reinava na sala. Era tão denso que quase se lhe podia tocar. E parecia preencher por completo esta sala de proporções ciclópicas, sendo capaz de inspirar medo em quem quisesse perturbá-lo.

Ficaram algum tempo a contemplar o espaço que se abria diante deles, e que tinham iluminado com as lanternas, até Melnik concluir:

– Talvez tivesse sido o vento...

Mas, nesse preciso momento, Artyom viu uma sombra cinzenta que passou mesmo à frente deles, entre duas mesas partidas, desaparecendo por um buraco que havia entre as estantes. Melnik também a viu. E, levando os óculos de visão nocturna aos olhos, empunhou a espingarda e, pisando cautelosamente o chão cheio de musgo, começou a encaminhar-se para a misteriosa abertura.

Dez seguiu-o. Apesar de Artyom e de Daniel terem sido mandados ficar onde se encontravam, não aguentaram mais e seguiram os saqueadores. A ideia de ficarem sozinhos na entrada era demasiado assustadora. E, ao mesmo tempo, Artyom não conseguiu resistir a examinar melhor a sala, que conservava ainda vestígios da sua antiga grandeza. E foi isso que lhe salvou a vida e a de todos os outros.

Todo o perímetro da sala era rodeado por galerias a uma altura de vários metros, que consistiam em passagens apertadas delimitadas por corrimões de madeira de onde se podia espreitar pelas janelas. Havia também portas que davam para gabinetes de trabalho, tanto na parede junto à qual se encontravam como nas paredes dos dois lados do antigo painel. À galeria chegava-se por meio de duas escadas iguais localizadas nos dois lados do painel ou de uma escada idêntica junto à entrada.

E era por essas escadas que estavam a descer figuras cinzentas e que pareciam curvadas, com passos seguros e silenciosos. Eram mais de uma dezena e não se confundiam com a penumbra que dominava o conjunto da sala. Talvez fossem da altura de Artyom se não estivessem tão dobradas, o que fazia as compridas pernas da frente, que eram estranhamente parecidas com braços humanos, roçarem no chão. As criaturas moviam-se sobre as pernas traseiras, com passos oscilantes mas ligeiros e silenciosos. À distância, pareciam os gorilas que Artyom vira num livro de biologia, na sua infância, que o padrasto usara para lhe tentar ensinar algumas coisas.

Artyom não conseguiu observá-las durante mais de um segundo porque, assim que a luz da sua lanterna caiu sobre uma delas, originando uma sombra negra e de contornos bem definidos na parede oposta, envolveu-os uma nuvem de guinchos diabólicos e as criaturas, deixando a sua postura furtiva, lançaram-se em força ao ataque.

– Bibliotecários! – berrou Daniel, a plenos pulmões.

– Para baixo! – ordenou Melnik.

Artyom e Daniel atiraram-se para o chão. Optaram por não disparar, lembrando-se ambos do aviso do saqueador de que os tiros, ou quaisquer sons mais elevados, atrairiam e irritariam os bibliotecários. Mas a hesitação foi desfeita por Melnik que, atirando-se para o chão ao lado deles, foi o primeiro a disparar. Diversas criaturas tombaram, a rugir. Outras atiraram-

se de cabeça para a escuridão, mas apenas para se aproximarem. Passados alguns instantes, um dos monstros apareceu de repente a dois metros dele e saltou, tentando apanhar Dez pelo pescoço. Caindo no chão, Dez conseguiu abater a criatura com uma rajada curta.

– Fujam! Vão para a sala circular e tentem chegar aos arquivos! – disse Melnik a Artyom. – O brâmane deve saber lá chegar. Ensinam-lhes essas coisas. Nós vamos ficar aqui, a dar-vos cobertura, e tentaremos repeli-los – acrescentou, rastejando para junto do companheiro sem mais uma palavra.

Artyom acenou a Daniel e correram ambos para a saída, procurando manter-se rentes ao chão. Um dos bibliotecários saltou da escuridão para ir ao encontro deles mas foi repelido por uma chuva de chumbo. Os saqueadores estavam atentos.

Saindo da Sala de Leitura Central, Daniel correu para a sala de onde tinham vindo. Por momentos, Artyom ainda pensou que o seu companheiro pudesse ter ficado tão aterrorizado pelos bibliotecários que estivesse a tentar fugir. Mas Daniel não estava a dirigir-se para a escadaria que descia para a saída. Contornando-a, passou os armários das fichas que ainda estavam de pé e só parou na outra extremidade da sala. Aí, a sala ficava mais estreita, terminando em três portas, lado a lado. A porta do lado direito dava para uma escada que, por sua vez, mergulhava numa escuridão absoluta. O brâmane deteve-se aí, para recuperar o fôlego. Artyom precisou de alguns segundos para chegar junto dele, surpreendido com a agilidade demonstrada pelo seu companheiro. Parados onde estavam, puseram-se à escuta. Ouviram tiros e gritos vindos da sala central, o que mostrava que a batalha continuava. Não era claro quem ganharia e também não podiam perder tempo à espera.

– Porque é que voltamos para trás? Porque é que fomos pelo outro caminho? – perguntou Artyom, ofegante.

– Não sei para onde nos levavam – respondeu Daniel, com um encolher de ombros. – Talvez quisessem levar-nos por outro caminho. Os anciãos ensinaram-nos um único caminho que conduz aos arquivos a partir deste lado da sala. Agora temos de subir um andar por estas escadas, percorrer depois o corredor até encontrarmos outras escadas, atravessar a zona do catálogo duplicado das fichas e chegaremos aos arquivos.

Daniel apontou com a espingarda para a escuridão e começou a subir as escadas. Artyom seguiu-o, iluminando o caminho com a lanterna.

A meio das escadas havia um poço de elevador. Prolongava-se, para cima e para baixo, à extensão de três andares. Aparentemente, o espaço já tinha sido protegido por vidros porque se viam estilhaços afiados em alguns pontos da estrutura de metal, cobertos agora com uma poeira de décadas. As paredes do poço quadrangular do elevador tinham degraus de madeira apodrecida, que também estavam cobertos de estilhaços de vidro partido, cápsulas de balas e montes de excremento seco. Não havia sinal de corrimões e Artyom teve de se encostar bem à parede e ver bem onde punha os pés para não cair na abertura.

Subiram um andar e encontraram-se numa pequena sala quadrada. Tinha também três saídas e Artyom percebeu que, sem o seu guia, seria improvável conseguir encontrar a saída deste verdadeiro labirinto. A porta do lado esquerdo dava para um corredor largo e escuro, cujo fim não se via nem à luz da lanterna. A porta do lado direito estava fechada e por qualquer motivo tinha sido tapada com tábuas de madeira cruzadas. Na parede adjacente estava escrito com fuligem: "Não abrir! Perigo de morte!"

Daniel conduziu Artyom pela porta da frente, por uma passagem que, a certa altura, voltava para outro corredor, mais estreito e com mais portas. O brâmane já não andava tão depressa neste corredor e parava, com frequência, pondo-se à escuta. O chão era de madeira embutida e nas paredes havia sinais onde se lia "Mantenham o silêncio!", pintados de amarelo como em todas as paredes da Biblioteca. Através das portas abertas podiam-se ver salas e gabinetes devassados. E as portas fechadas deixavam ouvir um restolhar. A certa altura, Artyom julgou ouvir passos. A avaliar pela expressão do seu companheiro, não era um bom sinal e ambos se apressaram a sair o mais depressa possível da zona onde se encontravam.

Finalmente, como Daniel esperava, apareceu à direita uma porta para outras escadas. O ambiente aqui era menos soturno, por comparação com a escuridão das salas, por haver mais janelas a cada lanço de escadas. Do quinto andar já se podia ver um pátio, alguns pavilhões e os esqueletos carbonizados dos equipamentos técnicos. Mas Artyom não teve muito tempo para ficar a examinar o pátio porque duas figuras cinzentas

emergiram da esquina do edifício em que ele e Daniel se encontravam. Atravessaram o pátio vagarosamente, como se procurassem alguma coisa. De repente, uma das criaturas parou e levantou a cabeça e Artyom sentiu que ela estava a olhar directamente para a janela em que ele se encontrava. Encolhendo-se, Artyom agachou-se. E não precisou de explicar a Daniel o que se passara porque o seu companheiro percebeu tudo.

– Bibliotecários? – murmurou, assustado, agachando-se também para não ser visto da rua.

Artyom acenou com a cabeça silenciosamente. Daniel limpou a viseira, de vidro acrílico, como se isso o ajudasse a limpar o suor da testa, que se acumulava devido à preocupação. Pensou, por instantes, e correu para as escadas, levando Artyom consigo. Mais um lanço e depois mais um conjunto de corredores serpenteantes... Finalmente, o brâmane deteve-se, inseguro, diante de várias portas.

– Não me lembro nada disto – disse, perplexo. – Deve haver uma entrada para a sala dos duplicados das fichas. Mas ninguém nos disse que haveria várias portas.

Ficou a pensar e, sem grande alento, abanou a maçaneta de uma das portas. Estava fechada à chave. Tal como as restantes. Abanando a cabeça, sem perceber, como se se recusasse a acreditar no que estava a acontecer, Daniel voltou a tentar rodar as maçanetas. E Artyom também tentou, igualmente sem êxito.

– Ficámos aqui fechados – disse. Havia uma nota de desespero na voz.

De repente, Daniel estremeceu e Artyom, olhando para ele, alarmado, recuou. Mas Daniel riu-se.

– Porque é que não bates? – sugeriu, com uma gargalhada triste. – Desculpa – acrescentou –, deve ser um ataque de histeria.

Artyom sentiu o riso incongruente de Daniel a apossar-se também dele. A tensão que se acumulara durante a última hora estava a vir ao de cima e, por muito que conseguissem controlar-se, as risadas tontas que davam não deixaram de se ouvir no exterior. E, durante algum tempo, estiveram a rir-se, encostados à parede.

– Bate à porta! – repetiu Artyom, agarrado ao estômago, lamentando não poder tirar a máscara anti-gás para limpar as lágrimas.

Depois, aproximando-se da porta mais próxima, bateu nela por três vezes com os nós dos dedos. Passado um segundo, ouviu do outro lado da porta mais três pancadas de resposta. Artyom sentiu a garganta a secar e o coração a bater violentamente no peito. Havia alguém do outro lado da porta, a ouvi-los rirem-se e à espera. Que...? Daniel olhou para ele, com uma expressão alucinada de terror, e afastou-se da porta. E, do outro lado, alguém voltou a bater, desta vez com mais força e com maior insistência.

E, nessa altura, Artyom fez o que Sukhoi uma vez lhe ensinara. Apoiando-se na parede, bateu com a bota, com toda a sua força, na fechadura da porta ao lado. Não pensou que desse resultado mas a porta abriu-se com estrondo. O mecanismo de aço da fechadura soltara-se da porta apodrecida, levando consigo fragmentos de madeira.

A sala revelada pela porta aberta era diferente de todas as outras salas e de todos os corredores da Biblioteca por onde já tinham passado. Por qualquer motivo que não conseguiam perceber, era mais húmida e a atmosfera era mais opressiva e, à luz das lanternas, depararam com uma pequena sala repleta de plantas estranhas. Pés grossos, folhas pesadas e oleosas, uma mistura de cheiros tão intensos que até entravam pelos filtros das máscaras anti-gás, o soalho coberto por um emaranhado de raízes e troncos, espinhos e flores... As raízes de algumas das plantas desapareciam em vasos de flores de todos os tamanhos, alguns deles despedaçados e outros ainda intactos. Os pés da trepadeira que já conheciam enrolavam-se uns nos outros e apoiavam filas de armários de madeira, iguais na aparência aos que existiam na sala maior, mas completamente apodrecidos devido à humidade muito elevada, o que se tornou evidente assim que Daniel tentou abrir uma das gavetas.

– É o registo que tem os duplicados das fichas – explicou a Artyom, com um suspiro de alívio. – Agora já não estamos longe.

Ouviram, nessa altura, outro toque na porta atrás deles e o som feito por alguém a rodar cautelosamente a maçaneta da porta, como se estivesse a experimentá-la. Afastando os pés da trepadeira com as metralhadoras e tentando não tropeçar nas raízes que cobriam o chão, atravessaram rapidamente o sinistro jardim secreto que estava escondido no coração da Biblioteca. Na outra extremidade da sala havia uma nova porta e esta já não

se encontrava fechada à chave. Chegaram ao último corredor e pararam.

Encontravam-se no Arquivo Central. Sentiram-no de imediato. Havia pó de livros no ar. A Biblioteca respirava sossegadamente e conseguiam ouvir o murmúrio suave de milhares de milhões de páginas. Artyom olhou em redor e pareceu-lhe sentir o cheiro de livros antigos, de que tanto gostara na sua infância. Olhou para Daniel, com uma interrogação muda.

– É isso, já cá estamos – confirmou Daniel. – E então? – perguntou.

– Bem, isto é fantasmagórico – admitiu Artyom, sem perceber o que esperava o seu companheiro.

– Ouves o livro? – especificou o brâmane. – A voz dele devia ouvir-se melhor aqui.

Artyom fechou os olhos e tentou concentrar-se. Sentia a cabeça vazia a reverberar, como se estivesse no interior de um túnel abandonado. Ficando assim por alguns momentos, começou a ouvir de novo os pequenos sons que enchiam todo o edifício da Biblioteca sem, no entanto, ouvir algo que pudesse ser uma voz ou um chamamento. Aliás, o que era pior, nem sentia nada, mesmo aceitando que a voz a que Daniel e os outros brâmanes se haviam referido daria origem a qualquer outro tipo de sensação, que seria completamente diferente.

– Não, não consigo ouvir nada – respondeu, afastando as mãos.

– Não importa – replicou Daniel, com um suspiro, depois de uma breve pausa. – Vamos para outro piso. Há dezanove andares, aqui. Continuaremos à procura até o encontrarmos. É melhor não voltarmos de mãos a abanar.

Dirigindo-se à escada de serviço, subiram vários lanços de degraus de cimento antes de pararem, para tentarem de novo a sua sorte. Neste piso, era tudo parecido com a sala que primeiro tinham visto: uma divisão de dimensões médias, com janelas ainda com vidros, secretárias diversas, as plantas já conhecidas que cresciam do tecto e dos cantos e mais dois corredores, que se abriam para direcções diferentes, preenchidos por fileiras intermináveis de estantes ao longo das suas paredes estreitas. O tecto da sala e dos corredores era baixo, talvez com cerca de dois metros de altura, e, depois da vastidão incrível do átrio e da Sala de Leitura Central, parecia difícil não apenas percorrer o espaço entre o chão e o tecto como, até,

respirar. As estantes estavam densamente ocupadas por milhares de livros e muitos pareciam nunca ter sido tocados ou, então, tinham sido maravilhosamente conservados, numa demonstração de que a Biblioteca fora construída para manter no interior um microclima que nunca desaparecesse, mesmo depois de as pessoas a abandonarem. Ao contemplar uma riqueza tão fabulosa, Artyom esqueceu-se, por instantes, do motivo que ali o levara e mergulhou numa das estantes, observando as lombadas e passando reverentemente as mãos por elas. Concluindo que o seu companheiro conseguira ouvir o que procurava, Daniel não interveio, de início, mas acabou por perceber o que se passava. Deitou as mãos a Artyom, num gesto violento, e arrastou-o consigo.

Havia mais três, quatro, seis corredores... uma ou duas centenas de estantes e livros aos milhares, revelados na escuridão impenetrável do Arquivo Central pelo foco amarelo das lanternas. Passaram um piso e depois mais outro... E nada. Artyom continuava sem ouvir algo que pudesse parecer-se com uma voz ou um chamamento. Nada havia de invulgar. E lembrou-se de que se os brâmanes, na reunião do Conselho da Pólis, o haviam considerado o eleito, agraciado com um dom especial e conduzido pelo destino, os militares tinham outra explicação para as suas visões: alucinações.

Artyom sentira qualquer coisa, na realidade, nos últimos andares por onde haviam passado. Mas isso não era, contudo, o que esperava ou queria ouvir. Era, apenas, a sensação vaga de uma presença que lhe fazia recordar o famoso medo dos túneis. Apesar de todos os pisos por onde andaram parecerem completamente abandonados, sem que neles houvesse sinais dos bibliotecários ou de outras criaturas, Artyom continuava a voltar-se para trás, sempre atormentado pela sensação enlouquecedora de que havia alguém a observá-los por entre as estantes.

Daniel bateu-lhe no ombro e dirigiu o foco da lanterna para uma das botas. Um dos atacadores, que o brâmane tivera dificuldade em atar, soltara-se e estava a arrastar pelo chão.

– Enquanto eu ato isto, avança e tenta ver o que há aí para a frente. Talvez acabes por ouvir alguma coisa – sussurrou, agachando-se.

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça e continuou a andar,

vagarosamente, passo a passo, sem deixar de olhar para Daniel com frequência. O seu companheiro estava a enfrentar dificuldades – era uma tarefa complexa atar a bota com um atacador que lhe deslizava nas luvas grossas. Avançando, Artyom iluminou primeiro a fileira interminável de estantes à sua direita e depois, num gesto abrupto, mudou o foco de luz para a esquerda, tentando descobrir as sombras irregulares e cinzentas dos bibliotecários no meio dos livros poeirentos e deformados pelos anos. Tendo-se distanciado de Daniel cerca de trinta metros, Artyom ouviu, de repente e com grande clareza, um restolhar talvez duas estantes à sua frente. Com a metralhadora já empunhada, encostou a lanterna ao cano da arma e, num movimento rápido, chegou ao corredor onde lhe parecera estar alguém escondido.

Deparou aí, com duas fileiras de estantes cheias de livros até ao cimo, que pareciam esbater-se na distância. E num ambiente vazio e sem vida. Voltou o foco para a esquerda. Talvez o inimigo aí estivesse escondido, no lado oposto. Mas só encontrou o vazio.

Artyom susteve a respiração, tentando perceber os ruídos que pensava ir ouvir. Mas nada. Só ouviu a ilusória passagem das folhas dos livros. Voltou atrás e iluminou o local onde deixara Daniel a lutar com o atacador. Vazio. Vazio?!

Sem olhar para o caminho, Artyom voltou a correr para trás. A luz da lanterna saltava freneticamente de um lado para o outro, iluminando filas após filas de estantes idênticas que se destacavam da escuridão. Onde é que parara? A trinta metros... Se tivesse sido a trinta metros, era aqui que devia encontrar Daniel. Mas não estava ninguém. Onde poderia ter ido Daniel que não o avisasse? Se tivesse sido atacado, por que motivo não resistira? Que acontecera? Que lhe poderia ter acontecido?

Entretanto, já tinha andado muito para trás. Daniel devia estar mais próximo... Mas não o via em lado nenhum! Artyom sentiu que estava a perder o controlo das suas acções e a entrar em pânico. Detendo-se no mesmo local em que deixara Daniel a atar a bota, Artyom encostou-se, molemente, a uma estante. E de repente, das profundezas da fila de estantes, ouviu uma voz inumana que, suavemente, se fez ouvir com o som inquietante de um grasnido:

– Artyom...

Sufocando de medo e quase cego devido ao embaciamento da máscara, Artyom voltou-se de repente para a voz e, procurando manter o corredor na mira instável da metralhadora, começou a andar em frente.

– Artyom...

A voz estava mesmo ao virar da esquina! De repente, um raio de luz ténue atravessou uma das estantes, por entre volumes mal arrumados na prateleira ao nível do chão. A luz moveu-se para trás e para a frente, como se alguém estivesse, no outro lado, a fazer oscilar uma lanterna para a esquerda e para a direita. E, ao mesmo tempo, ouviu um som metálico dissonante.

– Artyom... – A voz mal se ouvia mas, desta vez, era um murmúrio familiar e não havia nenhuma dúvida de que era a voz de Daniel.

Satisfeito, Artyom deu um passo em frente, esperando avistar o seu companheiro, quando o mesmo som inquietante que parecia um grasnido rompeu o ar, a menos de dois passos, ao mesmo tempo que o raio de luz continuava a oscilar sem sentido ao nível do chão, de um lado para o outro.

– Artyom... – voltou a chamar a estranha voz.

Artyom deu mais um passo em frente, olhou para a sua direita e sentiu o cabelo a pôr-se em pé.

A fileira de estantes terminava nessa zona, formando um nicho, e Daniel encontrava-se sentado no chão, numa poça de sangue. O capacete e a máscara anti-gás tinham-lhe sido arrancados da cabeça e estavam a um canto, a pouca distância. Embora o rosto estivesse pálido como o de um cadáver, os olhos abertos continuavam conscientes e os lábios tentavam formar palavras. Atrás dele, parcialmente coberto pela penumbra, encontrava-se uma figura cinzenta agachada. Uma mão comprida e ossuda, coberta por uma pelagem prateada hirsuta – e não era uma garra mas uma mão humana verdadeira, com unhas curvas e poderosas –, fazia rolar melancolicamente de um lado para o outro a lanterna que Daniel deixara cair e que estava a cerca de meio metro dele. A outra mão enfiara-se no estômago rasgado do brâmane.

– Estás aqui – murmurou Daniel.

– Estás aqui... – repetiu a voz áspera da criatura, atrás de Daniel, precisamente com a mesma entoação.

– Um bibliotecário... Atrás de mim. Eu estou morto. Dispara. Mata-o – disse Daniel, numa voz cada vez mais débil.

– Dispara. Mata-o – repetiu a sombra.

A lanterna voltou a rolar no chão, até à esquerda, regressando depois ao ponto de partida para, mais uma vez, repetir o ciclo. Artyom sentiu-se a perder o juízo. As palavras de Melnik, sobre o som dos tiros que podia atrair estes monstros de pesadelo, fervilharam-lhe no pensamento.

– Vai-te embora – disse ao bibliotecário, sem esperar, porém, que ele compreendesse.

– Vai-te embora – respondeu o bibliotecário em tom quase afectuoso, continuando, no entanto, à procura de qualquer coisa no estômago de Daniel e fazendo-o gemer baixinho, enquanto uma gota espessa de sangue lhe escorria do canto da boca para o queixo.

– Dispara! – exclamou Daniel, reunindo todas as suas forças.

– Dispara! – ordenou o bibliotecário, atrás dele.

Devia Artyom disparar contra o seu novo amigo e, dessa forma, atrair outras criaturas ou devia deixar Daniel a morrer onde se encontrava e fugir enquanto ainda dispunha de tempo? Era duvidoso que Daniel conseguisse sobreviver. Com o estômago rasgado e as entranhas arrancadas, o brâmane não devia ter mais de uma hora de vida.

Uma orelha cinzenta pontiaguda apareceu por trás do tufo de cabelo no topo da cabeça de Daniel, seguida por um enorme olho verde, que cintilava à luz da lanterna. O bibliotecário distanciou-se um pouco, e quase timidamente, do brâmane moribundo, e os seus olhos procuraram os de Artyom. "Não lhe voltes as costas", disse o jovem para si próprio. "Olha para lá, directamente para ele, para as pupilas..." As pupilas eram verticais, eram as de um animal. E como era estranho ver vestígios de inteligência nesses olhos sinistros e impossíveis!

Agora, de perto, o bibliotecário já não parecia um gorila nem outra espécie de símio. O rosto de predador estava coberto de pêlo. A boca tinha dentes afiados compridos e ia quase de orelha a orelha, enquanto os olhos eram de um tamanho tal que faziam do monstro um animal totalmente diferente de outros que Artyom já vira, quer na vida real quer em imagens.

Pareceu-lhe que demorou tudo muito tempo. Tendo mergulhado nos olhos

da criatura, já não conseguia desviar o seu próprio olhar. E só quando Daniel fez um gemido mais prolongado e mais agudo é que Artyom soltou o seu olhar do da criatura. Colocando o minúsculo ponto vermelho da sua mira no desgrenhado pêlo cinzento da testa baixa do bibliotecário, utilizou o polegar para passar o comutador da arma para tiro semi-automático. Ao ouvir o pequeno clique metálico, o monstro balbuciou qualquer coisa e voltou a esconder-se atrás de Daniel.

– Vai-te embora... – disse, de repente, mesmo por detrás de Daniel, imitando na perfeição o tom de voz de Artyom.

Confuso, Artyom nem se mexeu. Desta vez, o bibliotecário não se limitara a fazer eco das suas palavras mas era como se conseguisse lembrar-se delas e compreender o seu significado. Seria possível?

– Artyom... Enquanto consigo falar... – começou Daniel, tendo novamente reunido algumas forças e tentando focar melhor o olhar, que estava a ficar mais turvo a cada minuto que passava. – No bolso do peito... um envelope... Disseram-me para te dar o envelope quando encontrasses o Livro...

– Mas eu não o encontrei – disse Artyom, abanando a cabeça.

– Não o encontrei – repetiu a voz estranha, atrás de Daniel.

– Não interessa... Eu sei porque aceitaste fazer isto. Não foi por ti... Talvez isto te ajude. Já não é importante para mim que eu tenha obedecido à ordem ou não... Lembra-te só disto: não podes voltar à Pólis... Se descobrem que regressas de mãos a abanar... E se os militares descobrirem... Vai pelas outras estações. E agora dispara, porque isto dói-me muito... Eu não quero...

– Não quero... Dói-me... – tornou o bibliotecário, repetindo as palavras misturadas, com um silvo, fazendo um movimento brusco com a mão no interior do estômago de Daniel e levando-o a retorcer-se e a berrar a plenos pulmões.

Artyom não aguentou mais. Deitando todos os cuidados para trás das costas, mudou com o polegar o comutador para tiro automático e, comprimindo os lábios, premiu o gatilho, cosendo com balas o corpo do seu companheiro e o monstro que se escondia atrás dele. O som inesperado dos tiros despedaçou o silêncio que reinava na Biblioteca. Por instantes, parando depois de repente, ouviram-se alguns guinchos. Os livros

empoeirados absorveram o eco como se fossem uma esponja. Quando Artyom abriu os olhos, já tudo terminara.

Aproximando-se do bibliotecário, que deixara tombar a cabeça cravada de balas sobre o ombro da sua vítima, continuando a manter-se timidamente escondido atrás dela apesar de morto, Artyom iluminou a assustadora cena e sentiu o sangue a gelar-lhe nas veias, enquanto as palmas das mãos se cobriam de suor, devido à tensão. Com a ponta da bota, tocou cuidadosamente no bibliotecário, cujo corpo acabou por cair pesadamente para trás. Estava morto, não podia haver dúvidas.

Tentando não olhar para a confusão sangrenta em que se tornara o rosto de Daniel, Artyom começou a abrir o fecho do fato protector do morto. A roupa ficara empapada em sangue negro e espesso e erguia-se dela um vapor transparente que se desfez no contacto com o ar fresco do arquivo. Artyom sentiu náuseas. O bolso existente no peito... Os dedos, dentro das luvas protectoras, tentaram desastradamente abrir o botão e ocorreu-lhe que as luvas podiam ter servido para atrasar Daniel durante os minutos suficientes para se deixar apanhar pelo monstro e perder a vida.

À distância ouviu um restolhar, a que se seguiram os sons de passos miúdos dados por pés descalços ao longo do corredor. Artyom voltou-se, nervosamente, e iluminou uma das passagens com a lanterna. Assegurando-se de que ainda estava sozinho, regressou à sua luta com o botão. Este cedeu, finalmente, permitindo aos dedos rígidos retirarem do interior um envelope fino de cor cinzenta. O envelope estava dentro de um saco de polietileno com um buraco de bala.

Além do envelope, Artyom encontrou também no bolso um rectângulo de cartolina manchado de sangue, que era, sem dúvida, o que Daniel retirara da gaveta de um dos armários das fichas. Nele lia-se: “Shnurkov, N. E., **H QÇs m Á q mÉ a qÇÉÂqoÓámÉ ÂmÇm m HsÇ¡oÚªÓÇm ı m c qÂ nªuom dÁounªuÉÓ u dÁáu Óbmp Á e muÃÚ¡ÉÓ ÁA** Dushanbe, 1965”.

Nesta altura já se ouvia mais próximo o som de passos e de vozes sussurradas. O tempo esgotara-se. Pegando na metralhadora e na lanterna de Daniel, que já caíra das garras do bibliotecário, Artyom voltou apressadamente pelo caminho que tinham percorrido, a andar o mais depressa que podia quase sem ver onde punha os pés e orientando-se apenas

pelas filas intermináveis de estantes. E nem sabia se estaria a ser seguido, porque o barulho das botas no chão e o sangue que latejava nos seus ouvidos o impediam de ouvir os que podiam estar a persegui-lo.

Assim que chegou à escada e começou a descer os degraus aos tropeções, percebeu que nem sequer sabia em que andar ficava a entrada que lhes permitira chegar aos arquivos. Podia, claro, descer ao primeiro andar, partir o vidro da escada de serviço e saltar para o pátio... Indeciso, parou por um segundo, a olhar para fora.

Mesmo no meio do pátio estavam várias criaturas cinzentas paradas, com os rostos voltados para cima, a olhar para as janelas e – pareceu-lhe – directamente para ele. Petrificado, Artyom encostou-se à parede e continuou a descer, desta vez procurando pôr os pés no chão com menos força. Ao evitar bater com as botas nos degraus, já conseguia ouvir o som feito pelos pés descalços das criaturas, que se ouviam com uma nitidez cada vez maior. Mas, perdendo por completo o controlo de si próprio, acabou por se precipitar numa correria pelas escadas abaixo quase sem ver para onde ia.

Detendo-se no patamar seguinte, tentou encontrar uma porta que lhe parecesse familiar, não a encontrou e voltou a lançar-se numa correria descontrolada, parando apenas para se esconder nos cantos mais escuros quando lhe parecia ouvir passos mais perto de si, espreitando desesperadamente para becos e passagens onde só poderia entrar a rastejar, para regressar depois às escadas e descer mais um patamar ou subir mais dois – poderia não ter reparado na saída? – e compreendendo que o som infernal que estava a fazer, na sua ansiosa tentativa de encontrar uma forma de sair do labirinto em que se metera, iria atrair todos os monstruosos habitantes da Biblioteca, mas sem ser capaz de acalmar. E, de repente, quando ia regressar à escada depois de mais uma vã tentativa para encontrar uma saída, viu uma silhueta meio curvada e já familiar recortada contra uma janela destruída. Recuou, de imediato, mergulhando na primeira passagem que encontrou, encostando as costas à parede e apontando a metralhadora para a abertura por onde calculou que o bibliotecário iria entrar, enquanto sustinha a respiração...

Silêncio.

O monstro decidira não perseguir Artyom sozinho ou, então, estava à

espera de ver o jovem cometer o erro de sair demasiado cedo do esconderijo. Mas Artyom percebeu que não precisava de o fazer para regressar ao mesmo caminho. A passagem continuava, mesmo ao lado dele. Tentando pensar no que seria melhor fazer, Artyom afastou-se da abertura sem, no entanto, deixar de manter a arma apontada nessa direcção.

O corredor desviava-se para um dos lados mas, nesse mesmo ponto, havia um buraco negro na parede. O chão estava coberto de fragmentos de tijolos e de salpicos de cal. Agindo por impulso, Artyom entrou nessa abertura-buraco, achando-se numa sala cheia de mobiliário destruído. Espalhados pelo chão havia fragmentos de películas fotográficas e de filmes. Mais à frente, viu uma porta entreaberta, de onde saía a luz da Lua, que iluminava uma parte do soalho. Atravessando cuidadosamente o chão de madeira e tentando evitar os seus rangidos traiçoeiros, Artyom chegou à porta e olhou para fora.

Reconheceu a sala, embora estivesse agora no lado oposto – a imponente estátua de uma pessoa a ler, a inacreditável altura do tecto e as janelas gigantescas, o caminho que conduzia ao grotesco painel de madeira da saída, tal como as filas perturbantes das mesas de leitura dos dois lados... Encontrava-se de novo, sem a menor dúvida, na Sala de Leitura Central. E encontrava-se na balaustrada de madeira anexa à estreita galeria que rodeava toda a sala, a quatro metros do solo. E era desta galeria que tinham saído os bibliotecários que os haviam atacado. Artyom não conseguiu perceber como chegara ali vindo do Arquivo Central e, muito menos, como evitara a passagem por onde subira com Daniel. Mas também não tinha tempo para pensar nisso. Os bibliotecários não deviam ter desistido de o perseguir.

O jovem desceu a correr uma das duas escadas simétricas que conduziam ao pedestal da estátua e correu para saída. Não muito longe do arco de madeira esculpida por cima da porta, viu os cadáveres dos monstruosos bibliotecários espalhados pelo chão e, ao passar no local onde a batalha se travara, escorregou numa poça de sangue que ainda não começara a coagular e quase caiu.

A pesada porta foi difícil de abrir e, de repente, uma luz branca muito brilhante cegou-o. Lembrando-se das instruções de Melnik, Artyom pegou

na lanterna com a mão direita e desenhou, rapidamente, um círculo triplo, indicando que as suas intenções eram pacíficas. O foco que o encandeava foi desviado e Artyom, tendo posto a sua arma a tiracolo, começou a andar, entrando num sala circular com colunas e um sofá, sem conseguir ainda saber quem o esperava.

Viu pousada no chão, no seu tripé, uma metralhadora e Melnik curvado sobre o seu companheiro. Dez estava encostado ao sofá, de olhos fechados, gemendo ligeiramente de vez em quando. A perna direita estava dobrada de uma maneira que não era natural e Artyom, olhando melhor, percebeu que a perna se partira pelo joelho, ficando voltada para trás. Não conseguiu imaginar como poderia ter ocorrido uma coisa assim e a força que tinha quem mutilara o robusto saqueador.

– Onde está o teu camarada? – perguntou Melnik, num tom brusco, desviando a sua atenção de Dez.

– Os bibliotecários... No arquivo. Atacaram – tentou explicar Artyom. Sem conseguir dizer que ele próprio matara Daniel, num gesto de misericórdia.

– Encontraste o Livro? – inquiriu o saqueador.

– Não – respondeu Artyom, abanando a cabeça. – Não ouvi nada e também não senti nada.

– Dá-me uma ajuda para o levantar... Não, apanha-lhe antes a mochila. E a minha também. Vê como está a perna dele... Quase a arrancaram. Vamos ter de o transportar às costas – disse Melnik, indicando o seu companheiro.

Artyom reuniu o equipamento – três mochilas, duas metralhadoras e a pistola, cerca de trinta quilogramas de peso, no total – e pegou em tudo com dificuldade. A Melnik também lhe foi difícil pôr às costas o corpo flácido do seu companheiro e a descida das escadas, em direcção à saída da Biblioteca, custou-lhes vários minutos que pareceram bem longos.

Já não viram nenhum bibliotecário, durante a retirada, mas quando Artyom abriu as pesadas portas de madeira para deixar passar os dois saqueadores, ouviu-se um uivo grasnado vindo das profundezas mais escuras do edifício, cheio de ódio e de angústia. Artyom sentiu arrepios a descerem-lhe pela coluna e fechou as portas rapidamente. O essencial era, agora, regressar ao Metro e o mais depressa possível.

– Baixa os olhos! – ordenou-lhe Melnik, já na rua. – A estrela vai estar mesmo diante de ti. Nem penses em olhar para os telhados...

Movendo com dificuldade as pernas quase hirtas, Artyom baixou obedientemente os olhos para o chão, ansiando apenas vencer os duzentos metros que separavam a Biblioteca da entrada para a estação de Borovitskaya e que lhe pareciam agora demasiado longos. Mas Melnik não o deixou entrar no Metro.

– A Pólis é agora território interdito, para ti. Não tens o Livro e perdeste o guia que te deram – declarou Melnik, ofegante, pousando com suavidade no chão o companheiro ferido. – Os brâmanes não gostariam. E, além disso, isto significaria que não eras o escolhido mas que te confiaram os seus segredos. Se regressasses à Pólis, desaparecerias sem deixar rasto. Existem especialistas na matéria, lá em baixo, e não precisam de ser inteligentes para o fazerem. E nem eu te conseguiria proteger. Tens de pôr-te a andar, agora, e o melhor é ires para Smolenskaya. Vai sempre em frente, não há muitas casas e não precisas de meter-te em nenhum beco. Talvez lá consigas chegar. E antes da luz do dia, de preferência, se te apressares.

– Que luz? – perguntou Artyom, intrigado. Sentia-se ainda aturdido pela notícia de que teria de alcançar a outra estação de Metro pela superfície e sozinho, e isso significaria percorrer dois quilómetros, a avaliar pelo mapa.

– A do Sol. As pessoas transformaram-se em seres nocturnos e é melhor que não andem à superfície durante o dia. Mas há aqueles que saem a rastejar das ruínas para se aquecerem ao sol e, se os incomodares, hás-de lamentá-lo mil vezes. Isto para não falar da luz: podes cegar em dois segundos, no máximo, e os óculos escuros não o vão impedir.

– Mas porque é que hei-de ir sozinho? – perguntou Artyom, sem querer ainda acreditar no que estava a acontecer.

– Não tenhas medo. Vais seguir sempre em frente. Vais sair na Avenida Kalinine e continuas. Não tens sequer onde virar. Não te exponhas e mantém-te junto às casas porque eles andam muito nessa zona. Continuas até chegares a um cruzamento com outra grande avenida, a Sadovoye Koltso[62]. Aí, voltas à esquerda e vais encontrar um prédio de apartamentos de pedra branca. Já lá funcionou a House of Fashion... Vais ver logo, do outro lado de Sadovoye Koltso, um edifício muito alto, meio em ruínas, que

é o centro de comércio. Há uma espécie de arco amarelo por trás da House of Fashion em que está escrito "Estação de Metro de Smolenskaya". Volta aí e verás uma pequena praça, uma espécie de pátio interior, onde se encontra a estação. Se tudo estiver sossegado, tenta entrar. Uma das entradas está fechada e guardada, sendo reservada para os saqueadores da própria Smolenskaya. Bate aí desta maneira: três pancadas breves, duas lentas e três rápidas. Devem abri-la. Diz-lhes que foi Melnik quem te mandou e espera aí por mim. Eu vou levar Dez para a enfermaria e partirei logo de seguida. Devo chegar lá antes do meio-dia. E encontramo-nos aí. Leva duas das armas contigo, que não sabemos o que pode acontecer.

– Mas há outra estação mais próxima, segundo o mapa... Arbatskaya – lembrou-se Artyom.

– Essa estação existe. Mas não precisas de te aproximar dela. Nem vais querer aproximar-te dela, sequer. Passarás lá perto mas mantém-te no outro lado da rua e caminha rapidamente, sem no entanto correres. É isto. Não percas mais tempo! – concluiu Melnik, indicando a rua a Artyom. O jovem não quis discutir. Pondo a tiracolo uma das metralhadoras, empunhou a pistola de Dez, pronta a disparar, chegou à rua e dirigiu-se para o monumento, cobrindo os olhos com a mão direita para não correr o risco de ver, por acaso, o brilho sedutor das estrelas do Kremlin.

59 N.T. – Metro de São Petersburgo
A rede de Metro de São Petersburgo (ex-Leninegrado) foi começada a construir depois do Metro de Moscovo (aberto em 1935) mas só ficou terminada em 1955, devido à guerra. É mais pequena mas tão faustosa como a de Moscovo, com estações que chegam aos 75 metros de profundidade.

60 .T. – Catedral do Cristo Salvador
Uma das maiores igrejas ortodoxas do mundo e a principal da igreja ortodoxa russa. Construída em 1883, foi quase destruída em 1931 por Estaline, que mandou transferir os seus mármores para uma estação do Metro. Foi restaurada em 2000.

61 N.T.(61) – Manezh
Majestoso edifício construído em 1817 junto à muralha do Kremlin para assinalar o quinto aniversário da vitória da Rússia sobre as tropas de Napoleão na Guerra Patriótica de 1812. Destinado a exercícios militares, é hoje um dos mais populares centros de exposições de Moscovo.

62 N.T. – Sadovoye Koltso
Sadovoye Koltso (Anel do Jardim) é uma grande via circular do centro histórico de Moscovo, construída no século XIX com fins militares, que rodeia hoje vastas zonas verdes.

LÁ EM CIMA

Antes de chegar à estátua do idoso na cadeira de braços, Artyom virou à esquerda para passar a esquina da rua da Biblioteca. Ao fazê-lo, olhou de passagem para o majestoso edifício e sentiu um arrepio. A Biblioteca estava, mais uma vez, imersa num silêncio inquietante. Os guardiões do silêncio deviam ter-se dispersado pelos cantos mais escuros, a lamber as feridas causadas pelas suas incursões enquanto se preparavam para se vingarem nos próximos visitantes.

O rosto pálido e exausto de Daniel apareceu-lhe diante dos olhos. Artyom lembrou-se de o brâmane se ter mostrado receoso das criaturas, e com razão, recusando-se a falar delas. Teria ele pressentido a sua própria morte, nos seus pesadelos? O corpo de Daniel ficaria para sempre nos arquivos da Biblioteca, abraçado pelo bibliotecário que o matara. Se, claro, as criaturas não se alimentassem de carne morta... Artyom estremeceu. Conseguiria, alguma vez, esquecer-se do modo como morrera o seu companheiro, de quem até se tornara amigo durante os dois dias de convívio? Teve a certeza de que o brâmane iria atormentar-lhe os sonhos durante muito mais tempo, e de que iria tentar falar com ele repetidas vezes à noite, formando palavras incompreensíveis com os lábios ensanguentados.

Chegando à vasta avenida, Artyom relembrou as instruções que Melnik lhe dera: ir directamente para o cruzamento da Avenida Kalinine com Sadovoye Koltso, sem voltar para outra direcção... Mas era necessário descobrir onde ficava Sadovoye Koltso. Depois, não devia ir para o meio da rua mas também não devia ficar completamente encostado aos prédios e, finalmente, tinha de chegar a Smolenskaya antes da luz do dia.

Os famosos arranha-céus da Avenida Kalinine, que Artyom conhecia de postais amarelados com imagens de Moscovo, estavam a cerca de quinhentos metros do local onde se encontrava. Mas aqui, e num nível bastante mais baixo, o que via era moradias nos dois lados da rua, que só

mais à frente voltava à esquerda para essa avenida.

As silhuetas dos edifícios, que pareciam muito nítidas quando vistas de perto, tornavam-se indistintas quando Artyom se punha em marcha e fundiam-se com o crepúsculo. A Lua escondera-se por trás de nuvens baixas. A ténue luz pálida mal conseguia penetrá-las e só se notava melhor essa claridade quando o pano de fundo feito de neblina se dissipava e quando os vultos das casas ganhavam de novo, e por momentos, a sua forma original. Mas, mesmo a esta luz, nas ruas secundárias, aparentemente sem saída, que rasgavam a avenida a cada cem metros, conseguiu ver à sua esquerda os contornos poderosos de uma antiga catedral. E a enorme sombra alada que, mais uma vez, sobrevoou a cúpula pejada de cruzes.

Talvez tivesse sido por isso que Artyom parou, para tentar ver melhor o animal que pairava no ar. Mas, depois, foi outra coisa que viu.

Na luz crepuscular que banhava a cidade era-lhe difícil determinar se a sua imaginação não lhe estaria a levar a melhor perante a estranha figura que ficara imóvel na extremidade da rua e que se fundira com as paredes destruídas das casas. E só quando a observou melhor é que lhe pareceu que essa mancha escura se mexia um pouco e possuía vontade própria. Não lhe foi fácil ter uma ideia mais precisa da forma e das dimensões da criatura, a uma distância dessas, mas era visível que se apoiava em duas pernas e isso levou Artyom a decidir agir como o saqueador lhe dissera. Ligando a lanterna, voltou o foco para a rua e fez com ele um movimento circular por três vezes.

Não teve resposta, no entanto. Esperou, em vão, ainda por um minuto e concluiu que ficar à espera naquele local podia ser bastante perigoso. Antes de prosseguir, ainda iluminou a figura que continuava imóvel ao fundo da rua. Mas o que viu fê-lo apagar a lanterna de imediato e sair dali o mais depressa possível.

Não era de um homem que se tratava. A silhueta tornara-se mais nítida à luz da lanterna, relevando uma altura que devia chegar aos dois metros e meio, sem ombros nem pescoço, com a cabeça, grande e redonda, a sair-lhe directamente do corpo poderoso. A criatura ficara escondida a ganhar tempo. E Artyom, apesar de hesitar, sentiu nos ossos a ameaça que dela emanava.

Os últimos cento e cinquenta metros até à última rua percorreu-os em menos de um minuto. Olhando com atenção, percebeu que não era uma das pequenas ruas transversais mas uma artéria que terminava num buraco rasgado numa zona residencial por uma arma de qualquer tipo: ou por meio de bombas ou por meio da simples demolição de uma fileira de edifícios, executada por equipamento militar pesado. Artyom olhou com curiosidade para as casas semi-destruídas que se dissipavam à distância mas a sua atenção fixou-se numa sombra imóvel. Foi-lhe suficiente dirigir o foco da lanterna para esse ponto para repelir todas as dúvidas: era a mesma criatura ou outra da mesma espécie. A meio da rua, no mesmo quarteirão, nem tinha a preocupação de se esconder.

Se a criatura era a mesma que ele já vira antes, junto aos outros prédios, isso só podia significar que ela se esgueirara pela rua paralela àquela por onde ele seguia. Ou seja, ela fizera a mesma distância duas vezes mais depressa do que ele porque, quando Artyom chegou ao cruzamento seguinte, ela já aí o esperava. Mas a situação era pior: desta vez, avistou uma segunda silhueta mas na rua à direita da avenida. Tal como a primeira, mantinha-se aí imóvel, como uma estátua. E, por instantes, Artyom até pensou que nem fossem seres vivos mas sinais postos por alguém, para intimidar ou para alertar...

Artyom correu para o terceiro cruzamento, detendo-se apenas junto à última casa para olhar cautelosamente para a rua seguinte, e verificou que, mais uma vez, os seus misteriosos perseguidores o haviam ultrapassado. E, agora, já eram várias as figuras e pareciam mais fáceis de ver porque a camada de nuvens que encobrira a Lua ficara mais ténue.

E, como antes, as criaturas aí estavam, sem se mexerem, como se esperassem que ele aparecesse por entre as casas. Fazendo-o pensar que poderia estar a enganar-se a si próprio, ao tomar pedaços de pedra ou de cimento de edifícios destruídos por seres vivos. Os seus apurados sentidos tinham-no ajudado, em boa medida, nas profundezas do Metro. Mas, à superfície, havia um mundo enganador que lhe era desconhecido e onde tudo era diferente, incluindo as regras da vida. E ele já não possuía motivos nenhuns para confiar nas suas impressões e na sua própria intuição.

Tentando atravessar outra transversal o mais depressa que podia, sem se

fazer notar, Artyom colou-se à parede de uma casa, aguardou alguns instantes e voltou a espreitar para depois da esquina. Mas quase parou de respirar. As criaturas estavam a mover-se e de uma maneira surpreendente. Esticando-se e parecendo ainda maior, uma delas ergueu a cabeça e cheirou o ar e depois deixou-se cair sobre as quatro pernas e, num salto, desapareceu na outra rua. As restantes seguiram-na alguns segundos depois. E Artyom recuou, escondendo-se e procurando recuperar o fôlego, sentado no chão.

Não podia haver dúvidas – elas estavam a persegui-lo. E era também como se estivessem a conduzi-lo, obrigando-o a mover-se pela avenida. Estavam a ganhar tempo, à espera de o ver ficar de novo exposto. E iriam aparecer numa das transversais para se assegurarem de que ele não se desviaria da rota traçada, mantendo-se sempre, e silenciosamente, a segui-lo. Mas porquê? À espera de um momento mais conveniente para atacarem? Movidas simplesmente pela curiosidade? Por que motivo não vinham para a avenida, preferindo esconder-se nas sombras de mau agouro? Artyom voltou a recordar-se das palavras de Melnik, segundo as quais não devia desviar-se do caminho directo que ele lhe indicara. Seria por elas estarem à sua espera e Melnik já saber desse perigo?

Procurando acalmar-se, Artyom substituiu o carregador da metralhadora, meteu uma bala na câmara e ligou e desligou a mira laser. Estava bem armado e, ao contrário do que acontecera na Biblioteca, conseguiria disparar sem perigo. Seria mais fácil defender-se, desse modo. Respirando fundo, pôs-se em pé. O saqueador proibira-o de parar e de perder tempo. Tinha de apressar-se. À superfície, parecia, era necessário andar sempre a correr.

Passando mais um quarteirão, Artyom abrandou o passo para poder olhar em redor. A rua ficara mais larga, formando uma espécie de praça, que ficava parcialmente isolada por uma cerca e que fora transformada num parque. Pelo menos parecia ter existido ali um parque, em tempos. Havia ali árvores que, no entanto, não eram verdadeiramente as árvores que Artyom vira em postais e em fotografias. Em seu lugar estavam troncos grossos e retorcidos, com copas que se alargavam à altura do prédio de cinco andares existente ao fundo do parque. Era provável que os saqueadores visitassem este e outros parques para apanharem a madeira que aquecia e iluminava

toda a rede do Metro. Nos espaços entre os troncos viu sombras de formas estranhas e, ao longe, o clarão hesitante do fogo. E Artyom até teria pensado que se tratava de uma fogueira se não fosse o seu tom amarelado. O prédio, por seu turno, apresentava uma aparência sinistra. Dava a impressão de ter sido, em tempos e por várias vezes, o palco de batalhas brutais e sangrentas. Os andares de cima tinham-se desmoronado e, em vários sítios, havia buracos escuros abertos por balas. Só duas paredes é que estavam intactas e, através das janelas vazias, espreitava o céu baço da noite.

Depois da praça, os prédios dividiam-se e a rua era atravessada por outra avenida muito larga. Por cima dela, erguendo-se da escuridão como torres de vigia, viam-se os primeiros arranha-céus da Avenida Kalinine. A avaliar pelo mapa, a entrada para a estação de Arbatskaya estaria perto, à sua esquerda. Artyom voltou a olhar para o parque sombrio. Melnik tinha razão: ninguém quereria embrenhar-se naquele labirinto para tentar encontrar uma descida para o Metro que ficava por baixo dele. Quanto mais observava os bosques negros junto da estrutura em ruínas, mais visíveis lhe pareciam ser as figuras misteriosas que o haviam seguido e que se agitavam por entre as raízes das árvores gigantes.

Uma rajada de vento forte agitou os ramos pesados e as copas rangeram devido à pressão. O vento trazia ecos de um uivo distante. A vegetação estava imóvel mas não por estar morta. O silêncio em que se mantinha era semelhante ao silêncio furtivo dos misteriosos perseguidores de Artyom e parecia que havia ali alguma coisa que também estava à espera.

Artyom sentiu-se dominado pela certeza de que se ficasse ali parado, a examinar os segredos escondidos do parque, não escaparia a um ataque. Segurando melhor na metralhadora, olhou em redor para ver se as criaturas se encontravam mais próximas, e seguiu em frente.

Mas teve de parar de novo, segundos depois, quando ia atravessar a rua que dava para a Avenida Kalinine. O que viu impediu-o de continuar a avançar.

Ficou parado num cruzamento de avenidas largas, por onde, outrora, deviam ter passado muitos carros. O cruzamento tinha sido construído de uma maneira invulgar. Parte do pavimento de asfalto penetrava num túnel e

reaparecia à superfície. À direita, as ruas perdiam-se na distância. Era possível identificá-las devido à linha escura de árvores, tão grandes como as que vira no parque. À esquerda viu uma grande praça, coberta de asfalto, que antecedia um bosque, rasgado por caminhos numerosos que davam para um segundo bosque. Aqui já lhe era possível ver melhor o que tinha pela frente e Artyom perguntou a si próprio se já se aproximaria o nascer do Sol.

As ruas estavam cobertas pelas carcaças deformadas e queimadas de muitos automóveis. E já nada restava de útil. Durante mais de duas décadas de expedições à superfície, os saqueadores haviam deitado a mão a tudo o que pudesse interessar. Gasolina dos depósitos dos veículos, baterias, geradores, faróis, sinais de trânsito e assentos arrancados ao ferro das viaturas com pedaços de carne ainda presos – até em VDNKh se encontravam estas coisas, bem como em qualquer um dos grandes mercados do Metro. O asfalto estava pejado de crateras e de grandes fendas. Ervas e caules ainda tenros irrompiam por todos os espaços, vergados ao peso de flores aparentemente cheias de sementes. Diante de si viu o desfiladeiro sombrio em que a Avenida Kalinine se transformara. De um lado, alinhavam-se casas ainda intactas, sem que se percebesse porquê, como se fossem livros abertos, enquanto, do outro lado, se encontravam edifícios de cerca de vinte andares, parcialmente destruídos. Para trás ficava o caminho que conduzia à Biblioteca e ao Kremlin.

Artyom ficou parado no meio deste majestoso cemitério da civilização, descobrindo a antiga cidade, os destroços de um poder desaparecido e as maravilhas que, séculos depois, ainda inspiravam um temor reverencial aos que as avistavam. Tentou imaginar como eram as pessoas que habitavam nestes gigantescos edifícios, que andavam naqueles veículos de pintura ainda vistosa, que se moviam numa azáfama constante sobre a superfície suave das ruas aquecidas pela fricção dos pneus de borracha e que só penetravam no Metro para se deslocarem mais depressa de um ponto a outro desta cidade sem fronteiras. Mas era impossível imaginá-lo. Em que teriam pensado, diariamente? O que os preocuparia? O que é que poderia preocupar as pessoas se não precisavam de pensar nas suas vidas a cada segundo da sua existência, nem de lutar constantemente para sobreviverem,

tentando ganhar, pelo menos, um dia de cada vez?

As nuvens dissiparam-se, finalmente, nesta altura e pôde ver um fragmento da circunferência amarelada que era a Lua, riscada por estranhos desenhos. A luz mais brilhante que atravessava a fenda que se abrira nas nuvens banhava a cidade morta, intensificando mil vezes a sua magnificência sombria. As casas e as árvores, que até agora pareciam ser apenas silhuetas unidimensionais, regressavam à vida e adquiriam novas formas.

Incapaz de se mover, Artyom olhou para um lado e para o outro, fascinado, tentando dominar a inquietação que o invadia. Só neste momento é que começava a compreender a angústia que ouvira nas vozes dos homens mais velhos, que recordavam o passado e que, nos seus pensamentos, regressavam à cidade em que haviam vivido antes. Só neste momento é que começava a sentir como a humanidade se distanciara das suas conquistas e dos seus feitos. Era como uma ave que pairava orgulhosa no céu e que, mortalmente ferida, se deixava tombar no solo para se esconder numa fenda e, aí, poder morrer sossegadamente. Lembrou-se de uma discussão entre o padrasto e o Caçador, que presenciara. A humanidade conseguiria sobreviver? E, se o conseguisse, seria ainda a mesma humanidade que havia conquistado o mundo e que o governara cheia de confiança? Agora, ao perceber como a humanidade caíra da altitude que atingira para mergulhar num abismo destes, Artyom sentia que se evaporava de uma vez por todas a fé que ainda tivera num futuro que seria magnífico.

A antiga Avenida Kalinine abria-se diante de si, numa linha direita e larga, afunilando-se num horizonte escurecido. Artyom encontrava-se agora completamente sozinho no meio da rua, acompanhado apenas pelos fantasmas e pelas sombras do passado, tentando ainda imaginar como é que poderia haver tantas pessoas nesta rede de ruas, noite e dia, e como seria a visão dos carros a passarem a grande velocidade por este mesmo local e como teriam sido confortáveis e quentes as casas de janelas brilhantes mas vazias. Para onde fora tudo? O mundo parecia mais deserto e mais abandonado mas Artyom compreendia que era só uma ilusão: a Terra não fora abandonada nem ficara sem vida. Só os seus amos é que tinham mudado. Pensando nisso, Artyom voltou-se, na direcção da Biblioteca.

Estavam paradas, completamente imóveis, a uns cem metros à sua frente, tal como ele no meio da rua. As criaturas, homens ou animais, já eram agora mais de cinco e não tentavam esconder-se nas transversais, apesar de também não terem tentado atrair a sua atenção. Artyom não conseguiu perceber como é que haviam conseguido aproximar-se dele tão rapidamente e sem ruído. À luz da Lua já as via bem: corpulentas, com patas traseiras bem desenvolvidas e, talvez, até mais altas do que inicialmente pareciam ser. Embora Artyom não conseguisse ver-lhes os olhos, à distância que se encontravam, percebia que não tinham pressa e que o examinavam, farejando o ar húmido, captando-lhe o cheiro. Podia acontecer que ele cheirasse a pólvora e que estes monstros não o atacassem por conhecerem esse cheiro, optando por observá-lo de longe, procurando um sinal de hesitação ou de fraqueza no seu comportamento. Ou estariam apenas a acompanhá-lo até à fronteira do seu reino, sem terem a intenção de lhe infligirem mal? Como poderia ele ter certezas quanto ao comportamento de criaturas como estas, que apareciam na Terra apesar de serem, em tudo, contrárias às leis da evolução?

Tentando manter o auto-domínio, Artyom voltou-se, e aparentando sentir-se indiferente, continuou a andar, espreitando por cima do ombro a cada dez passos. De início, as criaturas mantiveram-se imóveis mas o medo que sentia começou a avolumar-se. Os monstros assentaram as patas da frente no solo e seguiram-no vagarosamente. Mas assim que se acharam a cem metros dele, voltaram a parar. Apesar de já estar a habituar-se a esta estranha escolta, Artyom não queria distrair-se e manteve a pistola pronta a disparar. Percorreram assim a avenida deserta e banhada pelo luar: primeiro, o homem, tenso e alerta, parando e olhando para trás de meio em meio minuto, e, atrás de si, cinco ou seis criaturas, acompanhando-o sem pressas e ajustando os seus movimentos pelos passos dele.

Mas, entretanto, começou a parecer-lhe que a distância se encurtava. Além disso, se até agora se haviam mantido num grupo compacto, os monstros começavam a espalhar-se, como se quisessem apanhá-lo pelos lados. Artyom nunca tivera de enfrentar um bando de predadores que estivessem a caçar mas não conseguia deixar de pensar que as criaturas se estavam a preparar para o ataque. E achou que era tempo de agir. Voltando-se

abruptamente, apoiou a pistola no ombro e fez pontaria a uma das sombrias figuras.

O comportamento delas modificara-se. Desta vez não pararam, esperando que ele continuasse a andar. Mantiveram-se em movimento, cada vez mais próximas e de modo quase imperceptível, em semi-círculo. E Artyom tinha de as assustar, obrigando-as a recuar, antes que elas conseguissem reduzir a distância para se lançarem ao ataque.

Erguendo ligeiramente a metralhadora, Artyom disparou uma rajada para o ar. Os tiros repercutiram-se nas paredes dos arranha-céus e ecoaram no outro lado da avenida. Os cartuchos vazios caíram como chuva no asfalto, com sons metálicos. E depois fez-se ouvir um rugido ensurdecedor e cheio de fúria e os monstros atacaram. Percorreram em segundos as dezenas de metros que os separavam de Artyom mas o jovem também estava preparado. Assim que a criatura mais próxima dele ficou na mira da metralhadora, disparou sobre ela uma rajada breve e começou a correr em direcção às casas.

A julgar pelos gritos emitidos pela criatura, Artyom conseguira feri-la. Mas era impossível perceber se isso atrasaria as restantes ou se as enfurecera.

A seguir, ouviu-se um som diferente. Já não era o rugido ameaçador dos monstros que o perseguiam mas um pio prolongado e agudo que lhe fez gelar o sangue. Vinha de cima e Artyom percebeu que havia um novo participante na caçada. Era evidente que o som dos disparos atraíra a atenção de um monstro voador semelhante ao que fizera o ninho na cúpula da catedral.

Uma sombra imensa sobrevoou-o com a velocidade de um tiro. Voltando-se, por instantes, Artyom viu que as outras criaturas se haviam dispersado e que só uma delas, talvez a que ele ferira, se encontrava no meio da rua. Continuando a rosnar, arrastou-se, desajeitadamente, para um dos prédios, esperando refugiar-se aí. Mas já perdera a oportunidade de se salvar. Descrevendo outro círculo a dezenas de metros de altitude, o monstro encolheu as enormes asas, que pareciam feitas de cabedal e caiu sobre a vítima. Mergulhou a uma tal velocidade que Artyom nem viu o que aconteceu a seguir. Tendo agarrado a criatura que guinchava, já agonizante,

o vulto imenso levantou a presa no ar, aparentemente sem esforço, e transportou-a tranquilamente para o telhado de um dos arranha-céus.

Os seus perseguidores não reapareceram, talvez por recearem que o monstro pudesse regressar, e Artyom achou que já perdera tempo demais. Mantendo-se junto às paredes das casas, começou a correr na direcção em que iria encontrar, segundo os seus cálculos, a circular designada por Sadovoye Koltso. Conseguiu correr durante cerca de meio quilómetro antes de ficar sem fôlego e olhou para trás, para ver se as criaturas que queriam caçá-lo iam de novo atacar. Mas a avenida estava vazia. No entanto, ao percorrer mais algumas dezenas de metros, e quando espreitou para uma das transversais da Avenida Kalinine, viu, horrorizado, as criaturas que já conhecia. E agora percebia por que motivo elas não tinham pressa em atacar na rua e preferiam perseguir as suas vítimas nas ruas laterais mais estreitas. Ao caçá-lo, receavam também atrair a atenção dos monstros de maior envergadura e transformarem-se nas suas presas.

Artyom decidiu, a partir desse momento, passar a olhar para trás a cada minuto. Lembrava-se de que os monstros se conseguiam mover muito rapidamente e, ao mesmo tempo, sem ruído, e receava que o pudessem atacar sem ele o perceber. Já avistava o fim da avenida quando as criaturas saíram das ruas transversais e voltaram a rodeá-lo. Avisado pela experiência, Artyom disparou mais uma vez para o ar, esperando amedrontá-las. E, na realidade, ficaram imóveis, por algum tempo, apoiadas nas patas traseiras e de pescoço esticado. Mas o céu mantinha-se calmo – o monstro alado, aparentemente, não dera ainda conta da sua primeira vítima. Artyom percebeu-o antes dos seus perseguidores e apressou-se a voltar à direita, rodeando uma das casas e entrando a correr na entrada que viu mais perto. Embora Melnik também o tivesse prevenido de que não devia fazer isso, porque as casas estavam habitadas, enfrentar um inimigo tão poderoso e tão rápido como as criaturas que o perseguiam teria sido uma loucura. Tê-lo-iam despedaçado antes de ele poder levantar novamente a arma.

Na entrada estava escuro e o jovem teve de acender a lanterna. O foco circular da luz da lanterna revelou paredes muito sujas, cobertas de obscenidades escritas há décadas, uma escadaria que cheirava mal e portas

partidas, que davam para apartamentos destruídos e queimados. A imagem de desolação era aumentada pelos ratos que corriam de um lado para o outro, movendo-se com o desprendimento de proprietários.

Artyom escolhera bem o prédio. As escadas davam para a avenida e, subindo ao andar seguinte, pôde verificar que os monstros tinham optado por não o seguirem. Estavam a aproximar-se da entrada mas, em vez de avançarem, optaram por ficar à espera, sentados sobre as pernas traseiras como estátuas de pedra. Artyom não acreditou que se retirassem e que deixassem fugir a presa. Mais tarde ou mais cedo haviam de tentar atingi-lo da posição onde se encontravam, se não houvesse nada por ali que obrigasse o próprio Artyom a fugir.

Subindo mais um andar, observou as portas dos apartamentos à luz da lanterna e descobriu que uma delas se encontrava fechada. Encostou o ombro à porta e convenceu-se de que estaria fechada à chave. Sem pensar duas vezes, encostou o cano da metralhadora à fechadura, disparou e depois bastou-lhe um pontapé para abrir a porta. Se chegasse a esse ponto, ser-lhe-ia indiferente o apartamento em que iria abrigar-se para se defender mas não queria perder a oportunidade de ver por dentro uma casa intacta das pessoas de antigamente.

Em primeiro lugar, fechou a porta com força e protegeu-a com um armário que encontrou no corredor. Esta barricada não aguentaria um ataque mais forte mas, pelo menos, não conseguiriam transpô-la sem se fazerem anunciar. Depois disso, aproximou-se da janela e espreitou cautelosamente para o exterior. A posição era ideal para disparar – da altura do quarto andar podia ver, na perfeição, a entrada do prédio. Onde já havia umas dez criaturas à espera dele, sentadas a formar um semi-círculo. A vantagem era sua, agora, e não perdeu tempo a aproveitá-la. Ligando a mira laser, apontou o ponto vermelho à cabeça do maior dos monstros e, respirando fundo, premiu o gatilho. Soou uma rajada seca e breve e a criatura caiu de lado, sem ruído. As outras largaram a correr em todas as direcções, com a velocidade de um relâmpago, e a rua ficou deserta. Mas era evidente que não tencionavam afastar-se. Artyom decidiu esperar para verificar se a morte de uma delas teria sido suficiente para afugentar os outros monstros.

Com isso, também ganhava algum tempo para examinar o apartamento.

Embora os vidros desta divisão, como em toda a casa, tivessem sido partidos há muito tempo, o mobiliário e os restantes objectos estavam surpreendentemente bem conservados. Pelo chão havia pequenas almofadas que pareciam iguais ao veneno anti-ratos que usavam em VDNKh. Talvez tivesse sido por isso que Artyom não vira ali nenhum rato. E quanto mais percorria as divisões da casa, mais se convencia de que os seus habitantes não a tinham abandonado apressadamente, tentando conservá-la na esperança de mais tarde regressarem. Não havia comida na cozinha que pudesse atrair os roedores ou insectos e parte da mobília até estava embrulhada em celofane.

Deslocando-se de divisão em divisão, Artyom tentou imaginar como seria a vida quotidiana das pessoas que aqui haviam vivido. Quantos seriam? A que horas se levantavam, chegavam a casa depois do trabalho e jantavam? Quem se sentaria à cabeceira da mesa? Só conhecia dos livros os empregos, os rituais e tudo o resto e agora, ao ver uma casa de habitação verdadeira, convenceu-se de que estava completamente errado muito do que antes imaginara.

Artyom ergueu cuidadosamente a película transparente de polietileno para examinar os livros que se encontravam nas estantes. Entre as várias histórias policiais que conhecia das colecções do Metro, sobressaíam alguns livros coloridos para crianças. Tirou um deles, pegando-lhe pela lombada. Ao folhear as páginas com imagens coloridas de animais, caiu do livro uma folha de papel fotográfico. Baixando-se, Artyom apanhou-a do chão: era uma fotografia, com as cores já esbatidas, de uma mulher sorridente com uma criança pequena nos braços.

Artyom ficou petrificado.

O coração começou a bater com uma tal intensidade que parecia querer sair-lhe do peito. Depois de ter dispersado o sangue do seu corpo por meio de batidas bem medidas, o coração disparara e estava agora a bater de maneira desadequada. E Artyom até teria tirado a máscara anti-gás, para conseguir respirar ar puro, se a atmosfera não fosse tão venenosa. Com todo o cuidado, como se receasse que a fotografia se desfizesse em pó pelo simples toque das suas mãos, aproximou-a dos olhos.

A mulher fotografada teria cerca de trinta anos e a criança uns dois anos,

tornando-se difícil perceber se seria um rapaz ou uma rapariga, devido ao boné que tinha na cabeça. A criança estava a olhar directamente para a máquina fotográfica e a sua expressão era, surpreendentemente, como a de um adulto e muito séria. Artyom voltou a fotografia e a viseira da máscara ficou embaciada. Usando um marcador azul, alguém escrevera no verso: "O pequeno Artyom com dois anos e cinco meses."

Foi como se lhe tivessem tirado o chão de debaixo dos pés. As pernas enfraqueceram e Artyom deixou-se cair, pondo a fotografia debaixo da luz da Lua que entrava pela janela. Por que motivo é que o sorriso da mulher da fotografia lhe parecia tão familiar, e tão parecido com o seu? Por que motivo é que ele se sentira sufocado ao vê-la?

Viviam em Moscovo mais de dez milhões de pessoas antes de a cidade ter perecido. Artyom não era um nome muito comum mas, mesmo assim, deviam existir várias dezenas de milhares de crianças com este nome numa megapólis de muitos milhões. Era como se tivessem chamado o mesmo nome a todos os habitantes do Metro. A possibilidade era tão pequena que nem fazia sentido considerá-la. Mas o problema mantinha-se: por que motivo é que o sorriso da mulher da fotografia lhe parecia tão familiar?

Artyom tentou recordar os fragmentos de recordações da sua infância que por vezes lhe invadiam o pensamento. Uma sala pequena e confortável, uma luz suave, uma mulher a ler um livro... Uma grande otomana. Pôs-se em pé de um salto, atravessando as várias divisões como um furacão, procurando encontrar numa delas um móvel semelhante àquele com que sonhara. Pareceu-lhe, por segundos, que a mobília existente numa das salas se encontrava disposta da maneira que ele recordava. O sofá parecia ligeiramente diferente e faltava uma janela mas a imagem pode ter ficado algo distorcida na consciência de uma criança de três anos.

Três anos? A idade que se encontrava na fotografia era diferente mas isso não queria dizer nada. A inscrição na fotografia não tinha data. E a fotografia podia ter sido tirada em qualquer altura e não dias antes de os residentes no apartamento o terem abandonado para sempre. A fotografia podia ter sido tirada um ano ou meio ano antes disso, pensou Artyom, a tentar convencer-se dessa possibilidade. Mas, nesse caso, a idade do rapaz com o boné na cabeça coincidiria com a sua... E a possibilidade de ser ele o

fotografado... e a mãe... Essa possibilidade seria muito maior. “Mas a fotografia podia ter sido tirada três ou cinco anos antes disso”, disse secamente, dentro da sua cabeça, uma voz que Artyom nunca ouvira. Podia, na realidade.

Lembrou-se, de repente, de outra coisa. Abrindo apressadamente a porta da casa de banho, olhou em redor e quase nem viu o que procurava. O espelho estava coberto por uma tão grande camada de pó que quase nem reflectia a luz da lanterna. Artyom tirou do toalheiro uma toalha que os donos da casa haviam deixado para trás, e limpou o espelho. O que aí viu foi o seu reflexo com a máscara anti-gás e o capacete. Voltou a lanterna para si próprio e olhou outra vez para o espelho.

O seu rosto pálido e cansado não era inteiramente visível por baixo da viseira de plástico da máscara mas, de repente, os olhos pretos e encovados que avistou no espelho pareceram-lhe muito idênticos aos do rapaz na fotografia. Artyom aproximou a imagem do rosto e examinou, com muita atenção, o rosto pequeno do rapaz, olhando depois, mais uma vez, para o espelho. Voltou a luz para a fotografia e olhou outra vez para o seu próprio rosto no interior da máscara anti-gás, tentando lembrar-se da última vez em que vira o seu próprio reflexo. E quando? Não muito antes de ter deixado VDNKh mas, também, seria impossível dizer quanto tempo passara desde então. A avaliar pelo homem que via agora reflectido no espelho, teria sido há vários anos... E se ao menos pudesse arrancar a maldita máscara e comparar-se com a criança da fotografia! É claro que as pessoas, às vezes, tornam-se irreconhecíveis com a idade mas há qualquer coisa que permanece no rosto que faz sempre lembrar a infância, por mais distante que ela possa estar.

Mas havia outra possibilidade: quando regressasse a VDNKh, podia perguntar a Sukhoi se a mulher que ali estava a sorrir-lhe, no papel, parecia a mulher condenada a ser devorada pelos ratos, que lhe confiara a vida do filho. Se era parecida com a sua mãe. Apesar de o seu rosto estar, nessa altura, na estação, distorcido por uma careta de desespero e de súplica, Sukhoi poderia identificá-la. O padrasto tinha uma boa memória e poderia ser capaz de dizer se a mulher da fotografia seria ela, ou não.

Artyom voltou a examinar a fotografia e, com uma ternura nada habitual,

acariciou o rosto da mulher, devolveu a fotografia ao livro de onde caíra e meteu-o na mochila. Que estranho era, pensou, ao recordar-se de como, poucas horas antes, estivera no maior depósito de conhecimento do continente e de que como poderia aí ter retirado, para si próprio, um ou vários dos milhões de livros existentes na Grande Biblioteca, todos eles de valor simplesmente inestimável. Mas deixara-os nas suas estantes, sujeitos à poeira que os sepultava, sem que a ideia de aproveitar os tesouros da Biblioteca alguma vez lhe tivesse passado pela cabeça. Em vez disso, ia levar consigo um livro infantil banal, com desenhos despretensiosos, sentindo que levava consigo o maior tesouro do mundo.

Artyom regressou ao corredor, pensando em examinar os livros que preenchiam a estante e, talvez mesmo, em procurar nos armários álbuns fotográficos. Mas, ao levantar os olhos para a janela, sentiu a mudança que, no entanto, era quase imperceptível. Ficou inquieto. Havia qualquer coisa que não estava bem. Aproximando-se mais da janela, percebeu o que se alterara: a cor da noite estava a mudar e já se viam matizes amarelados e cor-de-rosa no céu. Era a luz do dia que chegava.

Junto à entrada, as criaturas continuavam à espera, hesitando ainda em entrarem no prédio. O corpo morto do outro monstro já não se avistava e não era claro se o gigante alado o levara ou se tinham sido as próprias criaturas a despedaçá-lo. Artyom não compreendia o que estaria a impedi-las de assaltarem o prédio mas, de momento, era o que lhe convinha.

Agora, conseguiria chegar a Smolenskaya antes do nascer do Sol? E, o que era mais importante, conseguiria livrar-se dos seus perseguidores? Era-lhe possível permanecer no apartamento, barricando-se, escondendo-se dos raios do Sol na casa de banho, à espera que a própria luz escorraçasse as criaturas e partir quando voltasse a ser noite. Mas quanto tempo resistiria o seu fato protector? Quanto tempo durariam os filtros da máscara anti-gás? E que faria Melnik se não o encontrasse no lugar combinado à hora combinada?

Artyom aproximou-se da porta que dava para as escadas e pôs-se à escuta. Silêncio. Afastou cuidadosamente o armário e entreabriu a porta. Não havia ali ninguém mas, ao iluminar os degraus com a lanterna, reparou numa coisa que não tinha visto antes.

Os degraus estavam cobertos por um lodo transparente e espesso. Era como se alguma coisa tivesse rastejado pelos degraus, deixando um rasto atrás de si. E se esse rasto não se aproximava da porta do apartamento onde ele se escondera, isso não o consolou. Dar-se-ia o caso de as casas abandonadas poderem ter outros habitantes, tão diferentes dos seus habitantes originais?

Com isto, Artyom já não quis permanecer no apartamento, quanto mais ficar a dormir no seu interior. Só lhe restava uma possibilidade: afastar as criaturas e tentar ir a correr para Smolenskaya. E fazê-lo antes de o sol lhe queimar os olhos e de os monstros desconhecidos despertarem.

Desta vez, já não se preocupou tanto a fazer pontaria quando disparou, tentando causar um maior número de danos nos predadores. Dois deles rugiram e tombaram e os outros desapareceram pelas ruas secundárias. O caminho pareceu-lhe livre.

Artyom desceu as escadas a correr, tomando todas as precauções, preocupado com a possibilidade de uma emboscada, espreitando para a rua antes de sair e de começar a correr em direcção a Sadovoye Koltso. Devia existir um matagal de pesadelo nos antigos jardins do interior dessa via, se as estreitas zonas arborizadas estavam transformadas em labirintos tenebrosos... Como no Jardim Botânico, onde também deviam nascer coisas bem estranhas.

Os seus perseguidores deram-lhe uma pequena vantagem quando se refugiaram no parque próximo e Artyom pôde chegar quase ao fim da avenida. Já havia mais luz mas o sol, aparentemente, não assustava as criaturas. Dividindo-se em dois grupos, correram atrás dele, encurtando, a cada passo, a distância que os separava de Artyom. Num espaço aberto, a vantagem era delas, porque Artyom não podia parar para disparar. E, ao mesmo tempo, elas usavam as quatro pernas, fazendo as suas silhuetas parecerem mais baixas. Pareciam até fundir-se com a rua. Além disso, por mais depressa que Artyom tentasse correr, o fato protector, a mochila, as duas metralhadoras e o cansaço acumulado durante a noite, que parecera interminável, já se faziam sentir.

Não faltava muito para que as feras infernais o apanhassem para cobrarem o preço que lhes era devido, pensou Artyom, em desespero. Lembrou-se dos

corpos deformados mas poderosos dos monstros, tombados em poças de sangue à entrada do prédio, mortos pelas rajadas da sua metralhadora. Artyom não tivera tempo de os examinar mas bastara-lhe vê-los de relance para gravar a visão na sua memória: pêlo castanho brilhante, cabeças redondas e bocas guarnecidas de pequenos dentes bem afiados que pareciam crescer em várias fieiras. Passando mentalmente em revista todos os animais que conhecia, Artyom foi incapaz de pensar em algum que, devido ao efeito das radiações, pudesse ter dado origem a uma criatura destas.

Em Sadovoye Koltso não havia árvores, felizmente. A circular era, simplesmente, mais uma avenida, que se estendia para a esquerda e para a direita do cruzamento até perder de vista. Antes de se lançar a correr, outra vez, Artyom disparou uma rajada curta contra os monstros sem olhar para trás. Já estavam a menos de cinquenta metros dele, tendo voltado a formar um semi-círculo, o que implicava que algumas das criaturas fossem quase a par dele.

Em Sadovoye, teve de prestar maior atenção ao caminho para evitar várias crateras enormes, que deviam ter cinco ou seis metros de profundidade, e para contornar, a certa altura, uma fissura muito funda que atravessava a rua. As estruturas aí existentes tinham um aspecto estranho: em vez de estarem queimadas, pareciam ter sido derretidas. Dava a impressão de que acontecera neste local qualquer coisa de muito peculiar e que esta região tinha sido mais afectada do que a Avenida Kalinine.

A uns setecentos metros erguia-se um edifício de dimensões inconcebíveis. Parecia um castelo medieval e, protegido do tempo e das chamas, servia de pano de fundo sombriamente majestoso à paisagem deformada[63]. Artyom olhou para cima e deu um suspiro de alívio, ao ver a sombra alada que pairava inquietantemente sobre o castelo e que poderia ser a sua salvação. Só precisava de atraí-la para que ela se ocupasse dos seus perseguidores. Erguendo a metralhadora numa mão, apontando-a para o monstro voador, premiu o gatilho.

E nada aconteceu.

As munições da pistola tinham-se esgotado.

Era difícil tirar das costas a pistola de reserva, a **S**[illegible] de Daniel, enquanto corria. Optando por mergulhar numa das ruas transversais,

Artyom encostou-se à parede e trocou as armas. Agora já não precisava de deixar as criaturas aproximarem-se muito para esvaziar o carregador da segunda metralhadora.

A primeira criatura já aparecera à esquina, sentando-se sobre as pernas traseiras na posição que lhes era habitual, erguendo-se a toda a sua altura. Era mais ousada e aproximara-se tanto que Artyom lhe pôde ver os olhos pela primeira vez: quase ocultos por sobrancelhas poderosas, animados por um fogo de cor verde que era parecido com o da chama misteriosa que avistara no parque.

A metralhadora não possuía uma mira laser mas não seria normal falhar o alvo a esta distância. Apontou ao vulto da criatura, enquadrando-o na mira manual. E, encostando bem a arma ao ombro, premiu o gatilho.

O percussor moveu-se lentamente e parou. Que acontecera? Poderia ter feito confusão com as metralhadoras, devido à pressa? Não, era impossível, porque a outra arma tinha uma mira laser. Tentou libertar o percussor. Mas a peça estava mesmo presa.

Invadiu-o um turbilhão de pensamentos. Daniel, os bibliotecários... Era este o motivo que impedira o seu companheiro de resistir quando o monstro cinzento o atacara no labirinto dos livros! A metralhadora, muito simplesmente, não funcionara. Muito possivelmente teria estado a premir o gatilho, num frenesim, enquanto o bibliotecário o arrastava para as profundezas do corredor...

Como se fossem espectros, apareceram mais duas criaturas que, em silêncio, se juntaram à primeira. Estavam a observá-lo com muita atenção, como se o estudassem. E Artyom estava a olhar para a metralhadora de Daniel, desesperado. Os predadores pareciam estar a tirar as mesmas conclusões que ele. O que estava mais perto deu um salto para a frente e ficou a cinco metros do jovem.

Neste momento, uma sombra gigantesca passou por cima deles. As criaturas colaram-se ao chão, levantando apenas as cabeças. Tirando partido da sua perturbação, Artyom correu para uma das arcadas, já sem esperança de sair vivo da confusão mas querendo adiar o momento da sua morte. Não teria qualquer hipótese de lhes resistir nas ruas mais estreitas e o caminho de regresso a Sadovoye Koltso já estava perdido.

Foi parar a uma praça deserta, rodeada por paredes de prédios onde havia arcos e passagens. O castelo soturno que tanto o impressionara em Sadovoye Koltso erguia-se em direcção ao céu por detrás do edifício para onde estava voltado. E, ao desviar os olhos do castelo, Artyom viu escritas no prédio oposto as palavras "Rede Ferroviária Subterrânea V. I. Lenine de Moscovo" e, mais abaixo, "Estação de Smolenskaya". As grandes portas de madeira estavam entreabertas.

Foi-lhe difícil perceber como conseguiu escapar ao ataque. Sentiu uma impressão de perigo e a deslocação do ar e tomou consciência de que um dos predadores se lançava à sua presa. O monstro aterrou a meio metro dele. Desviando-se, Artyom começou a correr e atirou-se, a toda a velocidade, para a entrada do Metro. Era aí a sua pátria e o seu mundo, debaixo da terra, onde já voltaria a dominar a situação.

A entrada da estação de Smolenskaya era como Artyom esperava: escura, sombria e vazia. Era visível que as pessoas subiam com frequência à superfície porque as cabinas das bilheteiras e os escritórios estavam vasculhados e tudo o que neles pudesse ter existido de útil já tinha sido levado para o interior há muitos anos. Não restavam nem os torniquetes nem as cabinas para o pessoal – as suas bases de cimento não passavam de um reflexo do que já haviam sido. O arco do túnel via-se bem e havia várias escadas rolantes que desciam a uma profundidade incrível. O foco da lanterna perdeu-se algures a meio da descida e Artyom foi incapaz de verificar se haveria alguma entrada. Mas era-lhe impossível ficar onde estava porque as criaturas já tinham chegado. Artyom soube-o porque ouviu o rangido da porta. Levariam poucos segundos a chegar às escadas rolantes e a pequeníssima vantagem que ele tinha desapareceria.

Artyom começou a descer desajeitadamente os degraus tortos e instáveis. Tentou saltar alguns degraus mas o pé escorregou-lhe na humidade que os cobria e acabou por cair, batendo com a cabeça numa esquina e parando apenas depois de ter deslizado ao longo de dez degraus, chocando contra os ferros com o capacete e com a nuca. Equilibrando-se, virou-se para cima e iluminou o espaço atrás de si, para encontrar aquilo que receava: as figuras escuras imóveis. Antes de atacarem, como era seu hábito, ficavam assim paradas, estudando a situação ou trocando impressões entre elas que

ninguém era capaz de ouvir. Artyom voltou-se e tentou saltar mais dois degraus. Desta vez conseguiu e, fazendo deslizar a mão direita pela borracha do corrimão e segurando na lanterna com a esquerda, desceu durante mais vinte segundos antes de cair novamente.

Atrás de si ouviu passos pesados. As criaturas estavam mesmo decididas a apanhá-lo. Artyom ainda esperava que as escadas, que haviam fraquejado com o seu peso, pudessem agora desmoronar-se debaixo do peso dos seus perseguidores. Mas o ruído que se avizinhava, vindo das sombras, mostrava que a estrutura da escada rolante aguentava bem a carga. À luz da lanterna viu uma parede de tijolo com uma porta grande no centro. A menos de vinte metros dele. Erguendo-se com dificuldade, Artyom cobriu o espaço que lhe faltava em cerca de quinze segundos. Que lhe pareceram uma eternidade.

A porta, feita de placas de aço, transformou em ecos bem audíveis os murros que lhe deu com os punhos fechados e com toda a sua força. As sombras que estavam cada vez mais próximas, e que mal se viam na semi-obscuridade, já o cercavam. Só alguns segundos depois é que Artyom de repente percebeu, com um arrepio, o terrível erro que cometera: em vez de bater à porta de acordo com o código pré-determinado, só assustara os guardas. Agora, seria mais provável que não abrissem a porta em nenhuma circunstância. E não interessava quem poderia estar a tentar entrar. E o facto de o Sol estar a nascer tornava ainda menos provável que lhe abrissem a porta.

E como era o sinal combinado? Três pancadas rápidas, três lentas, três rápidas? Claro que não, isso seria um SOS. Eram, precisamente, três no início e três a terminar mas já não conseguia recordar-se da intensidade. E se começasse a fazer experiências bem podia abandonar qualquer esperança de entrar. Seria melhor o SOS... Pelo menos, desse modo, os guardas perceberiam que estaria um ser humano do outro lado da porta.

Tendo dado mais uma pancada no aço, Artyom tirou a pistola do ombro e, com as mãos a tremer, substituiu o carregador. Depois encostou a luz ao cano da arma e, nervosamente, iluminou os arcos que se prolongavam para cima. As lâmpadas que restavam projectavam sombras compridas e que se sobrepunham, à medida que a luz da lanterna passava por elas, e era impossível garantir que não estivesse uma das criaturas aí escondida...

Do outro da porta, o silêncio continuava a ser absoluto. “Meu Deus, isto não é de facto Smolenskaya”, pensou Artyom. Talvez a entrada tivesse sido obstruída há décadas e ninguém a tivesse utilizado desde então. Ele chegara ali por mero acaso, sem estar a seguir as indicações dadas pelo saqueador. E talvez se tivesse enganado!

A cerca de quinze metros à sua frente, as escadas rangeram. Incapaz de aguentar, Artyom disparou uma rajada na direcção do som. O eco fez-lhe doer os ouvidos.

Mas não se ouviu nada que pudesse ser o uivo de uma criatura ferida. Os tiros tinham-se perdido. Sem ter coragem para desviar o olhar, Artyom encostou-se à porta e voltou a bater com o punho na superfície de aço: três pancadas rápidas, três lentas, três rápidas. Pensou ouvir um som pesado de metal a bater no metal, vindo da porta. Mas, nesse momento, o vulto de um predador destacou-se das sombras com uma velocidade de espantar.

Artyom ergueu a metralhadora com a mão direita e premiu o gatilho, quase por acaso, ao encolher-se. As balas varreram o corpo da criatura em pleno ar e, em vez de apanhar Artyom pela garganta, o monstro caiu nos últimos degraus da escada rolante, depois de ter voado quase dois metros. Mas, logo a seguir, ergueu-se e avançou, ignorando o sangue que lhe saía das feridas.

E, vacilando, voltou a saltar e abateu-se sobre Artyom, empurrando-o contra a porta. Já não conseguia atacar, porque as últimas balas tinham-na atingido na cabeça e a criatura morrera antes de conseguir atingi-lo. Mas o peso morto do corpo teria sido suficiente para esmagar o crânio do jovem se este não tivesse o capacete.

A porta abriu-se, numa explosão de luz brilhante. Um rugido aterrador ouviu-se nas escadas rolantes. A julgar pelo som, não devia haver aí mais do que umas cinco criaturas. Artyom sentiu-se agarrado pelo pescoço pelas mãos fortes de alguém e puxado para dentro, antes de o metal da porta se fazer ouvir novamente. Depois, a porta foi fechada e trancada.

– Está ferido? – perguntou uma voz perto dele.

– Ele nem sabe – respondeu outra voz. – Viram o que trouxe com ele? Mal conseguimos afugentá-los. Na última vez, até usamos gás para esse efeito.

– Deixem-no. Ele está comigo – disse uma voz que Artyom reconheceu,

levando-o a abrir os olhos com dificuldade. – Artyom! Eh, Artyom! Acorda!

Havia três homens inclinados sobre ele. Dois deles, provavelmente os guardas, tinham blusões cinzento-escuros e gorros de lã e usavam coletes anti-bala. O terceiro, reconheceu Artyom com um suspiro de alívio, era Melnik.

– Então, é este? – perguntou um dos guardas, decepcionado. – Pode levá-lo, mas não se esqueça de que tem de passar primeiro pela descontaminação e pela quarentena – disse o outro.

– Querem fazer mais algum sermão? – retorquiu o saqueador, com um sorriso. – Põe-te em pé, Artyom. Há quanto tempo! – acrescentou, estendendo-lhe a mão.

Artyom tentou pôr-se em pé mas as pernas recusaram-se a funcionar. Vacilou e começou a sentir-se enjoado e tonto.

– Temos de levá-lo para a enfermaria. Tu, ajuda-me, e tu... fecha as portas – ordenou Melnik.

*

Enquanto o médico o examinava, Artyom foi observando, por seu turno, os azulejos brancos da sala de operações. As instalações estavam impecavelmente limpas, no ar reinava um cheiro forte a lixívia e havia diversas lâmpadas fluorescentes penduradas um pouco abaixo do tecto. Havia também algumas camas e, junto de cada uma delas, uma caixa com instrumentos clínicos prontos a usar.

As condições do pequeno hospital eram surpreendentes mas Artyom não compreendeu por que motivo ele seria necessário numa estação pacífica como a de Smolenskaya.

– Não tem fracturas, só algumas contusões. E vários arranhões. Está tudo desinfectado – disse o médico, limpando as mãos com uma toalha lavada.

– Pode deixar-nos por um momento? – perguntou-lhe Melnik. – Preciso de falar em particular com ele.

Acenando afirmativamente com a cabeça, com ar de quem compreendia o pedido, o médico saiu.

O saqueador, sentando-se à beira da cama, pediu a Artyom pormenores do que lhe acontecera.

Pelas suas contas, Artyom devia ter aparecido em Smolenskaya duas horas mais cedo e Melnik já começara a fazer planos para ir procurá-lo à superfície. Escutou o relato da perseguição sem mostrar um interesse especial e usou uma palavra de dicionário para designar os monstros voadores: "pterodáctilos". O que realmente o interessou foi a parte em que Artyom lhe contou como se refugiara no prédio. E, ao ouvi-lo contar que, enquanto estivera abrigado no apartamento, alguém ou alguma coisa andara a rastejar pelas escadas, franziu o sobrolho.

– Tens a certeza de que não pisaste essa substância? – Melnik abanou a cabeça. – Deus nos livre de teres trazido essa porcaria para a estação. Disse-te para não te aproximares das casas. Considera-te muito feliz por isso não ter caído sobre ti quando lá entraste...

O saqueador levantou-se e dirigiu-se à porta, onde se encontravam as botas de Artyom, examinando meticulosamente as solas de cada uma delas. Não tendo encontrado nada de suspeito, voltou a pô-las onde estavam.

– Como te disse, a Pólis está-te interdita, por agora. E eu não consegui dizer a verdade aos brâmanes. Por isso, eles acham que vocês os dois desapareceram durante a expedição à Biblioteca e eu fui enviado à superfície para vos procurar. Portanto, que aconteceu exactamente ao teu companheiro?

Artyom voltou a contar-lhe a história, do princípio ao fim, explicando desta vez, em pormenor, o modo como Daniel morrera. O saqueador franziu os olhos.

– É melhor que guardes isso só para ti. Para ser sincero, gostei mais da primeira versão. A segunda vai suscitar muitas interrogações aos brâmanes. O enviado deles foi morto por ti, tu não encontraste o Livro mas ficaste com a recompensa. E, a propósito – acrescentou, fitando Artyom com uma expressão sombria –, que havia no envelope?

Apoiando-se num cotovelo, Artyom tirou do bolso o pequeno saco manchado com sangue seco, olhou atentamente para Melnik e abriu-o.

63 N.T. – Arranha-céus em Sadovoye Koltso
Trata-se do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, um dos edifícios designados por "Sete Irmãs".

O MAPA

No saco havia uma folha de papel, arrancada a um caderno escolar de apontamentos, dobrada quatro vezes, e uma folha mais espessa, de papel de rascunho, com esboços a lápis dos túneis. Era exactamente isto que Artyom esperara encontrar no envelope – um mapa e a chave para o decifrar. Enquanto atravessara a correr a Avenida Kalinine, para chegar à estação de Smolenskaya, nem tivera tempo para pensar no que poderia estar dentro do saco que Daniel lhe dera. Talvez uma solução milagrosa para um problema aparentemente sem solução ou alguma coisa capaz de afastar de VDNKh e de todo o Metro uma ameaça incompreensível e inexorável.

Uma mancha vermelha-acastanhada espalhara-se no meio do papel que continha as explicações. O papel, colado com o sangue do brâmane, teria de ser amolecido com qualquer líquido para revelar a sua mensagem e teria de ser tratado com muito cuidado para não danificar as instruções tão pormenorizadamente nele inscritas.

"Parte número... túnel... D-6... instalações intactas... até cerca de 400 000 metros quadrados... Smerch... não está a funcionar bem... imprevisível..." – as palavras saltaram à vista de Artyom. Destacando-se das linhas horizontais, fundiram-se numa só e o seu sentido manteve-se completamente incompreensível para o jovem. Desistindo de tentar transformá-las em algo que fizesse sentido, entregou a mensagem a Melnik. O saqueador pegou no papel com todo o cuidado e fixou nele a sua atenção, com uma expressão de cobiça.

– Não pode ser isto – murmurou, depois. – É tudo um disparate pegado! Eles não podiam ter deixado de reparar numa coisa destas...

Melnik voltou o papel, olhou para o verso e, a seguir, começou outra vez a ler desde o princípio.

– Eles guardaram segredo... Não disseram aos oficiais – murmurou, enquanto Artyom, mal percebendo o que ele dizia, esperava pacientemente

por explicações. – Mas não é uma surpresa, na realidade... Mostra-se-lhes uma coisa destas e eles ficam a pensar que é uma coisa já antiga. Mas será que não repararam, verdadeiramente? É uma falta... Bem, vamos partir do princípio de que está bem... Isso significa que devem tê-lo verificado!

– Isso ajuda? – perguntou Artyom, finalmente, farto de esperar.

– Se é verdade tudo o que aqui está escrito, então há razão para ter esperança – respondeu o saqueador, com um aceno de cabeça.

– De que se trata? Eu não percebi nada.

Melnik não respondeu logo. Leu, mais uma vez, a mensagem até ao fim e ficou a pensar, durante alguns segundos, e só depois é que começou:

– Eu já tinha ouvido falar nisto. Houve sempre lendas no ar mas, no Metro, há milhares delas, como sabes. E nós também vivemos de lendas e não apenas de pão. Sobre a Universidade, sobre o Kremlin e sobre a Pólis é impossível distinguir o que é verdade daquilo que foi imaginado à volta de uma fogueira na estação de Ploshchad Ilicha. Portanto, estás a ver... Em geral, havia rumores de que algures em Moscovo, ou nos arredores, sobrevivera uma unidade de mísseis. É claro que isso não podia ter acontecido. As instalações militares são sempre os primeiros alvos. Mas os rumores indicavam que não a conseguiram atingir ou que não a viram ou que se esqueceram dela... e que, portanto, sobreviveu mesmo uma unidade dessas e intacta. Contava-se mesmo que alguém conseguira lá chegar a pé, que vira qualquer coisa, que os mísseis estavam cobertos por um oleado novo, nos hangares... É claro que no Metro eles não podiam ser utilizados, não se pode atingir o inimigo a uma profundidade dessas. Portanto, se lá estavam... era deixá-los estar.

– E que têm os mísseis a ver com o nosso problema? – perguntou Artyom, surpreendido, pondo os pés no chão e ficando sentado na cama.

– Os pretos chegaram a VDNKh vindos do Jardim Botânico. O Caçador suspeitava de que eles tinham entrado no Metro vindos da superfície, nessa zona. É lógico partir do princípio de que eles vivem lá. Aliás, até há duas versões. Segundo a primeira, eles são originários de um local que é como uma colmeia, por assim dizer, não muito longe da entrada do Metro. Segundo a outra, na realidade não existe uma colmeia e os pretos vêm de fora da cidade. É claro que depois surge a pergunta: por que motivo é que

não se notou em nenhum noutro local? Não é lógico.

– Mas talvez seja uma questão de tempo. A situação, em geral, é esta: se eles vierem de um ponto mais distante, não conseguiremos fazer nada. Podemos destruir os túneis para lá de VDNKh ou mesmo para lá de Prospekt Mira mas, mais tarde ou mais cedo, eles vão descobrir outras entradas.

– Barricar-nos no Metro será a nossa única opção, fechando-nos hermeticamente no subsolo e esquecendo a possibilidade do regresso à superfície, subsistindo para sempre com o recurso aos porcos e aos cogumelos. Como saqueador e com o que sei, posso dizer, com toda a certeza, que não conseguiremos sobreviver assim durante muito tempo. Mas... Se houver uma colmeia e ela estiver nas proximidades, como pensou o Caçador...

– Mísseis? – perguntou Artyom, finalmente.

– "Um disparo de doze mísseis com ogivas de fragmentação contendo explosivos de alta energia que têm um raio de acção de 400 000 metros quadrados" – leu Melnik. – Vários disparos destes sobre o Jardim Botânico transformá-lo-ão em poeira.

– Mas acabou de dizer que isso era uma lenda – objectou Artyom.

– Bem, os brâmanes dizem que não é. – O saqueador acenou com a folha de papel. – Aqui até se explica qual o caminho que devemos usar para encontrarmos esta unidade militar. Mas é verdade que também diz que o material está inoperacional, em parte.

– Como é que lá podemos chegar?

– D-6. Refere-se a D-6, aqui. Metro-2. Indica a localização de uma das entradas. E defende que o túnel parte daí para essa instalação militar. Mas também sugere que pode haver obstáculos imprevistos no Metro-2.

– Os Observadores Invisíveis? – Artyom lembrou-se da conversa que ouvira.

– Os Observadores? Isso é um perfeito disparate sem sentido. – Melnik fez uma careta.

– A unidade de mísseis também era uma lenda – contrapôs Artyom.

– E será sempre uma lenda até eu a ver por mim próprio – retorquiu o saqueador, secamente.

– Onde é que fica a entrada para o Metro-2?

– Diz aqui: na estação de Mayakovskaya. Mas é estranho. Nunca ouvi falar disso em todas as vezes que já estive em Mayakovskaya.

– Que vamos fazer agora? – perguntou Artyom, cheio de curiosidade.

– Vem comigo – respondeu o saqueador. – Vais comer e descansar e eu vou pensar no assunto. Amanhã conversamos.

Só quando Melnik falou em comer é que Artyom teve consciência de como se encontrava esfomeado. Saltou para o chão frio de tijoleira e estava prestes a calçar as botas quando o saqueador o interrompeu com um gesto.

– Deixa ficar as tuas botas e a tua roupa e mete-as naquela caixa. Serão limpas e desinfectadas. Também vão examinar a tua mochila. Naquela mesa estão calças e um blusão para tu vestires.

*

A estação de Smolenskaya parecia sombria. Tinha um tecto semi-circular e arcadas estreitas apoiadas sobre paredes maciças, revestidas com mármore que em tempos fora branco. Apesar de ter colunas falsas decoradas, que pareciam suster os arcos e de o estuque bem conservado tornar mais elegante a parte de cima das paredes, tudo acentuava a primeira impressão.

Smolenskaya dava a impressão de ser uma cidadela há tanto tempo cercada que os seus defensores haviam decidido enfeitá-la segundo o seu próprio gosto, acabando por dar a todo o local uma aparência ainda mais austera. A parede dupla de cimento com as portas de aço maciço dos dois lados da porta de correr e as posições de tiro protegidas por cimento à entrada dos túneis revelavam que os seus habitantes tinham bons motivos para recearem pela sua segurança. Quase não se viam mulheres na estação e os homens andavam todos armados. Quando Artyom perguntou directamente a Melnik o que acontecera em Smolenskaya, o saqueador limitou-se a abanar a cabeça, com uma expressão vaga, dizendo que não via nada de invulgar na estação.

No entanto, a estranha sensação de tensão que Artyom sentira não o abandonou. Era como se toda a gente estivesse à espera de qualquer coisa. As tendas que vendiam mercadoria estavam alinhadas no centro do átrio e as zonas de passagem junto às arcadas encontravam-se todas vazias, como

se não as quisessem obstruir e, desse modo, prejudicar uma evacuação de emergência. Ao mesmo tempo, as zonas de habitação estavam todas concentradas nos espaços entre as arcadas.

A meio de cada plataforma, onde se encontravam os acessos às linhas, estavam colocados guardas que mantinham os túneis, nas duas extremidades, constantemente sob observação. O silêncio quase total só reforçava a impressão inicial. As pessoas falavam entre si em voz muito baixa, chegando a ponto de só murmurarem, como se tivessem receio de que o som do que diziam pudesse atrair sinais perturbadores vindos dos túneis.

Artyom tentou lembrar-se do que soubera sobre Smolenskaya. Teria vizinhos perigosos? Não. Numa das extremidades, a linha conduzia à bem iluminada e segura Pólis, que era o coração do Metro, e a outra dava para Kievskaya, que Artyom se lembrava de ter ouvido dizer que era sobretudo habitada pelos mesmos "habitantes do Cáucaso" que vira em Kitay-Gorod e nas prisões fascistas de Pushkinskaya. Mas estas pessoas eram normais e quase não valia a pena perder tempo a pensar nelas.

Havia uma sala de refeições na tenda central. A hora do jantar, aparentemente, já tinha passado porque só algumas pessoas é que se encontravam ainda sentadas nas mesas grosseiras e artesanais. Depois de instalar Artyom numa das mesas, Melnik regressou minutos depois com uma tigela onde boiava um caldo cinzento, pouco apetecível e ainda fumegante. Sob o olhar confiante do saqueador, Artyom conseguiu ter coragem para o provar e só parou quando a tigela ficou vazia. O prato que lhe foi servido revelou-se extraordinário de sabor, embora lhe fosse difícil perceber em que consistia. Compreendeu, apenas, que não tinham poupado na carne.

Depois de ter comido, e tendo posto de lado a tigela de barro, Artyom olhou calmamente em redor. Na mesa ao lado, sentavam-se dois homens, que conversavam sossegadamente. Embora vestissem blusões acolchoados, a sua aparência possuía qualquer coisa que levou Artyom a imaginá-los vestidos com fatos protectores e armas automáticas prontas a disparar.

Artyom reparou no olhar que um deles trocou com Melnik. Não disseram nada mas o homem do blusão acolchoado olhou para Artyom com uma expressão de aparente indiferença, e regressou à conversa despreocupada

que estava a ter com o seu companheiro.

Passaram-se mais alguns minutos, quase em silêncio. Artyom tentou falar mais uma vez sobre a estação mas Melnik só lhe deu respostas relutantes e curtas.

Depois, o homem do blusão acolchoado levantou-se do seu lugar, aproximou-se da mesa deles e, inclinando-se para Melnik, disse-lhe:

– Que vamos fazer quanto a Kievskaya? Está a tornar-se...

– Muito bem, Artyom – disse Melnik, de repente. – Vai descansar. A terceira tenda é a que está destinada aos visitantes. A cama já está feita. Eu próprio tratei de tudo. Ainda vou ficar por aqui algum tempo. Tenho de falar com o pessoal.

Com uma sensação desagradável, como se tivesse sido mandado para a cama para não ouvir as conversas das pessoas crescidas, Artyom obedeceu, embora contrariado, e dirigiu-se para a saída. Pelo menos, consolou-se, podia ir conhecer a estação sozinho.

Tendo agora a oportunidade de ver as coisas mais de perto e com mais atenção, Artyom descobriu outras particularidades. O átrio encontrava-se completamente limpo e não se avistavam as coisas inúteis e o lixo que existiam, de modo quase inevitável, na maioria das outras estações. Além disso, Smolenskaya era maior e até dava a impressão de não ter habitantes. Artyom lembrou-se, de repente, de um desenho num livro de História, que representava um acampamento das legiões romanas. O espaço era organizado de forma simetricamente rigorosa com as tendas voltadas para todas as direcções, sem elementos supérfluos, com sentinelas em todas as posições e entradas e saídas bem controladas...

Não conseguiu, no entanto, andar a passear pela estação durante muito mais tempo. Depois de se ver confrontado pelos olhares francamente desconfiados dos habitantes da estação, Artyom demorou poucos minutos a perceber que estavam mesmo a observá-lo e que era melhor retirar-se para a tenda dos visitantes.

Encontrou aí, na realidade, uma cama de campanha já preparada e, num canto, um saco de plástico com o seu nome.

Artyom deixou-se cair em cima da cama e das molas ruidosas do colchão e abriu o saco. Lá dentro encontravam-se as coisas que estavam na mochila.

Depois de o procurar, tirou o livro infantil que trouxera da superfície. Perguntou a si próprio se teriam examinado o seu pequeno tesouro com um contador Geiger. Decerto que o dosímetro havia de ter começado, nervosamente, a dar sinal ao ser aplicado ao livro mas Artyom não quis pensar nisso. Folheou algumas páginas, estudando as imagens ligeiramente descoloridas que estavam nas páginas amarelecidas e atrasando o momento em que iria encontrar de novo a sua própria fotografia.

E seria mesmo sua?

Acontecesse o que acontecesse, a ele, a VDNKh e ao resto do Metro, tinha mesmo de regressar à sua estação para poder perguntar a Sukhoi: "Quem são estes na fotografia? É a minha mãe ou não?" Artyom levou a fotografia aos lábios e voltou a pô-la entre as páginas do livro, que escondeu entre as suas coisas. Por um segundo, a fotografia recordou-lhe que havia algumas coisas da sua vida que estavam, gradualmente, a fazer sentido. E pouco depois adormeceu.

*

Quando Artyom acordou e saiu da tenda, nem reparou, de início, como a estação se modificara. Já só restavam umas dez tendas de todo o conjunto destinado a habitação. O resto estava destruído ou queimado. As paredes encontravam-se cobertas de fuligem e esburacadas por balas, o estuque estava a cair do tecto e espalhado pelo chão em grandes fragmentos. Ao longo da plataforma já corriam fios de um líquido negro de aparência sinistra, precursores do dilúvio que se avizinhava. Já não se via quase ninguém no átrio, com excepção de uma menina que estava a brincar, com os seus brinquedos, junto a uma das tendas. Da outra plataforma, de onde saía a escada que dava para uma nova saída, chegavam gritos abafados. Só restavam duas lâmpadas de emergência, ainda acesas, que dissipavam um pouco a escuridão do átrio.

A metralhadora que Artyom deixara à cabeceira da cama tinha desaparecido. Procurando-a, em vão, por entre as tendas, resignou-se ao facto de ter de prosseguir desarmado.

Mas que acontecera? Artyom teria querido interrogar a menina que estava a brincar mas, quando o viu, ela começou a chorar, tornando impossível

obter qualquer resposta dela.

Deixando a menina afogada nas suas próprias lágrimas, Artyom atravessou a arcada cuidadosamente e examinou o átrio. A primeira coisa que lhe prendeu o olhar foi o conjunto de três letras de bronze aparafusadas à parede de mármore diante de si: "V..NKh". Onde devia estar a letra D, via-se um traço a negro. Uma fenda profunda, no próprio mármore, atravessava toda a inscrição

Tinha de ir ver o que se passava nos túneis. Se alguém conquistara as estações, Artyom precisava, antes de ir procurar ajuda, de conhecer ao pormenor a situação para explicar exactamente aos seus aliados do Sul qual era o perigo que os ameaçava.

A escuridão era de tal modo impenetrável, logo após a entrada do túnel, que Artyom não conseguiu ver mais longe do que o cotovelo. Havia qualquer coisa, nas profundezas do túnel, que emitia, com violência, sons estranhos e pesados e era uma loucura ir por aí sem uma arma. Quando os sons pararam, por algum tempo, Artyom começou a ouvir a água a borbulhar pelo chão, a correr-lhe à volta das botas em direcção a VDNKh, de onde acabara de sair.

As pernas vacilaram e recusaram-se a ir mais longe. Uma voz, dentro de si, avisava-o repetidamente de que era perigoso continuar, que o risco era demasiado grande e que, de qualquer modo, ele não conseguiria distinguir nada no meio daquela escuridão. Cedendo-lhe, Artyom, como se fosse um boneco de corda, ainda deu, no entanto, mais um passo em frente.

A escuridão que o rodeava tornou-se absoluta e Artyom deixou de ver. Dentro de si ergueu-se uma sensação estranha, como se o seu corpo tivesse desaparecido. O que restava era uma espécie de rumor, ligado ao seu antigo ser, e já só dispunha do seu pensamento.

Artyom continuou, por isso, a andar mas os sons que vinham dessa direcção não pareceram ficar mais próximos. E ouviu outros, até. Passos arrastados, que eram a réplica exacta dos que ouvira antes na escuridão dos seus sonhos, embora fosse incapaz de se recordar onde é que os tinha ouvido e em que circunstâncias. E com cada passo que chegava até ele, Artyom sentiu o coração a ser invadido, gota a gota, por um terror negro e gelado.

Por várias vezes, não sendo capaz de o suportar, voltou-se, pensando em

regressar à estação mas, não conseguindo avistar na escuridão as travessas entre os carris, acabou por cair, convencendo-se de que chegara o fim inevitável.

Começando a suar, nem sequer percebeu que tinha caído da cama, durante um sonho. Sentiu a cabeça invulgarmente pesada, com uma dor a pulsar entre as têmporas, e passou no chão os minutos que se seguiram até finalmente acordar sem, no entanto, conseguir pôr-se em pé.

Nessa altura, com a cabeça mais liberta, desapareceram do seu pensamento os últimos vestígios do pesadelo e já não se sentiu capaz de recordar, com precisão, do que sonhara. Levantando a cortina, espreitou para o exterior. Não viu ninguém, com excepção das sentinelas. E era natural que assim fosse, porque ainda era noite. Respirando fundo por várias vezes, inalando o habitual ar húmido, regressou à tenda e à cama, espreguiçou-se e dormiu como um tronco, sem mais sonhos.

*

Melnik acordou-o. Vestido com um blusão isolante com a gola revirada e calças militares com vários bolsos, o saqueador parecia pronto para partir a qualquer momento. Na cabeça pusera o mesmo velho boné preto de campanha e pousara dois grandes sacos que Artyom pensou reconhecer. E, com a bota, empurrou um deles para junto de Artyom.

– Toma – disse. – Botas, roupa, uma mochila e armas. Muda de calçado e apronta-te. Não precisas de vestir nada protector porque não devemos subir à superfície. Mas tens de trazê-lo. Partimos dentro de meia hora.

– Onde vamos? – perguntou Artyom, meio a dormir, pestanejando e a tentar reprimir um bocejo.

– A Kievskaya. Se te aguentares, seguimos pelo Círculo para Belorusskaya e depois para Mayakovskaya. E aí veremos. Apronta-te.

O saqueador sentou-se num banco, no canto, e, tirando do bolso um fragmento de jornal, fez um cigarro, deitando uma olhadela a Artyom de tempos a tempos. Artyom sentiu-se nervoso, sujeito ao olhar vigilante de Melnik, e tratou das suas coisas com algumas hesitações.

Mas passados vinte minutos, já estava pronto. Sem falar, Melnik levantou-se do seu canto, pegou na mochila e encaminhou-se para a plataforma.

Artyom olhou em redor e seguiu-o.

Atravessaram uma das arcadas e dirigiram-se para as linhas. Subindo a escada de madeira que tinha sido acrescentada ao caminho de acesso, Melnik fez um aceno de cabeça ao guarda e começou a andar em direcção ao túnel. Só nesse momento é que Artyom viu como as entradas para os túneis eram estranhas. Do lado da plataforma que dava para Kievskaya, parte do caminho estava bloqueado por uma construção de cimento com frinchas estreitas destinadas a armas de fogo. Também havia uma grade de metal a obstruir a passagem. E encontravam-se aí duas sentinelas. Melnik trocou com elas algumas frases curtas e ininteligíveis e um dos guardas destrancou a fechadura e empurrou a grade.

Ao longo de uma das paredes do túnel corria um tubo isolante preto de onde pendiam lâmpadas fracas a cada dez ou quinze metros. Mas esta iluminação, por fraca que fosse, era um luxo para Artyom. Passados trezentos metros, no entanto, o tubo terminava e, em seu lugar, esperava-os mais um posto de vigilância. Os guardas não tinham uniforme mas o seu ar era muito mais sério do que o dos militares na Pólis. Mostrando que conhecia Melnik de vista, um deles fez-lhe um aceno de cabeça e deixou-o passar. Parando na orla da zona iluminada, o saqueador tirou uma lanterna da mochila e ligou-a.

Passadas mais algumas centenas de metros, ouviram vozes e viram a claridade criada por várias lanternas. Num movimento imperceptível, a Kalashnikov de Melnik, que até então viajara a tiracolo, apareceu-lhe nas mãos. Artyom seguiu-lhe o exemplo.

Era mais uma patrulha de Smolenskaya, mas esta destacada para mais longe. Dois homens robustos, armados, com blusões quentes e golas de pele falsa, discutiam com três mercadores. Os guardas usavam gorros bordados e, ao peito, tinham dispositivos de visão nocturna com correias de couro. Se bem que dois dos civis estivessem armados, Artyom percebeu que, na realidade, não eram mais do que mercadores. Fardos enormes de roupas, um mapa do túnel, o olhar especialmente rebelde, os olhos sempre brilhantes à luz das lanternas – Artyom vira-os sempre assim. Normalmente, os mercadores eram aceites em todas as estações e sem problemas. Mas, pelo que parecia, não eram bem vindos a Smolenskaya.

– Pronto, está bem, então estamos só de passagem – estava um dos mercadores a dizer a um dos membros da patrulha, um homem magro e de bigode com um blusão acolchoado que lhe estava demasiado justo.

– Temos aqui as nossas coisas, vejam vocês mesmos, e só as venderemos na Pólis – reforçou o segundo, um homem baixo e encorpado com o cabelo até aos olhos.

– E que mal é que poderemos fazer-vos? Só vos fazemos bem. Vejam: calças de ganga que parecem novas, para o vosso tamanho, de qualidade superior. Até vos ofereço um par – disse o terceiro, tomando a iniciativa de fazer uma oferta.

O guarda abanou a cabeça, continuando, em silêncio, a impedir-lhes a passagem. O mutismo dos dois guardas foi tomado por um sinal de concordância por um dos mercadores, que decidiu dar um passo em frente. Mas, quase simultaneamente, as duas sentinelas levaram a mão ao percussor das metralhadoras. A tensão fez-se também sentir na atitude de Melnik, que se mantinha, com Artyom, a uns cinco passos por detrás deles, apesar de já ter baixado a arma.

– Alto! – exclamou um dos guardas. – Dou-vos cinco segundos para desaparecerem daqui. Esta é uma estação de alta segurança e não é permitida a entrada de estranhos. – E começou a contar. – Cinco... Quatro...

– Bem, como é que vamos lá chegar? Temos de voltar ao Círculo? – Um dos mercadores mostrou-se perturbado mas outro, abanando resignadamente a cabeça, puxou-o pela manga e, apanhando os três os seus fardos de roupas, começaram a recuar.

Esperando um minuto, Melnik fez um sinal a Artyom e começaram a andar em direcção a Kievskaya, mantendo a distância relativamente aos mercadores. Quando passaram pelos guardas, um deles fez um aceno de cabeça a Melnik, em silêncio, levou dois dedos à cabeça, saudando-o.

– Uma estação de alta segurança? – perguntou Artyom, curioso, já depois de terem passado o cordão. – Que significa isso?

– Volta atrás e pergunta – respondeu-lhe o saqueador, secamente, silenciando outras perguntas que Artyom pudesse querer fazer.

Embora Melnik e Artyom estivessem a tentar manter-se distanciados dos mercadores, que iam à frente deles, o som das suas vozes parecia estar cada

vez mais próximo e, de repente, parou. E, vinte passos mais à frente, foram surpreendidos pelo foco das lanternas a baterem-lhes nos olhos.

– Eh! Quem está aí? Que querem? – gritou alguém, nervosamente, e Artyom reconheceu a voz de um dos mercadores.

– Tenham calma. Deixem-nos passar, que não vos incomodamos. Vamos para Kievskaya – respondeu o saqueador, numa voz suave mas bem nítida.

– Podem ir à nossa frente. Deixamo-vos passar. Não é preciso virem a respirar em cima de nós – responderam os mercadores, do escuro, depois de trocarem algumas impressões.

Melnik encolheu os ombros, aborrecido, e avançou com uma atitude despreocupada. O trio de mercadores esperava-os trinta metros mais à frente. Quando viram Melnik e Artyom aproximar-se, pousaram os fardos no chão, num gesto de cortesia, afastaram-se e deixaram-nos passar. Como se nada tivesse acontecido, o saqueador continuou a andar, sem se deter, mas Artyom notou que o andamento dele mudara. Agora, caminhava em silêncio, como se tentasse abafar o som das suas passadas. Apesar de os mercadores os terem seguido de imediato, Melnik nem se voltou para olhar para eles. O próprio Artyom teve, durante algum tempo, talvez uns três minutos, de dominar o desejo de se voltar, mas acabou mesmo por olhar para trás. "Eh!", ouviu uma voz tensa a chamá-los. "Esperem!" O saqueador parou. Artyom começou a sentir-se perplexo. Por que motivo é que Melnik ficara tão disposto a ceder ao desejo de alguns mercadores sem importância?

– Eles estão a fazer este teatro todo por causa de Kievskaya ou porque estão a proteger a Pólis? – perguntou um dos mercadores, aproximando-se.

– Claro que é por causa de Kievskaya – respondeu Melnik e Artyom sentiu uma assomo de ciúme. A ele, o saqueador não tinha querido dizer nada.

– Pois, eu posso percebê-los. Kievskaya está a começar a meter medo. Está bem. Estes guardas picuinhas vão ter muito que fazer em breve. Toda a gente vai começar a fugir de Kievskaya. Quem é que vai sobreviver na estação? É melhor levar um tiro – resmungou o mercador mais magro.

– Como se não fosses tu que tivesses fugido das armas! – protestou o outro, com um ar desdenhoso. – Não te armes em herói!

– Bem, tu também não fizeste muito – replicou o magro.

– Que se passa, afinal? – quis saber Artyom, já sem se conter.

Os mercadores olharam de imediato para ele, como se a pergunta fosse tão estúpida que mesmo uma criança saberia a resposta. O saqueador manteve-se em silêncio. Tal como os mercadores, continuaram a andar por mais algum tempo também calados. E por causa disso, ou talvez mais por o silêncio tão prolongado estar a parecer tão inusitado, Artyom já não quis ouvir nenhuma explicação. E quando decidiu que estava disposto a não ligar mais aos mercadores, o magro acabou por declarar, com relutância:

– Os túneis para Park Pobedy[64] são lá, mesmo no seguimento deste.

Os outros dois, ao ouvirem o nome da estação, pareceram encostar-se mais um ao outro e Artyom imaginou, por um segundo, que pelo túnel estava a passar uma corrente de ar húmido e frio e que as paredes iam desmoronar-se. E até Melnik estremeceu, como se estivesse a tentar aquecer-se. Artyom nunca tinha ouvido falar de Park Pobedy e não conseguiu lembrar-se de nada que estivesse associado a essa estação. Por isso, que motivo poderia ter para se sentir tão inquieto perante a evocação desse nome?

– Que se passa? A situação piorou? – perguntou o saqueador, com uma expressão preocupada.

– Que sabemos nós? Somos pessoas normais. Passamos por lá, às vezes. Fiquem por lá e perceberão – disse o mercador barbudo, num resmungo indistinto.

– As pessoas desaparecem – declarou o mercador encorpado, em voz baixa. – Há muitas pessoas que têm medo e que fogem, por isso. Nunca se consegue descobrir quem desapareceu ou quem fugiu de livre vontade e, para os outros, isso é ainda mais horrível.

– Os túneis todos estão amaldiçoados – disse o magro, cuspindo para o chão.

– Mas os túneis estão bloqueados – disse Melnik, como se constatasse um facto.

– Estão bloqueados há cem anos, e depois? Bem, se forem estranhos à estação é melhor que nos percebam. Toda a gente sabe que os túneis metem medo e que as pessoas têm o medo dos túneis, mesmo que tenham sido destruídos e bloqueados três vezes seguidas. E todos o podem sentir na pele assim que lá chegam, mesmo aqui o Sergeich. – E o homem magro apontou

para o mercador barbudo.

– Exactamente – confirmou o desgrenhado Sergeich, benzendo-se, por qualquer motivo.

– Mas os túneis estão vigiados, não estão? – perguntou Melnik.

– As patrulhas percorrem-no todos os dias – respondeu o mercador barbudo, com um aceno de cabeça.

– E apanharam alguém, alguma vez? Ou viram alguém? – quis saber o saqueador.

– Como é que nós podemos saber? – O mercador fez um gesto de impotência. – Nunca ouvi dizer. Mas eles bem tentam.

– E que dizem os habitantes? – Melnik não desistia.

O mercador magro não respondeu, fazendo um gesto vago, mas Sergeich olhou para trás e disse, num sussurro audível:

– Que é a cidade dos mortos. – E benzeu-se logo.

Artyom até teve vontade de dar uma gargalhada. Já tinha ouvido demasiadas histórias, fábulas, lendas e teorias sobre os locais onde se encontram os mortos, no Metro. E das almas nos canos e nos tubos ao longo das paredes dos túneis e da porta para o Inferno que estavam a escavar numa das estações... E, agora, era uma cidade de mortos em Park Pobedy. Mas a corrente de ar que parecia um fantasma tirara-lhe, de facto, a vontade de rir e, apesar do vestuário quente, gelara-o. E o pior de tudo era que Melnik ficara em silêncio e deixara de fazer perguntas. Artyom esperou que o seu companheiro estivesse apenas, numa atitude de troça, a rejeitar uma ideia tão absurda.

O resto do caminho foi feito em silêncio, cada um deles a braços com os seus próprios pensamentos. A via revelou-se completamente tranquila e deserta, além de estar seca e desimpedida, mas, apesar de tudo, intensificava-se a cada passo a sensação pesada de que havia qualquer coisa funesta à espera deles.

Quando chegaram à estação, a sensação tornou-se ainda mais forte, como uma torrente de águas subterrâneas; incontrolável, gelada e turva.

O medo dominava a estação. E isso notava-se desde o primeiro momento. Seria esta a "Kievskaya soalheira" de que lhe falara o homem do Cáucaso que estivera com ele numa cela fascista? Ou teria ele em mente uma estação

com o mesmo nome mas situada no ramal de Filyovskaya?

Não se podia dizer que a estação estivesse mal conservada e que todos os seus habitantes tivessem fugido. Havia, até, muitas pessoas mas Kievskaya dava a impressão de não pertencer aos seus habitantes, que só tentavam manter-se juntos. As tendas estavam coladas às paredes e umas às outras, no meio do átrio. E não era respeitada a distância entre elas, exigida pelas normas de protecção contra incêndios. As pessoas estavam aterrorizadas por algo que era ainda mais perigoso do que o fogo. E os que passavam desviavam de imediato os olhos cansados, quando Artyom os fitava, evitando o contacto com os recém-chegados e afastando-se mesmo do caminho que levavam, como se fossem insectos a fugirem para as fendas do chão.

A plataforma, apertada entre duas filas de arcos circulares e baixos, descia num dos lados por meio de várias escadas rolantes e, no outro, subia por meio de uma pequena escadaria onde fora aberta uma passagem lateral para a outra zona da estação. Havia pedaços de carvão em brasa em vários pontos e um cheiro tentador a carne assada. Uma criança chorava algures. Apesar de a estação estar situada na orla do que era considerada a cidade dos mortos, a que os mercadores se haviam referido, Kievskaya estava bem viva.

Despedindo-se apressadamente, os companheiros de viagem de Artyom e de Melnik desapareceram na passagem lateral. O saqueador, tendo prudentemente observado os dois lados, dirigiu-se resolutamente para uma das passagens. Via-se que não era a primeira vez que ali estava. E Artyom ficou sem perceber o que levara a o saqueador a interrogar tão pormenorizadamente os mercadores sobre a estação.

Esperaria que lhe fosse revelado, por acaso, o estado real da situação? Estaria a tentar identificar potenciais espiões?

Detiveram-se, por uns segundos, na entrada das instalações oficiais. A porta fora destruída mas, no exterior, perfilava-se um guarda. Seriam as autoridades da estação, calculou Artyom.

Um homem mais velho, muito bem barbeado e com o cabelo bem penteado, veio ao encontro do saqueador. Vestia o velho uniforme azul dos funcionários do Metro, envelhecido e descolorido pelas muitas lavagens,

mas surpreendentemente limpo. Era visível que conseguia tratar bem de si, na estação. O homem cumprimentou Melnik, levando dois dedos à testa, sem que Artyom percebesse porquê, e de uma forma que não era completamente sincera, como a saudação dos guardas do túnel, mas um pouco ridícula. E pestanejou, com ironia.

– Bom dia – disse, numa voz profunda e agradável.

– Bom dia, chefe – replicou o saqueador, com um sorriso.

Dez minutos depois já estavam os três sentados num gabinete aquecido, a beberem um dos melhores chás de cogumelos. Desta vez, Artyom não ficou de fora, como receara, mas deixaram-no ficar durante a conversa, que era sobre assuntos bem sérios. Infelizmente, não percebeu nada do objecto da troca de impressões de Melnik com o chefe da estação, a quem o saqueador chamou Arkady Semionovich.

Melnik começou por perguntar por um homem chamado Tretyak e, de seguida, pôs-se a perguntar se havia alterações nos túneis. O chefe respondeu que Tretyak saíra da estação para tratar de assuntos pessoais mas que deveria estar de regresso em breve e propôs que esperassem por ele.

Depois, ocuparam-se dos pormenores relativos a uns acordos que Artyom não conseguiu compreender. Limitou-se, por isso, a ficar sentado junto deles, a beber o chá quente, cujo cheiro a cogumelos lhe fazia lembrar a sua estação, e a olhar para o que o rodeava. Kievskaya já conhecera, claramente, tempos melhores. Nas paredes do gabinete havia tapeçarias roídas pelas traças, no entanto, os seus desenhos ainda eram visíveis. Em vários locais, imediatamente por cima das tapeçarias, estavam afixados esboços a lápis das ligações entre os túneis, emoldurados a ouro e a mesa a que se sentavam parecia uma antiguidade, que pôs Artyom a pensar em quantos saqueadores teriam sido necessários para a trazer de algum apartamento vazio e em quanto poderiam ter pago por ela os dirigentes da estação. Numa das paredes estava pendurado um sabre, escurecido pela idade, e, ao lado, uma pistola de tipo pré-histórico, obviamente incapaz de disparar. No canto mais distante do gabinete, sobre um armário, encontrava-se uma enorme caveira branca, proveniente de um animal que Artyom não conseguiu identificar.

– Nos túneis não há absolutamente nada – estava a dizer Arkady

Semionovich, abanando a cabeça.– Mantemos a vigilância para as pessoas estarem calmas. Já lá estiveste e sabes bem que ambas as linhas foram bloqueadas a cerca de trezentos metros da estação. Não há hipótese alguma de poder aparecer alguém por aí. É uma superstição.

– Mas as pessoas estão mesmo a desaparecer? – insistiu Melnik, franzindo o sobrolho.

– Estão a desaparecer – concordou o chefe –, mas não se sabe para onde. Eu acho que elas se limitam a ir embora, a fugir. Nas passagens não temos cordões e aí – indicando as escadas com um gesto – há uma cidade completa. E as pessoas podem ir para onde quiserem. Para o Círculo ou para Filyovskaya. Diz-se que a Hansa está a deixar entrar as pessoas idas da nossa estação.

– E essas pessoas têm medo de quê?

– De que é que têm medo? Não sei, talvez do facto de as outras pessoas estarem a desaparecer... Isto é um círculo vicioso – disse Arkady Semionovich com um gesto de impotência.

– É estranho – comentou Melnik, com uma expressão desconfiada. – Bem, enquanto estamos à espera de Tretyak, vamos falar com os guardas. Só para nos conhecermos melhor. E para não incomodarem os de Smolenskaya.

– De acordo – disse o chefe, com um aceno de cabeça. – Vão à terceira tenda, que é onde vive Anton. É ele o comandante do próximo turno. Diz-lhe que fui eu que vos enviei.

O interior da tenda com o número três pintado era barulhento. Dois rapazes, talvez com cerca de dez anos, brincavam no solo com cartuchos de munições de armas automáticas. Com eles estava uma rapariga, que observava os irmãos com curiosidade sem, no entanto, participar na brincadeira deles. Uma mulher de meia idade, bem arranjada e de avental, estava a cortar, para o jantar, fatias de um alimento que Artyom não identificou. O ambiente era confortável e pairava na tenda um aroma a comida caseira que era delicioso.

– Anton saiu, mas sentem-se e esperem um pouco – sugeriu a mulher, com um sorriso cordial.

Os rapazes estavam a olhar para os recém-chegados com toda a atenção e um deles acabou por se dirigir a Artyom.

– Tens cartuchos de balas? – perguntou-lhe, com ar taciturno.

– Oleg, pára imediatamente de pedinchar! – admoestou-o a mãe, sem interromper o que estava a fazer.

Para surpresa de Artyom, Melnik enfiou a mão num dos bolsos das calças, procurou aí qualquer coisa e mostrou alguns cartuchos fora do normal, de forma oblonga, que não eram, claramente, destinados à sua Kalashnikov. Fechando o punho e fazendo-os tilintar, o saqueador ofereceu o tesouro ao rapaz. Os olhos dele iluminaram-se mas não teve coragem de estender a mão para agarrar os cartuchos.

– Podes ficar com eles – disse-lhe o saqueador, piscando-lhe o olho e largando os cartuchos na mão já estendida da criança.

– Agora é que eu vou ganhar! Olhem como são grandes! Vão ser Spetsnaz[65]! – exclamou o rapaz, com uma expressão de felicidade.

Ao vê-los brincar, Artyom notara que os dois rapazes dispunham os cartuchos em filas idênticas, como se fossem soldadinhos de chumbo. Ele próprio já brincara desse modo, só que tivera a sorte de possuir soldadinhos de chumbo a sério, oriundos, no entanto, de várias colecções.

Quando a batalha já ia adiantada no chão, chegou o pai dos dois rapazes. Era um homem baixo e magro, com o cabelo louro-escuro molhado. Vendo os dois visitantes, acenou-lhes com a cabeça em silêncio e, sem falar, ficou a olhar fixamente para Melnik.

– Papá, papá, trouxeste-nos mais cartuchos? Oleg agora tem mais do que eu porque eles deram-lhe alguns bem grandes! – protestou o outro rapaz, puxando o pai pela perna das calças.

– Foi o chefe da estação que nos disse que viéssemos – explicou-lhe o saqueador. – Vamos acompanhá-lo na vigilância dos túneis. Como reforços.

– Mais reforços para quê? – objectou, num murmúrio, o dono da casa, cujo rosto entretanto se suavizou. – O meu nome é Anton. Vamos comer, primeiro, e depois vamos. Sentem-se. – E apontou para os sacos cheios que serviam de cadeiras na tenda.

Apesar da resistência dos visitantes, ambos acabaram por partilhar da refeição apresentada numa tigela fumegante, cujo conteúdo era acompanhado por tubérculos que Artyom não conseguiu identificar. Ainda olhou para Melnik, com uma expressão de dúvida, mas o saqueador espetou

o garfo num dos tubérculos e levou-o à boca, num gesto confiante, começando depois a mastigar. E no rosto, normalmente inexpressivo, reflectiu-se uma expressão aparentemente satisfeita e isso foi o suficiente para encorajar Artyom. No gosto, os tubérculos eram completamente diferentes dos cogumelos, parecendo mais doces e até gordos e o jovem comeu a sua porção em poucos minutos. De início, ainda quis perguntar o que estavam a comer mas depois pensou que seria melhor nem saber. Eram saborosos e estava bem assim. Em alguns sítios, até consideravam um petisco os cérebros dos ratos.

– Papá, posso ir convosco na patrulha? – perguntou o rapaz a quem Melnik oferecera os cartuchos, depois de ter comido metade da sua dose e de ter espalhado o resto pelas bordas do prato.

– Não, Oleg, já sabes que não – respondeu o dono da casa, de sobrolho franzido.

– Olezhenka! Que história é essa de ires na patrulha? – exclamou a mãe, agarrando o filho pela mão. – Estás a pensar o quê?! Isso não é coisa para rapazes pequenos!

– Que queres dizer com isso de "rapazes pequenos", mãe? – retorquiu Oleg com uma voz rouca, observando os visitantes com uma expressão de perturbação.

– Nem penses nisso! Queres pôr-me fora de mim? – A mãe já estava a levantar a voz.

– Pronto, está bem, está bem – resmungou a criança.

Mas assim que a mãe se dirigiu à outra ponta da tenda, para ir buscar mais qualquer coisa para pôr na mesa, Oleg puxou pela manga do pai e sussurrou-lhe:

– Da última vez, levaste-me...

– A conversa já acabou! – replicou-lhe Anton, com ar severo.

– Pronto, não interessa... – resmungou Oleg, mais para si do que para as outras pessoas, e numa voz tão baixa que mal o ouviram.

Tendo acabado de comer, Anton levantou-se da mesa e abriu uma caixa de metal, que estava no chão fechada à chave, de onde tirou uma velha AK-47, do Exército, perguntando:

– Vamos? O turno de hoje é curto – e voltou-se para a mulher –, dentro de

seis horas já estou de volta.

Melnik e Artyom levantaram-se, de imediato. O pequeno Oleg olhou, desesperado, para o pai e agitou-se no assento, com uma expressão inquieta, optando por ficar calado.

Na entrada para a escuridão do túnel, já na extremidade da plataforma, encontravam-se dois guardas sentados no chão com as pernas penduradas, enquanto um terceiro bloqueava a passagem, a olhar para o túnel. Na parede tinham sido impressas as palavras "Confederação de Arbat. Bem-vindos!" As letras já estavam quase apagadas e era evidente que já ninguém as repintava há muito tempo. Os três homens estavam a conversar em voz muito baixa e até se censuravam se algum deles levantava mais o tom de voz.

Além de Melnik e de Artyom, Anton estava acompanhado por mais dois homens da estação. As expressões de ambos eram sombrias e, sem pronunciarem palavra, deitaram olhares de desagrado aos dois visitantes. Artyom não lhes ouviu os nomes.

Depois de trocarem impressões breves com os três guardas que protegiam a entrada, os elementos da patrulha desceram para a linha e começaram a avançar lentamente. Os arcos circulares do túnel eram perfeitamente convencionais, nesta zona, e as paredes pareciam não ter sofrido os efeitos do tempo.

Apesar da aparente normalidade, a sensação desagradável inspirada pelo que haviam dito os mercadores apossou-se de Artyom assim que o jovem pôs os pés nos carris.

Um medo sombrio e inexplicável ergueu-se das sombras para ir ao seu encontro. Na linha estava tudo sossegado. Ouviam-se algumas vozes humanas à distância, parecendo provável que se tratasse de mais uma patrulha.

O posto de vigilância que encontraram era um dos mais estranhos de entre todos os que Artyom já conhecia.

Havia alguns homens sentados em sacos cheios de areia. No centro encontrava-se um forno feito de ferro e, a alguma distância, um balde de combustível líquido. Só as chamas cuja claridade saía pelas fendas existentes no forno e a luz do pavio cintilante de um candeeiro a petróleo, suspenso do

tecto, é que iluminavam os rostos dos guardas. O ar estagnado do túnel fazia, apesar disso, o candeeiro oscilar um pouco, dando vida própria às sombras dos homens, sentados de costas para o túnel e imóveis. E o ar irritava-lhe os olhos.

Ao verem chegar a patrulha, os guardas levantaram-se e ergueram as mãos, protegendo os olhos dos raios implacáveis das lanternas dos recém-chegados e preparando-se para regressarem à estação.

– Então, como é que foi? – perguntou Anton, tirando uma porção de combustível do balde, para reavivar o fogo.

– Como é que há-de ser? – o guarda mais velho fez um sorriso soturno. – Como sempre tem sido. Vazio. Sossegado. Sossegado... – Fungou e, pondo as suas coisas às costas, começou a dirigir-se para a estação.

Enquanto os seus substitutos punham as mochilas junto da fogueira, ficando aí de pé, Melnik voltou-se para Anton:

– Vamos andar mais um pouco e ver o que há lá para a frente?

– Não há nada para ver. Está tudo bloqueado e eu isso já vi, umas cem vezes. Ouça, se quiser ir, o túnel está interrompido a quinze metros daqui. – Anton apontou, por cima do ombro, na direcção de Park Pobedy.

O túnel estava, na realidade, semi-destruído no local onde havia sido bloqueado. O solo encontrava-se coberto de pedras e de terra, o tecto abatera em alguns pontos e as paredes tinham-se desmoronado, tornando mais apertado o espaço em que ainda se podia circular. Deste lado do túnel, a entrada deformada para uns gabinetes desconhecidos, cuja utilidade era um mistério, transformara-se num buraco negro e, no fim, os carris ferrugentos desapareciam numa pilha de blocos de cimento, misturados com terra e fragmentos de carvão. Os canos e os tubos que percorriam as paredes desapareciam, do mesmo modo, neste monte de destroços.

Iluminando a parte destruída do túnel com a lanterna, sem encontrar qualquer passagem ou abertura, Melnik encolheu os ombros e voltou-se para a porta deformada. Apontou o foco para o interior e espreitou mas não passou da soleira.

– Também não há alterações na segunda linha? – perguntou a Anton, voltando-se na direcção do posto de vigilância.

– Está como estava há dez anos – respondeu Anton.

Ficaram em silêncio por mais algum tempo. Apagando as lanternas, a luz com que agora contavam era só a que vinha do lume onde se encontrava o forno de ferro e da chama minúscula protegida pelo vidro sujo de fuligem do candeeiro e a escuridão que os rodeava parecia tornar-se mais espessa. Os guardas tinham-se aproximado o mais possível do forno. Os raios amarelados que saíam pelas fendas afastavam a escuridão e o calor do fogo repelia o frio, graças a isso, podia-se respirar mais livremente. Artyom já estava farto do silêncio e a necessidade de ouvir um som qualquer levou-o a forçar a sua própria timidez.

– Nunca estive na sua estação – disse a Anton, aclarando a voz. – Não percebo por que mantêm aqui um posto de vigilância se não há nada no túnel. Aliás, nem olham nessa direcção. Porquê?

– São ordens de cima – explicou Anton. – Dizem que é exactamente por estarmos aqui de serviço que não acontece nada.

– O que há depois da zona bloqueada?

– Calcula-se que seja o túnel... – Anton fez uma pausa, olhando para trás, para o túnel destruído. – O que vai dar a Park Pobedy.

– Vive lá alguém?

Anton não respondeu, limitando-se a abanar vagamente a cabeça. Ficou silencioso mas depois respondeu, com alguma vivacidade:

– Falando em termos gerais, não sabes nada sobre Park Pobedy? – Nem esperou que Artyom respondesse. – Só Deus sabe o que lá existe nesta altura mas, antes, era uma estação dupla, enorme, uma das mais recentes – prosseguiu... De qualquer modo, dizem que era uma estação de luxo, a uma grande profundidade, ao contrário das outras construções novas. E as pessoas de lá deviam viver uma vida maravilhosa. Mas isso não durou muito. Depois, o túnel cedeu.

– Como é que isso aconteceu? – perguntou Artyom.

– Dizem – e Anton olhou de relance para os outros – que se desmoronou por si. Ou que tinha sido mal concebida ou que houve grandes roubos nos materiais de construção ou qualquer outra coisa. Mas já foi há tanto tempo que ninguém se lembra, ao certo.

– Bem, eu ouvi dizer que as autoridades locais fizeram explodir as duas linhas – disse um dos guardas. – Ou estavam em conflito com Park Pobedy

ou... outra coisa qualquer. Talvez tivessem medo de que Park Pobedy viesse a dominá-los, com o tempo. Mas aqui em Kievskaya, vocês próprios sabem quem é que mandava, nessa altura: gente que não tinha feito outra coisa senão vender fruta no mercado. Uns tipos coriáceos que estavam sempre prontos a dar cabo das coisas. Uma caixa de dinamite neste túnel, uma caixa naquele, um pouco mais longe da estação deles, e... está feito. Não causa derramamento de sangue e o problema fica resolvido.

– E depois, o que aconteceu? – perguntou Artyom, curioso.

– Bem, nós não sabemos porque já cá estávamos deste lado, nessa altura... – começou Anton, mas o guarda mais falador interrompeu-o.

– E que havia de ter acontecido? Morreram todos. Têm de perceber que quando uma estação é separada do Metro, não se consegue sobreviver por muito tempo. Os filtros ficam entupidos ou os geradores ou há alguma inundação. E não se pode ir para a superfície, agora. Ouvi dizer que, no início, ainda terão tentado furar o entulho mas que depois desistiram. Os que nessa altura faziam serviço aqui disseram que ouviram os gritos através dos canos... Mas mesmo isso acabou por parar.

O guarda tossiu e estendeu as mãos para o forno. Tendo aquecido as mãos, olhou para Artyom e prosseguiu:

– Nem foi uma guerra. Quem é que luta assim? Tinham mulheres com eles e crianças, sabem? E velhos... Uma cidade inteira? E para quê? Simplesmente porque não dividiam o que ganhavam. E até parece que nem conseguiram matar ninguém, portanto... Estavas a perguntar: "Que existe no outro lado dos destroços?" O que lá existe é a morte.

Anton abanou a cabeça mas já não falou. Melnik olhou para Artyom com atenção e quase abriu a boca, como se quisesse acrescentar alguma coisa ao que ouvira, mas pareceu mudar de ideias. Artyom, que entretanto arrefecera, aproximou-se mais do forno. Tentou imaginar o que seria viver nesta estação, cujos habitantes acreditavam que os carris que dela saíam conduziam directamente a um território dominado pela morte.

O jovem começou a perceber que o estranho serviço de vigilância no túnel interrompido era mais um ritual do que uma necessidade. Quem é que estavam a tentar assustar, aqui sentados? Quem é que conseguiriam impedir de entrar em Kievskaya e de continuar para o resto do Metro? Arrefeceu

ainda mais e nem o forno de ferro nem o blusão quente que Melnik lhe dera o resguardavam do ambiente gélido.

De repente, o saqueador voltou-se para o túnel que conduzia a Kievskaya e levantou-se, à escuta, a tentar perceber o que a escuridão poderia revelar. E Artyom percebeu, em segundos, o que o levara a ter essa preocupação. Ouviam-se passos rápidos e suaves, cada vez mais próximos e, à distância, a luz de uma lanterna que oscilava de um lado para o outro, como se essa pessoa estivesse a correr, a saltar por cima das travessas, para chegar mais depressa junto deles.

O saqueador agachou-se, encostado à parede do túnel, apontando a metralhadora para a luz.

Anton levantou-se calmamente, olhando também para o escuro e, pela sua postura tranquila, era evidente que não imaginava que pudesse vir dessa parte do túnel algum perigo sério.

Melnik acendeu a lanterna e a escuridão pareceu recuar, com relutância. A cerca de dez metros, no meio dos carris, viram uma pequena figura, com um aspecto frágil, de braços levantados.

– Papá, papá! Sou eu, não dispares! – Era a voz de uma criança.

O saqueador apontou o foco da lanterna nessa direcção e, estremecendo, ergueu-se. A criança aproximou-se rapidamente do forno, a olhar para as botas com ar embaraçado.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou o pai, preocupado.

– Não... Só queria estar contigo. Já não sou um miúdo pequeno para ficar sentado na tenda com a mamã.

– Como é que aqui chegaste? Há guardas lá atrás.

– Menti. Disse que a mamã me tinha mandado vir ter contigo. Era o Tio Petya e ele conhece-me. Só me disse que não devia olhar para nenhuma das passagens laterais e para chegar cá rapidamente e depois deixou-me passar.

– Tenho de falar outra vez com o Tio Petya – prometeu Anton, com solenidade. – E agora pensa como é que vais explicar isto à tua mãe. Não te vou deixar regressar sozinho.

– Posso então ficar convosco? – A criança já não estava capaz de conter o seu agrado e começou aos saltos.

Anton chegou-se para o lado, sentando o filho nos sacos de areia já

aquecidos. Tirou o blusão e ia pô-lo por cima do filho mas a criança preferiu ir para o chão e, tirando do bolso o que trouxera consigo, desdobrou um pano no chão e dispôs em cima dele um punhado de cartuchos de balas e diversos outros objectos. Ficou sentado ao lado de Artyom e o jovem teve a possibilidade de observar-lhe bem os pertences.

Uma pequena caixa de metal com uma manivela de metal minúscula que rodava era o mais interessante dos objectos. Quando Oleg a segurava numa mão e rodava a manivela com a outra, a caixa começava a emitir uma melodia muito simples e repetitiva com ruídos metálicos. E era divertido encostá-la a outro objecto porque, nesse caso, o segundo objecto começava a vibrar, amplificando várias vezes o som. O que melhor resultado proporcionava era o forno de ferro mas não era possível deixar a caixa junto dele por muito tempo porque aquecia demasiado depressa. A experiência tornou-se tão interessante que Artyom decidiu fazê-la ele próprio.

– Isto não é nada! – exclamou o rapaz, dando-lhe a caixa quente e soprando, no entanto, para os dedos queimados. – Eu mostro-te depois um truque – prometeu-lhe, em tom conspiratório.

A meia hora seguinte passou vagarosamente. Artyom, sem reparar nos olhares aborrecidos dos guardas, ia rodando a manivela sem cessar e ouvindo a música, enquanto Melnik conversava em voz baixa com Anton e a criança brincava no chão com os invólucros das balas. A melodia que saía da minúscula caixa de música era bastante monótona mas, em certa medida, encantatória. E era impossível parar de a tocar.

– Mas eu não compreendo – disse, a certa altura, o saqueador, levantando-se do saco onde estivera sentado. – Se ambos os túneis foram demolidos, e estão a ser vigiados, para onde foram, em sua opinião, as pessoas que desapareceram?

– E quem é que diz que tudo se passa nos túneis? – Anton olhou-o, de alto a baixo. – Além disso, há passagens que vão dar às outras linhas, duas pelo menos, e linhas que conduzem a Smolenskaya... Acho é que há pessoas que utilizam as nossas crenças supersticiosas.

– E que superstições! – exclamou o guarda que lhes falara na explosão do túnel e nas pessoas que tinham ficado do outro lado. – A maldição da nossa estação foi o facto de ter deixado de crescer por causa de Park Pobedy. E

nós seremos todos amaldiçoados por vivermos nela...

– E tu, Sanych, estás a lançar a confusão – interrompeu-o Anton, com desagrado. – As pessoas estão a fazer perguntas sobre assuntos sérios e tu estás a espalhar as tuas histórias!

– Vamos dar uma volta – disse-lhe Melnik. – Vi algumas portas pelo caminho e uma saída lateral. Quero ir espreitar. Em Smolenskaya, as pessoas também estão assustadas. E Kolpakov ficou interessado, pessoalmente.

– Ah, agora ele já está interessado? – E Anton fez um sorriso triste.

– Até já se interrogam na Pólis sobre o que está a acontecer aqui. – O saqueador tirou do bolso uma folha de jornal dobrada.

Artyom já tinha visto esses jornais. Numa das passagens havia uma cesta onde era possível comprá-los mas custavam dez balas e pagar um valor tão elevador por uma folha de papel de embrulho, com boatos mal impressos, não se justificava. Mas Melnik, pelos vistos, não se arrependia das balas gastas.

No papel amarelecido cortado grosseiramente havia vários textos pequenos reunidos sob a designação de Notícias do Metro. Um dos textos até era acompanhado por uma fotografia a preto e branco, com o título "Continuam em Kievskaya os desaparecimentos misteriosos".

– A erva ruim não cresta a seara, segundo se diz – comentou Anton, pegando cuidadosamente no papel com as duas mãos e alisando-o. – Está bem, vamos a isto. Vou mostrar-lhe as passagens laterais. Vamos agora?

O saqueador acenou afirmativamente com a cabeça. Anton levantou-se, olhou para o filho e disse-lhe:

– Já volto. Porta-te bem mesmo sem eu cá estar. – Voltou-se para Artyom. – Olha por ele. Pode ser? – perguntou-lhe.

Assim que o pai e Melnik se afastaram um pouco mais, Oleg pôs-se em pé de um salto, tirou a caixa de música das mãos de Artyom com um olhar matreiro e correu na direcção do túnel bloqueado. Lembrando-se de que o rapaz era, agora, responsabilidade sua, Artyom olhou, constrangido, para os outros membros do grupo, acendeu a lanterna e foi atrás de Oleg.

Mas o rapaz, ao contrário do que Artyom receou, não se pôs a explorar o que ficava para lá da porta deformada e ficou parado junto aos destroços.

– Vê o que acontece agora! – disse-lhe Oleg. E começou a trepar pelas pedras, alcançando o nível dos canos e quase desaparecendo na pilha de destroços. Depois, exibiu a caixa de música, encostou-a ao cano mas próximo e rodou a manivela.

– Ouve! – exclamou.

O cano começou a vibrar, fazendo eco da música e, de um momento para o outro, o Metro encheu-se com a melodia simples e lúgubre que a caixa estava a tocar. O rapaz encostou o ouvido ao cano e, como se tivesse ficado enfeitiçado, continuou a rodar a tampa, arrancando sempre os mesmos sons à caixa metálica.

Depois parou, por instantes, à escuta, a sorrir de felicidade, e saltou da pilha de destroços, estendendo a caixa de música a Artyom.

– Toma, tenta tu! – gritou.

Artyom conseguiu imaginar como a melodia poderia alterar-se ao passar pelos canos ocos de metal. Mas os olhos da criança brilhavam tanto que não quis ser desmancha-prazeres. Encostando a caixa ao cano, apoiou o ouvido ao metal frio e começou a rodar a manivela. A música ressoou com uma tal intensidade que Artyom quase atirou a cabeça para trás. As leis da acústica eram-lhe desconhecidas e Artyom não conseguiu compreender que milagre é que fazia amplificar a melodia que saía de uma caixa de aspecto e som tão frágeis.

Rodando a manivela por mais alguns segundos e, tocando a breve música mais três vezes, fez um aceno de cabeça a Oleg:

– É esplêndido.

– Ouve outra vez! – exclamou o rapaz, a rir-se. – Não toques, ouve só!

Artyom encolheu os ombros e olhou para o posto de vigilância para verificar se Melnik e Anton já teriam regressado e, mais uma vez, levou o ouvido ao cano. Que poderia ouvir agora? O vento? O eco do som assustador que inundava o túnel entre Alekseevskaya e Prospekt Mira?

De uma distância inimaginável, atravessando com dificuldade todas as camadas de entulho, de pedra e de terra, chegaram-lhe sons abafados. Vinham da direcção de Park Pobedy. E não podia haver dúvidas quanto à sua origem. Artyom ficou imóvel, à escuta, sentindo-se gradualmente gelar e compreendendo: estava a ouvir algo que não era possível – música.

Alguém, ou alguma coisa, a vários quilómetros de distância, estava a reproduzir a melodia melancólica que saía da caixa de música, nota após nota. Não era um eco: o músico desconhecido enganara-se em algumas passagens e reduzira uma nota mas o motivo mantinha-se completamente reconhecível. E já não era o som de um toque abrupto mas, mais, uma vibração... Ou o som de alguém a cantar? O coro indistinto de uma multidão de vozes? Não, era uma espécie de vibração, de zumbido...

– O que é? Está a tocar? – perguntou-lhe Oleg, com um sorriso.

– Chiu! Ainda estou a ouvir! O que é? – murmurou Artyom, numa voz rouca, mal entreabrindo os lábios.

– Música! O cano está a tocar! – explicou o rapaz, com simplicidade.

A impressão de melancolia e de opressão que este canto tão estranho causava em Artyom não se transmitira, aparentemente, ao rapaz. Para ele, tudo não passava de um jogo feliz e nunca lhe passaria pela cabeça perguntar como é que poderia estar a ouvir uma melodia proveniente de uma estação isolada do resto do mundo, de onde todos os habitantes tinham desaparecido de repente há mais de uma década.

Oleg voltou a trepar para o topo da pilha de pedras, preparando-se para começar outra vez a brincar com a caixa mas Artyom, de repente, sentiu um medo inexplicável tanto pelo que poderia acontecer não apenas a si próprio mas também ao rapaz. Agarrou-o por uma mão e, sem ligar aos protestos, arrastou-o para junto do forno.

– Cobarde! Cobarde! – gritou Oleg. – Só as crianças é que acreditam nessas histórias!

– Quais histórias? – perguntou Artyom, detendo-se e fitando-o nos olhos.

– As de que levam as crianças que vão para os túneis ouvir os canos!

– Quem é que as leva? – Artyom arrastou-o para mais perto do forno.

– Os mortos!

A conversa terminou. O guarda que falara na maldição pôs-se em pé e olhou-os de tal modo que as palavras ficaram presas na garganta de Artyom.

A aventura terminou a tempo. Anton e o saqueador estavam a regressar ao posto de vigilância e traziam mais alguém com eles. Artyom apressou-se a pôr o rapaz no lugar onde antes se encontrava. O pai pedira-lhe para olhar

por Oleg e não para ceder aos seus caprichos. E quem sabe em que superstições poderia Anton acreditar?

– Desculpem-nos mas atrasámo-nos – disse Anton, sentando-se no saco de areia ao lado de Artyom. – Ele não se portou mal, pois não?

Artyom abanou a cabeça, esperando que o rapaz tivesse o bom senso suficiente para não se gabar da sua aventura. Mas Oleg, no entanto, parecia ter percebido muito bem a situação e voltou a dispor os seus invólucros no seu campo de batalha com um olhar fascinado.

O terceiro homem que chegara com Anton e Melnik era magro, quase calvo, com um rosto chupado e olheiras e Artyom não o conhecia.

Aproximando-se do forno por um instante, acenou aos guardas e deixou que Artyom o examinasse cuidadosamente mas não lhe dirigiu a palavra. E Melnik fez as apresentações.

– É Tretyak – disse a Artyom. – Vai acompanhar-nos. É um especialista. Em mísseis.

64 N.T. – Park Pobedy
A estação de Park Pobedy ("Parque da Vitória") foi construída em 2003 no parque do mesmo nome, construído em 1995 para assinalar o cinquentenário da vitória sobre o nazismo. A estação está situada a 84 metros de profundidade e é a mais funda de Moscovo. Deveria ser o ponto de partida de uma nova linha do Metro.

65 N.T. – Spetsnaz
Acrónimo de Spetsialnoye Nazranie, as forças especiais russas.

OS CÂNTICOS DOS MORTOS

– Aí não há entradas secretas e nunca houve. Mas tu sabes isso! – Tretyak levantou a voz, num tom de desagrado, e Artyom pôde ouvi-lo com clareza.

Estavam de regresso do serviço de patrulha, a caminho de Kievskaya. Melnik e Tretyak seguiam atrás dos outros, um pouco distanciados, a conversarem animadamente. Quando Artyom se deixou ficar para trás, para participar na conversa, os dois homens baixaram o tom de voz e Artyom teve de regressar para junto do grupo. O pequeno Oleg, que os acompanhava a saltitar, tentando não ser deixado para trás e recusando-se a subir às cavalitas do pai, agarrou-se de imediato à mão de Artyom, com uma expressão de felicidade.

– Eu também sou especialista em mísseis! – anunciou.

Artyom olhou, surpreendido, para o rapaz. Estava junto deles quando Melnik lhe apresentou Tretyak e o provável era ter ouvido a expressão por acaso. Mas compreenderia o seu significado?

– Mas não digas a ninguém! – acrescentou Oleg, apressadamente. – Os outros não podem saber. É um segredo.

– Está bem, não conto a ninguém – respondeu Artyom, na mesma onda.

– Não é vergonha nenhuma, antes pelo contrário. Uma pessoa deve sentir-se orgulhosa disso mas os outros podem dizer coisas más e apenas por inveja – explicou o rapaz, embora Artyom não tivesse mostrado a intenção de perguntar-lhe fosse o que fosse.

Anton seguia à frente deles, a uns dez passos de distância, iluminando o túnel com a sua lanterna. Com um aceno de cabeça para a sua figura frágil, o rapaz sussurrou a Artyom:

– O meu papá disse-me para não mostrar a ninguém mas tu sabes guardar segredos. Olha! – De um bolso interior tirou o que lhe pareceu ser um pequeno fragmento de tecido.

Artyom voltou o foco da lanterna para o objecto. Era uma círculo de uma

substância que parecia borracha, espesso, com cerca de sete centímetros de diâmetro – uma insígnia militar arrancada a uma peça de tecido.

O verso era completamente preto e, na parte da frente, confluíam três objectos oblongos que lhe eram desconhecidos, sobre um fundo negro, num padrão que não era muito diferente das estrelas de papel de seis pontas com que era decorada VDNKh no Ano Novo.

Um dos objectos estava na vertical e Artyom reconheceu nele uma bala de uma metralhadora ou de uma espingarda de precisão mas com o que pareciam ser asas na parte de baixo. Já não conseguiu foi reconhecer os outros dois objectos, que eram idênticos, de cor amarela e com anéis dos dois lados. O misterioso enfeite estava rodeado por uma grinalda estilizada, como as dos antigos emblemas militares, com letras dispostas em círculo em redor da superfície de borracha. Mas as letras estavam desbotadas e Artyom não conseguiu ver, por baixo da figura, mais do que fragmentos: "... Aérea..." e "... ússia." Se tivesse mais algum tempo, talvez conseguisse perceber o que o rapaz lhe estava a mostrar mas já não tinha.

– Eh, Olezhek! Vem cá! Tenho aqui uma coisa para ti! – chamou Anton.

– O que é? – perguntou Artyom ao rapaz.

Mas Oleg arrancou-lhe o emblema da mão e enfiou-o no bolso, piscando o olho a Artyom e exclamando, com o rosto a brilhar de orgulho e pronunciando cuidadosamente as palavras:

– MVR!

Utilizando uma escada desmontável para subirem para a plataforma, os membros da patrulha dispersaram-se, regressando às suas tendas. A mulher de Anton estava à espera do marido junto à saída. E, ao ver o filho, apressou-se a ir ter com Oleg, sem conter as lágrimas, agarrando-o por um braço e voltando-se para Anton, a ralhar com ele:

– Estás a tentar preocupar-me? Que podia eu pensar? O miúdo já saiu de casa há várias horas! Por que motivo é que hei-de ser eu a ter de pensar nisso? Tu próprio és como uma criança! – gritou. – Não podias tê-lo trazido para casa?!

– Lena, por favor, em frente das outras pessoas não – murmurou o marido, olhando em redor com algum embaraço. – Eu não podia sair do posto. Pensa bem no que estás a dizer: um comandante a deixar de repente o seu

posto...

– Um comandante! Então vai é comandar! Como se não soubesses o que aqui se passa! O filho mais novo do nosso vizinho desapareceu há uma semana...

Melnik e Tretyak começaram a andar mais depressa e nem sequer pararam para dizer adeus a Anton, deixando-o a sós com a mulher. Artyom apressou-se a acompanhá-los. Durante algum tempo, embora as palavras não se percebessem, ainda se fizeram ouvir o choro e as queixas da mulher de Anton .

Os três homens dirigiram-se para as instalações da administração, onde se encontrava o chefe da estação. Minutos depois, já se encontravam sentados na sala das tapeçarias esfiapadas. E o chefe, com um aceno de cabeça e um olhar sabedor, deixou-os a sós quando Melnik lho pediu.

– Parece que não tens passaporte, não é? – perguntou Melnik, voltando-se para Artyom.

Artyom abanou a cabeça. O passaporte fora-lhe confiscado pelos fascistas e, sem ele, ficava naturalmente transformado num pária da sociedade.

A Hansa, a Linha Vermelha e a Pólis não o aceitariam. Ao lado do saqueador, ninguém lhe faria perguntas pessoais mas, sozinho, ficava obrigado a deambular pelas estações periféricas como Kievskaya ou mesmo selvagens. E nem poderia sonhar em regressar VDNKh.

– Não vou poder levar-te para a Hansa sem passaporte. Mas o caminho mais curto para Mayakovskaya é através do Círculo – disse Melnik, corroborando os seus pensamentos. – Pode ser viável arranjar um novo mas isso vai demorar algum tempo. Que vamos fazer?

Artyom encolheu os ombros. Sentia-se inclinado a concordar com o saqueador. Era-lhe impossível esperar e ele próprio também não conseguiria, por si, evitar a Hansa para chegar a Mayakovskaya. O túnel de ligação pelo outro lado partia de Tverskaya. E regressar ao covil dos fascistas, e à estação que fora transformada numa masmorra, seria uma loucura. Um verdadeiro beco sem saída.

– Seria preferível irmos, eu e Tretyak, até Mayakovskaya – disse Melnik. – Procuraremos uma entrada para D-6. Encontramo-la e regressamos, para virmos ter contigo, e talvez seja fácil arranjar-te um passaporte. De qualquer

modo, mesmo que não encontremos uma entrada, regressamos. Não terás de esperar por nós durante muito tempo. Podemos chegar lá rapidamente. E tratar de tudo num dia. Queres esperar? – O saqueador olhou para Artyom, à espera de uma resposta.

Artyom voltou a encolher os ombros. Sentia que o estavam a tratar como uma criança. Fizera o que devia fazer, falara-lhes no perigo que parecia iminente e, agora, consideravam-no um empecilho.

– Excelente – disse o saqueador. – Espera por nós amanhã de manhã. E vamos por-nos já a caminho, para não perdermos tempo. No que se refere ao alojamento e à alimentação, vamos falar com Arkady Semionovich. Ele não te tratará mal. Bem, parece que está tudo... Mas não, não está. – Melnik meteu a mão no bolso e tirou do interior a mesma folha de papel suja de sangue onde estavam os esboços e as notas. – Fica com isto e faz uma cópia para mim. Quem sabe o que pode vir a acontecer? Mas não mostres isso a ninguém...

Melnik e Tretyak partiram menos de uma hora depois, tendo falado, antes, com o chefe da estação. O rigoroso Arkady Semionovich levou, de imediato, Artyom para a sua tenda e convidou-o a jantar com ele, sugerindo que aproveitasse para descansar.

A tenda destinada aos visitantes ficava afastada do centro e, embora fosse mantida em muito boas condições, Artyom sentiu-se desconfortável nela, logo desde o início. Espreitando para o exterior, verificou, mais uma vez, que as habitações estavam todas juntas e bem longe das entradas para os túneis. Agora que o saqueador partira, deixando-o sozinho numa estação que não lhe era familiar, regressava a sensação de inquietude que ele já havia experimentado. Kievskaya continuava a transmitir uma impressão de medo, mesmo de terror, sem que se percebesse porquê. Já começava a ser tarde. As vozes das crianças ouviam-se à distância e os adultos mal saiam das suas tendas. Artyom não teve vontade de ir deambular pela plataforma. Tendo lido pela terceira vez o papel que recebera por intermédio de Daniel, Artyom sentiu-se farto de ali estar e saiu, para ir ter com Arkady Semionovich, meia hora antes da hora para a qual fora convidado para jantar.

A sala de espera da zona da administração fora transformada numa

cozinha e uma rapariga bonita, pouco mais velha do que Artyom, já aí estava a trabalhar. Numa frigideira grande estavam a apurar carne e vegetais e, ao lado, iam cozendo mais tubérculos brancos iguais aos que comera em casa de Anton. O chefe da estação estava sentado num banco e folheava um livro com páginas rasgadas, em cuja capa se viam um revólver e umas pernas femininas com meias pretas compridas. Ao ver Artyom, Arkady Semionovich pôs o livro de lado, com algum embaraço.

– Deve ser muito maçador para si estar aqui – disse a Artyom, com um sorriso constrangido. – Venha comigo até ao meu gabinete. Katerina vai pôr a mesa para nós jantarmos. E bebemos qualquer coisa, entretanto. – Arkady Semionovich piscou-lhe o olho. A sala das tapeçarias e da caveira parecia, agora, completamente diferente. Iluminada por um candeeiro de secretária, com um abajur de tecido verde, tornara-se um pouco mais confortável. A tensão que assaltara Artyom na plataforma dissipou-se, sem deixar vestígios, perante a luz do candeeiro. Arkady Semionovich tirou uma pequena garrafa do armário e deitou um líquido castanho, com um aroma de pôr a cabeça às voltas, em dois copos invulgarmente redondos. Foi só um dedo e Artyom pensou que a garrafa devia ter custado muito mais do que uma caixa de garrafas do vinho que ele bebera em Kitay-Gorod.

– Um pouco de conhaque – disse Arkady Semionovich, em resposta ao seu olhar curioso. – Arménio, claro, mas tem quase trinta anos. À nossa! – O chefe olhou para o tecto com um ar sonhador. – Não tenha medo que não está contaminado. Eu próprio o verifiquei com o dosímetro.

A bebida, que Artyom não conhecia, era muito forte mas o sabor agradável e o aroma intenso tornavam-na deliciosa. Artyom não a engoliu toda de uma vez e tentou saboreá-la, seguindo o exemplo do seu anfitrião. E começou a sentir um fogo dentro de si que depois se apagou, deixando um calor reconfortante. A sala tornara-se ainda mais agradável e Arkady Semionovich ainda mais simpático.

– É surpreendente – comentou Artyom, revirando os olhos de satisfação.

– É excelente, não é? Os saqueadores encontraram caixas de mantimentos completamente intactos em Krasnopresnenskaya – explicou o chefe da estação –, numa cave, como já tinha acontecido noutros casos. O sinal desaparecera da porta e ninguém reparou nela. Mas um deles lembrou-se de

lá ter visto qualquer coisa, antes disso, e decidiu ir verificar. E o conhaque estava lá há tantos anos que até tinha ficado melhor. Como nos conhecíamos, ele deu-me duas garrafas por cem balas. Em Kitay-Gorod, cada uma custa duzentas.

Arkady Semionovich levantou o copo, bebeu mais um gole e observou-lhe o conteúdo contra a luz do candeeiro.

– Chamava-se Vasya, este saqueador – disse, depois. – Era um bom homem. Não um miúdo que andasse por aí à toa mas um homem, ainda novo mas muito sério. Só arranjava coisas boas. E quando voltava com mantimentos era comigo que vinha falar primeiro. "Bem", dizia-me, "Semionich, tenho mais coisas..." – Arkady Semionovich fez um sorriso triste.

– Aconteceu-lhe alguma coisa? – perguntou Artyom.

– Gostava muito de Krasnopresnenskaya. Estava sempre a dizer que era aí o verdadeiro El Dorado – respondeu Arkady Semionovich. – Estava tudo intacto no arranha-céus estalinista[66]. Percebia-se porquê... O jardim zoológico era logo no outro lado da rua. Quem é que se arriscaria a ir meter lá a cabeça, em Krasnopresnenskaya? Tinham tanto medo... Vasyatka era um homem desesperado, estava sempre a arriscar-se. E depois meteu-se num sarilho, no fim. Arrastaram-no para o jardim zoológico enquanto o companheiro dele mal teve tempo de fugir. Portanto, bebamos à memória dele. – O chefe da estação respirou pesadamente e deitou mais conhaque nos copos.

Lembrando-se do preço invulgarmente elevado da bebida, Artyom esteve quase a protestar mas Arkady Semionovich meteu-lhe o copo redondo na mão, com um gesto decidido, explicando-lhe que uma recusa ofenderia a memória do indomável saqueador que lhe garantira a bebida divina.

Nessa altura, a rapariga já tinha posto a mesa. Arkady Semionovich mudou para uma aguardente de destilação caseira vulgar mas bastante decente. A carne tinha sido preparada de uma maneira que a tornara deliciosa e a bebida acompanhava-a muito bem.

– A vossa estação não me agrada – disse Artyom, falando já com toda a franqueza cerca de hora e meia depois. – Mete medo, como se houvesse qualquer coisa a oprimi-la...

– Nós habituámo-nos – disse Arkady Semionovich, abanando a cabeça com um olhar vago. – E as pessoas vivem aqui. Não é pior do que noutras estações...

– Não, não pense que eu não compreendo. – Calculando que o chefe de Kievskaya se sentira ofendido, Artyom apressou-se a tranquilizá-lo. – Com certeza que está a fazer tudo o que está ao seu alcance... Mas há aqui qualquer coisa. E as pessoas só falam de uma coisa: dos que desaparecem...

– Mas isso é uma mentira! – interrompeu Arkady Semionovich. – Nem todos desaparecem – acrescentou, no entanto. – Só as crianças.

– São os mortos que as levam?

– Quem é que sabe quem as leva? Eu, pessoalmente, não acredito nisso dos mortos. Vi muitos mortos durante toda a minha vida, acredite. E eles não são capazes de levar ninguém. Deixam-se é ficar sossegados. Mas ali, para lá do túnel bloqueado – Arkady Semionovich acenou com uma mão na direcção de Park Pobedy e quase perdeu o equilíbrio –, há alguém. De certeza. E é-nos impossível ir lá.

– Porquê? – Artyom tentou concentrar-se no copo mas a superfície vidrada estava a ficar cada vez mais indistinta e até parecia estar a desaparecer.

– Espere um pouco, que vou mostrar-lhe...

O chefe da estação levantou-se com dificuldade, dando um encontrão na mesa, e, num passo oscilante, aproximou-se do armário. Depois de procurar numa das prateleiras, ergueu uma seta metálica comprida com algumas penas na extremidade mais grossa.

– O que é isso? – perguntou Artyom, franzindo o sobrolho.

– Era o que eu gostava de saber...

– Onde é que encontrou isto?

– Tirei-o do pescoço de um dos guardas que estava a vigiar o túnel. Não deitou sangue quase nenhum mas o certo é que ele ficou ali, azulado, a espumar da boca.

– Terá vindo de Park Pobedy? – perguntou Artyom.

– Só o Diabo é que sabe – resmungou Arkady Semionovich, voltando a encher os copos. – Mas – e pôs a seta de novo no armário – não diga a ninguém.

– Mas por que motivo é que não o contou? Podiam ajudá-lo e as pessoas

voltavam a acalmar-se.

– Não, ninguém se acalmaria e todos fugiriam como ratos! Aliás, já estão a fugir... Não se podem defender, aqui, porque não há um inimigo. O inimigo não se vê e é por isso que nos aterroriza. Por isso, se eu lhes mostrar esta seta, de que serve? Acha que ficará tudo mais tranquilo? É ridículo! Os filhos da puta ir-se-ão todos embora, deixando-me aqui sozinho! E que chefe de estação serei eu, sem eles? Sem o povo? Um capitão sem navio! – Arkady Semionovich levantara a voz mas, agora, emitiu só um guincho e ficou em silêncio.

– Arkasha, Arkasha... Não vale a pena, está tudo bem... – A rapariga sentou-se a seu lado, surpreendida, a afagar-lhe a cabeça. E através do nevoeiro alcoólico que o rodeava, Artyom conseguiu compreender, com alguma tristeza, que Katerina não era a filha do chefe.

– Vão todos fugir, os filhos da puta! Como ratos de um navio! E eu ficarei sozinho! Mas nós não cedemos! – Arkady Semionovich não se mostrou mais calmo.

Artyom pôs-se em pé com dificuldade e caminhou até à porta, com um andar incerto. O guarda que estava do lado de fora apontou com o dedo para o seu próprio pescoço[67], lançou um olhar de curiosidade a Artyom e acenou com a cabeça para o gabinete de Arkady Semionovich.

– Perdido de bêbedo – confirmou Artyom. – É melhor não o chamar até de manhã. – E, com um andar oscilante, pôs-se à procura da tenda dos visitantes.

Precisava de encontrar o caminho. Tentou, algumas vezes, entrar em tendas alheias mas protestos grosseiros de vozes masculinas e guinchos femininos muito agudos mostraram-lhe que estava na tenda errada. A aguardente revelara-se bem mais forte do que o vinho ou a cerveja artesanais mais vulgares e só agora é que Artyom começava a sentir a totalidade dos seus efeitos. Os arcos e as colunas pareciam flutuar diante dos seus olhos e, para piorar as coisas, estava a começar a sentir-se agoniado.

A uma hora normal, talvez alguém o ajudasse a encontrar a tenda mas agora a estação parecia completamente deserta. E mesmo os postos de vigilância à entrada dos túneis pareciam estar abandonados.

Três ou quatro lâmpadas fracas estavam ainda acesas na estação e, fora da

zona directamente iluminada, a plataforma mergulhara na escuridão. Quando Artyom resolveu parar, olhando em redor mais atentamente, começou a parecer-lhe que qualquer coisa se sobrepunha à penumbra, dando a ideia de estar a agitar-se. Sem acreditar no que via, avançou para um ponto especialmente suspeito com a curiosidade e a temeridade de um ébrio. Já perto da passagem para a linha de Filyovskaya, numa das arcadas, os movimentos das sombras já não pareciam ser tão lentos mas mais precisos e quase deliberados.

– Eh! Quem está aí? – gritou, a uma distância de quinze passos.

Não teve resposta mas pareceu-lhe que uma sombra comprida se destacava de uma zona mais escura, fundindo-se quase com a penumbra. E Artyom teve a certeza de que havia alguém a observá-lo, da escuridão. E, apesar de estar a tremer, conseguiu manter o equilíbrio e deu um passo em frente.

A sombra ficou, de imediato, mais pequena, como se encolhesse, e desapareceu. Artyom sentiu um cheiro súbito e enjoativo e recuou, estremecendo. Que cheiro era aquele? Recordou-se do que já tinha visto no túnel que ia dar ao Quarto **c quot** : corpos empilhados, com as mãos atadas atrás das costas. O cheiro da morte?

Nesse preciso momento, com uma velocidade demoníaca, como se fosse uma seta disparada por um arco, a sombra arremessou-se contra ele. E apareceu-lhe diante dos olhos uma face pálida, coberta por manchas estranhas, com os olhos muito encovados.

– Os mortos! – exclamou Artyom, perdendo o fôlego.

E a cabeça pareceu explodir-lhe em milhares de fragmentos, enquanto o tecto dançava e se punha de cabeça para baixo e tudo de desvanecia. Aparecendo e desaparecendo num silêncio muito ténue, julgou ouvir vozes e avistar qualquer coisa.

– ... A mamã não me deixa. Ficará zangada – disse a criança, de muito perto. – Foi impossível, ela gritou a noite toda. Eu não tenho medo, porque vocês não me metem medo e cantam muito bem. Só não quero que a mamã esteja outra vez a chorar. Não levem a mal! Bem, só se for por um bocadinho... E regressamos antes do amanhecer?

– O tempo está a passar. O tempo está a passar – repetiu uma voz de homem, baixinho. – Não temos muito tempo. Já estão demasiado perto.

Levanta-te. Não fiques aí deitado. Levanta-te! Se perdes a esperança, se vacilas ou se desistes, os outros vão tomar rapidamente o teu lugar. Eu vou continuar a lutar. E tu também devias. Levanta-te! Não estás a perceber...

E depois ouviu outra voz:

– Quem? Do chefe? Como convidado? Ah, na tenda dos convidados. Dá uma ajuda. Agarra-o pelas pernas! É pesado... Não te importes com o que ele tem nos bolsos. Pronto, está bem, estou a brincar. É só isso. Já fizemos o que pudemos. Para mim já chega. E eu vou-me embora...

A aba da tenda foi levantada, num gesto repentino, e o foco de uma lanterna bateu-lhe no rosto.

– És Artyom?

Artyom teve dificuldade em ver o rosto de quem o chamava mas a voz pareceu-lhe juvenil. Saltou da cama mas sentiu a cabeça a andar à roda e ficou agoniado. Começou a sentir uma dor pesada na nuca e, ao tocar-lhe, sentiu-a como se estivesse em chamas. O cabelo parecia ter-se-lhe colado à cabeça, o que talvez fosse devido a sangue já seco. Que lhe acontecera?

– Posso entrar? – perguntou o recém-chegado, entrando e fechando a aba da tenda sem esperar pela resposta. Colocou um objecto metálico na mão de Artyom e, conseguindo finalmente acender a sua própria lanterna, o jovem viu o que era: um cartucho com a ponta torcida, exactamente como a que o Caçador lhe dera. Não acreditando no que estava a ver, Artyom tentou abri-lo mas o cartucho escorregou-lhe dos dedos. As mãos estavam suadas devido à excitação. Finalmente, conseguiu extrair um fragmento de papel, que iluminou. Seria mesmo uma missiva do Caçador? "Complicações imprevistas. A saída para D-6 está bloqueada. Tretyak foi morto. Espera por mim e não saias daí. Precisamos de tempo para nos organizarmos. Regressarei assim que puder. Melnik." Artyom leu novamente a mensagem, analisando o seu conteúdo. Tretyak morto? A saída para o Metro-2 bloqueada? Isto significava que todos os planos que haviam feito e todas as suas esperanças estavam transformadas em poeira e cinzas? Olhou para o mensageiro, ainda estonteado.

– Melnik quer que fiques aqui à espera dele – confirmou o visitante.

E prosseguiu:

– Tretyak está morto. Mataram-no. Com uma seta envenenada, disse

Melnik. Não sabemos quem foi. Ele está a organizar uma mobilização geral. É isto. Eu tenho de ir. Transmito-lhe alguma resposta?

Artyom pensou um pouco no que poderia escrever ao saqueador. Que poderia fazer? Que esperança poderia ter? Talvez largar tudo e regressar a VDNKh e passar os últimos minutos com as pessoas que lhe eram mais próximas? Abanou a cabeça. O mensageiro voltou-se, sem dizer nada, e saiu. Artyom deitou-se, outra vez, e ficou a pensar. Não havia sítio nenhum para onde pudesse ir. Não conseguia entrar no Círculo nem regressar a Smolenskaya sem um passaporte e sem companhia. A sua única esperança seria Arkady Semionovich – se fosse tão hospitaleiro nos dias seguintes como fora na véspera.

Em Kievskaya, já era "dia". A luz já era outra vez tão brilhante como a vira na véspera e, junto às instalações administrativas, onde se situava o apartamento do chefe da estação, havia outra lâmpada de mercúrio a reproduzir a luz do dia. Piscando os olhos, devido à dor que tinha na cabeça, Artyom dirigiu-se, com dificuldade, ao gabinete do chefe. Um guarda mandou-o parar, à entrada, com um simples gesto. No interior, ouvia-se o barulho de vários homens a falar com vozes excitadas.

– Ele está ocupado – disse-lhe o guarda. – Pode esperar, se quiser.

Minutos mais tarde, Anton saiu disparado do gabinete. O chefe ia no seu encalço. Embora tivesse o cabelo outra vez muito bem penteado, tinha olheiras e o rosto estava visivelmente inchado e com uma barba grisalha muito incipiente.

– Mas que posso eu fazer? Que hei-de fazer? – exclamou o chefe, correndo atrás de Anton. Mas depois, cuspindo e batendo com a mão na testa, parou, a olhar para Artyom. – Já está levantado? – perguntou-lhe, olhando-o de lado.

– Tenho de ficar aqui consigo até Melnik regressar – respondeu Artyom, como quem pede desculpa.

– Eu sei, eu sei. Já me informaram. Vamos para dentro. Deram-me uma ordem que lhe diz respeito. – Com um gesto, Arkady Semionovich indicou-lhe que entrasse. – Portanto, disseram-me que o fotografasse, para lhe fazer um passaporte, enquanto está à espera de Melnik. – Ainda tenho o equipamento, de quando Kievskaya era uma estação normal... Talvez ele

consiga trazer um passaporte em branco e fazemos-lhe aqui o documento.

Sentando Artyom num banco, Arkady Semionovich apontou para ele uma pequena máquina fotográfica de plástico. O **r**ª**m**É piscou, encandeando-o e Artyom passou os cinco minutos seguintes completamente cego, a tentar olhar em volta sem, contudo, conseguir ver fosse o que fosse.

– Desculpe-me, esqueci-me de o avisar... E deve estar cheio de fome. Venha, que Katya vai dar-lhe de comer. Mas eu hoje não vou ter tempo para si. As coisas estão a piorar. O filho mais velho de Anton desapareceu durante a noite. E ele está a pôr a estação em estado de sítio... E para quê? Disseram-me que o encontraram esta manhã entre as plataformas. Com uma ferida na cabeça? Que aconteceu?

– Não me lembro. O mais provável é ter caído quando ainda estava embriagado – respondeu Artyom, vagarosamente.

– Ah, sim... Foi bom que pudéssemos estar juntos, ontem – disse o chefe, com um sorriso. – Muito bem, Artyom. Tenho de pôr-me ao trabalho. Apareça mais tarde.

Artyom saiu do banco. Viu, diante de si, o rosto do pequeno Oleg. O filho mais velho de Anton... Seria mesmo ele? Lembrou-se de como, na noite anterior, o rapaz fizera rodar a manivela da sua caixa de música, colocando-a sobre o ferro do cano e dizendo depois que só as crianças pequenas é que têm medo de que os mortos as levem, se entrarem nos túneis e se se puserem a ouvir os canos. Artyom sentiu um arrepio. Seria verdade? Teria isso acontecido por sua causa? Voltou a olhar para Arkady Semionovich, sem saber o que dizer, ainda abriu a boca mas acabou por sair em silêncio.

Regressando à tenda, sentou-se no chão e deixou-se ficar assim durante algum tempo, em silêncio, a olhar para o nada. Parecia-lhe, agora, que quem o escolhera para esta missão rogara-lhe ao mesmo tempo uma praga, porque quase toda a gente com quem ele fizera pelo menos uma parte do caminho estava morta: Bourbon, Mikhail Porfirievich e o rapaz, Daniel... Khan desaparecera sem deixar rasto e mesmo os combatentes da brigada revolucionária que o tinham salvo podiam ter sido mortos no cruzamento seguinte. E agora Tretyak. E o pequeno Oleg, também? Era ele, Artyom, o causador da morte dos seus companheiros?

Sem perceber o que estava a acontecer, levantou-se de um salto, pôs a

tiracolo a mochila e a metralhadora e saiu, para a plataforma. Caminhou, com passos automáticos, até ao ponto onde fora atacado durante a noite.

Mais perto, sentiu-se paralisado. O rosto do morto voltou a aparecer-lhe por entre a neblina ténue das suas recordações de ébrio. Lembrava-se bem. E não tinha sido um sonho. Decidiu encontrar Oleg ou, pelo menos, ajudar Anton a procurar o filho. A culpa era toda sua. Ele não olhara pelo rapaz, como o pai lhe pedira. Deixara Oleg entregue às suas estranhas brincadeiras com os canos e ele ficara são e salvo mas o rapaz desaparecera. E Artyom estava convencido de que ele não fugira. Acontecera qualquer coisa má e inexplicável durante a noite e Artyom sentia-se duplamente culpado porque poderia tê-lo impedido mas fora incapaz de o fazer.

Olhou para o ponto onde a estranha figura se escondera nas sombras. Já aí tinham despejado um saco de lixo mas, ao ir pesquisar o local, Artyom só conseguiu pregar um susto a um gato vadio. Depois de examinar a plataforma, sem resultado, dirigiu-se à linha e saltou para os carris. Os guardas que estavam à entrada olharam preguiçosamente para ele e avisaram-no de que, ao entrar no túnel, o fazia por sua própria conta e risco e que ninguém se responsabilizaria por ele.

Desta vez, Artyom não percorreu o mesmo túnel da véspera mas optou pelo segundo, que lhe era paralelo. O posto de vigilância encontrava-se junto ao bloqueio. Aí, um barril de ferro fazia de recipiente, em vez do forno da outra patrulha, com sacos empilhados à sua volta. Ao lado encontrava-se uma vagoneta manual, cheia de baldes com carvão no interior.

Os guardas que se encontravam no posto estavam a conversar, numa voz baixa, e, ao verem-no chegar, saltaram dos seus lugares, a olhar para ele com toda a atenção. Mas um deles disse que ele podia passar e os outros acalmaram-se e regressaram aos seus lugares. Mais de perto, Artyom viu que o comandante era Anton e apressou-se a murmurar qualquer coisa que nem percebeu o que era, começando a recuar. As faces ardiam-lhe de vergonha e sentia-se incapaz de olhar para o rosto do homem cujo filho desaparecera por causa dele.

Baixando a cabeça, Artyom ainda tentou dizer, em voz baixa: “A culpa foi minha... Não consegui... Que podia eu ter feito?” O foco da lanterna oscilou e Artyom viu, de repente, um pequeno objecto caído na zona de sombra

entre duas travessas.

Mesmo à distância, pareceu-lhe reconhecê-lo e sentiu o coração a bater mais depressa. Baixando-se, Artyom apanhou a pequena caixa de música. Rodou a manivela e a caixa respondeu-lhe com a triste melodia metálica. Era a caixa de música de Oleg. Atirada para o chão ou ali largada, por ele, num gesto de acaso.

Artyom pousou a mochila e começou a examinar, com atenção redobrada, as paredes do túnel. Perto dali havia uma porta que dava para instalações do próprio Metro mas o que aí existia era apenas uma casa de banho pública em ruínas. Vinte minutos mais tarde, concluída uma nova inspecção do túnel, não conseguiu chegar a nenhuma conclusão.

Regressando para junto da sua mochila, Artyom sentou-se no chão, as costas apoiadas na parede. Inclinou a cabeça para trás, a olhar para o tecto, sentindo-se exausto. E um segundo mais tarde estava de novo em pé, a olhar para o que o foco oscilante da lanterna lhe revelava: uma fenda negra, que mal se via, no cimento escurecido do tecto. A fenda tinha uma porta de alçapão, mal fechada, que ficava mesmo por cima do local onde ele apanhara do chão a caixa de música de Oleg. Mas não conseguiria lá chegar porque o tecto tinha mais de três metros de altura.

A solução apresentou-se-lhe com a vivacidade de um relâmpago. Agarrando na caixa de música e largando a mochila nos carris, Artyom correu para o posto de vigilância. Já não receava encarar Anton. Andando mais devagar à medida que se aproximava dos guardas, para não os assustar, o jovem chegou junto de Anton e, num sussurro, contou-lhe a sua descoberta. Dois minutos mais tarde deixavam o posto, com a vagoneta.

Pararam-na mesmo por baixo do alçapão. A vagoneta tinha a altura suficiente para Anton se pôr em pé em cima dela e para Artyom, subindo para os ombros de Anton, chegar à abertura e puxar depois pelo pai de Oleg. Embora o estreito corredor tivesse dois sentidos, Anton decidiu seguir na direcção de Park Pobedy.

Segundos depois, verificaram que Anton tivera razão. À luz ténue da lanterna avistaram um invólucro de bala oblongo. Era um dos que Melnik oferecera ao rapaz no dia anterior. Animado pela descoberta, Anton começou a correr. Percorridos vinte metros, deparou com uma

encruzilhada, em que o corredor terminava numa parede e onde havia outra porta de alçapão, entreaberta, que dava para uma abertura no chão. Anton, confiadamente, esgueirou-se pela abertura. E desapareceu antes de Artyom conseguir dizer alguma coisa. Ouviu-se um estrondo, várias pragas e uma voz sufocada disse, de baixo: "Cuidado ao saltar, que é uma altura de três metros. Vem! Eu ilumino-te o caminho." Assentando as mãos na beira do alçapão, Artyom meteu-se pela abertura e, balançando várias vezes, largou-se, tentando atingir com as ambas as pernas o espaço entre as travessas.

– E como é que vamos sair daqui? – interrogou-se, enquanto se punha em pé.

– Alguma coisa havemos de descobrir – respondeu Anton, desvalorizando o problema com um aceno. – Mas tens mesmo a certeza de que ontem não estiveste a sonhar?

Artyom encolheu os ombros. Apesar da dor que ainda tinha na nuca, a ideia de ter sido atacado por algum ser, na noite anterior, em Kievskaya, parecia-lhe um absurdo agora que já se encontrava sóbrio.

– Vamos para Park Pobedy – decidiu Anton. – Se, na realidade, existe alguma ameaça, é só daí que ela pode vir. Também o sentiste, visto que já conheces a nossa estação.

– Por que motivo é que ontem não nos disseram nada? – perguntou Artyom, aproximando-se de Anton e tentando manter o mesmo andamento.

– Ordens de cima – respondeu o pai de Oleg, taciturno. – Semionovich tem medo que o pânico se generalize e disse que não devemos espalhar rumores. Ele preocupa-se muito em manter a sua posição. Mas toda a gente tem limites. Eu já lhe tinha dito, há muito tempo, que não seria possível manter um segredo destes para sempre... Nos últimos dois meses desapareceram três crianças e quatro famílias deixaram a estação. E houve o guarda que apareceu com a seta no pescoço. E o chefe da estação diz que o pânico pode rebentar e que perderemos o controlo. Ele é um cobarde! – cuspiu Anton, numa manifestação súbita de raiva.

– Mas quem fez aquela seta...

Artyom calou-se e parou e Anton também.

– O que é aquilo? Estás a ver? – perguntou Anton, surpreendido.

Artyom não respondeu. Ficou parado, a olhar para o chão, limitando-se a

mover a lanterna para a esquerda e para a direita, procurando ver melhor aquilo para que o seu companheiro estava a apontar. No chão, via-se desenho grosseiro de uma figura gigantesca, pintada com tinta branca. Era uma silhueta ondulante com cerca de dois metros de comprimento e talvez quarenta centímetros de largura, que parecia uma serpente, ou um verme, a rastejar. Uma das extremidades era mais grossa, o que fazia lembrar ainda mais um grande réptil.

– Uma serpente – sugeriu Artyom.

– Ou então entornaram tinta – replicou Anton, tentando brincar.

– Não, não foi tinta entornada ao acaso. A cabeça está ali... E está voltada naquela direcção: a rastejar no sentido de Park Pobedy...

– Vamos por aí, então...

Algumas centenas de metros mais à frente, depararam com mais três invólucros de bala no meio do caminho. E começaram a andar ainda mais depressa.

– Que rapaz! – exclamou Anton, orgulhoso. – Nem me passou pela cabeça que ele pudesse lembrar-se de deixar uma pista!

Artyom concordou, com um aceno de cabeça. Tinha uma certeza cada vez maior de que o rapaz ainda estava vivo, apesar de a criatura, que até o atacara sem Artyom dar por isso, poder fazer o que quisesse a Oleg. E dar-se-ia o caso de Oleg ter acompanhado o seu misterioso raptor voluntariamente? Se assim fosse, por que motivo teria ele deixado vestígios? Artyom ficou calado durante alguns minutos, tal como Anton. A escuridão pesada estava a dissipar a alegria e a esperança que já haviam sentido e Artyom voltou a sentir-se assustado.

Para poder mostrar ao pai da criança o seu arrependimento pelo que permitira que acontecesse, Artyom esquecera-se dos avisos e das histórias terríveis que ouvira contar em sussurros. E esquecera-se da ordem do saqueador de não deixar Kievskaya. Anton não parava, com a preocupação de encontrar o filho, mas por que motivo havia Artyom de ir a Park Pobedy? Porque é que punha em perigo, desse modo, a sua própria vida e a sua missão? Por instantes, recordou-se dos dois estranhos que encontrara em Polyanka e da conversa sobre o destino e sentiu-se aliviado. Mas o alívio não durou mais do que uns dez minutos, desaparecendo quando voltaram a

encontrar o símbolo da serpente.

Este desenho já tinha o dobro do tamanho do primeiro e parecia destinado a convencer os viajantes de que iam mesmo na direcção certa. Mas Artyom não se sentiu muito satisfeito ao vê-lo.

O túnel parecia não ter fim. Continuaram sempre a andar e, pelas contas de Artyom, já estariam em movimento há mais de duas horas.

A terceira serpente pintada era gigantesca, com mais de dez metros de comprimento. E, aí, já ouviram qualquer coisa. Anton ficou parado, à escuta do que pudesse ouvir-se vindo do túnel, tal como Artyom. Os sons que vinham das profundezas eram entrecortados. De início, Artyom não os conseguiu identificar mas acabou por perceber: um cântico semelhante ao que ouvira nos tubos, quando a caixa de música estivera a tocar no túnel de Kievskaya, desta vez acompanhado por tambores.

– Já não estamos longe – disse Anton, com um aceno de cabeça.

O tempo, que até então lhes parecera muito vagaroso, parecia agora quase completamente paralisado. Olhando para o seu companheiro, Artyom percebeu, com uma clareza surpreendente, que ele estava a acenar com a cabeça, com movimentos cada vez mais intensos, como se estivesse com convulsões. E quando Anton começou a tombar, num movimento cómico deslizando devagar para o chão como se fosse um animal de brincar feito de trapos, Artyom pensou que ainda poderia impedi-lo de cair porque ainda havia muito tempo para o fazer. Mas uma picada ligeira no ombro travou-o. Olhando, intrigado, para o local onde sentira a picada, Artyom viu uma seta de aço com penas espetada no blusão. Quis arrancá-la mas não conseguiu. O corpo estava totalmente petrificado e, de repente, foi como se tivesse ficado sem ele. As pernas frágeis cederam à força da gravidade e Artyom caiu no chão. Ficou quase consciente mas sentiu uma dificuldade enorme em respirar. Não conseguiu mover nem os braços nem as pernas. Ouviu passos, rápidos e leves, muito perto dele. O ser que se aproximava não podia ser humano. Artyom aprendera, há muito, a reconhecer o som dos passos humanos nas patrulhas de VDNKh. Um cheiro desagradável chegou-lhe então às narinas.

– Um, dois. Dois desconhecidos, abatidos – disse alguém por cima dele.

– Bom atirador, de longe.

– No pescoço, no ombro – disse a outra pessoa.

As vozes eram estranhas: desprovidas de entoação, neutras, a fazerem lembrar o zumbido monótono do vento nos túneis. Mas eram humanas, sem dúvida.

– Bem apontado. Assim quer o Grande Verme – prosseguiu a primeira voz.

– Um, tu... dois, eu. Vamos levar os dois desconhecidos – acrescentou a segunda.

A imagem diante dos olhos de Artyom levou um abanão – estavam a levantá-lo, com gestos bruscos. Por uma fracção de segundo, viu um rosto: magro, com olhos escuros encovados. Depois desligaram as lanternas e envolveu-o uma escuridão absoluta. E só quando sentiu o sangue a latejar na cabeça é que Artyom compreendeu que estavam a levá-lo para outro sítio qualquer, arrastando-o rudemente pelo chão como se fosse um saco. O estranho diálogo continuou durante algum tempo, sendo as frases agora sublinhadas por rugidos ofegantes.

– Uma seta paralisante e não veneno. Porquê?

– Ordenou o chefe. Ordenou o sacerdote. O Grande Verme quis que fosse assim. Preserva a carne.

– Isso é esperto. Tu e o sacerdote são amigos. O sacerdote está a ensinar-te.

– Sim.

– Um, dois, os inimigos aproximam-se. Cheira a pólvora, a fogo. Um inimigo mau. Como é que chegam aqui?

– Não sei. O chefe e Vartan fazem o interrogatório. Eu e tu somos os caçadores. É bom, o Grande Verme fica feliz. Eu e tu seremos recompensados.

– Muito? Botas? Um blusão?

– Muito. Botas, não. Blusão, não.

– Eu sou jovem. Caço os inimigos. É bom. Terei muito?... Uma recompensa?... Satisfeito.

– Este dia foi bom. Vartan trouxe um novo. Miúdo. Eu e tu, nós caçamos os inimigos. O Grande Verme está feliz, as pessoas cantam. Uma festa.

– Uma festa! Fico feliz. Dança? Vodka? Eu danço com Natasha.

– Natasha e o chefe dançam. Tu não.

– Eu sou jovem, forte, o comandante tem muitos anos. Natasha é jovem.

Eu caço inimigos, sou corajoso, isso é bom. Natasha e eu, nós dançamos.

Não muito longe, ouviram-se vozes a discutirem. Artyom calculou que tivessem sido trazidos para a estação. Aqui era quase tão escuro como nos túneis e havia uma única fogueira acesa, e era pequena. Artyom foi atirado, despreocupadamente, para junto das chamas. Foi agarrado pela barba por dedos que lhe voltaram o rosto para cima.

Rodeavam-no várias pessoas de aparência estranha que nunca imaginara que pudessem existir. Estavam quase nus e tinham as cabeças totalmente rapadas, sem parecerem ter frio. Na testa de cada um podia ver-se uma linha ondulante, idêntica aos desenhos que vira no túnel. A altura, reduzida, fazia-os parecer doentes, com os seus rostos encovados e a pele pálida, apesar de irradiarem uma força sobre-humana. Artyom lembrou-se da dificuldade que tivera Melnik em transportar Dez quando estavam a retirar-se da Biblioteca e comparou-a com a maneira como estas estranhas criaturas o haviam trazido para a estação. Quase todos tinham na mão uma zarabatana comprida e Artyom percebeu, surpreendido, que elas eram feitas com a cobertura plástica usada para isolar fios e cabos eléctricos. Facas de lâmina comprida pendiam-lhes dos cintos, parecendo ter tido origem nas baionetas das velhas **Sm#Ét uzÁá**. Pareciam ter todos a mesma idade e nenhum deles teria uma idade superior a trinta anos. Ficaram a examiná-lo em silêncio, durante algum tempo, e um homem com barba e com uma linha vermelha na testa disse:

– Muito bem. Estou feliz. Estes são os inimigos do Grande Verme, o povo das máquinas. Pessoas más, carne tenra. Grande Verme satisfeito. Sharap, Vovan corajosos. Vou levar o povo das máquinas para a prisão e interrogá-los. Festa amanhã, todas as pessoas boas comerão os inimigos. Vovan! Que seta? A paralisante?

– Sim, a paralisante – respondeu um homem encorpado com uma linha azul na testa.

– A paralisante é boa. A carne não ficará estragada – disse o homem barbudo, num tom elogioso. – Vovan, Sharap! Peguem nos inimigos e tragam-nos para a prisão. Venham comigo.

A claridade começou a diminuir. Ouviram-se outras vozes, mais perto, uma expressando o seu agrado com palavras incompreensíveis, outra dando

uivos soturnos. Depois, começaram a cantar baixinho, num som perturbador. Parecia que os mortos estavam realmente a cantar e Artyom lembrou-se das histórias que circulavam, relativamente a Park Pobedy. Voltaram a pô-lo no chão, atiraram Anton para junto dele e não tardou muito para Artyom perder a consciência.

*

Era como se alguém estivesse a empurrá-lo, sugerindo-lhe que devia levantar-se de imediato. Espreguiçando-se, Artyom acendeu uma lanterna, cobrindo-a com a mão para não ferir os olhos sensíveis e ainda estremunhados, inspeccionou a tenda (e onde estava a metralhadora, que não a encontrava?!) e saiu.

Encontrava-se na estação onde sempre vivera. Sentira imensas saudades de casa mas agora, ao regressar a VDNKh, já não se sentia tão satisfeito por ter regressado. O tecto cheio de fumo, as tendas vazias cheias de buracos de balas e as cinzas que pairavam no ar... Parecia que tinha acontecido qualquer coisa horrível e que a estação era, agora, completamente diferente do que ele se lembrava. À distância, talvez provenientes da passagem na outra extremidade da plataforma, ouviam-se uivos frenéticos, como se estivessem a cortar uma pessoa às fatias. Só duas lâmpadas de emergência fracas é que iluminavam a estação e a luz ténue atravessava com dificuldade as nuvens preguiçosas de fumo. A plataforma encontrava-se deserta, com excepção de uma menina que brincava junto a uma das tendas. Artyom ia perguntar-lhe o que acontecera ali e onde estavam as pessoas mas, ao vê-lo, a menina começou a chorar muito alto e Artyom desistiu.

Os túneis. Os túneis que iam de VDNKh para o Jardim Botânico. Se os habitantes da estação tivessem fugido sem pensarem bem, seria para aí. Se tivessem optado por se deslocarem para o centro do Metro, para a Hansa, não o teriam deixado e à criança sozinhos na estação.

Saltando para os carris, Artyom avançou para o vazio escuro que ficava para lá da abertura. “Ir sem armas é perigoso”, pensou. Mas nada tinha a perder e precisava de saber o que se passava. Os pretos teriam conseguido furar as defesas, de repente? Se assim fosse, a única esperança era ele. E precisava de descobrir a verdade e de relatá-la aos aliados do Sul.

A escuridão envolveu-o ao entrar no túnel e, com ela, o medo. Já não conseguia ver nada e só ouvia sons repugnantes de mastigação. Lamentou, mais uma vez, a falta de uma metralhadora mas já era muito tarde para voltar atrás. Ao longe ouviu sons que se iam aproximando gradualmente. Pareciam aproximar-se mais quando Artyom avançava, parando quando ele parava. Já lhe acontecera uma coisa parecida mas não conseguia lembrar-de de quando nem de onde. Era aterrorizador quando se aproximava assim uma coisa que ele não conhecia e não conseguia ver... Seria um adversário? Os joelhos trementes não lhe permitiam mover-se muito depressa e o tempo parecia favorecer o terror. Um suor frio escorreu-lhe pelas têmporas. Sentia-se pior a cada segundo que passava. E quando os passos já estavam a cerca de três metros dele, Artyom não se aguentou e, tropeçando, caindo e levantando-se outra vez, correu de regresso à estação. Ao cair pela terceira vez, as pernas enfraquecidas recusaram-lhe apoio e, nesse momento, compreendeu que a morte estava iminente.

*

– ... Tudo neste mundo provém do Grande Verme. Em tempos, o mundo já foi feito de pedra e nada havia nele senão pedra. Não havia ar e não havia água, não havia luz e não havia fogo. Não existia o homem e não existia o animal. Só havia pedras mortas. E, então, o Grande Verme construiu a sua casa.

– Mas como é que o Grande Verme chegou? De onde vem? De quem nasceu?

– O Grande Verme existiu sempre. Não interrompas. Construiu uma casa para si no centro do mundo e disse: "Este mundo será meu. É feito de pedra rija mas eu abrirei nela as minhas próprias passagens com os meus dentes. É frio mas eu aquecê-lo-ei com o calor do meu corpo. É escuro mas eu iluminá-lo-ei com a luz dos meus olhos. Está morto mas eu dar-lhe-ei vida com as minhas criações."

– O que são as criações?

– As criações são as criaturas que o Grande Verme fez sair do seu ventre. Eu e tu somos, ambos, criações dele. Aí está. E depois o Grande Verme disse: "Tudo será como eu disse, porque o mundo é meu a partir deste

momento.” E começou a abrir as passagens com os seus dentes, mastigando a pedra rija, e a pedra amoleceu no seu estômago, por efeito da sua saliva e dos seus sucos e a pedra reviveu e começou a produzir os cogumelos. E, ao abrir as suas passagens, o Grande Verme fez a pedra passar pelo interior do seu corpo, durante milhares de anos, até as passagens atravessarem toda a terra.

– Quantos milhares? Um, dois, três?

– Tens dez dedos nas tuas mãos. E Sharap tem dez dedos... Não, Sharap tem doze... Assim, não serve. Digamos que Grom tem dez dedos. Se pensarmos em Grom e em todas as pessoas que tenham dez dedos, e se cada um multiplicar os seus dedos por dez, teremos cem. E se multiplicar cem por dez, teremos mil.

– Muitos dedos. Não os conto.

– Isso não é importante. Quando os caminhos do Grande Verme apareceram no mundo, o seu primeiro trabalho ficou concluído. E ele disse: “Portanto, abri milhares e milhares de caminhos na pedra rija com os meus dentes e a pedra ficou feita em pedaços. E o que dela restou passou pelo meu ventre e absorveu o suco da minha vida e, com isso, ganhou vida. Antes disso, a pedra ocupava todo o espaço que existia no mundo mas agora há um espaço vazio. Agora existe um espaço vazio para os filhos que vou gerar.” E nasceram do seu ventre as suas primeiras criações, cujos nomes já não são recordados. E eram grandes e fortes, como o Grande Verme. E o Grande Verme amava-os.

– Nessa altura, o Grande Verme não conhecia o desgosto porque não tinha quem o amasse e ele também não conhecia a solidão. Mas, ao gerar uma nova vida, amou-a e teve dificuldade em separar-se dela. O Grande Verme começou a chorar e as suas lágrimas encheram o mundo. E apareceu a água. E ele disse: ‘Vejam, agora há também um local onde se pode viver e água para ser bebida. E a terra, saciada pelo suco do meu ventre, está viva e dela saem cogumelos. Farei agora outras criaturas, que também serão meus filhos. Viverão nos caminhos que abri com os meus dentes e beberão das minhas lágrimas e comerão os cogumelos que cresceram no suco do meu ventre.’ O Grande Verme teve, no entanto, receio de gerar criações grandes como ele porque, como sabem, não haveria espaço suficiente, nem água nem

cogumelos suficientes. Por isso, começou por criar as pulgas e depois os ratos, a seguir os gatos e as galinhas e, mais tarde, os cães e os porcos e, finalmente, o homem. Mas as coisas não correram como ele pensava: as pulgas começaram a beber sangue e os gatos a comer os ratos e os cães a oprimir os gatos e o homem a matá-los a todos e a comê-los. E quando o homem matou e comeu outro homem, pela primeira vez, o Grande Verme percebeu que os seus filhos se tinham tornado indignos dele e chorou. E de cada vez que um homem come outro homem, o Grande Verme chora e as suas lágrimas correm pelas passagens e inundam-nas.

– O homem é bom. A carne é saborosa. Doce. Mas o homem só pode comer os seus inimigos. Eu sei.

Artyom abriu e fechou os dedos. As mãos estavam atadas atrás das costas com um pedaço de cabo e sentia-as dormentes. Mas, finalmente, conseguiu senti-las de novo. E tomou como um bom sinal o facto de o corpo todo lhe doer. A paralisia provocada pela seta envenenada revelara-se temporária. E o jovem até teve a noção idiota de que ele, ao contrário do narrador desconhecido, não tinha memória de como as galinhas tinham chegado ao Metro. Não haveria dúvidas de que algum mercador as teria trazido de um mercado algures. Os porcos teriam sido trazidos de um dos pavilhões de VDNKh mas as galinhas... Artyom tentou ver o que estaria perto dele mas a escuridão era absoluta e envolvia tudo. Mas sentia que havia alguém ali perto. Depois de ter recuperado os sentidos, e durante a meia hora em que a conversa que o jovem ouviu durou, sustendo a respiração, Artyom começou a ter consciência do local onde se encontrava.

– Ele mexe-se. Estou a ouvir – disse uma voz rouca. – Chamo o chefe. O chefe pergunta. – Houve um movimento, não muito longe dele e que depois se interrompeu. Artyom tentou esticar as pernas. Também as sentiu presas com cabos. Tentou voltar-se para o outro lado mas bateu em qualquer coisa mole. E ouviu um gemido exausto e prolongado, cheio de dor.

– Anton! És tu? – sussurrou Artyom. Mas não recebeu resposta.

– Ah... Os inimigos do Grande Verme despertaram... – disse uma voz, em tom de troça, na escuridão.

– Teria sido melhor que não tivessem despertado. – Desta vez era a mesma voz cansada do homem que parecia saber muito e que relatara a história do

Grande Verme e da criação da vida. Era evidente que o dono desta voz era diferente dos outros habitantes da estação: em vez de frases sincopadas e primitivas, falara sempre fluentemente, embora com alguma pompa, e o timbre da sua voz era humano ao contrário da dos outros.

– Quem são? Libertem-nos! – disse Artyom, respirando com dificuldade, a sentir ainda a língua presa.

– Sim, sim. É sempre o que dizem. Mas não é o caso, infelizmente, porque a vossa viagem já chegou ao fim. Vão torturar-vos e assar-vos. Que se há-de fazer? São selvagens. – A voz tinha um tom de indiferença.

– Também está preso? – perguntou-lhe Artyom.

– Estamos todos presos. Mas a vocês vão libertar-vos já hoje – respondeu o companheiro invisível, com uma risadinha.

Anton gemeu outra vez e tentou mexer-se. Disse qualquer coisa, que não se percebeu, mostrando que ainda não estava completamente consciente.

– Por que motivo é que estamos aqui no meio da escuridão, como se fôssemos habitantes das cavernas? – perguntou Artyom. E, nessa altura, ouviu o ruído metálico de um isqueiro e uma pequena chama iluminou o rosto do seu interlocutor: o homem tinha uma barba grisalha comprida e suja, cabelo também comprido e desgrenhado e olhos cansados mas ainda trocistas, que pareciam afundar-se num labirinto de rugas. Não devia ter menos de sessenta anos. Estava sentado numa cadeira, no outro lado de uma grade de ferro que dividia o compartimento em duas zonas. Em VDNKh havia uma coisa parecida, a que haviam posto o estranho nome de "jaula dos macacos". Artyom, no entanto, só tinha visto macacos em manuais escolares de biologia e em livros infantis. De qualquer modo, a "jaula dos macacos" só funcionava como prisão.

– Não há maneira de me habituar à maldita escuridão – lamentou-se o homem, cobrindo os olhos. – Tenho de usar esta coisa. Bem, o que vieram cá fazer? Não tinham outros sítios melhores à escolha, no outro lado?

– Ouça... – disse Artyom, sem o deixar continuar a falar. – Você está livre... Pode deixar-nos sair daqui! Antes de esses canibais voltarem! É uma pessoa normal...

– Claro que posso – respondeu o seu interlocutor – mas não o farei. Não fazemos acordos com os inimigos do Grande Verme.

– Que raio é o Grande Verme? Está a falar de quê? Nunca ouvi falar do Grande Verme, não posso por isso ser inimigo dele...

– Importa pouco que tenham ouvido falar dele ou não. Vieram do outro lado, onde vivem os inimigos do Grande Verme, e isso só mostra que são espiões. – O tom trocista da voz do homem dera lugar a um tom quase desdenhoso e mecânico. – Têm armas de fogo e lanternas! Malditos brinquedos mecânicos! São máquinas de matar! De que mais precisam para compreenderem que, como infiéis que são, são também inimigos da vida e inimigos do Grande Verme? – O homem saltou da sua cadeira e aproximou-se das grades. – São vocês, todos os que são como vocês, os culpados de tudo isto! – Apagando o isqueiro, já demasiado quente, soprou para os dedos que já tinham começado a queimar-se. Ouviu-se então outra voz. Esta parecia silvar e o som fez gelar o sangue a Artyom, que se lembrou de Tretyak, morto por uma seta envenenada.

– Por favor! – suplicou, fervorosamente. – Antes que seja tarde demais! Por que estão a fazer isto?

O homem do isqueiro ficou calado e, instantes depois, a escuridão enchia-se de sons: o som de pés descalços, uma respiração pesada, o som do ar nas narinas... Embora Artyom não conseguisse ver quem teria entrado, percebeu que estavam a observá-lo de perto, examinando-o, cheirando-o, escutando-lhe as batidas do coração dentro do peito.

– Homens do fogo. Cheira a pólvora, cheira a medo. Um tem o cheiro da estação do outro lado. O outro é estrangeiro. Dois inimigos. Um, dois inimigos – silvou uma das vozes.

– Que Vartan o faça – ordenou outra voz.

– Acendam o lume – ordenou, também, uma terceira voz.

O isqueiro foi acendido mais uma vez. Na sala, além do homem mais velho em cuja mão se agitava a pequena chama, encontravam-se três dos selvagens de cabeça rapada, cobrindo os olhos com as mãos. Artyom já conhecia dois: o encorpado e o barbudo. O terceiro também lhe pareceu estranhamente familiar. Fitando Artyom directamente nos olhos, o terceiro homem deu um passo em frente e deteve-se junto da grade. O cheiro que emanava não era como o dos outros. Havia nele um odor ligeiro a carne em decomposição. Continuaram a fitar-se. E Artyom pestanejou, percebendo onde já vira antes

aquele rosto: era a criatura que o tinha atacado à noite, em Kievskaya. Invadiu-o uma sensação estranha. Era semelhante à paralisia que o afectara mas, desta vez, o pensamento também estava a ser afectado. A mente parara e Artyom abriu-a, obedientemente, à exploração que o outro decidira fazer.

– Um alçapão... A porta ficou aberta... Foram buscar o rapaz. O filho de Anton. Raptaram-no de noite. Eu sou o culpado de tudo... Subi para a vagoneta. Não dissemos a ninguém. Chegámos juntos. Não fechámos a porta... – Artyom respondeu a todas as perguntas que lhe surgiram na cabeça. Era impossível resistir ou esconder qualquer coisa à voz silenciosa que lhe exigia respostas. O seu interrogador ficou, num minuto, a saber tudo o que lhe interessava. Depois, acenando com a cabeça, recuou. O fogo extinguiu-se. Muito vagarosamente, como a sensação que regressa às mãos dormentes, Artyom recuperou o controlo de si próprio.

– Vovan, Kulak! Voltem ao túnel, à passagem. Fechem a porta – ordenou uma das vozes. Parecia ser a do comandante barbudo. – Os inimigos ficam aqui. Dron guarda os inimigos. Haverá uma festa amanhã, as pessoas comem os inimigos, honram o Grande Verme.

– Que fizeram a Oleg? Que fizeram ao miúdo? – perguntou Artyom, ofegante.

Mas a porta fechou-se, com um som seco, depois de eles saírem.

66 N.T. – Arranha-céus junto à estação de Krasnopresnenskaya
Outros edifícios do grupo das "Sete Irmãs".

67 N.T.– O dedo a apontar para o pescoço
Este gesto, associado ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas, terá nascido com um operário chamado Piotr Telushkin que, em 1830, conseguiu a proeza de fixar a escultura de um anjo, ameaçada de ruir devido uma tempestade, ao pináculo da Catedral de Pedro e Paulo, em São Petersburgo. Como recompensa, Telushkin ganhou o direito a beber um copo grátis de vodka em todas as tabernas do país, bastando-lhe para tal apontar para o carimbo imperial que lhe foi posto no pescoço.

OS FILHOS DO VERME

Os minutos passaram numa escuridão absoluta e Artyom, tendo percebido que haviam ficado sozinhos, começou a endireitar-se, tentando, pelo menos, ficar sentado. As pernas e as mãos, fortemente atadas, estavam entorpecidas e doridas. Artyom lembrou-se do que uma vez lhe explicara o padrasto: se uma ligadura ou um torniquete fossem aplicados durante muito tempo, a pele podia morrer. Mas, agora, que importância tinha isso?

– Inimigo, fica quieto! – bramou uma voz. – Dron cospe uma seta paralisante!

– Não, por favor, não é necessário – respondeu Artyom, ficando de imediato paralisado. Apesar de tudo, ainda alimentava uma centelha de esperança. Talvez conseguisse convencer o carcereiro a ajudá-lo a sair dali. Mas como é que se fala com um selvagem que mal nos compreende?

– E quem é o Grande Verme? – perguntou, pegando no que primeiro lhe veio à cabeça.

– O Grande Verme faz a terra. Faz o mundo, faz o homem. O Grande Verme é tudo. O Grande Verme é a vida. Os inimigos do Grande Verme, o povo das máquinas, são a morte.

– Nunca ouvi falar nele – disse Artyom, escolhendo cuidadosamente as palavras. – Onde é que ele vive?

– O Grande Verme vive aqui. Perto de nós. À nossa volta. O Grande Verme escava todas as passagens. Mas o homem diz que é ele que o faz. Mas não é. O Grande Verme. É ele que dá a vida, é ele que tira a vida. Ele escava novas passagens, as pessoas vivem nelas. As pessoas boas veneram o Grande Verme. Os inimigos do Grande Verme querem matá-lo. Dizem os sacerdotes.

– Quem são os sacerdotes?

– Homens velhos, com cabelos na cabeça. Só eles é que podem ter. Eles sabem, eles ouvem os desejos do Grande Verme e dizem às pessoas. As

pessoas boas fazem as coisas. As pessoas más não obedecem. As pessoas más são inimigas, as boas comem-nas.

Lembrando-se da conversa que ouvira, Artyom começou, gradualmente, a perceber. O homem mais velho que estivera a narrar a lenda do Grande Verme devia ser um desses sacerdotes.

– O sacerdote diz: é proibido comer pessoas. Ele diz que o Grande Verme chora quando um homem come outro – recordou-lhe Artyom, tentando dar voz aos seus pensamentos da mesma forma que o selvagem o fazia. – É contra a vontade do Grande Verme comer pessoas – acrescentou, com todas as precauções. – Se ficarmos aqui, eles vão comer-nos. O Grande Verme ficará triste e chorará.

– É claro que o Grande Verme chorará – respondeu-lhe uma voz trocista, na escuridão. – Mas emoções são emoções e ninguém consegue substituir por ar um alimento com proteínas.

Era o mesmo homem idoso, o sacerdote, que agora lhe respondia. Artyom reconheceu-lhe o timbre e a entoação da voz. Mas não sabia se ele teria ficado sempre ali ou se teria regressado sem que dessem por ele. Também não interessava, no entanto. Agora, já não ia conseguir sair da cela. Ocorreu-lhe outro pensamento, que o gelou: ainda bem que Anton se mantinha inconsciente e que não estava a ouvir estas palavras.

– E as crianças? E as crianças que raptam? Também as comem? E o rapaz? Oleg? – prosseguiu, quase num murmúrio, a olhar para a escuridão com os olhos esbugalhados de medo.

– Nós não comemos os mais pequenos – retorquiu o selvagem. – Os mais pequenos não conseguem ser maus. Não podem ser inimigos. Nós vamos buscar os mais pequenos para lhes explicarmos como vivemos. Falamos do Grande Verme. Ensinamo-los a venerarem o Grande Verme.

– É assim mesmo, Dron – disse o sacerdote. – É o meu aluno preferido – explicou.

– Que aconteceu ao rapaz que raptaram na noite passada? Onde está? Eu sei que foi o vosso monstro que o arrastou para cá – disse Artyom.

– Monstro?! E quem é que fez surgir estes monstros? – exclamou o ancião, numa explosão de fúria. – Quem é fez surgir as coisas mudas com três olhos, sem braços e com seis dedos que morrem à nascença e que não conseguem

reproduzir-se? Quem é que as privou da aparência humana, prometendo-lhes o paraíso e atirando-as para as sarjetas escuras desta cidade amaldiçoada? De quem é a culpa disto? Quem é que é o verdadeiro monstro?

Artyom ficou silencioso. O ancião calou-se, também, respirando pesadamente e tentando acalmar-se. E Anton despertou, por fim.

– Onde está ele? – perguntou, numa voz áspera. – Onde está o meu filho? Onde está o meu filho? Dêem-me o meu filho! – E começou a gritar, tentando libertar-se, rolando de um lado para o outro no chão, embatendo nas grades e depois na parede.

– Ele é violento – disse o ancião, na voz trocista que antes usara. – Dron, acalma-o.

Ouviu-se um som estranho, como o de alguém a tossir. Qualquer coisa assobiou pelo ar e, alguns segundos depois, Anton ficou de novo imóvel.

– Isto é muito instrutivo – disse o sacerdote. – Vou buscar o rapaz para o trazer cá, para ele poder ver o pai e dizer-lhe adeus. A propósito, ele é um bom rapaz. O pai bem pode estar orgulhoso. E resiste tão bem à hipnose... – E, com um restolhar, o sacerdote afastou-se e ouviu-se ranger a porta.

– Não tenham medo – disse o carcereiro, inesperadamente. – As pessoas boas não matam, não comem os filhos dos inimigos. Os pequenos não pecam. Podem aprender a viver correctamente. O Grande Verme perdoa aos inimigos jovens.

– Meu Deus, mas o que é o Grande Verme? Isto é completamente absurdo! É pior do que os sectários e os satanistas! Como é que é possível acreditar no Grande Verme? Já alguém o viu, o vosso Verme? Já o viram de perto ou coisa assim? – Artyom tentou usar o sarcasmo mas a sua posição, de pernas e mãos atadas, não lhe tornava fácil a tarefa. E tal como já acontecera quando estivera preso à espera de ser enforcado, ficou indiferente ao seu próprio destino. Apoiou a cabeça no chão frio e fechou os olhos, na esperança de ter uma resposta.

– Proibido olhar para o Grande Verme! Interdito! – replicou o selvagem, peremptório.

– Portanto, é impossível. O Verme não existe! – contrapôs Artyom, com relutância. – E foram as pessoas que construíram o túnel. Todos eles

aparecem nos mapas. Até há um túnel circular, onde se encontra a Hansa, e só as pessoas é que conseguem construir túneis circulares. E suponho que nem deve saber o que é um mapa...

– Mas eu sei – respondeu Dron, calmamente. – Eu estudo com o sacerdote, ele mostra-nos. Não há muitas passagens no mapa. O Grande Verme tem estado a fazer novas passagens e elas não estão no mapa. Mesmo aqui, na nossa estação, há passagens novas, que são sagradas e que não estão no mapa. O povo das máquinas faz os mapas, eles pensam que fazem as passagens. Estúpidos, orgulhosos. Não sabem nada. O Grande Verme castiga-os por isso.

– E por que motivo os castiga ele? – Artyom não estava a perceber.

– Por arr...rr...arrogância – respondeu o selvagem, com cautela.

– Por arrogância – confirmou a voz do sacerdote. – O Grande Verme fez o homem em último lugar e o homem foi o seu filho preferido. Porque não deu o intelecto aos outros mas deu-o ao homem. Ele sabia que o intelecto é um brinquedo perigoso e, por isso, ordenou: "Vive em paz contigo, em paz com a terra e com todas as criaturas e venera-me." Depois disto, o Grande Verme retirou-se para o interior mais fundo da terra mas, antes de o fazer, disse: "Virá o dia em que eu regressarei. Portem-se como se eu estivesse convosco." E as pessoas obedeceram ao seu criador e viveram em paz com a terra, que ele criou, em paz uns com os outros e em paz com as outras criaturas e veneraram o Grande Verme. E tiveram filhos e os seus filhos tiveram filhos e o pai transmitiu ao filho, e a mãe à filha, as palavras do Grande Verme.

– Mas os que haviam ouvido a sua ordem com os seus próprios ouvidos morreram e os seus filhos morreram e muitas gerações foram substituídas e o Grande Verme ainda não regressou. E depois, umas atrás das outras, as pessoas deixaram de observar os seus preceitos e fizeram o que muito bem quiseram. E apareceram aquelas que diziam: "O Grande Verme nunca existiu nem existe agora." E outros alimentaram a esperança de que o Grande Verme regressasse e os castigasse. E de que os queimasse com a luz dos seus olhos, de que devorasse os seus corpos e de que destruísse as passagens onde eles viviam. Mas o Grande Verme não regressou e limitou-se a chorar pelas pessoas. E as suas lágrimas subiram das profundezas e

inundaram as passagens mais baixas. Mas os que haviam voltado as costas ao seu criador disseram: "Ninguém nos criou, nós sempre existimos. O homem é belo e poderoso e não pode ter sido criado por um verme saído da terra!" E também disseram: "Toda a terra é nossa, já foi nossa e será nossa e o Grande Verme não fez as passagens que nela existem, que foram feitas por nós e pelos nossos antepassados." E acenderam o fogo e começaram a matar as criações do Grande Verme, dizendo: "Toda a vida que existe à nossa volta é nossa e tudo tem como destino saciar a nossa fome." E construíram máquinas para matarem mais depressa, para semear a morte e para destruírem a vida criada pelo Grande Verme e para conquistarem o seu mundo. Mesmo assim, ele não se ergueu das profundidades extremas onde se acolhera. E eles riram-se e começaram a fazer ainda mais contra aquilo de que ele falara. E decidiram construir, para o ofenderem, máquinas que reflectissem o poder do Grande Verme. Criaram essas máquinas, meteram-se nelas e riram-se. "Vejam bem", disseram, "como agora podemos reinar como o Grande Verme e não apenas um mas às dezenas. O relâmpago salta dos nossos olhos, o trovão acompanha-nos quando rastejamos e as pessoas abandonam o ventre em que nasceram. Nós criámos o Verme e não foi o Verme que nos criou." Mas nem isto lhes foi suficiente.

– O ódio cresceu-lhes no coração. E decidiram destruir a própria terra em que viviam. E criaram milhares de máquinas diferentes: máquinas que arrotavam chamas, cuspiam ferro e desfaziam a terra. E começaram a destruir a terra e todos os seres vivos que nela existiam. E então o Grande Verme não aguentou mais e condenou-os: tirou-lhes o dom que lhes era mais precioso – o intelecto. A insanidade dominou-os e eles voltaram as suas máquinas uns contra os outros e começaram a matar-se entre si. Nunca mais se lembraram porque o fizeram e já não conseguiram parar. E assim puniu o Grande Verme o homem, pela sua arrogância.

– Mas não puniu todos, pois não? – perguntou uma voz de criança.

– Não. Houve sempre os que se lembravam do Grande Verme e que o veneravam. Renunciaram às máquinas e à luz e viveram no mundo com a terra. Foram salvos e o Grande Verme não se esqueceu da lealdade que demonstraram e conservou-lhes o intelecto e prometendo dar-lhes o mundo todo quando os seus inimigos tiverem sido derrotados. E assim será.

– E assim será – repetiu a criança, acompanhando as palavras do selvagem.

– Oleg?! – chamou Artyom, notando qualquer coisa de familiar na voz da criança. Esta, no entanto, não respondeu.

– E até este dia os inimigos do Grande Verme têm vivido em passagens que eles próprios escavaram, porque não têm mais nenhum local onde possam abrigar-se, mas continuam a venerar as máquinas em vez do Grande Verme. É enorme a paciência do Grande Verme e tem sido suficiente para resistir aos longos séculos de ultrajes humanos. Mas ela não é eterna. Já foi predito que quando ele lançar o último ataque ao coração negro do país dos seus inimigos, eles serão esmagados e o mundo cairá nas mãos das pessoas boas. Já foi predito que chegará o momento em que o Grande Verme convocará os rios e a terra e o ar para o ajudarem. E a superfície da terra afundar-se-á e as correntes fervilhantes e o coração negro do inimigo será varrido para o esquecimento. E, finalmente, os justos triunfarão, haverá felicidade para as pessoas boas e vida sem doenças e fungos para contento dos seus corações e toda a espécie de animais em abundância.

Acendeu-se uma chama. Artyom já tinha conseguido apoiar as costas na parede e não precisava de continuar dolorosamente curvado para manter no seu campo de visão as pessoas que se encontravam do outro lado das grades. Viu aí sentado no meio da sala e no chão, de pernas cruzadas, um rapaz que se mantinha de costas para ele. Por cima do rapaz parecia pairar a figura frágil do sacerdote, iluminado pelo isqueiro que mantinha na mão. O selvagem que tinha a zarabatana na mão estava a seu lado, encostado à ombreira da porta. Todos os olhos se concentravam no ancião, que terminara a sua narrativa. Artyom, voltando a cabeça com dificuldade, olhou para Anton, que continuava imobilizado na posição convulsiva em que a seta paralisante o deixara. Estava de olhos voltados para o tecto e não conseguia ver o filho mas certamente devia estar a ouvir tudo.

– Levanta-te, meu filho, e olha para esta gente – disse o sacerdote. O rapaz pôs-se imediatamente em pé e voltou-se para Artyom. Era Oleg.

– Aproxima-te. Reconheces algum deles? – perguntou o ancião.

– Sim – respondeu o rapaz, acenando afirmativamente com a cabeça e olhando de mau humor para Artyom. – É o meu pai e eu estava a ouvir os vossos cânticos com aquele. Através do cabo.

– O teu pai e o amigo dele são pessoas más. Têm estado a utilizar máquinas e a denegrir o Grande Verme. Lembras-te do que me disseste, e ao Tio Vartan, que o teu pai fez quando as pessoas más decidiram destruir o mundo?

– Sim – respondeu Oleg, acenando novamente com a cabeça.

– Então diz-nos outra vez. – O sacerdote passou o isqueiro para a outra mão.

– O meu pai trabalhava na MVR. Nas forças dos foguetões. Ele era um dos homens dos mísseis. Eu também queria ser como ele quando fosse crescido.

Artyom sentiu a garganta seca. Como raio é que ele não conseguira decifrar antes este enigma? Tinha sido aí, portanto, que o rapaz arranjara a estranha insígnia e era por isso que ele dissera ser o pai um homem dos mísseis, como o falecido Tretyak! A coincidência era quase inacreditável. Havia, no Metro, pessoas que faziam parte das unidades de mísseis... e duas delas apareciam em Kievskaya?! Poderia ter sido um mero acaso?

– Como homem dos mísseis... Ele, como os seus companheiros, criaram um mal ainda maior para o mundo do que todas as outras armas juntas. Eles enviaram máquinas e equipamento capaz de queimar e de destruir a terra e quase toda a vida nela existente. O Grande Verme perdoa os muitos que se afastam do seu caminho mas não os que deram as ordens para destruir o mundo e semear nele a morte, nem os que cumpriram as ordens. O teu pai causou uma dor intolerável ao Grande Verme. O teu pai destruiu o mundo com as suas próprias mãos. Sabes o que ele merece? – A voz do ancião tornou-se mais severa.

– A morte? – perguntou o rapaz, na dúvida, olhando primeiro para o sacerdote e depois para o pai, que continuava, dobrado sobre si próprio, no chão da gaiola dos macacos.

– A morte – confirmou o sacerdote. – Ele tem de morrer. E quanto mais cedo morrerem as pessoas más que fizeram sofrer o Grande Verme mais cedo será cumprido o seu preceito e o mundo voltará a nascer e será entregue às pessoas boas.

– Então o papá deve morrer! – concordou Oleg.

– Bravo! – O ancião afagou a cabeça do rapaz. – E agora, vai. Vai brincar

com o Tio Vartan e com os outros miúdos, outra vez! Mas toma cuidado, sê cuidadoso na escuridão. Não caias. Dron, leva-o, que eu vou ficar mais um pouco com os inimigos. Volta dentro de meia hora com os outros e traz os sacos, que nós já estaremos prontos.

A luz extinguiu-se. O restolhar dos passos rápidos do selvagem e os passos mais leves da criança desapareceram na distância. O sacerdote tossicou e disse a Artyom:

– Terei aqui uma pequena conversa contigo, se não te importas. Normalmente, não fazemos prisioneiros, salvo se forem crianças e muitas vezes elas aparecem-nos muito frágeis e já doentes... Mas também já estamos a encontrar cada vez mais adultos que são surdos. Eu gostaria de poder falar com eles e talvez eles não se importassem... só que, bem, são comidos demasiado depressa.

– Mas já lhes ensinam que não devem comer as outras pessoas – disse Artyom. – Que o Verme chora e isso tudo.

– Sim, mas, como eu digo, isso é para o futuro. Vocês irão perder esse momento, naturalmente, e eu também, claro, mas está a ser criado o fundamento de uma futura civilização, de uma cultura que viverá com a natureza no mundo. O canibalismo é, para eles, um mal necessário. Nada pode viver sem proteínas animais. Mas as lendas ainda se mantêm e quando a necessidade premente de matar e de se empanturrarem com gente como tu se desvanecer, eles deixarão de fazer isso. E só nessa altura é que o Grande Verme se lembrará. Só é uma pena que eu já não vá a tempo de viver nesse mundo tão belo... – O ancião deu uma risadinha desagradável.

– Eu já vi tantas coisas no Metro, sabe? – disse Artyom. – Há uma estação em que acreditam que se escavarem suficientemente fundo, conseguirão chegar ao Inferno. Noutra, que estamos a viver quase no paraíso porque a última batalha entre o bem e o mal já terminou e os que sobreviveram são os escolhidos que podem entrar no Reino dos Céus. Depois disso, a história do vosso Verme não me parece lá muito convincente. Ao menos acredita nisso, pessoalmente?

– Que importa aquilo em que eu ou os outros sacerdotes acreditamos? – O ancião fez uma careta. – Já não tens muito tempo de vida, só algumas horas. Portanto, posso dizer-te uma coisa. Não se pode ser franco com ninguém a

não ser com aquele que vai levar consigo as nossas revelações quando morrer. Por isso, aquilo em que acredito não é importante. O essencial é aquilo em que o povo acredita. É difícil vir a acreditar num deus que eu próprio criei. – O sacerdote fez uma pequena pausa, como se reflectisse. – Como é que poderei explicar-te isto? Como aluno, na universidade, estudei filosofia e psicologia. Duvido, no entanto, de que isto te diga alguma coisa. E tive um professor: um mestre de psicologia cognitiva, um homem muito sabedor, que explicou com grande pormenor o processo intelectual. Era um verdadeiro prazer escutá-lo. Eu fiz-lhe uma pergunta, como o fazem todos nessa idade: Deus existe? Eu já tinha lido vários livros, já tinha tido muitas conversas, como é costume, e estava inclinado a pensar que, possivelmente, não existiria. E, já não sei porquê, decidi que este professor, em particular, que era um grande especialista da alma humana, podia responder-me precisamente a essa pergunta que tanto me afligia. Fui ao gabinete dele, a pretexto de discutir um trabalho escrito, e perguntei-lhe: "Em sua opinião, Ivan Mikhalych, Deus existe, na realidade?" A resposta dele foi uma verdadeira surpresa. Por ele, disse-me, nem valia a pena fazer essa pergunta. Ele próprio vinha de uma família de crentes, tendo-se habituado à ideia da existência de Deus. Do ponto de vista da psicologia, nem tentava analisar a verdade porque não queria. E em geral, disse ele, nem se tratava de uma questão de conhecimento baseado no princípio mas do comportamento de todos os dias. A fé dele não era a convicção sincera da existência de um poder mais elevado mas do cumprimento dos mandamentos estipulados, de rezar à noite e de ir à igreja. Isso levava a que ele fosse ainda melhor e que estivesse mais em paz. E é isso – concluiu o ancião.

– E depois? – perguntou Artyom, sem se conter.

– Se eu acredito, ou não, no Grande Verme não é importante. Mas os mandamentos proferidos por lábios divinos vivem durante séculos. Não é preciso mais. O homem deve criar um deus e levá-lo a dizer as palavras certas. E acredita no que te digo: o Grande Verme não é pior do que outros deuses e já sobreviveu a muitos deles.

Artyom fechou os olhos. Nem Dron nem o chefe desta tribo tão surpreendente, nem as estranhas criações como Vartan, tinham a menor dúvida de que o Grande Verme existisse. Para eles, era um dado adquirido,

a explicação única do que viam que estava a acontecer à sua volta, a única autoridade que os fazia agir e a única medida do bem e do mal. Em que mais podia acreditar um homem que nada mais conhecesse senão o Metro? Apesar disso, havia na lenda do Verme qualquer coisa que Artyom ainda não conseguia compreender.

– Mas por que motivo é que os incita contra as máquinas? – perguntou o jovem. – Que é que existe de tão mau nesses mecanismos? Electricidade, iluminação, armas de fogo e tudo isso... Os seus ensinamentos estipulam que as pessoas devem viver sem elas.

– Qual é o mal das máquinas?! – O tom de voz do ancião alterou-se, teatralmente. O bom humor e a paciência com que apresentara os seus pensamentos evaporaram-se. – Mas tu queres, uma hora antes de morreres, pregar-me os benefícios das máquinas? Bem, olha à tua volta! Só um cego não vê que se a humanidade tem alguma dívida é por confiar nas máquinas! Como é que ousas provocar-me com essa referência ao papel importante das máquinas aqui, na minha estação? Nesta altura, já nem existes!

Artyom não esperara que a sua pergunta fosse mais imprópria do que a anterior, relativamente à crença do seu interlocutor no Grande Verme e que desse origem a uma tal reacção. Sem saber o que dizer, ficou calado. A respiração pesada do sacerdote ouvia-se bem no escuro, acompanhado por algumas pragas ditas em murmúrios e por uma tentativa de se acalmar. E tiveram de passar vários minutos até ele voltar a falar.

– Já não tenho o hábito de falar com os não crentes – disse, parecendo, pelo tom de voz, ter recuperado o controlo. – Deixei-me entusiasmar ao falar contigo. Há qualquer coisa que está a impedir os jovens de me trazerem os sacos. – Fez uma pausa intencional.

– Que sacos? – perguntou Artyom, mordendo o isco.

– Vão preparar-vos, agora. Quando falei em tortura, talvez não estivesse a ser muito preciso. A crueldade inútil vai contra os ensinamentos do Grande Verme. Quando eu e os meus colegas percebemos que o canibalismo já estava aqui bem enraizado e que já nada podíamos fazer para o evitar, decidimos encarar o assunto pela perspectiva da culinária. E houve alguém que se lembrou de que os coreanos, quando comem cães, apanham-nos vivos, metem-nos em sacos e batem-lhes com paus até eles morrerem. A

carne beneficia muito com esse processo. Torna-se mais tenra e mais suave. Os múltiplos hematomas de um homem, portanto, são o petisco de outro. Mas não nos julgues com grande severidade. Eu, por mim, sentir-me-ia mais feliz se pudesse morrer primeiro e só então ser sujeito a esse espancamento. Haverá, inevitavelmente, algumas hemorragias internas. Mas as receitas fizeram-se para serem cumpridas. – O sacerdote até acendeu o isqueiro, para ver o efeito que produzira em Artyom. – No entanto, há qualquer coisa que está a impedi-los. E isso não devia ter acontecido... – acrescentou.

Um apito cortou-lhe a palavra. Artyom ouviu gritos, pessoas a correr, o choro de crianças e, mais uma vez, o apito de mau agouro. Acontecera qualquer coisa na estação. O sacerdote pôs-se à escuta, inquieto, apagando depois a chama e ficando silencioso.

Minutos mais tarde, soaram à entrada da porta, os passos de alguém calçado com botas pesadas e uma voz perguntou, baixinho:

– Está aí alguém vivo?

– Sim! Estamos aqui! Artyom e Anton! – berrou Artyom, com toda a força que pôde reunir, esperando que o ancião não tivesse com ele zarabatanas com setas envenenadas à volta do pescoço.

– Aqui estão! Cubram-me, e ao rapaz! – gritou alguém. Um clarão de luz, intenso e estonteante, atravessou a escuridão. O sacerdote correu para a saída mas um homem, que aí se encontrava, bateu-lhe no pescoço. O sacerdote, ofegante, tombou.

– A porta! Aguentem a porta! – Ouviu-se qualquer coisa a cair, ao mesmo tempo que do tecto começou a chover estuque. Artyom piscou os olhos. Quando os abriu, viu que dois homens tinham acabado de entrar na sala. Não eram soldados vulgares e Artyom ainda não vira nenhum assim vestido. Envergavam coletes anti-bala compridos por cima de uniformes pretos elegantes e empunhavam ambos pequenas metralhadoras com miras laser e silenciadores. Os enormes capacetes de titânio com viseiras, como os dos Spetsnaz da Hansa, e escudos grandes, também de titânio e com fendas para a visão, tornavam tudo ainda mais impressionante. Um dos recém-chegados transportava um lança-chamas a tiracolo. Inspeccionaram rapidamente a sala, iluminando-a com lanternas compridas, de luz muito intensa, parecidas com cassetetes.

– São estes? – perguntou um.

– São – confirmou o outro. Examinando com um ar prático o cadeado das grades da gaiola dos macacos, o homem recuou alguns passos e depois deu um salto, atingindo as grades com os dois pés. Sob o impacto das duas botas, as dobradiças ferrugentas rebentaram e a porta caiu muito perto de Artyom. O soldado baixou-se diante de Artyom e, apoiando-se num joelho, levantou a viseira do capacete. E tudo ficou explicado: era Melnik que estava diante de Artyom, observando-o com olhos semicerrados. A faca serrilhada deslizou ao longo dos cabos que rodeavam as mãos e as pernas do jovem. E depois o saqueador cortou-os, libertando-o.

– Portanto, ainda estás vivo – disse Melnik, com satisfação. – Podes andar?

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça mas verificou, depois, que ainda não conseguia pôr-se em pé sozinho. O corpo entorpecido ainda não regressara por inteiro ao seu controlo. À sala chegaram, entretanto, mais homens. Dois tomaram posições defensivas junto às portas. No total, eram oito os recém-chegados. Estavam vestidos e equipados como os dois primeiros e alguns envergavam blusões compridos, como o Caçador. Um deles baixou-se e pousou no chão uma criança, que mantivera sob a protecção do escudo, que estava preso ao braço. A criança correu, de imediato, para a cela, debruçando-se sobre Anton.

– Papá! Papá! Eu menti-lhes para eles pensarem que eu estava do lado deles! Fui eu que lhes indiquei agora onde estavas! Papá, desculpa! Não fiques calado, papá! – Oleg mal conseguia conter as lágrimas. Anton continuava de rosto voltado para o tecto, com os olhos vidrados. Artyom receava que duas setas paralisantes com uma diferença de poucas horas pudessem ser demais para o comandante. Melnik pousou o indicador no pescoço de Anton e concluiu, passados alguns segundos:

– Ele está bem. Está vivo. Tragam uma maca!

Enquanto Artyom falava a Melnik do efeito das setas envenenadas, dois dos combatentes desenrolaram uma maca de pano no chão e deitaram Anton em cima dela. Não muito longe, o sacerdote começou a agitar-se e a murmurar qualquer coisa.

– Quem é este? – perguntou Melnik. Artyom explicou-lhe. – Vamos levá-lo connosco e usá-lo como cobertura. Como está a situação? – perguntou aos

outros.

– Tudo sossegado – informou um dos combatentes, que estava de guarda à porta.

– Vamos regressar ao túnel – disse o saqueador. – Temos de regressar à base com os feridos e com o refém, para o interrogarmos. Toma – disse a Artyom, entregando-lhe uma **S m ª m Ê ı u z Á á**. – Se tudo correr como planeado, nem terás de usá-la. Não tens nenhuma protecção e, por isso, é melhor ires atrás de nós. Toma conta do miúdo.

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça e pegou em Oleg pela mão, quase o arrancando da maca onde o pai se encontrava.

– Vamos fazer a "tartaruga" – ordenou Melnik.

Os combatentes formaram uma oval, rapidamente, com os escudos para o lado de fora encostados uns aos outros, deixando ver apenas os capacetes. Quatro transportavam a maca com as mãos livres. Artyom e o rapaz ficaram no interior, completamente cobertos pelos escudos. O sacerdote foi amordaçado e, com as mãos amarradas atrás das costas, posto à cabeça da formação. Depois de alguns movimentos mais agitados, a tentar libertar-se, acabou por ficar calmo, a olhar para o chão de mau humor. Os dois combatentes que seguiam à frente tinham dispositivos de visão nocturna que faziam de olhos da "tartaruga". Os dispositivos estavam directamente ligados aos capacetes, o que lhes libertava as mãos. Obedecendo à voz de comando, os soldados inclinaram a cabeça e, cobrindo as pernas com os escudos, começaram a andar rapidamente. No meio dos combatentes, Artyom agarrou com firmeza a mão de Oleg e puxou por ele. Não conseguia ver além dos soldados e só conseguia perceber o que se passava pelas palavras que trocavam.

– Ali, à direita... Mulheres, uma criança.

– À esquerda! Debaixo da arcada, debaixo da arcada! Estão a disparar! – As setas começaram a embater nos escudos metálicos.

– Abatam-nos! – Ouviram-se disparos de metralhadora.

– Um... Dois... Continuem a andar, continuem a andar!"

– Atrás de nós! Lomov! – Mais tiros.

– Para onde querem ir? Por aí não dá.

– Em frente, disse eu! Aguentem o refém!

– Raios, passou-me mesmo à frente dos olhos...
– Parem! Parem! Alto!
– Que é aquilo ali?
– Está tudo bloqueado! São cerca de quarenta! E barricadas!
– A que distância?
– A vinte metros. Não estão a disparar.
– Estão a aproximar-se pelos flancos!
– Quando é que construíram as barricadas?

Uma chuva de setas caiu-lhes sobre os escudos. Como um só, ajoelharam-se e ficaram inteiramente cobertos pela protecção fornecida pelos escudos. Artyom curvou-se, protegendo Oleg. A maca com Anton foi pousada no chão. A chuva de setas aumentou de intensidade.

– Não ripostem! Não ripostem! Vamos esperar...
– Atingiu-me a bota...
– Preparem as lanternas... Contando até três, iluminem-nos com as lanternas e disparem. Quem tiver o dispositivo de visão nocturna pode escolher já os seus alvos. Um...
– Eles estão a parar...
– Dois! Três! – Acenderam-se ao mesmo tempo vários focos de luz muito intensa e as metralhadoras abriram fogo. Artyom conseguiu ouvir os gritos de medo e os gemidos dos que eram atingidos. Depois, o tiroteio cessou de repente. E Artyom ficou à escuta.
– Ali, ali, com a bandeira branca... Estão a render-se ou quê?
– Cessar fogo! Falamos com eles. Ponham o refém à frente!
– Pára com isso, cabrão! Pronto, já está. Já está! Espertalhão do velho...
– Temos o vosso sacerdote! – proclamou Melnik. – Deixem-nos sair! Deixem-nos regressar ao túnel! Repito: deixem-nos sair!
– O que é aquilo? O que é aquilo?
– Não há reacções.
– Talvez não tenham percebido.
– Iluminem-no melhor...
– Olhem. – E, de repente, calaram-se. Nem chegou a haver negociações. Era como se os combatentes estivessem imersos nos seus pensamentos. No início, eram só os que estavam à frente e, depois, o que estava na

retaguarda. O silêncio era de tensão e não prenunciava nada de bom.

– Que se passa? – perguntou Artyom, inquieto. Ninguém lhe respondeu. Os soldados tinham ficado imóveis. Artyom sentiu a palma da mão do rapaz a cobrir-se de suor. O silêncio perturbava-o.

– Sinto que... Ele está a olhar para nós – disse Oleg, em voz baixa.

– Libertem o refém – ordenou Melnik, de repente.

– Libertem o refém – repetiu outro dos combatentes.

Artyom não aguentou mais e, endireitando-se, espreitou por cima dos escudos e dos capacetes. Mais à frente, a uns dez passos, no ponto onde se cruzavam três focos de luz ofuscantes, sem pestanejar e sem cobrir os olhos com as mãos, estava um homem alto e de costas curvadas com um pano branco nos dedos retorcidos da mão estendida. Via-se mal o rosto do homem. Era semelhante a Vartan, o selvagem que interrogara Artyom umas horas antes. Artyom abrigou-se, de novo, atrás dos escudos, destravou a metralhadora e meteu uma bala na câmara. A cena que vira não lhe saía da memória. Simultaneamente assustadora mas fascinante, fê-lo recordar-se, por instantes, do velho livro, **U uÓÉ q VmÇmÓámÉ pm Hı Ós m OÇ oumA** que gostava muito de folhear quando era criança. Uma das lendas referia-se a uma criatura monstruosa de forma semi-humana cujo olhar era capaz de transformar em pedra os mais corajosos guerreiros. Artyom respirou fundo, chamou a si toda a sua força de vontade, impondo-se a si próprio não olhar para o rosto do hipnotizador, saltou por cima dos escudos como um demónio na ponta de uma mola e premiu o gatilho. Depois da estranha e silenciosa batalha entre as metralhadoras com silenciadores e as zarabatanas, o disparo de tiro automático da **SmmÉt ı uz Áá** pareceu abanar o próprio tecto da estação. E embora Artyom estivesse convencido de que, àquela distância, não seria possível falhar, o que mais receava aconteceu mesmo: tendo adivinhado as suas intenções, o olhar da criatura caiu sobre Artyom assim que a sua cabeça emergiu dos escudos e os seus olhos ficaram presos na armadilha dessa visão mortífera. O jovem conseguira premir o gatilho mas uma mão invisível fez o cano da arma desviar-se para o lado. A rajada falhou quase toda o alvo mas um dos tiros acertou no ombro da criatura. O hipnotizador soltou um som gutural, que perfurou os ouvidos de Artyom, e, com um movimento fugidio, desapareceu na escuridão. “Só

temos alguns segundos", pensou Artyom, "só alguns segundos." Quando o grupo chefiado por Melnik atacara Park Pobedy, tivera a seu favor o elemento da surpresa. Mas agora, depois de os selvagens terem organizado a sua defesa, já não pareciam ter a possibilidade de atravessar a barreira que eles haviam criado. Fugir em sentido contrário parecia ser a única hipótese. Lembrou-se das palavras do carcereiro: há túneis que não constam do mapa do Metro e que partem da estação.

– Há aqui outros túneis? – perguntou a Oleg.

– Há mais uma estação como esta, depois da passagem, como um reflexo num espelho – respondeu o rapaz, com um aceno de mão. – Brincámos lá. Ainda existem alguns túneis mas eles disseram-nos que era proibido entrar.

– Vamos recuar! Para o cruzamento! – gritou Artyom, tentando reduzir o tom de voz e imitar o som de baixo da voz de comando de Melnik.

– Mas que diabo! – rosnou o saqueador, aborrecido. Parecia já estar a recuperar toda a consciência. Artyom agarrou-o por um ombro.

– Rápido, eles têm aqui um hipnotizador – explicou, falando apressadamente. – Nós não conseguimos furar a barreira! Há outra saída, depois do cruzamento!

– É verdade, esta estação é dupla... Vamos! – exclamou Melnik, acatando a decisão. – Aguentem a formação! Para trás! Devagar, devagar!

Os soldados começaram a mover-se, embora a contragosto, de início. Impelindo-os com novas ordens, Melnik conseguiu obrigar o grupo a retomar a mesma formação apertada e a começar a retirar-se antes de se abaterem sobre eles mais setas vindas da escuridão. Quando começaram a subir os degraus existentes na passagem, o combatente que ia na retaguarda deu um grito e agarrou-se à canela. Continuou a subir, apesar de sentir as pernas a ficarem entorpecidas, mas, passados alguns instantes, uma cãibra monstruosa fê-lo tombar, a agitar-se como se fosse uma peça de roupa molhada que alguém estivesse a retorcer. O grupo parou. Sob a cobertura dos escudos, dois soldados apressaram-se a ir levantar o camarada caído. Mas já não puderam fazer nada. O corpo ficou azul, diante dos seus olhos, e a boca encheu-se de espuma. Artyom já sabia o que isso significava, tal como Melnik.

– Pega no escudo, no capacete e na metralhadora dele! – disse Melnik a

Artyom. –Rápido! Vamos! Vamos! – gritou aos outros.

O capacete de titânio estava sujo com a horrível espuma e Artyom precisava de arrancá-lo da cabeça do morto. Mas não conseguiu obrigar-se a fazer isso. Limitando-se à metralhadora e ao escudo, tomou o seu lugar na retaguarda da formação e acompanhou os outros. Já iam a correr, nesta altura. Alguém atirou uma granada de fumo, e, aproveitando a confusão, o grupo desceu para os carris. Outro soldado deu um grito de surpresa e caiu. Agora, só três é que podiam transportar a maca onde ainda se encontrava Anton. Artyom receava expor-se, se saísse de detrás do escudo, e disparou vários tiros às cegas. E, a seguir, ficou tudo estranhamente sossegado. As setas já não caíam sobre eles mas, a avaliar pelo ruído dos passos e das vozes, a perseguição ainda continuava. Reunindo toda a sua coragem, Artyom espreitou de detrás do escudo. O grupo estava a uns dez metros da entrada do túnel. Os primeiros combatentes já lá tinham chegado. Dois deles, voltando-se, iluminaram os atacantes com as lanternas e cobriram os restantes. Mas isso não pareceu necessário. Os selvagens, aparentemente, não tencionavam segui-los pelo interior do túnel. Reagrupando-se num semi-círculo, baixando as zarabatanas e cobrindo os olhos com as mãos, para evitar a luz ofuscante das lanternas, estavam à espera de qualquer coisa, em silêncio.

– Inimigos do Grande Verme, ouçam! – proclamou o chefe barbudo, que dera as indicações relativas aos interrogatórios, destacando-se agora da multidão. – Os inimigos vão para as passagens sagradas do Grande Verme. As pessoas boas não os seguem. É proibido ir lá hoje. Grande perigo. Morte e danação. Que os inimigos libertem o velho sacerdote e que se vão embora.

– Não, não o libertem nem lhes dêem ouvidos – ordenou Melnik, numa voz calma. – Vamos embora.

Retomaram o caminho, rodeando-se de todos os cuidados. Artyom e alguns dos combatentes fechavam o cortejo, andando às arrecuas sem desviar os olhos da estação que estavam a abandonar. Ninguém os seguiu, de início. Mas ouviram uma voz, vinda da estação, de alguém que estava a discutir e que começou a falar cada vez mais alto até gritar:

– Dron não pode! Dron deve ir! Pelo mestre!

– Proibido ir! Alto! Alto! – Uma figura escura destacou-se da escuridão

num movimento rápido, aparecendo tão velozmente à luz das lanternas que era impossível atingi-lo. De imediato, seguiram-na outras figuras. Sem conseguir fazer pontaria ao primeiro selvagem, um dos soldados atirou um objecto na direcção dos seus perseguidores e lançou um aviso:

– Para o chão! Granada!

Artyom atirou-se de borco para os carris, cobrindo a cabeça com as mãos e abrindo a boca como o padrasto lhe ensinara. O ruído incrível da explosão e a ensurdecedora força da onda de choque atingiram-lhe os ouvidos e empurraram-no contra as travessas. Ficou assim durante alguns minutos, a abrir e a fechar os olhos, tentando recuperar a consciência. A cabeça latejava-lhe e via pontos coloridos diante dos olhos. Palavras pronunciadas com dificuldade e repetidas foi o que primeiro ouviu: "Não, não, não disparem, não disparem, Dron não tem arma, não disparem!" Artyom levantou a cabeça e olhou em redor. Os focos de luz das lanternas mostravam o selvagem que os vigiara enquanto eles se encontravam na gaiola dos macacos e que agora erguia as mãos bem ao alto. Dois dos soldados mantinham-no na mira das suas armas, à espera de ordens, enquanto os restantes se punham em pé, a sacudir-se. Ainda pairava no ar uma poeira pesada, proveniente das pedras destruídas, e da estação chegava-lhes um cheiro pungente.

– Que aconteceu? Veio tudo abaixo? – perguntou um dos combatentes.

– E foi só uma granada... Digo-te que o Metro está preso por um fio...

– Bem, pelo menos por agora estamos a salvo. Até eles conseguirem afastar todos os destroços...

– Prendam o selvagem e tragam-no – disse Melnik, aproximando-se. – Vamos continuar, sem perder mais tempo. Não sabemos quando é que eles vão conseguir fazer alguma coisa.

O grupo só parou cerca de uma hora depois. Durante o caminho que percorreram, viram o túnel a dividir-se em duas direcções e coube ao saqueador, que ia à frente, decidir a via por onde continuaram. A certa altura depararam com enormes dobradiças de ferro, a que deviam ter estado ligadas, em tempos, a batentes de portas. Junto a elas encontraram os destroços de uma porta de correr. Fora isso, o túnel não apresentava outros motivos de interesse, estando completamente vazio e mergulhado numa

escuridão absoluta, sem sinais de vida.

Caminharam em silêncio. O idoso tropeçava a cada passo que dava e caiu várias vezes. Dron caminhava visivelmente contrariado, a resmungar para si próprio palavras que envolviam proibição e danação até ao momento em que lhe taparam a boca com uma mordaça. Quando Melnik os deixou fazer uma pausa, pondo sentinelas com dispositivos de visão nocturna a cerca de cinquenta metros nos dois sentidos do túnel, o sacerdote, extenuado, deixou-se cair no chão. O selvagem, no entanto, continuou a tentar falar apesar da mordaça até os soldados o levarem para perto do sacerdote, junto de quem ajoelhou, a afagar a cabeça do idoso com as mãos atadas. O pequeno Oleg correu para a maca, onde o pai ainda continuava deitado, e começou a chorar. A paralisia que afectara Anton já desaparecera mas o comandante mantinha-se inconsciente, como acontecera desde que a primeira seta o atingira.

Melnik chamou Artyom para junto de si e o jovem não conteve mais a sua curiosidade.

– Como é que nos encontraram? – perguntou. – Cheguei a pensar que para nós estava tudo terminado e que nos iam comer.

– Achas que foi difícil? Vocês deixaram a vagoneta mesmo por baixo da abertura. Os guardas encontraram-na quando Anton, passado meia hora, não apareceu para beber o chá. Só que não tentaram fazer nada sozinhos. Mantiveram a abertura vigiada e comunicaram o sucedido ao chefe da estação. Eu cheguei entretanto e vi que não tinhas ficado à minha espera. Regressei à nossa base, em Smolenskaya, para reunir reforços. Começámos a preparar-nos e enquanto nos equipávamos, lembrei-me do que acontecera em Mayakovskaya. Houve uma situação semelhante: um túnel lateral destruído, onde eu e Tretyak nos havíamos separado. Tínhamos estado à procura da entrada para D-6 no mapa, separados por uns cinquenta metros. Três minutos depois, chamei por ele. Não tive resposta. Corri para o ponto onde ele se encontraria e encontrei-o no chão, com um tom azulado e muito inchado, os lábios rebentados por esta porcaria. Puxando-o pelas pernas, levei-o para a estação. Enquanto o transportava, lembrei-me de Semionovich e do que ele contara sobre o guarda envenenado. Iluminei melhor o corpo de Tretyak e encontrei-lhe uma seta espetada na perna. E

comecei a perceber tudo. Enviei-te o mensageiro para que ficasses na estação à minha espera. Mas quando regressei, já não estavas lá.

– Eles também já chegarem a Mayakovskaya? – perguntou Artyom, surpreendido. – Como é que lá chegaram, a partir de Park Pobedy?

– É o que te vou contar. – O saqueador tirou o capacete e pousou-o no chão. – Claro que me desculparás, porque nós não viemos só buscar-te mas, também, recolher informações. Eu acho que deve haver aqui outra passagem para o Metro-2. E acho que foi por aí que os teus canibais chegaram a Mayakovskaya. Aliás, aí passa-se o mesmo, com crianças desaparecidas da estação durante a noite. E só o Diabo é que sabe para onde foram, porque não ficam vestígios.

– Quer dizer... Está a dizer que... – A ideia parecia-lhe tão inconcebível que Artyom até hesitou em dar-lhe voz. – Na sua opinião, a entrada para o Metro-2 é por aqui? – A porta de entrada para D-6, essa espécie de fantasma do Metro, ficaria, de facto, perto do local onde se encontravam? Artyom pensou em todos os rumores, histórias, lendas e teorias sobre o Metro-2 que já ouvira.

– E ainda te digo mais – o saqueador piscou-lhe o olho. – Até penso que já entrámos.

Pedindo uma lanterna a um dos soldados, Artyom começou a examinar as paredes do túnel. Sentiu que olhavam para ele, intrigados, pensando que isso seria uma parvoíce, mas não podia deixar de o fazer, apesar de também não saber muito bem o que poderia esperar se já estivessem no Metro-2. Carris de ouro? Pessoas a viverem como antes viviam, sem conhecerem os horrores do quotidiano, numa abundância de conto de fadas? Deus? Fez todo o caminho entre os dois postos de vigilância e, sem ter encontrado nada, regressou para junto de Melnik. O saqueador estava a falar com o soldado encarregue de guardar os selvagens.

– E os reféns? Acabo com eles? – perguntou-lhe o soldado.

– Primeiro, vamos ter de conversar – respondeu Melnik. Curvando-se, tirou a mordaça ao sacerdote. E depois fez o mesmo ao outro prisioneiro.

– Mestre! Mestre! – começou o selvagem, num tom lamuriento. – Dron vai contigo! Dron vai contigo, mestre! Dron quebrou a proibição das passagens sagradas. Dron está pronto para morrer pela mão dos inimigos do Grande

Verme e vai contigo, até ao fim!

– Que quer isso dizer? O que é esta história do verme? O que são as passagens sagradas? – perguntou Melnik.

O idoso ficou em silêncio. Mas Dron, olhando assustado para os seus captores, apressou-se a dizer:

– As passagens sagradas do Grande Verme estão proibidas às pessoas boas. O Grande Verme pode mostrar-se. As pessoas podem ver. É proibido ver! Só os sacerdotes é que podem. Dron tem medo mas vem. Dron vem com o mestre.

– Mas que verme? – insistiu o saqueador, franzindo o sobrolho.

– O Grande Verme. Criador da vida – explicou Dron. – As passagens sagradas são aí à frente. Não se pode ir todos os dias. Hoje é dia proibido. Quem vir o Grande Verme fica transformado em cinzas. Quem o ouvir fica amaldiçoado e morre rapidamente. Toda a gente sabe. Dizem os anciãos.

– Que se passa aqui? São todos assim? – perguntou Melnik a Artyom.

– Não – respondeu o jovem, abanando a cabeça. – Fale com o sacerdote.

– Eminência – disse Melnik, dirigindo-se com ironia ao sacerdote. – Vai desculpar-me mas sou apenas um velho soldado... Como hei-de dizer? Eu não conheço a linguagem mais elevada. Mas há um local neste seu domínio de que andamos à procura. E parece que é possível chegar lá. Há coisas que são lá guardadas... Flechas de fogo? Os frutos da ira? – Observou o rosto do idoso, esperando vê-lo reagir a uma das suas metáforas, mas o sacerdote continuou teimosamente em silêncio, fitando-o com os olhos semicerrados. – As lágrimas ardentes dos deuses? – prosseguiu o saqueador, para surpresa de Artyom e dos outros. – Os raios de Zeus?

– Deixe-se de fazer teatro – interrompeu-o finalmente o sacerdote, com um olhar de desprezo. – Não é aceitável que emporcalhe a metafísica com as suas botas sujas de militar.

– Mísseis – disse Melnik, de imediato, mudando para um registo muito mais prático. – A unidade de mísseis que existia nos arredores de Moscovo. Uma saída do túnel de Mayakovskaya. Deve lembrar-se daquilo a que estou a referir-me. Temos de chegar lá rapidamente e seria melhor para si se nos ajudasse.

– Mísseis – repetiu o idoso, lentamente, como se estivesse a saborear a

palavra. – Mísseis... Você terá o quê? Cinquenta anos? Ainda deve lembrar-se. No Ocidente, chamaram aos SS-18 "Satanás". Há-de ter sido o único momento de lucidez da civilização humana. Não acha que isso já foi suficiente? O mundo todo está em ruínas e você acha que isso ainda não chegou?

– Ouça, Eminência, nós não temos tempo para isto – ripostou Melnik. – Dou-lhe cinco minutos. – Estendeu as mãos, fazendo estalar os dedos.

O sacerdote fez uma careta. Era como se nem o equipamento de combate de Melnik e dos seus soldados nem a ameaça mal disfarçada da voz do saqueador o impressionassem por um momento.

– E depois? Que pode fazer-me? – E sorriu. – Vai torturar-me? Vai matar-me? Vá. Eu já sou velho e a nossa religião tem poucos mártires. Portanto, mate-me, como já matou centenas de milhões de outras pessoas! Tal como matou o meu mundo! O nosso mundo! Vá, carregue no gatilho da sua máquina maldita tal como carregou nos gatilhos e nos botões de dezenas de milhares de outros mecanismos mortíferos! – A voz do idoso, de início fraca e rouca, adquiriu rapidamente um tom de aço. Apesar do seu cabelo grisalho despenteado, das mãos atadas e da sua reduzida estatura, que agora ainda parecia mais baixa, já não parecia ter a mesma imagem patética. Uma força estranha emanava de todo o seu ser e cada palavra que pronunciava parecia mais convincente e ameaçadora do que a anterior. – Nem precisa de estrangular-me com as suas mãos, nem precisa de ficar a ver a minha agonia... Amaldiçoadas sejam as suas máquinas e as dos seus companheiros! Roubaram todo o valor à vida e à morte... Pensa que sou doido? Pois os verdadeiros doidos são vocês, os vossos pais e os vossos filhos! Não foi uma loucura perigosa tentar subjugar o mundo e domar a natureza, atormentá-la, maltratá-la e obrigá-la a tombar, vítima de cãibras e a espumar pela boca? Onde estava quando o mundo foi destruído? Viu o que aconteceu? Viu o que eu vi? O céu a derreter-se e depois a ser engolido por nuvens sem vida? Os rios e os mares a ferver, atirando para as costas animais queimados vivos e a água transformada depois numa geleia cheia de gelo? O sol a desaparecer do céu, para não regressar senão anos mais tarde? As casas transformadas em pó numa fracção de segundo e as pessoas que nelas viviam transformadas em cinzas? Ouviu os gritos dos que pediam socorro? E

dos que morreram vítimas das epidemias e mutilados pela radiação? Ouviu as suas pragas? Olhe para ele! – O sacerdote apontou para Dron. – Olhe para os que não têm braços nem olhos e para os que têm seis dedos! Mesmo para os que ganharam novas capacidades!

O selvagem, de joelhos, ouvia com sofreguidão e temor as palavras do sacerdote. E Artyom também sentiu qualquer coisa que não era muito diferente. E os soldados que o ouviam até deram um passo atrás. Só Melnik se mantinha impassível, a fitar directamente o idoso nos olhos.

– Viu o seu mundo morrer? – prosseguiu o sacerdote. – Compreende de quem é a culpa? Quem é que transformou florestas verdes que não tinham limites em desertos queimados? Que fizeram a este mundo? A Terra não conheceu um mal maior do que a vossa maldita civilização das máquinas. A vossa civilização é um tumor canceroso, é uma ameba gigantesca que absorve tudo o que é útil e que alimenta sem nunca se sentir saciada, arrotando depois lixo fétido e venenoso. E agora querem mísseis, outra vez! Precisam, outra vez, das mais aterrorizadoras armas criadas por uma civilização de criminosos! E para quê? Para terminarem o que começaram? Assassinos! Odeio-vos, odeio-vos a todos! – berrou, de repente, perdido num ataque de fúria, tossindo de seguida e ficando silencioso por algum tempo, como todos os que o escutavam. – Mas o vosso tempo está a chegar ao fim... E mesmo que eu não consiga viver até esse momento, outros virão substituir-me e esses compreenderão como a tecnologia é perniciosa e conseguirão viver sem ela! Vocês são cada vez menos e já não estarão à superfície da terra por muito mais tempo. É triste que eu não consiga ver a vossa agonia! Mas estamos a alimentar as crianças que a verão! A humanidade arrepender-se-á, com a sua arrogância, de ter destruído tudo o que era valioso! Depois de séculos de enganos e de ilusões, a humanidade aprenderá finalmente a distinguir o bem do mal e a verdade da mentira! Nós estamos a educar os que vão habitar o mundo depois de vocês. E para que não fujam à agonia, iremos espetar em breve o punhal da misericórdia no vosso coração! No coração corrompido da vossa civilização apodrecida... O dia está próximo! – E, com estas palavras, o sacerdote cuspiu para os pés de Melnik.

O saqueador não reagiu logo. Pareceu ficar indiferente à raiva do idoso,

que tremia. Mas depois, cruzando os braços e parecendo interessado na resposta, perguntou-lhe:

– E depois? E para que é que inventaram uma espécie de verme e um conto de fadas para o explicarem? Para levarem os vossos canibais a odiar a tecnologia e o progresso?

– Cale-se! Que sabe do ódio que eu tenho pela vossa tecnologia diabólica e amaldiçoada? Que sabe das pessoas e das suas esperanças e dos seus objectivos e das suas necessidades? Se os velhos deuses deixaram o homem ir para o Inferno e depois se deixaram morrer com o seu velho mundo, não há qualquer motivo para os fazer ressuscitar... Ouço nas suas palavras a arrogância maldita, o desprezo e o orgulho que empurraram a humanidade para a catástrofe. Portanto, mesmo que não exista um Grande Verme e que nós o tenhamos inventado, pode ter a certeza de que, muito em breve, este deus imaginário do subsolo vai ser mais poderoso do que os vossos seres celestiais, do que esses ídolos que tombaram dos seus tronos e que foram feitos em mil pedaços! Ri-se do Grande Verme?! Ria-se à vontade! Mas não será o último a rir-se!

– Já chega. A mordaça! – decidiu o saqueador. – Mas não lhe façam mal, que ainda nos pode vir a ser útil.

O sacerdote voltou a ser amordaçado, antes que pudesse continuar a gritar as obscenidades a que já estava a recorrer. O selvagem, por seu turno, ficou imóvel, de ombros descaídos numa expressão desesperada, sem desviar o olhar baço do rosto do idoso.

– Mestre! Que significa? Não existe o Grande Verme? – perguntou finalmente, num tom grave. Mas o sacerdote nem olhou para ele. – Que significa? O mestre inventou o Grande Verme?! – Dron já falava como se estivesse entorpecido, abanando a cabeça lentamente.

O sacerdote não respondeu. Pareceu a Artyom, que seguia a cena em silêncio, que o idoso gastara toda a sua energia com a invectiva feita a Melnik, e que ficara exausto.

– Mestre, mestre! O Grande Verme existe. Está a enganá-los! Porquê? Está a dizer o que não é verdade... Para confundir os inimigos. Ele existe. Existe! – E, inesperadamente, Dron começou a uivar. O desespero que o consumia era patente no som que produzia, um misto de uivo com choro, tão intenso

que Artyom até teve vontade de se aproximar dele para o confortar. Quanto ao idoso, parecia já se ter despedido da vida, desinteressado do seu pupilo e mais interessado noutros assuntos.

– Ele existe! Ele existe! Ele existe! – proclamou Dron. – Nós somos os seus filhos. Somos todos filhos dele! Ele é e sempre foi e sempre será! Ele existe! Se o Grande Verme não... isso significa... Estamos completamente sós! Sós!

Qualquer coisa terrível estava a acontecer ao selvagem, que se sentia agora totalmente desapossado. Dron começou a entrar em transe, abanando a cabeça, como se esperasse esquecer o que ouvira, sem deixar de produzir o som lamentoso que era acompanhado por uma catadupa de lágrimas e de baba. Nem tentou limpar-se, levando as mãos à cabeça para bater em si próprio. Os soldados soltaram-no e o selvagem caiu no chão, cobrindo os ouvidos com as mãos e começando então a dar murros na sua própria cabeça. Depois, rebolou para um lado e para o outro, agitando-se em total descontrolo, enquanto os gritos enchiam todo o túnel. Os soldados tentaram sossegá-lo mas nem os pontapés nem os murros foram suficientes para lhe silenciar os uivos que lhe saíam do peito.

Melnik contemplou o canibal com um olhar de desaprovação e depois desabotoou o coldre que tinha no cinto, de onde tirou a **dÓotzu** com o silenciador apontando-a a Dron e, premiu o gatilho. O silenciador emitiu um **ÂÁÂ!** suave e o selvagem ficou imóvel. Os sons desarticulados que estivera a emitir cessaram de imediato mas o eco repetiu os seus últimos sons durante mais alguns segundos, como se ainda prolongasse a vida de Dron por mais algum tempo: "... óóóóóóóóós..."

E só nesse momento ocorreu a Artyom o que o selvagem gritara mesmo antes de morrer: "... sós!"

O saqueador voltou a guardar a pistola no coldre. Artyom não conseguiu levantar o rosto e olhar para ele, fixando-se, em vez disso, no selvagem silenciado e no sacerdote, perto dele. O idoso não reagiu à morte do seu pupilo. O sacerdote mal se mexera ao ouvir o som do disparo, limitando-se depois a olhar para o corpo e a voltar-se em completa indiferença.

– Vamos – ordenou Melnik. – Com este barulho, vamos atrair aqui metade do Metro.

O grupo retomou a sua formação de imediato. À retaguarda puseram

Artyom, equipado com uma lanterna muito forte e o colete anti-bala de um dos soldados que transportavam Anton. Um minuto depois retomaram a marcha e continuam a andar pelo túnel. Artyom não estava preparado para ser o último homem. Movia as pernas com dificuldade, tropeçando nas travessas, a olhar impotente para o soldado que caminhava diante de si. Nos seus ouvidos ainda ressoava o uivo choroso do morto. O desespero, a decepção e a falta de vontade de Dron para acreditar no sacerdote haviam-no deixado totalmente só neste mundo de uma escuridão horrível e Artyom começava a sentir como seus esses sentimentos. Era estranho mas foi só depois de ter ouvido os uivos do selvagem, e a sua nostalgia desesperada por um ser divino absurdo e fruto da invenção, que Artyom começou a aperceber-se da sensação universal de solidão que alimentava a fé da humanidade.

E, à medida que ia caminhando pelo túnel vazio e desprovido de vida, sentiu outra coisa que também não era muito diferente.

Se o saqueador tivesse razão e estivessem a descer para as profundezas do Metro-2, há mais de uma hora, então a misteriosa estrutura não passaria de um simples truque de engenharia, criado há muito pelos seus proprietários e dominada por canibais semi-racionais e pelos seus sacerdotes fanáticos. Os soldados começaram, entretanto, a falar em sussurros. O grupo chegara a uma estação vazia de arquitectura extraordinariamente invulgar. Uma plataforma pequena, o tecto baixo, colunas enormes e espessas de betão armado e paredes de azulejos em vez do mármore habitual indicavam que ninguém tinha querido criar uma estação bonita e que a sua única missão era a de proteger, o melhor possível, quem a utilizava. Letras de bronze já desgastadas pelo tempo formavam a incompreensível palavra “Sovmin”. E noutro local via-se a expressão “Dom Praviteltstav RF”[68]. Mas Artyom sabia que o Metro não tinha estações com estes nomes.

Melnik não pareceu querer demorar-se muito tempo. Olhando rapidamente à sua volta, disse algumas palavras em voz baixa aos seus soldados e o grupo pôs-se em marcha. Artyom sentiu-se dominado por um sentimento estranho que não conseguia transformar em palavras. Os Observadores Invisíveis passavam de seres ameaçadores, sábios e incompreensíveis, a fantasmagóricas esculturas que ilustravam mitos antigos

e moribundos nascidos na humidade e no ar frio dos túneis. Ao mesmo tempo, as outras crenças com que deparara na sua jornada perdiam-se num emaranhado absurdo na sua própria consciência. Um dos maiores segredos do Metro estava a revelar-se diante dos seus olhos: D-6, a que alguém chamara "o Mito Dourado do Metro". No entanto, em vez de uma onda de felicidade, Artyom sentia uma amargura incompreensível. Começava a compreender que era necessário manter secretos alguns segredos por eles não terem respostas e que havia perguntas cujas respostas era melhor não conhecer.

Artyom sentiu a respiração fria dos túneis no rosto, seguindo o rasto de uma lágrima furtiva. Abanou a cabeça, como Dron fizera momentos antes. Começou a tremer, afectado pela corrente de ar gelado que trazia consigo um cheiro a humidade e a desolação ou pelos seus próprios sentimentos de solidão e de vazio. Por um breve instante, pareceu-lhe que nada no mundo fazia sentido. A sua missão era inútil, tal como as tentativas feitas pelo homem para sobreviver num mundo alterado. Até por causa do nada que era a vida: um túnel deserto e escuro que devia percorrer, partindo da estação "Nascimento" até alcançar a estação "Morte". Os que procuravam uma fé eram os que procuravam os ramais laterais dessa linha. Mas só havia duas estações e um único túnel a ligá-las.

Quando Artyom emergiu dos seus pensamentos, verificou que se deixara ficar para trás, a algumas dezenas de passos dos outros. Não percebeu logo o que lhe atraíra a atenção. Mas depois, olhando melhor para as paredes e escutando com toda a atenção, viu que numa das paredes existia uma porta mal fechada, de onde lhe chegava um som estranho, cada vez mais intenso. Era uma espécie de murmúrio surdo ou de um resmungar insatisfeito. Talvez não se ouvisse tão bem quando os outros haviam passado por ali mas, agora, era difícil não dar por ele.

Os outros já iam uns cem metros à sua frente. Dominando o desejo de correr atrás deles, Artyom susteve a respiração, aproximou-se da porta e empurrou-a com força. Viu um corredor comprido e largo, que terminava numa saída quadrada muito escura. Era daí que vinha o murmúrio. E parecia-se, cada vez mais, com o rugido de um enorme animal. Artyom ficou imóvel, como que enfeitiçado, a olhar para o vazio escuro e a ouvir o

rugido cada vez mais intenso, até ver, à luz da sua lanterna, uma forma inacreditavelmente gigantesca que avançava na sua direcção.

Recuando apressadamente, fechou a porta com força e correu na direcção dos outros.

68 N.T. – Sovmin e Dom Praviteltstav RF
Sovmin é o acrónimo de "soviet ministrov" (conselho de ministros) e Dom Praviteltstav RF significa "sede do Governo da Federação Russa" ("Rossiiskoi Federatsii")

A FORÇA DO PODER

Os companheiros de Artyom já tinham dado pela sua ausência e encontravam-se parados, voltando para o túnel um raio de luz branca. E quando Artyom o viu, levantou as mãos, à cautela, e exclamou:

– Sou eu! Não disparem!

A lanterna apagou-se. Artyom apressou o passo, esperando ouvir uma repreensão. Mas, ao chegar junto do grupo, Melnik apenas lhe perguntou, numa voz calma:

– Não ouviste nada, ainda agora?

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça. Mas não queria falar do que acabara de ver. Pensava que podia ter sido a sua imaginação. E sabia que era necessário encarar com cuidado as impressões que sentia no Metro. E o que teria sido esta? Parecera-lhe um comboio a acelerar mas não podia ter sido. Não havia electricidade suficiente no Metro para fazer andar os comboios nas próximas dezenas de anos. A outra possibilidade pareceu-lhe ainda mais estranha. Artyom lembrou-se dos avisos dos selvagens relativos às passagens sagradas do Grande Verme.

– Portanto, os comboios já não circulam, não é? – perguntou ao saqueador.

Melnik olhou para ele com ar aborrecido.

– Que comboios? Depois de pararem, nunca mais andaram e acabaram por ser desfeitos por causa das peças. Estás a referir-te a estes sons que ouvimos? Eu penso que seja um curso de água subterrâneo. Há um rio aqui perto e nós já passámos por debaixo dele. Mas que se lixe! Há problemas mais importantes para resolvermos. Ainda não sabemos como é que vamos sair daqui, por exemplo.

Artyom não quis que o saqueador pensasse que tinha um louco pela frente e, por isso, preferiu calar-se e deixar o assunto morrer por si. Era provavelmente o rio. O som desagradável da água a correr e dos pequenos

afluentes que deviam ter-se aberto ao longo dos carris haviam perturbado o silêncio sombrio do túnel naquela zona. As paredes e os arcos brilhavam devido à humidade e à película de bolor quase branco que os cobria e pelo chão viam-se algumas poças de água. Artyom habituara-se a recear a água nos túneis e esta linha fazia-o sentir-se especialmente desconfortável. O padrasto falara-lhe nos túneis e nas estações que a água subterrânea inundava. Felizmente, eram locais mais fundos ou mais distantes e, por isso, era remota a hipótese de as inundações alastrarem a uma linha na sua totalidade.

Entretanto, quanto mais avançavam mais seco se revelava o túnel. Os pequenos cursos de água desapareciam gradualmente e o bolor que existia nas paredes começava a escassear, ao mesmo tempo que o ar parecia mais leve. O túnel descia e parecia cada vez mais limpo. Mais uma vez, Artyom deu por si a pensar em Bourbon e no que ele dissera: um túnel vazio era o mais aterrorizador de tudo.

Os seus companheiros, aparentemente, também o sabiam e olhavam com frequência na direcção de Artyom, que os seguia aos tombos, mas, ao verem-lhe a expressão do olhar, voltavam-se logo para a frente. Caminhavam sem se deterem, sem se deterem a olhar para as grelhas nas paredes nem para as pesadas portas laterais de ferro, com fechos enormes, que apareciam de vez em quando. Só nesta altura é que Artyom começou a perceber, com maior clareza, a enorme dimensão do labirinto escavado na terra por debaixo da cidade por dezenas de gerações. O Metro era feito de inúmeras passagens e corredores que se expandiam a caminho das profundezas como se compusessem uma imensa teia de aranha. Algumas das portas estavam abertas. O foco das lanternas, apontadas de passagem para o seu interior durante alguns segundos, revelava salas abandonadas e beliches ferrugentos. A desolação reinava e Artyom procurava, em vão, um vestígio mínimo da presença humana. Os habitantes do Metro haviam voltado costas a esta grandiosa estrutura há já muito tempo.

A marcha demorava uma eternidade. O sacerdote estava a andar cada vez mais devagar e as forças pareciam estar a fugir-lhe nem os empurrões que lhe davam nem a linguagem ofensiva dos combatentes o faziam estugar o passo. E o grupo não parava a não ser por meio minuto, para os homens

que transportavam a maca com Anton trocarem de mãos.

Surpreendentemente, Oleg mostrava grande tenacidade. Embora fosse visível o seu cansaço, não se queixou uma única vez. Só fungava quando se esforçava, teimosamente, por acompanhar as passadas dos homens.

À cabeça do grupo estalou uma conversa mais viva. Espreitando por cima das costas largas dos combatentes, Artyom conseguiu perceber o que se passava. Tinham entrado numa nova estação. E parecia quase igual à anterior: arcos baixos, colunas da grossura das pernas de um elefante, paredes de cimento pintadas com tinta de óleo colorida. A plataforma era tão larga que ninguém conseguia ver o que existia no outro lado. Um olhar rápido sugeria que, nesta estação, caberiam na plataforma cerca de duas mil pessoas ao mesmo tempo, à espera da chegada de uma composição. Mas não se via uma única pessoa e o último comboio que por aqui passara devia ter sido há tanto tempo e com um destino tão obscuro que os carris estavam cobertos de uma ferrugem escurecida e as travessas apodrecidas encontravam-se quase ocultas pelo musgo. O nome da estação, feito em letras de bronze, fez estremecer Artyom: "Genshtab"[69]. O jovem lembrou-se logo dos militares da Pólis e das luzes fracas que vira a vaguear junto às paredes em ruínas do edifício do Ministério da Defesa. Melnik ergueu uma mão enluvada. O grupo ficou imediatamente imóvel.

– Ulman, vem comigo – ordenou o saqueador, bruscamente, e subiu com agilidade para a plataforma. O soldado de aspecto robusto que caminhava mais perto do comandante seguiu-o. Os sons suaves dos passos furtivos dos dois homens dissolveu-se no silêncio da estação. Os outros membros do grupo, como se tivessem recebido ordens para esse efeito, tomaram posições defensivas, vigiando os dois lados do túnel. Achando-se no meio deles, Artyom decidiu que podia aproveitar para examinar a estação, protegido pelos seus companheiros.

– O papá vai morrer? – E, acompanhando a pergunta que Oleg lhe fazia, Artyom sentiu-o a puxar-lhe pela manga e baixou os olhos. O rapaz estava de pé a olhar para ele, com uma expressão implorante, e Artyom percebeu que Oleg ia começar a chorar. Abanou a cabeça de uma maneira que pensou poder acalmá-lo e afagou-lhe a cabeça.

– Foi por eu ter dito onde trabalhava o papá? Magoaram-no por causa

disso? – perguntou o rapaz. – O papá disse-me sempre para não dizer a ninguém. – Oleg soluçou. – Ele dizia que ninguém gosta das pessoas dos mísseis. O papá dizia que não era uma vergonha nem era mau e que só tinham estado a proteger a pátria. E que os outros os invejavam.

Artyom olhou, desconfiado, para o sacerdote mas o idoso, fatigado pela viagem, sentara-se no chão, a olhar para o vazio, sem prestar atenção ao que diziam.

Melnik e Ulman regressaram alguns minutos mais tarde. Os soldados rodearam-nos e o saqueador contou-lhes o que haviam visto:

– A estação está deserta. Mas não foi abandonada. Há, em vários pontos, o desenho do verme deles. E há mais qualquer coisa... Vimos numa parede um diagrama feito à mão. A acreditar nele, este ramal vai ter ao Kremlin. É aí que fica a estação principal e onde existem as ligações para as outras linhas. Uma delas vai na direcção de Mayakovskaya. É para aí que temos de ir. O caminho deve estar livre. E não vamos meter o nariz nas passagens laterais. Alguma pergunta?

Os combatentes entreolharam-se mas ninguém falou. O idoso, que se mantivera indiferente e sentado no chão, mostrou-se perturbado ao ouvir a palavra "Kremlin" e começou a abanar a cabeça e a murmurar qualquer coisa. Melnik curvou-se e arrancou-lhe a mordaça.

– Não podem ir para aí! Não podem! Eu não vou para o Kremlin! Deixem-me aqui! – balbuciou o sacerdote.

– Que se passa? – perguntou-lhe o saqueador, aborrecido.

– Não podemos ir para o Kremlin! Não podemos ir para aí! Eu não vou! – repetiu o idoso, agitado, como se fosse um boneco mecânico.

– Se não quiser ir, melhor – retorquiu Melnik. – É menos um problema para nós e, além disso, só mostra que os seus amigos não estão lá. Bem, o túnel está vazio e limpo. Mas eu não tenciono ir para nenhum dos ramais. É preferível seguirmos directamente pelo caminho que vai para o Kremlin.

Os homens começaram a murmurar entre si. Lembrando-se do brilho sinistro das torres do Kremlin, Artyom percebeu que não era só o sacerdote que receava ir para essa zona.

– Atenção! – exclamou Melnik, cortando cerce os murmúrios de desconfiança. – Vamos avançar! Não temos tempo a perder. Para eles, é um

dia em que não podem andar nos túneis e, de facto, não se vê ninguém. Como não sabemos onde vai dar este túnel, temos de continuar em frente e em força. Ponham-no em pé!

– Não! Não vão por aí! Não podem! Eu não vou! – O idoso, aparentemente, enlouquecera de medo. Quando um dos soldados se aproximou dele, conseguiu escapar-se-lhe num movimento sinuoso quase imperceptível para depois, numa expressão de obediência fingida, ficar imóvel quando se viu na mira de uma metralhadora. – Vão para o Inferno! – exclamou, dando uma gargalhada triunfante que depois se transformou numa tosse ofegante, enquanto um espasmo lhe agitava o corpo e a boca começava a espumar. O rosto transformou-se numa máscara odiosa, com os cantos da boca revirados para cima. Era o sorriso mais horrível que Artyom vira até então.

– Este já está – disse Melnik. Aproximou-se do sacerdote, que tombara, e voltou-o com a biqueira da bota, voltando-o de borco. O corpo rígido pareceu mais pesado. De início, Artyom pensou que o saqueador o fizera para não verem o rosto do morto mas, depois, percebeu o verdadeiro motivo. Melnik iluminou com a lanterna os cabos que prendiam os pulsos do idoso. Na mão direita, o sacerdote tinha ainda a pequena seta que espetara no antebraço esquerdo. Artyom não percebeu como ele se obrigara a fazê-lo, onde é que havia escondido o dardo venenoso e por que motivo não o usara antes. Voltando-se, cobriu os olhos do pequeno Oleg com a palma da mão. O grupo ficara imóvel. Apesar de terem tido ordem de marcha, nenhum dos combatentes se movia. O saqueador ficou a olhar para eles. Era possível imaginar o que estariam a pensar: o que estaria à espera deles no Kremlin se o prisioneiro preferira suicidar-se a ir lá? Sem perder tempo a recolher opiniões, Melnik dirigiu-se à maca onde Anton se mantinha deitado, gemendo de vez em quando, e curvou-se para agarrar uma das pegas.

– Ulman! – chamou. Depois de uma breve hesitação, o soldado de ombros largos levou a mão a outra das pegas. E, cedendo a um impulso que o surpreendeu, Artyom também se aproximou e agarrou numa das pegas traseiras. Mais alguém se juntou a eles. E, sem dizer uma palavra, Melnik endireitou-se e começou a andar. Os outros seguiram-no e o grupo assumiu,

de novo, a formação de combate. – Já não fica muito longe – acrescentou o saqueador, tranquilamente. – A cerca de duzentos metros. O essencial é encontrar a passagem para a outra linha. E, depois, continuar para Mayakovskaya. Não sei que mais haverá lá para a frente. Já não temos Tretyak... E vamos ter de pensar em qualquer coisa. Agora só temos um caminho diante de nós. E é impossível sair dele.

As palavras de Melnik sobre o caminho que os esperava despertaram qualquer coisa em Artyom, que de novo se lembrou da sua própria viagem. E, ao pensar nela, não compreendeu logo a que se referia Melnik mas, ao escutar-lhe a alusão ao falecido Tretyak, recordou-se e sussurrou-lhe:

– Anton, o ferido... Ele parece ter estado a fazer qualquer coisa que parece ter sido "MVR"... Percebe de mísseis, portanto! Isso significa que ainda poderemos fazê-lo! Ou não?

Melnik olhou por cima do ombro para o comandante deitado na maca.

Estava mesmo doente, pelo que parecia, e a sua condição não estava a melhorar. A paralisia já lhe passara mas, agora, atormentava-o uma espécie de delírio. Os gemidos eram suplantados por ordens furiosas, observações desesperadas e por soluços e palavras balbuciadas. E quanto mais se aproximavam do Kremlin, mais alto gritava Anton e mais frenéticos se tornavam os seus movimentos:

– Eu disse-o! Não discutam! Eles vêm aí... Para o chão! Cobardes!... Mas como é que... Como estão os outros? Não haverá ninguém capaz, ninguém!...

Anton estava a discutir com camaradas que só ele via. A testa estava coberta de suor e Oleg, correndo ao lado da maca, aproveitou uma pausa, enquanto os combatentes que o transportavam trocavam de mãos, para lhe limpar a testa com um pano. Melnik voltou o foco da lanterna para o comandante, como se tentasse recolher um indício de que ele recuperaria os sentidos. As pupilas agitavam-se por debaixo das pálpebras e Anton rangia os dentes, fechando ao mesmo tempo os punhos. O corpo agitava-se de um lado para o outro. Só as tiras que o prendiam à maca é que o impediam de cair. Mas transportá-lo estava a tornar-se cada vez mais difícil.

Percorridos mais cinquenta metros, Melnik levantou a mão e o grupo voltou a imobilizar-se. No chão, havia um símbolo grosseiramente pintado a

branco: a já habitual linha torcida voltava a cabeça grossa para um grande sinal vermelho que atravessava a linha à frente deles. Ulman assobiou, de admiração.

– Se está encarnado é porque não podemos continuar – disse alguém, mais atrás, com uma gargalhada nervosa.

– Mas isso é para os vermes e não para nós – contrapôs o saqueador. – Em frente!

Recomeçaram a andar mas, desta vez, mais vagarosamente. Melnik pôs o dispositivo de visão nocturna e encabeçou o grupo. Mas não foi só por precaução que reduziram o andamento. Na estação designada por Genshtab, o túnel começara a descer mais acentuadamente e parecia sentir-se uma presença vinda do Kremlin, que não seria mais do que uma névoa invisível mas tangível. Cobrindo os homens como uma mortalha, sugeria que qualquer coisa inexplicável, enorme e diabólica, se escondia nas profundezas da escuridão mais absoluta. Não era, no entanto, o que Artyom já antes sentira. Não era como o turbilhão negro que o perseguira no túnel de Sukharevskaya nem como as vozes nos tubos ou o medo supersticioso dos túneis gerado e alimentado pelos habitantes de Park Pobedy. O que agora julgava sentir parecia ser algo inanimado mas, apesar disso, vivo e escondido. Artyom olhou para o robusto Ulman, que caminhava no lado oposto da maca. Teve uma enorme vontade de falar com ele. E sobre nenhum assunto em especial mas apenas para poder ouvir uma voz humana.

– E por que motivo é que brilham as estrelas das torres do Kremlin? – acabou por perguntar. A questão atormentava-o.

– Quem te disse que elas brilham? – replicou o combatente, surpreendido. – Não há lá uma coisa dessas. Relativamente ao Kremlin, é assim: cada pessoa vê o que quer ver. Até há quem diga que o Kremlin já não existe. Só que toda a gente espera ver o Kremlin. Só querem acreditar que o Espírito Santo está intacto.

– Mas o que lhe aconteceu? – perguntou Artyom.

– Ninguém sabe – respondeu Ulman –, com excepção dos teus canibais. Eu ainda era miúdo, teria uns dez anos. E os que estiveram na guerra dizem que a ideia não era destruir o Kremlin e que, por isso, atiraram para lá qualquer

coisa desenvolvida em segredo. Uma arma biológica. Foi logo no princípio. Não viram logo o que estava a acontecer e não deram o alarme mas quando perceberam o que se passava já era demasiado tarde e já tinha devorado toda a gente, incluindo os habitantes das redondezas. E o certo é que isso tem vivido no interior das muralhas e dizem que às mil maravilhas.

– Mas como é que... agarra as pessoas? – Artyom não conseguia desfazer a visão de que se recordava: as estrelas a cintilarem, com a sua luz sobrenatural, no cimo das torres do Kremlin.

– Sabes que há um insecto chamado formiga-leão? Tem umas mandíbulas enormes e escava um funil na areia, esconde-se no fundo e abre a boca. Se uma formiga ou outro animal pequeno passa pela sua armadilha e toca nas bordas do buraco, é o fim. Acaba ali mesmo. A formiga-leão mexe-se, a areia desliza para o fundo e o outro animal cai-lhe directamente na boca. É a mesma coisa com o Kremlin. Essa coisa está no fundo de um funil onde pode cair quem por ali passa para depois ser devorado. – O soldado fez um sorriso de troça.

– Mas porque é que as pessoas lá vão? – insistiu Artyom.

– Não faço a menor ideia. Por hipnose, provavelmente. Toma o exemplo destes canibais ilusionistas. Quase nos fizeram ficar lá, à mercê deles...

– Nesse caso, por que motivo é que estamos a retirar-nos para o Kremlin? – perguntou Artyom, com um olhar intrigado.

– Isso já não são perguntas para mim mas para o chefe. Mas, pelo que sei, temos de estar lá fora e de olhar para as muralhas e para as torres para isso nos poder apanhar. Mas parece que já estamos muito perto... E aqui, também, não há nada para ver.

Melnik voltou-se e mandou-os calar, irritado. Ulman fê-lo de imediato. E puderam ouvir o som que a voz dele encobria. Seria um borbulhar que se erguia das profundezas? Ou um ronco prolongado? Não parecia pressagiar nada de terrível mas era insistente e fazia um ruído desagradável, sendo impossível ignorá-lo. Passaram por três portas de correr de aspecto muito forte, postas lado a lado. Todas elas estavam abertas, parecendo estar a convidá-los para entrarem, e uma cortina de ferro, de aparência muito pesada, estava subida até ao tecto. “Uma sucessão de portas”, pensou Artyom. “E nós estamos prestes a entrar nalguma delas.”

As paredes distanciaram-se e acharam-se numa sala coberta de mármore, tão espaçosa que o foco das suas lanternas mal alcançava a parede do outro lado. O tecto, ao contrário das outras estações secretas, era alto e suportavam-no colunas grossas ricamente decoradas. Os lustres dourados, já parcialmente escurecidos pelo tempo, cintilaram à luz das lanternas. As paredes tinham enormes painéis em mosaico. Neles estava representado um homem já velho, de barba e óculos, rodeado por pessoas em roupas de trabalho que lhe sorriam, raparigas vestidas com roupas modestas e lenços brancos e soldados com bonés de pala já fora de moda, todos a sorrirem-lhe. Ao lado, voava pelo céu uma esquadrilha de bombardeiros, por cima de uma coluna de imponentes carros blindados, tendo o Kremlin por fundo.

A surpreendente estação não tinha nome mas bastava a sua ausência para perceberem onde se encontravam. Uma camada espessa de poeira acinzentada cobria as paredes e as colunas e era evidente que ninguém passara aqui durante décadas, sendo estranho que nem os intrépidos selvagens a isso se tivessem arriscado. Mais à frente, viram um comboio fora do normal parado nos carris. Compunham-no só duas carruagens com blindagem reforçada e pintadas de um verde-escuro protector. No lugar das janelas estavam fendas estreitas que pareciam preparadas para deixar passar os canos de armas de fogo. As portas estavam trancadas. Artyom pensou que os habitantes do Kremlin poderiam não ter conseguido utilizar a sua linha secreta para fugirem. Teriam chegado à plataforma e parado.

– Então era assim que isto era... – disse o saqueador, levantando os olhos para o tecto, tanto quanto o permitia o capacete. – Ouvi tantas histórias... Mas não é como pensava...

– E agora? – perguntou Ulman.

– Não sei – confessou Melnik. – Temos de investigar.

Desta vez, o saqueador não se afastou dos seus homens e começaram a mover-se todos juntos. A estação parecia ser do tipo mais convencional em alguns aspectos: havia uma linha de cada lado da plataforma e um átrio grande terminava em duas escadas rolantes, imobilizadas, sob arcadas de aspecto imponente. A escada rolante que ficava mais perto subia e a outra afundava-se numa descida que nada revelava. Devia haver um elevador nas proximidades porque os habitantes do Kremlin não disporiam, decerto, dos

dois minutos necessários para utilizar uma escada rolante, ao contrário dos simples mortais.

Melnik parecia enfeitiçado, tal como os restantes combatentes. Tentavam examinar os arcos muito altos com as lanternas, bem como as esculturas de bronze do átrio, maravilhando-se com os painéis magníficos e atónitos perante a grandeza da estação, começaram, até, a falar em voz baixa, como se não quisessem perturbar o sossego reinante. Observando as paredes, maravilhado, Artyom esqueceu-se por completo dos perigos, do sacerdote que pusera termo à vida e do brilho intoxicante das estrelas do Kremlin. Só reteve um único pensamento: como seria bela a estação debaixo da luz brilhante dos imponentes lustres!

Aproximaram-se do lado oposto do átrio, onde começavam as escadas rolantes. Olhando para a que descia, Artyom ficou a pensar no que poderia esconder-se nas profundezas. Outra estação, talvez, de onde sairiam comboios directos para os **nÚ zqÇÉ** secretos dos Urais? Uma fortaleza no subsolo? Reservas estratégicas de armas, medicamentos e comida? Ou, simplesmente, uma fileira de degraus que nunca teriam fim? Seria aqui o ponto mais fundo do Metro de que Khan falara? Artyom imaginou as possibilidades mais estranhas, adiando o momento em que, aproximando-se das escadas rolantes, veria o que existiria lá em baixo. E foi por isso que não foi o primeiro a chegar lá. O combatente que estivera a falar-lhe da formiga-leão chegou antes dos outros. E, dando um grito, recuou, assustado. E depois foi a vez de Artyom. Vagarosamente, como certas criaturas mágicas que dormiam durante centenas de anos mas que acordavam de repente e começavam a fazer flexões para despertar os músculos entorpecidos, as duas escadas rolantes começaram a rolar. Os degraus começaram a descer com rangidos violentos. Era assustador... Havia qualquer coisa que não parecia ter lógica, que não correspondia ao que Artyom sabia, e compreendia, relativamente a escadas rolantes. E, sentindo-o, não conseguia perceber o que se passava.

Talvez tivesse sido Ulman a fazê-las funcionar. Mas, agora, era o próprio soldado que observava:

– Estão a ouvir como elas não fazem barulho? Não é o motor que as faz andar. A casa das máquinas não está a funcionar.

Claro que era isso. O rangido dos degraus e das peças que há muito não eram lubrificadas e os sons produzidos pelo mecanismo que ressuscitara. E seria só isso, no entanto? Artyom ouviu, novamente, o desagradável ruído borbulhante e húmido que já tinha ouvido no túnel. E os sons vinham das profundezas onde mergulhava a escada rolante. Chamou a si toda a sua coragem e, aproximando-se da beira, iluminou o túnel inclinado ao longo do qual a fileira escura de degraus parecia ganhar velocidade. Por instantes foi como se o segredo do Kremlin lhe tivesse sido revelado. Viu qualquer coisa de aspecto sujo, uma mancha acastanhada e oleosa que parecia crescer e possuir uma inquestionável vida própria, erguendo-se das frinchas dos degraus. Saltava do interior em pequenos assomos, erguendo-se e depois deslizando ao longo da escada e desaparecendo do alcance da vista de Artyom. E lá muito em baixo, a uns doze metros ou mais, a substância oleosa e suja espalhava-se livremente pelo solo, parecendo ficar mais espessa e depois liquefazer-se, enchendo e depois recuando como uma maré, emitindo os mesmos sons estranhos e revoltantes. O arco pareceu a Artyom uma mandíbula monstruosa, as cúpulas do túnel da escada rolante uma garganta e os degraus a língua gulosa de um deus terrivelmente antigo que os intrusos haviam despertado. E depois sentiu uma mão a afagar-lhe o pensamento. E a cabeça esvaziou-se, como já lhe acontecera no túnel. E só teve um desejo: entrar na escada rolante e descer com ela, até onde o aguardava a resposta a todas as suas perguntas. As estrelas do Kremlin voltaram a luzir na sua memória...

– Artyom! Foge! – Uma mão enluvada bateu-lhe na face, queimando-lhe a pele. Artyom voltou a si e ficou estupefacto: a substância castanha estava a subir pelo túnel, inchando visivelmente, expandindo-se, a espumar como o leite quente de uma porca. Mas as pernas de Artyom não lhe obedeceram e o instante de consciência que teve foi demasiado breve. O que estava a controlá-lo libertou-o apenas por um instante para o poder dominar com mais força e voltar a arrastá-lo para o abismo.

– Puxem-no!

– O rapaz primeiro! Pára de chorar...

– É pesado... E o ferido...

– Larguem-na, larguem a maca! Onde vão com ela?

– Espera, eu também vou! A dois é mais fácil.
– A tua mão, dá-me a tua mão! Rápido, agora!
– Mãe de Deus. Já saiu...
– Agarrem-se com força... Não olhem para lá! Não olhem! Ouviram-me?
– Assim. Faz assim!
– Vem comigo! Estou a dar-te uma ordem! Ou então disparo!

Sucederam-se imagens estranhas: o exterior verde de uma carruagem repleta de rebites, um tecto de pernas para o ar, depois o chão emporcalhado... escuridão... a blindagem verde... e o mundo deixou de girar, ficou calmo e congelado.

Artyom ergueu-se e olhou em redor. Estava sentado no meio dos combatentes, no tejadilho do comboio blindado. Todas as lanternas se encontravam apagadas, com excepção de uma, de bolso, no meio de todos. A luz que emitia não era suficiente para ver o que se passava no átrio mas ouvia-se qualquer coisa a borbulhar, a chapinhar e a bater nas paredes como se fosse água, vinda de todos os lados. Havia qualquer coisa que estava novamente a tentar penetrar-lhe no pensamento mas Artyom abanou a cabeça e a névoa que ainda sentia dissipou-se. Olhou em redor, outra vez, e contou mecanicamente os membros do grupo que se haviam refugiado no tejadilho. Já só restavam cinco, sem contar com Anton, ainda inconsciente, e com o seu filho. Artyom reparou que um dos soldados desaparecera mas os pensamentos voltaram a fraquejar. E, ao sentir de novo, a cabeça vazia, o raciocínio voltou a deslizar para um abismo turvo. Era-lhe difícil enfrentar sozinho este ataque. Melnik viu o que estava a acontecer-lhe e Artyom tentou recuperar o pensamento, percebendo que devia concentrar-se no que mais lhe agradava, só para manter a mente ocupada. Era visível que os outros estavam, também, a ser afectados.

– Foi o que aconteceu a esta porcaria quando foi exposta à radiação – disse Melnik. – Tinham razão: eram armas biológicas! Mas não pensaram no que poderiam ser os efeitos cumulativos. É uma sorte que isto se mantenha aqui dentro das muralhas e que não alastre à cidade...

Ninguém falou. Os combatentes pareciam mais calmos e limitavam-se a ouvi-lo, absortos.

– Falem! Falem! Não fiquem em silêncio! Esta porcaria aloja-se no vosso

subconsciente. Eh, Oganesian! Oganesian! Estás a pensar em quê? – O saqueador abanou um dos seus subordinados. – Ulman, raios! Estás a olhar para onde? Olha para mim! Não fiques calado!

– É suave... Está a chamar-me... – disse o robusto Ulman, pestanejando.

– Que suave que é! Não viste o que aconteceu a Delyagin? – O saqueador esbofeteou Ulman com toda a sua força e o olhar letárgico do soldado animou-se.

– Dêem as mãos! Dêem todos as mãos! – ordenou Melnik, a plenos pulmões. – Não fiquem calados! Artyom! Serguei! Olhem para mim, para mim!

E, a um metro deles, borbulhava aquela massa terrível que parecia já ter coberto toda a plataforma. Estava a tornar-se cada vez mais forte e tornava-se muito difícil resistir à pressão.

– Pessoal, pessoal! Não cedam! Vamos a isto... todos em conjunto! Vamos cantar! – Melnik não desistia, chamando os soldados pelo nome, esbofeteando-os ou, simplesmente, tocando-lhes. – "Ergue-te, grande país... Ergue-te para o último combate..." – começou, com uma voz desafinada. – "Luta contra a besta fascista... Contra o poder maldito..."[70]

– "Que a nobre fúria... Se erga como uma onda..." – prosseguiu Ulman. E a ameaça rodeou o comboio, exercendo o dobro da pressão. Artyom não se juntou às outras vozes. Não conhecia a letra da canção e ocorreu-lhe que os combatentes tinham começado a cantar, por um motivo que não compreendia, a propósito do poder das trevas e de uma onda que se erguia. E não havia mais ninguém que conhecesse mais do que o primeiro verso e o refrão, a não ser Melnik, que prosseguiu sozinho, com os olhos a brilhar ameaçadoramente, sem deixar que ninguém se distraísse:

J Á º Á p Á u É Â ª Á É Á Â Á R Ó Æ Á A
M ¹ Ó Ú p Á É Á º Á É u ¹ º u s Á É ¹
T Ú Ó n º Á É Â q ª m ª Ú é q Â q ª m Â n é A
q ª q É ª Ú Ó n º Â q ª m É Ó Ç q á m É C C

Desta vez, quase toda a gente cantou o refrão e até o pequeno Oleg juntou a sua voz à dos adultos. O coro discordante das vozes masculinas roucas, tornadas fanhosas e agrestes pelo tabaco, ecoou pelo negrume sem fronteiras do átrio que os cercava, repercutindo-se nas arcadas decoradas a

mosaico e caindo depois sobre a massa viva e borbulhante que ameaçava engoli-los. E se a imagem destes sete homens robustos e resistentes, empoleirados de mãos dadas no tejadilho de um comboio, a cantar palavras que não pareciam fazer sentido, poderia ter parecido ridícula a Artyom noutras circunstâncias, agora era um quadro aterrador directamente saído de um pesadelo. E o jovem só queria era despertar...

b Úq mı ÁÉÉmvÚÉÓnuÇm
ı ÁÉÓÇns mqº nÇqáq máuÓÇmCCC
J Áº nmÓqº ÁÉÂqªÁ ÂÁáÁ
ı Úº ms ÚqÇÇmÉns Çnpm

Sem conseguir cantar, por não saber nem compreender a totalidade da letra, Artyom abriu diligentemente a boca e acompanhou o movimento oscilante dos corpos, ao ritmo da música. A canção, pensou, era sobre os habitantes do Metro ou a resistência aos pretos, a cuja ofensiva a sua própria estação estava prestes a ceder. Mas num dos versos ouviu a palavra "fascistas" e percebeu, então, que era sobre a guerra dos combatentes da Interestacional contra o **c quot** de Pushkinskaya. E quando emergiu das suas reflexões reparou que as vozes se haviam calado. Talvez nem o próprio Melnik conhecesse os versos seguintes. Ou talvez os outros tivessem desistido.

O saqueador, no entanto, não desistira.

– Pessoal, vamos cantar Kombat! – proclamou, tentando arrastar consigo os seus soldados. – "Combate, meu pai, combate... Não escondeste o teu coração..."[71] – Mas, mal começou, também acabou por ficar silencioso.

O grupo todo foi, aliás, invadido por um torpor a que não conseguiram resistir. Os combatentes abriram as mãos e o círculo desfez-se. Ficaram todos silenciosos, incluindo Artyom, que não conseguira fazer mais do que balbuciar as palavras que julgava ter percebido. Sentindo o peso quente e turvo da indiferença e da fadiga a cair sobre ele, que parecia preencher o vazio do seu próprio raciocínio, Artyom tentou rejeitar a sensação que o dominava, pensando na sua missão e dizendo para si próprio versos infantis de que se lembrava, repetindo para si próprio: "Eu penso, eu penso, eu penso... que não entrarás em mim..." E então o soldado que Melnik tratara

por Oganesian pôs-se de repente em pé, em toda a sua altura, e Artyom levantou os olhos para ele, com indiferença.

– Para mim, chegou o momento – disse o combatente, despedindo-se. – Adeus. – Os outros homens olharam para ele, também indiferentes, sem lhe responderem, enquanto Oganesian acenava com a cabeça a Artyom e, chegando-se decididamente à beira do tejadilho, deu um passo em frente. Nem gritou. O único som que se ouviu foi o que fez o seu corpo a mergulhar na massa líquida que cobria o átrio, de onde pareceu erguer-se o desagradável resmungo de um ser vivo que está prestes a saciar a fome.

– Ele chama-nos... Ele chama-nos... – começou a cantarolar Ulman, pondo-se em pé sob o olhar estupefacto de Artyom.

"Eu penso, eu penso, eu penso... que não entrarás em mim..." – as palavras repetiram-se na cabeça de Artyom, que ficou preso à palavra "eu", repetindo-a sem cessar, já em voz alta, numa cadência imparável: "Eu, eu, eu, eu, eu..." E depois sentiu um desejo, avassalador e irresistível, de olhar para baixo, para compreender melhor se a massa pulsante era tão informe como parecia ser. Talvez ele se tivesse enganado. E lembrou-se, de novo, das estrelas das torres do Kremlin, que apesar da distância o chamavam, a ele... E neste momento o pequeno Oleg pôs-se em pé de um salto e, correndo rapidamente até à beira do tejadilho, mergulhou com uma risada feliz. O lodo vivo recebeu o corpo do rapaz e devorou-o tranquilamente. E Artyom invejou-o e quis segui-lo.

Mas poucos segundos depois de a cabeça de Oleg desaparecer na escuridão líquida, talvez no preciso momento em que a vida lhe era roubada, o pai do rapaz deu um grito e despertou. Respirando ainda com dificuldade, a olhar para todos os lados com olhos exaustos, Anton pôs-se em pé e começou a abanar os outros, exigindo-lhes uma resposta: "Onde está ele? Que lhe aconteceu? Onde está o meu filho? Onde está Oleg? Oleg! Olezhek!" A pouco e pouco, os rostos dos combatentes recuperaram a vivacidade. E até Artyom começou a sentir-se mais consciente. Já não conseguia ter a certeza do que vira quando Oleg saltara para a morte. E, por isso, não respondeu a Anton e procurou apenas acalmá-lo, compreendendo que o comandante começava a perceber, de uma maneira misteriosa, que era irreversível o que acontecera. De repente, a histeria que se apossara de Anton quebrou o

entorpecimento que já afectara Artyom, Melnik, todos os outros, a sua agitação e o seu terrível desespero transferiram-se para os que o rodeavam e a garra invisível que lhes tolhia a consciência perdeu a força e libertou-os.

Melnik apressou-se a disparar várias vezes contra a massa borbulhante mas sem êxito. Depois, ordenou ao soldado que transportava o lança-chamas para erguer a mochila que continha o bidão do combustível e preparar-se para o atirar para o mais longe possível do comboio. E, ordenando a outros dois que apontassem as lanternas para onde ela iria cair, preparou-se para disparar e disse ao primeiro soldado que atirasse a mochila para o meio da estação. Rodando sobre si próprio, o soldado atirou o bidão com tanta força que quase foi atrás dela, conseguindo agarrar-se, no último momento, à beira do tejadilho. O bidão voou a cerca de quinze metros da composição.

– Baixem-se! – gritou Melnik, esperando que o bidão tocasse na superfície oleosa e só depois premindo o gatilho.

Artyom já se apressara a deitar-se de borco no tejadilho, seguindo o voo do bidão. E assim que ouviu o som seco do tiro da **dÓotzu** de Melnik escondeu o rosto no cotovelo e agarrou-se com toda a força à blindagem do comboio. A explosão foi tremenda – Artyom quase se sentiu arrancado do tejadilho. Um clarão de um cor-de-laranja sujo, causado pelo combustível em chamas, iluminou toda a estação. Durante um minuto, os olhos pestanejantes dos combatentes nada viram. Os ruídos que se erguiam do lodo, e que pareciam os de um animal a mastigar, ainda se fizeram ouvir e Artyom já estava a preparar-se para o ver a recuperar do que poderia ser um incómodo aborrecido e a controlar de novo o seu pensamento. Mas, em vez disso, o som começou a afastar-se gradualmente.

– Está a ir-se embora! Está a ir-se embora! – berrou Ulman, mesmo em cima dos seus ouvidos. Artyom levantou a cabeça. E viu, à luz das lanternas, a massa a retirar-se, como se encolhesse, deixando o átrio que antes ocupara e regressando às escadas rolantes.

– Rápido! – exclamou Melnik, pondo-se em pé. – Assim que ela desaparecer, sigam-me todos! Vamos para o túnel!

Artyom ficou surpreendido com a certeza de Melnik mas não quis fazer perguntas, atribuindo a indecisão antes revelada pelo saqueador à estranha

presença que também lhe dominara a mente. O saqueador transformara-se. Era, de novo, o comandante resoluto e sóbrio que não aceitava objecções. E não só não havia tempo para debater a situação como ele também não o queria fazer. A única coisa que interessava a Artyom, neste momento, era sair da maldita estação o mais depressa possível antes que a misteriosa criatura que vivia nas caves do Kremlin recuperasse do choque e regressasse para os devorar. A estação já não parecia tão bonita nem tão maravilhosa. Tudo aquilo que os rodeava era hostil e repelente. E mesmo os operários e os camponeses dos painéis os fitavam furiosos. Os sorrisos deles eram de tensão e a ternura que revelavam era doentia.

Saltando precipitadamente do tejadilho, o grupo correu para a extremidade oposta da estação. Anton já se encontrava fisicamente recuperado e corria tão depressa como os outros e nada havia que pudesse atrasá-los. Depois de vinte minutos de uma correria quase às cegas pelo túnel negro, Artyom começou a ofegar e os outros também se mostraram cansados. Melnik só lhes consentiu que se deslocassem mais devagar.

– Para onde vamos? – perguntou-lhe Artyom, aproximando-se do saqueador.

– Acho que, neste momento, estamos debaixo da rua Tverskaya... e que vamos ter à estação de Mayakovskaya. E lá decidiremos.

– Como é que sabia em que túnel devíamos entrar? – perguntou Artyom, curioso.

– Estava no mapa que vimos em Genshtab. Mas não me ocorreu logo. Acredites ou não, enquanto estávamos no Kremlin senti a minha cabeça completamente vazia.

Artyom pensou no que sentira. O entusiasmo que o empolgara, na estação do Kremlin, perante as imagens e as esculturas, perante a sua vastidão e a sua grandeza, teria sido apenas uma ilusão? Ou algo criado pela terrível entidade que se escondia nas profundezas do Kremlin? Lembrou-se então da repugnância e do medo que a estação lhe inspirara depois de a ilusão se dissipar. E duvidou de que tivessem sido esses os seus verdadeiros sentimentos. Talvez a "formiga-leão" os obrigasse a sentir um desejo irresistível de fugir a toda a velocidade depois de a magoarem? Artyom já não conseguia ter a certeza do que verdadeiramente sentira. Seria tudo

originado por uma criação monstruosa do seu próprio raciocínio ou estaria esse monstro ainda a dominá-lo e a inspirar as suas experiências emocionais? Em que momento teria ele caído sob a sua influência hipnótica? E seriam livres as suas decisões? Artyom lembrou-se, mais uma vez, do encontro com os dois estranhos habitantes de Polyanka.

Olhou para trás. Anton seguia atrás dele. Já não importunava ninguém pelo que acontecera ao filho. Alguém devia ter-lhe explicado o que acontecera. O olhar tornara-se mais duro e ficara inexpressivo, como se só conseguisse ver para dentro de si. Teria compreendido que eles haviam estado quase a conseguir salvar-lhe o filho desta odisseia subterrânea? E que a sua morte não fora mais do que um acidente ridículo? Mas, através dessa morte, os outros haviam sobrevivido. Oleg fora, afinal, um acidente ocasional ou uma vítima deliberada?

– Penso que só nos salvámos graças a Oleg – disse a Anton. – E foi graças a ele que recuperou os sentidos.

– Sim – respondeu Anton, com indiferença.

– Eles disse-nos que tinha servido na unidade de mísseis. No sector estratégico.

– Táctico – corrigiu Anton.

– Os Tochka e os Iskander? E os sistemas de lançamento múltiplo? Os Smerch[72] e os Uragan? – perguntou Melnik, aproximando-se depois de ter estado a ouvi-los.

– Também sei manejá-los. Trabalhei em MVR, na monitorização visual remota. Fui militar de carreira e também nos ensinaram isso. Estávamos todos interessados. E todos nós queríamos experimentar. Até eu ver o resultado que isso deu.

A voz de Anton não revelava o mais pequeno interesse pelo assunto e também não traía qualquer possível perturbação pelo facto de o seu segredo se tornar assim conhecido. As respostas eram curtas e mecânicas. Com um aceno de cabeça, Melnik afastou-se, retomando a dianteira.

– Precisamos muito do seu auxílio – disse Artyom, com muito cuidado, tacteando o terreno. – Estão a acontecer coisas terríveis em VDNKh... – começou. Mas calou-se, de imediato. Depois do que presenciara nas últimas vinte e quatro horas, o que estava a acontecer em VDNKh, por muito

horrível que fosse, já não parecia nada de excepcional nem uma ameaça capaz de dominar todo o Metro e de provocar a destruição da humanidade, como espécie biológica. Artyom tentou examinar bem os seus próprios pensamentos, inquieto por eles poderem ser provenientes da estranha entidade. – Há criaturas que estão a vir da superfície – prosseguiu. Mas Anton interrompeu-o, com um gesto.

– Diz-me só o que é necessário fazer e eu fá-lo-ei – declarou, desinteressado. – Tenho tempo para isso. Como é que posso voltar para casa sem o meu filho?

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça, sentindo-se enervado, e afastou-se de Anton, deixando-o sozinho com os seus pensamentos. Sentia-se sujo, ao pedir ajuda a um homem que acabara de perder um filho. E por culpa do próprio Artyom.

Aproximou-se do saqueador, de novo. Melnik estava, visivelmente, mais bem disposto. Deixando o grupo caminhar de forma mais descontraída atrás de si, Melnik parecia estar a cantarolar qualquer coisa em surdina e, ao ver Artyom, sorriu-lhe. Escutando a melodia que Melnik estava a tentar reproduzir, Artyom reconheceu nela a canção sobre a guerra sagrada que haviam cantado no tejadilho do comboio.

– De início, pensei que esta canção fosse sobre a nossa guerra com os pretos – disse Artyom – mas depois percebi que era sobre os fascistas. Quem é que a compôs? Os comunistas da Linha Vermelha?

– Esta canção já tem cem anos ou, talvez mesmo, uns cento e cinquenta – disse Melnik, abanando a cabeça. – Foi composta primeiro para uma guerra e depois adaptada para outra. É bom que seja adaptável a qualquer guerra. Enquanto viver, o homem ver-se-á sempre como a luz do mundo e considerará sempre os seus inimigos como enviados das trevas.

"E cada uma das partes de cada conflito pensará sempre dessa maneira", acrescentou Artyom, mentalmente. E os seus pensamentos regressaram aos pretos. E interrogou-se: "Significará isto que os seres humanos, os habitantes de VDNKh, serão, para eles, o mal e os enviados das trevas?" Artyom tentou evitar pensar nos pretos como inimigos normais. Bastaria entreabrir-lhes uma porta e já nada os deteria...

– Neste país em que vivemos – prosseguiu Melnik –, as épocas são muito

idênticas. É como acontece com as pessoas, que também não mudam. São teimosas como mulas. Parece que estamos à beira do fim do mundo, que não se pode andar à superfície sem um fato anti-radiação e que se multiplica toda a espécie de porcaria que antes só se via no cinema... mas não, isso não chega para impressionar as pessoas. São sempre o mesmo. Por vezes, parece-me que nada mudou. – O saqueador fez um sorriso irónico. – Bem, estive hoje no Kremlin e não encontrei nada de novo. É como era antes. E nem sei quando é que nos atingiram com aquela porcaria: se foi há trinta anos... ou há trezentos.

– Já havia armas destas há trezentos anos?! – perguntou Artyom, cheio de dúvidas. Mas Melnik não lhe respondeu.

Tinham, entretanto, visto mais dois ou três desenhos do Grande Verme no chão mas sem encontrarem quaisquer sinais dos selvagens. O primeiro desenho pusera os soldados de sobreaviso, levando-os a agruparem-se numa formação mais defensiva, mas a tensão dissipara-se quando depararam com o terceiro desenho.

– Não estavam a mentir – comentou Ulman, aliviado. – Hoje era mesmo um dia sagrado para eles e deixaram-se ficar nas estações e evitaram os túneis.

Mas o saqueador estava ocupado com outra coisa. Pelas suas contas, a unidade de mísseis encontrava-se muito próxima. Consultando amiúde o mapa que ele próprio desenhara, repetia, absorto:

– É algures por aqui. Ou não é? Não é naquela curva mas devíamos estar a aproximar-nos das portas...

Acabaram por se deter numa bifurcação. À esquerda, o túnel terminava numa grade, depois da qual se avistaram os destroços de uma porta de correr, e, à direita, tanto quanto o mostrava a luz das lanternas, o túnel continuava a direito.

– É isso – decidiu Melnik. – Já cá estamos. Condiz tudo com o mapa. À esquerda, depois da grade, o túnel está interrompido, tal como em Park Pobedy, e deve ter sido essa a passagem que lhes permitiu atacar Tretyak. Portanto... – Iluminando o mapa com a lanterna de bolso, o saqueador pôs-se a pensar em voz alta. – A linha vai directamente desta bifurcação para a unidade dos mísseis e foi por este túnel, que dá para o Kremlin, que viemos.

Condiz. – Depois, acompanhado por Ulman, trepou pela grade e inspeccionou, durante uns minutos, a passagem que terminava nos destroços, examinando com a ajuda da luz da lanterna o tecto e as paredes. – Muito bem! – exclamou, ao regressar. – Desta vez há uma passagem no chão, com uma espécie de abertura redonda que parece uma tampa de esgoto. Pessoal, já cá estamos. Vamos fazer uma pausa.

E quando já estavam todos espalhados pelo chão, depois de terem tirado as mochilas, aconteceu a Artyom uma coisa estranha: apesar da posição incómoda em que se encontrava, adormeceu instantaneamente. Ou a fadiga acumulada ao longo das últimas vinte e quatro horas cobrara o seu preço ou o veneno da agulha paralisante era ainda capaz de causar algum efeito.

Artyom viu-se, a si próprio, adormecido na tenda de VDNKh. Como já anteriormente acontecera no seu sonho, a estação encontrava-se deserta e mergulhada na penumbra. E Artyom percebeu que já sabia o que lhe iria acontecer. Dizendo olá à rapariga que estava a brincar, já não lhe fez nenhuma pergunta e, em vez disso, dirigiu-se directamente para os carris. Os gritos distantes e os pedidos de misericórdia não o assustaram. Percebia que o que estava a ver era, contra sua vontade, o mesmo sonho, cuja explicação devia estar oculta nos túneis. E ele devia descobrir a natureza da ameaça, fazer um reconhecimento da situação e transmiti-la aos seus aliados do Sul. Mas assim que se viu envolvido pela escuridão do túnel, a confiança que depositava em si próprio, e no facto de conhecer o motivo da sua presença e o que devia fazer, esfumou-se de vez. Sentiu-se tão assustado como quando ultrapassara as fronteiras da estação sozinho, pela primeira vez. E, tal como então, não eram a escuridão ou o restolhar dos túneis que o assustavam mas o desconhecido e a incapacidade de prever o perigo que se esconderia nas centenas de metros seguintes.

Lembrando-se, vagamente, de como agira no seu sonho, Artyom decidiu não ceder desta vez ao medo e avançar, até ir ao encontro do que estaria à sua espera, escondido no escuro. Ou que estaria mesmo a ir ao seu encontro. Era o que agora ouvia – os movimentos de alguém que não tinha pressa, que não caminhava como um cobarde com passos ligeiros e breves mas que dava passadas confiantes e pesadas. Artyom parou, ficando imóvel, a suster a respiração. E o outro também.

Artyom prometeu a si próprio que, desta vez, não fugiria, acontecesse o que acontecesse. A julgar pelo som, já só os separavam três metros de escuridão e, nessa altura, os joelhos de Artyom estremeceram. Apesar disso, e sem saber como, ainda encontrou a força necessária para dar mais um passo. Ao sentir, porém, uma ligeira flutuação do ar no seu rosto, quando o outro já devia estar mesmo muito perto, não aguentou. Estendendo a mão, empurrou o ser desconhecido e fugiu. Desta vez, não tropeçou e correu sem parar durante um tempo intoleravelmente longo, uma ou duas horas, sem no entanto dar com a sua estação nem, aliás, com nenhuma, mergulhando num túnel negro infindável. E isto foi o mais terrível de tudo.

*

– Eh, já chega! Vais dormir durante o ponto de situação?! – Ulman abanou-o pelo ombro.

Artyom acordou, encarando os outros com uma expressão de culpa. Parecia-lhe só ter dormido durante alguns minutos. À sua volta, os homens estavam sentados num círculo, com Melnik no centro, a apontar para o mapa e a explicar:

– ... Até ao nosso destino faltam ainda uns vinte quilómetros. Se mantivermos um bom andamento e não encontrarmos nenhum obstáculo, devemos chegar lá em meio dia. A base militar está localizada à superfície mas tem um **nÚ zqÇ**por baixo e é a ele que o túnel conduz. Mas, agora, não temos tempo para outras considerações. Vamos ter de separar-nos. – Olhou para Artyom. – Já estás bem acordado? Vais regressar ao Metro e Ulman fica destacado para te acompanhar – disse. – Nós vamos para a unidade de mísseis.

Artyom esteve quase a abrir a boca, para protestar, mas o saqueador travou-o com um gesto de impaciência. E, curvando-se para o monte de mochilas, começou a separá-las.

– Vão levar dois fatos protectores – disse a Artyom e a Ulman. – Nós ficamos com quatro. Não sabemos o que devemos esperar. Vão levar um rádio e nós ficamos com o outro. Quanto às instruções: dirijam-se a Prospekt Mira. Já lá estão à vossa espera. Já enviei mensageiros. – Olhou para o relógio. – Dentro de, precisamente, doze horas, subam à superfície e

esperem pelo nosso sinal. Se tudo estiver a correr bem e tivermos contacto, passamos à segunda fase da operação. A vossa missão é encontrar o melhor caminho para chegarem tão perto quanto possível do Jardim Botânico e encontrar um ponto elevado e, aí chegados, entramos de novo em contacto para podermos orientar e corrigir o sistema de lançamento. O "Smerch" tem um alcance de destruição limitado e não sabemos quantos mísseis ainda existirão. E o Jardim Botânico não é nada pequeno. Mas não te preocupes – disse a Artyom. – Será Ulman a fazer tudo e tu limitas-te a acompanhá-lo. Claro que também precisamos de ti. Sabes, pelo menos, como são os pretos. – Voltou-se depois para o seus homens. – A torre de Ostankino[73] é óptima para se guiarem. É mais larga a meio. Funcionou aí, em tempos, um restaurante. Serviam minúsculas sanduíches de caviar a preços a que ninguém conseguia chegar. Mas as pessoas também não iam lá para isso, mas para verem Moscovo do alto. O Jardim Botânico avista-se daí claramente. Tentem chegar à torre. Se não conseguirem, também há um edifício muito alto perto dela, mais ou menos branco, em forma de P, e quase deserto. Portanto... Temos aqui dois mapas de Moscovo e cada grupo leva um. A divisão das ruas é muito simétrica e só têm de observar e de nos transmitirem os dados. Do resto tratamos nós. Não é nada complicado – garantiu. – Perguntas?

– E se o ninho deles não for aí? – perguntou Artyom.

– Bem, o impossível não conseguimos nós fazer – respondeu Melnik, batendo com a mão no mapa e encerrando a conversa. – Ah, e tenho uma surpresa para ti – acrescentou, piscando o olho a Artyom.

Melnik tirou da sua mochila um saco de plástico branco com uma imagem colorida. Artyom abriu-o e encontrou um passaporte com o seu nome e o livro infantil com a fotografia que descobrira no edifício abandonado da Avenida Kalinine. Ao tentar descobrir o paradeiro de Oleg, Artyom deixara-a em Kievskaya mas Melnik tivera a preocupação de levar tudo consigo. Ulman, sentado ao lado de Artyom, olhou para o jovem com uma expressão intrigada e depois para Melnik.

– Coisas pessoais – disse o saqueador, com um sorriso. Artyom quis agradecer-lhe mas Melnik já se tinha levantado e estava a dar ordens aos soldados.

Artyom dirigiu-se a Anton, que parecia absorto nos seus próprios pensamentos, estendendo-lhe a mão.

– Boa sorte! – disse-lhe.

Mas Anton limitou-se a um aceno de cabeça, em silêncio, pondo a mochila às costas. Os olhos estavam completamente vazios de qualquer expressão.

– Pronto, é isto! Não nos despedimos! Tomem nota da hora! – disse Melnik. E, sem dizer mais nada, voltou-se e começou a andar.

69 N.T. – Genshtab
Acrónimo de Estado-Maior.

70 N.T. – "Ergue-te, Grande País"
"Ergue-te, Grande País" foi um dos mais importantes hinos da Grande Guerra Patriótica, composto em tempo recorde em 1941 e transmitido aos militares na frente de batalha pelo telefone de campanha.

71 N.T. – "Kombat"
Canção da banda russa Lyube sobre a guerra, que mistura o estilo da música pop com os hinos militares. O título aglutina as palavras **z Á º m pu Ç n m Ó ª u Á u** mou "comandante do batalhão".

72 N.T. – **d º q Ç t**
Literalmente "tornado", é a designação de um sistema de lançamento múltiplo de doze mísseis, com uma capacidade de alcance de 70 a 90 quilómetros.

73 N.T. – Torre de Ostankino
A torre de rádio e televisão de Ostankino, construída em 1967, tem cerca de 540 metros de altura e é um dos mais altos edifícios do mundo. A 328 metros de altura encontra-se o restaurante Sétimo Céu, um dos destinos preferidos dos moscovitas.

A ÚLTIMA BATALHA

Mal se viram sozinhos, depois de o grupo ter partido, a atitude de Ulman alterou-se e o soldado ficou menos falador, dirigindo-se a Artyom apenas para lhe dar ordens ou para lhe chamar a atenção.

De seguida, e num esforço conjunto, afastaram a pesada tampa de ferro que cobria a abertura. A passagem, estreita e na vertical, era composta de anéis de cimento de onde saíam, a espaços, suportes metálicos. Depois de afastarem a tampa, Ulman disse a Artyom para apagar a lanterna e, pondo os óculos de visão nocturna, entrou na abertura. Artyom seguiu-o, agarrando-se aos suportes. Não compreendia o motivo de tais precauções porque, depois do Kremlin, não tinham deparado com mais nenhuma situação perigosa. Finalmente, calculou que Melnik tivesse dado instruções especiais a Ulman e que, agora sem comandante, o soldado estivesse entusiasticamente a preencher essa posição.

Ulman bateu-lhe num pé, indicando-lhe que devia parar. Artyom imobilizou-se, obedientemente, esperando por uma explicação do outro homem sobre o que se passaria. Mas, em vez de explicações, ouviu um baque suave vindo das profundezas. Tinha sido Ulman, a saltar para o chão. Segundos depois, Artyom ouviu disparos abafados.

– Não há perigo, podes descer – sussurrou Ulman, acendendo a lanterna.

Quando os suportes terminaram, Artyom soltou-se e caiu de uma altura de cerca de dois metros para o chão de cimento. Levantando-se, sacudiu as mãos e olhou em redor. Encontravam-se num corredor curto, com cerca de quinze passos de comprimento. Por cima deles, no tecto, estava a passagem vertical por onde tinham descido. No chão havia outra tampa, como a da primeira abertura, feita também de ferro. Perto dela, numa poça de sangue, jazia um selvagem já morto, de rosto no chão, agarrado à zarabatana.

– Estava de guarda à passagem – explicou Ulman, em resposta ao olhar de curiosidade de Artyom – mas adormeceu. Não deve ter pensado que alguém

pudesse descer por aqui.

– Tu mataste-o... enquanto ele estava a dormir? – perguntou Artyom.

– E depois? Não foi correcto? – Ulman fungou. – Quanto mais não seja, ficou a saber que não se deve dormir em serviço. Além disso, era uma pessoa má, visto que não estava a respeitar a regra sagrada: hoje, os túneis são tabu.

Arrastando o cadáver para o lado, Ulman desviou a tampa e espreitou para o interior com a ajuda da lanterna. Desta vez, a passagem era muito curta e dava para uma sala cheia de lixo. Uma montanha de chapas metálicas, alavancas, parafusos e corrimões lacados, tudo peças que quase permitiam construir uma carruagem completa, ocultavam de olhares curiosos a entrada que existia no tecto. Formavam uma pilha quase até ao cimo e pareciam aguentar-se assim por qualquer tipo de milagre. Entre a montanha de peças e a parede havia uma passagem estreita mas parecia uma tarefa impossível chegar lá sem desfazer a pilha.

Uma porta situada a meia altura e quase coberta de terra assegurava a ligação entre a sala e um invulgar túnel de forma quadrada. À esquerda, a colocação dos carris parecia ter sido interrompida ou obstruída e, à direita, abria-se um túnel normal, de formas redondas e mais largas. Era como se o ponto onde se encontravam fosse uma fronteira entre dois mundos subterrâneos diferentes apesar de interligados. E a atmosfera também era diferente: havia uma humidade no ar, que já não era estagnado nem tão inquietante como nas passagens secretas de D-6. Agora, ficavam na dúvida quanto ao caminho por onde deviam prosseguir a viagem. E decidiram não avançar ao acaso, por existir nesta linha um posto de fronteira do Quarto **c quot**. De acordo com o mapa, a caminhada de Mayakovskaya para Chekhovskaya demoraria apenas vinte minutos. Mas Artyom encontrou no mapa ensanguentado de Daniel outra indicação e calculou melhor o caminho. E menos de cinco minutos depois chegavam a Mayakovskaya.

Sentado num banco, Ulman tirou o pesado capacete com um suspiro de alívio e limpou o rosto corado e suado com a manga do blusão, passando os dedos pelo cabelo louro-escuro cortado muito curto. Apesar do aspecto poderoso e do comportamento que o faziam parecer um velho lobo dos túneis, Ulman não devia ser muito mais velho do que Artyom.

Enquanto procuravam um sítio onde pudessem comprar comida, Artyom conseguiu ver melhor a estação. Já nem sabia quanto tempo passara desde a última vez que havia comido mas o estômago até lhe doía. E Ulman não transportava provisões, por terem partido apressadamente apenas trazia o equipamento necessário.

Mayakovskaya era parecida com Kievskaya, embora fosse apenas uma sombra da antiga estação, elegante e arejada. Nesta metade da estação em ruínas, as pessoas acumulavam-se em tendas esfarrapadas ou, sem nada a protegê-las, ao longo da plataforma. As paredes e o tecto estavam cobertos de manchas de humidade e delas até escorria água. Para toda a estação parecia haver só uma fogueira, alimentada a lenha, sem que houvesse outro tipo de combustível para iluminar e aquecer a estação.

Os habitantes de Mayakovskaya falavam entre si por meio de murmúrios, como se estivessem à cabeceira de um homem moribundo. Mas, bem à vista, até tinham uma zona comercial. Era uma tenda para três, com remendos, com uma mesa desdobrável à entrada e um conteúdo modesto: carcaças de ratos já esfolados, cogumelos secos e mirrados, em exposição só Deus saberia há quanto tempo, e quadrados mal cortados de musgo. Junto a cada produto fora orgulhosamente colocada uma etiqueta com o preço, feita de números cuidadosamente manuscritos em fragmentos de papel de jornal. À excepção dos dois recém-chegados, só ali estava uma mulher curvada e com cara de fome, com um pequeno rapaz pela mão. A criança estava a tentar chegar a um rato exposto no balcão mas a mãe travava-lhe o ímpeto, ralhando:

– Não lhe toques! Já comemos carne esta semana!

O rapaz obedeceu-lhe mas não se esqueceu do rato. E assim que a mãe se voltou, tentou, mais uma vez, chegar à carcaça do animal morto.

– Kolka! Que te disse eu?! Se te portares mal, os demónios virão dos túneis para te deitarem a mão! Sashka não obedeceu à mãe dele e vê se não o levaram! – tornou a ralhar a mulher, conseguindo afastá-lo do balcão no último momento.

Artyom e Ulman não se decidiam quanto ao que iriam comer e Artyom começou a pensar que talvez conseguisse sobreviver até chegarem a Prospekt Mira onde, pelo menos, encontrariam cogumelos frescos.

– Querem rato? Preparamo-los à vista do cliente – informou-os o lojista calvo com uma certa dignidade. – São de qualidade certificada! – acrescentou, com ar enigmático.

– Obrigado mas já comi – disse Ulman, apressando-se a rejeitar a oferta. – Que vais comer, Artyom? Não recomendo o musgo. Acho que se o comeres vais ter a Quarta Guerra Mundial a rebentar no teu estômago.

A mulher encarou-os com um olhar reprovador. Na mão tinha apenas duas balas que, a avaliar pelas etiquetas com os preços, só lhe davam para o musgo. E, ao ver como Artyom estava a olhar para o seu modesto capital, escondeu o punho atrás das costas.

– Estás a olhar para onde? Se não queres comprar nada, desaparece daqui! Nem todos somos milionários! – rosnou, com uma expressão maldosa.

Artyom teve vontade de responder-lhe mas foi distraído pelo aspecto do rapaz. Era parecido com Oleg. Tinha o mesmo cabelo descolorido e frágil, olhos avermelhados e nariz empinado. O rapaz levou o polegar à boca e olhou para Artyom com um sorriso tímido numa expressão quase taciturna. Artyom sentiu-se a sorrir, mesmo contra vontade, e os olhos a encherem-se de lágrimas. E a mulher, observando-o, enfureceu-se.

– Pervertidos malditos! – guinchou, com os olhos a relampejar. – Vamos para casa, Kolienka! – E arrastou o rapaz pela mão.

– Espere! – Artyom tirou algumas balas do carregador de reserva da metralhadora, aproximou-se da mulher e pôs-lhe as balas na mão. – São para si – disse –, para o seu Kolia.

A mulher olhou para ele, desconfiada, e depois retorceu os lábios, numa careta desdenhosa.

– Achas que o consegues por cinco balas? O meu próprio filho?!

Artyom não percebeu de imediato o que ela queria dizer. Mas, quando percebeu, ainda tentou abrir a boca para se explicar e pedir-lhe desculpa mas já não conseguiu fazer nada porque a mulher ficou parada, a olhar para ele, mostrando a sua satisfação pelo efeito que produzira antes de replicar num tom mais gentil:

– Pronto! Vinte balas por meia hora!

Atónito, Artyom abanou a cabeça, começando a voltar-se para se afastar.

– Sovina! Então, quinze, pelo menos! – gritou-lhe a mulher.

Artyom olhou para Ulman, que estava a conversar com o lojista.

– Bem, e quanto aos ratos? Já se decidiram? – perguntou o lojista, olhando para Artyom com um sorriso cortês. – Mais um pouco e ela começa a tentar convencer-me a mim.

Artyom desistiu. Puxando por Ulman, começou a dirigir-se para a saída da maldita estação.

– Onde é que vamos com tanta pressa?! – inquiriu o combatente quando já estavam a entrar no túnel para Belorusskaya.

Tentando lutar contra a obstrução que sentia na garganta, Artyom contou-lhe o que se passara. Mas Ulman não pareceu muito impressionado.

– E depois? Ela tem de ganhar a vida – comentou.

– Mas quem é que precisa de uma vida assim?! – perguntou Artyom, estremecendo.

Ulman encolheu os ombros.

– Tens alguma alternativa?

– Mas qual é o sentido de uma vida assim? Uma pessoa tenta sobreviver e aguenta toda esta porcaria, a humilhação, faz negócio com os filhos, come musgo... e para quê? – Artyom deteve-se, pensando no Caçador, lembrando-se de quando o ouvira falar do instinto de sobrevivência e do facto de uma pessoa poder lutar, com a fúria de um animal selvagem, pela sua própria vida e pela sobrevivência dos outros. Nessa altura, no começo, as palavras dele tinham-lhe despertado a esperança e o desejo de lutar, tal como a rã que batera as natas com as pernas até elas se transformarem em manteiga. Mas, neste momento, as palavras do padrasto foram as que lhe pareceram mais realistas.

– E tu? – replicou Ulman, como se estivesse a provocá-lo. – Qual é o sentido da tua vida?

Artyom lamentou ter iniciado a conversa. Ulman era sem dúvida um soldado excelente mas, como interlocutor, não era especialmente interessante. E percebia-se que era inútil discutir com ele o sentido da vida.

– Eu, por mim, acho que a vida deve ser vivida – acabou por responder, teimosamente.

– Mas por que motivo? – Ulman começou a rir-se. – Para salvar a humanidade? Isso é tudo um disparate. Nunca a salvarás. E depois, isso

pouco importa, para os outros. – Voltando a lanterna para si próprio, para que Artyom o visse melhor, pôs uma expressão heróica. Artyom observou-o, com inveja. – As pessoas não acham que valha a pena viver assim.

– Portanto, para ti, a vida não tem sentido? – perguntou Artyom, tentando mostrar-se irónico.

– Que queres dizer com isso, afinal? Para mim faz sentido, tal como para toda a gente. Além disso, a tentativa de descobrir o sentido da vida, em geral, dura o tempo da puberdade. Mas, em ti, parece que demorou um pouco mais. – O tom de voz não era ofensivo mas, apenas, malicioso, para que Artyom não ficasse de mau humor. E Ulman pareceu inspirado pelo êxito que obteve. – Eu lembro-me de quando tinha dezassete anos. Também tentei perceber melhor a vida. Mas é uma fase que passa. A vida só tem um sentido, irmão: fazer filhos e educá-los. Deixá-los atormentados por essa mesma dúvida. E responder-lhes como for possível. É a teoria, claro – concluiu, com um sorriso.

– E tu, por que motivo estás a arriscar a tua vida ao acompanhar-me? – perguntou Artyom, passado algum tempo. – Isto é, se não acreditas que é possível salvar a humanidade.

– Em primeiro lugar, foram as ordens que recebi – respondeu Ulman, com uma expressão severa. – E as ordens não se discutem. Em segundo lugar, não basta fazer filhos, é necessário criá-los. E como é que poderei criar os meus se essa tua ameaça de VDNKh os devorar? – A autoconfiança, a força e as palavras de Ulman e a sua visão do mundo eram tão sedutoramente simples e organizadas que Artyom perdeu toda a vontade de continuar a discutir com ele. Por outro lado, a atitude do combatente também começava a inspirar nele alguma confiança.

Tal como Melnik dissera, o túnel entre Mayakovskaya e Belorusskaya era uma zona pacífica. Havia qualquer coisa que fazia barulho nas condutas de ventilação mas, como passaram por eles vários ratos de tamanho normal, Artyom sentiu-se mais tranquilo. A extensão do túnel também era surpreendentemente diminuta – ainda não tinham acabado a conversa e já avistavam as luzes da estação.

A proximidade da Hansa tivera grande influência na estação de Belorusskaya. Percebia-se que estava bem protegida. A dez metros da

entrada havia um posto de controlo, com uma metralhadora ligeira apoiada em sacos cheios de terra e uma guarnição de cinco homens. Ao examinar os documentos dos recém-chegados (e o passaporte novo veio mesmo a calhar), perguntaram-lhes, com cortesia, se eram do **c quot**. E não, asseguraram a Artyom, ninguém tinha nada contra o **c quot**. Belorusskaya era uma estação de comércio que praticava uma neutralidade completa sem interferir nos conflitos entre as várias potências, que o chefe do posto indicava serem a Hansa, o **c quot** e a Linha Vermelha.

Antes de prosseguirem viagem ao longo do Círculo, Artyom e Ulman decidiram fazer uma pausa e comer. E, sentados num **É moz Bm Ç** de aspecto elegante e até chique, foi possível a Artyom obter informações sobre Belorusskaya e, ao mesmo tempo, comer costeletas excelentes e nada caras.

Um homem de rosto redondo e barba loura que se apresentou como Leonid Petrovich, sentado numa mesa ao lado, estava a comer uma dose épica de bacon com ovos e, nos momentos em que esvaziava a boca, foi-lhes falando da estação.

Belorusskaya sobrevivia graças ao trânsito de porcos e de galinhas. Já havia empresas enormes e muito bem sucedidas para lá do Círculo, muito perto de Sokol e mesmo de Voykovskaya, embora essa estação já estivesse perigosamente perto da superfície. Quilómetros de túneis e de linhas de apoio haviam sido objecto de uma reconversão que dera origem a uma vasta quinta de criação de porcos que alimentava toda a Hansa e que abastecia de produtos alimentares tanto o Quarto **c quot** como a eternamente esfomeada Linha Vermelha. Além disso, os habitantes de Dinamo tinham herdado dos seus antepassados empreendedores a vocação da alfaiataria. E eram eles que faziam os casacos e os blusões de pele de porco que Artyom vira em Prospekt Mira.

Deste lado da linha de Zamoskvorestkaya não eram conhecidas ameaças vinhas do exterior e, ao longo de todos os anos que os seus moradores levavam de viver no Metro, ninguém atacara ainda Sokol, a estação do Aeroporto e Dinamo. A Hansa não reclamava direitos sobre elas, satisfazendo-se com a possibilidade que tinha de cobrar uma taxa alfandegária pelo transporte de mercadorias, protegendo essas estações, ao mesmo tempo, tanto dos fascistas como dos vermelhos.

Os habitantes de Belorusskaya dedicavam-se quase todos ao comércio. Os agricultores de Sokol e os alfaiates de Dinamo sabiam ganhar com as entregas dos seus produtos. Trazendo porcos ou galinhas vivas em vagonetas e em vagões de tracção humana, as pessoas do outro lado, como eram chamadas em Belorusskaya, descarregavam a mercadoria – para o que haviam sido instaladas gruas nas plataformas –, tratavam das suas contas e voltavam para casa. A estação fervilhava de vida. Os desembaraçados mercadores (designados por "gestores" em Belorusskaya, por motivos que Artyom não compreendeu) seguiam do terminal – onde a mercadoria era descarregada – para os armazéns, transportando sacos com balas e dando instruções a carregadores corpulentos. Depois, os carrinhos-de-mão de rodas bem oleadas, carregados com caixas e fardos, rolavam sem ruído para as bancadas em fila ou para a fronteira do Círculo, de onde os clientes que vinham à Hansa levavam os produtos, ou para a extremidade oposta da plataforma, onde eram esperados pelos emissários do **c quɒt** para entregarem as suas encomendas. Havia alguns fascistas em Belorusskaya, mas não eram habituais e quase só oficiais. Mantinham, no entanto, uma atitude correcta. Eram um pouco arrogantes mas não ultrapassavam os limites da decência. Olhavam com hostilidade para os homens de pele morena e de cabelo preto, que existiam em grande percentagem entre os mercadores e os carregadores locais, mas não tentavam impor-lhes as suas crenças e as suas leis.

– E também cá temos alguns bancos, sabem?... Vêm muitos do **c quɒt**, aparentemente para fazerem negócio com os produtos. Mas todos sabemos que vêm investir as suas poupanças – disse Leonid Petrovich. – Duvido que nos façam mal. Para eles somos como era a Suíça – acrescentou, sem que Artyom percebesse a alusão.

– Têm tudo aqui a correr bem – disse Artyom, educadamente.

– Não somos só nós, é Belorusskaya no seu conjunto – replicou Leonid Petrovich. – De onde são os senhores? – perguntou, por fim, respeitosamente.

Ulman fingiu estar a dar toda a sua atenção às costeletas e não ter ouvido a pergunta. E Artyom, olhando-o de esguelha, respondeu.

– Sou de VDNKh.

– A sério? Que coisa terrível! – exclamou Leonid Petrovich, pousando a

faca e o garfo. – Conta-se que as coisas estão muito mal por lá. Ouvi dizer que estão por um fio. E que metade da população da estação já morreu. É verdade?

Artyom sentiu um nó na garganta. Tinha mesmo de regressar a VDNKh, para o bem ou para o bem, para estar com os seus compatriotas, talvez pela última vez na vida. Como é que podia ter estado a perder tempo a comer? Pondo o prato de lado, pediu a conta e, apesar dos protestos de Ulman, arrastou-o consigo, ao longo dos balcões com carne e com peças de roupa situados nas arcadas, ao longo das pilhas de produtos variados, passando pelos mercadores que discutiam os preços, pelos carregadores com volumes às costas, pelos oficiais fascistas que se passeavam com ar de estarem sedados, a caminho da fronteira da Linha do Círculo. Aí estava pendurado o habitual pano branco com um círculo castanho no centro. Dois artilheiros com a camuflagem cinzenta, que já conhecia, examinaram-lhes os documentos e inspeccionaram-lhes a bagagem. Era a primeira vez que Artyom conseguia atravessar tão facilmente o território da Hansa. Ulman, ainda a rilhar uma costeleta, meteu a mão no bolso e apresentou um papel que Artyom ainda não tinha visto aos guardas fronteiriços. E estes, em silêncio, desviaram uma das secções da barreira, deixando-os passar.

– Que tipo de documento é esse? – perguntou Artyom, curioso.

– Ora, é só o certificado da medalha de "Serviços distintos prestados à Pátria" – respondeu Ulman, rindo-se. – Toda a gente conhece o nosso coronel.

A fronteira do Círculo era uma mistura estranha de fortificações e de armazéns. A segunda fronteira da Hansa começava logo no início dos carris, a seguir à passagem pedonal. Havia aí uma verdadeira fortaleza, com metralhadoras e, até, um lança-chamas. E mais à frente, junto à estátua de bronze de um homem com uma metralhadora, uma rapariga de aspecto frágil e um rapaz com ar pensativo, ambos armados, estava montada uma guarnição de vinte homens. As esculturas, pensou Artyom, seriam, muito provavelmente, de fundadores de Belorusskaya ou de heróis de uma batalha contra os mutantes[74].

– Isto é tudo por causa do **c quot** – explicou Ulman. – É assim com os fascistas: pode-se confiar mas é melhor verificar. Não tocaram na Suíça,

claro, mas subjugaram a França.

– Tenho algumas falhas no meu conhecimento da História – reconheceu Artyom, com algum embaraço. – O meu padrasto não conseguiu encontrar um manual para o décimo ano. Mas li algumas coisas sobre a Grécia antiga.

Uma corrente infindável de carregadores com as mercadorias às costas passou pelos soldados como se fossem formigas. O movimento estava bem organizado. Uma das escadas servia para os carregadores descerem com a sua carga, a outra para subirem, depois de pousarem a carga, e a terceira para os restantes transeuntes.

Em baixo encontrava-se um artilheiro numa cabina de vidro, a vigiar as escadas. Verificou mais uma vez os documentos de Artyom e de Ulman e deu-lhes papéis com o carimbo "Em trânsito – Registo temporário" e a data.

A estação em que agora entravam também se chamava Belorusskaya mas as diferenças relativamente à sua irmã radial eram enormes. Eram como gémeos que tivessem sido separados à nascença e entregues a famílias diferentes: um deles fora ter a uma família rica e o outro a uma família pobre. A abastança e a prosperidade que distinguia a primeira Belorusskaya empalidecia perante a sua irmã do Círculo. Aqui, as paredes brancas brilhavam, as formas desenhadas pelo estuque no tecto eram fascinantes e as lâmpadas de néon, das quais só três estavam acesas, o que era suficiente, quase os encandeavam. Nas plataformas, os carregadores estavam divididos em duas secções. Um grupo dirigia-se aos carris através das arcadas da esquerda e o outro ia para a direita, largando a mercadoria que transportava em pilhas e regressando para ir buscar mais. Nos carris havia duas paragens, uma para a mercadoria, onde se encontrava uma pequena grua, e a outra para os passageiros, com uma bilheteira. De quinze em quinze ou de vinte em vinte minutos, uma vagoneta de carga passava pela estação. Todas elas tinham sido acrescentadas com pranchas de madeira para transporte de caixas e de fardos. Além dos três ou quatro homens que manejavam as manetes, havia um guarda em cada uma delas.

As vagonetas destinadas aos passageiros passavam a intervalos maiores e Artyom e Ulman tiveram de esperar mais de quarenta minutos, quando chegou a sua vez. O homem que se encontrava na bilheteira explicou-lhes

que as vagonetas de passageiros esperavam até haver um número suficiente de pessoas na paragem para não fazerem viagens em vão. O facto de no Metro ser ainda possível comprar um bilhete – uma bala por cada paragem – e viajar de estação em estação, como antes acontecia, fascinou Artyom. E o jovem até se esqueceu dos seus problemas por instantes, enquanto observava a colocação de mercadorias numa das vagonetas. O que viu mostrou-lhe como devia ter sido óptima, em tempos, a vida no Metro, quando os grandes comboios faiscantes, e não vagonetas manuais, percorriam os carris.

– Aí vem o vosso táxi! – anunciou o homem da bilheteira, fazendo soar uma pequena sineta. Uma grande vagoneta, a que estava atrelado um vagão com bancos de madeira, parou junto deles. Artyom e Ulman apresentaram os bilhetes e sentaram-se nos lugares que ainda não estavam ocupados. Depois de esperar alguns minutos por passageiros que se pudessem ter atrasado, o transporte de passageiros partiu. Os bancos estavam voltados para trás e para frente, divididos num igual número de filas. Artyom sentara-se num dos bancos voltados para a retaguarda e Ulman num banco de costas para ele.

– Porque é que os assentos estão organizados assim? – perguntou Artyom à sua vizinha, uma mulher de forte compleição na casa dos sessenta anos, com um xaile de lã esburacado. – Deste modo, é desconfortável.

A sua companheira de viagem levou as mãos à cabeça.

– E depois? Preferia que não ficasse ninguém a olhar para o túnel?! Vocês, jovens, são sempre insensatos! Não sabe o que aconteceu há dias? Bem, um rato assim – e a mulher abriu as mãos – saltou de uma passagem lateral e levou um passageiro!

– Não era um rato! – interrompeu um homem, vestido com um blusão acolchoado, voltando-se. – Era um mutante! Há uma série deles à solta em Kurskaya!...

– E eu digo que era um rato! Foi a minha vizinha Nina Prokofievna que mo disse. Acha que eu não sei?

Ainda ficaram a discutir durante algum tempo mas Artyom já não estava a dar-lhes ouvidos. Os seus pensamentos haviam regressado a VDNKh. Já decidira que, antes de subir à superfície para se dirigir à torre de Ostankino

com Ulman, tentaria mesmo regressar à sua estação. Ainda não sabia como conseguiria convencer o seu companheiro mas não se libertava do terrível pressentimento de que esta seria a última oportunidade de ver a sua casa e os seus amigos. E não o podia ignorar. Quem poderia saber o que aconteceria depois? Apesar de o saqueador ter dito que nada havia de difícil na tarefa que os esperava, Artyom não acreditava que o pudesse voltar a encontrar. No entanto, antes de se lançar na sua subida à superfície, que poderia bem ser a última, regressaria a VDNKh por algum tempo.

VDNKh... Vê-Dê-Éne-Cá... O nome tinha o som de uma melodia agradável. "Poderia estar a ouvi-lo sem nunca parar", pensou. O homem com quem estivera a falar em Belorusskaya teria dito a verdade? A estação estaria, realmente, prestes a cair sob a ofensiva dos pretos? Estariam já mortos metade dos seus defensores? Quanto tempo estivera ele ausente? Duas semanas? Três? Fechou os olhos, tentando recordar-se dos bonitos arcos da estação, das linhas discretamente elegantes das cúpulas, das grades de ventilação de cobre delicadamente forjadas que existiam entre elas e das filas de tendas no átrio.

A vagoneta oscilava gentilmente ao som monótono das rodas e Artyom nem reparou que estava a adormecer. Estava de novo a sonhar com VDNKh...

Já nada o surpreendia e não estava a ouvir nem a tentar compreender. O objecto do seu sonho não se encontrava na estação mas no interior do túnel. Deixando a tenda, Artyom dirigiu-se de imediato para o túnel, saltou para a linha e dirigiu-se para Sul, para o Jardim Botânico. A escuridão já não lhe metia medo mas havia outra coisa que o assustava: o encontro que o esperava no túnel. Quem era? O que era essa presença? E para quê? E por que motivo é que a sua coragem o abandonava sempre nesta altura?

O seu opositor apareceu, finalmente, vindo das profundezas mais recônditas. Com passos confiantes e fortes, a avançarem gradualmente, como já acontecera, e Artyom sentiu-se a fraquejar. Mas, desta vez, aguentou-se melhor. Os joelhos estremeceram mas conseguiu controlar-se e esperar até ao momento de se encontrar com a criatura desconhecida. Cobria-o um suor pegajoso mas conseguiu não fugir quando o ar, alterando-se, lhe revelou a inquietante proximidade do outro ser, a apenas

alguns centímetros.

– Não fujas... Olha para os olhos do teu destino... – sussurrou-lhe ao ouvido uma voz seca e agreste. E Artyom lembrou-se – e como é que o poderia ter esquecidos nos seus anteriores pesadelos? – de que tinha um isqueiro no bolso. Pegando nele, acendeu-o, preparando-se para ver quem falava com ele. E de imediato se sentiu entorpecido, como se os pés criassem raízes no chão. Diante dele estava um dos pretos, imóvel. Os olhos verdes, sem pupilas e muito abertos, procuravam os dele. Artyom gritou tão alto quanto pôde.

– Jesus, Maria! – exclamou a mulher a seu lado, com a mão no peito e o coração a bater muito depressa. – Pregou-me um susto, jovem!

– Desculpe-o – disse Ulman, voltando-se. – Ele está comigo... e está nervoso.

– Que é que viu que o fez gritar assim? – perguntou a mulher a Artyom, com um olhar de curiosidade nos olhos franzidos de pálpebras inchadas.

– Foi um sonho... Um pesadelo – respondeu Artyom. – Desculpe.

– Um sonho? Vocês, jovens, são muito impressionáveis – retorquiu a sua companheira de viagem, começando novamente a protestar.

Artyom tinha dormido durante bastante tempo, nem acordando na paragem da estação de Novoslobodskaya. Mas já não conseguiu lembrar-se do que vira, e do que teria compreendido, no seu pesadelo, quando a vagoneta chegou a Prospekt Mira.

A situação, nesta estação, era diferente da prosperidade satisfeita de Belorusskaya. Não havia mercadores em Prospekt Mira, nem sinais de actividade comercial. Em seu lugar, viam-se aglomerações de tropas: Spetsnaz e oficiais com as insígnias dos batalhões de engenharia. Na outra extremidade da plataforma, nos carris, encontravam-se vários vagões a motor, bem vigiados e carregados com caixas misteriosas cobertas com lonas. No átrio estavam cerca de cinquenta pessoas, pobremente vestidas, com sacos enormes, sentadas no chão e a olharem em redor com olhos desesperados.

– Que se passa aqui? – perguntou Artyom a Ulman.

– Não é o que se passa aqui – replicou o soldado. – É o que está a passar-se em VDNKh. É óbvio que eles tencionam fazer explodir os túneis... Se os

pretos conseguirem chegar a Prospekt Mira, a Hansa terá de ripostar. E muito provavelmente vão lançar uma ofensiva de antecipação.

Enquanto atravessavam a estação, a caminho da linha de Kaluzhsko-Rizhskaya, Artyom começou a acreditar que Ulman tinha razão. Os Spetsnaz da Hansa estavam a intervir numa estação radial onde não deviam estar. E as entradas para os túneis do Norte, que davam para VDNKh e para o Jardim Botânico, apresentavam-se fechadas. Havia aí fortificações improvisadas, com guardas fronteiriços da Hansa. O mercado não tinha visitantes, cerca de metade das tendas encontravam-se vazias e as pessoas falavam em surdina, nervosas, como perante uma catástrofe iminente. Num canto amontoavam-se várias dezenas de pessoas, incluindo famílias inteiras, com sacos e fardos. Uma mesa, junto à qual se formara uma fila de espera já muito comprida, mostrava um letreiro com a indicação "Registo de refugiados".

– Espera por mim aqui – disse Ulman a Artyom, quando se encontravam já na zona comercial – que vou procurar o nosso contacto. – E desapareceu no meio da multidão.

Mas Artyom tinha outras coisas em mente. Descendo para a linha, aproximou-se de uma das fortificações e perguntou a um dos guardas com cara de poucos amigos:

– Ainda se pode passar para VDNKh?

– Ainda deixamos passar as pessoas mas eu não te recomendaria que fosses para lá – respondeu o guarda. – Não ouviste falar no que está a acontecer? Estão a ser atacados por uma espécie de canibais com uma intensidade tal que já não os conseguem parar. A estação está quase toda nas mãos deles. É evidente que a situação é muito grave. Se ao menos os unhas de fome dos nossos chefes lhes tivessem dado algumas munições de borla, para eles se aguentarem até amanhã...

– Até amanhã porquê?

– Amanhã vamos destruir tudo. Vamos pôr dinamite a trezentos metros desta estação nos dois túneis e dela só ficarão recordações...

– Porque é que não os ajudam? A Hansa tem força para isso, com certeza.

– Já te disse. São canibais. Aquilo está cheio deles e não há força que chegue para os travar.

– E as pessoas de Rizhskaya? E da própria VDNKh? – Artyom sentia-se incapaz de acreditar no que o soldado lhe estava a dizer.

– Já as avisámos há vários dias. E estão a fugir para aqui. Claro que a Hansa as recebe. Não somos animais. Mas era bom que se apressassem. Quando o prazo terminar, é só dizer adeus. Porque é que queres ir lá? Família? Negócios?

– Tudo – respondeu Artyom e o guarda acenou com a cabeça, em silêncio.

Ulman encontrava-se junto de um arco a falar em voz baixa com um jovem alto e com um homem mais velho, de aspecto severo, que tinha um casaco de maquinista vestido e a atitude de um chefe de estação.

– O veículo está lá em cima e o depósito está cheio – dizia o jovem. – De qualquer modo, tenho aqui um rádio e fatos protectores, outra metralhadora **a qot qı qs** e uma espingarda de precisão **L Çns Ú Á á**[75]. – O jovem apontou para dois sacos pretos, no chão. – É possível avançar a qualquer momento. Quando é que precisam de partir?

– Temos de verificar o sinal daqui a oito horas. Nessa altura já devemos estar na nossa posição – respondeu Ulman, voltando-se para o chefe da estação. – A porta de correr está a funcionar?

– Completamente – respondeu o chefe. – É só dizerem. Tenho é de mandar afastar as pessoas para não se assustarem.

– Bom, então vamos descansar umas cinco horas e depois avançamos – disse Ulman. Voltou-se para Artyom. – Então? Vamos descansar?

– Não posso – respondeu Artyom, chamando de parte o seu companheiro. – Preciso de voltar a VDNKh. Para me despedir e para ver o que se passa. Tinhas razão: vão destruir os túneis que partem de Prospekt Mira. Mesmo que regressemos vivos, nunca mais voltarei a ver a minha estação. Tenho mesmo de ir lá.

– Olha, se o que tens é medo de ir lá acima ter com os teus pretos... é só dizeres... – começou Ulman mas, ao ver a expressão de Artyom, calou-se. – Bem, estava a brincar. Desculpa.

– A sério, tenho mesmo de ir – repetiu Artyom. Não conseguia explicar o que sentia e só sabia que devia regressar a VDNKh a todo o custo.

– Bem, se tens de ir... tens de ir – disse o soldado, parecendo confuso. – Mas se precisas mesmo de ir dizer adeus a alguém... não terás tempo de

regressar. Vamos fazer uma coisa, no entanto: eu e Pavel, aquele jovem que tem os sacos, partiremos daqui. Pensávamos ir directamente para a torre mas podemos fazer um desvio e passar pela antiga entrada de VDNKh. Na estação deve estar tudo em ruínas e as pessoas de lá devem sabê-lo. De qualquer modo, encontramo-nos nesse ponto. Daqui a cinco horas e cinquenta minutos. Quem se atrasar... paciência. Tens algum fato protector? Tens relógio? Toma. Fica com o meu – Ulman desapertou a pulseira metálica – e eu peço outro a Pavel.

– Dentro de cinco horas e cinquenta minutos – confirmou Artyom, com um aceno de cabeça. Os dois homens apertaram as mãos e Artyom correu para a fortificação. Ao vê-lo, outra vez, o guarda abanou a cabeça.

– Não há nada de estranho a acontecer no túnel? – perguntou Artyom.

– Estás a falar dos tubos? Já os taparam. Dizem que quando se passa por eles podemos ficar com a cabeça a andar à roda. Mas, pelo menos, ninguém lá morreu entretanto – respondeu o guarda.

Artyom agradeceu-lhe com um aceno de cabeça e, acendendo a lanterna, entrou no túnel.

Nos primeiros dez minutos pensou em tudo: nos perigos que o esperavam no túnel, na vida racional e bem organizada de Belorusskaya, nos táxis e nos comboios a sério... Depois, a pouco e pouco, a escuridão do túnel começou a sobrepor-se à clareza das imagens que retivera na memória. A calma e o vazio impuseram-se e Artyom começou a passar a sua vida em revista.

A sua viagem estava a chegar ao fim. E nem sequer conseguia dizer há quanto tempo ela começara. Talvez tivessem passado duas semanas, talvez mesmo um mês ou mais. No início, a viagem parecera-lhe curta quando, sentado na vagoneta em Alekseevskaya, examinara o velho mapa à luz da lanterna, tentando planear o caminho que o levaria à Pólis. O que se abria diante dele era um mundo desconhecido, do qual nada sabia e sobre o qual não possuía certezas nenhumas. Era possível planear um percurso em função da extensão da viagem mas não era possível prever as mudanças que ela provocaria no viajante. E a vida revelara-se muito diferente, muito mais confusa e complexa e, até, mortalmente perigosa. Companheiros de jornada ocasionais, com quem partilhara o mesmo percurso por pouco tempo, haviam pago a viagem com a própria vida.

Artyom lembrou-se de Oleg. Todas as pessoas tinham o seu destino predeterminado, dissera-lhe Serguei Andreievich em Polyanka. A morte horrível e absurda de Oleg teria servido para poupar a vida dos outros homens, permitindo-lhes continuar a sua missão? Artyom sentiu-se a arrefecer e desconfortável. Se aceitar um ponto de vista destes, esse sacrifício tinha como consequência acreditar que a sua viagem só poderia ser concretizada à custa da vida de alguém... Para ele poder cumprir o seu destino, tal como fora predeterminado, deviam os outros ser espezinhados, destruídos ou mutilados? Oleg era ainda muito novo para poder ter perguntado por que motivo nascera. Mas, se ele tivesse pensado no que lhe poderia acontecer, não teria, decerto, estado de acordo.

Os rostos de Mikhail Porfirievich, de Daniel e de Tretyak surgiram-lhe diante dos olhos. Por que motivo morreram? E por que motivo lhes sobrevivera ele? Quem concedera a Artyom a capacidade de sobreviver aos outros e o direito de viver quando os outros morriam? Artyom teve pena de não estar acompanhado por Ulman que, com um simples remoque irónico, lhe podia dissipar as dúvidas. O que os separava era o facto de a viagem que Artyom fizera pelo Metro o ter obrigado a ver o mundo através de um ponto de vista multifacetado, enquanto a vida espartana de Ulman o fazia ver as coisas da maneira mais simples possível – através da mira de uma espingarda de precisão. E se Artyom não sabia qual dos dois teria razão, também não conseguia acreditar que só um deles é que estaria certo e que só haveria uma única resposta correcta para cada pergunta. Na vida, em geral, e no Metro muito especialmente, nada era transparente e tudo era relativo, alterando-se a cada momento. Khan explicara-lhe isto, logo no início, recorrendo ao exemplo do relógio da estação. Se uma noção que permitia compreender o mundo, como o tempo, se revelasse improvável e relativa, o que se poderia dizer das outras perspectivas possíveis da vida? Tudo, claro: da voz nos tubos do túnel pelo qual ele agora caminhava ao brilho das estrelas do Kremlin, passando pelos segredos eternos da alma humana, havia sempre explicações diversas. E muitas respostas para a mais simples das perguntas: “Porquê?” As pessoas que Artyom encontrara, dos canibais de Park Pobedy aos combatentes da brigada Che Guevara, tinham todas as suas respostas. Os sectários e os satanistas, os fascistas e os filósofos de

metralhadora, como Khan, podiam responder sem problemas mas as suas respostas seriam sempre diferentes. E era por esse motivo que Artyom não conseguia escolher e aceitar uma de entre elas.

Ao obter uma versão diferente de cada resposta, a cada dia que passava, Artyom sentia-se incapaz de acreditar na verdade de cada uma porque, no dia seguinte, surgiria outra resposta que não seria menos precisa nem menos compreensível. E ele devia acreditar em quem? No Grande Verme? No deus canibal, construído à imagem de um comboio capaz de fornecer à terra queimada e devastada uma nova população? No irado e ciumento Jeová e no seu orgulhoso rival, Satanás? No triunfo do comunismo em todo o Metro? Na supremacia dos homens de cabelo louro e de nariz empinado, relativamente às raças de cabelo encaracolado e de pele escura? Havia qualquer coisa que o fazia pensar que não existiam diferenças reais entre as várias crenças. Cada fé servia de muleta para o homem se apoiar. Quando Artyom era pequeno, o padrasto contara-lhe a história de um macaco que pegara numa bengala e se transformara num homem e Artyom rira-se às gargalhadas. O macaco, que era esperto, nunca mais largou a bengala porque, sem ela, não conseguia manter-se direito sobre as patas traseiras. Era compreensível que o homem precisava de um apoio dessa natureza. Sem ele, a vida tornar-se-ia tão vazia como um túnel abandonado. O grito desesperado do selvagem de Park Pobedy, ao perceber que o Grande Verme não passava de uma invenção dos sacerdotes do seu povo, ainda estava bem presente na memória de Artyom. Ao compreender que os Observadores Invisíveis não existiam, Artyom também sentira algo de semelhante. Mas, para ele, a rejeição dos Observadores, do Verme e dos outros deuses do Metro só lhe tornava a vida mais fácil. E significaria isso que ele era mais forte do que os outros? Não, não era verdade. Tinha na mão uma bengala e devia ser suficientemente corajoso para o perceber. A certeza de a sua missão ser de enorme importância, por ela ter depositado nas suas mãos a sobrevivência de todo o Metro e apenas por um mero acaso, era o apoio de que necessitava. Com consciência do que fazia, ou não, Artyom procurava encontrar em todas as opções tomadas para desempenhar a sua missão uma prova de que ele fora escolhido para esse efeito, não pelo Caçador mas por alguém ou por uma entidade de maior dimensão. Destruir os pretos, salvar a

sua estação e os que lhe eram queridos e travar a destruição do Metro – era esta a sua tarefa. E tudo o que acontecera a Artyom durante as suas viagens demonstrava uma única coisa: ele não era igual aos outros. Havia qualquer coisa de especial que lhe tinha sido reservada. Era ele quem devia destruir a ameaça que, de outro modo, acabaria com o que restava da humanidade.

Enquanto ia percorrendo o seu caminho, interpretando fielmente os sinais que lhe eram enviados, a sua vontade de triunfar ia-se impondo à realidade, enganando as probabilidades estatísticas, repelindo as balas, cegando os monstros e os inimigos e obrigando os seus aliados a estarem no local certo no momento certo. De que outro modo poderia compreender o que fizera Daniel, ao entregar-lhe o mapa com a localização da unidade de mísseis, e que essa unidade, por qualquer milagre não tivesse sido destruída décadas antes? O que explicaria o facto de que, contra tudo o que ditaria o bom senso, ele ter encontrado um dos poucos homens, ou mesmo o único, capaz de pôr a funcionar os mísseis? Teria a Providência confiado directamente às mãos de Artyom essas armas tão poderosas, enviando-lhe também um homem capaz de vibrar um golpe mortífero na ameaça inexplicável e implacável e de a destruir? De que outro modo poderia ser explicada a forma como Artyom conseguira escapar às situações mais desesperadas? Enquanto acreditasse naquilo para que estava predeterminado, seria invulnerável, por muito que as pessoas que o acompanhassem perecessem umas atrás das outras.

Os pensamentos de Artyom regressaram às palavras ditas por Serguei Andreievich sobre o destino, na estação de Polyanka. Essas palavras haviam-no impelido para a frente, como molas novas e bem lubrificadas colocadas no mecanismo gasto e corroído de um brinquedo de corda. Mas, ao mesmo tempo, tinham-lhe sido desagradáveis. Talvez porque a teoria que lhes estava subjacente também privava Artyom do seu livre-arbítrio, obrigando-o a submeter-se ao que seria o seu próprio destino. Mas, por outro lado, como é que lhe seria possível refutar a existência dessa linha de raciocínio, depois de tudo o que lhe acontecera? Não conseguia acreditar que a sua vida fosse apenas uma sequência de acontecimentos ao acaso.

Já sucedera tanta coisa que lhe era impossível deixar o caminho que se impusera. Se já chegara tão longe, precisava mesmo de continuar e de

chegar ao fim. Era essa a lógica inexorável da sua opção. E também era demasiado tarde para alimentar dúvidas. Devia avançar, mesmo que isso significasse aceitar a responsabilidade pela vida dos outros e já não apenas pela sua. Os sacrifícios não podiam ter sido em vão. Tinha de aceitá-los e de ir até ao fim. Era esse o seu destino. E como é que não o percebera antes? Duvidara das suas próprias decisões, distraído pela estupidez e pela hesitação, apesar de a resposta ter estado sempre à sua frente. Ulman tivera razão: não era necessário tornar a vida mais complexa do que ela já era.

Artyom continuou a andar, em passo agora mais rápido. E teve consciência de que não ouvira barulho nos tubos. Não deparara com nada de perigoso no túnel que o levava a VDNKh. Mas, nesta parte da sua viagem, cruzara-se com outras pessoas, que se dirigiam para Prospekt Mira. Ele estava a ir em sentido contrário ao fluxo dos desgraçados, obviamente exaustos, que tinham largado tudo e que fugiam ao perigo. Olhavam para ele como quem olha para um louco: Artyom era o único que avançava ao encontro desse mundo de terror enquanto todos os outros tentavam fugir desse local condenado.

Em Rizhskaya e em Alekseevskaya já não havia guardas. Mergulhado nos seus próprios pensamentos, Artyom nem deu por isso, até chegar a VDNKh, depois de já ter estado a caminhar durante cerca de hora e meia. Na estação, subindo à plataforma e olhando em redor, estremeceu, involuntariamente – tudo lhe fazia lembrar a VDNKh dos seus mais recentes sonhos.

Mais de metade da iluminação deixara de funcionar, pairava sobre os destroços o odor a pólvora queimada e, à distância, ouviam-se os gemidos e os gritos angustiados de mulheres. Artyom empunhou a metralhadora, pronta a disparar, e seguiu em frente, examinando cuidadosamente as arcadas e todas as sombras que pareciam mais próximas. Era como se os pretos já tivessem sido capazes, pelo menos uma vez, de atravessar todas as defesas e de chegarem à própria estação. Algumas das tendas já haviam desaparecido e, em diversos locais, havia manchas de sangue no chão. Mas ainda havia pessoas a viver noutras tendas e, aqui e ali, via-se a luz de uma lanterna através da lona. Do Norte chegaram tiros distantes. A saída para o túnel encontrava-se tapada por sacos de terra, empilhados à altura de um

homem. Três guardas estavam encostados a esta barricada improvisada, a observarem o túnel através de pequenas fendas por onde enfiavam os canos das armas.

– Artyom! Artyom! De onde é que saíste? – exclamou uma voz que Artyom reconheceu. Voltando-se, deu com Kirill, um dos homens com quem deixara VDNKh no começo da sua jornada. Kirill tinha um braço numa tala e o cabelo ainda mais desgrenhado do que era habitual.

– Bem, voltei... – disse Artyom, num tom vago. – Como é que se têm aguentado? E o Tio Sasha? E Zhenya?

– Zhenya? Apanharam-no... Morreu há uma semana – respondeu Kirill, com ar triste.

O coração de Artyom quase parou.

– E o meu padrasto?

– Sukhoi está vivo e ileso. E é ele quem manda, agora. Está na enfermaria, neste momento. – Kirill indicou, com um gesto, as escadas que davam para uma nova saída da estação.

– Obrigado! – E Artyom largou a correr.

– Por onde é que andaste? – ainda lhe gritou Kirill.

A "enfermaria" tinha um aspecto sinistro. Verdadeiramente feridos, só lá se encontravam cinco homens. Os outros doentes, enfaixados como bebés e enfiados em sacos-cama, ocupavam a maior parte do espaço disponível, deitados lado a lado. Mantinham os olhos esbugalhados e das bocas entreabertas saíam-lhes palavras incompreensíveis. Quem olhava por eles não era um enfermeiro mas um soldado com um frasco de clorofórmio na mão. Quando, de tempos a tempos, um desses doentes deitados no chão começava a agitar-se, a uivar e a inquietar os seus companheiros, o guarda aplicava-lhe o pano com clorofórmio na boca e no nariz. O homem não adormecia, nem fechava os olhos, mas ficava sossegado durante algum tempo e mais calmo.

Artyom não avistou Sukhoi de imediato. O padrasto estava num gabinete, a falar com o médico da estação. Ao sair, viu Artyom e ficou estupefacto.

– Estás vivo... Artyomka! Vivo! Graças a Deus, Artyom! – balbuciou, agarrando o jovem pelo ombro como se precisasse de se convencer de que tinha Artyom realmente diante de si. Artyom abraçou-o. Sentiu-se quase

regressado à infância, receando que o padrasto o repreendesse por ter desaparecido, que lhe chamasse irresponsável e que dissesse que ele se portara como uma criança. Mas, em vez disso, Sukhoi apenas prolongou o abraço, numa manifestação paternal. E, quando o largou, Artyom viu-lhe lágrimas nos olhos e ficou muito vermelho. Em poucas palavras contou ao padrasto por onde andara e o que fizera durante esse tempo e explicou-lhe ao que vinha. Sukhoi abanou a cabeça e só criticou o Caçador. Mas depois acalmou-se e declarou que não diria mal dos mortos. Sem, no entanto, conseguir dizer o que lhe teria acontecido.

– Vês o que está a acontecer aqui? – perguntou-lhe Sukhoi, com uma voz de novo tensa. – Eles atacam todas as noites e já não há balas que cheguem para os travar. Chegou uma vagoneta vinda de Prospekt Mira com munições mas isso de pouco nos serve.

– Eles querem destruir o túnel em Prospekt Mira, para isolar VDNKh e as outras estações por completo – disse Artyom.

– Sim... Têm medo de serem atingidos por esta onda que vem das profundezas. E nem querem aproximar-se de VDNKh. Mas isso será uma solução temporária. Os pretos encontrarão outra maneira de entrar.

– Quando é que sais daqui? Já há pouco tempo. Menos de um dia. Tens de preparar tudo para poderes partir.

O padrasto observou-o em silêncio. E depois disse-lhe:

– Não, Artyom. Só tenho uma maneira de sair daqui e não é por Prospekt Mira. Que vamos fazer aos trinta feridos que aqui temos? Deixo-os cá? E quem é que aguentará a defesa da estação enquanto eu me ponho a salvo? Com que cara é que posso dirigir-me a um dos homens para lhe dizer: "Tu vais ficar aqui, a mantê-los à distância, mas eu vou-me embora"?... – Sukhoi respirou fundo. – Eles que destruam os túneis. Nós vamos aguentar-nos o mais que pudermos. E eu morrerei como um homem.

– Então fico contigo – replicou Artyom. – Eles têm os mísseis e podem passar sem mim. E para que sirvo eu, de qualquer modo? Aqui, pelo menos, posso ajudar-vos...

– Não, não. Tens de ir – interrompeu Sukhoi. – Temos aqui as portas de correr a funcionar bem e as escadas rolantes também estão livres e tu podes chegar lá acima rapidamente. Tens de ir com eles. Eles nem sequer sabem o

que isto é!

Artyom não conseguiu deixar de suspeitar que o padrasto o estivesse a mandar embora para lhe salvar a vida. Tentou objectar mas Sukhoi recusou-se a dar-lhe ouvidos.

– Só tu, nesse grupo, é que sabe como os pretos podem enlouquecer as pessoas – disse, apontando para os homens deitados no chão.

– Que se passa com eles?

– Estiveram nos túneis e não aguentaram. Conseguimos salvar estes e já foi bom. Mas os pretos deram cabo de tantos homens enquanto eles ainda estavam vivos! Têm uma força incrível. E depois... quando se aproximam e começam a uivar, são poucos os que conseguem suportá-lo. Tu sabes como é. Os nossos voluntários algemaram-se para não fugirem. Mas estes conseguiram escapar-se. E temos poucos feridos porque é difícil fugir vivo das garras dos pretos.

– E Zhenya? Apanharam-no? – perguntou Artyom, engolindo em seco. Sukhoi acenou afirmativamente com a cabeça e Artyom decidiu que não queria saber pormenores.

– Vem, vamos falar um pouco enquanto isto está sossegado – disse Sukhoi, quebrando o silêncio. – Ainda tenho algum chá. Queres comer alguma coisa? – Sukhoi pôs-lhe um braço por cima dos ombros e levou-o para o gabinete da administração.

Artyom olhou em redor, espantado. Custava-lhe a crer como, nas semanas desde a sua partida, VDNKh mudara tanto. A estação acolhedora e confortável, que tinha sido a sua casa, mergulhara agora na angústia e no desespero. Sentia uma enorme vontade de fugir. À distância ouviram o som de uma rajada de metralhadora. Artyom empunhou a sua metralhadora mas Sukhoi travou-lhe o gesto.

– É para nos avisarem – explicou. – O pior vai ser daqui a algumas horas. Já o sinto. Os pretos avançam em vagas e só conseguimos matar um, recentemente. Não tenhas medo. Se acontecer alguma coisa de muito grave, os nossos homens usarão a sirene. É o sinal de alarme geral.

Artyom pensou no sonho que tivera. Sobre o encontro no túnel... Agora tornava-se impossível e um encontro com uma das criaturas nunca seria inofensivo como ele sonhara. E nem valia a pena falar no assunto. Sukhoi

nunca o deixaria aventurar-se sozinho no túnel. Tinha de pôr a ideia de parte. Até porque havia coisas mais importantes com que devia preocupar-se.

– Sabia que ainda voltaríamos a ver-nos e que tu havias de regressar – disse Sukhoi, servindo o chá, quando já se encontravam na sala da chefia da estação. – Chegou cá um homem, há uma semana, à tua procura.

– Que homem? – inquiriu Artyom, com prudência.

– Ele disse que se conheciam. Alto, magro, com uma pequena barba. Tinha um nome estranho, que fazia lembrar o Caçador.

– Khan? – perguntou Artyom, surpreendido.

– Exactamente. Ele disse-me que irias regressar e mostrou-se tão seguro disso que eu fiquei mais descansado. E também me deu uma coisa para ti. – Sukhoi procurou na pasta em que guardava notas e objectos pessoais e tirou do interior uma folha de papel dobrada várias vezes. Desdobrando-a, Artyom aproximou-a dos olhos. Era uma nota curta. As palavras, escritas numa estilo incerto, deixaram-no intrigado: "Quem for suficientemente temerário e paciente para olhar de frente para a escuridão ao longo da sua vida será o primeiro a ver nela um raio de esperança."

– E ele não deixou mais nada? – perguntou Artyom.

– Não – respondeu Sukhoi. – Pensei que fosse uma mensagem em código. Ele veio aqui de propósito para a deixar.

Artyom encolheu os ombros. Mais de metade de tudo o que Khan dissera e fizera parecera-lhe completamente disparatado mas, por outro lado, o restante levara-o a encarar o mundo de maneira diferente. Era-lhe difícil perceber a qual das metades pertenceria esta mensagem.

Beberam o chá e conversaram durante mais algum tempo. Artyom não conseguiu afastar a ideia de que estava a ver o padrasto pela última vez e parecia estar a prolongar o encontro para poder ter uma recordação bem forte para o resto da sua vida. Até que chegou a altura de partir.

Sukhoi accionou a manivela junto das escadas rolantes e a parede de ferro ergueu-se a um metro de altura com um rangido metálico. A água estagnada proveniente das chuvas caídas no exterior alagou a entrada mas Artyom, apesar do lodo que lhe chegava aos tornozelos, sorriu a Sukhoi, tentando disfarçar as lágrimas que lhe invadiam os olhos. E ia dizer-lhe adeus

quando, no último momento, se lembrou do que, para si, talvez fosse o mais importante. Tirando o livro infantil da mochila, abriu-o nas páginas onde se encontrava a fotografia e mostrou-a ao padrasto, com o coração a bater muito depressa.

– Quem são? – perguntou Sukhoi, com uma expressão de surpresa.

– Conheces esta mulher? – perguntou-lhe Artyom, esperançado. – Vê-a mais de perto. É a minha mãe? Tu viste-a quando ela me entregou.

– Mas, Artyom... – Sukhoi fez um sorriso triste. – Mal lhe vi o rosto. Estava muito escuro e eu só olhava para os ratos. Não consigo lembrar-me dela. Lembro-me de que me agarraste a mão e de que não choraste e depois ela desapareceu. Desculpa!

– Obrigado. Adeus! – Artyom esteve quase a dizer "pai" mas sentiu um nó na garganta. – Talvez nos encontremos outra vez... – Pôs a máscara anti-gás e baixou-se para passar por baixo da cortina de ferro, apertando a fotografia amarrotada contra o peito, e começou a subir a instável escada rolante.

74 N.T. – Esculturas em Belorusskaya
Representam guerrilheiros da resistência bielorussa.

75 N.T. – **a qot qı qs** e **L Çms Úi Áá**
Respectivamente, uma metralhadora de 7,62 milímetros e uma das mais conhecidas espingardas de precisão, muito utilizadas pelas forças militares da Europa de Leste.

NASCIDOS PARA RASTEJAR

A escada rolante parecia não ter fim. Era necessário subi-la devagar e com muito cuidado. Debaixo dos pés de Artyom, os degraus rangiam e estremeciam, com reverberações metálicas, e, a dada altura, começaram a abater-se e o jovem mal conseguiu segurar-se. Havia por todo lado restos de ramos enormes cobertos de musgo e pequenos arbustos, talvez empurrados para o interior pelas ondas de choque das explosões. As paredes estavam também cobertas de trepadeiras e musgo e, através dos buracos existentes no plástico das barreiras laterais, viam-se as estruturas ferrugentas que suportavam as escadas.

Artyom não quis olhar para trás uma única vez.

Lá em cima, a escuridão era total. O que parecia ser um mau presságio. Artyom pensou, de repente, que toda a estrutura externa da estação podia ter abatido e que ele já não conseguiria sair. Se, no entanto, fosse apenas uma noite em que não se visse a Lua, não seria mau de todo. De qualquer modo, essa circunstância dificultaria a tarefa de orientar a trajectória dos mísseis.

À medida que subia os degraus, ia vendo nas paredes o reflexo da claridade que chegava do exterior através das fendas. A saída para o pavilhão envolvente da estação estava bloqueada não por pedras mas por árvores caídas. E, depois de passar alguns minutos a procurar uma saída, o jovem descobriu uma porta de alçapão estreita que se abriu assim que a empurrou.

No tecto da zona de entrada, rasgando quase toda a sua cobertura, havia um buraco enorme pelo qual entrava a luz da Lua. O chão estava coberto com ramos partidos e, até, com algumas árvores caídas. Artyom viu alguns objectos estranhos junto a uma das paredes: esferas grandes, da altura de um homem, que pareciam feitas de um couro cinzento-escuro e que se moviam. Impressionaram-no desagradavelmente e Artyom nem quis aproximar-se mais.

Desligando a lanterna por uma questão de segurança, saiu da estação. Viu, diante de si, uma fila de pavilhões e de quiosques, que deviam ter sido muito elegantes e distintos mas que agora se encontravam quase destruídos. Mais à frente viu um enorme edifício em forma de arco, também parcialmente destruído[76].

Artyom olhou em redor. Não viu Ulman nem o seu companheiro. Talvez se tivessem atrasado. Isso dava-lhe algum tempo para examinar o local onde se encontrava.

Sustendo a respiração por alguns segundos, tentou ouvir os uivos reveladores dos pretos. O Jardim Botânico não ficava longe e Artyom não conseguia compreender por que motivo os monstros não tinham atacado a estação pela superfície. Parecia estar tudo silencioso mas, à distância, ouviu os uivos tristes de cães vadios. Artyom não queria ir ao encontro deles. Se tinham conseguido sobreviver à superfície durante tanto tempo, alguma coisa os devia distinguir dos cães domésticos dos habitantes do Metro.

Afastando-se um pouco mais da estação, fez uma descoberta estranha: uma fossa grosseiramente escavada e pouco funda que rodeava o pavilhão. Enchia-a um líquido escuro estagnado, que a fazia assemelhar-se a um fosso destinado a defender uma fortificação. Atravessando-a de um salto, Artyom aproximou-se de um dos quiosques e espreitou para o interior. Estava completamente vazio. No chão só havia vidros partidos. Tudo o resto desaparecera. Examinou outros quiosques e só parou numa pequena construção que lhe pareceu a mais interessante de todas. Vista de fora, parecia uma pequena fortaleza. Era um cubo feito de placas espessas de ferro e uma pequena janela de vidro espelhado. Por cima, lia-se num letreiro "Câmbios". A porta tinha uma fechadura invulgar. Abria-se não com uma chave mas com uma combinação de números. Aproximando-se da janela, Artyom tentou abri-la mas não conseguiu. Viu no peitoril palavras escritas à mão e que se liam com dificuldade. Esquecendo-se de que poderia correr perigo, Artyom acendeu a lanterna. Quem escrevera o que ali se encontrava talvez tivesse sido canhoto. As palavras ainda eram legíveis: "Enterrem-me apropriadamente. Código 767." Mal percebeu o que acabara de ler, ouviu, por cima de si, o piar irado de uma grande ave. Era um som igual ao que emitiam os monstros voadores que pairavam sobre a Avenida Kalinine.

Artyom apressou-se a apagar a lanterna mas era tarde – o piar voltou a fazer-se ouvir, mesmo por cima da sua cabeça.

Artyom olhou desesperadamente em redor, à procura de um local para se esconder. Decidiu tentar os números escritos no peitoril da janela. Premindo os botões do teclado com os números na sequência indicada, puxou a manivela para si. E ouviu um clique seco no interior da fechadura, sentindo depois a porta a dar de si, embora com alguma dificuldade, ao som das dobradiças ferrugentas. Artyom esgueirou-se para o interior, trancou outra vez a porta e acendeu a lanterna.

Num canto, com as costas contra a parede, estava o corpo mumificado e ressequido de uma mulher. Numa mão tinha um marcador de ponta grossa e na outra uma garrafa de plástico. As paredes estavam, de alto a baixo, cobertas por palavras elegantemente escritas por uma mão feminina. Junto dela, no chão, estava uma caixa de comprimidos vazia, invólucros coloridos de barras de chocolate e latas de bebidas. A um canto viu um cofre entreaberto. Artyom não receava os mortos e a desconhecida apenas lhe suscitou uma sensação de compaixão. Pareceu-lhe, sem conseguir perceber porquê, que ela seria ainda muito nova. No exterior, voltou a ouvir-se o piar muito forte do monstro voador e, depois, o quiosque foi sacudido por uma pancada dada no telhado. Atirando-se para o chão, Artyom ficou à espera do que poderia seguir-se.

Mas o ataque não se repetiu e os pios da criatura começaram a ouvir-se a uma distância maior. Artyom pôs-se em pé. Podia ficar neste esconderijo tanto tempo quanto quisesse. O corpo da rapariga ainda se encontrava intacto e, se tivesse ficado no exterior, teria sido um festim para os predadores. É claro que ele podia tentar matar o monstro mas, para isso, teria de sair do seu abrigo. Se falhasse, ou se o corpo da criatura conseguisse resistir às balas, não beneficiaria de uma segunda oportunidade. Seria mais razoável ficar à espera de Ulman. Se ele estivesse vivo.

Para passar o tempo, começou a ler as palavras escritas nas paredes:

"... Escrevo por me sentir farta de aqui estar e por não querer enlouquecer. Já estou metida neste quiosque há três dias e tenho medo de sair. Vi lá fora umas dez pessoas que não conseguiram chegar ao Metro e que estão agora estendidas no meio da rua. Ainda bem que li no jornal como é que podia

tapar as fendas. Vou esperar até a nuvem dispersar. Ouvi dizer que, um dia depois, já não haverá perigo.

"9 de Julho. Tentei chegar ao Metro. Há uma espécie de parede de ferro depois das escadas rolantes. Não consegui levantá-la e, por mais que batesse nela, ninguém a abriu. Comecei a sentir-me muito mal passados dez minutos e acabei por voltar para aqui. Há um grande número de mortos lá fora. Têm uma aparência horrível, estão inchados e cheiram muito mal. Parti o vidro da montra de uma loja de produtos alimentares e trouxe chocolates e água. Agora já não morrerei de fome. Sinto-me terrivelmente fraca. Existe aqui um cofre cheio de dólares e de rublos que não me servem para nada. É uma situação estranha. Agora são só pedaços de papel."

"10 de Julho. Ainda continuam os bombardeamentos. Estive o dia todo a ouvir estrondos, que parecem vir da direita, de Prospekt Mira. Pensei que não restasse ninguém mas ontem passou por aqui um carro blindado a grande velocidade. Quis sair e chamá-los mas já era tarde demais. Sinto, realmente, a falta da Mãe e de Leva. Vomitei durante todo o dia. Depois consegui dormir."

"11 de Julho. Passou por aqui um homem horrivelmente queimado. Não sei onde esteve escondido este tempo todo. Estava a chorar e mal conseguia respirar. Foi horrível. Foi para o Metro e depois ouvi um estrondo. O mais provável é ele ter ido bater na parede de ferro. Depois ficou tudo silencioso. Amanhã vou espreitar, para ver se lhe abriram a porta."

Uma nova pancada fez estremecer o quiosque. O monstro não desistia de apanhar a sua presa. Artyom ficou de tal modo agitado que quase caiu por cima do cadáver, apoiando-se ao balcão para não cair por completo. Agachado, esperou alguns minutos e, a seguir, continuou a ler.

"12 de Julho. Não sou capaz de sair. Estou a tremer. Não consigo perceber se estou a dormir ou não. Hoje estive a falar com Leva durante uma hora e ele disse-me que se casaria comigo em breve. Depois chegou a Mãe e os olhos dela escorriam lágrimas. E fiquei outra vez sozinha. Sinto-me tão só. Quando tudo isto terminar, será que me vêm salvar? Andam por aqui uns cães que agora estão a comer os cadáveres. Finalmente. Até lhes agradeço. Continuo a vomitar."

"13 de Julho. Ainda tenho comida enlatada, chocolate e água mas já não

me apetece mais. Ainda há-de passar mais um ano até a vida voltar ao normal. A Grande Guerra Patriótica demorou cinco anos. Não pode haver outra que demore mais tempo. E tudo vai correr bem. Hão-de encontrar-me."

"14 de Julho. Estou farta. Estou farta. Enterrem-me apropriadamente. Não quero passar mais tempo metida nesta caixa de ferro. É demasiado apertada. Obrigada pelo Phenazepam. Boa noite." [77]

Junto dela havia outras palavras também escritas à mão mas mais incoerentes e irregulares, acompanhadas por desenhos de diabinhos, de raparigas com grandes chapéus e com laços, de rostos de pessoas. Era evidente que ela ainda tinha esperado que terminasse o pesadelo a que sobrevivera, pensou Artyom. No período de um ano, ou dois, poderia voltar tudo a ser como era. A vida continuaria e toda a gente se esqueceria do que acontecera. Mas quantos anos ainda passariam? Até agora, a humanidade só aumentava a distância relativamente à superfície. Teria ela adivinhado que só sobreviveriam os que tinham conseguido fugir para o Metro?

Artyom pensou em si próprio. Sempre quis acreditar que quando as pessoas conseguissem sair do Metro, e voltassem à superfície para viverem como antes, seriam capazes de restaurar os edifícios majestosos construídos pelos seus antepassados e de habitar neles novamente, em vez de terem de fechar os olhos quando o sol nascesse e de respirar a desagradável mistura de oxigénio e de nitrogénio filtrada pelas máscaras em vez de poderem inalar o ar e o cheiro das plantas. Artyom não sabia como era o cheiro das plantas mas parecia ter sido maravilhoso. A mãe falara-lhe nas flores. Porém, ao olhar para o corpo ressequido da rapariga morta, que não vivera o suficientes para ver o dia ansiado em que terminaria o seu pesadelo, Artyom começou a duvidar de que tivesse oportunidade de sentir esse cheiro. Em que é que diferia da rapariga na esperança de ver o regresso à vida tal como ela fora? Durante os anos passados no Metro, os homens não tinham conseguido reunir forças suficiente para subir os degraus das magníficas escadas rolantes que os conduziriam, em triunfo, à glória e ao esplendor de outros tempos. Ao contrário, os homens regrediram, habituando-se à escuridão. A maior parte das pessoas já se esquecera da autoridade absoluta que a humanidade detivera sobre todo o mundo enquanto outros ansiavam

por ela e outros, ainda, a amaldiçoavam.

No exterior fez-se ouvir o som de uma buzina e Artyom precipitou-se para a janela. Num espaço livre em frente aos quiosques encontrava-se um veículo muito estranho. Artyom lembrava-se de ter visto automóveis: na infância distante, nas imagens e nas fotografias dos livros e, finalmente, durante a última vez em que subira à superfície. Mas nunca vira nada parecido com este veículo. Era um camião enorme, de seis rodas, pintado de vermelho. Atrás da cabina, com duas filas de assentos, o corpo metálico do camião era atravessado por uma linha branca longitudinal e tubos no tejadilho. Por cima de tudo, cintilavam duas luzes azuis que rodopiavam.

Em vez de tentar sair do quiosque, Artyom acendeu a lanterna e apontou-a, através do vidro, para o camião, à espera de um sinal de resposta. Os faróis do camião acenderam-se e apagaram-se várias vezes mas Artyom desistiu de sair do quiosque ao avistar as duas sombras enormes que desceram sobre o veículo. A primeira criatura agarrou o tejadilho com as garras e tentou levantar o camião, apesar do seu peso. E ainda conseguiu levantá-lo à altura de cerca de meio metro, acabando, no entanto, por só lhe arrancar os tubos para depois os largar com evidente desagrado. A segunda criatura atacou o camião de lado, a guinchar, tentando voltá-lo. Mas no camião abriu-se uma porta e um homem vestido com um fato protector saltou para o chão, transportando uma metralhadora enorme. Erguendo-a, esperou alguns segundos, deixou o monstro aproximar-se e disparou depois uma rajada de balas. Ouviram-se pios magoados. E Artyom aproveitou, apressadamente, para abrir a porta e correr para o exterior. Um dos monstros alados estava a descrever um círculo no céu, à altura de uns trinta metros, preparando-se para um novo ataque, mas o outro já não se avistava.

– Vai para o camião! – gritou o homem da metralhadora. Artyom correu para o veículo e saltou para a cabina, atirando-se para o banco da frente. A metralhadora disparou mais vezes e depois o soldado pôs um pé no estribo e subiu para a cabina, fechando a porta com estrondo. E o veículo arrancou.

– Querias transformar-te em comida para pombos? – gracejou a voz de Ulman, a olhar para Artyom através da viseira da sua máscara anti-gás. Artyom não lhe respondeu, a pensar ainda que os monstros iriam perseguir-los. Mas, em vez disso, só voaram por cima deles durante uns cem metros,

voltando depois para trás, para VDNKh.

– Estão a defender um ninho – explicou Ulman. – De outro modo, não teriam atacado assim um veículo. Não são suficientemente grandes para o fazerem. Gostava de saber onde é o ninho...

Artyom percebeu, de repente, onde era e por que motivo não havia mais nenhum ser vivo, nem os pretos, junto à saída de VDNKh.

– O ninho está no pavilhão por cima das escadas rolantes da nossa estação – disse.

– Sim? É estranho, porque costumam fazer os ninhos onde é mais alto, no cimo dos prédios – replicou o soldado. – Talvez pertençam a outra espécie. Mas pronto... Peço desculpa pelo nosso atraso.

Os fatos protectores e as armas gigantescas que transportavam tornavam o banco da frente demasiado apertado. No de trás iam as grandes mochilas e caixas compridas. Ulman sentara-se na ponta, Artyom ficara no meio e, à sua esquerda, ao volante, encontrava-se Pavel, o camarada de Ulman de Prospekt Mira.

– Desculpa porquê? Não foi de propósito – explicou Pavel. – O coronel não nos avisou do que estava a acontecer. Ficámos com a impressão de que tinha passado um rolo compressor pela rua que vai de Prospekt Mira para Rizhskaya. Nem sei como o viaduto se aguentou. Não havia nada onde pudéssemos abrigar-nos. Mal conseguimos escapar aos cães.

– Viste os cães? – perguntou Ulman.

– Ouvi-os, só – respondeu Artyom.

– Bem, nós conseguimos vê-los bem – disse Pavel, rodando o volante.

– Como é que foi?

– Foi mau. Arrancaram-nos o pára-choques e quase nos desfizeram uma roda à dentada, apesar de estarmos em movimento. Só pararam quando Petro abateu o chefe da matilha com a espingarda de precisão – Pavel fez um aceno de cabeça para Ulman.

O percurso não era fácil. O solo encontrava-se pejado de valas e de buracos e o asfalto estava rasgado. E era necessário prosseguir com todo o cuidado. Num ponto chegaram a ficar atolados e, noutro, demoraram mais de cinco minutos a atravessar uma montanha de entulho, formada por um viaduto que ruíra. Artyom ia olhando pela janela, agarrado à metralhadora.

– Isto está a ir bem – disse Pavel, referindo-se ao veículo.

– Onde é que o arranjaram? – perguntou Artyom.

– Num depósito de veículos acidentados. Estava em muito mau estado. Não o tinham arranjado a tempo de ir combater os incêndios, quando Moscovo começou a arder. Usamo-lo nós agora, de vez em quando. Mas não para o fim com que foi concebido, naturalmente.

– Claro que não – disse Artyom, voltando-se novamente para a janela.

– Tivemos sorte com o tempo – Pavel, pelos vistos, queria conversar. – Não há uma única nuvem no céu. E isso é bom. Poderemos ver a grande distância, quando chegarmos à torre. Se lá chegarmos.

– Prefiro está lá em cima do que numa das casas – disse Ulman. – É certo que o coronel diz que quase não mora ninguém nestas casas mas eu não gosto do "quase".

O veículo virou à esquerda e seguiu por uma avenida larga e direita, dividida em duas por uma zona de relva. À esquerda havia uma fileira de casas de tijolo intactas e, à direita, uma floresta de aspecto escuro e sombrio. A estrada era atravessada por raízes poderosas e era necessário contorná-las.

– Olhem! Que maravilha! – exclamou Pavel, com admiração. Mesmo à frente deles avistaram a Torre Ostankino, erguendo-se em direcção ao céu, como um pilar que o suportasse ou como um bastão gigantesco, capaz de abater todos os inimigos. A estrutura era fantástica. Artyom nunca vira nada assim nas imagens que encontrara nos livros e nas revistas. O padrasto, naturalmente, falara-lhe de uma construção ciclópica situada apenas a cerca de dois quilómetros da estação mas Artyom nunca imaginara como ela o poderia surpreender. Durante o resto do caminho manteve a boca aberta, com a surpresa, sem deixar de olhar para a grandiosa silhueta da torre, que devorava com os olhos. Sentia-se deliciado ao ver esta criação das mãos humanas mas, ao mesmo tempo, amargurava-o perceber que nada mais poderia ser assim construído.

– Estava tão perto e eu nem sabia – murmurou Artyom, tentando dar voz ao que sentia.

– Quando não se sobe à superfície, há muitas coisas nesta vida que não se compreendem – disse Pavel. – Sabes, ao menos, o que significa o nome da

tua estação? VDNKh? "Exposição de Êxitos da Economia Popular da URSS". Havia aí um enorme parque com toda a espécie de animais e de plantas. E ainda bem que estas "aves" fizeram o ninho mesmo por cima da entrada da tua estação. Algumas das estruturas foram tão abaladas pelas radiações que quase não aguentam um tiro de canhão.

– Os teus amigos de asas são muito respeitados – disse Ulman. – E eles até vos servem de telhado protector.

Os dois homens riram-se e Artyom, que nem se preocupou em corrigir Pavel quanto ao facto de o nome da estação ser a sigla de Centro de Exposições de Toda a Rússia, voltou a olhar para a torre. A enorme estrutura parecia um pouco inclinada mas talvez tivesse encontrado um equilíbrio que, embora delicado, a impedira de cair. Como é que era possível que uma construção destas, com décadas de vida, se mantivesse intacta? As casas vizinhas tinham sido arrasadas mas a torre mantinha-se, orgulhosamente, de pé como se tivesse sido magicamente preservada das bombas e dos mísseis do inimigo.

– É interessante como ela se aguentou – murmurou Artyom.

– O mais provável é não a terem querido destruir – disse Pavel. – É uma construção muito valiosa. Era vinte e cinco por cento mais alta do que é agora e a ponta era aguçada. Mas agora, como vêem, está partida pelo miradouro.

– Por que motivo a terão querido poupar? Ainda se importavam com alguma coisa? De qualquer modo, no Kremlin não devem ter gostado de a ver assim – comentou Ulman.

Atravessaram um portão ladeado por uma cerca de aço e pararam mesmo diante da base da torre. Ulman pegou nos óculos de visão nocturna e na metralhadora e saltou da cabina. Um minuto depois, acenou-lhes com a indicação de que tudo estava sossegado e de que deviam avançar. Pavel saiu da cabina e, abrindo a porta de trás, começou a tirar as mochilas e o restante equipamento.

– Devemos ter sinal dentro de vinte minutos – disse. – Vamos tentar captá-lo aqui.

Ulman abriu a mochila onde se encontrava o receptor de rádio e começou a montar uma antena comprida, com várias secções. A antena tinha uma

altura de seis metros e oscilava vagarosamente ao sabor da brisa. Sentando-se junto ao rádio, Ulman colocou os auriculares com o microfone e pôs-se à escuta. Passaram longos minutos. A sombra de um pterodáctilo sobrevoou-os, por instantes, mas, depois de descrever alguns círculos por cima da cabeça deles, o monstro desapareceu por detrás das casas. Aparentemente, um simples encontro com homens armados fora suficiente para se lembrar de que teria pela frente um inimigo perigoso.

– E qual é a aparência dos pretos? – perguntou Pavel a Artyom. – Tu és o nosso especialista nessa matéria.

– São pavorosos. Como... pessoas viradas do avesso – começou Artyom a tentar descrevê-los. – São o oposto absoluto de um ser humano. E o nome diz bem o que são: são completamente pretos.

– Hmmm... E de onde vêm? Nunca se ouviu falar deles antes, sabes? O que se diz por aí sobre eles?

– Mas este não é o único caso de uma ameaça de que nunca se ouviu falar – objectou Artyom. – Ou alguém sabia alguma coisa sobre os canibais de Park Pobedy?

– É verdade – concedeu Pavel. – Mas já se tinham encontrado pessoas com setas no pescoço, embora ninguém conseguisse saber quem o fizera. Mas o que se pode fazer? Isto é o Metro. E o Grande Verme... Que parvoíce. Mas de onde vêm os pretos é que...

– Mas eu vi-o! – interrompeu Artyom.

– O Verme?!

– Pelo menos, algo parecido. Talvez até fosse um comboio. Era gigantesco e fazia um barulho tão horrível que ficávamos com os ouvidos tapados. Mas eu não o consegui ver bem porque passou demasiado depressa.

– Bem, não podia ser um comboio. Que combustível é que usaria para isso? Cogumelos? Os comboios são movidos a electricidade. Sabes o que isso me faz lembrar? Uma escavadora.

– Porquê? – Artyom ficou surpreendido.

– Não digas nada a Ulman sobre a ideia da escavadora nem ao coronel, também, porque me tomarão por louco – disse Pavel. – A questão é que eu tenho estado a reunir informações na Pólis. Falei com espiões e investigadores, com sabotadores e com os opositores internos. E, um dia,

conheci um tipo mais velho que acreditava que, num recanto de um túnel nas proximidades de Borovitskaya, se ouvia constantemente um ruído como se estivesse a funcionar uma máquina escavadora do outro lado da parede. É claro que eu teria dito, de imediato, que ele estava louco mas o certo é que ele tinha trabalhado na construção e sabia muito dessas coisas.

– E quem é que iria fazer aí escavações?

– Não faço a menor ideia. Este homem dizia que alguns hereges queriam construir um túnel até ao rio para que toda a Pólis se pudesse banhar nele e que os ouvira a fazer planos. Eu fiz um alerta, de imediato, mas ninguém acreditou em mim. Fui depois à procura dele, para o apresentar como testemunha, mas ele já tinha desaparecido. Talvez fosse um agente provocador. E talvez – Pavel olhou para Ulman e baixou a voz – o que ele ouviu dissesse respeito a alguma operação militar secreta. O meu informador desapareceu oportunamente. Desde então, quando falo em escavações eles dizem que estou louco. E nem vale a pena falar nas piadas que dizem sobre esta minha ideia. – Pavel calou-se, olhando para Artyom à espera de uma reacção.

Mas Artyom limitou-se a encolher os ombros, como se dissesse: "E porque não?".

– Nada! – exclamou Ulman, aproximando-se com ar irritado. – Não ouvi nada. Está tudo morto! Daqui não conseguimos apanhar a porcaria do sinal! Temos mesmo de subir. Melnik deve estar muito longe.

Artyom e Pavel começaram a arrumar as coisas. Ninguém queria pensar noutras explicações para a ausência de contacto por parte da equipa do saqueador. Ulman dobrou a antena nas suas várias secções, guardou o rádio na mochila, pôs a metralhadora a tiracolo e dirigiu-se para o átrio de vidro que existia para lá dos poderosos pilares da torre. Pavel deu uma caixa a Artyom, pegou na mochila e na espingarda de precisão, fechou e trancou as portas do veículo e os dois seguiram Ulman.

No interior, sujo e vazio, reinava o silêncio. Quem dali fugira não regressara. A luz da Lua penetrava através dos vidros partidos e poeirentos, iluminando os bancos derrubados e o balcão destruído das bilheteiras, o posto de vigilância, onde havia um boné militar esquecido, e os torniquetes partidos das entradas, revelando as instruções e os avisos gravados nas

paredes e destinados aos visitantes.

Os três homens apagaram as lanternas e, olhando em redor, localizaram a porta que dava para as escadas. Os elevadores que haviam transportado pessoas para os andares cimeiros em menos de um minuto não passavam, agora, de objectos inúteis, imóveis no primeiro andar com as portas entreabertas. Pareciam os maxilares escancarados de pessoas paralisadas.

O grupo aproximava-se agora da zona que maiores dificuldades apresentava. Ulman explicou que precisavam de subir a uma altura superior a trezentos metros. Artyom subiu os primeiros duzentos degraus com alguma facilidade. As semanas passadas a percorrer o Metro tinham-lhe tornado as pernas mais fortes. Mas, aos trezentos e cinquenta, começou a fraquejar. Os degraus continuavam sempre a subir e não se percebiam as diferenças entre os vários andares. Dentro da torre, o ambiente era frio e húmido e, além das paredes nuas de cimento, onde havia portas abertas só avistavam compartimentos abandonados.

Só depois de ter subido quinhentos degraus é que Ulman decidiu fazer uma primeira pausa e só então é que Artyom deu pelo cansaço das próprias pernas. Mas Ulman só lhes permitiu uma pausa de cinco minutos por recear que passasse o momento em que Melnik tentasse estabelecer a ligação.

Aos oitocentos degraus, Artyom já perdera a conta do que subira. As pernas pareciam feitas de chumbo e cada uma delas pesava três vezes mais do que no começo da subida. Levantar o pé do chão tornava-se cada vez mais difícil. E o chão parecia prendê-los, como se fosse um íman. A transpiração cobria-lhe os olhos e as paredes cinzentas pareciam flutuar, como se estivessem no meio de uma névoa, enquanto as botas insistiam em ficar para trás. Mas não podia parar para descansar. Logo atrás dele seguia Pavel, que transportava o dobro da carga de Artyom.

Passados mais quinze minutos, Ulman permitiu-lhes mais uma pausa. Até ele parecia exausto. Arfava pesadamente dentro do disforme fato protector e a mão deslizava pela parede à procura de um suporte. Tirando um cantil com água da mochila, o soldado estendeu-o primeiro a Artyom. Na máscara havia uma válvula especial por onde passava um catéter que permitia sugar a água. Artyom sabia que os outros também queriam beber mas não conseguiu soltar o tubo de borracha até o cantil estar meio vazio. Depois,

deixou-se cair num dos degraus e fechou os olhos.

– Vá, já não é longe! – gritou Ulman. Puxou por Artyom, tirou-lhe a caixa, pô-la sobre os próprios ombros e seguiu em frente.

Artyom não conseguiu fixar o tempo que demoraram a subir os últimos degraus.

A escada e as paredes fundiram-se numa única entidade. As luzes que se viam através das manchas existentes no vidro panorâmico pareciam nuvens brilhantes e, durante algum tempo, Artyom até se perdeu na contemplação das suas cores iridescentes. O sangue latejava-lhe na cabeça, o ar frio rasgava-lhe os pulmões e a escada não tinha fim.

Artyom sentou-se por várias vezes nos degraus mas os seus companheiros puxavam sempre por ele e obrigavam-no a caminhar. E por que motivo é que ele estava a fazer uma coisa destas? Para que a vida pudesse continuar no Metro? Pois. Para que pudessem cultivar cogumelos e criar porcos em VDNKh no futuro e para que o seu padrasto e a família de Zhenya vivessem na estação em paz, para que pessoas que ele desconhecia pudessem instalar-se em Alekseevskaya e em Rizhskaya e para que a agitada vida comercial de Belorusskaya não morresse. Para que os brâmanes pudessem continuar a vaguear pela Pólis nos seus mantos e a passarem as páginas dos livros, apercebendo-se dos antigos conhecimentos e passando-os às gerações vindouras. Para que os fascistas pudesse erguer o seu **c quot** e capturassem novos inimigos raciais para os torturarem até à morte e para que o povo do Verme pudessem continuar a raptar crianças e a devorar os adultos. Para que a mulher de Mayakovskaya pudesse continuar a vender o filho para ambos poderem sobreviver. Para que as corridas de ratos de Paveletskaya não terminassem e para que os combatentes da brigada revolucionária pudessem continuar a atacar os fascistas e a ter as suas discussões dialécticas. E para que milhares de pessoas, em todo o Metro, pudessem respirar, comer, amar, dar vida aos filhos, defecar e dormir, sonhar, lutar, matar, entusiasmar-se, filosofar, odiar e para que cada pessoa pudesse acreditar no seu próprio paraíso e no seu próprio inferno... Para que a vida no Metro, esta vida sem sentido e inútil, tão exaltante e tão cheia de luz, tão suja e tão borbulhante, infinitamente variada, e por isso tão mágica e tão maravilhosa, pudesse continuar. Artyom pensou nisto tudo e foi como se

uma manivela tivesse sido de repente accionada nas suas costas, impelindo-o a dar mais um passo e outro e ainda mais outro. E foi graças a isso que Artyom continuou a mexer os pés. Até, subitamente, tudo terminar.

O impulso que os movia atirou-os para uma área espaçosa – um corredor circular vasto, um anel fechado. Uma parede era feita de mármore e Artyom sentiu-se em casa. E a outra parede, a que dava para o resto do mundo... O céu começava logo aí, a seguir a essa parede transparente e, muito ao longe, viam-se casas pequenas, espalhadas por bairros delimitados por ruas e estradas e parques, com enormes crateras negras e rectângulos formados por edifícios muito altos e ainda intactos. A cidade, sem limites, era uma massa cinzenta que se movia em direcção a um horizonte escuro. E Artyom deixou-se cair, sentado no chão com as costas contra a parede de mármore, absorto a contemplar Moscovo sobre um céu que ia ficando cor-de-rosa.

– Artyom! Levanta-te! Já chega de descanso! Vem ajudar-nos – disse Ulman, sacudindo-o e dando-lhe depois um cabo emaranhado, que Artyom observou inexpressivamente. – Esta maldita antena não apanha nada – acrescentou o soldado, apontando para a antena de seis metros que estava no chão. – Vamos tentar com a espiral. Há ali uma porta que dá para a varanda do sector técnico, um andar mais abaixo. A saída é a que dá para o lado do Jardim Botânico. Eu fico aqui com o rádio e tu vais lá para fora com Pavel e desdobras o cabo enquanto ele instala a antena. Despacha-te, que é quase dia.

Artyom acenou afirmativamente com a cabeça. Lembrou-se do que era o local onde se encontrava e isso deu-lhe um segundo fôlego. Alguém estivera, outra vez, a dar à manivela invisível que ele tinha nas costas e a mola interior começou a fazê-lo movimentar-se. Já pouco faltava para o fim. Pegou no cabo e caminhou para a porta da varanda. A porta não se abriu e Ulman teve de disparar uma rajada na sua direcção para que o vidro, perfurado pelas balas, se estilhaçasse e cedesse. O vento, poderoso, quase os derrubou mas Artyom conseguiu chegar à varanda, que estava protegida por uma grade da altura de um homem.

Pavel estendeu-lhe os binóculos e apontou para baixo:

– Olhem, olhem para aquilo!

Artyom levou os binóculos aos olhos e contemplou a cidade até Pavel lhe

indicar a direcção mais precisa. O Jardim Botânico e a estação VDNKh fundiam-se numa massa escura e impenetrável, onde só se destacavam as cúpulas e os telhados dos pavilhões da exposição. Só havia dois espaços ainda livres na enorme floresta, um mais estreito entre os pavilhões principais – "A avenida principal", sussurrou Pavel a seu lado – e o que se abria no centro do Jardim Botânico, que parecia ter sido o resultado de uma expressão de rejeição das próprias árvores, como se elas tivessem recuado diante de um mal a princípio invisível.

O que ali viam era estranho e repelente: uma verdadeira cidade que parecia um organismo vivo, que pulsava e estremecia, expandindo-se por vários quilómetros quadrados.

O céu ia ficando cada vez mais claro, iluminado pelas cores da manhã, e o tumor terrível que observavam era cada vez mais visível: uma membrana fervilhante de vida, um emaranhado de veias por onde circulavam figuras negras minúsculas que emergiam dos esgotos, correndo atarefadas de um lado para o outro, como formigas... Como formigas, pensou Artyom, a saírem de um enorme formigueiro. Um formigueiro vivo, que partia desses espaços devastados em direcção à estrutura branca circular que ainda estava de pé e que era a entrada para a sua estação, para VDNKh. As figuras negras chegavam aí e desapareciam. E Artyom conhecia muito bem esse percurso.

A ameaça estava mesmo ali ao lado e não tinha uma origem mais remota. E era possível destruí-la, muito simplesmente. O essencial era que Melnik não falhasse. Artyom respirou fundo. Lembrou-se, então, do túnel negro dos seus sonhos mas abanou a cabeça e começou a desenrolar o cabo. A varanda rodeava toda a torre mas o cabo, apesar dos seus quarenta metros de comprimento, não era suficiente para dar totalmente a volta. Atando uma ponta à grade, voltaram para dentro.

– Já tenho sinal! – gritou Ulman, alegremente, ao vê-los. – A ligação já funciona! O nosso coronel está a perguntar o que andávamos a fazer! – Ulman segurou os auscultadores bem junto aos ouvidos, à escuta, antes de prosseguir. – Ele diz que está tudo melhor do que esperava. Encontraram quatro lançadores, em excelentes condições. Tinham sido bem conservados, protegidos por lonas e estão bem lubrificados... Diz que Anton é um herói.

Que conhece bem o sistema. Estão quase prontos. Temos de indicar as coordenadas. E manda-te cumprimentos, Artyom!

Pavel abriu um mapa muito grande da zona, que tinha sido divida em quadrados, e, observando-a com os binóculos, começou a ditar as coordenadas, que Ulman repetiu para o microfone do rádio.

– Por uma questão de segurança, também vamos selar a própria estação – disse Pavel, verificando a posição da estação no mapa e indicando mais números.

– Pronto, é isto – disse Ulman, tirando os auscultadores e esfregando a testa. – Eles têm as coordenadas e agora têm de definir os alvos. – Mas ainda vai demorar algum tempo porque tem de ser feito tudo pelo homem dos mísseis, sozinho. Agora é só esperar.

Artyom pegou, novamente, nos binóculos e regressou à varanda. Havia qualquer coisa que o atraía para o repelente formigueiro, uma sensação que o oprimia, que lhe provocava uma angústia intangível e a que não conseguia dar voz, como se tivesse no peito um peso que já não aguentava e que o impedia de respirar fundo. Reviu, mais uma vez, o túnel negro e, de repente, ficou tudo muito claro e muito mais visível do que nos pesadelos que o haviam perseguido sem tréguas. Mas, agora, já lhe era possível não ter medo: estes canibais já não iam invadir outra vez os seus sonhos.

– Já começaram! – gritou Ulman. – Com saudações do nosso coronel! Vamos acender o fogo do Inferno em cima desses cabrões!

E, nesse momento, a cidade que existia por debaixo dos pés deles desapareceu. E o céu também, transformado num abismo negro, de onde se afastavam os gritos de alegria que estava a ouvir. E o que restou foi um túnel negro e vazio, o túnel que Artyom já tantas vezes percorrera.

O tempo tornou-se, de repente, palpável e muito pesado. E parou.

Artyom tirou do bolso um isqueiro e acendeu-o. Uma pequena chama muito viva começou a dançar no pavio, iluminando o espaço em redor. Artyom soube o que ia ver e compreendeu que, agora, já não podia ter medo e, por isso, levantou simplesmente a cabeça e olhou de frente para os enormes olhos negros de onde estavam ausentes a pupila e as zonas brancas. E ouviu o que eles lhe comunicavam:

– Tu és o escolhido.

O mundo ficara voltado do avesso. Nos olhos sem fundo que tinha pela frente viu, numa fracção de segundo, a resposta a tudo o que antes fora incompreensível e inexplicável, a resposta a todas as suas dúvidas, a todas as suas hesitações e a tudo o que procurara saber. E a resposta não era a que ele esperara obter.

Tendo mergulhado nos olhos da criatura diante de si, Artyom viu o universo dessa perspectiva.

Estava a nascer uma nova vida e centenas e milhares de mentes individuais fundiam-se numa só mente. A pele negra, tão resistente, permitia-lhes resistir ao sol abrasador e aos gelos de Janeiro e era totalmente imune à dor. Os suaves tentáculos telepáticos que possuíam permitiam-lhes envolver toda a criação mas, também, derrubar o inimigo de um só golpe. Os pretos eram os verdadeiros herdeiros do universo destruído, uma fénix que se erguia das cinzas da humanidade. E possuíam uma mente, inquisitiva e viva e completamente distinta da mente humana.

Mas, de algum modo, essa mente conseguia ligar-se à de Artyom. E, através dela, Artyom viu os seres humanos pelos olhos dos pretos: amargos, a viverem debaixo da terra, respondendo com fogo e chumbo aos que lhes levavam uma bandeira de tréguas e um cântico de paz e tentando destruí-los. E cravando-lhes, traiçoeiramente, a própria bandeira branca na garganta.

Artyom compreendeu o desespero crescente que nascia da incapacidade de estabelecer contacto e de chegar a um entendimento mútuo porque, nas profundezas, nas passagens mais recônditas, estavam criaturas irracionais e enraivecidas que haviam destruído o próprio mundo em que habitavam, que continuavam a atacar-se entre si e onde morreriam em breve se ninguém as reeducasse. Os pretos estendiam aos seres humanos uma mão que só lhes trazia ajuda. E os seres humanos agarravam essa mão com ódio. Artyom viu o desejo dos pretos de se livrarem dessas criaturas amargas mas espertas. Mas também viu as tentativas desesperadas que faziam para encontrar um desses infelizes, alguém que pudesse transformar-se na ponte que uniria os dois mundos, que pudesse explicar às pessoas que nada havia a recear e que ajudasse os pretos a comunicar com elas.

Artyom compreendeu, ainda, que nada de importante dividia

verdadeiramente os seres humanos e os pretos. Compreendeu que não competiam pela sobrevivência mas que eram organismos obrigados pela Natureza a trabalharem em conjunto. E, em conjunto – com o conhecimento técnico do homem e a habilidade dos pretos de vencerem todos os perigos –, elevariam a humanidade a um nível mais alto e o mundo, tendo sido obrigado a parar, voltaria a rodar no seu eixo. Porque os pretos eram, também, uma parte da humanidade, uma nova derivação, nascida no meio das ruínas de uma megalópole devastada pela guerra. Os pretos eram a consequência desta ultima guerra, eram os filhos deste mundo e eram os que melhor se adaptavam às novas regras do jogo. E podiam comunicar com os seres humanos não apenas com os seus órgãos comuns mas, também, com os tentáculos da sua consciência.

Lembrando-se do ruído misterioso nos tubos e nos canos, Artyom recordou-se também dos selvagens que podiam lançar um feitiço por meio do olhar e da massa repugnante no coração do Kremlin, que conseguia dominar a razão de qualquer pessoa.

O ser humano não conseguia lidar com essas ameaças mas parecia que os pretos tinham sido criados para o fazerem. Só que precisavam de um parceiro, de um aliado... de um amigo. De alguém que os pudesse ajudar a estabelecer a comunicação com os seus irmãos mais velhos, surdos e cegos – as pessoas. E foi dessa maneira que começou a longa procura de um intermediário, uma pesquisa que culminou com uma manifestação de sorte e de encantamento porque o intérprete ansiado, o escolhido, fora encontrado – era ele próprio. Mas antes de poder ser estabelecido o contacto, Artyom havia desaparecido. Os tentáculos da mente comunitária procuraram-no por toda a parte, chegando a agarrá-lo para poderem começar a conversar, mas ele, sempre com medo, libertava-se e fugia. E eles queriam apoiá-lo e salvá-lo, pôr fim à sua fuga, avisá-lo dos perigos, convencê-lo e levá-lo para casa, para estabelecer com ele uma comunicação forte e clara. E, com isso, o escolhido podia dar mais um passo, mesmo que tímido, para melhor compreender a sua missão. O seu destino. Porque desde que abrira a porta do Metro, permitindo aos pretos o encontro com os humanos, fora ele o escolhido.

Artyom pensou, por instantes, em perguntar o que acontecera ao Caçador.

Mas a ideia rodopiou no turbilhão das novas e estranhas sensações que o envolviam e acabou por desaparecer, sem deixar rasto, no remoinho fervilhante de experiências.

Agora já nada havia que o distraísse do seu principal objectivo e Artyom abriu a porta que dava para a mente colectiva e que o ligava a ela.

Sentiu-se à beira de uma coisa que era inacreditavelmente importante. E que só sentira no começo da sua viagem, junto à fogueira de Alekseevskaya. A compreensão clara deste momento, ao cabo de tantos quilómetros de túneis e de semanas de viagem, levava-o a uma porta secreta e ela iria abrir-se para ele conhecer todos os segredos do universo e sobrepor-se aos miseráveis humanos que faziam pela vida debaixo da terra gelada e inóspita. A sua viagem permitira-lhe abrir essas portas de par em par e banhar-se na luz do conhecimento absoluto que daí estava a brotar. E a luz até o podia cegar porque os olhos eram um instrumento desajeitado e sem propósito, necessários apenas aos que nada mais viam do que as arcadas cobertas de fuligem e o granito sujo das estações. Artyom só precisava, agora, de estender a mão para a mão que lhe era estendida. Porque, por muito assustadora que pudesse ser, era indubitavelmente, uma mão amiga. E, com isso, a porta ficaria aberta. E tudo seria diferente. Surgiriam diante dele horizontes novos e nunca antes vistos, magníficos e majestosos. O coração de Artyom encheu-se de alegria e de determinação, só toldados por uma ponta de remorso por não ter compreendido tudo mais cedo e por ter repelido os seus novos amigos e irmãos.

Artyom pôs a mão na manivela da porta e abriu-a.

Os corações dos milhares de criaturas por debaixo dele exultaram de felicidade e de esperança. A escuridão que tinha diante de si dissolveu-se e viu como centenas de figuras escuras, no chão distante, haviam ficado imóveis. Parecia-lhe que todas elas o contemplavam, sem acreditarem ainda que estava a acontecer o milagre há tanto tempo aguardado e que a hostilidade fratricida e inútil chegara ao fim.

O primeiro míssil desenhou no céu um sulco vivo de fumo, com a velocidade do relâmpago, e atingiu, nesse preciso momento, o coração da cidade. E mais três se lhe juntaram, de imediato, atravessando o céu avermelhado. Artyom recuou, de um salto, esperando que os disparos

pudessem, ainda, ser travados. Mas, nesse instante, percebeu que tudo chegara ao fim.

Uma chama alaranjada cobriu o formigueiro e uma nuvem negra ergueu-se no ar enquanto novas explosões o rodeavam e a cidade se desmoronava, com um gemido cansado de quem está a morrer. O fumo espesso da floresta em chamas ocultou o céu. E caíram ainda mais mísseis e cada morte que provocavam criava um eco de dolorosa melancolia na alma de Artyom.

Em desespero, tentou descobrir na sua consciência pelo menos um vestígio da presença que o dominara e que o confortara ao mesmo tempo que lhe prometia a salvação, a Artyom e a toda a humanidade, oferecendo-lhe um novo significado para a sua existência. Mas já nada restava. A sua consciência era como um túnel deserto do Metro. A luz com que poderia iluminar a sua vida e que lhe permitiria encontrar o caminho nunca mais voltaria a acender-se.

– Foi de vez, hem? Já hão-de ter percebido que não devem meter-se connosco! – exclamou Ulman, esfregando as mãos de contentamento. – Ah, Artyom, Artyom!

O Jardim Botânico e VDNKh eram um mar de chamas. Nuvens pesadas e espessas de fumo negro cobriam o céu outonal e o brilho vermelho do imenso incêndio fundia-se com os raios frágeis do sol nascente. O ar estava insuportavelmente abafado.

Artyom levou a mão à máscara anti-gás, arrancou-a e, sofregamente, inspirou o ar amargo e frio. Depois, limpou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto e, sem dar atenção aos gritos que ouvia atrás de si, começou a descer as escadas.

A caminho do Metro.

A caminho de casa.

76 N.T. – Edifício em arco
O famoso hotel de luxo Kosmos, construído em 1979, com vinte e cinco andares.

77 N.T. Phenazepam
Sedativo de fabrico russo.


METRO
2033